

DANIELLE STEEL

Casa forte





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EDIÇÕES BESTBOLSO

Casa forte

Danielle Steel nasceu em Nova York, no ano de 1947. Seus livros já venderam mais de 500 milhões de exemplares em todo o mundo, e são best-sellers em 47 países. Traduzida para mais de 20 idiomas, Danielle Steel publicou seu primeiro livro, *O apelo do amor*, em 1973, e se tornou conhecida mundialmente com *Segredo de uma promessa*, em 1978. É também autora de *Segredos do passado*, *Mergulho no escuro*, *O anjo da guarda*, *Entrega especial*, *Vale a pena viver*, *Milagre*, *O fantasma*, entre outros.

DANIELLE STEEL

Casa forte

Tradução de
GENI HIRATA

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO – 2014



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Steel, Danielle, 1948-

S826c A casa forte [recurso eletrônico] / Danielle Steel; tradução Geni Hirata. - 1. ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
recurso digital

Tradução de: Thurston house

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-03573-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Hirata, Geni. II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

14-11202

Casa forte, de autoria de Danielle Steel.

Título número 353 das Edições BestBolso.

Primeira edição impressa em janeiro de 2014.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original norte-americano:

THURSTON HOUSE

Copyright © 1983, 1985 by Danielle Steel.

Publicado mediante acordo com Janklow & Nesbit Associates, Nova York, Estados Unidos.

Copyright da tradução © by Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A. e Editora Best Seller Ltda são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Capa: Simone Villas-Boas, sobre imagem de Stephen Saks/ Getty Images.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato bolso adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda. Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

Para Sam, meu amor,
e seu tão amado papai, John.

Que o alcance de vosso
amor sempre a mantenha
entusiasmada, segura e feliz.

d. s.

A casa

Quem dormiu aqui
antes de eu vir,
quem morou
neste quarto,
que aparência tinha,
era
igual?
Havia uma
ou duas meninas,
um garotinho,
uma casa cheia
de brinquedos
de alegrias
de sonhos...
ou apenas
um lugar solitário
com camas vazias
e quartos silenciosos,
estava sempre
imersa
em trevas,
e esta casa
ansiava por ser
amada?
Havia uma menina
que dançava
e cantava,
um sino de mesa
que repicava
ou tocava,
e alguém
jamais
ficou parado
exatamente aqui
onde estou
agora?
Será que sei
o nome,
vi
o rosto...
foi sempre
o mesmo lugar,
encantador,
havia alguém
alegre
havia alguém triste,
havia um cachorro
um gato,
um cavalo
um camundongo,
quem esteve aqui,
quem conhece esta
casa,
eles me conhecem

eu os conheço,
e eles cantaram
um réquiem,
sinto-os aqui
conheço suas
lágrimas,
eu também os amei,
a casa era nova
era deles
era diferente então,
no entanto é
a mesma outra vez,
como foi
e será
e deve sempre ser,
e agora
a casa
me
pertence.

Livro I

Jeremiah Arbuckle Thurston

O sol desapareceu lentamente por trás das colinas que emolduravam o luxuriante esplendor verde de Napa Valley. Jeremiah ficou observando as faixas de um vibrante tom alaranjado que cortavam o céu, seguidas de uma pálida névoa cor de malva, mas sua mente estava a quilômetros de distância. Era um homem alto, de ombros largos e costas eretas, braços fortes e um sorriso afável. Aos 43 anos, seus cabelos tinham mais cor de sal que de pimenta e, no entanto, suas mãos ainda possuíam a mesma força do tempo em que trabalhava nas minas, ainda rapaz, e de quando comprara sua primeira mina em Napa Valley, em 1860. Ele mesmo demarcara as terras e fora o primeiro a descobrir mercúrio em Napa Valley. Tinha 17 anos, pouco mais do que um menino, mas durante anos não pensara em outra coisa senão mineração, exatamente como seu pai o fizera antes dele. Seu pai viera do Leste em 1850 e, para ele, a promessa de ouro no Oeste se cumprira. Mandara buscar a mulher e o filho seis meses depois de ter chegado, os bolsos cheios de ouro, e eles haviam vindo. Mas quando Jeremiah chegou, estava sozinho. A mãe dele morrera no caminho. E durante os 10 anos seguintes ele e o pai trabalharam lado a lado, escavando ouro; depois prata, quando o ouro escasseou, e, então, quando Jeremiah tinha 19 anos, o pai morreu, deixando-lhe uma fortuna muito maior do que até mesmo Jeremiah imaginara. Richard Thurston economizara tudo para o filho e de repente Jeremiah tornou-se praticamente o homem mais rico do Estado da Califórnia.

Mas para ele nada mudou. Continuou a trabalhar com mineração, ao lado dos homens que contratava, comprando minas e terras, construindo, crescendo, escavando. Seus homens diziam que possuía o dom do ouro, tudo o que tocava dava certo e progredia, exatamente como as minas de mercúrio que estabelecera em Napa, quando as minas de prata se esgotaram. Concluiu a transição rápida e sabiamente, antes que outros compreendessem o que estava fazendo. Mas era a terra o que ele mais amava. A rica terra marrom que deixava correr entre os dedos e depois apertava nas mãos amorosamente... amava seu calor, sua textura e tudo que ela representava, quando olhava tão longe quanto a vista podia alcançar, para as colinas, as árvores, o vale perfeitamente harmonioso, o viçoso tapete verde de grama que se estendia à sua frente. Comprara vinhedos também, dos quais produzia um vinho bastante bom. Amava tudo o que a terra produzia, maçãs, nozes, uvas... minério... este vale significava mais para ele do que qualquer coisa... ou pessoa... Vivera 35 dos seus 43 anos naquele mesmo local, olhando as mesmas colinas suavemente arredondadas, e, quando morresse, seria enterrado ali. Pertencia àquele lugar, o único do mundo onde queria estar. A qualquer parte do mundo aonde fosse, e Jeremiah Thurston fora longe, este era o único lugar em que queria viver: em Napa Valley, parado ali ao pôr do sol, observando suas colinas.

No entanto, enquanto permanecia ali de pé, o céu passava a um aveludado cinza-arroxeadado, sua mente estava longe. Tinha um negócio a fechar em Atlanta que lhe havia sido proposto no dia anterior,

para cerca de mil frascos de mercúrio, e ele gostou do preço, mas havia alguma coisa na maneira como fora abordado... por alguma estranha razão, tinha uma sensação estranha a respeito de tudo aquilo, embora não soubesse por quê. Nada havia de errado com a transação e ele solicitara ao seu banco que investigasse o consórcio. Havia alguma coisa na carta que recebera, no modo de escrever do homem, que o incomodava. Parecia estranhamente petulante, convencido e presunçoso. Orville Beauchamp era o chefe do grupo e seria tolice fazer objeção à conversa floreada do homem, e no entanto... era quase como se Jeremiah tivesse uma intuição a respeito dele.

– Jeremiah!

Sorriu ao som familiar da voz de Hannah. Ela trabalhava para ele havia quase 20 anos, desde que o marido morrera, logo depois da sua própria noiva ter falecido com a epidemia de gripe. Certo dia veio à mina, em seu vestido negro de viúva, olhou-o fixamente enquanto batia com o guarda-chuva no chão.

– Sua casa é uma desgraça, Jeremiah Thurston!

Olhara-a estarrecido, imaginando quem seria aquela mulher, e finalmente descobriu ser a tia de um homem que empregara certa vez e que ela agora queria trabalhar para ele. O pai de Jeremiah construía uma cabana no canto mais distante de suas terras em 1852 e Jeremiah se sentira satisfeito de morar lá com ele, e ali permanecera depois de sua morte, mas por essa época Jeremiah já havia adquirido terras muito mais extensas, anexando-as às que seu pai comprara anteriormente em Napa Valley. Quando completou 25 anos, começou a pensar que já era tempo de se casar. Queria filhos, alguém que lhe desse um motivo para voltar para casa; a fim de compartilhar sua boa sorte. Não pudera ainda começar a gastar o dinheiro que possuía e gostava da ideia de ter alguém para mimar um pouco... uma jovem bonita, de olhar meigo e mãos delicadas, um rosto que pudesse amar, um corpo para aquecê-lo; e, por meio de amigos, achara uma jovem exatamente assim. Dois meses após o dia em que se encontraram pela primeira vez pediu-a em casamento e começou a construir uma casa extraordinariamente bonita para ela. Ficava na parte central de suas terras, com uma vista que se estendia até onde o olhar podia alcançar, sob quatro árvores enormes que se uniam num enorme e formoso arco natural, que manteria a casa fresca no verão. Aquilo que construiu era quase um palácio, ou assim acharam as pessoas do lugar. Tinha três andares, com dois lindos salões no térreo, uma sala de jantar revestida de madeira, uma cozinha espaçosa e aconchegante, com uma lareira grande a ponto de caber Jeremiah de pé lá dentro. No andar de cima, havia uma bela saleta de visitas, uma enorme suíte principal, um solário para a esposa e, no terceiro andar, seis quartos para a numerosa família que teriam. Não fazia sentido ter de remodelar a casa à medida que os filhos viessem. E Jennie se apaixonara pela casa – pelas altas janelas de vitrais, o imenso e majestoso piano que iria tocar para ele à noite.

Só que ela nunca o fez. Foi atingida pela gripe epidêmica que se abateu sobre o vale no outono de 1868 e morreu em três dias. Pela primeira vez em sua vida, a sorte falhara para Jeremiah e ele lamentou a perda dela como uma mãe teria lamentado a morte de um filho. Ela mal completara 17 anos e teria sido a mulher perfeita para ele. Ficou de um lado para o outro naquela casa, como uma bola de gude numa caixa de sapatos durante algum tempo e então, desesperado, fechou-a e voltou para a cabana onde vivera antes, porém não mais se sentia à vontade lá, de modo que na primavera de 1869 mudou-se para a casa que planejava partilhar com Jennie... Jennie... não suportava vagar pelos aposentos que lhe destinara, não suportava imaginar como teria sido se ela tivesse vivido ali. No começo, visitara os pais dela com frequência, mas não podia ver a própria dor refletida nos olhos deles ou o olhar ávido com que a irmã mais velha e menos atraente o fitava. Finalmente, fechou os aposentos que não usava e raramente, se é que o fez alguma vez, subiu aos segundo e terceiro andares. Acostumou-se a viver no

andar térreo. De certo modo, Jeremiah conseguiu fazer os dois aposentos que usava parecerem com sua velha cabana. Transformou um dos salões num quarto de dormir e nunca se preocupou em mobiliar qualquer dos outros cômodos. O majestoso piano não fora usado sequer uma vez desde que as mãos de Jennie o tocaram no dia em que foi entregue. Abriu a enorme cozinha, onde fazia as refeições às vezes com alguns dos seus homens, quando vinham vê-lo. Gostava de comer com seus homens, gostava de saber que se sentiam à vontade ao parar para vê-lo. Não havia nada de imponente ou reservado a seu respeito. Lembrava-se de quando viera de uma casinha desesperadamente pobre e fria no Leste, tiritando durante todo o inverno, imaginando se iriam ter o que comer, pelas trilhas e pelas Montanhas Rochosas em direção ao Oeste, aos rios, à poeira, às minas, enquanto trabalhava ao lado do pai. E se agora era dono de uma fortuna, era graças ao seu suor e ao do pai. Não era algo que Jeremiah pudesse esquecer, jamais o faria... assim como nunca esquecera Jennie... nunca esquecera um amigo. Nunca se sentira novamente tentado a casar, à medida que os anos passaram. De certa forma, por mais atraente que uma jovem fosse, nunca parecia tão meiga quanto Jennie, ou tão divertida... durante anos se lembrava do som do seu riso, os suspiros de alegria quando lhe mostrava os progressos na casa. Sentira imenso prazer em construir a casa para ela, como um monumento ao amor deles, e, depois que ela morreu, a casa deixou de significar qualquer coisa para ele. Deixou a pintura lascar, o telhado vazar nos aposentos não utilizados, usava todos os pratos, potes e panelas que tinha até não haver mais nenhum limpo e dizia-se que o salão onde dormia parecia um celeiro. Até Hannah chegar. Foi ela quem mudou tudo, limpou e arrumou completamente o local para ele.

– Olhe esta casa, rapaz! – olhou-o como se não pudesse acreditar quando ele a trouxe da mina para que a visse. Ainda não tinha muita certeza do que fazer com a mulher, mas ela estava decidida a vir trabalhar para ele. Não tinha mais nada a fazer agora que o marido estava morto e Jeremiah precisava dela, ou pelo menos foi o que ela lhe disse. – O que você é, um porco?

Ele rira do olhar enfurecido no rosto dela. Não tivera ninguém que o tratasse como filho em quase 20 anos e agora, aos 26, achou engraçado de repente ter Hannah. Ela começou a trabalhar para ele no dia seguinte e, quando chegou em casa naquela noite, encontrou os aposentos que usava imaculadamente limpos e arrumados, o que quase o desconcertou e, num esforço para recompor um local adequado, espalhou alguns dos seus papéis pelo quarto, deixou cair cinza do charuto no tapete, inadvertidamente virou um copo de vinho. Pela manhã, sentia-se em casa novamente, para assombro de Hannah.

– Vou alamá-lo no poço se você não se comportar, rapaz, e tire este maldito charuto da boca, está deixando cair cinza na roupa!

Arrebatou-o da boca de Jeremiah e atirou-o na poça de vinho da noite anterior, enquanto ele olhava-a pasmado. Entretanto, era um adversário à altura. Arranjou um suprimento inesgotável de cinza, desordem e sujeira, o que lhe dava um inesgotável suprimento de trabalho. Sentia-se necessária pela primeira vez em anos e ele sentia-se amado pela primeira vez em mais tempo ainda, e no Natal daquele primeiro ano formavam uma dupla inseparável. Ela vinha trabalhar diariamente e recusava-se a tirar um só dia de folga...

– Está maluco? Sabe que bagunça eu ia encontrar depois de dois dias sem vir aqui? Não, meu caro, não vai me afastar desta casa nem por um dia... nem por uma hora, ouviu?

Era severa com ele, mas havia comida fresca quando ele voltava para casa, e os lençóis dele eram imaculados, a casa perfeitamente arrumada. Até mesmo os cômodos que não utilizava eram mantidos absolutamente limpos e quando trazia uma dúzia de homens da mina para discutir algum novo plano

de expansão ou apenas para beber os vinhos feitos das uvas que cultivava, ela nunca se queixava, por mais bêbados ou intratáveis que fossem. E, com o tempo, Jeremiah passou a zombar impiedosamente da devoção que ela lhe dedicava e a amá-la mais do que jamais amara alguém... exceto Jennie, é claro... Hannah era bastante hábil para nunca perguntar-lhe sobre ela. Mas quando ele completou 30 anos, ela finalmente começou a persegui-lo sobre arranjar uma mulher.

– Estou muito velho, Hannah, e além disso ninguém cozinha como você.

Ao que ela respondia veementemente:

– Besteira.

Insistia em que ele precisava de uma esposa, uma mulher para amar e dar-lhe filhos, mas ele já não pensava mais nisso. Era quase como se isso o amedrontasse, como se as pessoas pudessem morrer como Jennie, caso se importasse muito com elas. Não queria pensar nisso ou alimentar esperanças. A ferida causada pela morte de Jennie já não doía como acontecera durante anos. Terminara, e ele se sentia bem assim como estava.

– E quando você morrer, Jeremiah? – a velha mulher olhava-o de modo penetrante. – E aí? Para quem vai deixar isto tudo?

– Para você, Hannah, quem mais? – dizia brincando e ela balançava a cabeça.

– Você precisa de uma mulher... e filhos...

Mas ele discordava. Não desejava absolutamente nada além do que já possuía. Estava bem assim, tinha as maiores minas do Estado, terras que amava, vinhedos com os quais estava muito satisfeito, uma mulher com quem dormia todo sábado à noite e Hannah para manter a casa limpa. Gostava dos homens que trabalhavam para ele, tinha amigos em São Francisco que via de vez em quando e, quando queria movimento, fazia viagens ao Leste; já estivera até mesmo na Europa algumas vezes. Não precisava absolutamente de mais nada, e com certeza não de uma mulher. Tinha Mary Ellen para essas necessidades, uma vez por semana ao menos, e sorria ao pensar nela. Amanhã iria vê-la depois de deixar as minas... como sempre fazia... Deixava as minas ao meio-dia, depois de fechar pessoalmente o cofre, não havia quase ninguém lá aos sábados, rumava para Calistoga e entrava na minúscula casa. Até alguns anos atrás fora cauteloso para não ser visto, mas não faziam mais segredo e havia muito tempo que ela deixara de se importar com o que as pessoas falavam. O que diziam não era da conta deles, ele mesmo lhe dissera isso, embora na época não fosse tão simples assim. Então, estirava-se em frente à lareira e ficava admirando-lhe os cabelos cor de cobre, ou sentavam-se no balanço no quintal, olhando para a copa do grande olmo, escondidos pela cerca, ele a abraçava e...

– Jeremiah!

A voz de Hannah irrompeu no seu devaneio. O sol desaparecera atrás da colina e uma aragem fria surgiu de repente.

– Que diabo, rapaz! Não ouve quando chamo?

Riu para ela, tratava-o como se tivesse 5 anos, e não 43.

– Desculpe... Estava pensando em outra coisa.

Outra coisa... olhou para o rosto velho e enrugado de Hannah, com uma piscada de olhos.

– Seu problema é que você não pensa... não ouve... não escuta.

– Talvez esteja ficando surdo, já pensou nisso? Já estou quase na idade.

– Pode ser.

O piscar de olhos dele foi revidado pelo olhar aceso de Hannah. Era uma velha implicante e ele a amava desse jeito. Havia anos que fazia-o passar um mau bocado, mas ele precisava disto. Fazia parte

do seu encanto e era parte essencial da brincadeira deles. Mas agora seu rosto estava sério, olhando-o da varanda.

– Há encrenca nas minas de Harte. Ouviu falar?

Jeremiah franziu as sobrancelhas em resposta.

– Não. O que aconteceu? Incêndio?

Era o principal temor, de todos eles; trabalhavam tão próximos ao fogo, que podia facilmente explodir num grande desastre, ceifando inúmeras vidas ao se espalhar sem controle. Jeremiah não suportava pensar nisso. Mas Hannah balançou a cabeça negativamente.

– Não sabem ao certo. Gripe, acham, mas pode ser outra coisa. Está se alastrando rapidamente.

Detestava precisar lhe dizer isso, detestava reavivar as recordações de Jennie, embora tantos anos tivessem se passado. Sua voz era suave ao continuar.

– John Harte perdeu a mulher hoje... e sua menina... dizem que o garoto está muito mal, talvez não passe desta noite...

Uma expressão de dor atravessou o rosto de Jeremiah, que desviou o olhar. Acendeu um charuto, fitou a noite silenciosamente e em seguida voltou-se para Hannah novamente.

– As minas foram fechadas.

As minas de Harte eram as segundas maiores do vale, inferiores apenas às suas.

– Lamento a notícia sobre a mulher e filha dele.

A voz de Jeremiah estava embargada.

– Perderam sete homens esta semana. Dizem que trinta estão de cama.

Parecia a epidemia do ano em que Jennie morreu. Não havia nada que se pudesse fazer. Absolutamente nada. Jeremiah ficara com o pai de Jennie quando ela morrera. Ficaram sentados em silêncio na sala de visitas dos pais dela enquanto no andar de cima seu espírito a abandonava e não havia nada que pudessem fazer, além de olhar um para o outro desesperados. Jeremiah sentiu o coração apertar à recordação e não podia nem imaginar a dor de perder um filho.

Não gostava de John Harte, mas admirava-o muito. Harte trabalhara duro e bem para montar uma mina decente, o que não era fácil com as minas de Thurston nos seus calcanhares. Precisara roer um osso mais duro do que Jeremiah, ao começar. Harte abrira sua mina quatro anos antes, aos 22 anos, e conduzira a si e a seus homens além de qualquer coisa imaginável. Nem sempre era amável e Jeremiah ouvira de homens que deixaram de trabalhar com Harte para vir trabalhar com ele, que era irascível e difícil, sem meias palavras e de punhos rápidos.

Mas tinha um coração de ouro. Era um homem decente e honesto e Jeremiah o admirava. Fora visitá-lo uma ou duas vezes e rapidamente anteviu alguns dos erros que o rapaz iria cometer, mas Harte não quis ouvir nenhum conselho de Jeremiah, na verdade não queria nada dele. Queria se fazer sozinho e com o tempo conseguiria. Mas Jeremiah sofria por ele agora, à sua sorte cruel, mais cruel do que a sua própria sorte fora um dia. Olhou novamente para Hannah, sem saber ao certo o que fazer. Ele e John Harte nunca se tornaram grandes amigos. Harte preferia ver Jeremiah como um rival e manter uma boa distância dele, e Jeremiah respeitava isso. “Não se engane, Thurston, não sou seu amigo e não quero ser. Quero acabar com suas minas. E eu farei isto de modo honesto e limpo. Se eu puder, você estará fechando suas portas em um ou dois anos e todo mundo, daqui a Nova York, estará comprando de mim.” Jeremiah sorria às palavras ásperas. A verdade é que havia espaço para ambos, mas John Harte se recusava a ver as coisas dessa forma. Era cortês quando se encontravam, mas não cedia um milímetro. Já sofrera dois incêndios e uma enchente severa e, uma vez, num impulso

repentino, Jeremiah se oferecera para comprar todo o negócio dele. Em resposta, John Harte disse que quebraria a cara dele se não saísse de sua propriedade até ele ter contado de um a dez. Mas agora era diferente e Jeremiah tomou uma decisão, dirigindo-se de repente para seu cavalo. Hannah sabia que ele o faria. Jeremiah era simplesmente esse tipo de pessoa. Havia lugar em seu coração para todos, até mesmo para John Harte, por mais impulsivo e ferino que fosse o rapaz.

– Não me espere para jantar. – Não precisava nem ter dito essas palavras ao montar. Ela estaria lá de qualquer forma, ainda que tivesse de esperar a noite inteira. – Vá para casa descansar um pouco.

– Meta-se com sua vida, Jeremiah Thurston. – De repente, teve uma ideia. – Espere um minuto!

Deviam estar tão fora de si que não iriam preparar nada para comer. Correu à cozinha, embrulhou a galinha frita num guardanapo e colocou-a, juntamente com algumas frutas e um pedaço de bolo, num alforje que Jeremiah podia levar. Voltou correndo e levantou-a para Jeremiah, que sorriu.

– Vai matá-los, se for alguma coisa que você preparou.

Ela riu.

– Veja se come um pouco você também e procure não se aproximar muito de ninguém. Não beba nada, nem coma da comida deles.

– Sim, mamãe!

E com essas palavras, partiu na noite aveludada, imerso em seus pensamentos enquanto galopava pelas colinas.

Levou apenas 20 minutos para alcançar o complexo que circundava as minas de Harte e Jeremiah surpreendeu-se ao ver como tinha crescido nos poucos meses desde que estivera ali. John Harte estava se saindo bem, mas podia-se ver que alguma coisa estava errada agora. Havia um silêncio sinistro e ninguém caminhava de uma casa para outra, mas em cada cabine todas as luzes estavam bem acesas, principalmente no alto da colina. Todos os cômodos da casa principal pareciam em chamas de tanta luz e havia uma fila de homens do lado de fora, para dar os pêsames a John Harte. Jeremiah desceu do cavalo e o amarrou a uma árvore a pouca distância deles. Carregando a bolsa que Hannah atirara em suas mãos, tomou seu lugar atrás dos homens na fila. Logo foi reconhecido e um murmúrio percorreu-os... Thurston... Thurston... Cumprimentou os que conhecia e dentro de pouco tempo John Harte apareceu no alpendre. Seu rosto estava transfigurado, como se sentisse uma grande dor, e houve quase uma comoção geral no grupo de homens abaixo dele. Olhou-os, saudando um por um com um aceno da cabeça quando os olhos deles se encontravam e, então, viu Jeremiah no fim da fila. Parou e ficou olhando Jeremiah se aproximar. Algo nos seus olhos revelava que ele entendia a dor do rapaz. Os outros pareceram recuar, como se quisessem deixá-los a sós, e Jeremiah estendeu-lhe a mão.

– Lamento a perda de sua mulher, John... eu... eu perdi alguém muito importante para mim há muito tempo... na epidemia de 1868...

As palavras se atropelavam, mas John Harte sabia que Jeremiah compreendia o que ele estava sentindo. Levantou os olhos cheios de lágrimas. Era um rapaz atraente, quase da mesma altura de Jeremiah, ao ficarem ali de pé, fitando-se no rosto. Tinha lustrosos cabelos negros, olhos pretos como carvão e mãos grandes e nobres. De certa forma, os dois homens eram estranhamente parecidos, apesar da diferença de quase 20 anos.

– Obrigado por vir, companheiro.

A voz do rapaz estava rouca e entrecortada pelo sofrimento quando duas lágrimas rolaram pelo seu rosto sem pudor. Ao vê-las, Jeremiah pôde sentir o eco da antiga dor em seu próprio peito.

– Posso fazer alguma coisa?

Lembrou-se da comida que trouxera. Talvez alguém na casa pudesse fazer uso dela.

John Harte olhou-o gravemente.

– Perdi sete homens hoje, Matilda... Jane... – Parou ao pronunciar os nomes. – Quanto a Barnaby...

Não pôde terminar a frase à menção do filho. Levantou novamente os olhos para Jeremiah.

– O médico disse que não vai passar desta noite. E três outros homens perderam suas esposas...

cinco crianças... você nem devia estar aqui.

Conscientizou-se de repente do risco que Jeremiah havia corrido e isto também o comoveu.

– Já passei por isso e queria ver se havia alguma coisa que eu pudesse fazer por você. – Observou

que o rapaz estava mortalmente pálido, mas achava que era o sofrimento e não a temível gripe. – Está

com cara de quem precisa de um drinque.

Tirou um frasco de prata da bolsa que trouxera e passou-o a John.

Ele hesitou, pegou-o e fez um sinal em direção à porta da casa.

– Quer entrar?

Imaginava se Jeremiah estaria com medo, deveria estar, mas ele assentiu com a cabeça.

– Claro. Trouxe um pouco de comida, se acha que consegue comer.

John olhou-o, tanto surpreso como grato, especialmente depois da última vez que Jeremiah oferecera ajuda e John praticamente o expulsara. Não queria nenhum favor dele. Mas agora era diferente. Era outra espécie de infortúnio, diferente de um incêndio ou uma enchente nas minas. Sentou-se pesadamente no macio sofá de veludo verde da sala de estar, tomou um longo trago do frasco, e devolveu-o fitando Jeremiah como se não o estivesse vendo.

– Não acredito que tenham partido... Ontem à noite... Ontem à noite... – Começou a engolir em seco, lutando contra as próprias lágrimas... – Ontem à noite... Jane desceu correndo as escadas para vir me dar um beijo de boa-noite, mesmo com febre... e hoje de manhã Matilda disse... Matilda disse...

Não pôde mais conter as lágrimas e elas vieram, enquanto Jeremiah segurava seus ombros com ambas as mãos, amparando-o enquanto chorava. Não havia nada que ele nem ninguém pudesse fazer, a não ser permanecer a seu lado. Finalmente, levantou os olhos para Jeremiah e os olhos dele também estavam molhados.

– Como vou poder continuar vivendo sem eles? Como?... Mattie... e minha menina... e se Barnaby... Thurston, eu morrerei. Não posso viver sem eles.

Jeremiah rezou silenciosamente para que ele não perdesse o garoto, mas sabia que muito provavelmente perderia. Ouvira, enquanto estava lá fora que o garoto estava muito mal, ou pelo menos assim disseram os homens. Mas agora olhava John Harte nos olhos com firmeza.

– Você ainda é jovem, John, há uma vida longa a sua frente e, é terrível dizer-lhe isso nesta noite, mas você pode se casar novamente, ter mais filhos. No momento, isso é a pior coisa que já lhe aconteceu mas você seguirá em frente... tem de fazer isso... e você vai conseguir.

Passou-lhe o frasco de novo e John tomou outro gole, balançou negativamente a cabeça, as lágrimas correndo pela face.

E menos de uma hora depois, o médico veio até ele. John deu um pulo, como se tivesse levado um tiro.

– Barnaby?

– Ele está chamando-o.

O médico não se atrevia a dizer mais do que isso, mas os olhos dele fitaram os de Jeremiah enquanto John subia correndo as escadas ao encontro do filho e, em resposta à pergunta refletida nos

olhos de Jeremiah, ele apenas balançou negativamente a cabeça. Jeremiah, sentado no andar de baixo, compreendeu instantaneamente, pelo terrível grito de dor vindo do pequeno quarto acima das escadas, que o menino falecera. John Harte estava ajoelhado com o filho nos braços, lamentando a morte da família que perdera no espaço de dois dias. Com passos decididos, Jeremiah subiu as escadas de modo solene e suavemente abriu a porta do quarto. Finalmente tomou a criança dos braços do pai, deitou-a na cama, fechou-lhe os olhos e levou John Harte, que em prantos chamava pelo nome da criança, para fora do aposento. Forçou Harte a tomar um gole de uma bebida forte e ficou com ele até de manhã, quando seu irmão e vários outros amigos chegaram. Jeremiah, então, se retirou silenciosamente, sofrendo por John. Ele tinha exatamente a mesma idade de Jeremiah quando Jennie morrera. Imaginava de que forma isso afetaria John Harte, mas, pelo pouco que conhecia o rapaz, suspeitava que ele iria seguir em frente.

Sofria por ele agora e, quando desmontou do cavalo diante da própria casa, o sol da manhã já alto no céu, ficou admirando as colinas que tanto amava e pensando na crueldade do destino que lidava com a vida e com a morte tão facilmente... como os melhores dons da vida podiam desaparecer tão rapidamente... parecia ouvir o riso de Jennie ecoando nos ouvidos quando entrou e viu Hannah dormindo numa cadeira da cozinha. Não lhe disse nada ao passar para o salão que nunca usava e sentou-se ao piano que comprara havia tanto tempo para a jovem de olhar risonho e esvoaçantes cachos dourados nos cabelos – como ela era linda. Ficou imaginando como teria sido estar casado com ela – quantos filhos teriam tido – era a primeira vez em muito tempo que deixava seu pensamento resvalar por esses caminhos; pensou na filha e no filho perdidos de John Harte e desejou que ele se casasse logo outra vez. Era o que Harte devia fazer agora, uma nova esposa para preencher seu coração e novos filhos para ocupar o lugar dos dois que haviam morrido.

Entretanto, não foi isso que Jeremiah fizera. Permanecera sozinho nos últimos 18 anos e agora era tarde demais. Nunca mudaria esta situação. Não tinha vontade alguma de o fazer. Mas agora, sentado ali, olhando para as teclas do piano, amarelecidas, jamais tocadas, jamais usadas, imaginava se devia ter feito o que achava que John Harte deveria fazer. Deveria ter se casado? Ter uma dúzia de filhos para encher sua casa? Mas nunca houve ninguém que cativasse seu coração, ninguém de quem gostasse o suficiente para se casar. Não, não haveria filhos para ele. No entanto, no mesmo instante em que dizia estas palavras para si mesmo, sentia uma sombra de tristeza no coração... Um filho teria sido tão bom... uma filha... um filho... mas, de repente, lembrou-se dos dois que John Harte perdera e sentiu algo apertar-se dentro de si. Não. Não suportaria outra perda. Perdera Jennie. Era o bastante. Era melhor assim... não?

– O que aconteceu?

Ficou espantado ao ouvir a voz de Hannah e, levantando os olhos, viu-a de pé no cômodo vazio, vendo-o afagar o teclado do piano. Parou e olhou-a, cansado, deprimido. Fora uma noite longa e triste.

– O garoto de Harte morreu.

Quase estremeceu ao lembrar de si mesmo fechando os olhos do menino e tirando John do quarto à força. Hannah balançou a cabeça e começou a chorar. Jeremiah caminhou lentamente até ela, pôs o braço em torno dos seus ombros e conduziu-a para fora. Nada mais havia a ser dito.

– Vá para casa e durma um pouco.

Olhou-o e fungou, enquanto limpava as lágrimas do rosto.

– Devia fazer o mesmo. – Sabia que ele não o faria. – Fará isso?

– Tenho algum trabalho para fazer nas minas.

– Hoje é sábado.

– Os papéis na minha mesa não sabem disso. – Sorriu tristemente. Não conseguiria de forma alguma ir para a cama e dormir. Seria assaltado pela visão de Barnaby Harte e o pai chorando a sua morte. – Não vou trabalhar por muito tempo.

Ela sabia disso também. Era sábado. Ele ia para Calistoga aos sábados para ver Mary Ellen Browne. Mas Hannah percebia que hoje ele não estava com disposição.

Serviu-se de uma xícara de café, do bule que estava sobre o fogão, e olhou para sua velha amiga. Sua cabeça fervilhava de pensamentos depois da noite anterior.

– Disse a ele que devia se casar de novo e ter mais filhos. Fiz mal?

Hannah fez que não com a cabeça.

– Você devia ter feito o mesmo há 18 anos.

– Estava justamente pensando sobre isso.

Olhou através da janela para as colinas. Nunca permitira que ela colocasse cortinas em nenhum lugar porque gostava muito da vista do vale e não havia ninguém, num raio de quilômetros, para olhar para dentro.

– Não é tarde demais. – A voz dela estava cansada e triste. Lamentava muito por ele. Era um homem solitário, quer o soubesse ou não, e esperava que agora John Harte não fosse escolher a mesma sorte. Parecia-lhe errado. Ela própria não tivera filhos, mas para ela fora uma sina, não uma escolha. – Você ainda é jovem o suficiente para se casar, Jeremiah.

Riu às palavras dela.

– Estou muito velho para isso agora. E... – franziu as sobrancelhas e olhou-a novamente, ambos estavam pensando a mesma coisa – nunca pude realmente me imaginar casado com Mary Ellen, e não há nenhuma outra pessoa. Há anos tem sido assim.

Hannah já sabia que ele só via Mary Ellen, mas depois da noite que atravessara, precisava conversar com ela e podia compreender isso também. Era sua amiga.

– Por que nunca desejou se casar com ela?

Sempre se perguntara isso, embora achasse que sabia. E não estava muito errada.

– Ela não é este tipo de garota, Hannah. E não digo isso maldosamente. Ela, no começo, realmente não queria se casar comigo, embora ultimamente acredito que o fizesse. Ela queria ser livre – sorriu. – É um diabinho independente e queria tomar conta dos próprios filhos. Acho que temia que as pessoas fossem dizer que se casara comigo pelo que eu tinha ou que tentara se aproveitar de mim – suspirou. – Em vez disso, chamaram-na de prostituta. Mas o engraçado é que não acho que se tenha importado muito com isso. Sempre disse que, contanto que ela soubesse a verdade, que era uma mulher decente, e que só havia eu, então não se importava nem um pouco com o que pudessem dizer. Uma vez eu a pedi em casamento – Hannah olhou-o espantada e ele sorriu –, mas ela recusou. Foi quando aquelas malditas mulheres em Calistoga fizeram-na passar um mau pedaço. Eu sempre achei que a mãe dela começara aquela confusão para me forçar a casar, e talvez ela o tenha feito mesmo, mas Mary Ellen mandou-me ir para o inferno naquela ocasião. Disse que não ia ser obrigada a se casar por um bando de bruxas velhas. E acho que naquele tempo ainda estava apaixonada pelo bêbado do marido dela. Ele a tinha deixado havia mais de dois anos, mas ela sempre tivera a esperança de que ele voltasse. Eu podia perceber pela maneira que falava – sorriu novamente. – Ainda bem que ele não voltou. Ela tem sido boa para mim.

E ele também tinha sido bom para ela. Mobiliara a casa e ajudava-a com o que precisasse para as crianças, quando ela aceitava o que ele oferecia. Já estavam juntos havia quase sete anos e o marido dela já estava morto havia quase dois. Estavam habituados ao arranjo que tinham. Ele ia para Calistoga todo sábado à noite e ficava lá com ela. As crianças ficavam na casa da mãe dela quando ele estava lá e agora eram menos furtivos a respeito do assunto. Não havia mais razão para esconder o caso, todos na cidade sabiam que ela era a garota de Jeremiah... A prostituta de Thurston, chamaram-na em certa época, mas ninguém mais se atrevia a dizer isso. Jeremiah cuidara pessoalmente do caso. Mas ele também sabia que ela era este tipo de garota. O tipo que as mulheres sempre detestavam e invejavam, uma ruiva estonteante, de longas pernas e busto farto. Usava os vestidos muito decotados e estava sempre ansiosa para dar aos vaqueiros que passassem um vislumbre de suas pernas ao descer a calçada e levantar as saias bem acima dos tornozelos. Fora isto que atraía Jeremiah no começo e Mary Ellen provara ser tão adorável quanto ele imaginara antes de tirar o resto das roupas dela. Na verdade, era tão adorável que passara a voltar sempre e, então, descobrira como tinha bom coração, era decente e ansiosa por agradar. Amava os filhos mais do que a tudo no mundo e não havia quase nada que não fizesse por eles. Fora abandonada pelo marido e trabalhara como garçoneiro, dançarina, camareira no hotel junto à estância de águas e, mesmo depois da ligação com Jeremiah, continuara a ter os mesmos empregos. Insistia em que não desejava nada dele. E muitas vezes Jeremiah tentara tirá-la da cabeça, mas havia algo de muito terno e amoroso a seu respeito. Ela preenchia um lugar vazio no coração dele, que se via atraído para sua cama constantemente. No começo, ia a Calistoga diversas vezes durante a semana, mas era muito complicado com os filhos dela em casa e, ao final de um ano, tinham feito aquele arranjo de fim de semana. Era difícil de acreditar que seis anos haviam se passado. Mais ainda quando, às vezes, via seus filhos. A própria Mary Ellen já estava com 32 anos e ainda era uma jovem bonita, mas não conseguia imaginar-se casando com ela. Era muito mundana quando se conheceram, muito atrevida, e entretanto ele a amara honestamente, a franqueza e a coragem dela. Nunca recuara diante do que as pessoas diziam sobre seu envolvimento com Jeremiah, embora ele soubesse que às vezes fora difícil para ela.

– Você se casaria com ela agora?

Não se esquivou da pergunta de Hannah, mas mesmo agora, depois de sete anos, não conseguia se imaginar casando com Mary Ellen.

– Não sei – suspirou ao olhar para a velha mulher. – Estou realmente velho demais para ficar pensando nessas coisas, não acha?

Era uma pergunta retórica, mas Hannah apressou-se a responder.

– Não, não acho. E acho que você deveria pensar um pouco nesse assunto antes que seja tarde, Jeremiah Thurston.

Mas nem ela mesma acreditava que Mary Ellen fosse a solução, apesar de gostar da jovem. Conhecera-a a vida inteira e sempre a achara corajosa e às vezes completamente tola. Fora uma das primeiras a chamá-la de tola por causa do seu caso público com Jeremiah. Era uma jovem de bom coração e era impossível não se gostar dela. Mas, apesar disso, tinha 32 anos e ele precisava de uma mulher nova, que lhe desse filhos. Mary Ellen já tinha três e quase morrera ao dar à luz o último. Seria louca de tentar outra vez e ela sabia disso.

– Gostaria de ver uma criança nesta casa antes de morrer, Jeremiah.

Ele sorriu tristemente, pensando nas duas crianças de Harte que haviam acabado de morrer.

– Eu também, minha amiga, mas não creio que nenhum de nós dois jamais veja isso.

Era a primeira vez que dizia isso para ela ou para qualquer pessoa.

– Não seja tão teimoso. Você tem tempo. Se procurar, vai encontrar a garota certa.

As palavras dela trouxeram Jennie de volta ao pensamento e ele balançou a cabeça, tanto para tirá-la da mente quanto para responder às palavras de Hannah.

– Estou muito velho para uma mocinha. Estou com quase 44 anos.

– Bem, fala como se tivesse 90.

Suspirou contrariada e ele riu, alisando a barba por fazer.

– Às vezes, sinto-me muito próximo disso, e aparento também. É um milagre que Mary Ellen não tranque a porta quando me vê chegando.

– Ela devia ter feito isso anos atrás, Jeremiah, mas você sabe como eu me sinto a esse respeito. – Sabia, mas Hannah nunca temia repetir suas opiniões. – Ambos foram tolos em começar e ambos pagaram um preço muito alto por isso.

Era a primeira vez que se expressava daquela forma e Jeremiah surpreendeu-se.

– Ambos?

– Ela quase foi banida da cidade e você desistiu da oportunidade de se casar com alguém que lhe daria filhos. Você deve mesmo é se casar com ela, se estiver disposto a fazê-lo, Jeremiah.

Sorriu benevolmente para Hannah.

– Vou contar a ela que você disse isso.

Hannah deu de ombros e apanhou o xale no encosto da cadeira da cozinha, enquanto Jeremiah a observava. Ia tomar banho e barbear-se antes de ir para a mina e precisava de mais uma xícara de café preto e forte. Fora uma noite muito, muito longa com John Harte, até os parentes dele chegarem para confortá-lo.

– A propósito, John ficou muito agradecido pela comida que você mandou, Hannah. Eu fiz com que comesse hoje pela manhã.

– Ele conseguiu dormir um pouco?

Jeremiah meneou a cabeça.

– Como poderia?

– E eu sei que você também não.

– Estou bem. Dormirei esta noite.

Ela riu maliciosamente e virou-se da porta para olhá-lo.

– Isso não é muito lisonjeiro para Mary Ellen, não acha?

Ele riu e a velha mulher fechou a porta atrás de si.

Havia um melancólico silêncio nas minas aos sábados, o que lhe agradava. Tudo era quietude, nenhuma voz, assobio estridente, nenhum ruído dos fornos. Havia dois vigias tomando café naquela manhã de março quando Jeremiah desceu do cavalo, amarrou Big Joe no lugar de sempre e entrou no escritório. Os papéis que viera examinar esperavam-no, contratos para o mercúrio que produziam e projetos para mais quatro cabines para alojar os homens que trabalhavam para ele. As minas Thurston já tinham o aspecto de um vilarejo, com sete casas para os homens e cabanas mais afastadas para aqueles que haviam trazido a família para viver com eles. Era uma vida dura, mas Jeremiah compreendia a necessidade que sentiam de estarem juntos. Foi uma decisão que tomara havia muito tempo e os homens lhe eram gratos. Agora sentava-se para examinar projetos de mais habitações para eles. O complexo parecia estar crescendo aos arrancos e da mesma forma a produção das minas. Estava satisfeito com os contratos que tinha diante de si, particularmente com o de Orville Beauchamp, de Atlanta, para novecentos frascos de mercúrio, que equivalia a aproximadamente 50 mil dólares. Beauchamp, por sua vez, fornecia para quase todo o Sul. Era um hábil homem de negócios, conforme Jeremiah podia perceber pelo contrato. Representava um grupo de sete homens e aparentemente era o porta-voz. A transação era de tal importância que dentro de uma semana Jeremiah viajaria para Atlanta para se reunir com o consórcio e consolidar o negócio com eles.

Ao meio-dia, Jeremiah consultou o relógio de algibeira, levantou-se e espreguiçou-se. Ainda tinha trabalho para fazer, mas fora uma noite tão difícil que de repente sentia-se exausto e ansioso para ver Mary Ellen. Precisava do calor e do conforto dela. Pensava incessantemente em John Harte e na família que ele perdera. A compaixão que Jeremiah sentia pesava sobre ele como um grande bloco de minério e, à medida que a manhã transcorria, as lembranças de Mary Ellen intensificavam-se. Deixou as minas logo depois do meio-dia e caminhou para o local onde amarrara Big Joe.

– Bom dia, Sr. Thurston. – Um dos guardas cumprimentou-o, e mais além, na colina, Jeremiah podia ver um grupo de crianças brincando por trás das cabanas que mandara construir para as famílias dos mineiros. Pensou na epidemia de gripe na mina Harte, e rezou para que não as atingisse.

– Bom dia, Tom.

Havia cerca de quinhentos homens trabalhando para ele nas três minas agora, mas ele ainda conhecia a maioria pelo nome. Passava a maior parte do tempo na primeira mina, a Mina Thurston, mas percorria as outras regularmente e sabia que estavam nas mãos de capatazes extremamente competentes. E, ao menor vestígio de algum problema, o próprio Jeremiah ia ao local, às vezes permanecendo dias, se tivesse ocorrido um acidente ou as minas tivessem inundado, como acontecia todo inverno.

– Parece que a primavera chegou.

– É verdade.

Jeremiah sorriu. Chovera dois meses sem parar e as enchentes nas minas haviam sido horríveis. Tinham perdido 11 homens em uma das minas, sete em outra, três ali. Fora um inverno difícil mas não havia nenhum sinal disso agora, quando o sol brilhava acima deles e Jeremiah podia senti-lo aquecendo as costas ao cavalgar o velho Joe pela Silverado Trail rumo a Calistoga. Apressou o cavalo, que voou os últimos oito quilômetros, enquanto Jeremiah sentia o vento na barba e nos cabelos, e pensava em Mary Ellen.

Quando descia pela rua principal de Calistoga, havia grupos de senhoras passeando, protegidas por guarda-sóis de renda. Era fácil identificar as que vinham de São Francisco visitar as estâncias de águas termais: seus vestidos elegantes contrastavam flagrantemente com as roupas mais simples dos moradores, suas anquinhas eram pronunciadas, a plumagem exuberante dos chapéus, a textura das sedas chamava a atenção na pequena e sossegada Calistoga. Vê-las sempre fizera Jeremiah sorrir e não deixavam de perceber sua presença quando passava por elas, montado em seu garanhão branco, em contraste com os próprios cabelos negros e brilhantes. Quando estava de bom humor, costumava tirar o chapéu e inclinar-se educadamente em sua montaria, sempre com um olhar travesso. Havia uma mulher particularmente bonita no grupo hoje, de cabelos ruivos e um vestido de seda verde, da cor das árvores da floresta, mas as suas cores serviram apenas para lembrá-lo da razão da sua vinda a Calistoga e ele acelerou um pouco mais o cavalo. Em pouco tempo chegava à pequena e bem cuidada casa de Mary Ellen na Terceira Avenida, uma parte um pouco menos elegante da cidade.

Aqui o cheiro de enxofre das termas era ainda mais forte mas havia muito ela se acostumara a isso, do mesmo modo que Jeremiah. Não era nas fontes de águas termais, nem no enxofre, nem nas minas que pensava ao amarrar Big Joe atrás da casa e subir rapidamente as escadas. Sabia que ela estaria esperando e ele abriu a porta sem cerimônia com o coração ligeiramente acelerado. O que quer que sentisse ou deixasse de sentir por aquela mulher, uma coisa era certa: quando estava perto, ela ainda tinha sobre ele o mesmo poder mágico de quando se encontraram pela primeira vez. Ele sentia uma espécie de falta de ar, uma onda de desejo que sentira por poucas mulheres antes ou depois dela. No entanto, quando estava longe, podia passar sem ela tão facilmente. Foi por essa razão que nunca pensara seriamente em mudar seu estado civil. Mas quando estava perto dela... quando pressentia sua presença no cômodo ao lado, como agora, todos os seus sentidos de repente queimavam de desejo por ela.

– Mary Ellen?

Abriu a porta da pequena sala de visitas onde ela às vezes o esperava nas tardes de sábado. Deixava as crianças na casa da mãe pela manhã e depois retornava à casa para tomar banho, anelar os cabelos e colocar os melhores adereços para Jeremiah. Havia uma certa aura de lua de mel nos encontros deles, porque só se viam uma vez por semana e, se alguma coisa andasse mal em uma das minas, ou ele viajasse, então levava mais tempo ainda. Ela detestava quando ele estava fora. A cada noite, cada manhã, cada dia, esperava pelos fins de semana juntos. Era estranho como estava se tornando cada vez mais dependente dele. Mas tinha certeza de que ele não havia notado. Estava muito absorto na sua atração física por ela para perceber esta dependência crescente. Ele gostava de vir a Calistoga vê-la. Sentia-se bem na casinha rústica e, além disso, nunca a convidara para ficar com ele em Santa Helena. Na verdade, ela viera à casa dele apenas uma vez.

“Tem certeza de que ele não é casado?”, sua mãe perguntara muitas vezes no começo, mas todos sabiam que Jeremiah Thurston nunca se casara, “e provavelmente nunca o fará”, sua mãe resmungara

após os primeiros anos da ligação de sua filha. Agora não reclamava mais. Após sete anos de noites de sábado, o que restava para ser dito? Já não dizia nada agora quando mandava as crianças entrarem, sua neta mais velha com 14 anos, quase da idade com que Mary Ellen se casara. O garoto tinha 12 e a mais nova, 9. Era ela quem particularmente adorava Jeremiah. Mas sabiam o bastante para não falar muito sobre o assunto com a avó.

– Mary Ellen?

Jeremiah chamou novamente. Não era comum ela não o estar esperando no térreo e ele subiu lentamente as escadas que levavam aos três minúsculos quartos, um para ela, um para as filhas e um terceiro para o filho; os três juntos eram menor do que qualquer cômodo da casa dele. Mas Jeremiah havia muito deixara de se sentir culpado a respeito disso. Mary Ellen tinha uma espécie peculiar de orgulho de se sustentar e não se sentia infeliz nesta casa. Gostava dela. Provavelmente mais do que teria gostado de morar na dele. Esta era mais aconchegante, ou assim ele achava. A sua permanecera sempre uma casa grande e desabitada, desde a construção. Ocupava tão poucos dos seus aposentos. Fora uma casa construída para crianças, risos e barulho e, no entanto, estivera silenciosa por quase 20 anos, ao contrário desta casa, que mostrava sinais de uso e cuidados. E mãos pequeninas se arrastaram tanto pelas paredes que um dia foram rosas, que as manchas se tornaram parte do *décor* e ninguém percebia mais.

Os passos de Jeremiah soaram pesadamente nas escadas e ele sentiu perfume de rosas no ar ao bater na porta do quarto dela. Ouviu a voz familiar cantarolando baixinho. Ela estava lá. Por um momento insano imaginara hoje, pela primeira vez na vida, pela primeira vez em sete anos, que ela não estivesse lá. Mas estava. E precisava dela desesperadamente. Bateu suavemente na porta, sentindo-se como um rapaz hesitante. Ela tinha um jeito de fazê-lo sentir-se assim. Sempre se sentia um pouco sem ar quando vinha vê-la.

– Mary Ellen?

Desta vez, sua voz soou baixa e suave, quase um carinho, ao chegar até ela.

– Entre... estou aqui...

Chegou quase a completar “no meu quarto”, mas não precisou acrescentar mais nada, pois ele já entrava, os ombros parecendo encher o quarto e a própria presença dele parecendo parar o sangue em suas veias, quando levantou o olhar para ele, a pele tão clara e aveludada quanto as rosas brancas à cabeceira da cama, os cabelos cor de cobre sob os raios de sol que penetravam pela janela. Estava a ponto de colocar um vestido de renda por cima do espartilho rendado que usava, amarrado com fitas cor-de-rosa que entremeavam a renda e amarravam suas calças nos joelhos. Parecia uma menina quando ele a fitou e de repente ela ruborizou-se e virou-se para o outro lado, às voltas com o vestido que se enrolava nos ombros. Geralmente, já estava pronta quando ele chegava, mas levava mais tempo do que esperava cortando as rosas para colocar no quarto.

– Estou quase... só falta... ah, pelo amor de Deus... não consigo!

Era a imagem da inocência ao lutar assim com o emaranhado de rendas e ele adiantou-se para ajudá-la gentilmente a colocar o vestido pelos ombros, mas ao começar, de repente mudou a direção do gesto e viu-se lentamente puxando o vestido de volta por onde havia entrado, passando pelos sedosos cabelos de cobre e por cima da cabeça, atirando-o sobre a cama e apertando seus lábios nos dela, enquanto a puxava para si. Era incrível como a desejava a cada semana quando chegava, parecendo sorver a brancura de sua pele e o perfume de rosas de seus cabelos. Tudo em torno dela sempre parecia recender a rosas e tinha um jeito especial de fazê-lo esquecer que ela tivesse qualquer outro tipo de vida

que não aquela. As crianças, os empregos e as dificuldades eram esquecidas quando estava nos braços dele, semana após semana, ano após ano, olhando nos olhos do homem que amava e que nunca compreendera totalmente o quanto o amava. Mas ela o conhecia como ele conhecia a si próprio. Ele queria sua solidão, sua liberdade, seus vinhedos e suas minas, não queria uma vida rotineira com uma mulher comum e três crianças que não gerara. Era ocupado demais para isso, envolvido demais no império que construía e ainda estava construindo. E ela respeitava aquela maneira de ser, amando-o o bastante para não pedir o que ele não queria lhe dar. Ao contrário, aceitava apenas o que ele lhe oferecia: uma noite por semana, numa espécie de abandono que jamais teriam na vida diária, o que aumentava ainda mais a paixão deles. Às vezes ficava imaginando se as coisas teriam sido diferentes se pudesse ter tido um filho dele, mas não fazia sentido pensar nisso. Não podia mais ter filhos, o médico dissera que era arriscado demais e ele não parecia desejar um filho, pelo menos nunca lhe mencionara o assunto, embora fosse sempre bom com os dela quando os via. Mas não era nos filhos dela que ele pensava quando a visitava. Aquilo que via agora era o que enchia seu pensamento e parecia inundar seus sentidos: aquela pele perfumada de rosas, delicada como um papel de seda, os olhos verdes como esmeraldas queimando nos dele quando a deitava delicadamente na cama, e começava a desamarrar o espartilho cor-de-rosa que, sob os dedos experientes, caiu do seu corpo com surpreendente facilidade sob as calças e deslizaram das pernas graciosas e longas, até ela ficar nua e deslumbrante diante dele. Essa era a razão de sua vinda... devorá-la com os olhos, com a língua e com as mãos até ela ficar arquejante e sem respiração sob ele, ansiando para que a possuísse. E hoje a queria ainda mais; era como se não se saciasse dela, não pudesse absorver o suficiente do aroma dos cabelos e da pele. Queria afastar as recordações da sua noiva havia tanto tempo desfalecida e da noite de luto que passara com John Harte, e precisava dela para isso. Ela pressentiu que ele tivera uma semana difícil e procurou dar um pouco mais de si mesma para preencher o vazio que instintivamente sentia nele. Não era uma mulher que pudesse facilmente colocar seus sentimentos em palavras e, no entanto, tinha uma compreensão profunda, quase animalesca dele.

Permaneceu sonolenta e saciada em seus braços; olhou-o e suavemente acariciou-lhe a barba.

– Você está bem, Jeremiah?

Ele sorriu ao ver o quanto ela o conhecia.

– Agora estou... graças a você... você é muito boa para mim, Mary Ellen...

Ficou lisonjeada pelas palavras dele, como se ele compreendesse o que procurava lhe dar.

– Aconteceu algo errado?

Ele hesitou por um longo tempo. Aquilo que sentira na noite anterior parecia estranhamente interligado com os sentimentos em relação a Jennie e, no entanto, isso ocorrera havia tanto tempo que parecia estranho que pudessem retornar à superfície agora. Mas tudo remetia a 18 anos atrás.

– Tive uma noite difícil ontem. Estive com John Harte...

Pareceu surpresa por um instante e levantou-se, apoiada no cotovelo.

– Pensei que não se falassem.

– Fui lá ontem à noite. Ele perdeu a mulher e a filha... – hesitou, fechou os olhos, lembrando-se novamente do rosto do pequeno Barnaby morto – ... e o filho também enquanto eu estava lá...

Uma lágrima indesejada rolou pelo rosto dele e Mary Ellen tocou-a suavemente e tomou Jeremiah nos braços. Ele era tão grande, tão forte, tão másculo e, ainda assim, tão sensível. Amou-o ainda mais pela lágrima e pelas que se seguiram enquanto o abraçava.

– Era tão pequeno... – Começou a soluçar pela criança cujos olhos cerrara e apertou Mary Ellen contra o peito, consternado pelas emoções que já não conseguia controlar. Era como uma torrente vindo de algum lugar lá de dentro. – O pobre rapaz perdeu os três num só dia...

A torrente começou a estancar e ele sentou-se na cama, olhando para Mary Ellen.

– Foi generoso de sua parte ter ido vê-lo, Jeremiah; não precisava fazer isso.

– Eu sabia como ele se sentia.

Ela sabia a respeito de Jennie através de Hannah, quando conversavam. Hannah conhecia Mary Ellen desde criança e se encontravam frequentemente na feira em Calistoga. Mas o próprio Jeremiah jamais lhe falara a respeito de Jennie.

– Algo parecido aconteceu comigo uma vez.

– Eu sei.

Sua voz era tão suave quanto as pétalas de rosa ao lado de sua cama.

– Achei que soubesse.

Sorriu-lhe e limpou as lágrimas do rosto.

– Desculpe... – Estava constrangido, mas sentia-se melhor do que se sentira o dia inteiro. Ela era boa para ele e o havia ajudado. – Pobre rapaz, vai ser tão penoso para ele.

– Ele ficará bem.

Jeremiah assentiu com a cabeça e olhou para ela.

– Você o conhece?

Ela balançou negativamente a cabeça.

– Já o vi pela cidade mas nunca nos falamos. Ouvi dizer que é teimoso como uma mula e muito mesquinho. Homens assim dificilmente se deixam abater, seja o que for que lhes aconteça.

– Não acredito que seja realmente mesquinho. Acho que é apenas muito jovem, muito determinado e o que ele quer deve ser na hora que quer. – Jeremiah sorriu. – Não gostaria de trabalhar para ele, mas admiro o que ele tem feito.

Mary Ellen deu de ombros. Não estava muito interessada em John Harte. Estava muito mais interessada em Jeremiah Thurston.

– Eu admiro você.

Sorriu e chegou-se para mais perto dele.

– Não sei por que razão. Sou a velha mula de que você falava.

– Mas você é a minha mula e eu te amo.

Gostava de dizer coisas assim, tanto para tranquilizar-se quanto para dizer-lhe. Ele nunca fora realmente seu e ela o sabia, mas uma vez por semana ela podia fazer de conta e estava satisfeita dessa forma. Não tinha realmente muita escolha. Pedira-a em casamento uma vez, mas na época não aceitara e agora a oportunidade passara. Ele estava satisfeito em vê-la uma vez por semana. Agora que Jake estava morto, e não iria mais voltar, teria se casado com prazer com Jeremiah, mas sabia que ele não iria propor-lhe casamento de novo. Ele já não o desejava e havia muito ela já perdera a esperança. Fora uma idiota ao não pressionar por isso desde o começo. Mas achava, na época, que Jake voltaria... o bêbado filho da mãe...

– Em que está pensando? – Observava-a. – Parece estar com raiva.

Riu da perspicácia dele; sempre fora assim.

– Nada de importante.

– Está com raiva de mim?

Rapidamente meneou a cabeça, com um sorriso brando.

Ele nunca lhe dera motivo para raiva. Com Jake já foi outra história. Tinha sido um canalha. Mas agora estava morto e ela desperdiçara 15 anos de sua vida com ele, cinco dos quais esperando sua volta, quando, no final das contas, estava vivendo com outra mulher em Ohio. Descobrira isso depois da morte dele quando a jovem veio vê-la. Teve até mesmo dois filhos com ela. E Mary Ellen se sentira como uma grande tola. Sempre detivera Jeremiah, achando que seu marido iria voltar... marido... que piada...

– Nunca tenho raiva de você, bobinho. Você não me dá motivo.

Era verdade. Era um homem adorável e sempre fora bom para ela. Quase bom demais. Era generoso, gentil e atencioso, mas sempre mantivera certa distância entre eles e não parecia ter nenhuma expectativa em relação ao futuro. Havia apenas hoje, a semana seguinte e sete anos de sábados estendidos atrás deles. Mas isso não provocava raiva em Mary Ellen; apenas tristeza de vez em quando. Passava a semana inteira à espera dele.

– Vou viajar em breve.

Sempre lhe contava com antecedência, era próprio dele. Cortês, decente e atencioso.

– Para onde desta vez?

– Para o Sul. Atlanta.

Isa sempre a Nova York e no ano passado fora a Charleston, Carolina do Sul. Mas nunca a convidava para ir com ele. Negócios eram negócios. E isso era outra coisa.

– Não vou demorar-me muito tempo. Apenas o necessário para a viagem de ida e volta e alguns dias para fazer negócios. Talvez duas semanas ao todo – acariciou-lhe o pescoço e beijou-a. – Vai sentir minha falta?

– O que acha?

A voz dela estava rouca de desejo e estiraram-se juntos na cama.

– Acho que sou maluco de ir a qualquer lugar, isso é o que eu acho...

E provou-lhe isso novamente ao tomá-la nos braços, e ela contorceu-se de prazer, seus gritos de infinito gozo poderiam ser ouvidos pela vizinhança inteira se ele não tivesse tido o cuidado de fechar as janelas. Conhecia-a bem e ambos gostavam de usufruir as noites de sábado juntos.

Ao amanhecer, sentia-se um novo homem. Ela lhe preparou salsichas com ovos, um pequeno bife e bolo de milho no velho fogão da cozinha. Ele quisera comprar-lhe um novo no inverno anterior, mas ela insistira em que não precisava. A cobiça não fazia parte da sua fachada, para muito desgosto de sua mãe. Frequentemente lembrava à filha que Jeremiah era um dos homens mais ricos do Estado e ela era a maior tola que já existira. Mas não dava a menor importância. Tinha tudo que queria... ou quase... ou uma vez por semana, pelo menos, e isso era melhor do que todos os dias com um homem inferior a ele. Não tinha queixas e era livre para fazer o que lhe aprouvesse. Jeremiah nunca lhe perguntava o que fazia com o resto do seu tempo. Havia muitos anos que não se interessava por ninguém mais, mas por livre e espontânea vontade. Se outra pessoa tivesse aparecido com sérias intenções, ela poderia ter tentado. Jeremiah tinha o cuidado de não exigir absolutamente nada dela.

– Quando parte para Atlanta?

Comia seu bolo de milho e observava-o. Ele tinha belos olhos azuis e, quando a olhava, ela sentia-se derreter.

– Dentro de alguns dias. – Sorriu, sentindo-se recuperado. Dormira bem, mas não antes de fazerem amor durante horas. – Você saberá assim que eu voltar.

– Cuidado para não encontrar a garota dos seus sonhos em Atlanta.

– Por que faria uma coisa desta? – pegou a caneca de café e riu. – Depois desta noite, como pode

dizer tal coisa?

Ela sorriu lisonjeada.

– Nunca se sabe.

– Não seja tola.

Ele se inclinou e beijou-lhe a ponta do nariz. Ao inclinar-se para ele, o vão entre seus seios chamou-lhe a atenção. Usava um roupão de seda rosa que ele lhe trouxera da sua última viagem à Europa para visitar os vinhedos franceses. E agora ele enfiava a mão sob seus seios, sentindo-lhes o calor. Sentiu um estremecimento percorrer-lhe o corpo inteiro, ao qual não podia resistir, e ele colocou a caneca em cima da mesa e deu a volta.

– O que você estava dizendo, Mary Ellen?...

A voz dele era um sussurro rouco quando levantou-a nos braços e se dirigiu para as escadas com seu fardo irresistível.

– Eu disse... não vá...

Mas ele esmagou as palavras dela com seus lábios e dentro de instantes colocava-a na cama outra vez, retirando com facilidade o roupão do seu corpo nu e era difícil dizer onde terminava o roupão e começava a seda de sua pele, tão macia lhe parecia ao apertar seu corpo contra o dela e penetrá-la novamente, o prazer de ambos começando outra vez e continuando até o anoitecer, quando finalmente ele voltou para casa, cansado, feliz e saciado. Mary Ellen Browne fez com que se sentisse bem e as tristezas da noite anterior estavam totalmente esquecidas quando deixou o cavalo no estábulo de Santa Helena. E quando entrou em casa, mal teve forças para tirar as roupas. Ao fazê-lo, ainda podia sentir o perfume de rosas em sua pele e foi dormir sorrindo e pensando em Mary Ellen.

Faça o favor de se comportar enquanto estiver fora.

Hannah advertiu-o, o dedo em riste, como se ele fosse uma criança, e Jeremiah riu.

- Está falando igual a Mary Ellen.
- É porque nós o conhecemos bem.
- Está bem. Está bem. Eu vou me comportar!

Tinha um ar cansado ao apertar-lhe a bochecha. Fora uma semana difícil e ela sabia disso. Ele comparecera aos funerais da mulher e dos dois filhos de John Harte. E agora havia alguns casos da doença nas minas Thurston, mas até o momento ninguém morreria e Jeremiah estava obrigando todos a consultar o médico ao primeiro sintoma da doença. Queria adiar sua viagem, mas não podia. Orville Beauchamp insistira, na resposta ao telegrama que lhe enviara, que, se quisesse realizar o negócio, Thurston deveria ir agora. E Jeremiah quase o mandara para o inferno, teve vontade de passar o negócio para John Harte, mas este não estava em condições de tratar de negócios, quanto mais para viajar, de modo que Jeremiah resolveu ir em frente e tomar o trem para Atlanta. Mas não estava entusiasmado com a viagem. Havia alguma coisa no homem na Geórgia que o aborrecia, independente das excelentes condições da transação.

Ao sair, inclinou-se e beijou o topo da cabeça de Hannah, olhou em torno da cozinha aconchegante, segurou a mala de couro numa das mãos e a surrada valise de couro preto na outra, com o charuto entre os dentes e os olhos apertados por causa da fumaça. Usava um enorme chapéu preto puxado até os olhos e tinha um ar quase diabólico ao caminhar rapidamente para a carruagem que o esperava, atirar as malas em cima e pular para o lado do rapaz que conduzia os cavalos, tomando-lhe as rédeas num gesto rápido.

- Bom dia, senhor.
- Bom dia, filho.

Em meio a uma grande baforada, tocou os cavalos com uma leve chicotada e, em poucos instantes, estavam longe, descendo a boa velocidade pela estrada principal. Não dirigiu a palavra ao rapaz enquanto conduzia a carruagem, o pensamento já absorto no negócio que ia realizar em Atlanta. E o rapaz olhava-o totalmente fascinado, os olhos quase fechados, as profundas linhas em torno deles, as sobrancelhas cerradas em concentração, o chapéu elegante, os ombros largos, as mãos enormes e a aparência absolutamente bem cuidada. O rapaz achou que ele era bem tratado demais para ter sido um mineiro e, no entanto, diziam que ele já havia trabalhado nas minas. Era difícil imaginar este homem grandalhão e poderoso esgueirando-se numa mina. Para o rapaz que o observava, ele parecia grande demais para caber lá.

Estava perto de Napa quando Jeremiah virou-se e sorriu para ele.

– Que idade você tem, filho?

– Quatorze. – Achava emocionante só de estar ali ao lado dele e gostava do cheiro do seu charuto; parecia-lhe penetrante e másculo. – Bem... farei 14 em maio.

– Trabalha duro nas minas?

– Sim, senhor.

A voz tremeu um pouco, mas Jeremiah não estava interrogando-o, apenas recordando sua própria vida aos 14 anos.

– Na sua idade, eu também trabalhava nas minas. É trabalho duro para um garoto... para qualquer um, na verdade. Você gosta?

Fez-se uma longa pausa e, de repente, o rapaz resolveu falar a verdade. Confiava no homem grande com o charuto e um ar comovente de bondade.

– Não, senhor, não gosto. É um trabalho sujo. Quero fazer algo diferente quando crescer.

– O que, por exemplo? – Jeremiah estava intrigado, com o rapaz e com sua honestidade.

– Algo limpo. Como trabalhar num banco, talvez. Meu pai diz que é trabalho para homens fracos, mas acho que eu iria gostar. Sou bom com números, posso fazer todas as minhas contas de cabeça mais rápido do que muita gente com papel e lápis.

– É mesmo? – Jeremiah tentava manter um ar sério no rosto, mas seus olhos demonstravam que estava achando graça. Havia tal intensidade naquele jovem que o comovia. – Gostaria de me ajudar um dia desses, numa manhã de sábado?

– Ajudá-lo? – o rapaz parecia estarecido. – Ah, claro, senhor!

– Eu fico no escritório aos sábados até cerca de meio-dia, porque é muito tranquilo. Quando eu voltar, venha me ver numa manhã de sábado. Pode me ajudar com alguns números e folhas de contabilidade. Não sou tão rápido nas minhas contas quanto você. – Jeremiah riu. Os olhos negros do rapaz estavam de repente tão grandes quanto moedas de 25 centavos. – O que lhe parece?

– Maravilhoso!... Maravilhoso!...

Ele praticamente pulou para baixo e para cima no banco ao lado de Jeremiah e, de repente, sossegou, lembrando-se de assumir um comportamento mais maduro e isso também divertiu Jeremiah. Gostava do garoto. Na verdade, gostava de quase toda criança e elas gostavam dele também. E enquanto acelerava os cavalos em direção a Napa, viu-se pensando nos filhos de Mary Ellen. Eram crianças boas, ela os havia educado bem. Carregava um pesado fardo nos ombros, sabia disso, e no entanto nunca o deixou ajudá-la. E ele certamente nunca o fizera no que dizia respeito às crianças. Seu único contato com eles era para um piquenique ocasional numa tarde de domingo. Não estava lá quando estavam doentes, quando tinham problemas na escola, quando ela precisava cuidar de uma criança enferma, castigá-los ou confortá-los. Só os via em seus melhores trajes de domingo, e assim mesmo não muito frequentemente. Imaginava que a decepcionara por não ajudá-la mais com as crianças, mas ela não parecia esperar isso. Não esperava nada mais do que obtinha, seu corpo enredado ao dela num intenso prazer dois dias por semana, na casinha de Calistoga. E então, de repente, como se temesse que seu pensamento pudesse ser lido pelo rapaz, Jeremiah olhou de relance preocupadamente em sua direção, enquanto se dirigiam a Napa.

– Gosta de garotas, filho?

Não sabia o nome do rapaz e não queria perguntar-lhe. Não precisava realmente saber, pois sabia de quem era filho. O pai era um dos empregados de maior confiança nas minas, um homem que tinha

mais de nove filhos, a maioria meninas, conforme Jeremiah se lembrava. Este rapaz era um dos três que trabalhava nas minas Thurston e era o mais jovem.

O rapaz encolheu os ombros em resposta à pergunta de Jeremiah sobre garotas.

– A maioria é burra. Tenho sete irmãs e a maioria é simplesmente estúpida.

Jeremiah riu com a resposta.

– Nem todas as mulheres são estúpidas. Acredite, rapaz, muito menos do que gostaríamos de imaginar. *Muito* menos!

Riu alto e deu uma longa tragada no seu charuto. Sem dúvida não havia nada de estúpido em Hannah, Mary Ellen ou a maioria das outras mulheres que conhecia. Na verdade, eram inteligentes até para esconder o quanto eram inteligentes. Gostava disso numa mulher, uma simulação de desamparo e simplicidade, quando na verdade havia uma mente perspicaz e arguta por trás. Divertia-o fazer o jogo. E, então, repentinamente, percebeu que esta talvez fosse a razão pela qual realmente jamais quisera se casar com Mary Ellen. Ela não fazia o jogo. Era direta e franca, adorável e sensual como o diabo, mas não havia mistério em torno dela. Ele sabia exatamente o que tinha, sabia como ela era inteligente e nada mais... não havia nenhum esforço de imaginação, nenhuma descoberta, nenhum coringa escondido embaixo das rendas e isto sempre o intrigara. Nos últimos anos, pelo menos, parecia gostar de maior complexidade do que antes e imaginava se isso seria um sinal de velhice. Achou graça do pensamento. Olhou para o rapaz com um sorriso experiente.

– Não há nada mais bonito do que uma mulher bonita, rapaz – riu novamente –, exceto talvez uma ondulante colina verdejante coberta de flores silvestres.

Estava olhando para uma agora e sentiu um aperto no coração ao passar. Detestava deixar aquelas terras para ir para o Leste. Uma parte de sua vida, de sua alma, ficaria faltando até retornar.

– Gosta desta terra, filho?

O rapaz não pareceu impressionar-se, sem saber ao certo o que ele queria dizer, e resolveu não se arriscar. Já tinha sido suficientemente audacioso e agora tinha a promessa das manhãs de sábado para proteger.

– Sim.

Mas Jeremiah percebeu pela maneira vazia com que pronunciara aquela palavra que ele não entendera nada do que Jeremiah quisera dizer... a terra... o chão... ainda se lembrava da emoção que o percorria quando tinha a idade do rapaz ao segurar um punhado de terra e apertá-la na mão... “É sua, filho, sua... toda ela... cuide sempre bem dela...”, a voz de seu pai ecoava nos seus ouvidos. Começara com algo tão pequeno e crescera. Agora era proprietário de vastas terras no vale que amava. Tinha que nascer com isso na alma, não era algo que se adquirisse com o tempo. Achava fascinante que fosse uma coisa que nem todos os homens tivessem, mas muitos não tinham, sabia disso havia anos. E era algo que as mulheres absolutamente não possuíam. Nunca compreendiam esta paixão por “um monte de terra”, como uma delas lhe dissera. Nunca compreenderam, nem o rapaz que viajava a seu lado, mas Jeremiah não se importava. Um dia o rapaz provavelmente iria trabalhar num banco e ser feliz lidando com papéis e contas pelo resto da vida. Nada havia de errado nisso. Mas se Jeremiah tivesse feito como ele, teria lavrado o solo a vida inteira, caminhado pelos vinhedos, trabalhado nas minas e ido para casa à noite cansado até os ossos, mas feliz até o fundo do coração. O objetivo comercial das coisas interessava-o muito menos do que a beleza natural e o trabalho necessário para mantê-las.

Era quase meio-dia quando chegaram a Napa, passando pelas fazendas da periferia primeiro e, depois, pelas casas sofisticadas das ruas Pine e Coombs, com seus gramados bem tratados e árvores

esmeradamente podadas, circundando casas amplas e formosas, não muito diferentes da casa de Jeremiah em Santa Helena. A diferença era que a casa de Jeremiah parecia sem amor e sem vida, era uma casa de solteirão, e, apesar de Hannah, de alguma forma isso transparecia mesmo do lado de fora. Era o lugar onde Jeremiah vivia, onde dormia, mas suas minas e suas terras significavam mais para ele e isso tornava-se visível; a influência de Hannah fazia-se sentir apenas na confortável cozinha e na horta. Por outro lado, em Napa as casas eram administradas por dedicadas mães de família, que cuidavam para que as cortinas de renda nas janelas estivessem sempre novas, os jardins repletos de flores e os andares superiores cheios de crianças. As casas eram lindas e Jeremiah gostava sempre de passar por elas. Conhecia muitas das pessoas que moravam ali, mas sua vida era mais rural do que a deles e girava sempre em torno dos negócios e não da vida social, que em Napa era bem mais intensa.

Parou no Banco de Napa, na Primeira Avenida, antes de tomar o barco, e sacou o dinheiro de que precisaria para a viagem a Atlanta. Deixou o rapaz do lado de fora com a carruagem e, um tempo depois, ele surgiu de volta, olhando o relógio de bolso com ar satisfeito. Iam ter de se apressar para pegar o barco para São Francisco e o rapaz sentiu um prazer especial em acelerar os cavalos para Jeremiah enquanto este examinava alguns papéis. E chegaram ao barco bem a tempo, quando Jeremiah pulou e pegou as malas. Levantou o rosto e sorriu para o rapaz por um breve instante.

– Eu o verei no primeiro sábado quando voltar. Chegue às nove da manhã.

E, de repente, lembrou-se do nome do garoto: era Danny.

– Até lá, Dan. E cuide-se enquanto eu estiver fora.

Jeremiah imediatamente pensou em Barnaby Harte, morto pela gripe, e sentiu um aperto na garganta quando o rapaz abriu um amplo sorriso para ele, vendo-o se afastar e finalmente entrar no vapor para São Francisco. Tinha uma pequena cabine reservada, como sempre fazia em suas viagens para aquela cidade; sentou-se rapidamente e puxou um espesso maço de papéis da mala. Tinha muito trabalho para fazer nas cinco horas que levariam até chegar a São Francisco. O *Zinfandel* era um barco particularmente bonito e Danny ficou observando fascinado a roda propulsora se afastar das docas.

Na hora do jantar, Jeremiah saiu da cabine e sentou-se sozinho a uma pequena mesa. Uma mulher que viajava com uma babá e quatro crianças olhou por diversas vezes em sua direção, do outro lado da sala, mas ele pareceu não notar, até que finalmente a jovem senhora lançou-lhe um olhar desdenhoso ao saírem da sala de jantar, constrangida por não ter obtido nenhum efeito sobre aquele belo gigante. Depois disso, ele ficou no convés por alguns instantes, fumando um charuto e observando as luzes da cidade, enquanto aportavam em São Francisco. Seus pensamentos pareciam retornar a Mary Ellen com mais frequência do que em geral acontecia quando estava longe dela e se sentiu incrivelmente sozinho naquela noite, quando o *Zinfandel* entrou na doca e ele embarcou numa carruagem rumo ao Palace Hotel, onde a suíte de sempre o aguardava. Uma vez ou outra gostava de visitar uma casa de má reputação, com uma mulher de quem particularmente gostava, mas no momento não sentia nenhuma disposição para isso. Em vez disso, permaneceu em seu quarto, olhando a cidade pela janela, recordando o passado. Sentia-se melancólico desde aquela noite com John Harte e mesmo agora era difícil afastá-la do pensamento, embora ali se sentisse anos-luz distante de Napa, sua beleza, seus infortúnios.

O hotel fora construído havia apenas 11 anos e oferecia tudo que havia de melhor em conforto.

Finalmente, incapaz de dormir, Jeremiah deu uma volta pelo saguão do hotel. Parecia repleto de pessoas ricamente vestidas, mulheres com joias finas e reluzentes, pessoas retornando de jantares noturnos, eventos teatrais e noitadas na cidade. Havia uma atmosfera quase de festa ali embaixo e

Jeremiah saiu para uma curta caminhada pela avenida Market, e retornou em seguida ao hotel para dormir. Tinha um dia repleto de compromissos de negócios pela frente antes de pegar o trem na noite seguinte e não estava particularmente ansioso pelo longo enclausuramento a caminho de Atlanta. Os trens sempre o entediavam e, com um sorriso sensual antes de pegar no sono, perguntou-se por que nunca pensara em trazer Mary Ellen, mas a ideia era totalmente absurda... ela não tinha lugar nesta parte de sua vida... nenhuma mulher tinha... não havia lugar para ninguém na sua vida de negócios... nem em sua vida particular... ou havia? Adormeceu sem conseguir encontrar a resposta e, na manhã seguinte, já havia esquecido a questão. Sentia apenas uma vaga sensação de mal-estar quando tocou a campainha para chamar o camareiro e pediu o café da manhã. Uma enorme bandeja de prata foi entregue meia hora mais tarde, juntamente com um casaco que dera para ser passado na noite anterior, e com os sapatos, engraxados com esmero. Não havia a menor dúvida de que o Palace era um dos melhores hotéis do país e Jeremiah sabia que não havia nada comparável em Atlanta, nada de que ele realmente gostasse. O que o aterrorizava eram os seis dias intermináveis no trem para a Geórgia.

Como no trem não havia compartimentos privados disponíveis, reservara um vagão inteiro para seu uso particular. Um pequeno bufê fora montado numa das extremidades, havia um espaço com uma escrivaninha na qual podia trabalhar com o trem em movimento e uma cama que podia ser escondida. Sempre se sentia como um animal enjaulado quando viajava de trem. E a comida servida nas estações ao longo do trajeto mal dava para comer. A única vantagem da viagem era que oferecia uma oportunidade perfeita para trabalhar, já que não haveria ninguém com quem falar durante os seis dias inteiros atravessando o país.

Já se sentia desesperadamente cansado quando chegou na estação de Elko, Nevada, no segundo dia da viagem. Entrou no restaurante para um breve, previsível e indigesto almoço, composto de todo tipo de frituras como todas as refeições oferecidas, e notou uma mulher extremamente atraente. Tinha a aparência de uma mulher de 30 anos, era pequena e delicada, os cabelos tão negros e brilhosos quanto os seus. Tinha olhos imensos, quase violeta, a pele delicada e clara, e ele observou que estava vestida de modo elegante, num traje de veludo que só podia ter vindo de Paris. Viu-se olhando-a fixamente durante todo o almoço e não pôde resistir a falar com ela, quando deixaram o restaurante ao mesmo tempo, correndo para não perder o trem. Abriu a porta para a mulher, que corou e lhe sorriu, o que ele de certa forma achou encantador.

– Cansativo, não? – disse ele, ao se dirigirem apressadamente para o trem.

– Terrível.

Ela sorriu e ele observou, pelo modo de falar, que era inglesa. Notou um grande anel de safira maravilhosamente lapidada na mão esquerda mas não viu uma aliança, o que o deixou intrigado o suficiente para ficar andando pelo trem naquela tarde, encontrando-a no vagão Pullman, lendo um livro e tomando uma xícara de chá. Ela levantou os olhos surpresa e ele ofereceu um sorriso, sentindo-se repentinamente encabulado. Não sabia ao certo o que lhe dizer, mas não havia conseguido afastá-la da mente a tarde inteira, o que era raro nele. Havia algo de extraordinário e magnético a respeito dela, sentia-o agora, de pé ao lado de sua poltrona, e de repente ela indicou o lugar vazio a sua frente.

– Não gostaria de sentar-se?

– Não se importa?

– Absolutamente.

Sentou-se a sua frente e se apresentaram. O nome dela era Amelia Goodheart e logo ele ficou sabendo que era viúva havia mais de cinco anos e ia visitar uma filha no Sul, e seu segundo neto,

recém-nascido. O primeiro nascera havia apenas algumas semanas em São Francisco. Amelia Goodheart vivia em Nova York.

– Vocês estão todos incrivelmente espalhados – Sorriu, sentindo o tempo passar, apreciando sorriso dela, fitando seus olhos extraordinários.

– Muito espalhados para o meu gosto, receio. As minhas duas filhas mais velhas casaram-se no ano passado. Os outros três filhos ainda estão em casa comigo.

Tinha 40 anos e era umas das mulheres mais encantadoras que Jeremiah já conhecera. Seus olhos cravaram-se nela à medida que o trem corria. Já era hora de jantar quando conseguiu levantar-se e, então, de repente, convidou-a para jantar com ele, quando parassem na próxima cidade. Deixaram o trem de braços dados e ele sentiu alguma coisa estremecer dentro dele à medida que ela caminhava a seu lado. Era o tipo de mulher que dava vontade de proteger, defender de qualquer dano e, ao mesmo tempo, exibir: “Olhe, ela é minha!” Era inimaginável que ela pudesse sobreviver sequer uma hora sozinha, e no entanto era divertida e afetuosa, a mente afiada como uma navalha. Sentia-se quase como um estudante quando conversavam, pronto a prostrar-se a seus pés. Ficou louco por ela desde o primeiro instante e convidou-a a seu vagão particular para um chá depois do jantar. Ela falou do marido com ternura e generosidade, enquanto prosseguiram viagem. E admitiu para Jeremiah que fora inteiramente dependente dele e que estava agora, finalmente, fazendo um esforço para sair no mundo por conta própria, nesta oportunidade de visitar as duas filhas mais velhas. Era óbvio que esta era sua primeira aventura sozinha e, seja como for, parecia estar se divertindo muito e perguntando-se por que não havia feito isso antes. Mesmo os pequenos incômodos não pareciam perturbá-la. Tinha espírito esportivo e, enquanto Jeremiah a observava, adquiria a certeza que de era a mulher mais encantadora que já encontrara.

Pela primeira vez em muitos anos, alguém conseguira tirar Mary Ellen completamente de sua cabeça. E como eram diferentes. Uma tão simples, tão zelosa, tão castigada e forte; a outra mais delicada, mais complexa, mais elegante, mais equilibrada e, a seu próprio modo, provavelmente até mesmo mais forte do que Mary Ellen. Evidentemente sentia-se atraído por ambas, mas era Amelia que detinha sua atenção agora. Mencionara ter trazido apenas uma criada com ela; uma prima mais velha planejava fazer a viagem, mas ficara doente, e Amelia decidira ir de qualquer modo. Queria ver suas meninas e “na verdade, não precisava de outra mulher para me acompanhar. A prima Margareth dificilmente teria condições de tomar conta de mim”. Ela riu e Jeremiah deu um sorriso. Havia algo vulnerável a respeito dos olhos violeta e ele repentinamente desejou ardentemente abraçá-la, mas não ousava. Em vez disso, conversaram sobre a Europa e sobre o Napa, seus vinhedos, sua infância, os filhos dela, seu trabalho. Queria ficar sentado conversando com ela a noite toda, mas finalmente, depois de meia-noite, viu-a reprimir um bocejo. Tinham estado juntos durante quase oito horas e, no entanto, detestava ter de levá-la de volta a seu vagão e deixá-la.

– Está tudo bem?

Ele parecia preocupado e ela sorriu.

– Creio que sim. – E, em seguida, com um sorriso ainda mais afetuoso: – Passei horas muito agradáveis. Muito obrigada.

Apertou-lhe a mão e de repente ele sentiu seu perfume de novo. Percebera-o no seu vagão particular e sentiu-o outra vez quando voltou. Era uma fragrância exótica e penetrante, com uma boa dose de frescor, e também profundamente sensual. Parecia-se tanto com ela que, ao perceber que ainda

permanecia no seu vagão mais tarde naquela noite, foi quase como se ela ainda estivesse ali com ele. E desejou que estivesse, enquanto o trem andava sem parar.

A noite parecia não terminar nunca enquanto Jeremiah esperava amanhecer, pensando na mulher elegante que conhecera, dormindo em algum lugar do trem. Havia muito tempo que não se sentia tão atraído por alguém. Desceu ansiosamente na primeira parada, esperando vê-la caminhar ao longo da plataforma no ar fresco da manhã, mas havia apenas algumas criadas com cachorrinhos, um ou dois homens solitários esticando as pernas e nenhum sinal de Amelia. Voltou a seu vagão, sentindo-se decepcionado como uma criança; então finalmente, ao meio-dia, percorreu todo o trem e descobriu-a lendo um livro e tomando uma xícara de chá outra vez.

– Ah, aqui está você!

Falou quase do modo que alguém falaria a uma criança que estivesse perdida e ela levantou os olhos para ele com um largo sorriso.

– Estive perdida?

Adorou a expressão dos seus olhos e sorriu para ela.

– Para mim esteve. Estive procurando-a o dia todo.

– Estava aqui mesmo.

Estava ansioso para passar mais tempo com ela e apressou-a de volta a seu carro particular. Não pareceu hesitar ao caminhar de volta com ele e repentinamente ele começou a imaginar se estaria criando uma situação embaraçosa para ela. Afinal de contas era um homem solteiro e nunca se sabe quem poderia estar no trem... Tão raramente pensava em coisas assim, mas não queria causar nenhum problema para Amelia.

– Não seja tolo, Jeremiah, não sou nenhuma garotinha.

Fez pouco-caso da preocupação dele com um sinal de sua mão refinada e ele notou que ela usava uma esmeralda extraordinariamente bonita naquele dia. Admirou-se por ela não ter medo de usar suas joias no trem, mas Amelia parecia totalmente despreocupada. Sua mente estava repleta de coisas mais agradáveis do que se preocupar com mexericos ou ladrões de joias ou os temores que enchiam as cabeças de outras mulheres. Ao final do segundo dia juntos, Jeremiah sentia grande admiração por ela. Quase lamentava não a ter encontrado anos antes e disse isso a ela. E, ao fazê-lo, ela se comoveu e seus olhos acariciaram o rosto dele.

– Que coisa linda de dizer...

– Tudo que digo é verdade. Jamais conheci alguém como você... Amelia, você tem mais valor do que qualquer pessoa que eu conheço.

Seus olhos fitaram os dela com ternura.

– Seu marido foi um homem de sorte.

– Eu é que tive sorte.

A voz dela era suave como uma brisa de verão e Jeremiah estendeu-lhe a mão. Ficaram sentados em silêncio, a paisagem rural passando, olhavam-se nos olhos, alheios ao resto do mundo.

– Nunca desejou se casar novamente?

Ela meneou a cabeça com um leve sorriso.

– Não. Estou satisfeita como estou. Tenho as crianças para me manterem feliz, ocupada e realizada... minha casa... meus amigos...

– Devia haver mais do que isso.

Trocaram outro sorriso longo e ele novamente tocou suavemente os dedos dela. Ela possuía mãos primorosas, não era de admirar que seu marido lhe tivesse dado anéis tão maravilhosos. Ficavam-lhe bem, assim como as roupas caras que usava. E, enquanto olhava para ela, imaginou de repente o que teria sido ser casado com uma mulher como aquela. No entanto, era estranho imaginá-la em Napa... voltar para ela depois de trabalhar nas minas o dia inteiro.

– Em que estava pensando agora mesmo?

– Em Napa... minhas minas... como seria ter você lá...

Pareceu surpreender-se às palavras dele e depois sorriu.

– Creio que seria uma vida interessante, não seria? Sem dúvida, muito diferente de Nova York. –

Não conseguia nem imaginar. – Há índios onde você mora?

Ele riu.

– Não do modo como você imagina, mas há sim, alguns. Mas são todos muito pacíficos e comuns agora.

– Nada de gritos, assobios e arremesso de machados de guerra?

Ela parecia desapontada e ele riu outra vez, balançando a cabeça negativamente.

– Receio que não.

– Que decepcionante, Jeremiah.

– Temos outros meios de nos divertir.

– Por exemplo?

Suas noites de sábado em Calistoga vieram-lhe instantaneamente à cabeça, mas obrigou-se a pensar em outras coisas.

– São Francisco está a apenas sete ou oito horas de distância.

– Passa muito tempo lá?

Fez um sinal negativo com a cabeça.

– Para dizer a verdade, não. Levanto-me às cinco, tomo café às seis, saio em seguida para a mina e volto para casa depois do sol se pôr, às vezes bem mais tarde. Trabalho aos sábados de manhã – hesitou, mas não por muito tempo – e aos domingos fico batendo o pé, esperando a hora de voltar para a mina.

– Soa como uma vida extremamente solitária, meu amigo.

Parecia triste por ele e isso o comoveu. Que diferença podia fazer para ela se ele trabalhava demais ou ficava sozinho?

– Por que você nunca se casou, Jeremiah? – parecia aflita.

– Sempre estive muito ocupado, eu acho. Quase casei uma vez, há cerca de 20 anos. – Sorriu para ela, parecendo indiferente. – Talvez simplesmente não estivesse no meu destino.

– Tolice! Ninguém deveria envelhecer sozinho.

Mas ela também o faria, a menos que se casasse novamente.

– É só isso, a razão das pessoas se casarem, para não ficarem sozinhas quando estiverem velhas?

– Claro que não. Companheirismo. Amizade. Amor... alguém com quem rir, com quem conversar e dividir os sofrimentos e as tristezas, alguém para mimar e para amar e para quem voltar para casa e com quem correr para fora quando cai a primeira neve do ano... – Pensava no olhar de sua filha ao dizer essas palavras. Estava inteiramente apaixonada pelo marido e pelo filho recém-nascido. Amelia levantou os olhos para Jeremiah novamente. – Não creio que compreenda exatamente do que estou falando, mas você perdeu muita coisa. Meus filhos são a maior alegria da minha vida. E não é tarde

demais para você os ter. Jeremiah, não seja tolo. Deve haver milhares de mulheres fazendo fila por você, agarre uma delas, case-se e tenha um monte de filhos, antes que seja tarde demais. Não se prive...

Estava surpreso com a premência das palavras dela e algo no modo como falava tocou-lhe o coração.

– Você quase me faz pensar duas vezes sobre a vida que tenho levado. – Sorriu e recostou-se na poltrona de veludo verde-escuro. – Talvez você tenha simplesmente de me salvar de mim mesmo e se casar comigo na cidade mais próxima. O que acha que seus filhos diriam?

Ela riu, mas seus olhos revelavam ternura ao responder-lhe.

– Achariam que eu finalmente fiquei louca e, ao menos desta vez, estariam com a razão.

– Estariam? – disse ele, olhando-a firmemente.

– Estariam.

– Seria realmente uma coisa tão louca assim... você e eu?...

Ela sentiu um estranho calafrio percorrer-lhe a espinha; havia algo de sério nos olhos dele e ela não queria brincar com ele. Eram estranhos em um trem e ela se conhecia o bastante para saber que estava muito encantada por ele, mas não estava completamente louca ainda. Tinha sua própria vida, uma casa em Nova York, três filhos ainda em casa, duas filhas adultas e dois genros para os quais dar satisfação.

– Jeremiah, não brinque com algo tão sério. – A voz dela era macia como seda e tão meiga quanto um beijo num rosto de criança. – Gosto demais de você. Quero ser sua amiga, mesmo depois de deixarmos o trem.

– Eu também. Case-se comigo.

Era a coisa mais louca que já dissera e seria a coisa mais louca que já teria feito, e ele sabia disso também.

– Não posso. – Ela sentiu-se empalidecer e ruborizar-se.

– Por que não?

Ele falava a sério e isso, de certo modo, piorava ainda mais as coisas. Ela estava quase amedrontada pelo olhar dele.

– Pelo amor de Deus, tenho três filhos para criar.

Era uma desculpa pouco convincente, mas não conseguia encontrar mais nada para dizer.

– E daí? Podemos levá-los para Santa Helena. Outras pessoas criam seus filhos lá. É um lugar respeitável, apesar dos índios. – Sorriu. – Construiremos uma escola só para eles.

– Jeremiah! Pare! – Pôs-se de pé. – Pare de dizer essas coisas malucas. Gosto de você, é um dos homens mais notáveis, interessantes e decentes que já conheci. Mas mal acabamos de nos conhecer. Você é um estranho para mim e eu para você; não sabe se eu bebo, se sou meio louca, se sou viciada em jogo, se trapaceio... se espanco minhas crianças... se talvez tenha matado meu marido...

Um ligeiro sorriso surgiu nos olhos dela e ele estendeu-lhe a mão, que ela tomou nas suas e roçou com os lábios.

– Homem adorável, tenha pena de mim, não brinque comigo desse jeito. Vou fazer 41 anos na próxima primavera, Jeremiah. Estou velha demais para essas brincadeiras. Casei-me quando tinha 17 e fomos felizes durante 18 anos, mas eu já não sou uma juvenzinha, não há mais bebês em meu útero... sou uma avó agora... Já passei da idade de fazer alguma coisa tão louca quanto fugir para a Califórnia com você. Eu gostaria, parece algo maravilhoso, mas isso é agora, aqui... dentro de poucos dias você estará em Atlanta e eu estarei em Savannah vendo o meu segundo neto. Temos de nos comportar, você e eu, ou alguém pode sair ferido e, acima de tudo, não desejo que essa pessoa seja você. Sabe o que

desejo para você? Uma bela jovem para esposa, uma dúzia de filhos e um amor como o que eu tive durante 20 anos. Eu já tive o meu, mas você ainda não, e espero que o encontre logo.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e então virou o rosto. Ele deu um passo em direção a ela e, sem nada dizer, tomou-a nos braços, apertou-a junto a si, buscou os lábios dela com os seus e ela não ofereceu a menor resistência. Beijou-o com todo o fervor e paixão que estiveram reprimidos por tanto tempo e ele fez o mesmo, e ambos ofegavam quando se sentaram novamente.

– Você é um homem louco, Jeremiah.

Mas ela não parecia se importar e ele sorriu.

– Não. Posso ser muitas coisas, mas isso não. – Olhou-a profundamente nos olhos outra vez. – E você é a mulher mais espetacular que já conheci. Espero que compreenda isso. Não se trata de uma insensatez, um capricho. Em 43 anos, só pedi duas mulheres em casamento. E eu me casaria com você na próxima parada que este trem fizesse, se você aceitasse. E sabe o que mais? Seríamos felizes pelo resto das nossas vidas. Tenho certeza disto como tenho de estar sentado aqui.

E o engraçado é que ela suspeitava de que ele tinha razão.

– Talvez sim, talvez não. Mas acho que seria mais prudente não tentar.

– Por quê?

– Talvez eu não tenha a sua coragem. Prefiro tê-lo como amigo.

Mas ele não tinha certeza se acreditava nisso, depois do modo como ela o beijara há apenas alguns instantes e, para quebrar a tensão que crescia entre eles novamente, levantou-se e dirigiu-se a um armário de nogueira onde colocara uma dúzia de garrafas do seu melhor vinho.

– Gostaria de provar? Trouxe um pouco do meu vinho.

– Adoraria, Jeremiah.

Ele sacou a rolha e serviu duas taças de um vinho tinto magnificamente encorpado, cheirou a taça, deu-se por satisfeito e lhe entregou a primeira.

– Aqui ninguém vai vê-la bebendo.

Ela não o teria bebido em nenhum outro lugar do trem, mas de repente sentia-se reconfortada em tomar uma taça de vinho e surpreendeu-se em constatar a alta qualidade, ao tomar o primeiro gole. Mais uma vez, sentiu-se impressionada com ele e olhou-o com tristeza ao colocar a taça na mesa.

– Quisera não gostar tanto de você.

– Quisera que gostasse mais.

Ambos riram e desceram na parada seguinte para um rápido jantar antes de voltarem ao trem. Compraram uma enorme cesta de frutas. Jeremiah tinha um pouco de queijo que sobrara da noite anterior e comeram frutas e queijo, bebendo o vinho dele até tarde da noite, enquanto discutiam a condição da raça humana e aos poucos ficavam bêbados e riam de tudo aquilo. E de certa forma cada um sabia que havia encontrado um amigo para a vida inteira. Ela era a mulher mais esclarecida que já encontrara e durante os dias seguintes ele absorveu cada uma de suas palavras, compartilhou todo o seu vinho com ela. Faziam todas as refeições na companhia um do outro, jogavam cartas, riam, contavam piadas, trocavam confidências que nenhum dos dois jamais havia revelado a ninguém e, ao chegarem a Atlanta, Jeremiah tinha certeza de que estava mais do que simplesmente enamorado dela. Estava completamente louco por ela e, no entanto, sabia, ao mesmo tempo, que ela nunca aceitaria casar-se com ele e também achava que sabia por quê. No fundo do seu coração, ela ainda não havia esquecido o marido e talvez nunca o fizesse. Continuava insistindo em que Jeremiah precisava de uma

mulher jovem e de seus próprios filhos. Ele lhe falou de John Harte e das duas crianças que haviam morrido e admitiu para ela que não tinha certeza se queria correr esse risco um dia.

– Eu não aguentaria perder um filho. Um dia perdi a mulher que amava, Amelia, foi o suficiente...

Isso foi dito em uma noite já bem tarde, depois de mais da metade de sua segunda garrafa de vinho, mas Amelia balançou a cabeça em sinal negativo.

– Não pode viver assim com medo. Na vida, é preciso ser um pouco jogador, você sabe...

– Não arriscando o coração... – O rosto de Barnaby Harte veio-lhe à mente outra vez e ele fechou os olhos. – Eu não suportaria.

Ela agarrara-lhe o braço:

– É preciso. Não perca esta chance. Ainda tem uma vida inteira pela frente... faça-o... droga, não a deixe fugir. Não permitirei. Encontre a garota certa, saia procurando-a se for preciso, mas consiga o que quer... o que precisa... o que merece...

– E o que é? Já não tinha certeza do que queria.

– Uma garota ardente... apaixonada... com amor nas veias, uma jovem tão cheia de vida que você quase tenha de amarrá-la para capturá-la.

Jeremiah riu.

– Parece-se com você. É isso que eu deveria fazer?

– Não se atreva, Jeremiah Thurston. Mas você sabe o que eu quero dizer, uma pequena bola de fogo para mantê-lo aquecido, feliz e entretido.

– Parece um monte de problemas para mim. – Tinha de admitir, porém, que, de certa forma, a ideia o atraía. – E onde é que se acha uma garota assim?

– Onde ela estiver. E tem de procurar com vontade, se for necessário. Ou talvez ela simplesmente venha a seu encontro.

– Ainda não veio, pelo menos até iniciar esta viagem.

Olhou-a significativamente outra vez e ela riu. Quase se permitira entregar-se completamente àquele amor. Mas não podia fazê-lo. Ainda tinha muito de seu para fazer e ele merecia mais do que isso.

– Não se esqueça do que eu disse! – falou-lhe nos últimos instantes da viagem.

O trem já parava na estação de Atlanta e as malas dele já se encontravam prontas. Estavam de pé no seu vagão particular que ficaria para ela e a criada, segundo as instruções dele. A viagem para Savannah levaria apenas mais algumas horas, mas ela não pensava em Savannah no momento. Pensava apenas nele, e ele nela.

– Que diabos, por que não quer se casar comigo? – Olhou-a com ternura, com tristeza e paixão misturadas em seus olhos. – Você é uma tola.

– Sei que sou – seus olhos de repente encheram-se de lágrimas –, mas desejo algo melhor para você.

– Você é o melhor que existe.

Ela balançou a cabeça negativamente e algumas lágrimas rolaram lentamente pelo seu rosto ao sorrir.

– Eu te amo, meu querido amigo.

Envolveu-o num abraço e ele a manteve junto de si até o trem parar e, então, afastou-se para olhá-la novamente.

– Eu também te amo. Cuide-se bem, minha querida. Eu a verei em Nova York em breve.

Ela assentiu e deu-lhe adeus quando ele deixava o trem. Ele ficou de pé na plataforma acenando-lhe, enquanto o trem se afastava, pensando no destino que a trouxera para ele e em seguida deixava-a escapar. Nunca houvera ninguém como ela antes... e provavelmente nunca haveria de novo... e o pior é que, se ela o tivesse permitido, teria se casado com ela imediatamente. Era estranho. Apaixonara-se perdidamente por Amelia numa questão de dias, instantes... horas... e com Mary Ellen Browne teria se contentado com uma vida inteira de domingos. Era algo que o fez pensar enquanto se dirigia ao hotel, vendo as paisagens passarem por ele.

Havia uma elegância imponente em torno de Kimball House, que dominava o horizonte de Atlanta. Um exército de homens aproximou-se para auxiliar Jeremiah com as malas e fazê-lo entrar no saguão ricamente decorado, onde um esquadrão de criados parecia circular. A decoração lembrava mais a de um grande salão de festas do que a de um saguão de hotel. Tornava a grandiosidade do Palace Hotel de São Francisco insípida em comparação, embora Jeremiah ainda preferisse os confortos familiares do Palace. Era o seu hotel preferido no mundo inteiro. Mas o Kimball ocupava um excelente segundo lugar. Jeremiah recuperou sua mala na suíte, olhou em torno, tomou um drinque e não mais do que alguns instantes pareciam ter se passado quando ouviu uma batida na porta do quarto e o criado do Sr. Beauchamp apareceu. Permaneceu ali parado, impressionantemente alto e negro, num libré formal, e estendeu-lhe um lustroso envelope bege, fechado com um exuberante lacre dourado. Tendo-se certificado de quem Jeremiah era, o envelope foi-lhe entregue por uma poderosa mão negra.

– Da parte da Sra. Beauchamp, senhor.

– Obrigado.

Jeremiah prontamente retirou o cartão e descobriu que era esperado para jantar às oito horas daquela noite. Horário francês, pensou ao agradecer ao criado, pedindo-lhe para confirmar aos Beauchamp que ele estaria lá. Com um rígido aceno de cabeça, o homem, resplandecente em seu uniforme, desapareceu. Jeremiah ficou vagando pelo quarto, pensando naquela noite. O quarto era agradavelmente decorado, com tecidos finos e relíquias francesas, mas para Jeremiah ele agora parecia muito vazio. Ouviu-se uma leve batida na porta e uma criada negra surgiu com uma bandeja de prata, trazendo-lhe mais um alto *mint julep* e um prato de biscoitos que, pelo cheiro, haviam acabado de sair do forno. Geralmente, depois de uma longa viagem de trem, nada o teria agradado mais, porém agora só conseguia pensar em Amelia. Dentro de poucas horas chegaria a Savannah e ficaria ocupada com a filha, mas tudo que Jeremiah desejava era envolvê-la em seus braços novamente. Perturbado, tomou um longo gole do *mint julep* e dirigiu-se ao terraço para ver a cidade. Crescera muito nos 20 anos após a guerra e, em muitos aspectos, era uma cidade em franco desenvolvimento. Mas grande parte dela ainda era o mesmo de antes da guerra e ele sabia que os sulistas ainda se ressentiam de se verem arrastados para a União. Gostavam dos seus velhos costumes e ainda não se conformavam de terem perdido a guerra. Imaginou rapidamente como seriam Beauchamp e seus amigos. Sabia que dispunham de muito dinheiro, mas suspeitava de que Beauchamp fosse um novo-rico dolorosamente ostentoso. Era fácil de se imaginar isso pela libré maciçamente adornada de dourados que o criado do homem usava e o enorme lacre dourado da carta.

Jeremiah tomou um banho antes do jantar e tentou tirar um cochilo, mas ao deitar na espaçosa cama de dosséis do seu quarto de hotel, tudo em que conseguia pensar era na delicada mulher de

lustrosos cabelos negros e imensos olhos violeta, quase da cor das contas do traje que usava na noite em que a conheceu. Por que será que podia lembrar-se de cada detalhe do seu vestido? Nunca o fizera. Mas era tão elegante, tão bonita e sensual, que a desejava desesperadamente e sentiu um nó na garganta, o qual procurou dissolver com outro *mint julep*. Mas nada parecia afastá-la do seu pensamento e Jeremiah perguntou-se como iria fazer negócios pensando tanto naquela mulher. Mas aquela noite seria apenas uma questão de amenidade social. Sabia que não esperavam que comesse a discutir o negócio senão no dia seguinte. Os sulistas eram corretos demais para misturarem negócios com prazer. Muito provavelmente aquela noite seria a de um tranquilo jantar no lar dos Beauchamp, para mostrar ao incivilizado habitante do Oeste um pouco da hospitalidade sulista. Jeremiah sorriu à ideia ao vestir o casaco e olhar seu terno branco no espelho. Fazia um nítido contraste com sua pele extremamente bronzeada, os cabelos negros, da mesma cor dos de Amelia... Amelia... Amelia... Amelia... desejou nunca ter saído daquele trem, conforme descia ao saguão e saía em direção a carruagem enviada por Orville Beauchamp que o aguardava.

O criado de libré foi rápido em descer e abrir a porta para Jeremiah. Em seguida, pulou para o lado do cocheiro novamente, enquanto senhoras elegantes passavam majestosamente por eles em reluzentes vestidos de noite, acompanhadas por homens bem-vestidos, a caminho de jantares, concertos e outros acontecimentos sociais que faziam a vida noturna de Atlanta.

A carruagem desceu velozmente pela fulgurante e larga avenida Peachtree, entrando na parte residencial da cidade, em direção à casa dos Beauchamp, que assomava em menor esplendor, mas imponente, mais abaixo na avenida Peachtree. Era uma casa relativamente nova, obviamente construída depois da guerra, e não era desvairadamente extravagante, mas sem dúvida muito bonita, e Jeremiah repentinamente lamentou que Amelia não estivesse lá com ele para desfrutarem juntos a noite. Poderiam voltar ao hotel depois e discutir os vários trajes e pontos fracos dos convivas, rindo e bebericando um pouco mais do vinho que trouxera com ele do Napa. E era em Amelia que ele pensava ao apertar a mão de Elizabeth Beauchamp, a mulher de Orville Beauchamp, que já fora bonita, mas agora tinha uma aparência esmaecida. Era uma loura desbotada, a pele da cor de um copo de leite e olhos que pareciam encher-se de lágrimas de desespero. A impressão que Elizabeth Beauchamp deixava numa pessoa era de extrema fragilidade, como se não fosse conseguir sobreviver a mais uma semana e também não se importasse com isso. Tinha uma vozinha queixosa e triste e falava constantemente sobre o período antes da guerra e a vida na fazenda de “papai”. Orville parecia não ouvir nada do que ela dizia, exceto que de vez em quando dizia rispidamente: “Basta, ‘Lizabeth, nossos convidados não querem saber da vida na fazenda de seu pai. Tudo isso já acabou”, mas as próprias palavras pareciam atingi-la como um açoite e ela então aquietava-se e mergulhava silenciosamente nas suas reminiscências. Orville era de origem inteiramente diferente, obviamente menos aristocrática do que a de sua mulher. Tinha algumas arestas não polidas, com olhos que se estreitavam constantemente como se tivesse acabado de pensar algo importante. E era evidente que a única coisa importante para Orville eram os negócios. Seus cabelos eram negros como os de Jeremiah, sua compleição, quase trigueira. Explicou que seus avós eram do sul da França e primeiro foram para Nova Orleans, antes de se mudarem para a Geórgia. E ele não fez nenhum segredo de que não tinham nada quando chegaram, nem seu pai, cerca de 30 anos depois. Fora Orville quem fizera a primeira fortuna da família, quem lucrou com a industrialização do Sul durante e depois da guerra. Construíra um pequeno império para si, que admitia ainda não era tão grande quanto desejava, mas seria um dia, especialmente com a ajuda de seu filho, Hubert, que tinha o mesmo nome do avô de Orville.

Mas a impressão de Jeremiah era a de que Hubert não era nem de longe tão inteligente quanto seu pai. Ao contrário, tinha o irritante queixume de sua mãe e parecia muito mais interessado em gastar o dinheiro do pai do que em ganhar algum por conta própria. Falava sobre uma série de cavalos de corrida que comprara em Kentucky e sobre seu bordel preferido em Nova Orleans. Em resumo, foi uma noite enfadonha para Jeremiah. E dois dos outros membros do consórcio com que faria negócio estavam lá também, homens mais velhos e silenciosos, de forte reputação, e mulheres desinteressantes, que conversavam entre si aos cochichos a maior parte da noite. Jeremiah percebeu que pouco ou nada conversavam com Elizabeth Beauchamp e ela parecia ignorá-las completamente. Era fácil notar que as considerava muito abaixo de si mesma, levando em conta os seus primórdios aristocráticos na fazenda de “papai”.

Outra coisa que Jeremiah observou no decorrer da noite foi que a família Beauchamp era singularmente obcecada pelas fortunas das pessoas, quanto alguém possuía e como o tinha obtido. Elizabeth perdera tudo que poderia um dia ter tido na guerra. Seu pai se suicidara com a destruição de sua fazenda e a mãe morrera logo em seguida de pesar, talvez mais pela fortuna que perdera, pensou Jeremiah, do que pelo marido.

Os Beauchamp aparentemente tinham uma filha, que Orville clamava ser uma “perfeita joia”, mas depois do que pudera ver, Jeremiah sinceramente duvidava. Estava num grande baile em algum lugar naquela noite, “com todos os rapazes de Atlanta a seus pés, certamente”, o orgulhoso papai dizia, antes de acrescentar: “Têm mesmo de estar... o vestido que está usando custou-me uma fortuna.” Jeremiah riu meio sem graça dessas palavras, cansado da obsessão deles por dinheiro; e tudo que conseguia pensar, à medida que a noite se arrastava, era que ele quisera estar com Amelia em Savannah, vendo seu neto pela primeira vez e visitando sua filha. Que atmosfera diferente e muito mais distinta teria sido e, então, riu para si mesmo. Não era a elegância da cena que o atraía, mas a oportunidade de estar junto a Amelia, aspirar seu perfume sensual, beijar seus lábios e passar horas olhando-a nos olhos. Só de pensar nela veio-lhe um sorriso aos lábios, que Elizabeth Beauchamp achou destinar-se especialmente a ela e, antes de levantar-se para encaminhar as senhoras para a outra sala enquanto os homens fumavam charutos e bebiam conhaque, deu umas palmadinhas lânguidas na mão dele. Somente então o assunto que o trouxera a Atlanta foi mencionado e foi quase um alívio falar de negócios, depois daquela noite incrivelmente enfadonha.

Ficou aliviado quando os primeiros convidados começaram a se despedir, logo depois das 23 horas, e pôde refugiar-se na desculpa de que estava exausto da longa viagem e ansioso para retornar ao hotel e descansar, antes do início das negociações na manhã seguinte. A carruagem dos Beauchamp levou-o de volta ao hotel e meia hora mais tarde estava de pé no terraço admirando a cidade. Recordou as horas que ele e Amelia haviam passado juntos e tudo parecia quase um sonho, ao olhar assim para Atlanta. Já se esquecera dos Beauchamp. Ela era tudo em que conseguia pensar.

– Boa noite, meu amor – sussurrou ao voltar para o quarto, lembrando as palavras dela... “Case-se, Jeremiah... tenha filhos.” Mas não queria filhos agora. Só queria a ela. “Eu te amo”, dissera-lhe... eu te amo... palavras fortes vindas de uma mulher forte... Seu pensamento e seu coração estavam tomados por ela quando adormeceu na elegante cama de dosséis pouco tempo depois, sentindo-se desesperadamente sozinho.

Os negócios de Jeremiah com o consórcio de Orville Beauchamp foram extremamente bem-sucedidos e em uma semana, desde a sua chegada, a transação foi concretizada. Novecentos frascos de mercúrio deveriam ser enviados a eles para distribuição, entre outras coisas para a fabricação de balas e diversos apetrechos menores de guerra e para a exploração de minas em todo o Sul. Jeremiah ganhara um pouco mais de 50 mil dólares com a transação. Estava extremamente satisfeito com as condições, como também Orville Beauchamp, que recebeu uma comissão pela realização do negócio. Na verdade, ele fizera diversos outros negócios paralelos, envolvendo a revenda da sua parte de mercúrio. Ao contrário dos outros, não se destinava a fábricas de sua propriedade. Ele era mais uma espécie de intermediário e negociador, e estava interessado em grandes somas de dinheiro e negócios rápidos. Fechado o negócio, Beauchamp estendeu a mão para Jeremiah.

– Acho que devemos celebrar hoje à noite, meu amigo.

No momento em que as negociações começaram, as atividades sociais tinham cessado. Jeremiah jantara todas as noites no hotel e os Beauchamp não renovaram o convite para jantar, mas agora havia motivo para comemorações. Os sete sulistas e as esposas, bem como Jeremiah, estavam convidados para jantar em sua casa.

– ‘Lizabeth vai ficar muito satisfeita – insistiu, sorrindo.

Mas Jeremiah não acreditava, particularmente em se tratando de 15 pessoas de negócios para jantar. Entretanto isso era problema de Orville, não dele, e estava cansado depois daquela longa semana e ansioso para chegar em casa. Não conseguira uma conexão satisfatória de trens senão dentro de três dias e estava preso em Atlanta pelo fim de semana sem absolutamente nada para fazer, o que não o deixava nem um pouco satisfeito. Queria chegar em casa o mais rápido possível.

Uma ou duas vezes entretivera a ideia de ir a Savannah por uns dois dias enquanto esperava, mas não quis deixar Amelia constrangida. Ela estava visitando a filha e a chegada repentina de um estranho teria sido difícil de explicar. Assim, não tinha escolha senão tomar chá de cadeira em Atlanta e só esperava não ter de se encontrar muito com Orville Beauchamp depois desta noite. Embora lucrativa, definitivamente fora uma longa semana para ele.

A carruagem apanhou-o mais uma vez às oito horas e esta noite fora-lhe solicitado que usasse trajes formais. Ao que parecia, Beauchamp não ia fazer por pouco. Quando chegou, Jeremiah teve de admitir que tudo estava maravilhoso. Havia centenas de velas acesas nos candelabros e castiçais ao longo das paredes, imensos buquês de flores por toda parte, orquídeas, azaleias, jasmims e flores de aroma forte que Jeremiah nunca sequer havia visto, que pareciam acrescentar uma fragrância inebriante ao ambiente, enquanto as velas bruxuleavam e os convidados chegavam, cobertos de sedas, cetins e joias.

– Está com ótima aparência esta noite, Sra. Beauchamp. – Compreendeu, porém, imediatamente, que não devia ter dito isso.

“Ótima aparência” não era exatamente o efeito que Elizabeth Beauchamp se esforçava em conseguir. Parecia apreciar sua palidez e aspecto doentio.

– Obrigada, Sr. Thurston – respondeu com voz arrastada e seus olhos desviaram-se para os outros convidados que chegavam.

Jeremiah afastou-se e começou a conversar com um dos homens com quem estivera fazendo negócios a semana inteira e poucos minutos depois Hubert uniu-se a eles, contando uma história de um cavalo que queria ver em Tennessee. Jeremiah caminhou lentamente pelo grupo, trocando algumas palavras com um e com outro, sendo apresentado às esposas e finalmente a uma linda jovem loura que Hubert convidara para se juntar a eles. Era uma versão muito mais bonita, saudável e animada de sua mãe e Orville pareceu achá-la especialmente atraente ao se prepararem para dar início ao jantar. Foi somente então que percebeu que faltava uma pessoa e perguntou à sua mulher:

– Onde está Camille?

A Sra. Beauchamp pareceu ligeiramente nervosa e Hubert riu antes de responder a seu pai:

– Provavelmente lá atrás com um dos galãs dela!

Nem o riso nem o comentário denotavam uma brincadeira fraternal e sua mãe rapidamente o repreendeu.

– Hubert! – Virou-se em seguida para o marido: – Ela estava lá em cima se vestindo quando descemos.

Orville franziu a testa e falou em voz baixa com a mulher. Estava obviamente contrariado com o comentário de Hubert. Camille era a menina dos seus olhos, algo que não era segredo para ninguém que o conhecesse.

– Diga-lhe, ‘Lizabeth, que estamos prontos para o jantar.

– Não tenho certeza se já está pronta...

Elizabeth detestava confrontar-se com a filha e dar-lhe ordens, ainda que não fossem suas. Camille fazia sempre o que lhe aprazia e esta noite não seria nenhuma exceção.

– Diga-lhe apenas que a esperamos.

Os convidados não pareciam fazer objeção a mais um *mint julep* e Elizabeth Beauchamp desapareceu escada acima, retornando minutos mais tarde com ar aliviado e sussurrando alguma coisa no ouvido do marido. Ele assentiu e pareceu satisfeito com a resposta. Nada do que viu impressionou muito Jeremiah, que continuou caminhando entre os convidados, captando fragmentos de conversa aqui e ali à medida que vagueava pelo cômodo. Finalmente atravessou as belas portas duplas francesas que levavam ao jardim e ficou lá, desfrutando do frescor do ar primaveril, antes de retornar à sala.

Mas assim que atravessou a soleira da porta, parou, fascinado pelo que via: uma jovem pequena e delicada, de lustrosos cabelos negros e pele tão clara que parecia uma rainha da neve ali de pé. Seus olhos eram azuis como o céu de verão. Usava um vestido de tafetá azul-claro e um colar de topázios azuis, que só realçavam ainda mais o brilho e a cor dos seus olhos. Era a criatura mais estonteante que Jeremiah já vira e o surpreendente é que era a combinação perfeita dos pais, o cabelo negro do pai, a pele branca e os olhos azuis da mãe; no entanto, de duas pessoas absolutamente comuns, surgira esta pequena deusa, esta visão que flutuava entre eles agora, quase dançando ao caminhar, beijando, flertando e rindo. E Jeremiah de repente apercebeu-se das batidas do seu coração ao observá-la. Ela deixava as pessoas sem respiração e ocorreu-lhe que ela se parecia um pouco com Amelia... o mesmo

cabelo escuro, a pele clara... Podia ser Amelia quando jovem, mas ele se concentrava agora em Camille, enquanto ela pavoneava-se entre os convidados e os fazia rir, flertando com os homens, brincando zombeteiramente com as mulheres e apoiando encantadoramente o braço no do pai.

– Você ainda é uma menina impossível!

Jeremiah ouviu alguém dizer, não totalmente sem veneno, mas era fácil perceber que ela devia ser mesmo. E era igualmente fácil notar que ela deixava a mãe muito nervosa e era claramente objeto do ódio do irmão. Mas de certa forma Jeremiah achou divertido vê-la saltitando e pôde facilmente imaginar que ela vinha fazendo aquele tipo de jogo desde que aprendera a andar. Também era óbvio que o pai a adorava.

– Sr. Thurston – Orville Beauchamp pronunciou o nome dele como se estivesse prestes a lhe dar um prêmio. – Posso apresentá-lo à minha filha, Sr. Thurston? – Sorria radiante. – Camille, este é o Sr. Thurston, da Califórnia.

– Muito prazer, Srta. Beauchamp.

Jeremiah cortesmente beijou-lhe a mão e observou o brilho dos seus olhos. Era realmente uma menininha travessa, mas tinha algo de encantador, como um duende traquinas ou uma princesa encantada ligeiramente malvada. Jamais vira uma criatura tão devastadoramente linda e perguntou-se que idade deveria ter, concluindo que não poderia ter mais do que 17. De fato, fizera 17 em dezembro e desde então a vida dela tinha sido uma infundável sucessão de festas e bailes. Seu instrutor particular tinha sido dispensado no primeiro dia do ano e Camille estava encantada.

– Boa noite, Sr. Thurston.

Fez uma graciosa mesura para ele, proporcionando-lhe uma bela visão dos seios firmes e jovens, plenamente consciente de que o fazia. Camille fazia muito pouca coisa sem planejar. Era espirituosa e inteligente, e sagaz quanto ao efeito que causava nas pessoas a sua volta.

O jantar foi anunciado imediatamente em seguida a chegada dela e Jeremiah entrou pelo braço de Elizabeth Beauchamp, sentindo como se todo o seu mundo tivesse virado do avesso. Ficou surpreso e encantado ao se ver sentado entre Camille e outra senhora. E com a outra senhora absorvida numa conversa à sua direita, Jeremiah viu-se apenas com Camille Beauchamp para conversar. Achou-a brilhante e divertida e exatamente tão namoradeira quanto suspeitava, mas surpreendeu-se ao descobrir que tinha também algo mais. Parecia ter uma extraordinária compreensão de coisas práticas e um excelente tino comercial. Ela fez diversas perguntas muito inteligentes sobre o mais recente contrato dele, que surpreendeu-se ao verificar o quanto ela sabia a respeito dos negócios do pai. E quanto o próprio Orville havia-lhe contado. Certamente não era o que Jeremiah teria discutido com a filha, se tivesse uma.

– Ele lhe ensinou tudo isto?

Jeremiah estava espantado. Seria de esperar que ele estivesse mais interessado em ensinar a Hubert, embora indubitavelmente ele não estivesse tão ávido em aprender quanto a irmã.

– Em parte. – Parecia lisonjeada pelo reconhecimento dele quanto ao seu extenso conhecimento. – Um pouco eu simplesmente ouvi.

Sorriu com um ar de falsa inocência que divertia Jeremiah.

– A senhorita fez mais do que simplesmente ouvir, minha jovem. Discerniu as coisas e chegou a algumas conclusões muito interessantes.

Ela dissera uma ou duas coisas que ele achou extremamente perspicazes e ele nem sempre gostava de conversar assuntos de trabalho com mulheres, especialmente tão jovens. A maioria das moças teria

gaguejado ou olhado-o pasmada se tivesse sequer tentado discutir um décimo do que acabava de se passar entre eles.

– Gosto de ouvir sobre o trabalho dos homens.

Disse isso de um modo bastante prosaico, como se tivesse dito simplesmente que gostava de chocolate quente no café da manhã.

– Por quê? – Estava intrigado. – A maioria das mulheres acha muito sem graça.

– Eu não acho. Eu gosto. – Olhava-o diretamente nos olhos. – Estou interessada em saber como as pessoas fazem dinheiro.

Eram palavras chocantes e por um momento Jeremiah ficou impressionado demais para responder.

– O que a faz sentir-se assim, Srta. Camille?

O que se passava por trás daqueles inteligentes olhos azuis e lindos cachos negros? Sem dúvida não os pensamentos comuns a uma jovem de 17 anos. Era surpreendentemente firme em seus pontos de vista, mas na verdade era estimulante. Não havia nenhum fingimento, nenhum faz-de-conta por trás de um leque bordado. Dizia o que pensava, ainda que fosse chocante.

– Acho o dinheiro importante, Sr. Thurston – falou numa voz arrastada e musical. – E torna as pessoas importantes. E quando não o têm mais, deixam de ser importantes.

– Isso nem sempre é verdade.

– É, sim. – Era brutal em seu veredicto. – Veja o pai de minha mãe. Perdeu o dinheiro e a fazenda e já não era ninguém, e ele sabia disso, por isso suicidou-se com um tiro, Sr. Thurston. E veja o meu pai, tem dinheiro e é importante e se tivesse mais dinheiro, seria mais importante ainda.

Fitou-o, então, diretamente nos olhos.

– O senhor é um homem muito importante. Meu pai me disse. E deve ter uma enorme quantidade de dinheiro.

Falava como se ele tivesse toneladas de dinheiro, da varanda ao sótão, e a ideia do que ela dissera o fez rir embaraçado e divertido.

– Tenho mais terras do que dinheiro.

– Dá no mesmo. Em alguns lugares é terra, em outros é gado... são coisas diferentes de um lugar para o outro, mas significam o mesmo.

Sabia o que ela estava querendo dizer e imaginava se ela também o saberia. Seria quase assustador se o soubesse. Como podia saber tanto sobre negócios, dinheiro e poder?

– Acho que a senhorita se refere ao poder. Fala sobre a espécie de poder que as pessoas obtêm quando são bem-sucedidas ou importantes.

Era algo muito sutil para alguém de 17 anos perceber, especialmente uma mulher, e ela ficou pensativa por um instante e em seguida fez um movimento afirmativo com a cabeça.

– Acho que tem razão e foi isso que eu quis dizer. Gosto do poder. Gosto do que faz às pessoas, como se comportam, como pensam. – Olhou para sua mãe e novamente para Jeremiah. – Detesto pessoas fracas. Acho que meu avô era um homem fraco, para ter se suicidado daquele jeito.

– Foi uma época terrível no Sul, Camille. – Jeremiah falou em voz baixa, com receio de que a anfitriã os ouvisse. – Foi uma mudança terrível para muitas pessoas e algumas simplesmente não conseguiram sobreviver.

– Meu pai conseguiu. – Olhou-o com orgulho. – Foi quando fez toda a sua fortuna.

Era algo que a maioria das pessoas preferia não dizer, quanto mais se vangloriar. E tão rapidamente quanto levantou o assunto proibido, abandonou-o, voltando-se para Jeremiah com aqueles olhos de

céu de verão e um sorriso que teria derretido o coração de um homem de ferro.

– Como é a Califórnia?

Sorrindo dos contrastes em seu estilo, ele começou a contar-lhe sobre Napa Valley. Ela ouviu educadamente durante algum tempo e então ficou obviamente desinteressada. Não era uma garota que tivesse amor ao campo. Mostrou-se muito mais interessada nas histórias dele sobre São Francisco. Então contou-lhe sobre uma viagem recente que fizera a Nova York, que achou absolutamente fascinante e, se não estivesse casada aos 18 anos, seu pai a levaria à Europa, disse-lhe. Ele ainda tinha um primo distante na França e o que Camille realmente queria conhecer era Paris. Parecia uma garotinha falando sem parar e, enquanto a observava, Jeremiah viu-se não mais ouvindo o que ela dizia, mas inteiramente embevecido por sua delicada beleza. E era como se pudesse ouvir as palavras de Amelia para ele no trem... encontre uma jovem... case-se... tenha filhos. Esta era o tipo de garota que virava a cabeça de homens mais velhos e fazia seus joelhos tremerem. Contudo ele viera a Atlanta não para encontrar uma noiva, mas para fazer negócios. Tinha uma vida normal, sadia, para a qual retornar em Napa Valley, quinhentos empregados em três minas, uma governanta, uma casa, Mary Ellen e, de repente, como numa visão, quase podia ver Camille dançando entre eles. Era uma espécie de delírio pensar nisso e forçou o pensamento a concentrar-se no jantar, embora com esforço considerável.

Continuaram conversando durante todo o jantar e quando um pequeno conjunto de músicos começou a tocar no salão principal, após a refeição, Jeremiah educadamente convidou Elizabeth Beauchamp para dançar. Ela, porém, explicou-lhe que nunca dançava e que talvez ele gostasse de dançar com sua filha. Camille estava perto quando ela falou e ele nada pôde fazer senão oferecer-lhe o braço, embora se sentisse ligeiramente tolo dançando com uma jovem da idade dela. Tolo e ao mesmo tempo envaidecido, além de constrangido ao perceber que estava quase sem fôlego por causa dela. Precisou lutar contra o poder do seu encanto enquanto rodopiavam pelo salão e ele olhava nos olhos claros como safiras.

– Gosta de dançar tanto quanto gosta de ouvir falar de negócios?

– Ah, sim – sorriu-lhe, uma beldade sulista de imensos olhos azuis –, adoro dançar.

Era como se a conversa anterior nunca tivesse ocorrido e tudo em que pensava era em dançar. Teve vontade de rir alto e chamá-la de rapariga pequena e atrevida, o que certamente ela era.

– É um excelente dançarino, Sr. Thurston.

Era uma habilidade nata de que elegostava, mas achou engraçado o extravagante elogio e riu, enquanto rodopiavam pela sala nos braços um do outro. Havia anos que não se sentia tão feliz e não sabia explicar exatamente por quê. Era assustador admitir o quanto se sentia atraído por ela.

– Obrigado, Srta. Beauchamp.

Viu os olhos dele piscarem e riu também, conseguindo parecer ao mesmo tempo sensual e travessa, e mais uma vez ele precisou lutar contra seus instintos. De repente, tudo o mais estava esquecido, Amelia, Mary Ellen... tudo em que conseguia pensar era na atordoante criatura que tinha nos braços e foi quase um alívio quando a dança acabou. Ao término da última valsa, repentinamente apercebeu-se do calor no aposento, do brilho das velas acesas, do forte perfume das flores e depois do brilho dos olhos dela ao fitá-lo. E parecia tão delicada que o fez lembrar uma das belas flores sulistas dos imensos buquês que ornavam a sala. Queria dizer-lhe como era bonita, mas não ousava; afinal, era apenas uma menina de 17 anos e ele tinha mais do que o dobro de sua idade. Foi um pensamento aterrador ao conduzi-la de volta para perto da mãe. Pouco depois despediu-se de todos. Segurou-lhe a mão por um

breve instante, enquanto os olhos dela mergulhavam nos seus e ela lhe falava numa voz tão suave que lhe despedaçava a alma e, ao mesmo tempo, mexia com alguma coisa mais primitiva dentro dele.

– Eu o verei novamente antes de partir?

Havia uma súplica na voz dela e ele sorriu. Era só o que estava faltando nesta viagem, ser o objeto da paixão de uma garota e sucumbir ao seu fascínio. Se este era o caso, censurou-se, era tempo de voltar para a Califórnia.

– Não tenho certeza. Deixarei Atlanta dentro de alguns dias.

– O que fará até lá? – perguntou-lhe com os olhos meio arregalados como os de uma criança. –

Papai disse que o senhor tinha terminado todo o trabalho.

– Terminei. Mas não há nenhum trem para São Francisco até o início da semana.

– Ah – bateu palmas alegremente e fitou-o com um largo sorriso –, então terá tempo para algumas brincadeiras.

Ele riu alto e permitiu-se beijá-la no rosto.

– Boa noite, menina. Estou muito velho para brincadeiras.

E velho demais para brincar com ela. Nada mais disse, mas subiu na carruagem depois de cumprimentar o anfitrião. No trajeto de volta ao hotel, deixou o pensamento repassar os acontecimentos daquela noite e a sedutora Camille. Era uma criança impossível, mas, com aqueles imensos olhos azuis e aquela sagacidade, poderia conseguir o que quisesse, e sem dúvida conseguia. Era fácil compreender por que o pai a adorava, mas ela também era obviamente difícil de ser controlada. E ao pensar nela sentiu uma estranha sensação de algo mais, sentiu-se quase tonto ao recordar-se girando pelo salão nos braços dela quando dançavam a valsa. Havia algo de imoral em cobiçar uma garota tão jovem e ele se esforçou para afastá-la da mente, tentando substituí-la pela imagem de Amelia e, em seguida, de Mary Ellen, mas ninguém ia conseguir tirar Camille de sua cabeça. Finalmente deixou-se afundar no banco da carruagem com uma sensação opressiva e, se ela estivesse sentada a seu lado, criança ou não, a teria estreitado contra si. Possuía algo tão exótico, tão sensual, tão sedutor, que o fazia descontrolar-se e, sem nenhuma razão compreensível, sentiu-se amedrontado. E, de repente, sentiu-se ansioso para deixar Atlanta e voltar à Califórnia. Porque, se ficasse... seria impossível prever o que aconteceria.

O dia seguinte amanheceu quente e ensolarado, com o cheiro da primavera no ar, e Jeremiah levantou-se lentamente de sua cama, amarrou o roupão e dirigiu-se ao terraço do quarto. Estava decidido a enfrentar uma pilha de papéis que propositadamente espalhara na escrivaninha, mas seus pensamentos insistentemente retornavam à extraordinária ninfeta que conhecera na noite anterior e sentia-se furioso consigo mesmo por isso. E o pior de tudo é que ainda tinha mais dois dias e meio de espera em Atlanta, antes de pegar o trem para a Califórnia.

Apertou o botão da campainha no seu quarto e um camareiro apareceu para anotar o pedido do café da manhã. Meia hora depois, uma bandeja chegou, repleta de ovos com salsichas, pãezinhos e mel, suco de laranja, café e uma cesta de frutas frescas. Mas mesmo ao ver tudo aquilo, não sentiu vontade alguma de comer, apenas de ver Camille, e deu um murro na mesa no exato momento em que alguém batia na porta. Surpreso, abriu-a, vendo o criado dos Beauchamp ali de pé.

– Sim?

Estava espantado e constrangido com o soco que dera na mesa, embora o criado não pudesse tê-lo ouvido.

– Um recado para o senhor.

O criado sorriu afavelmente e estendeu a Jeremiah um envelope endereçado numa caligrafia floreada e mimosa. Por uma fração de segundo Jeremiah hesitou e, então, pegou-o, enquanto o criado permanecia esperando pela resposta, como lhe instruíram a fazer.

“É um lindo dia para um passeio no parque”, dizia o bilhete numa letra quase infantil, “gostaria de passar a tarde conosco? Almoçaremos em casa e, em seguida, iremos todos ao parque. Estará completamente a salvo”, provocava, “e talvez queira ficar também para o jantar”. Era uma criaturinha atrevida, exatamente como percebera na noite anterior, e ele não sabia absolutamente o que fazer. A lembrança dela atormentava-o, mas não tinha nenhuma certeza de que Orville Beauchamp teria prazer em ver seu sócio comercial passeando pelo parque com sua filha de 17 anos, e surgir na porta deles a cada refeição parecia mais do que ousadia também. Apesar disso, queria vê-la. Sentiu-se dividido ao ler o bilhete outra vez e, então, virou-se e atirou-o sobre a mesa, pegando uma caneta e uma folha de papel. Não sabia sequer o que dizer a uma menina como ela. Não tinha o costume de cortejar garotas de tão tenra idade e, no entanto, não havia nada infantil a respeito de Camille Beauchamp. Em praticamente todos os aspectos, era uma mulher jovem, bonita e muito tentadora.

“Se sua mãe estiver de acordo, cara Srta. Beauchamp”, respondeu, “ficarei extremamente feliz de almoçar e passear pelo parque com sua família e amigos” – não queria que nada sugerisse um encontro clandestino ou mesmo a sós – “e, na oportunidade, coloco-me inteiramente às suas ordens, Jeremiah Thurston”. Ele não sabia até que ponto suas palavras eram sinceras, e nem ela, até que a viu novamente

e seu coração quase se soltou das amarras. Trajava um vestido simples de renda branca e seus brilhantes cabelos negros dançavam nas costas em longos e graciosos anéis, presos apenas por uma fita de cetim azul-claro. E enquanto caminhavam no jardim antes do almoço, ela parecia mais do que nunca uma extraordinária menina e, ao mesmo tempo, uma jovem mulher devastadoramente bela.

– Estou tão contente que tenha resolvido vir hoje, Sr. Thurston. Deve ser terrivelmente maçante ficar no hotel.

– É, sim.

Era cauteloso com o que dizia. Não havia nada de enfadonho a respeito de Camille. Mas percebia também que havia em relação a ela algo ligeiramente perigoso. A atração dela era perigosa em si. Pela primeira vez na vida, sentiu-se capaz de uma loucura desenfreada. Desejava agarrá-la e puxá-la em seus braços, atirar sua sombrinha no chão e acariciar-lhe os cabelos. Afastou os olhos dela, como para fugir aos próprios pensamentos e quebrar o encanto. E imaginava se sua recente restrição a Amelia estava fazendo com que agora desejasse Camille ainda mais.

– Sente-se mal? – Ela notara a expressão quase dolorida e pareceu preocupada ao pousar a mão no braço dele. – É tão quente aqui no Sul. Talvez não esteja acostumado...

A voz dela foi desaparecendo e Jeremiah virou-se para encará-la. Como era inocente. Estava quase desmaiando de desejo por ela e profundamente chocado com a força dos próprios sentimentos. Afinal de contas, era pouco mais do que uma menina. No entanto, por mais que repetisse isso para si mesmo, não estava inteiramente convencido. Era muito mais uma mulher do que uma menina. Sem dúvida até Orville Beauchamp sabia disso...

– Absolutamente, estou bem. E é tão agradável aqui em seu jardim.

Olhava os canteiros de flores para não ter de olhar para ela e, então, repentinamente deu uma gargalhada. Era absurdo que um homem da sua idade estivesse tão enamorado de uma garota, ainda que muito bonita. Virou-se então para ela e falou um pouco do que sentia, na esperança de diminuir a tensão.

– Srta. Beauchamp, sabe que vira a minha cabeça?

A franqueza de suas palavras de certa forma ajudou e seus sentimentos não mais lhe pareceram sórdidos, mas ternos, e ela riu, encantada.

– Eu? E o senhor já é tão adulto...

Era o comentário perfeito e ambos riram enquanto ele tomava-lhe o braço e caminhavam juntos para o almoço, de braços dados. Conversaram sobre o tempo e sobre as festas às quais ela havia ido recentemente. Afirmava que os rapazes de Atlanta pareciam-lhe terrivelmente tolos.

– Não são... – Franziu as sobrancelhas ao levantar os olhos para ele, buscando as palavras certas. – Não são... importantes, como o senhor e meu pai.

Era a atração pelo poder que novamente o surpreendia.

– Um dia poderão ser muito mais importantes do que somos.

– Sim – assentiu, concordando em que ele pudesse estar certo –, mas neste meio-tempo são muito chatos.

– Que maldade, minha cara Srta. Beauchamp.

Por alguma razão que ele não sabia explicar, ela o divertia. Mesmo quando se mostrava impossível e mimada, achava-a encantadora e engraçada.

– As pessoas muito bondosas também me aborrecem. – Ela piscou os olhos e ele deu uma risada divertida. – Minha mãe é sempre bondosa.

Ela revirou os olhos dando uma risadinha abafada e ele disse, sacudindo o dedo para ela.

– Devia se envergonhar. A bondade é uma bela virtude numa dama.

– Então não tenho certeza se quero ser uma quando crescer, Sr. Thurston.

– Que escândalo!

Estava se divertindo como não o fazia há anos e sentou-se ao lado dela à mesa do almoço. Orville Beauchamp parecia particularmente satisfeito de ver Thurston tão entretido com a filha. Não parecera nem um pouco surpreso de ver Jeremiah entre eles novamente e Camille explicou rapidamente que convidara o Sr. Thurston para o almoço e um passeio no parque. Tudo o que fazia parecia receber a aprovação do pai. Só a mãe se mostrava sempre nervosa e num pavor mortal de algum terrível acontecimento. Era a mulher mais aflita que Thurston já vira, em flagrante contraste com a filha, feliz e satisfeita. Camille parecia perfeitamente à vontade. Mas quando não estava, todos ficavam sabendo, e sua mãe mais do que ninguém.

– Minha filha está se comportando, Sr. Thurston? – Beauchamp lançou-lhe esta pergunta do outro lado da mesa.

– Sem dúvida, Sr. Beauchamp. Estou encantado.

E Camille também parecia estar, a julgar pelo olhar brilhante que dirigiu a Jeremiah. Depois disso, pareceu mais reservada durante o final do almoço e foi somente quando passeavam no parque que o fez sentir-se contrafeito outra vez.

– Não acha que tenho idade suficiente para ser levada a sério, não é? – Olhava-o diretamente nos olhos, a cabeça inclinada para o lado, enquanto caminhavam vagarosamente pelo parque, e ele fingiu indiferença.

– O que quer dizer com isso, Camille?

– Sabe o que quero dizer.

– Levo-a muito a sério, é uma garota inteligente.

– Mas acha que sou uma criança.

Parecia irritada. Mas não teria ficado se pudesse ouvir o sangue correndo acelerado nas veias dele.

– Você é uma criança muito encantadora, Camille.

O sorriso dele era caloroso mas não tanto quanto o fogo nos olhos dela. Encarou-o, obviamente zangada.

– Não sou uma criança. Tenho 17 anos.

Falou como se dissesse 93, mas ele não riu.

– Tenho 43 anos. Podia ser seu pai, Camille. Não há nada errado em ser uma criança. Logo ficará mais velha e vai querer que as pessoas achem que é nova.

– Mas eu não sou uma criança. E o senhor não é meu pai.

– Quisera ser.

Falava em tom apaziguador, mas os olhos dela faiscavam do mesmo modo.

– Não quer não. É mentira. Percebi a maneira como me olhava quando dançávamos ontem à noite. Mas hoje fica o tempo todo se lembrando de quem eu sou, de que sou a filha de Orville Beauchamp e apenas uma menina. Bem, não sou uma criança. Sou mais mulher do que pensa.

E, com isso, apertou o corpo contra o dele e beijou-o na boca, deixando-o tão estupefocado que quase deu um passo para trás. Viu, porém, que não poderia ir a lugar algum a não ser para mais junto dela e, sem pensar, deixou o desejo dominá-lo e apertou-a contra si, beijando-a com toda a paixão que sentia

por ela. E quando seus lábios finalmente se separaram, sentiu-se horrorizado com o que fizera. Nem sequer se lembrou de que fora ela quem o beijara primeiro.

– Camille... Srta. Beauchamp... Queira desculpar-me...

– Não seja tolo... fui eu quem o beijou... – Não parecia ter perdido o sangue-frio em nenhum momento e, quando os outros apareceram na curva do caminho, parecia perfeitamente sob controle e tranquilamente tomou-lhe o braço. – Melhor continuarmos andando para que os outros não percebam...

E então, taciturnamente, deixou que lhe tomasse o braço e um instante depois começou a rir. Nada semelhante tinha-lhe acontecido antes.

Ela era facilmente a garota mais extravagante que já encontrara.

– Como ousa fazer uma coisa destas?

– Está chocado? – Parecia apenas um pouquinho preocupada, mostrava-se principalmente satisfeita, e ele teve vontade de parar e sacudi-la até que ela gritasse e, então, apertá-la junto a si... Obrigou-se a ouvir o que ela continuava a falar. – ...sabe, nunca fiz isso antes.

– Bem, assim o espero. As pessoas podem começar a comentar.

Ele ria agora. Imagine ser beijado por uma garota de 17 anos, porém mais do que isso... imagine corresponder ao beijo... Era como um sonho e ela olhava-o com curiosidade.

– Você vai contar?

– O que acha que aconteceria se eu o fizesse, Camille? Você seria acorrentada na cama por uma semana... ou um ano... e eu seria alcatroado e coberto de penas pelo seu pai, como castigo, e banido da cidade. – Ela riu alegremente, obviamente deliciada com a cena. – Fico contente em saber que tudo isso lhe parece muito atraente. Na verdade, não é desta maneira que eu geralmente prefiro sair de uma cidade.

– Então não vá.

Seus olhos quase lhe imploravam.

– Receio que seja necessário. Tenho negócios para administrar na Califórnia.

Ela não fez objeção a isso, mas havia certa tristeza em seus olhos.

– Quisera que não tivesse de ir. Não há ninguém como você por aqui.

– Tenho certeza de que há. Você deve ficar cercada de homens jovens e bonitos, simplesmente implorando para vê-la.

– Eu lhe disse, são todos ignorantes e enfadonhos. – Parecia impaciente ao levantar o olhar para ele.

– Sabe, nunca conheci ninguém como você antes.

– É muito gentil de sua parte, Camille. – Ele poderia ter dito o mesmo, mas não queria encorajá-la.

– Espero que voltemos a nos encontrar.

– Está apenas sendo educado. – De repente, ela pareceu quase às lágrimas, quando pararam novamente de caminhar e ela o fitou. – Detesto isto aqui.

– Atlanta? – Espantou-se. – Por quê?

Ela olhou para além das árvores no parque. Sabia bem por que e sabia como sua vida era diferente da vida de sua mãe quando jovem. Sem dúvida alguma ouvira o bastante sobre isso durante muitos anos.

– Seria diferente se vivêssemos em Charleston ou Savannah, mas... Atlanta é diferente de tudo isso. Tudo aqui é feio e novo. As pessoas não são tão refinadas como em outros lugares do Sul e quando vamos lá não são muito gentis conosco. É como minha mãe... ela sabe a diferença, fala-nos disso o

tempo todo. É como se papai não estivesse a sua altura e me julgasse como ele – fez uma careta –, e com Hubert é pior ainda.

Jeremiah riu.

– Detesto ficar aqui. Todos aqui pensam assim. Aceitam mamãe... mas cochicham sobre papai, Hubert e eu... não fazem isso no Norte e estou cansada disto aqui. Não importa quanto dinheiro seus pais tenham, falam de você o tempo todo, quem foi seu avô, de onde veio o seu dinheiro... veja a mamãe, não tem um centavo sequer em seu nome, mas mesmo assim acham que ela serve e nós não... já viu alguma coisa tão estúpida assim?

Os olhos dela chispavam ao fitar os olhos de Jeremiah. Sabia exatamente o que ela gostaria de falar, mas era um assunto difícil de discutir e estava espantado que o tivesse mencionado, e de maneira tão cândida. Era realmente uma garota espantosa. Nada lhe era proibido, nem mesmo os braços e beijos dele.

– Dentro de poucos anos, Camille, ninguém mais vai se importar. A aceitação vem com o tempo e talvez a... – hesitou diante do que ia dizer – ...fortuna de seu pai... ainda seja muito recente. Mas, com o tempo, vão esquecer. Quando você tiver seus filhos, tudo que lembrarão é quem era seu avô e de como você sempre se vestiu bem nos últimos 20 anos.

Mas ele não acreditava nisso, nem ela. O Sul era diferente.

– Não me interessa. Vou sair daqui um dia desses e ir para o Norte.

– As coisas não são muito diferentes lá. As pessoas são esnobes em Chicago e Nova York e até mesmo em São Francisco, às vezes, embora seja diferente lá porque todo mundo é recém-chegado.

– É pior no Sul. Sei que é. – Ela não estava completamente errada e os olhos deles se encontraram novamente quando ele observava o rosto dela. – Gostaria de morar na Califórnia com você.

Era algo chocante de ser dito e, de repente, imaginou se ela iria investir sobre ele outra vez, o que gostaria bem que fizesse.

– Camille, comporte-se. – Pela primeira vez ele falou com severidade, mas ela gostou disso também.

– Por que você não é casado? Tem uma mulher na Califórnia?

As coisas estavam piorando. Não havia como fazer aquela garota parar.

– O que quer dizer com isso? – Mostrou-se aborrecido e desviou o olhar.

– Quero dizer uma amante. Meu pai tem uma em Nova Orleans. Todo mundo sabe disso. Você sabe?

Jeremiah perdeu a o ar e olhou-a firmemente nos olhos.

– Camille, isto é uma coisa muito imprópria de ser dita.

– É verdade. Minha mãe também sabe. – E em seguida: – Bem, e você tem?

– Não.

Afastou Mary Ellen da cabeça, afinal ela não era uma concubina e esta menina não tinha nenhum direito de questionar isso. Nem de coisa alguma. Era muito sem cerimônia.

– O que sabe a respeito dessas coisas?

Era informada demais para uma garota de 17 anos e repentinamente ele desaprovou, ao começarem a caminhar de volta, na direção de onde tinham vindo. Mas a maneira como enfiou a mão no seu braço amoleceu-lhe o coração novamente.

– Você é um diabrete, você sabe, uma megera, e se você fosse minha filha, eu iria bater em você todos os dias.

– Não, não iria – riu melodiosamente nos ouvidos dele e adivinhou bem o que sentia –, ia me adorar porque ia se divertir muito comigo.

– Iríamos, hein? E o que lhe dá esta certeza? Ia fazer você lavar o chão, arrancar ervas daninhas do terreno e trabalhar na minas...

Mas o que estava dizendo? Estava fazendo o jogo dela de novo. Mas como evitar? A garota tinha algo de irresistível.

– Não, não faria isso. Teríamos uma criada.

– Claro que não. Eu a trataria exatamente como a uma mulher de índio.

Mas era óbvio que ela não acreditava numa só palavra do que ele dizia e ele viu-se perto demais dela ao deixarem o parque, cômico do perfume delicado, do farfalhar das sedas, o calor do braço esguio e o gracioso pescoço... as orelhas pequenas... sentiu uma onda de desejo apoderar-se dele de novo e deu um passo para trás repentinamente. Mas que droga, o que esta garota estava lhe fazendo? Havia nela algo diabólico ao levantar o olhar para ele.

– Sabe, eu gosto muito de você.

A tarde findava e a luz do sol era suave como sua pele.

– Eu também gosto muito de você, Camille. – Pareceu-lhe ver uma lágrima em seus olhos e ficou espantado.

– Eu algum dia o verei de novo?

– Espero que sim. Um dia.

Falaram-se muito pouco depois disso e voltaram para casa de braços dados. Sentiu quase uma sensação de perda ao se despedir dela e retornar ao hotel. E tentou tirá-la do pensamento, a noite inteira, virando-se e mexendo-se na cama. E ficou ainda mais inquieto ao constatar o alívio que sentira quando Orville Beauchamp enviou-lhe um bilhete no hotel no dia seguinte, convidando-o para jantar. E quando viu Camille novamente, compreendeu a falta desesperadora que ela lhe fizera desde a noite anterior, mas isso era ridículo, mesmo para ele. Mas seus olhos acariciaram-lhe o rosto e ela pareceu aliviada ao vê-lo novamente, embora tivesse receado que nunca mais o faria. Mal tiraram os olhos um do outro durante toda a refeição. Beauchamp notou e seu filho pareceu divertir-se. Quando finalmente Orville e Jeremiah ficaram sozinhos para o conhaque e charutos, Orville Beauchamp o encarou. Não fez nenhum preâmbulo ao seu discurso e Jeremiah sentiu-se como se tivesse levado um soco no peito à menção do nome dela.

– Thurston, Camille significa tudo para mim.

Como um rapazinho, sentiu-se ruborizar.

– Compreendo isto perfeitamente. É uma jovem encantadora.

Oh, Deus, o que tinha feito. Será que ele sabia que se haviam beijado? Sentiu-se como um garoto que fez algo errado e vai ser repreendido, mas era bem feito. E ele esperava nervosamente.

– A pergunta que eu quero lhe fazer – fitou Thurston diretamente nos olhos – é o quanto ela é encantadora para você?

Ele não mediu as palavras e Thurston quase esquivou-se. Merecia o que lhe estava acontecendo. Não tinha nenhum direito de flertar com uma jovem da idade dela. No entanto, Beauchamp não parecia aborrecido. Agora, porém, Jeremiah precisava lidar com a questão.

– Não sei se compreendo o que quer dizer.

– Ouviu o que eu disse. Até que ponto minha filha o atrai?

Oh, meu Deus...

– Muito atraente, é claro, senhor. Mas peço-lhe desculpas se o ofendi ou à Sra. Beauchamp de alguma forma... Eu... realmente não há desculpa para...

– Fique quieto! Os homens sempre agem como tolos perto dela. Moços, velhos, todos ficam meio loucos quando ela vira aqueles olhos azuis para eles, bem consciente dos seus próprios poderes, Thurston, não se iluda. Eu não me queixo de nenhuma afronta. Estou lhe fazendo uma pergunta franca, de homem para homem. Mas talvez seja melhor eu me explicar primeiro. Ela é o que eu mais amo nesta vida. Se eu tivesse que abrir mão de tudo, negócios, dinheiro, casa, esposa e ficar apenas com uma coisa... ficaria com Camille. Ela é tudo que realmente me importa – considerou suas palavras e pensou melhor no que tinha dito –, ou quase, de qualquer forma.

Riu e, em seguida, seu semblante tornou-se sério novamente.

– E eu quero tirá-la do Sul. Isto não é um lugar para uma garota inteligente. São todos tolos aqui, esnobes, ultrapassados, sem nenhum dinheiro, e aqueles que têm dinheiro, como eu – olhou honestamente para o homem sentado à sua frente –, não são o tipo de homem que desejo para ela. São grosseiros e incultos, rudes, e mais da metade deles não é tão inteligente quanto ela. É uma garota extraordinária sob muitos aspectos, o melhor de dois mundos, mas, por causa disso, não se adapta aqui. Os homens como o avô são todos fracos, lamurientos e pobres; os outros não servem. Thurston, não há qualquer coisa suficientemente boa para ela aqui. Nem em Atlanta, nem em Charleston, Savannah, Richmond ou qualquer outro lugar do Sul. Estava pensando em levá-la a Paris no ano que vem e apresentá-la à aristocracia.

Jeremiah ficou imaginando como Beauchamp iria conseguir isso, embora às vezes seja surpreendente o que o dinheiro pode alcançar.

– Na verdade, venho lhe prometendo isso há muito tempo. Mas quando você entrou em nossa casa na semana passada... Thurston, tive uma ideia surpreendente.

Jeremiah sentiu o corpo inteiro enregelar-se. Sua vida inteira estava a ponto de mudar e ele sabia disso.

– Você é o homem perfeito para ela. E ela parece estar muito encantada por você.

Jeremiah pensou imediatamente no beijo com que ela o atacara no dia anterior e que ele absolutamente não rejeitara.

– Você é um homem bom. Tenho ouvido isso de todos e eu mesmo gosto de você. E acima de tudo, eu confio nos meus instintos. Não é qualquer um que conseguiria lidar com Camille.

Jeremiah riu ao ouvir isso, era realmente uma ideia avassaladora, e viu-se encarando seu anfitrião.

– E então? O que diz? Estaria interessado em se casar com minha filha, senhor?

Era a pergunta mais direta que já lhe havia sido feita, como comprar gado, terras ou uma casa e, no entanto, tinha um desejo insano de dizer sim. Precisou respirar fundo e colocar o copo na mesa, antes de responder ao seu anfitrião, e o silêncio se estabeleceu entre eles como uma grande pedra no aposento.

– Não sei bem por onde começar, ou o que dizer, Sr. Beauchamp. Ela é uma garota notável, não há nenhuma dúvida a respeito. E eu estou profundamente lisonjeado por tudo que disse. É fácil ver o quanto se importa com sua filha e ela é grande merecedora dos sentimentos que lhe devota.

Jeremiah podia sentir o coração descompassado novamente, era como se não tivesse voltado ao normal desde a primeira vez que pusera os olhos nela, mas o que ele dissesse agora poderia modificar o resto de sua vida e era fundamental que pesasse cada palavra, mais cuidadosamente do que ouro.

– Mas devo lhe dizer, senhor, eu tenho quase três vezes a idade dela.

– Certamente nem tanto... – Orville Beauchamp pareceu apenas ligeiramente perturbado.

– Tenho 43 anos. Ela tem 17. Creio que uma diferença como esta seria repulsiva para ela. Além disso, moro há cerca de quatro mil quilômetros daqui, num lugar muito menos sofisticado. Falou em apresentá-la à aristocracia na França... Sou um mineiro, senhor... Vivo uma vida simples, numa casa vazia, a 16 quilômetros da cidade mais próxima. Por certo não é uma vida muito atraente para uma jovem.

– Se for apenas isso o que o impede, poderia mudar-se para a cidade. Para São Francisco. Não há nenhuma razão pela qual não pudesse administrar suas minas de lá. Já estão estabelecidas. Não poderia estar aqui se não fosse assim.

Jeremiah tinha de concordar que isso era verdade.

– Poderia construir uma casa para ela na cidade e com o tempo se acostumaria com a vida no campo – sorriu. – Poderia até lhe fazer bem. Às vezes eu acho que a vida dela é muito frívola aqui, embora eu deva confessar que sou parcialmente responsável por isso. Não gosto de vê-la entediada, por isso a levamos a bailes a maior parte do tempo. Mas seu estilo de vida pode lhe fazer bem. – o pai de Camille franziu a testa. – Mas esse não é o ponto. O ponto fundamental é: poderia vir a se interessar por ela?

Jeremiah Thurston sentiu um sopro de ar atravessar seus pulmões, como se fosse o último.

– Nunca imaginei que eu fosse dizer isso, senhor, mas há uma grande possibilidade de que já esteja acontecendo. Na verdade, nem eu mesmo compreendo o que sinto por ela, e tenho lutado contra isso desde o primeiro instante em que nos encontramos, se por nenhuma outra razão, por respeito ao senhor. Ela mal passa de uma menina, uma jovem, e eu sou muito velho para isto. Levo uma vida simples, sossegada, como disse, e há muito desisti desses sonhos.

... E, no entanto, conhecera Amelia no trem e ela tocara um lugar em seu íntimo e, antes disso, vira o filho de John Harte morrer nos braços dele... e de repente, pela primeira vez em 20 anos, desejou algo que nunca tivera, uma mulher para amar e um filho seu... algo diferente de voltar para Hannah todas as noites e passar os sábados com Mary Ellen Browne... e de repente havia Camille, como uma visão num sonho, a personificação de tudo que nunca tivera ou imaginara ter...

– Algo me aconteceu na semana que passou – era tudo que conseguiu dizer – e preciso de algum tempo para pensar sobre isso.

Já não tinha certeza do que sentia, depois de Amelia e isto agora. Orville Beauchamp não pareceu descontente.

– Ela ainda é muito nova. E eu não quero que lhe diga nada.

Jeremiah espantou-se.

– Não tinha nenhuma intenção de fazer isso, senhor. Eu mesmo preciso de tempo para pensar. Quero ver o que acontece quando voltar para a minha vida rotineira, minha casa vazia, minhas minas. – Suspirou.

De repente tudo isso lhe parecia desesperadamente solitário. De repente sentia que precisava dela. E nunca se sentira deste modo a respeito de ninguém... não desde Jennie... ou mesmo então...

– Não sei o que sinto por ela. Neste exato momento, eu lhe pediria a mão dela esta noite – sua voz estava rouca e gutural pela força do que sentia por ela –, mas quero ter certeza de estar agindo corretamente com ambos. Que idade ela tem agora?

De repente deu um branco em sua cabeça, tudo o que conseguia pensar era nos olhos, braços... e lábios dela...

– Dezessete.

– Voltarei dentro de seis meses para pedir a mão de Camille, se isto ainda me parecer o certo. Se não, eu o avisarei muito antes disso. Virei a Atlanta, se o senhor ainda estiver de acordo, e a pedirei em casamento. Então, retornarei novamente dentro de seis meses e a levarei comigo.

– Por que tanto tempo? Por que não levá-la com você daqui a seis meses, se for isso o que decidir?

– Quero construir uma casa decente na cidade, se ela concordar em se casar comigo. Devo-lhe isto, pelo menos. Pode ficar descansado, Sr. Beauchamp, se eu me casar com sua filha, darei a ela uma boa vida em todos os sentidos.

Seus olhos pareciam enfatizar suas palavras e Beauchamp aquiesceu.

– Não tenho dúvida alguma a esse respeito. Somente por isso lhe falei. É o que realmente penso. Você será a melhor coisa que acontecerá a ela.

– Espero que sim.

Os olhos de Jeremiah brilhavam estranhamente. Sentia-se como se tivesse feito o melhor negócio de sua vida. Os novecentos frascos negociados havia apenas alguns dias não significavam nada para ele. Mas Camille... era um sonho que se tornava realidade, e ele já sabia que estaria de volta dentro de seis meses. Isto fez com que olhasse de modo diferente para Camille quando ele e Orville emergiram da sua reclusão na sala de jantar.

– O que meu pai lhe disse? – sussurrou-lhe. – Alguém viu a gente se beijando?

Não parecia muito preocupada com isso, no entanto, e Jeremiah divertia-se. Ao olhar para ela agora, era ele quem queria agarrá-la nos braços e cravar-lhe um beijo nos lábios.

– Sim – respondeu-lhe também num sussurro, zombando dela. – Vai mandá-la para um convento, para ficar guardada pelas freiras até completar 25 anos.

– Ah, não vai não! – exclamou rindo. – Ele nunca faria tal coisa. Sentiria muita falta de mim!

Isso o fez lembrar-se do sacrifício que Beauchamp iria fazer, se Jeremiah se casasse com ela e a levasse, mas ele estava certo num ponto: era melhor para ela. De certa forma nunca seria aceita no Sul e ela própria o sabia. Seu sangue era manchado pelo de Beauchamp e não seriam perdoados por isso durante cem anos pelo menos, se um dia o fossem. Seu irmão não parecia se importar, mas era óbvio que isso incomodava Camille. Mesmo a mãe se portava constantemente como se houvesse algo de podre na casa e falava de Savannah como uma terra para sempre perdida para ela, não importava quantas vezes por ano a visitasse. Vivia no exílio.

– Na verdade – Jeremiah sentia-se estranhamente relaxado para um homem que acabara de selar seu destino, ou quase –, discutíamos outro negócio. Volto a Atlanta para tratar disso com ele dentro de seis meses.

Camille ficou intrigada.

– Mais mercúrio? – Parecia surpresa. – Pensei que o consórcio tivesse comprado o suficiente para um ano.

Era constantemente surpreendido pelo muito que ela sabia e, mais do que isso, pelo muito que compreendia.

– É mais complicado do que isso. Eu lhe explicarei outra hora. Olhou o relógio. – Mas já está ficando tarde. Devo voltar ao hotel, para ver se arrumaram minhas malas. Vou partir pela manhã, menina.

De repente sentia-se curiosamente possessivo a respeito dela; não queria, porém, que isso transparecesse. Virou-se e disse qualquer coisa para a Sra. Beauchamp, mas ela não parecia estar prestando atenção nele e foi se afastando, deixando-os a sós novamente.

Camille olhou-o com um olhar arregalado e triste.

– Se eu puder, antes de você voltar, talvez lhe escreva.

– Gostaria muito.

Mas ele também queria tempo para pensar.

Olhou-o com estranheza, então, como se soubesse...

– Papai disse que ia me levar à França este ano, talvez eu não esteja aqui quando você voltar...

Ele, porém, sabia que estaria. Ou talvez devesse deixar que Beauchamp a vendesse a um condezinho ou a um duque insignificante. E então a ideia o revoltou. Ela não era um objeto para ser vendido, nem mesmo para ele. Era uma mulher, um ser humano... uma menina... de repente, mais do que nunca, queria tempo para pensar se ela seria ou não feliz com ele. Ele queria olhar suas colinas ondulantes, olhar pelas janelas do cômodo no qual dormia e tentar imaginá-la ali com ele.

– A Califórnia é tão longe...

A voz dela soava tão fraca e desamparada que ele estendeu a mão e apertou a dela.

– Eu voltarei.

Era uma promessa tanto para ela quanto para si mesmo e imaginou se realmente o faria. A vida dele nunca mais seria a mesma e não sabia ao certo se queria que continuasse a ser. Olhou a magnífica jovem ali a seu lado e disse as únicas palavras que ela desejava ouvir:

– Eu te amo, Camille... lembre-se disso...

Beijou-lhe os dedos suavemente e depois o rosto. Em seguida, com um firme aperto de mão e um olhar cúmplice trocado com Orville Beauchamp, partiu, sem deixar nenhum deles exatamente como eram antes, muito menos ele mesmo.

O barco chegou a Napa bem cedo numa reluzente manhã de sábado e Jeremiah pensava em alugar um coche para levá-lo para casa em Santa Helena. Telegrafara às minas para avisar que estaria de volta ao escritório segunda-feira de manhã e tinha um fim de semana inteiro em casa para separar os papéis e a correspondência e vistoriar os vinhedos. Olhou em torno, ali de pé na doca, e respirou fundo aquele ar que lhe era familiar. As colinas a distância pareciam ainda mais verdes do que três semanas antes, quando partira de Napa e, de repente, enquanto estava ali, viu o garoto que o levava à estação, o garoto a quem prometera o emprego das manhãs de sábado. O pequeno Danny Richfield.

– Olá, Sr. Thurston!

Acenou do alto do banco na carruagem e Jeremiah foi em direção a ele com um sorriso. Era agradável ser recebido, ainda que por um garoto que mal conhecia, e enquanto caminhava ocorreu-lhe que o rapaz era apenas alguns anos mais jovem do que Camille. Era um pensamento estranho, enquanto atirava as malas em cima e sorria para Danny.

– O que está fazendo aqui, filho?

– Meu pai disse que o senhor chegaria hoje, então pedi-lhe para usar a carruagem para vir apanhá-lo.

Pulou para o lado do rapaz e atualizou-se com as novidades no caminho de casa. As duas horas e meia passaram rapidamente enquanto Jeremiah olhava alegremente em torno. Ficava apaixonado por Napa Valley cada vez que o via.

– Parece contente de estar de volta, senhor.

– Estou – sorriu satisfeito para o rapaz. – Não há nenhum lugar no mundo como este vale. Nunca se iluda com isso. Pode lhe dar vontade de sair por aí um dia mas, se o fizer, nunca encontrará um lugar do qual vá gostar mais.

O rapaz, porém, parecia duvidar das palavras dele. Havia lugares mais empolgantes no mundo, e sabia disso. Além do mais, queria ser um banqueiro quando crescesse e que interesse teria ser banqueiro em Napa Valley? No mínimo, ia querer ir para São Francisco... ou St. Louis... Chicago... Nova York... Boston...

– Fez uma boa viagem, senhor?

– Fiz.

Ali sentado, olhando para o garoto, a lembrança de Camille tomou conta de seus pensamentos novamente. Como era ela? Onde estaria agora? O que acharia deste lugar? Perguntas como essas tinham pressionado sua mente durante toda a longa viagem de volta e ainda mais agora que estava de novo em Napa. De repente, viu tudo como se fora através dos olhos dela, imaginando como seria trazê-la ali pela primeira vez.

Quando a carruagem parava vagarosamente diante de sua casa, ficou sentado por um longo tempo olhando em torno. O que ela acharia de tudo isto? perguntava-se. De certo modo, era difícil imaginá-la ali. E havia tanta coisa que ele não fizera ao longo dos anos... plantar canteiros de flores, colocar cortinas, todas as coisas que Hannah havia muito desistido de ficar insistindo com ele e que agora, de repente, lhe pareciam importantes. Mas estava colocando a carroça adiante dos bois. Viera para casa para ver como se sentia a respeito dela, não para reformular todo o seu mundo para ir ao encontro dos desejos dela, ou era isso mesmo o que desejava fazer? Já parecia ter tomado uma decisão; entretanto, havia outra coisa que precisava resolver antes. E estava bastante consciente disso ao agradecer ao rapaz por tê-lo trazido e entrar silenciosamente em casa. Jeremiah sabia muito bem que dia era aquele. E queria ir para as minas e ver como estavam as coisas por lá, mas depois disso... tinha de ser honesto com ela... com quem? Com Camille, perguntou-se... ou Mary Ellen Browne?... Sentiu a cabeça pesada e, de repente, viu Hannah observando-o com a expressão costumeira.

– Bem, você não parece pior do que já estava.

Não havia nenhuma correria para dar-lhe um abraço ou cumprimentá-la e ele lhe sorriu.

– Você sem dúvida pode pegar um homem desprevenido, aí parada. Como a vida tem lhe tratado desde que parti?

– Nada mal. E você, rapaz?

Ele riu, para ela ainda era um rapaz e provavelmente sempre seria.

– É bom estar de volta.

E realmente era. O vale onde morava significava mais para ele do que qualquer outro lugar no mundo. Ainda que viesse a sentir que lhe faltava algo ali. Mas talvez não por muito tempo. Levantou os olhos e viu Hannah fitando-o.

– O que você andou aprontando, rapaz? Está com um ar culpado dos infernos. – Conhecia-o melhor do que ninguém, o bastante para saber que alguma coisa acontecera desde que partira. – Andou fazendo alguma travessura lá no Leste?

– Alguma. – Seus olhos sorriram para ela.

– Que espécie de travessura?

Era quase impossível de explicar e não sabia por onde começar.

– Bem, vejamos. Fechei um negócio muito importante.

Estava buscando uma evasiva e ela não se deixou tapear.

– Isto não me interessa nem um pouco e você sabe que não é isso que estou dizendo. O que mais andou fazendo?

– Conheci uma moça fascinante.

Estava decidido a acabar com o sofrimento dela e agora seus velhos olhos brilhavam.

– Exatamente o quanto ela era fascinante, Jeremiah? Você pagou por ela ou foi de graça?

Ele deu uma sonora gargalhada e ela sorriu maliciosamente.

– Essa pergunta é extremamente grosseira e certamente não fica bem para uma dama. – Zombava dela e ela o sabia.

– Não sou nenhuma dama. Agora confesse.

– Não, não “paguei por ela”. Tem 17 anos e é a filha do homem com quem fiz negócio – disse Jeremiah, maliciosamente.

– Anda perseguindo crianças agora, Jeremiah? Dezesete não é muito pouco para você?

Franziu a testa à observação. Ela estava com a razão e era precisamente isso que ele temia. Pusera o dedo na ferida, sem o saber. E ele empertigou-se e tentou varrer Camille do pensamento.

– Acho que sim. É o que eu lhe disse, e ao pai dela, antes de partir.

Mas alguma coisa no semblante dele de repente revelou tristeza e dor, e Hannah agarrou-lhe o braço antes que saísse da sala.

– Não, não saia correndo como uma vaca ferida, seu bobão. Não espero que você ande atrás de uma velha bruxa que nem eu. Afinal, talvez 17 não seja assim tão pouco. Conte-me como ela é – teve a repentina intuição de que se tratava de coisa séria. – Vamos, Jeremiah. Fale-me desta garota que você conheceu... gosta muito dela, não é, meu rapaz?

Os olhos deles se encontraram e de repente ela compreendeu tudo e quase perdeu o fôlego. Nunca vira tanto amor no olhar de um homem e no entanto não a conhecia há muito tempo.

– Ora essa, Jeremiah... está falando a sério, não é? – Sua voz era macia como madeira antiga e polida, e ele fez um sinal positivo com a cabeça ao fitá-la nos olhos.

– Acho que estou, minha amiga. Não sei... tenho de pensar... Nem sei se ela seria feliz aqui. Está acostumada a uma vida diferente no Sul.

A voz de Hannah soou rouca quando falou novamente.

– Bem, ela seria uma garota de muita sorte se você resolvesse trazê-la para cá.

Jeremiah sorriu àquela parcialidade.

– Eu é que teria sorte... É uma garota muito especial, mais inteligente do que muitos homens que conheço e mais bonita do que qualquer mulher que eu já tenha visto. Não se pode pedir mais do que isso.

– É uma boa pessoa?

Era uma pergunta estranha e causou uma inquietação indefinida em seu âmago... boa... isto não sabia a seu respeito. Jennie fora boa, honesta, afetuosa, carinhosa, gentil... Mary Ellen era bondosa, mas Camille? Boa... inteligente, divertida, engraçada, encantadora, sensual, ardente, estimulante...

– Tenho certeza de que sim.

Por que não o seria? Tinha 17 anos. Mas Hannah tinha trazido outro pensamento à mente e agora os olhos deles se encontraram e não se desviaram.

– O que vai fazer a respeito de Mary Ellen, meu camarada?

– Não sei ainda. Pensei nisso o tempo todo no caminho de volta, no trem.

– Já se decidiu a respeito dessa jovem? Dá a impressão de que sim.

– Ainda não sei. O que eu mais preciso é de tempo... tempo para mim mesmo... para me decidir...

Mas isso significava manter distância de todo mundo. Sabia o que devia fazer mas encolhia-se à ideia de contar-lhe. Lembrava-se das palavras dela na última tarde de sábado... “Não vá encontrar a garota dos seus sonhos em Atlanta.” ...Não seja tola, dissera-lhe... não seja tola... e no entanto ele encontrara... Como podia ter feito isso, depois de todos aqueles anos, e de repente estava pensando em transformar toda a vida dele de um modo que nunca fizera por ninguém, muito menos por Mary Ellen Browne. Tudo que lhe dera fora uma noite por semana e agora queria oferecer toda a vida àquela garota atrevida... mas sentia algo por ela que nunca, jamais, sentira antes. Uma paixão que queimava a alma. Teria andado cem mil quilômetros por ela, carregado-a através do deserto, arrancado seu coração e depositado-o nas mãos dela.

– Você parece doente.

– Acho que estou. – Sorriu-lhe ironicamente. Era uma espécie de doença, uma insanidade que nunca sentira antes. – O que se faz com uma coisa dessas?

– Vá atrás dela, se a quer tanto assim, mas primeiro tem de resolver outra coisa.

Ambos sabiam que teria de fazê-lo e isso o apavorava agora. Ela sempre fora boa para ele e não queria feri-la após todos esses anos, exceto que sabia que o faria. Não havia nada mais que ele pudesse fazer. Virou o rosto e ficou olhando o vale. Era um lugar tão lindo, era difícil imaginar que alguém pudesse se sentir infeliz ali, embora houvesse quem se sentisse. Voltou-se novamente para Hannah.

– Tem visto John Harte?

Ela balançou negativamente a cabeça.

– Ouvi dizer que se recusa a ver quem quer que seja. Trancou as portas e se embebedou durante mais de uma semana e agora está trabalhando nas minas com os homens. Perdeu quase a metade deles quando a doença se foi – olhou tristemente para Jeremiah. – Nós perdemos dois, mas nunca nos atingiu muito forte na sua ausência.

Disse-lhe quem eram os dois homens e ele olhou-a com tristeza. Por que não havia meios de impedir uma coisa assim? Como a vida era injusta às vezes.

– Dizem que John Harte parece enlouquecido agora. Trabalha a noite toda, o dia todo, grita com todo mundo e se embebeda no instante que sai das minas. Acho que vai levar algum tempo.

Jeremiah lembrou-se de sua falecida noiva novamente e de repente isso o assustou em relação a Camille. E se ela adoecesse na sua ausência, se ele ao voltar a encontrasse morta? Uma repentina onda de terror se apoderou dele e Hannah leu-a em seu rosto e meneou a cabeça.

– Está sendo difícil para você, rapaz.

– Eu sei.

Mal podia falar depois do medo que sentira um instante atrás.

– Espero que ela mereça, porque está conquistando um homem bom – suspirou. – E suspeito que Mary Ellen Browne está a ponto de perder o melhor homem que já teve.

– Não... – virou-se novamente. – Não, droga...

Talvez fosse um erro terminar tudo agora; no entanto, seria pior se continuasse e no final se casasse com Camille... Podia dar a Mary Ellen o direito da escolha, é claro, mas não seria justo para com ela. Soltou um suspiro profundo e levantou-se. Queria tomar um banho e trocar de roupa antes de ir para a mina e, então, teria de encarar Mary Ellen novamente. Era curioso, havia apenas algumas semanas que a deixara com pesar e agora ia lhe dizer adeus. Como a vida era estranha. Olhou para sua velha governanta e sorriu.

– Talvez, no final, tudo venha para melhor.

– Assim espero, por você.

Ele sorriu e deixou o aposento. Meia hora depois estava montado em seu cavalo, em direção à mina.

Quando Jeremiah atrelou o cavalo à árvore atrás da casa de Mary Ellen naquela noite, não havia sinal das crianças em parte alguma. Deu a volta até a porta da frente e bateu. Ao vê-lo, ela rapidamente abriu a porta. Usava um belo vestido de algodão cor-de-rosa e o cabelo ruivo brilhava. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela atirou os braços em torno do pescoço dele e beijou-o com força. Por um instante se conteve, mas logo sentiu a costumeira onda de desejo percorrê-lo e apertou-a de encontro a si, com a mesma sensação agradável que sentia quando a tinha nos braços. Somente então, recompondo-se, afastou-a e seus olhos evitaram os dela ao entrarem na sala.

– Como tem passado, Mary Ellen?

– Sentindo sua falta.

Seus olhos buscaram o rosto dele e parecia imensamente feliz de vê-lo, quando se sentaram na minúscula sala. Raramente ficavam ali e ela se sentiu um pouco deslocada de o fazer agora, como se ele fosse outra pessoa. Havia sempre certo constrangimento quando ele retornava, mas ela sabia que, quando iam para a cama, as sensações familiares voltavam e as coisas voltavam a ser como sempre tinham sido.

– Estou contente por você estar de volta, Jeremiah.

Ao ouvi-la dizer isso, sentiu um inconfundível baque no coração. Era dor, pesar e culpa. Fitava-o com olhos súplices e ele sentia o estômago revirar. Repentinamente, imagens de Camille se esgueiraram em sua mente e pôde ouvir as palavras de Amelia novamente... case-se... e ela estava com a razão, mas onde tudo isto deixava Mary Ellen?

– Também estou contente de estar em casa outra vez. – Não sabia o que mais dizer. – Como vão as crianças?

– Bem. – Sorriu quase timidamente. – Levei-as para a casa de mamãe, para o caso de você vir. Ouvi dizer que voltaria para casa esta noite.

Sentia-se um animal. O que podia dizer? “Há uma garota de 17 anos em Atlanta...”

– Tem um ar cansado, Jeremiah. Quer comer alguma coisa?

Não disse as palavras “antes de irmos para a cama”, mas bem que podia ter dito. Ele parecia tê-las ouvido em alto e bom tom e fez um sinal negativo com a cabeça.

– Não, não... estou bem... Você está bem?

– Estou – então, sem dizer outra palavra, enfiou a mão por dentro da camisa dele e beijou-lhe o pescoço suavemente. – Senti muito sua falta.

– Eu também senti sua falta.

Tomou-a nos braços e apertou-a com força, como se quisesse confortá-la da dor que estava prestes a lhe infligir; de repente, nem mesmo sabia ao certo por que o deveria fazer. Por que tinha de dizer

alguma coisa? Entretanto, tinha de fazê-lo. E sabia disso. E foi quase como se ela também o soubesse.

– Mary Ellen – afastou-se lentamente – precisamos conversar.

– Agora não, Jeremiah.

Parecia assustada e ele podia sentir o próprio coração batendo.

– Sim, precisamos... eu... tenho algumas coisas a lhe dizer...

– Por quê? – Os olhos dela estavam enormes, arregalados e tristes. Sabia o que viria em seguida.

Tinha certeza. – Não há nada que eu precise saber. Você está em casa agora.

– Sim, mas...

E então, de repente, ela o olhou com genuíno pavor. Seria mais do que apenas a confissão de uma indiscrição durante a viagem? Repentinamente sentiu que ele ia mudar toda a sua vida.

– Jeremiah... – Sentira-o antes de ele partir, tivera medo. Sempre tivera. – O que aconteceu? –

Talvez fosse melhor saber.

– Não estou bem certo.

Isso era pior ainda. E via claramente agora como ele estava confuso.

– Há outra pessoa? – Sua voz era tensa, seus olhos tristes e vê-la assim era como enfiar uma faca no coração.

Como poderia lhe dizer? Tinha a voz rouca quando falou:

– Acho que sim, Mary Ellen. Realmente não sei ao certo. – Tentava desesperadamente não pensar em Camille, mas apesar disso a imagem dela enchia sua cabeça. – Simplesmente não tenho certeza. Nas últimas três semanas, a minha vida virou pelo avesso.

– Ah – ela recostou-se no pequeno canapé, fingindo calma. – Quem é a moça?

– Ela é muito jovem. Jovem demais – eram palavras que feriam. – Pouco mais que uma menina. E nem mesmo sei o que sinto por ela...

As palavras dele definharam e Mary Ellen reanimou-se, inclinando-se para ele, segurando-lhe a mão.

– Então que diferença faz? Você não precisa me contar nada. – Talvez nada fosse mudar, mas ele balançou a cabeça negativamente.

– Preciso sim. Muita coisa pode advir daí. Disse ao pai dela que eu precisava de seis meses para pensar. E então... deverei retornar...

– Para sempre?

Mary Ellen parecia estarrecida. Não compreendia, mas ele balançou a cabeça novamente.

– Não – não havia nada a dizer senão a verdade. – Para buscá-la.

Mary Ellen cambaleou para trás como se tivesse sido esbofeteada.

– Você se casaria com ela?

– Creio que sim.

Houve um longo silêncio enquanto permaneciam ali sentados um ao lado do outro, mudos, e então Mary Ellen olhou para ele com tristeza.

– Jeremiah, por que nós nunca nos casamos?

– Não era o momento certo para nenhum de nós, eu acho. – Eram palavras sábias e sua voz soava baixo na pequena sala. – Não sei. Era tão confortável assim. – Recostou-se com um suspiro cansado. Sentia-se exausto de repente. – Talvez eu simplesmente não seja do tipo que se casa. Isto é parte do que eu quero pensar.

– É por causa de filhos? É isso que você quer?

– Pode ser. Parei de pensar nisso há muito tempo, mas ultimamente – olhou-a com tristeza. – Mary Ellen... eu simplesmente não sei.

– Eu poderia tentar novamente, você sabe.

Ficou tão profundamente comovido que aquilo lhe doeu ao segurar-lhe a mão.

– Seria louca de fazer uma coisa dessas. Você me disse que quase morreu da última vez.

– Talvez desta vez fosse diferente. – Seu olhar não denotava muita esperança.

– Você está com mais idade e já possui três lindos filhos.

– Mas não seus. – Sua voz era uma carícia. – Eu tentaria, Jeremiah, eu ... tentaria...

– Sei que o faria.

E então, porque não sabia mais o que dizer, silenciou-a com um beijo e ela comprimiu o corpo contra o dele, até se sentirem arquejantes na sala pequena e sem ventilação. Foi Jeremiah quem finalmente se afastou.

– Mary Ellen... não...

– Por que não? – Havia lágrimas nos olhos agora. – Droga, por que não?... eu te amo, não sabe disso?

Sua voz ressoou com uma veemência que cortava seu coração. Amava-a também, com uma amizade e uma compaixão provenientes de sete anos. Mas nunca quisera se casar com ela, viver com ela, estar com ela... da forma como queria estar com Camille. Abraçou-a e deixou-a chorar.

– Mary Ellen, por favor...

– Por favor o quê? Por favor, adeus? Foi isso que você veio aqui dizer, não foi?

Com lágrimas nos olhos também, ele confirmou com a cabeça.

– Mas isso é loucura, você nem conhece essa outra garota... essa... criança!... e tudo que quer é pensar nisso durante seis meses. Se tem de pensar, não pode estar certo.

Lutava com todas as forças, mas parecia mais cortante do que aniquilada. Ele se levantou e abaixou o olhar na direção do rosto devastado dela, enquanto soluçava, e envolveu-a em seus braços novamente. Nada mais havia a ser dito. Subiu lentamente as escadas e colocou-a na cama, afagando-lhe os cabelos e confortando-a como a uma criança.

– Mary Ellen, não chore... tudo vai dar certo para você.

Mas ela só fazia olhá-lo com um olhar desolado. Para ela, nada nunca mais seria o mesmo. Noites de sábado vazias, sem a presença dele, se estendiam à sua frente como uma estrada longa e solitária. E o que as pessoas iriam dizer? Que ele havia se cansado dela? Encolheu-se ao imaginar as palavras de sua própria mãe... “Eu lhe disse que ele iria fazer isso, sua vagabunda.” E isso é tudo que seria agora. A prostituta das noites de sábado de Jeremiah Thurston. Todos esses anos de orgulho e agora ele não mais estaria ali. Devia tê-lo agarrado anos atrás, disse a si mesma, mas até ela sabia que nunca sequer chegara perto disso. Era muito conveniente para ambos do jeito que viviam.

Sentou-se ao lado dela na única cadeira do quarto, enquanto soluçava deitada na cama e fitou-o com os olhos verdes grandes e tristes.

– Nunca desejei que terminasse desta forma.

– Nem eu. E eu não precisava lhe contar tudo isso esta noite, mas não teria sido honesto com você. Eu não queria lhe dizer dentro de seis meses e eu realmente preciso pensar.

– Em quê?... – e em seguida, com um soluço reprimido, quase inaudível: – Como ela é?

– Não sei ao certo. É muito jovem e inteligente – e então contou uma mentira, por amor a ela. – Não é tão bonita quanto você.

Mary Ellen sorriu. Ele sempre fora gentil.

– Não sei se acredito nisso.

– É verdade. Você é uma bela mulher. E haverá outros homens. Você merece mais do que apenas noites de sábado, Mary Ellen. Pensei muito nisso. Era egoísmo de minha parte.

– Eu não me importava.

Ele suspeitava de que ela se importava, mas calara-se. E então novamente as lágrimas começaram a rolar, devagar, e doeu-lhe tanto vê-la chorar que ele beijou-lhe os olhos e secou suas lágrimas com os lábios. E lentamente os braços dela se estenderam para ele novamente, puxando-o para junto de si, e desta vez não pôde resistir. Abraçou-a com força e ficaram assim deitados na cama. De repente, sentiu um desejo tão desesperado por ela como sempre sentira. E naquela noite, ao adormecer, a cabeça junto à dela, Mary Ellen sorriu levemente e beijou-o no rosto ao apagar a luz.

Jeremiah!

Quando Mary Ellen acordou na manhã seguinte, não o encontrou ali e pulou da cama com um olhar amedrontado.

– Jeremiah!

Desceu correndo as escadas, arrastando o roupão de cetim cor-de-rosa pelos degraus, sua exuberante figura fazendo-o virar-se e ficar olhando-a ali parada na porta da cozinha.

– Bom dia, Mary Ellen. – Tinha um ar atarefado ao colocar duas canecas cheias na mesa. – Fiz café para que estivesse pronto quando você acordasse.

Ela balançou afirmativamente a cabeça e pareceu amedrontada de novo. Na noite anterior tivera certeza de que ele mudara de ideia, mas agora, de repente, já não tinha tanta certeza. Falou com voz baixa e receosa.

– Nós vamos à igreja?

Às vezes iam. Mas agora nada era mais o mesmo. Ele assentiu, tomou um gole de café e colocou a caneca na mesa.

– Vamos. – Houve uma pausa significativa. – Depois, irei para casa.

E ambos sabiam que era pela última vez, mas ela ainda não desistira de lutar.

– Jeremiah... – respirou fundo ao depositar a caneca na mesa. – Você não precisa mudar nada. Eu compreendo. Você foi honesto contando-me tudo ontem à noite... sobre... sobre ela... – quase engasgou com as palavras, mas não queria perder aquele homem.

– Era a única coisa que eu podia fazer. – Parecia mais endurecido agora. Sabia que ia fazê-la sofrer e não tinha como evitar. Sentia-se mais forte do que na noite anterior e isto a assustou mais ainda. – Importo-me com você. Não poderia mentir a respeito do que se passava pela minha cabeça.

– Mas você não tem certeza.

A voz dela era quase um lamento e um músculo retesou-se no rosto dele.

– Quer esperar até que eu tenha? Dormir comigo até a noite do meu casamento? É isso que quer? – Levantou-se e alteou a voz: – Deixe-me agir decentemente, pelo amor de Deus, já é bastante difícil do jeito que está.

– E se, ao final, você não se casar com ela?

Era uma súplica patética e ele balançou a cabeça.

– Não sei. Não me pergunte isso. Se eu não me casar com ela, você vai realmente me querer de volta? – virou-se e ela ficou olhando as costas dele. – Vai me odiar depois disso.

– Nunca iria odiá-lo. Você foi sempre muito bom comigo durante todos esses anos.

Só de ouvi-la falar sentiu-se pior e, quando voltou-se para ela novamente, seus olhos estavam úmidos e, num ímpeto, correu e abraçou-a.

– Perdoe-me, Mary Ellen. Não queria que terminasse assim. Nunca pensei que isso fosse acontecer.

– Nem eu. – Ela sorriu através das próprias lágrimas enquanto se abraçavam com força e naquela manhã não foram à igreja. Voltaram para a cama outra vez e fizeram amor até a tarde, quando ele finalmente pôs a sela em Big Joe, montou e ficou olhando-a na porta da varanda, no seu roupão cor-de-rosa.

– Cuide-se, lindinha.

As lágrimas rolavam devagar pelo rosto dela, ali parada.

– Volte... Eu estarei aqui...

Mal conseguia falar e levantou a mão quando os olhos dele a procuraram pela última vez, enquanto cavalgava para casa, sem ela, sem Camille, sem ninguém. Sozinho. Como sempre fora.

O verão em Napa Valley estava luxuriante, sazonado e quente aquele ano. Os frascos de mercúrio seguiram para o Sul como havia sido combinado na primavera, as minas prosperavam, as uvas cresciam e Jeremiah estava cada dia mais inquieto. De vez em quando pensava em parar para ver Mary Ellen em Calistoga, pois sentia-se mais sozinho do que jamais se sentira nas noites de sábado, mas não voltou. Em vez disso, foi a São Francisco diversas vezes e lá visitou seu bordel preferido. Mas havia uma dor que ninguém parecia perceber e Hannah observava-o ir e vir, com quase nada a dizer, e com aquele repentino ar de alívio sempre que ia pegar a correspondência e encontrava uma carta de Camille.

Camille vinha lhe escrevendo desde que ele voltara de Atlanta, cartas engraçadas sobre as pessoas que encontrava, os bailes que frequentava, as festas que seus pais davam, diversas viagens a Savannah, Charleston e Nova Orleans e uma garota irremediavelmente feia que Hubert conhecera e andava caçando porque o pai dela tinha os melhores estábulos do Sul. As cartas eram suntuosas, engraçadas e perspicazes e divertia-o ler as piruetas de sua caneta. Ao final, havia sempre algumas migalhas para ele... como para ir segurando-o... dando-lhe esperança... levá-la de volta. Não havia evidência de nenhuma paixão agora e deixava-o saber que teria de conquistá-la quando voltasse. Em agosto, ele não aguentou mais e fez reservas no trem. Haviam se passado apenas quatro meses desde que a vira, mas agora já sabia o que queria, e Hannah também sabia, quando ele deixou Santa Helena. Ainda sentia pena de Mary Ellen, que vivia se atormentando havia meses, mas também estava contente porque Jeremiah ia trazer uma jovem esposa para casa, e logo o lugar se encheria dos sons dos filhos dele e do riso de uma mulher jovem.

Jeremiah telegrafara a Orville Beauchamp para avisá-lo de sua chegada, mas também pedira que nada fosse dito a Camille. Queria fazer-lhe uma surpresa, verificar qual seria sua reação. Quatro meses era um longo período na vida de uma jovem, talvez já tivesse mudado de ideia. Não conseguiu pensar em outra coisa durante a longa viagem para o Sul e desta vez não havia nenhuma Amelia no trem. Mal falou com qualquer pessoa e estava nervoso e exausto quando chegou e viu a carruagem de Beauchamp esperando para levá-lo ao hotel.

Instalou-se numa bela suíte e enviou um bilhete aos Beauchamp. Uma resposta foi imediatamente enviada. O prazer de sua companhia era solicitado ao jantar e Orville Beauchamp assegurava-lhe que Camille ainda não tinha sido avisada da chegada dele. E agora, de repente, Jeremiah divertiu-se com a ideia da surpresa dela ao vê-lo novamente. O estranho, no entanto, era que, ao mesmo tempo, sentia uma onda de medo e, quando subia na carruagem de Beauchamp, às oito horas naquela noite, suas mãos estavam úmidas e pôde sentir o coração dar um baque ao ver a casa dela de novo.

Foi conduzido às pressas para uma saleta suntuosamente decorada logo na entrada, para esperar, e o próprio Orville Beauchamp entrou rapidamente na sala e segurou a mão de Jeremiah. Quando

recebeu um telegrama da Costa Oeste soube logo que a viagem de Jeremiah traria boas notícias.

– Como tem passado?... que bom vê-lo aqui, homem! Parecia genuinamente empolgado e Jeremiah desejou que a filha dele também ficasse assim tão satisfeita.

– Muito bem.

– Não esperava vê-lo senão dentro de dois meses.

Havia uma pergunta nos olhos do pai. E, ao perceber, Jeremiah sorriu.

– Não podia ficar afastado mais dois meses, Sr. Beauchamp.

A voz dele era suave e o homenzinho moreno mostrou um largo sorriso.

– Achei que seria assim... esperava que fosse...

– Como ela está? Ainda não sabe que estou aqui?

– Não. Mas você veio exatamente na hora certa? ‘Lizabeth está na Carolina do Sul visitando uns amigos e Hubert está viajando para comprar algum maldito cavalo. Estamos sozinhos, Camille e eu, e há muito pouca coisa acontecendo na cidade. Todo mundo está passando o verão fora, mas ela tem estado um pouco entediada este ano – sorriu. – Espera sempre o correio e fala a seu respeito para todas as amigas.

Ele não contou que ela se referia a ele como “o homem mais rico do Oeste, amigo do meu pai”. Jeremiah não precisava saber disto, apenas que ela falava dele para as amigas.

– Pode mudar de ideia quando me vir novamente.

Preocupara-se com isto durante todo o trajeto. Afinal, ela era jovem e ele era um homem muito mais velho. Talvez lhe parecesse velho demais agora.

– Por que ela o faria? – Beauchamp parecia surpreso.

– As moças são assim, o senhor sabe.

Jeremiah sorria, e Beauchamp riu.

– Não Camille. Esta menina sempre soube o que quis desde que nasceu. Teimosa como uma mula e obstinada também – riu novamente, orgulhoso de sua única filha –, embora eu não devesse estar lhe dizendo essas coisas. Mas você vai lidar bem com ela: é uma boa garota, Thurston, vai ser uma boa esposa para você. – Então seus olhos se estreitaram ao olhar para o outro homem. – Ainda é isso o que tem em mente?

Presumira que fora por esta razão que Jeremiah viajara todo o trajeto até Atlanta novamente, e ele estava certo.

Jeremiah falou com voz baixa e suave.

– Sim, é. E o senhor não mudou de ideia?

– Ao contrário. Acho que será uma ótima combinação para ambos. – Saudou Jeremiah com seu copo e Jeremiah sorriu. Agora tudo que faltava era convencer Camille.

Passaram-se uns 10 minutos até ela entrar no aposento. A porta abriu-se rapidamente e surgiu uma visão envolta em seda de um amarelo muito claro. Voltas de topázios e pérolas entrelaçadas dançavam em torno de seu pescoço e o cabelo estava solto, numa cascata de anéis escuros, com uma única e perfeita rosa amarela presa atrás da orelha. Deslizou para dentro do cômodo olhando para o pai e então voltou os olhos desinteressadamente para o amigo do pai. Estava terrivelmente quente e ela estivera deitada durante horas no quarto. Ao vê-lo, parou, e ele pôde ouvi-la recuperar o fôlego ali de pé e, então, igualmente rápido, atravessou a sala correndo e aninhou-se nos braços dele, enterrando o rosto no seu peito. Quando se afastou, havia lágrimas nos olhos dela e um largo sorriso, mais do que nunca

parecendo uma linda menina, e o coração dele se entregou por inteiro e definitivamente. Nunca se sentira daquela forma por nenhum outro ser humano e sentia-se ofegar ao admirá-la.

– Você voltou! – Foi um grito de alegria que fez seu pai rir. Formavam um belo casal, o homem imenso e a jovem delicada, tão obviamente apaixonada, a idade de ambos não fazendo nenhuma diferença. O que importava era a enorme satisfação que se via nos olhos dela e a aprovação nos dele. Mal conseguiam dominar a paixão.

– Claro que voltei, menina. Eu lhe disse que voltaria!

– Mas ainda é tão cedo!

Dançava alegremente em torno dele, batendo palmas, e a rosa nos cabelos caiu aos seus pés. Apanhou-a e, com afetada gravidade, entregou-a a ele, com uma profunda mesura. Desta vez ele deu uma risada. Era um riso nascido do êxtase e do alívio. Podia ver nos olhos dela que ainda se importava com ele.

– Continua provocadora como sempre, Camille. Devo sair e voltar para casa, se ainda é cedo demais? – Segurou-lhe a mão, enquanto ela o olhava nos olhos.

– Não se atreva! Não deixarei que se vá novamente. E se o fizer, irei para a França com papai e me casarei com um duque ou um príncipe!

– É uma encantadora ameaça. – Mas não parecia preocupado com isso. – Vou ter de partir, eventualmente, você sabe.

– Quando?

Era um queixume amedrontado e seu pai sorriu. Ia ser uma combinação perfeita para ambos e ele não tinha nenhuma dúvida de que Thurston amava a garota e ela estava obviamente enamorada dele. Sentia-se lisonjeada pelo interesse de um homem muito mais velho, da mesma forma que Thurston desfrutava o afeto de uma jovem. Mas havia algo mais do que isso, algo que queimava entre eles, quase incandescente demais para ser tocado.

– Não vamos falar ainda da minha volta, menina. Cheguei hoje.

– Por que não nos avisou que viria? – Fingiu-se amuada quando o jantar foi servido e passaram lentamente à sala de jantar.

– Avisei.

Ele sorriu para Beauchamp e ela deu uns tapinhas no braço do pai com o leque, em reprovação.

– Que travesso você é, papai. Não disse uma palavra!

– Achei que seria melhor se a visita do Sr. Thurston fosse uma surpresa.

E não se equivocara.

Ela riu para ambos, resplandecente.

– Por quanto tempo vai ficar aqui, Jeremiah?

Olhou-o altivamente, repentinamente usufruindo do poder que detinha. Sabia muito bem que ele atravessara o país para vê-la, e ele era um homem muito importante, seu pai lhe dissera inúmeras vezes. E ela contara aos amigos o quanto era importante. Isto era fundamental para ela.

Ele tomara as providências na mina para se ausentar por um mês. Era o máximo que achava que poderia ficar fora, mas isso lhe daria mais de duas semanas com Camille e, se ela dissesse sim, teria de voltar e começar a organizar as coisas, de qualquer modo. Haveria muito a fazer. Ele já tinha um plano e Hannah estava nervosa como um gato quando ele partiu, fazendo-o prometer que lhe escreveria para contar o que Camille resolvera. Seus pensamentos, porém, não estavam em Hannah agora, mas na linda garota a seu lado. Estava ainda mais bonita do que na primavera e parecia ter amadurecido. Fazia-lhe

incontáveis perguntas sobre as minas e se queixava de que as cartas dele nunca lhe traziam notícias suficientes. “Nunca escrevi a muitas garotas.” Sorriu-lhe e pouco depois seu pai mandou-a sair da sala. O mordomo servia conhaque e charutos enquanto Beauchamp olhava para o provável genro.

– Vai pedi-la hoje à noite?

– Com sua permissão, sim.

– Sabe que a tem.

Jeremiah suspirou devagar enquanto acendia o charuto.

– Gostaria de saber da minha situação em relação a ela.

– Ainda tem alguma dúvida?

– Alguma. Ela pode estar apenas brincando, sem a menor ideia de que vou pedir a mão dela. Isto poderia assustar uma jovem da idade dela.

– Não Camille.

Sempre repetia isso, como se ela fosse diferente de todas as outras garotas, mas Jeremiah não estava tão certo.

– Gostaria de anunciar o noivado logo em seguida?

– Gostaria. Antes de retornar. E então eu poderia pôr meus planos em prática ao voltar para a Califórnia.

– E que planos são esses? – Beauchamp olhava-o com interesse, imaginando o que ele teria em mente para sua filhinha.

– Algo que o senhor disse antes.

Jeremiah mostrava-se cauteloso. Afinal, ela ainda não dissera que o aceitava, mas já tinha pensado muito no assunto e Beauchamp estava com a razão. Ela se sentiria infeliz passando muito tempo em Napa e ele podia ir e vir para cuidar das minas. Construiria uma casa em São Francisco para ela e passariam ali pelo menos os elegantes meses do inverno. Explicou seus planos para Beauchamp, que pareceu satisfeito.

– E depois que a casa estiver pronta, digamos dentro de cinco ou seis meses, voltarei aqui para o casamento e a levarei para a Califórnia comigo.

– Perfeito. Ela fará 18 anos em dezembro, ou seja, daqui a quatro meses... acha que a casa pode ficar pronta até lá?

– É um prazo muito curto, mas talvez possa. Pensava em fevereiro ou março, mas – Jeremiah sorriu e pareceu um rapaz outra vez – eu também prefiro dezembro. – Sentia-se sozinho sem Mary Ellen agora. – Tentaremos.

Repentinamente, ficou de pé e começou a andar em círculos pela sala, nervosamente.

– Não se preocupe com isso, homem.

Beauchamp sorriu e então percebeu que já era tempo de deixá-lo falar com Camille. Levantou-se para sair e deixou que Jeremiah fosse procurá-la no jardim. Ela estava sentada no seu balanço predileto.

– Vocês dois levaram um tempo enorme. Está bêbado? – Foram suas primeiras palavras e ele riu.

– Não muito.

– Acho tão tolo que as mulheres sempre devam sair da sala. Sobre o que conversam?

– Nada de mais. Negócios, as minas, um pouco de tudo.

– Sobre o que conversaram esta noite?

Era uma garota esperta e ficou observando-lhe os olhos, enquanto se balançava lentamente para a frente e para trás. Os olhos dele fixaram-se nos dela e ele respondeu com voz branda e gutural:

– Conversamos sobre você.

Ele sentiu o coração acelerar e ela parou o balanço.

– O que você disse? – A voz dela era um sussurro no ar sulino densamente perfumado.

– Que eu queria me casar com você.

Por um instante nenhum dos dois falou e ela voltou os olhos arregalados como os de uma criança para ele.

– Disse isso? – Sorriu-lhe e ele sentiu o coração derreter-se. – Está brincando comigo.

Sua voz soou rouca e séria:

– Não, Camille, não estou. Vim a Atlanta desta vez para vê-la e pedi-la em casamento.

Ouviu-a prender a respiração e, de repente, como certa vez tempos atrás, os lábios esmagavam os dele. O beijo que ele lhe deu em resposta cortou-lhe a respiração desta vez, até que finalmente ele a embalou em seus braços e lhe falou com doçura.

– Eu te amo muito, Camille, e quero levá-la para a Califórnia.

– Agora? – perguntou espantada e ele sorriu.

– Ainda não. Em alguns meses, quando eu tiver construído uma casa para você, e tiver completado 18 anos.

Ficou diante da moça e tocou-lhe o rosto de leve; em seguida ajoelhou-se a seus pés, trazendo o rosto dela para junto do seu.

– Eu te amo, Camille... com todo o meu coração... mais do que você jamais saberá.

Os olhos deles se encontraram, fitaram-se e a sua voz fez o corpo dela estremecer.

– Quer se casar comigo?

Ela fez que sim com a cabeça, pela primeira vez sem fala. Ansiara por isto, mas de certa forma sempre parecera um sonho distante. E em seguida atirou os braços em torno do pescoço dele.

– Como será a casa?

Era uma coisa estranha de ser dita naquela hora e ele riu.

– Como você quiser, meu amor. Mas ainda não me respondeu, pelo menos não com todas as letras. Quer se casar comigo, Camille?

– Sim! – exclamou, num gritinho agudo de prazer, puxando-o para junto de si novamente, e então afastou-o com um ar perturbado.

– Terei de ter filhos se for sua mulher?

Ele hesitou diante das inesperadas palavras, a pergunta o embaraçara.

Era algo que ela deveria discutir com a mãe dela, não com ele. E isso o fez lembrar novamente o quanto ela era nova, apesar de às vezes parecer adulta.

– Suponho que devamos ter um ou dois filhos. – Quase teve pena dela. Ela mesma era tão criança. – Importa-se?

Era o que ele mais desejava. Nos últimos quatro meses não pensara em outra coisa senão nos filhos que teria. Mas ela parecia abatida agora.

– Uma das amigas da minha mãe morreu de parto ano passado.

Eram palavras chocantes e Jeremiah sentiu-se ainda pior; definitivamente este não era um assunto que quisesse discutir com ela.

– Isso não acontece com mulheres jovens, Camille. – Mas evidentemente ele sabia que acontecia. – Não acho que devia se preocupar com isso. As coisas acontecem naturalmente entre marido e mulher...

Mas ela cortou-o, sem se impressionar.

– Minha mãe diz que é o preço que as mulheres pagam pelo pecado original. Mas não acho justo que só as mulheres paguem o preço. Não quero ficar gorda e...

– Camille!

Ficou profundamente perturbado com o que ela dissera.

– Querida... por favor... não quero que se preocupe com coisa alguma...

E, enquanto falava, tomou-a nos braços novamente e ela se esqueceu do que a mãe dissera, a conversa passando a girar em torno da casa que ele iria construir, o casamento quando completasse 18 anos... anunciar o noivado tão logo sua mãe voltasse... a festa que seu pai faria para eles... no que dizia respeito a Camille, estas eram coisas muito mais importantes. E quando ela foi para a cama naquela noite, estava tão excitada que não conseguia dormir. Havia procurado o pai dela para lhe contar as boas-novas. Ele apertou a mão de Jeremiah, beijou o rosto de Camille e, quando ele foi para a cama naquela noite, estava mais do que satisfeito. Sua filha seria uma garota muito rica, muito contente, muito afortunada. E isto o tornava um homem muito feliz. Estava mais feliz do que nunca de ter posto a ideia na cabeça de Thurston na primavera.

Tudo que Jeremiah conseguia pensar naquela noite era a pequena e adorável beldade de cabelos escuros que muito em breve teria nos braços. E mal podia esperar. Sentira-se muito sozinho nos últimos meses e não procurara Mary Ellen novamente. Nem tivera notícias de Amelia em Nova York, embora lhe tivesse escrito havia um ou dois meses e lhe contado a respeito de Camille. Mas tinha o suficiente em que pensar agora... sua noiva... e a extraordinária casa que construiria para ela. E quanto ao seu comentário a respeito de filhos, não estava preocupado. Era natural que uma jovem tivesse medo. Sem dúvida a mãe conversaria com ela antes do casamento e o problema se resolveria naturalmente. Pensando nisso, disse a si mesmo, quando começava a adormecer, justamente daqui a um ano ela provavelmente estaria dando à luz, se não antes... Aquela noite, dormiu com um sorriso, pensando em Camille e nos filhos que teriam, vendo-os brincar em Napa, enquanto ele e Camille passeavam pela relva...

Elizabeth Beauchamp voltou às pressas para Atlanta tão logo a carta de Orville chegou com as notícias, e o mesmo fez Hubert, embora tivesse sido um pouco mais difícil alcançá-lo. Mas a família se reuniu rapidamente, e os convites foram enviados para toda Atlanta convocando os amigos a celebrarem o jovem casal. E embora muitas pessoas ainda estivessem fora, mais de duzentas compareceram à festa de noivado. Camille nunca estivera mais adorável, num vestido de organdi branco maravilhosamente bordado. Tinha minúsculas pérolas e primorosas continhas salpicadas e ela parecia uma princesa encantada, com sua pele clara e cabelos muito negros, de pé ao lado de Jeremiah, exibindo um sorriso deslumbrante e um diamante de 12 quilates como anel de noivado.

– Meu Deus, é quase do tamanho de um ovo! – gritara sua mãe com voz esganiçada ao ver o anel, enquanto Camille dançava pela sala, satisfeita com o sorriso do pai.

– Que garota travessa – a mãe rira também –, e você vai ser tão rica! – Elizabeth lançara então um olhar de reprovação para Orville, que preferiu não responder desta vez. Estava contente demais por Camille.

– Sei que vou ser rica. E Jeremiah vai construir uma bela casa para mim, com tudo o que há de mais moderno e tudo que eu quiser!

Falava como se tivesse 9 anos e sua mãe franziu a testa.

– Que garota mimada você vai ser, Camille.

– Eu sei.

E a única sombra que lhe atravessou o rosto foi a perspectiva de ter um filho. Mas talvez fosse um preço pequeno a pagar. Iria conversar com a mãe e perguntar se havia alguma coisa que pudesse fazer para adiar a maternidade por enquanto. Ouvira mulheres conversarem a esse respeito, mas não queria mencionar o assunto agora. Ainda havia tempo antes do casamento.

– Sabe a sorte que tem?

– Sim.

Em seguida, saiu às pressas quando a criada veio dizer-lhe que Jeremiah estava no térreo.

As duas semanas dele em Atlanta pareceram um sonho, festas, piqueniques, presentes, proclamas e beijos roubados, as mãos em torno da delicada cintura dela. Mal podia esperar para levá-la para casa e partia-lhe o coração dizer-lhe adeus desta vez. Mas tinha muito a fazer primeiro, comprar o terreno, construir a casa para sua noiva. Passou toda a viagem de volta fazendo esboços do que tinha em mente; antes de retornar a Napa, passou três dias em São Francisco vendo chácaras e terrenos imensos, e então visitou diversos arquitetos para dar início aos projetos. E na manhã em que voltou para casa, encontrou exatamente o que desejava. O terreno era imenso, quase um quarteirão inteiro, na ponta sul de Nob Hill, com uma vista de toda a cidade e, quando apertava os olhos, podia imaginar exatamente o que

queria. Seria ainda mais grandiosa do que as residências dos Huntington ou dos Crocker, melhor que a de Mark Hopkins ou mesmo dos Tobin. E mais tarde naquela mesma manhã quando voltou ao escritório do arquiteto e a descreveu, riu quando o homem disse que dentro de dois anos ele teria exatamente o que queria.

– Não é bem assim, meu amigo. – O arquiteto ficou confuso e Jeremiah sorriu: – Estava pensando em algo mais rápido do que dois anos.

– Um?

O homem ficou lívido e o sorriso de Jeremiah se ampliou. Ele não conhecia Jeremiah Thurston... ou Camille Beauchamp, tampouco. Jeremiah podia facilmente imaginá-la sendo tão exigente quanto ele, quando amadurecesse um pouco e se acostumassem a ser a Sra. Thurston, e não estava longe da verdade.

– Estava pensando em algo como quatro meses, talvez cinco.

O homem quase perdeu a fala e Jeremiah riu.

– Não está falando a sério, está?

– Estou.

E com isso sentou-se à mesa do homem e assinou um cheque de uma soma fabulosa, pois eram os melhores arquitetos da cidade e tinham sido altamente recomendados a Jeremiah por seus banqueiros. Entregou o cheque e explicou que outro igual àquele seria entregue ao término da obra, dentro de quatro meses, cinco no máximo. Era uma quantia sobre a qual ninguém teria questionado e que até ajudava a superar, de certa forma, o problema do tempo. Com aquela quantia em mãos, podiam empregar um exército para levantar a casa no terreno em Nob Hill, que Jeremiah adquiriu mais tarde, naquele mesmo dia, com um único cheque. Era um homem fácil de se lidar. Quando subiu no barco para Napa ao fim da tarde, estava satisfeito com os negócios do dia. Dentro de uma semana o próprio arquiteto viria a Napa para mostrar os desenhos a Jeremiah e, com sorte, alguns dias depois disso estariam começando a obra. Jeremiah não pretendia perder um instante e queria a casa terminada quando trouxesse a esposa. Já decidira passar a lua de mel em Nova York, em dezembro e, então, traria Camille para casa, para Napa, e a linda casa nova de São Francisco. Morariam na cidade nos meses de inverno e ao primeiro sinal da primavera se transfeririam para Napa até o fim do verão. Parecia uma existência perfeita para Jeremiah e quando o arquiteto apareceu nas minas na semana seguinte, ele achou os desenhos que lhe foram apresentados igualmente perfeitos. O homem compreendera corretamente a importância do projeto de Jeremiah. Era um homem de cerca de 40 anos, casando-se pela primeira vez, e sua futura esposa era uma jovem de 17 anos que lhe incendiara o coração, os sonhos e a alma. Era uma casa para onde se traria uma princesa, uma casa para criar os filhos e que poderia resistir a 12 gerações. Um verdadeiro palácio, com uma abóbada de vitrais adornando a parte central da casa, acima da entrada principal, e quatro graciosas pequenas torres em cada canto. Havia colunas na frente e uma fachada austera, jardins preciosamente planejados, um requintado portão pelo qual as carruagens passariam e uma enorme grade em volta. Parecia mais uma propriedade rural do que uma residência urbana, o que agradou imensamente a Jeremiah, especialmente animado com a cúpula de vitrais, que deixaria entrar feixes de luz coloridos e brilhantes e daria a impressão de raios de sol mesmo em dias sombrios. Era um presente que queria dar especialmente a Camille, a quem desejava proporcionar uma vida inteira de sol. O projeto era perfeito, sob todos os aspectos. A casa conseguia combinar o rococó com o vitoriano de uma forma agradável à vista e ao gosto de Jeremiah, e quando o arquiteto partiu para pegar o barco de volta à cidade, Jeremiah sentou-se à escrivaninha com um imenso sorriso. Mal podia esperar até que Camille a visse. Já podia imaginá-la passeando pelos

elegantes jardins ou espreguiçando-se na suntuosa suíte que acabara de discutir com o arquiteto, com um enorme quarto principal, um *boudoir*, um quarto de vestir combinado a uma saleta para ela e um bonito escritório forrado de madeira para Jeremiah. Haveria um quarto de crianças no mesmo andar, com uma sala de estar e um quarto para a babá e, no andar de cima, mais seis quartos ventilados e amplos para o mesmo fim. Quem sabe quantos filhos poderiam ter? A sala de visitas no térreo era a maior que o arquiteto já planejara e haveria outra menor, uma enorme biblioteca apainelada, uma sala de jantar e um salão de baile. As cozinhas eram as mais modernas já construídas em São Francisco, as dependências dos empregados, invejáveis e espaçosas, os estábulos teriam enchido de inveja até mesmo Hubert. A casa era, sem dúvida alguma, tudo o que poderiam desejar e exibiria aposentos forrados de madeira, preciosos candelabros, majestosas escadas curvas e magníficos tapetes. O arquiteto assegurou a Jeremiah que seu pessoal ia começar a procurar aqueles tesouros imediatamente e fabricantes de móveis e marceneiros já iniciariam o trabalho, mesmo antes da casa estar pronta. E dali em diante, Jeremiah iria à cidade uma vez por semana, para ver a obra e inspecionar seu andamento. Era um projeto gigantesco no todo e Jeremiah muitas vezes imaginava se ficaria pronto a tempo, conforme as cartas de Camille chegavam, contando todos os preparativos para o casamento. O tecido do vestido fora comprado em Nova Orleans e tinha sido feito em Paris e ela não lhe diria nada além disso, mas mal podia esperar e estava tão animada com o seu enxoval de noiva quanto ele com a casa, sobre a qual contava-lhe muito pouco. Dissera-lhe apenas que achou que deviam ter uma casa em São Francisco; não lhe contou que estava construindo a maior e mais elegante casa que a cidade já conhecera e que todos os dias mais grupos de pessoas ficavam ali boquiabertos diante do andamento das obras, com enormes grupos de trabalhadores tentando cumprir o prazo. Ele mandara até alguns homens das minas para ajudar e, nos fins de semana, oferecia vultosas bonificações para aqueles que permanecessem na cidade trabalhando na construção.

Ao mesmo tempo, estava fazendo tudo que podia para renovar a casa de Santa Helena. Nunca notara antes o quanto seu quarto ficara gasto e feio em 19 anos e repentinamente percebeu como a casa estava vazia e desolada. Iniciou um maciço festival de compras, tanto em Napa quanto em São Francisco, e pôs Hannah para fazer cortinas para cada um dos cômodos. Se ia trazer Camille para Napa, a casa tinha de ficar bonita. Ela era uma jovem e precisava de lugares iluminados, ventilados e alegres. Mandou fazer jardins, trouxe alguns dos seus homens para pintarem e, ao fim de outubro, parecia uma casa nova, surpreendendo-o com a sua beleza. Só Hannah parecia aborrecida com as mudanças e rosnava para ele cada vez que o via, até que finalmente emudeceu e não disse mais nada, a ponto de Jeremiah não aguentar mais. Finalmente fez com que ela se sentasse à mesa ao fim de um longo dia, pôs café para ambos e acendeu um charuto, apesar dos inevitáveis protestos.

– Muito bem, minha velha, agora vamos conversar. Sei que não gosta das mudanças que fiz e eu tenho dado duro em todo mundo nos últimos dois meses, mas ficou lindo e Camille vai adorar. E tem mais, você vai adorá-la, é uma moça encantadora – sorriu, pensando na carta que recebera naquela mesma manhã – ,e, se não me engano, você vinha me importunando há não sei quanto tempo para que eu me casasse. E eu vou me casar. Então, por que está tão zangada comigo?

Ela já havia se recusado várias vezes a ir até a cidade ver as obras da casa nova.

– Não pode estar com ciúme de uma jovem de 17 anos. Há espaço para as duas em minha vida. Ela já sabe sobre você e está ansiosa para conhecê-la, Hannah.

Ele parecia perturbado, a velha mulher realmente estava fazendo-o se sentir mal, em especial nas últimas semanas.

– O que houve? Não está se sentindo bem ou está simplesmente zangada comigo por construir uma casa longe de Napa?

Ela sorriu ao ouvir isso, pois havia algo de verdadeiro naquilo.

– Eu lhe disse, você não precisa de outra casa. Vai estragar essa garota antes mesmo dela chegar aqui.

– Tem razão. Ela vai ser a bem-amada de um velho.

– É uma garota de sorte.

Eram as primeiras palavras gentis que Hannah lhe dizia em um mês e Jeremiah sentiu uma sensação de alívio apoderar-se dele. Ficara realmente preocupado com ela e preocupado também que viesse a ser tão desagradável para Camille quanto estava sendo para com ele. E sua frágil noiva não saberia o que fazer diante de uma recepção fria.

– Eu sou um homem de sorte, Hannah. – Os olhos dele encontraram-se com os da velha mulher e ela pôde ver que estava feliz. Era engraçado como a vida dele mudara nos últimos seis meses... engraçado... havia, porém, mais do que isso. – Tenho muito a agradecer. – Seus olhos fitaram inocentemente os dela e ele viu ali um pouco de tristeza. – O que houve?

Tinha de lhe dizer a verdade. Apesar de ter prometido. De repente, surgiram lágrimas em seus olhos quando o encarou.

– Não sei como lhe contar, Jeremiah.

– O que há?

Uma verdadeira onda de medo percorreu-o e de repente lembrou-se do pavor que sentira quando vieram lhe dizer que Jennie estava morrendo com a gripe epidêmica. Teve a mesma sensação de desamparo, naquele momento, enquanto Hannah o fitava.

– É Mary Ellen.

O coração dele parou quando um mau presságio repentino dominou-o.

– Ela está doente?

Hannah balançou a cabeça negativamente, em silêncio.

– Ela está esperando um filho... seu filho...

Sentiu como se alguém o tivesse esmurrado, tirando-lhe completamente a respiração.

– Ah, não... mas ela não podia... não era...

– Eu mesma lhe disse que era louca quando a vi em Calistoga. Quase morreu com os últimos dois bebês e já não é mais nenhuma garotinha. Ela me fez jurar que não lhe contaria, Jeremiah.

Ele assentiu, sentindo-se indisposto por um instante, e fazendo os cálculos. Devia ter acontecido em abril, talvez na última vez que tinham visto. E tinha a estranha sensação de que ela desejara isso. Dissera-lhe na ocasião que, se ele queria filhos, ela teria um filho dele. Mas era louca. O médico lhe dissera havia anos que ela morreria se tivesse outro filho. E por que fazia isso agora?... Agora? Sem dizer uma palavra a Hannah, de repente ele deu um soco na mesa da cozinha, enquanto a velha mulher encarava-o. E então, de repente, levantou-se e caminhou em largas passadas para a porta da cozinha.

– O que vai fazer?

– Vou falar com ela, pelo menos. É uma idiota e você é mais ainda se acha que eu não iria fazer nada a respeito.

Já tivera o suficiente do orgulho teimoso e estúpido dela. Fora sua mulher por sete anos e o mínimo que podia fazer era ajudá-la agora. Mas isso era tudo que podia fazer. Não haveria mudança no fato de que ele ia se casar. Não tinha intenção de alterar isso.

Saiu, colocou os arreios em Big Joe e cavalgou com ímpeto para Calistoga; chegou à casa dela com uma nuvem de poeira que assustou as crianças. Observavam-no com os olhos arregalados enquanto ele entrava tempestuosamente. Mas a mais velha gritou-lhe:

– Mamãe não está em casa.

Voltou à entrada, o rosto numa expressão carregada. Podia ver que ela não estava em casa.

– Onde ela está?

– Trabalhando nas termas. Ainda vai demorar um pouco até que volte.

Ele teria esperado, mas não estava disposto a isso. O que fez foi pegar Big Joe e cavalgar para a rua principal onde ficavam as termas. Maldita mulher. Todo mundo na cidade provavelmente sabia que ela estava esperando um filho dele. Repreendeu-se a cada passo do caminho por ter ido para a cama com ela naquele dia. Não tivera a intenção, mas ela estava tão desolada e ele a desejara como sempre o fizera. Mas era absurdo... absurdo... e não podia deixar de imaginar se um dia Camille iria descobrir a respeito de seu filho ilegítimo. Isto o preocupava quando amarrou Big Joe em frente às termas, mas na verdade estava muito mais preocupado com Mary Ellen.

Encontrou-a do outro lado de um balcão, anotando reservas cuidadosamente, o corpo escondido atrás de uma escrivaninha. Ao menos, não era um trabalho estafante demais para uma mulher grávida. Ela teve um sobressalto quando o viu e fez menção de recuar, mas ele estendeu o braço e segurou-a.

– Quero que vá lá fora comigo agora.

Os olhos dele ardiam de preocupação e raiva e aborreceu-o constatar o quanto estava feliz em vê-la. Estava mais bonita do que nunca, mais ainda agora que estava um pouco assustada.

– Jeremiah... pare... eu... por favor...

Tinha receio de que ele fizesse uma cena e não queria que visse seu corpo. Ainda não percebera que Hannah lhe havia contado e ficou tão perturbada que outro funcionário se aproximou, pronto a atacar Jeremiah.

– Precisa de ajuda, Mary Ellen? – Ele levantou os punhos e ela rapidamente declinou da oferta, implorando a Jeremiah com os olhos para que os deixasse.

– Por favor... é melhor que você... eu não quero...

– Não me interessa o que você quer. Vou carregá-la para fora daqui se for necessário. Levante-se e venha comigo ou eu vou aí pegá-la e fazer isso por você.

Ela ficou roxa e olhou perdidamente ao redor. Agarrou desesperadamente um xale que estava nas costas da cadeira, jogou-o frouxamente em volta do corpo e seguiu-o. O homem que quisera ajudá-la prometeu tomar conta do balcão na sua ausência, mas ela garantiu que não demoraria.

– Jeremiah... por favor... – Ele estava puxando-a pelo meio da rua, para um pequeno grupo de árvores e um banco. – Eu não quero...

Ele praticamente empurrou-a para o banco e virou-se para encará-la.

– Não interessa o que você quer. Por que não me disse?

– Dizer-lhe o quê? – Olhou-o sem expressão e de repente seu rosto ficou pálido. – Não compreendo o que quer dizer.

Mas a palidez e o pavor evidente mostravam que mentia.

– Sabe muito bem o que quero dizer. – Olhou significativamente para sua cintura e delicadamente puxou o xale. Não havia a menor dúvida. Estava grávida de seis meses. – Como pôde esconder isso de mim, Mary Ellen?

Ela começou a chorar baixinho, enxugando os olhos com um lenço bordado que ele lhe dera havia muito tempo, o que o fez sentir-se pior ainda.

– Hannah lhe contou... prometeu que não o faria...

Ela começou a soluçar e ele sentou-se e abraçou-a, diante de todo mundo. Nunca tivera vergonha de Mary Ellen. Apenas não a quisera como esposa e isso não mudara. Nada mudara, exceto que as coisas estavam muito mais complicadas agora que ela esperava um filho.

– Mary Ellen, o que você foi fazer, sua tola?

– Queria um filho seu, já que não podia tê-lo... eu queria... – Não conseguiu continuar, os soluços dominando-a.

– É tão perigoso para você. E você sabia disso.

Imaginava se ela pensara que ele se casaria com ela quando descobrisse, mas ela não perdeu tempo em negar isso. Explicou que simplesmente desejara um filho dele e nada mais queria dele. Mas isso o fez rapidamente enfurecer-se também.

– Não quero mais ouvir estas tolices, Mary Ellen. Já ouvi muito de você e deveria ter parado de ouvir há muito tempo. Vai parar de trabalhar agora. Para o diabo com esse orgulho. Vou tomar conta de você e desta criança financeiramente, uma vez que não o posso fazer de outra forma. Posso ao menos fazer isso por você e, se não gostar, paciência. É algo que quero fazer pelo meu filho. Está claro?

Quase tremeu com a ferocidade de suas palavras.

– Tenho mais três filhos para sustentar, Jeremiah – disse com tranquilo orgulho. – E nunca os decepcionei.

– Não quero mais ouvir falar sobre isso. – Sentou-se novamente, com ar preocupado. Era uma questão que não ficava resolvida com um pouco de dinheiro. – Foi ao médico, Mary Ellen?

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça e seus olhos procuraram os dele. Era óbvio que ainda o amava e ele procurou não sentir tudo que sentia ao olhar para ela. Devia pensar em Camille agora. Em dois meses estariam casados... antes mesmo desta criança ter nascido. A vida às vezes realmente não era justa. As coisas poderiam ter sido diferentes se Mary Ellen tivesse concebido esta criança antes.

– O que o médico disse?

– Que tudo daria certo. – A voz dela era doce e suave e ao ouvi-la Jeremiah sentiu uma pontada de culpa tão aguda que era quase uma dor física em seu peito.

– Gostaria de poder acreditar.

– É verdade. Eu sobrevivi aos outros três, não foi?

– Sim, mas era mais jovem. Foi uma tolice fazer isso.

– Não, não foi.

Havia um olhar de desafio no seu rosto e era óbvio que ela não se arrependia de nada. Isto o enraiveceu outra vez.

– Droga, por que foi fazer uma coisa destas?

Era algo que nunca compreenderia. Era um absurdo, por muitas razões.

– É tudo que me resta, Jeremiah... – A voz dela era suave e triste e partiu-lhe o coração. – Você não está mais aqui e eu sei que nunca mais voltará. Vai se casar com aquela garota, não é?

Ele acenou afirmativamente com a cabeça, a testa franzida, e ela pareceu mais determinada ainda.

– Então eu estava certa em fazer o que fiz.

– Está arriscando sua vida.

– A vida é minha, faço o que achar melhor com ela.

Levantou-se e ele achou que ela nunca estivera tão bonita. Tinha orgulho e coragem e fizera exatamente o que queria... não muito diferente do que Camille teria feito... mas Camille tinha até mesmo mais vivacidade e estilo do que esta mulher. Não lamentou sua escolha agora, ao ver Mary Ellen de novo, mas lamentava o que ela fizera. Ia tornar a vida difícil para todos, incluindo a criança. Mais cedo ou mais tarde a notícia se espalharia e Camille descobriria, e eventualmente seus filhos saberiam. Napa era um condado muito pequeno para impedir que esse tipo de indiscrição viesse à tona e, mais do que qualquer outra coisa, não queria ferir os sentimentos de sua noiva. Imagine se ela viesse a saber do nascimento de seu filho ilegítimo um mês depois do casamento? Sentiu um aperto no peito ao pensar no sofrimento que isso lhe causaria.

– Gostaria que você não tivesse feito isso, Mary Ellen.

– Lamento que pense dessa forma, Jeremiah. – Levantou o queixo orgulhosamente e ele teve vontade de beijá-lo. – Sempre achei que desejava um filho.

– Mas não assim. Há outras maneiras de se fazer isso.

– Não para mim, Jeremiah. Agora não. Desejo-lhe felicidades com sua noiva.

Ele, porém, sabia que ela não lhe desejava nada daquilo. Ela também sabia que ele estava reformando a casa de Napa e construindo um verdadeiro palácio na cidade. Todos num raio de cem quilômetros sabiam a respeito da casa que ele estava construindo para Camille.

– O que vai fazer agora? – Ele não estava pensando nem em sua noiva nem na casa que construía para ela.

– Exatamente o que vinha fazendo até agora. Tenho o emprego nas termas, que é decente. Não me canso demais trabalhando lá e quando o bebê chegar as meninas poderão me ajudar a tomar conta dele enquanto estiver no trabalho.

– Devia ficar em casa com seus filhos. – Falava em tom reprovador, o que não era do seu feitio. Nunca lhe dissera nada semelhante antes, mas agora um dos filhos seria dele, o que era diferente. – Vou cuidar disso, Mary Ellen.

No dia seguinte iria a seu banco em Napa fazer os acertos. Havia meios de lidar com este tipo de situação e ele iria tomar as providências necessárias. Já devia ter feito alguma coisa por ela havia anos, mas ainda não era tarde demais.

– Não quero que faça isso, Jeremiah.

– Não estou pedindo sua opinião, exatamente como você não me consultou sobre a gravidez. Agora eu tomo as decisões.

No íntimo, ela estava decepcionada por ele não estar comovido pelo iminente nascimento de um filho, mas agora a cabeça dele estava repleta de outros pensamentos... outros filhos que não os dela. De certa forma, cometera um erro, mas teimosamente se recusava a admiti-lo, como dissera a Hannah diversas vezes. Era isso que desejava.

– Quero que pare de trabalhar nas termas. – Olhava-a de um modo quase paternal.

– Não posso fazer isso.

Fixou-a com os olhos.

– Ou você lhes comunica ou eu o farei. Sua vida vai mudar agora mesmo. Entendeu? Você vai ficar em casa com seus filhos e com meu filho e salvar o que resta da sua sanidade e da sua saúde. Se você se matar com esta criança, o que acontecerá às outras? Já pensou nisso?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas àquelas palavras e ele se arrependeu da veemência com que as dissera.

– Desculpe-me... eu simplesmente não... é difícil para nós dois. Vamos facilitar as coisas o mais que pudermos. Deixe-me tornar as coisas mais fáceis para você. Está bem?

Seus olhos fitaram os dele bem no fundo e ela balançou a cabeça lentamente em concordância. Queria dizer-lhe que ainda o amava, mas não havia como falar isso, e precisava voltar ao trabalho dentro de instantes. Estava começando a se sentir mal, vinha usando os espartilhos muito apertados para que ninguém notasse... Pelo menos, se parasse de trabalhar por uns tempos, não teria de usar aqueles espartilhos...

– Talvez, por algum tempo, Jeremiah. – De repente, sentia-se muito cansada. – Somente até um pouco depois de o bebê nascer.

– Não. – E, então, ele simplesmente deu umas pancadinhas em seu braço. – Deixe-me cuidar disso.

Ia enviar seu banqueiro para conversar com ela. Já tinha sido feito antes. Ela chorara, ele iria persuadi-la e mensalmente ela receberia uma determinada quantia que a sustentasse confortavelmente e a seus quatro filhos, enquanto necessitasse. Era o mínimo que podia fazer. Não ia se casar com ela e ambos sabiam disso. Este sonho já se acabara havia muito tempo. Em vez disso, estava construindo um palácio para a garota de Atlanta.

Jeremiah levantou-se em seguida e levou Mary Ellen de volta ao lugar onde o rapaz a esperava e, de repente, imaginou se não haveria mais naquela atitude protetora em relação a ela do que se podia pensar à primeira vista. Mas se fosse este o caso, Jeremiah não queria saber. Não tinha a menor dúvida de que a criança era sua, confiava nela e sabia que não tinha havido mais ninguém e, se havia agora, ela tinha direito a um pouco de conforto. Ele tinha Camille, afinal de contas.

– Então vai se demitir do emprego?

Ela assentiu e seus olhos procuraram os dele.

– Voltará um dia para me ver novamente, Jeremiah?

Ela cortou-lhe o coração com estas palavras, mas alguma coisa no seu íntimo disse-lhe que não.

– Não sei. Acho que não devo, para o bem de todos nós.

– Nem mesmo para ver o bebê?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas novamente e ele se sentiu o maior canalha na face da terra.

– Virei vê-la quando o bebê nascer. E quero que mande me avisar se precisar de alguma coisa antes disso.

Não receava que ela se aproveitasse dele. Nunca o fizera e, mesmo agora, quando qualquer outra mulher estaria agarrando-o com unhas e dentes, ela estava sendo decente.

– Estarei fora... – hesitou, sentindo-se constrangido – depois do dia 1º de dezembro.

Ia se casar em Atlanta no dia 24, mas ia haver duas semanas de festas antes e ele prometera a Camille que estaria lá. E agora esta mulher em Calistoga esperava um filho seu. Como a vida era estranha. Não pôde deixar de pensar assim enquanto cavalgava vagarosamente para casa, e pensava em como sua vida havia mudado nos últimos seis meses. E, mais estranho ainda, era possível que no próximo ano ele tivesse dois filhos. Sorriu ao pensar nisso, enquanto amarrava Big Joe nos estábulos... dois filhos... um de Mary Ellen... e um de Camille... e nem lhe pareceu estranho, diante de tudo o que acontecia, que houvesse uma carta de Amelia Goodheart esperando-o na mesa da cozinha. Era a primeira vez que recebia notícias dela desde que a deixara no trem, a caminho de Savannah. Escrevia-lhe agora para dizer-lhe que recebera sua carta e que estava feliz por ele, a respeito da moça de Atlanta, com um pouco de ciúmes também, admitia com um sorriso que Jeremiah quase podia ver, mas dizia-lhe que ele agia corretamente e que ela esperava conhecê-la se algum dia fossem a Nova York. E,

enquanto isso, sua filha em São Francisco estava esperando outro filho e ela certamente iria vê-la no próximo ano. A carta dela encheu Jeremiah de satisfação e viu-se pensando nas três mulheres e em como eram diferentes, enquanto esquentava o jantar que Hannah deixara. Estranha a vida, mulheres e crianças, romances em trens transcontinentais e, em mais nove semanas, ele estaria casado com uma mocinha delicada, de pele clara e luxuriantes cabelos negros, de lábios provocantes e olhos vivos. Todo seu corpo parecia tremer, ali sentado na cozinha silenciosa, pensando na jovem com a qual ia se casar em Atlanta.

Quando Jeremiah partiu para Atlanta no dia 2 de dezembro, os trabalhos na casa de Nob Hill tinham andado num ritmo que ele mesmo mal podia acreditar. Deveria estar de volta a São Francisco por volta de 15 de janeiro e não tinha nenhuma dúvida de que a casa estaria terminada nesta época. Já tinham mesmo colocado uma pequena placa de metal do lado de fora com THURSTON HOUSE escrito em letras esmeradamente gravadas. Thurston House, e Camille não sabia quase nada a respeito. Mantivera o segredo cuidadosamente guardado, mas não tinha a menor dúvida de que ela iria adorar o lugar. As pequenas torres já estavam prontas. As árvores e os jardins já plantados. Os primorosos painéis de madeira e os candelabros já colocados, assim como o piso tinha sido desenhado com mármore especialmente trazido do Colorado de navio. Haveria toda e qualquer facilidade moderna já criada e as madeiras, tecidos e cristais eram os melhores que se podia comprar. O lugar era quase um museu antes mesmo de qualquer pessoa ter morado ali e ele sorriu para si mesmo ao dar uma última olhada pela casa, antes de pegar o trem para Atlanta. Ia ser preciso um monte de crianças para enchê-la.

A VIAGEM PARA Atlanta pareceu interminável desta vez, pois estava ansioso para chegar. Levava consigo o mais belo colar de pérolas já visto na Tiffany's de Nova York, com brincos de pérolas e brilhantes para combinar e um lindo bracelete também. Eles lhe mandaram os desenhos das peças e elas chegaram exatamente a tempo para que as pudesse levar para Atlanta. Havia também um broche de rubis muito bonito para a Sra. Beauchamp e um maravilhoso anel de safira para presentear Camille, quando chegassem a Nova York para a lua de mel. E ele escrevera a Amelia, esperando vê-la e apresentá-la a Camille quando estivessem em Nova York. Ela finalmente começara a escrever-lhe e ficou satisfeito em manter correspondência com ela, quase tanto quanto apreciara as horas que passaram juntos no trem. Afinal, seguira o conselho de Amelia e estava tão orgulhoso de sua noiva que mal podia esperar para exibi-la a todos que conhecia.

Pensava em Amelia agora, a caminho de Atlanta. Fazia menos de um ano que tinham se conhecido e que a vira pela última vez, mas ainda se lembrava de sua impressionante beleza e elegância. Admirou-se novamente de que ela se parecesse vagamente com Camille, mas era Camille que dominava seus pensamentos agora, os braços graciosos, o rosto pequeno, os dedos longos, os tornozelos delicados, os cabelos brilhantes; mal podia esperar para abraçá-la novamente, beijar-lhe os lábios, ouvir o seu riso enquanto a enlaçava.

Desta vez ela esperava na estação do trem, em Atlanta, reclamando do atraso de quatro horas, o que não parecia ter esfriado seu estado de espírito, pois ela se atirou nos braços de Jeremiah com um gritinho de alegria, um beijo e um riso sonoro. Usava uma capa de veludo verde-escuro, combinando

com um capuz e um agasalho para as mãos – tudo forrado de arminho; e um vestido de tafetá verde por baixo, que pensara em guardar para seu enxoval, mas não o fez porque quis usá-lo para esperar por ele na estação. Jeremiah mal se continha para não apertá-la demais no trajeto de volta à casa dos Beauchamp, onde cumprimentou toda a família e bebeu champanhe, antes de ir para o hotel e se hospedar durante as duas semanas que faltavam para o casamento.

E as duas semanas seguintes foram uma interminável sucessão de festas, com bailes, jantares e almoços e toda espécie possível de comemorações e festividades. Os próprios Beauchamp ofereceram um grande jantar na véspera do casamento, para os amigos mais íntimos de Camille, como uma espécie de adeus. E houve chorosas congratulações e chorosas despedidas. Jeremiah achou que nunca vira tantas jovens bonitas num só salão, mas a mais bonita, de longe, era sua noiva. Ela rodopiava pelo salão em seus braços e dançava até de madrugada todas as noites, parecendo nunca se cansar, e aparecia sempre vivaz e animada novamente, na manhã seguinte.

Jeremiah disse rindo ao futuro sogro um dia:

– Estou começando a me preocupar em manter o mesmo ritmo que ela. Havia me esquecido de que isso é o que significa a juventude.

– Isto o manterá jovem, Thurston.

– Assim espero.

Mas não estava realmente preocupado. Nunca se sentira mais feliz do que agora e ansiava pela viagem a Nova York e o retorno a São Francisco, quando lhe mostraria a casa que construía para ela. Devia esperar que tudo estivesse correndo bem em sua ausência e, ainda que alguns dos acabamentos tivessem de ser finalizados posteriormente, o efeito geral já era espetacular. Falara a respeito com Orville ao chegar e o pai de Camille mostrou-se imensamente satisfeito por aquilo que fizera por ela. Era uma verdadeira homenagem a sua filha, que já usufruía dos suntuosos presentes de noivado, assim como a Sra. Beauchamp...

– Que cavalheiro... tão gentil...

Era cada vez mais a imagem do velho Sul, ao contrário de sua filha, que impudentemente proclamava o quanto gostara dos extravagantes presentes de Jeremiah, exibindo-os a todas as suas amigas. “Doze quilates”, repetia incessantemente a respeito do solitário que recebera de noivado e agora mostrava a todo mundo o colar de pérolas orientais, que era realmente uma joia notável, com pérolas de até 28 milímetros de diâmetro.

– Custaram-lhe uma fortuna, tenho certeza – disse uma vez e foi imediatamente censurada por sua mãe, mas seu pai achou apenas divertido e Jeremiah não disse nada. Acostumava-se com as maneiras dos Beauchamp e sabia que no íntimo Camille era diferente de seu pai.

O casamento foi realizado às 18 horas da noite da véspera do Natal, na Catedral de St. Luke, na esquina das ruas North Pryor e Houston. A cerimônia foi celebrada pelo Reverendo Charles Beckwith, um primo do bispo, e havia centenas de amigos presentes para ver o casal trocar os votos e mais outras centenas que foram convidados para a recepção no hotel onde Jeremiah estava hospedado. Isto lhe facilitou finalmente escapular e levá-la para a suíte onde sua bagagem já a esperava. Passariam a noite ali e, no dia seguinte, almoçariam com os pais dela, antes de pegarem o trem para Nova York no começo da noite. E quando Camille e Jeremiah chegaram aos aposentos dele, estavam ambos exaustos. Fora um dia extremamente longo para os dois, duas semanas mais longas ainda, cheias de animação e festas e até mesmo uma festa de Natal antecipada naquele dia no almoço. Nunca Jeremiah tinha comparecido a tantas festas. E agora ele olhava sua delicada esposa, acomodada no sofá de veludo rosa

do quarto, seu magnífico vestido de noiva de renda marfim espalhado em torno dela como uma tenda desarmada e, conforme a olhava, pensava novamente no quanto ela significava para ele. Esperara mais da metade de uma vida por ela e agora não se arrependia. Valera a pena esperar, valera os profundos desgostos por que passara antes, as decepções, os anos de solidão... por fim, ela valia até mesmo o sofrimento que causara a Mary Ellen. Por nada neste mundo teria desistido de se casar com Camille. Adorava-a de todas as formas possíveis e sabia que ela seria a esposa perfeita para ele, com todo seu fulgor, vivacidade, suas terríveis maneiras coquetes e sua paixão. Mas ela não parecia muito apaixonada agora, recostada no sofá em seu vestido de noiva, os olhos repentinamente vítreos de exaustão. Foram duas semanas intermináveis de permanente comemoração e ele se preocupara mais de uma vez que as festividades fossem excessivas e ela acabasse ficando doente. Mas ela não parecia doente agora, apenas infantil e terrivelmente cansada.

– Você está bem, meu amor?

Ajoelhou-se a seu lado, tomou-lhe a mão e beijou a palma, enquanto ela sorria para ele.

– Não creio que possa me mover, estou tão cansada!

– Não é de surpreender. Quer que eu chame a camareira?

Os olhos dela fitaram os seus e ele gostou do que viu neles. Antes, ela só dissera o que não devia, falando de algum vestido caro que seu pai comprara para o enxoval ou do enorme brilhante que Jeremiah lhe dera de noivado. Mas o que ele via em seus olhos agora alegrava-o até o íntimo; via amor, alegria e confiança. Era apenas a sua formação nas mãos do pai que a fazia tão consciente do dinheiro que as pessoas possuíam. Mas depois de um ou dois meses em Napa Valley, sabia que sua mente se encheria de prazeres mais simples, as uvas dos seus vinhedos, as flores do jardim que Hannah estava cuidando para ela, os filhos que teriam... e embora a casa na cidade fosse um verdadeiro palácio, a coisa mais valiosa era o amor com que tinha sido construída para ela. Era um monumento ao amor deles, que era exatamente o que Jeremiah iria lhe dizer quando ela a visse pela primeira vez. Pela primeira vez na vida, sentia-se plenamente realizado e, agora, quando olhava sua pequena e preciosa noiva, tão silenciosamente recostada, em seu vestido de casamento, sentiu como se seu coração fosse explodir de pura felicidade.

– Bem, Sra. Thurston... que tal isso lhe parece?

Beijou a parte interna do seu pulso e algo se agitou dentro dela, que sorriu para ele com volúpia. Estava cansada demais para se mover, mas não para desejá-lo perto dela agora. Nunca se cansava de tê-lo junto a si e só de olhá-lo sentia o corpo arder de desejo. Nunca pensara que fosse se sentir assim a respeito de um homem, muito menos alguém da idade de Jeremiah Thurston. Sempre suspeitara secretamente de que se casaria com um rapaz incrivelmente vistoso, talvez um francês de Nova Orleans, ou os condes franceses de que seu pai falava... ou um banqueiro muito rico de Nova York, de olhos turvos... mas Jeremiah era mais atraente do que qualquer das imagens que arquitetara e havia nele uma rude masculinidade que lhe agradava e que apenas a assustava um pouco agora. Sentia-se terrivelmente atraída por ele e, apesar do que sua prima lhe dissera, não conseguia imaginar que o que ele iria lhe fazer pudesse ser odioso. Podia ver em seus olhos, agora, o mesmo desejo com que a olhara desde o primeiro momento, mas gostava de mexer com ele e provocá-lo, e o fazia de novo naquele momento, beijando seu pescoço, depois sua orelha e finalmente sua boca, sentindo-o contorcer-se junto dela.

Então, sem uma palavra, ele começou a desabotoar os minúsculos botões acima dos seus braços e revelava a pele sedosa por baixo, beijando-a conforme o fazia. Em seguida, primeiro removendo as pesadas voltas de pérolas que lhe dera, começou a desabotoar os minúsculos botões de cetim da frente

do vestido, revelando o perfeito vão entre os seios, cobertos pela combinação de cetim modelada com perfeição e, finalmente, o espartilho de renda. Ele se revelava extremamente hábil em tudo aquilo e livrou seu corpo jovem e arrebatador das roupas que o cobriam, e ela ficou de pé diante dele, sem receio e sem nenhum adorno, no seu próprio esplendor despido, apenas com as claras meias de seda ainda vestidas, que retirou uma a uma e, em seguida, rapidamente livrou-se das próprias roupas, maravilhado com sua falta de timidez diante dele, sua franqueza e sua coragem... cobrindo-a com seus lábios, com suas mãos, despertando nela mais prazer do que jamais ousara sonhar... sua prima estava errada... errada... pensou nela apenas por um instante enquanto gemia... era exatamente como desejara que fosse... e mesmo quando ele a colocou gentilmente na cama e apartou suas pernas, penetrando-a primeiro com a língua, depois com os dedos e finalmente mergulhando nela com todo o seu desejo desatrelado, ela gemeu não de dor, mas de prazer... despertara nela uma agonia intensa que nunca sequer imaginara e ela levou-o a êxtases tão puros e fascinantes que ele quase gritou em seus braços, deitado ali, exausto, a cabeça enterrada em seu peito.

Olhou-a depois, preguiçosamente, e ficou feliz em vê-la aconchegar-se de modo suave a seu lado, quase rosnando de prazer. A dor esperada fora breve e ele fora tão hábil que ela mal sentira. Sussurrou-lhe baixinho:

– Você é minha agora, Camille.

E ela respondeu-lhe com um sorriso, parecendo mais mulher do que apenas uma hora antes. Desta vez ela estendeu-lhe os braços e quando a possuiu novamente, ela gritou de prazer até que finalmente, ao soltá-la, caiu profundamente adormecida em seus braços. Poucas horas depois acordou novamente, suplicando-lhe mais... e desta vez foi ele quem gritou, nas mãos dela, à mercê dela, totalmente enfeitiçado. Havia algo de fascinante nela que nunca suspeitara e a sabedoria de sua escolha e a magnitude de sua sorte ocorreram-lhe repetidamente enquanto faziam amor naquela manhã. Quase teve de arrastá-la para fora da cama para chegarem a tempo no almoço na casa dos pais, enquanto ela brincava, ria e tentava seduzi-lo novamente, o que fez com apetite e voluptuosidade quando estavam no trem. E mal saíram para tomar ar durante todo o trajeto para Nova York, após terem se despedido dos pais dela. Chegaram à Grand Central Station sem que Jeremiah se desse conta e tinha o ar de um homem muito feliz quando se dirigiram ao Cambridge Hotel onde Jeremiah sempre se hospedava. Havia momentos em que ele achava que ia morrer de prazer nos braços dela, mas não se importava. Se tivesse de morrer, não conseguia imaginar um modo melhor do que fazendo amor apaixonadamente com sua doce Camille. Era realmente a garota dos seus sonhos. Sua vida estava finalmente completa agora.

Jeremiah e Camille chegaram a Nova York no dia seguinte ao Natal e um manto de neve cobria o chão quando a jovem recém-casada pulou do trem batendo palmas de contentamento. Seus olhos cintilavam no ar frio e o rosto e as mãos estavam envoltos em belas peles de marta, que combinavam com o agasalho das mãos presenteados por Jeremiah no Natal. Parecia uma princesa russa ao descer do trem, uma pequena mão enluvada na dele, que a olhava com prazer. Adorava todas as coisas lindas que ele lhe dava e frequentemente pensava na sorte que tivera de sair de Atlanta. Ele era quase tão bom quanto um príncipe ou os duques que seu pai havia tanto tempo lhe prometia. E mal podia esperar para ver a casa dele em Napa Valley, que presumia fosse mais grandiosa do que uma fazenda.

Dirigiram-se ao Cambridge Hotel na 33ª Avenida. Não havia saguão e Walmsby, o recepcionista, mostrou-se diligente em manter a imprensa afastada. Jeremiah sempre gostara daquele lugar por causa disso. Gostava da privacidade que sempre usufruía ali, as extraordinárias suítes e as muitas histórias engraçadas que Walmsby sempre contava. Camille entrou na suíte em passos largos e decididos, à frente de Jeremiah, como se houvesse anos que entrasse em hotéis com ele, o que o fez rir, suspendendo-a e atirando-a na cama com todas as suas joias e peles.

– Você é uma garotinha travessa, Camille Thurston.

O nome ainda soava engraçado para ambos, mas ela não negou a acusação. E ele não lhe disse que ficara espantado com sua frieza para com seu velho amigo, o recepcionista. Ela estava brincando de grande dama e o pobre Walmsby ficou arrasado quando estendeu a mão e ela o ignorou.

– Que grosseiro – disse em voz alta ao passar por ele. – Quem ele pensa que é?

– Meu amigo – Jeremiah sussurrara brandamente.

Mas, uma vez a sós com ele na suíte, beijou-o tão avidamente que ele esqueceu tudo a respeito de Walmsby e, quando se vestiam para jantar, ele sorriu para si mesmo, pensando na casa que construía para ela em São Francisco. Mal podia esperar até que a visse. Mal a mencionara desde que chegara a Atlanta e sempre que ela lhe fazia perguntas sobre a casa deles, simplesmente fugia do assunto dizendo-lhe que era decente e que ela talvez quisesse fazer algumas mudanças quando chegassem.

Mas, por enquanto, ela estava muito mais interessada no que fariam em Nova York. Foram ao teatro várias vezes, uma vez à ópera, jantaram no Delmonico's na primeira noite e no The Brunswick na segunda, onde Jeremiah pediu pato e aves de caça. Os grandes figurões das corridas de cavalo almoçavam sempre ali e muitos dos patronos eram britânicos. E na terceira noite Jeremiah aceitara um convite de Amelia. Fizera-o com uma sensação de excitação. Estava ansioso para apresentar Camille a ela e também feliz de ver Amelia outra vez. A correspondência que trocaram havia transformado totalmente sua louca paixão em amizade. E o convite de Amelia fora tão amável que ele aceitara com

prazer, mas, a caminho da casa dela com Camille, começou a ficar apreensivo. Camille estava rabugenta e mimada, tinha sido rude com a camareira no hotel quando se vestia e isto começava a aborrecê-lo.

Estavam a caminho da casa de Amelia na Quinta Avenida numa carruagem e Camille usava um casaco de veludo negro e sua profusão de peles. O imenso solitário reluzia em sua mão esquerda e a safira que lhe dera resplandecia na direita. Sob a manta de veludo de Paris, trajava um vestido de veludo branco, com pequenas laçadas de arminho nos ombros e em toda a volta da barra da saia. Era um modelo magnífico e custara ao pai o preço do resgate de um rei, como ele se sentira muito feliz em comunicar a Jeremiah antes de partirem de Atlanta.

– Está parecendo uma rainha – disse-lhe antes de deixarem o hotel, tomando-lhe a mão em luva de pelica na sua, enquanto procurava descrever Amelia para ela.

– É uma mulher muito especial... inteligente... digna... muito bonita...

Pensou no flerte inofensivo que tiveram no trem para Atlanta e sentiu uma sensação de bem-estar ao pensar nela. Era uma mulher adorável e sabia que seria amável com Camille quando a conhecesse.

Mas Camille mostrou-se difícil desde o instante que entraram na casa de Amelia. Era como se ressentisse a óbvia boa educação de Amelia, seu bom gosto, suas roupas elegantes, até mesmo sua maneira distinta e sofisticada, o que instantaneamente suscitou o pior de Camille, para grande constrangimento de Jeremiah.

Amelia possuía uma graciosidade rara e um encanto meigo, que fazia com que todos que a viam desejassem abraçá-la. E o próprio Jeremiah havia-se esquecido do quanto ela era adorável, com a transparência e reluzente claridade de um diamante muito puro, os olhos brilhantes, os braços delicadamente esculpidos, a maneira de caminhar, a discreta elegância de suas finas joias, os arrebatadores trajes feitos em Paris. Nunca a vira realmente nos seus melhores momentos, mas apenas no trem para Atlanta, e no entanto esta amizade nascera ali. Uma amizade à qual ele sabia que jamais renunciaria, enquanto a observava flutuar pelos salões da esplêndida casa que Bernard Goodheart lhe deixara. Havia criados de libré por toda a casa e a luz de velas bruxuleava nos mais belos candelabros que Jeremiah já vira, acima de pisos de mármore intrinsecamente arranjados, formando desenhos de flores que se espalhavam de uma ponta à outra do corredor. A decoração de cada cômodo era inequivocamente francesa, com exceção da sala de jantar e da biblioteca principal, que eram impecavelmente inglesas. Toda a casa tinha a beleza de um museu e dentro dela movia-se aquela joia de mulher. E agora, era óbvio que Camille estava consumida de inveja ao observar a graça de Amelia. Era como se não pudesse suportar nada que a outra fizesse. Tinha raiva de cada uma de suas palavras, cada sorriso, cada gesto.

– Camille, comporte-se! – Jeremiah instou-a num sussurro, quando Amelia deixou o aposento por um instante para providenciar que selecionassem outra garrafa de champanhe para depois do jantar. – O que há com você hoje, não está se sentindo bem?

– Ela é uma vagabunda! – proferiu com violência para Jeremiah, num falso sussurro, suficientemente alto para que outros ouvissem. – E está atrás de você e você é cego se não vê!

O sotaque sulista parecia mais pronunciado do que nunca e ele teria amolecido com seu ataque de dedicação possessiva se ela não tivesse sido tão rude com a amiga dele. Camille, porém, estivera realmente insuportável durante toda a noite, respondendo asperamente a quase tudo que Amelia dizia. E ainda assim, Amelia tratava-a com a decidida calma de uma mãe extremamente apta, acostumada a lidar com crianças difíceis. Mas Camille já não era uma criança e Jeremiah estava furioso com ela quando voltavam para o Cambridge.

– Como pôde agir daquele modo? Foi uma vergonha. Fiquei mortificado!

Recriminava-a como a uma criança que tivesse se comportado mal, e teve vontade de sacudi-la quando ela saiu às pressas e furiosa da carruagem para o hotel e bateu a porta da suíte com força suficiente para acordar todos os hóspedes.

– O que aconteceu com você?

Parecia uma louca aquela noite e havia dias que vinha sendo grosseira com diversas pessoas. Nunca a vira se comportar dessa maneira antes, mas de qualquer forma havia muita coisa sobre ela que nunca vira. Imaginava se este seria um aspecto do comportamento dela que lhe tivesse passado despercebido. Se assim fosse, iria corrigi-la.

– Vou me comportar como eu bem entendo, Jeremiah! – gritou com ele, que ficou chocado.

– Pode ter certeza de que não o fará. E você vai pedir desculpas a minha amiga, a Sra. Goodheart. Vai escrever-lhe uma carta esta noite, que mandarei entregar pela manhã. Entendeu?

– Entendo é que você está louco, Jeremiah Thurston! Não vou fazer nada disso.

Ela se assustou então, pois ele a pegou pelo braço e forçou-a a sentar-se numa cadeira com um gesto rápido e brusco.

– Acho que você não me entendeu, Camille. Quero que você escreva uma carta de desculpas para Amelia.

– Por quê? Ela é sua amante?

– O quê? – Olhou-a como se fosse louca. Amelia era respeitável demais para ser a amante de alguém. E ele praticamente a pedira em casamento uma vez. Quase contou a Camille, mas decidiu que isso só iria piorar as coisas. – Camille, você tem sido grosseira e agora você é minha mulher. Não é uma garotinha mimada que faz o que bem entende. Está claro?

Ela ficou em pé, empertigada, e olhou fixamente para o marido.

– *Eu* sou a Sra. Jeremiah Thurston de São Francisco e meu marido é um dos homens mais ricos do Estado da Califórnia, melhor... do país... – olhou-o com uma expressão que o horrorizou – e posso fazer o que eu quiser. *Isto* está claro?

Era como ver uma transformação ocorrer diante dos próprios olhos e Jeremiah estava determinado a impedi-la.

– Este tipo de comportamento, Camille, só vai lhe trazer o pior desprezo e ódio aonde quer que você vá. E deixe-me sugerir-lhe agora que você se torne extremamente humilde antes de chegarmos à Califórnia. Moro numa casa simples em Napa Valley, cultivo uvas e sou um mineiro. Isso é tudo que eu sou. E você é minha mulher. E se acha que isso é motivo para ser rude com nossos amigos, ou nossos vizinhos, ou as pessoas que trabalham para nós, então você está tremendamente enganada.

Ela sorriu de repente e agarrou suas peles de zibelina com as duas mãos. Agora tinha o que queria. Amava-o, mas também amava o que ele possuía e o que ele representava. E agora ela também representava o mesmo. E ninguém mais iria menosprezá-la pelo que seu pai era. Se a sua aristocrática mãe não tinha sido suficiente para anular as origens humildes de seu pai, então ela havia se saído melhor do que todos eles. Casara-se com alguém de fora de seus círculos sociais e casara-se com o homem mais rico do Estado da Califórnia. E ninguém iria menosprezá-la novamente. Agora ela possuía a posição aliada ao dinheiro, e mais dinheiro do que jamais tivera, ou sonhara ter em Atlanta. Ouvia as pessoas sussurrando a todo lugar que iam, sabia o que diziam. Seu pai lhe dissera: Jeremiah era um dos homens mais poderosos, mais importantes do país.

– Não venha me dizer que você é “apenas um mineiro”, Jeremiah Thurston. Isso é besteira e nós dois o sabemos. Você é muito mais que isso, e eu também.

Era difícil acreditar que ela tivesse apenas 18 anos. Parecia muito mais velha ali, de pé.

– E o que acontece se perdermos o que temos, se as minas vão à falência, se eu perco tudo, Camille? O que acontece então? Quem é você, se tiver atrelado toda a sua importância a isso? Não é ninguém.

– Você não vai perder coisa alguma.

– Camille, quando eu era um garotinho em Nova York, mal tínhamos o que comer e, então, meu pai encontrou ouro na Califórnia. Era o sonho de todo mundo naquela época, ainda é, eu acho. E eu também tive sorte. Mas isso é tudo. Sorte. Boa sina. Algum trabalho duro. Mas pode se esvair com a mesma facilidade com que vem e você deve continuar a ser o que é, não importa o que aconteça. Casei-me com uma linda menina de Atlanta, e eu a amo... agora não se transforme em outra pessoa só porque se casou comigo. Não é justo. Acima de tudo não é justo consigo mesma. Você não precisa fazer isso.

– Por que não? As pessoas vêm me fazendo isso há muito tempo. Até mesmo minha mãe. – De repente, surgiram lágrimas em seus olhos e falava como uma criança provocadora: – Ela sempre agiu como se eu não fosse boa o suficiente, porque eu era parte meu pai... como se ele não valesse nada... bem, ela se casou com ele e, mesmo que ele não valesse nada, se saiu bem e sempre foi muito bom para ela, e rico o suficiente, também para ela, depois que seu pai se suicidou com um tiro. Mas as pessoas têm menosprezado a mim e ao Hubert a nossa vida inteira. Hubert não dá a menor importância, mas eu dou e não vou mais tolerar isso, Jeremiah. E Amelia foi exatamente como todos eles, tão desgraçadamente aristocrática e especial. Conheço-os. Vi o tipo por todo o Sul, são encantadores como o diabo e depois lhe põem no devido lugar.

Ele mostrou-se chocado. Que ataque injusto a Amelia e, no entanto, ele em parte compreendeu o sofrimento de Camille. Nunca havia percebido isto antes; agora, porém, o sabia e sentiu pena pelas muitas atitudes de desprezo que ela devia ter sofrido enquanto crescia. Agora entendia o que Orville quis dizer quando declarou que queria tirá-la do Sul. Era muito importante para ela e era muito importante para Orville.

– Mas Amelia não lhe disse nada, querida.

– Ela o teria feito!

Lágrimas corriam-lhe pelo rosto e Jeremiah foi até ela e tomou-a nos braços.

– Eu nunca, jamais deixaria alguém fazer isso com você, meu amor. Ninguém jamais vai desprezá-la dessa forma. – Sentiu-se repentinamente feliz por ter construído a casa para ela em São Francisco. Talvez lhe desse a autoconfiança de que aparentemente precisava. – Prometo-lhe que ninguém vai tratá-la mal na Califórnia. E sei que Amelia também não o teria feito. Devia ter lhe dado uma chance. – Apertou-a junto a si como o teria feito a uma criança assustada. – Talvez da próxima vez.

Levou-a para a cama e ficou abraçando-a com força como se quisesse confortá-la e, quando a manhã chegou, ela não escreveu a carta que ele queria e ele não quis aborrecê-la insistindo. Em vez disso, ele enviou a Amelia um enorme arranjo de lilases brancos, quase impossíveis de encontrar nos rigores do inverno, e sabia que ela ia adorar, e compreender.

Jeremiah e Camille passaram o resto de sua estada em Nova York percorrendo as lojas e comprando lindas bugigangas para Camille, quadros para a casa nova, um colar de pérolas negras, um colar de brilhantes e esmeraldas sem o qual ela garantiu que não poderia viver e malas, malas e malas de tecidos e penas e rendas, “para o caso de eu não achar do meu gosto na Califórnia”.

– Não é a África, pelo amor de Deus. É a Califórnia.

Mas divertia-se com o que ela comprava e deixou-a comprar de tudo; quando entraram no vagão particular do trem que os levaria de volta à Califórnia, mais da metade estava tomada pelas malas e caixas de Camille com todas as suas preciosidades.

– Acha que compramos o suficiente, meu amor?

Ele tinha um ar satisfeito ao acender o charuto quando o trem partiu da Grand Central Station. Dera um jeito de falar com Amelia mais uma vez antes de partirem e ela insistiu em que ele não deveria se incomodar com a atitude de Camille.

– Ela é jovem. Dê-lhe uma oportunidade de se adaptar ao fato de ser sua esposa, Jeremiah.

Ele tinha a intenção de fazer exatamente isso. Passaram a maior parte do tempo fazendo amor, na viagem para a Califórnia. E para uma garota com o que ele presumia fosse uma educação sulista muito severa, ela possuía uma espécie de liberalidade maravilhosa quando faziam amor. Nunca se sentira tão feliz em sua vida e ela estava se tornando rapidamente perita nas coisas que mais o agradavam. Era uma jovem amante extraordinariamente exótica.

Finalmente, quando chegaram, Jeremiah mal conseguia se conter de tanta excitação. Morria de vontade de mostrar-lhe a casa... a casa deles... Thurston House... em todo o seu esplendor, e ele continuava a mantê-la desinformada a respeito.

– Não, não é terrivelmente grande, mas vai ser suficiente para nós e o primeiro bebê.

Os primeiros dez bebês, ria para si mesmo... espere até que a veja! Ajudou-a a descer do vagão que tinham ocupado por sete dias e dirigiu-a à carruagem que tinha vindo buscá-los. Era nova em folha, marrom com um friso negro, conduzida por um conjunto perfeito de quatro cavalos lustrosamente negros. Era uma bela combinação e ele a adquirira para Camille pouco antes de ir para Atlanta para o casamento.

– Que beleza, Jeremiah!

Ela parecia impressionada ao sorrir e bater as mãos e olhou-o com veneração enquanto ele a ajudava a subir. Havia uma segunda carruagem para a bagagem e ambas ostentavam um ornato em forma de arabescos com as suas iniciais. J. A. T. Jeremiah Arbuckle Thurston.

– A casa fica longe daqui? – Olhava em torno da estação com um ar ligeiramente preocupado e Jeremiah riu.

– Longe o suficiente, menina. Estava preocupada que eu fosse montar uma casa para você aqui?

Ela riu de si mesma e ele sentou-se ao lado dela para atravessarem São Francisco em direção ao norte. Ele ia mostrando-lhe os pontos de referência da cidade à medida que prosseguiam, o Palace Hotel onde ele se hospedara tantas vezes antes de construir a casa nova, St. Patrick's Church, Trinity Church, Union Square, a Casa da Moeda e Twin Peaks a distância. E, então, quando finalmente começaram a subir Nob Hill, mostrou-lhe a residência de Mark Hopkins, a de Tobin, a casa dos Crocker e a de Huntington Colton, todas pelas quais passaram no caminho de Thurston House. Mas ela ficou particularmente impressionada com as casas de Crocker e de Flood. Eram mais elegantes do que qualquer coisa que tivesse visto em Savannah e Atlanta.

– Mais bonitas do que em Nova York!

Batia palmas. São Francisco não era tão ruim assim, afinal de contas. Não estava muito certa disso antes e agora estava mais excitada ainda para conhecer a casa deles, mas ele a avisara de que seria pequena e agora entravam num pequeno parque. Havia passado por um enorme conjunto de portões e os cavalos ganharam velocidade ao darem a volta por um labirinto de árvores e cercas.

– A casa fica aqui dentro?

Parecia confusa. Via apenas árvores e nenhuma casa, mas talvez ele estivesse lhe proporcionando um pequeno passeio antes de levá-la à casa deles e, então, ela viu a maior de todas as casas, um prédio espetacular, com quatro pequenas torres e uma espécie de cúpula em cima.

– De quem é esta casa? – Estava fascinada. Era a casa mais majestosa que já vira. – Parece um hotel, ou um museu.

– Não é uma coisa nem outra.

Jeremiah tinha um ar muito sério quando a carruagem parou e ela não o conhecia o suficiente para decifrar seu olhar travesso.

– É provavelmente a maior casa da cidade. Queria que a visse antes de irmos para casa.

– De quem é, Jeremiah? – Falava num sussurro de reverência. Era maior do que algumas das igrejas pelas quais tinham passado. – Devem ser muito ricos. – Falava num tom respeitoso e ele riu.

– Gostaria de ver o interior?

– Acha que deveríamos? – Estava hesitante, mas curiosa ao mesmo tempo. – Não estou bem-vestida para fazer uma visita.

Usava um traje de *tweed* e uma capa de pele, com um dos bonitos chapéus que ele lhe comprara em Nova York.

– Parece-me muito bem. Afinal de contas, estamos em São Francisco, não em Nova York. Na verdade, acho que você está muito elegante.

E antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, conduziu-a direto à porta de entrada, tocou a pesada aldrava de bronze e quase instantaneamente um criado de libré abriu a porta e olhou fixamente para Jeremiah. Todos tinham sido avisados da chegada deles e de que, se o patrão agisse estranhamente, não deveriam tomar conhecimento. Ele passou direto pelo criado, Camille ofegou, já que nada havia sido dito, e ele puxou-a para o seu lado. Juntos, ficaram de pé sob a enorme abóbada de vitrais e ela ofegou novamente. Era a coisa mais linda que já vira e ela fitava encantada as luzes e desenhos que projetava no piso de mármore.

– Ah, Jeremiah... é tão linda...

Olhava fixamente para cima com seus enormes olhos e ele sorriu feliz. Era isso que tinha desejado.

– Quer ver o resto?

– Não devia avisá-los de que estamos aqui?

Parecia preocupada. As pessoas não podiam ser tão informais em São Francisco. Sem dúvida era diferente do Sul. Seus pais teriam ficado horrorizados em encontrar alguém andando pela casa deles, ainda que fossem amigos, mas por outro lado não moravam num palácio como este. Não conhecia ninguém que morasse. Até mesmo a amiga de Jeremiah em Nova York tinha uma casa menos majestosa do que esta e de repente Camille se sentiu contente. Quem quer que fossem, tinham-na sobrepujado.

– Jeremiah...

Os criados não pareciam tomar conhecimento deles e ele a puxou lentamente pela imponente escada.

– Você precisa ver o andar superior, Camille, e o mais belo conjunto de aposentos que você jamais viu.

– Mas Jeremiah... por favor...

Isto era terrível. O que iriam dizer quando os vissem? Mas antes que pudesse falar qualquer coisa, ele a tinha puxado para o que parecia ser o quarto de dormir principal, todo decorado nos mais extravagantes acolchoados de seda rosa que ela já vira. Jamais vira tanto tecido num quarto e havia duas lindas pinturas francesas em cada lado da cama e outra acima da lareira no outro lado do quarto. E dali, ele conduziu-a a um pequeno *boudoir* francês com papel pintado à mão, trazido diretamente de Paris, e um quarto de vestir cheio de espelhos e o maior banheiro de mármore cor-de-rosa que ela já vira e, depois dele, outro, em mármore verde-escuro, presumivelmente para o dono da casa, um escritório revestido de madeira e, então, de repente, estavam de volta ao quarto de dormir. E por mais desconfortável que ela se sentisse por estar na casa de outra pessoa, estava tão dominada pela beleza da casa que quase não se importava. Era como comer bombons e não ser capaz de parar até ter devorado a caixa inteira, e tudo antes da anfitriã voltar à sala. Era como um sonho e um pesadelo ao mesmo tempo e ela fitou Jeremiah, em êxtase absoluto.

– Quem mora aqui? – Não que fosse conhecer o nome, mas não o esqueceria mais. Nunca esqueceria esta casa, os aposentos suntuosos, os tecidos preciosos, as coisas de valor espalhadas por toda parte. – Quem são? Como fizeram fortuna?

A última pergunta foi feita em voz tão baixa que ele mal pôde ouvi-la.

– Em mineração – sussurrou-lhe em resposta.

– Deve haver muitas minas boas por aqui – sussurrou ela novamente e ele sorriu.

– Bastante.

– Qual o nome deles?

– Thurston – sussurrou ele prosaicamente e ela assentiu com um movimento da cabeça; de repente, parou e olhou-o novamente.

– Thurston? São seus parentes?

– Mais ou menos. – Ainda sussurravam. – Minha mulher mora aqui.

– Sua o quê?

Parecia horrorizada. Que espécie de piada era aquela? E teria começado a chorar, mas estava amedrontada demais. Ele teria outra mulher? Teria pregado uma peça cruel neles todos? Ele via tudo o que passava pela sua cabeça e virou-a vagorosamente para que olhasse em um dos grandes espelhos. Apontou para a imagem refletida no espelho com um sorriso.

– Esta mulher, sua tola. Você a conhece?

Ela virou-se para encará-lo, com um ar de espanto total.

– O que quer dizer, Jeremiah, esta é *sua* casa?

– *Nossa* casa, minha querida. – Puxou-a para os seus braços, sentindo todo o prazer do mundo aflorar dentro de si de uma só vez. – Eu a construí para você. E provavelmente há alguns cantos inacabados, mas nós os terminaremos juntos.

Apertou-a com força e ela se afastou dele após um instante e deu um gritinho de surpresa; depois começou a rir.

– Você me enganou! Jeremiah Thurston, você me enganou! Achei que era louco de estar andando pela casa de outra pessoa!

– Mas você não se recusou a fazê-lo! – respondeu zombando dela.

– É a casa mais linda que já vi e não queria ir embora sem ver mais...

– Então vou lhe mostrar o restante e você jamais vai ter de deixá-la, minha querida; é sua, de cima a baixo.

E agora os criados que os viam sorriam e um grupo de criadas tinha se aproximado para ver a nova senhora. Tinham sido contratados pouco antes de Jeremiah partir para Atlanta e ele mesmo mal os conhecia. Tudo ali era tão novo! Ele lhe mostrou as cozinhas e as despensas, os quartos da babá e das crianças no andar de cima, a vista de quase todas as janelas e a discreta placa no portão da frente que dizia THURSTON HOUSE. Mostrou-lhe tudo que havia para ver e, ao final da excursão, ela desabou na imensa cama de dosséis com um sorriso igualmente largo no rosto e fitou-o.

– É a casa mais linda que eu já vi, Jeremiah. Em qualquer parte.

– E é toda sua, minha querida; divirta-se.

– Ah, eu o farei! – Já imaginava as deslumbrantes festas que daria e mal podia esperar para começar a usar o salão de bailes. – Espere até eu contar ao papai!

Este era o maior elogio, Jeremiah o sabia. O pai era um deus aos olhos de Camille, mas Jeremiah galgava rapidamente a mesma importância. E agora ele havia conseguido impressioná-la de verdade. Nem mesmo o enorme diamante a surtira tal efeito. A casa realmente cumpriu seu propósito e ela sorria para ele.

– Deve ter custado uma fortuna, Jeremiah. Você deve ser até mais rico do que papai achava!

Mas o pensamento não a desagradava nem um pouco.

Ele ficou excitado com o deleite dela pela casa, vago quanto às perguntas a respeito do custo das coisas e decepcionado com a reação de Camille quando a levou para Napa Valley.

Depois da elegância e das maravilhas modernas da casa em Nob Hill, ela não se impressionou com a casa que ele reformara em Santa Helena. Ficou preocupada com a distância que ficava da cidade, como o lugar era insignificante e o tempo que era necessário para se chegar a São Francisco. Era praticamente um dia inteiro de carruagem e barco e ela achou a casa de Napa depressiva. Ouvira dizer que ele a havia construído para uma jovem que amara e que morrera e isto a aborreceu ainda mais. Queria voltar ao esplendor de Thurston House e exibir todas as suas roupas novas. Já! E o fato de que ele vivera ali nos últimos 20 anos não a interessava absolutamente, o vale em si não tinha qualquer encanto para ela e as únicas coisas que pareciam interessá-la eram as minas e quanto em dinheiro ele fazia ali. Todos os dias ela lhe fazia mil perguntas, mas eram tão mercenárias e tão precisas que ele se mostrou propositadamente vago nas respostas. Constrangia-o discutir dinheiro a esse ponto e tinha muito trabalho a fazer para poder despendar muito tempo com ela depois de sua longa ausência. Precisava de um mês em Napa para acertar as coisas e Camille detestava cada instante que passavam ali.

Ele estava elaborando um complexo sistema que lhe permitisse viver em São Francisco a maior parte do tempo, como prometera ao pai dela, mas os meios de comunicação entre Thurston House e as minas precisariam ser aperfeiçoados. Já havia lhe prometido que de fevereiro a junho daquele ano permaneceriam na cidade e, depois disso, ela concordara, se transfeririam para Napa para passar o verão. Era um acordo que gostaria que funcionasse, mas havia outros acordos que ele gostaria que funcionassem também. Por enquanto, Hannah e Camille não estavam se dando bem, e na sua segunda noite de volta das minas, Jeremiah se perguntava qual das duas mulheres ia encontrar esperando-o quando chegasse em casa. Parecia pouco provável que ambas sobrevivessem à convivência.

Camille achava Hannah desleixada e atrevida, confiada demais, pois ousara chamá-la de “menina”, em vez de Sra. Thurston. Pior do que isso, ela por fim chamara-a de pirralha, ainda por cima mimada, e Hannah disse a Jeremiah, num alvoroço total, que a viborazinha tinha na verdade atirado algo nela. Brandia o ofensivo objeto no ar, para provar o que dizia. Camille, ao que tudo indicava, tinha atirado uma pequena caixa de chapéu nela e a velha governanta conseguira se esquivar.

– Ela é tão idosa, Camille, que realmente não seria justo demiti-la.
Sua mulher exigira a cabeça da velha senhora numa bandeja pela manhã.

– Não posso fazer isso!

Não podia imaginar nada pior.

– Então eu o farei.

Nunca se mostrara tão determinada ou tão sulista. Mas de repente ele percebeu que precisava tomar uma atitude, antes que as coisas ficassem totalmente sem controle entre eles.

– Não, não o fará. Hannah fica. Vai ter de se acostumar com ela, Camille. Ela faz parte da vida que estou acostumado a levar em Napa.

– Isto foi antes de você se casar comigo.

– Sim, foi. E não posso mudar tudo da noite para o dia. Eu remodelei esta casa só para você. Era uma bagunça antes disso e eu contratarei mais empregados se você precisar, mas Hannah continua.

– E se eu partir e voltar para São Francisco?

Olhou-o arrogantemente e ele a pôs no colo sem maiores rodeios.

– Então, eu a trarei de volta para cá e lhe darei umas palmadas.

Ela sorriu meio agastada e ele a beijou.

– Isto, assim está melhor, assim é a mulher que eu amo, sorridente e meiga, e não atirando caixas em velhinhas.

– Ela me chamou de víbora!

Camille estava furiosa novamente, mas também estava muito bonita e ele sentiu um forte desejo de possuí-la.

– Pelo jeito você agiu como uma víbora se jogou aquilo nela. Comporte-se, Camille. As pessoas daqui são pessoas boas, do interior, são pessoas simples e sei que você está terrivelmente entediada, mas se for boa com eles, lhe serão leais para sempre.

Pensava nos longos anos de lealdade de Mary Ellen para com ele ao dizer isso e imaginava se ela já teria tido o bebê.

Camille continuava se mostrando petulante ao levantar-se e caminhar pelo quarto.

– Prefiro a cidade. E quero dar um baile.

Parecia uma criança ansiosa que quisesse seu aniversário agora, não importava como!

– Tudo a seu tempo, menina. Tenha paciência. Primeiro preciso terminar um trabalho aqui. Não ia querer ficar na cidade sem mim, iria?

Balançou a cabeça negativamente, mas não parecia satisfeita e ele a beijou novamente, fazendo-a esquecer-se de qualquer outro lugar que não os seus lábios e pouco depois tinha-a na cama a seu lado, a questão sobre Hannah havia muito deixada de lado. Até a manhã seguinte, quando ela tentou retomá-la, mas ele não permitiu. Disse-lhe que fosse dar uma longa e saudável caminhada e ele viria vê-la na hora do almoço. A perspectiva não a apaziguou muito, mas não havia o que pudesse fazer a respeito. Ele saiu pouco depois e ela viu-se sozinha com Hannah, que mal lhe disse duas palavras a manhã inteira até Jeremiah voltar para casa, quando então parecia ter muito assunto com ele, perguntas sobre as minas, mexericos sobre as pessoas da cidade que Camille não conhecia. Aborrecia-se só de ouvir. Na verdade, todo o maldito vale de Napa a aborrecia. Queria voltar para São Francisco e disse-lhe isso novamente depois do almoço, enquanto ele colocava os arreios em Big Joe outra vez e se aprontava para voltar à mina. Mas desta vez ele falou-lhe francamente.

– Permaneceremos aqui até o fim do mês. Acostume-se com isso, Camille. É o outro lado da nossa vida. Nós vivemos aqui também, não é só em Thurston House. Temos uma vida aqui também. Eu lhe disse isso. Sou um mineiro.

– Não, não é. É o homem mais rico da Califórnia. Agora vamos voltar para São Francisco e viver à altura.

O que ela dizia contrariava-o e ele tentou argumentar com ela repetidamente, sem resultado.

– Esperava que você fosse gostar de Napa Valley, Camille. É importante para mim.

– Bem, é feio, enfadonho e estúpido. E eu odeio aquela velha e ela me odeia.

– Então leia um livro. Eu a levarei à biblioteca de Napa no sábado.

Aquilo significaria perder sua sessão matinal de sábado com Danny, mas no momento Camille era mais importante. Queria que ela se acomodasse com a vida deles no campo. Não podia estar em São Francisco o tempo todo e queria-a junto dele.

Por fim, não passou a manhã de sábado com Camille ou com Danny. Na sexta-feira à tarde houve uma inundação em uma das minas, o que acontecia a cada inverno, e já haviam perdido sete homens e lutado desesperadamente para salvar outros trinta. Jeremiah descia até as minas com as equipes de salvamento, coberto de lama e lutando desesperadamente para retirar os homens dos bolsões onde se refugiavam, mal conseguindo respirar, como morcegos em cavernas, à espera de serem resgatados. Era um momento terrível e cheio de tensão, como Hannah explicou para Camille quando recebeu a notícia e Jeremiah não voltou para casa. Sabia que ele não estaria de volta até que o último homem tivesse sido encontrado, vivo ou morto, e ele iria visitar as viúvas antes de voltar para casa, para sua mulher. Camille refreou-se quando soube e, quando ele se aproximou vagarosamente, montado em Big Joe, ao meio-dia da manhã seguinte, ela compreendeu o quanto tinha sido penoso só de ver-lhe a expressão do rosto.

– Perdemos 14 homens – foram suas primeiras palavras e ela sentiu os olhos encherem-se de lágrimas como se compreendesse a dor daquelas mulheres.

– Sinto muito. – Ela levantou os olhos, lágrimas tanto por aquilo que ele sentia quanto pelas mulheres que ficaram viúvas.

Perderam o pai de Danny entre os homens e Jeremiah sentiu particularmente sua perda. Ele mesmo contara ao garoto, abraçando-o enquanto chorava. E seria uma das pessoas a carregar o caixão no enterro na segunda-feira. Era difícil explicar essas coisas para Camille. Embora constituíssem a realidade de sua vida, ela era tão jovem e tudo isso lhe era tão novo. Para ela, a única coisa real era a beleza da casa que ele construía. Mas havia mais, muito mais do que isso. E agora ela estava aprendendo.

Hannah foi aprontar-lhe um banho quente e Camille serviu uma xícara de caldo quente que Hannah lhe preparara. Ela própria não tinha nenhuma destas habilidades, nem qualquer inclinação para aprendê-las. Mas serviu a sopa para ele, enquanto Hannah ficava sozinha com ele lá em cima, no banheiro. Olhou-o por um longo instante e balançou a cabeça.

– Sei que não é uma boa hora para lhe falar sobre isso... – Hesitou apenas por uma fração de segundo. – Mary Ellen está em trabalho de parto há mais de dois dias. Descobri ontem de manhã, mas não tive oportunidade de lhe contar. E ouvi no mercado hoje de manhã que ela ainda está em trabalho de parto.

Ambos sabiam o que isso significava. Ela podia morrer. Inúmeras outras mulheres já haviam morrido.

– Não sabia se ia querer fazer alguma coisa a respeito. – Não havia reprovação em sua voz. Era uma declaração de caráter prático. – Mas achei que devia contar-lhe.

– Obrigado, Hannah – falou baixo, pois Camille entrara no quarto com a xícara de caldo quente e olhava de um para o outro. Percebeu de imediato que Hannah estivera lhe contando um segredo, alguma coisa a seu respeito, presumiu erroneamente.

– O que ela estava lhe dizendo? – perguntou, no instante em que Hannah deixou o aposento.

– Uns mexericos locais. Um dos meus homens precisa de ajuda. Vou sair tão logo consiga me limpar.

– Mas você precisa descansar.

Parecia indignada; ele estava tão cansado que se sentia entorpecido. Trabalhara a noite toda na lama, no frio e na umidade, mas, pelos homens que conseguiram salvar, valera a pena.

– Descansarei mais tarde, Camille. Pode me trazer mais sopa? E uma xícara de café?

Ela o fez e encontrou-o sentado na beira da banheira. Bebeu as duas xícaras e levantou-se. Ainda tinha o corpo sólido e vigoroso da juventude. Os anos que trabalhara nas minas haviam lhe mantido a forma. Ainda era um homem de bela constituição mesmo aos 44 anos e ela o olhou com admiração.

– Você é lindo, Jeremiah.

Ele sorriu.

– Você também, menina.

Rapidamente se enfiou nas roupas e aprontou-se para sair e, enquanto o observava, ela sentia-se inquieta.

– Por que está saindo agora?

– É preciso. Logo estarei de volta.

– Aonde vai?

Era a primeira vez que o interrogava daquele modo e ele se perguntava por quê.

– A Calistoga.

Ele fitou os olhos dela sem pestanejar, mas por dentro sentiu um tremor. Ia assistir ao nascimento de seu filho, ou pelo menos estar lá se Mary Ellen morresse, se isto já não tivesse acontecido.

– Posso ir?

– Não. Desta vez não, Camille.

– Mas eu quero. – Falava arrogantemente outra vez e ele afastou-a para o lado.

– Não tenho tempo para isso agora. Conversaremos depois.

E, antes que ela pudesse dizer algo mais, partiu cavalgando Big Joe, desta vez a uma velocidade considerável pelas colinas, e ela ficou imaginando aonde ele estaria indo.

O grande cavalo branco produzia um barulho surdo estrada abaixo e vale adentro, com Jeremiah impulsionando-o para a frente. Tudo em que conseguia pensar era nos homens que perdera na noite anterior e uma vez ou duas viu-se cochilando, mas Big Joe parecia saber aonde estavam indo. A pequena casa branca estava silenciosa quando Jeremiah amarrou Big Joe a uma árvore. Deu a volta para a porta da frente, bateu e entrou. A princípio, não ouviu ruído algum e imaginou de repente se Mary Ellen teria ido para a casa da mãe para dar à luz. E, então, ouviu um terrível gemido vindo do andar de cima. Parou, imaginando se estaria sozinha, e em seguida subiu as escadas silenciosamente, sem saber ao certo o que fazer, ou porque viera, exceto pela certeza de que deveria estar lá. Era com o seu filho que ela estava às voltas e todo o tempo ele temera que isso a matasse.

Ficou parado do lado de fora do quarto durante um longo tempo até os gritos cessarem e, em seguida, o que ouviu foi um gemido fraco e uma voz de homem falando suavemente. Era uma situação estranha para Jeremiah, que sentiu o cansaço em cada milímetro do seu corpo. Ali de pé, sentiu-se tolo por ter vindo, mas bateu à porta de qualquer forma. Pelo menos, talvez, pudesse ir ao encalço de um médico, decidiu. Mas foi o próprio médico quem lhe abriu a porta, as mangas arregaçadas, os olhos encovados, sangue respingado por toda a frente da camisa, embora não parecesse se dar conta disso.

– Desculpe-me... pensei que talvez... – Sentia-se mais do que constrangido agora. Sentia-se mal por ter deixado a mulher sozinha para dar à luz o seu filho. Olhou para o médico e perguntou sem rodeios: – Como ela está?

Não se apresentou, mas não era preciso. O médico sabia quem era ele. Todos na cidade sabiam quem era Jeremiah Thurston. Ele fechou a porta suavemente atrás de si e foi até o corredor para falar com Jeremiah.

– Nada bem. Está em trabalho de parto desde quarta-feira à noite e simplesmente não conseguimos fazer o bebê sair. Ela está tentando desesperadamente, mas está totalmente exausta.

Jeremiah balançou a cabeça, com medo de perguntar se ela podia morrer. Já sabia a resposta.

– Quer entrar? – perguntou o médico.

Não havia censura nos olhos dele e talvez fosse importante para a mulher. Não poderia causar mal algum e ela estava sofrendo muito, havia tanto tempo, que provavelmente não ia se importar com quem quer que a visse agora, e era o pai da criança.

Jeremiah hesitou no corredor. Não era comum alguém assistir a um parto, mas o médico não parecia se importar.

– Ela não vai se incomodar?

O médico olhou para Jeremiah com franqueza.

– Ela pode nem mesmo reconhecê-lo. – Ele hesitou e pareceu olhar bem profundamente nos olhos de Jeremiah. – Você vai suportar? Já presenciou alguma coisa parecida antes?

– Não. Só com animais.

O velho homem assentiu. Era o suficiente. Sem proferir nenhuma outra palavra, abriu a porta e entrou no quarto, com Jeremiah logo atrás dele. Havia um aroma pesado e doce no ambiente, de corpos, água de rosas e lençóis úmidos e nenhuma das janelas estava aberta. Mary Ellen estava deitada em sua cama, coberta com dois cobertores e, da cintura para baixo, cercada de lençóis empapados de sangue. Parecia que alguém tinha sido assassinado em sua cama. A enorme barriga permanecia impávida, apesar do seu árduo esforço dos últimos três dias. Suas pernas pendiam como as de uma boneca de pano e todo o corpo tremia. E, então, enquanto a olhava, sentindo a culpa e a tristeza se apoderarem dele, ela foi tomada pelo que lhe pareceu ser uma convulsão. Deu um gemido baixo, entrecortado, que lentamente se elevou a um grito, enquanto se debatia na cama, revirando os olhos e agarrando-se no vazio. Sua fala era incoerente e o médico aproximou-se dela rapidamente. Era fácil de ver que ela estava quase inconsciente e uma enorme golfada de sangue espirrou de suas pernas quando gritou. O médico enfiou as mãos em seu útero, mas não havia nenhum progresso ao retirá-las novamente e limpá-las numa toalha encharcada de sangue. Gemia horivelmente deitada ali e Jeremiah aproximou-se devagar da cama e olhou para o rosto devastado. Se não soubesse quem era, não a teria reconhecido.

O médico falou em voz baixa com Jeremiah, sabendo que ela não poderia ouvi-lo. Ela agora parecia cochilar entre as contrações.

– Ela perdeu sangue demais. Alguma coisa se soltou lá dentro, vê-se pelo jato de sangue que acabou de lançar, mas não consigo estancá-lo e a criança está virada, em posição difícil. Tudo que faz é empurrar o ombro para fora. Assim não vamos conseguir.

Parecia aflito ao dizer isso e a pergunta estava clara nos olhos de Jeremiah.

– Poderíamos perder os dois. – Olhou para a mulher exausta na cama. – Ela, sem dúvida, se não tirarmos logo a criança. Não tem muito mais força.

– E a criança?

Era seu filho afinal, mas no momento toda a sua preocupação era com Mary Ellen. Era como se ele nunca a tivesse deixado e Camille nunca tivesse existido.

– Se ela ficar virada, talvez pudesse fazê-lo sair, mas não posso fazer isso sozinho. – Olhou fixamente para Jeremiah. – Poderia segurá-la?

Ele fez sinal afirmativo com a cabeça, com medo de causar-lhe ainda mais sofrimento. Ela acordava agora, gritando com o começo de uma nova contração, e, ao levantar os olhos, pareceu ver Jeremiah, mas era óbvio que pensava estar sonhando.

– Está tudo bem. – Sorriu docemente para ela e acariciou-lhe o rosto ao ajoelhar-se no chão ao lado dela. – Estou aqui. Você vai ficar bem.

Mas nem por um instante ele acreditava nisso e já tinha visto tanta morte nas últimas 24 horas que não aguentaria ver mais outra agora. Receava, porém, que veria, pois ela recomeçou a se contorcer e ter convulsões e mais sangue jorrou dela.

– Não aguento... não aguento mais...

Ela ofegava e ele instintivamente segurou-lhe os ombros; de repente a cabeça dela pendeu para trás, em cima de seu braço. Ela desmaiara e a cor de sua pele era cinza-pálido. O médico tomou-lhe o pulso e olhou para Jeremiah.

– Vou tentar virá-la e puxá-lo da próxima vez. Você a segura. Não a deixe se mexer.

Jeremiah seguiu as ordens dele, falando ternamente com Mary Ellen todo o tempo, mas os gritos dela eram tão agudos que não podia ouvi-lo e desmaiou novamente antes de o médico conseguir o que queria. Jeremiah sentia o suor escorrer pela testa e ficou espantado quando olhou para o relógio e percebeu que já estava lá havia quatro horas.

– Ela não vai aguentar muito mais, doutor.

– Eu sei.

Ele assentiu e esperou pela próxima contração, preparando um instrumento de aparência assustadora que pretendia usar para puxar a criança depois de virá-la. E, então, de repente, viram-na contorcer-se e acordar novamente, desta vez com os olhos arregalados, enquanto Jeremiah segurava-a firmemente na cama e o médico tentava alcançar o mais fundo que podia dentro dela, numa luta renhida com o bebê. Seus gritos eram tais que Jeremiah sabia que jamais poderia esquecê-los e foram precisos mais quatro tentativas antes do médico conseguir virar a criança na posição que queria e mais cinco com aquele terrível instrumento que ele enfiava-lhe entre as pernas, enquanto ela urrava nos braços de Jeremiah. Era um som que já nem mesmo era humano e, de repente, o médico deu um grunhido feroz enquanto o suor escorria pelo rosto de Jeremiah. Percebeu uma súbita mudança no corpo de Mary Ellen, ela caiu nos seus braços quase como se tivesse entrado neles, pálida, de um verde-acinzentado, a respiração tão baixa e irregular que ele nem mesmo tinha certeza se ela ainda respirava. Mas ao virar-se para o médico, viu o que acontecera. Finalmente a criança havia saído de suas entranhas, jazia morta entre suas pernas, e ela estava com uma forte hemorragia. Era uma cena dolorosa para aceitar de uma só vez e o médico silenciosamente cortou o cordão umbilical e envolveu a criança num lençol limpo, enquanto rapidamente tentava estancar o sangramento de Mary Ellen. Jeremiah sentiu uma repentina sensação de derrota ao ver que seu primeiro filho nascera morto, mas tudo em que realmente conseguia pensar era na mãe, claramente morrendo em seus braços, sem que ele nada pudesse fazer para impedi-lo. O médico fez diversas tentativas; depois cobriu-a com cobertores e veio para a cabeceira da cama para bater no ombro de Jeremiah.

– Sinto muito pela criança.

– Eu também. – Sua voz estava rouca. Tinha visto tanta coisa naquela noite e na noite anterior, e ainda temia por Mary Ellen. – Ela vai ficar boa?

Olhava suplicante para o médico, que parecia não saber.

– Nada mais há que eu possa fazer. Vou ficar aqui com ela, mas não posso lhe prometer nada.

Jeremiah assentiu e permaneceu em vigília ao lado da cama. A noite já ia adiantada quando ela se mexeu, gemendo baixinho e virando a cabeça de um lado para o outro, mas não abriu os olhos até de manhã.

– Mary Ellen... – sussurrou seu nome suavemente. O médico dormia num canto. – Mary Ellen...

Ela virou-se para ele com um olhar confuso.

– Você está realmente aqui? Pensei que fosse um sonho... – Olhou-o, então, nos olhos a pergunta que ele mais temia. – Jeremiah... o bebê?

Instintivamente ela soube, virou o rosto, as lágrimas escorrendo, e ele segurou-lhe a mão e acariciou-lhe os cabelos.

– Nós salvamos você, Mary Ellen...

Havia lágrimas nos olhos dele agora. Tivera tanto medo de que ela morresse... Queria lhe dizer que também sentia muito pela criança, mas havia um nó em sua garganta e não podia fazê-lo.

– Menino ou menina?

Virou-se para ele novamente e viu que ele chorava.

– Um menino.

Ela balançou a cabeça, fechou os olhos e voltou a dormir. Quando acordou novamente, o médico declarou-se satisfeito, falou que ia deixá-la por um instante e voltar à tarde para vê-la. No corredor, disse a Jeremiah que se ela não perdesse mais sangue, iria conseguir sobreviver.

– É uma moça corajosa. Mas eu lhe disse anos atrás para não tentar novamente. Foi tolice fazê-lo. –

Encolheu os ombros. – Acidente, eu acho. – Olhou, então, para Jeremiah. – Vou mandar minha mulher para ficar com ela se você tiver de ir para casa.

Não queria se intrometer, mas ouvira o boato de que ele tinha uma jovem esposa em Santa Helena.

– Obrigado. Agradeço-lhe muito. Passei a noite anterior acordado por causa das inundações nas minas.

O velho médico balançou a cabeça. Respeitava aquele homem. Tinha sido de grande ajuda para atravessar aquela longa noite com Mary Ellen. Estendeu a mão para Jeremiah.

– Sinto muito pela criança.

Jeremiah balançou a cabeça.

– Graças a Deus o senhor a salvou.

O médico sorriu, comovido com a sua dedicação. Não era o primeiro homem do vale a ter uma amante e uma esposa, e filhos com as duas, e ele parecia um homem decente.

– Vou pedir para minha mulher vir.

E quando ela a chegou, Jeremiah despediu-se de Mary Ellen.

– Voltarei amanhã. Apenas descanse e faça o que o médico mandar. – Ocorreu-lhe então outra ideia. – E vou mandar Hannah para cuidar de você. Ela pode ficar aqui o tempo que você precisar.

Mary Ellen sorriu, fraca, e segurou-lhe a mão grande e cálida.

– Obrigada por ter estado aqui, Jeremiah... eu teria morrido sem você.

Ela quase morrera com ele, mas não lhe disse isso.

– Seja uma boa menina agora.

Diante dessas palavras ela fechou os olhos e estava adormecida outra vez antes que ele tivesse saído do quarto. Enquanto cavalgava de volta a Santa Helena, sentia cada fibra de seu corpo ceder à exaustão. Parecia ter levado uma surra e ter sido arrastado pela sarjeta quando desmontou em frente a sua casa e Hannah saiu para vê-lo. Queria ter notícias antes que Camille saísse e olhou para Jeremiah na expectativa. Pela mesma razão, ele falou rápido, numa voz baixa e rouca.

– Mary Ellen está bem, mas o bebê nasceu morto. – Prosseguiu, com um longo suspiro: – Quase a perdemos. Disse-lhe que você iria lá hoje, para ficar com ela o tempo que for necessário.

Perguntou-se de repente se tinha sido muito licencioso com sua oferta, mas a velha mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

– Fico satisfeita por tê-lo feito. Vou pegar minhas coisas agora mesmo. – Continuou, com um olhar inquiridor: – Como está ela?

Ele balançou a cabeça e a agonia da noite ainda parecia estar presente dentro dele.

– Foi horrível, Hannah, a pior coisa que já vi. Não compreendo como as mulheres podem querer ter filhos.

Estava profundamente impressionado com tudo que vira e não tinha certeza de que pudesse passar por aquilo.

– Algumas não querem. – Ela olhou significativamente por cima do próprio ombro e depois encorajadoramente para Jeremiah. – Não é sempre assim, filho. Ela sabia que seria difícil. O último foi quase assim. O médico avisou-a. – Havia um leve tom de censura em sua voz, porém mais compaixão, especialmente por Jeremiah. – Permaneceu com ela?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e ela olhou-o com redobrado respeito.

– Você é um homem bom, Jeremiah.

E a essas palavras, Camille assomou, raivosa, à entrada.

– Onde esteve a noite inteira, Jeremiah? – Não se importava que Hannah estivesse lá, ouvindo.

– Com um dos meus homens que se feriu nas minas. – Isso explicava o sangue na manga da camisa e a barba por fazer. Havia duas noites que não dormia e estava exausto. – Lamento não ter voltado para casa, meu amor.

Ela fitou-o do modo impertinente, virou-se e entrou batendo a porta, enquanto Hannah a observava.

– Assim é que eu gosto – a velha senhora disse acidamente –, uma mulher compreensiva. – Bateu de leve no braço de Jeremiah e subiu os degraus para pegar as coisas dela. – Sairei em alguns minutos, Jeremiah. Não se preocupe com coisa alguma. Descanse. Deixei um pouco de sopa e um ensopado no fogão para você.

– Obrigado, Hannah.

Entrou silenciosamente e serviu-se de um pouco de sopa na cozinha antes de subir para o quarto.

– Onde esteve? – Camille voltou-se para encará-lo de novo.

– Já lhe disse onde estive.

Não estava nem um pouco disposto a falar sobre o assunto. Vira seu primeiro filho morrer naquela noite e quase perdera sua amante de sete anos.

– Não acredito em você, Jeremiah. – Tinha uma aparência linda e imaculada num vestido de *voile* cor-de-rosa e, ao seu lado, sentiu-se exausto e imundo.

– Não acho que tenha muita escolha, Camille. Já lhe disse, estive com um dos meus homens.

– Por quê?

– Porque ele quase morreu, por isso. – Respondeu-lhe bruscamente e sentou-se com a tigela de sopa à mesa próxima à lareira, mas ela ainda andava pelo quarto enfurecida.

– Podia ter me avisado de que não voltaria para casa.

– Sinto muito. – Olhou-a frontalmente. – Não havia ninguém para mandar.

A resposta pareceu satisfazê-la e ela desviou o rosto novamente, mas intrigava-o que tivesse uma percepção tão forte de que ele mentia. Era mais esperta do que ela mesma sabia, mas não podia lhe dizer isso. Continuou simplesmente tomando a sopa, com renovado respeito pela sua mente aguçada e sua intuição.

– Suponho que vá dormir agora.

Parecia um pouco menos zangada ao sentar-se numa cadeira de balanço próxima.

– Gostaria de ir à igreja, depois de tomar um banho.

– À igreja? – perguntou, a voz quase um guincho agudo. Sempre detestara igrejas. Sua mãe gostava de ir à igreja, mas jamais tivera a mãe em grande consideração. – Você nunca vai à igreja.

– Vou sim, de vez em quando. – Se não estivesse tão exausto, teria achado a reação dela divertida. – E nós acabamos de perder 14 homens nas minas, Camille. – Eles e seu único filho. – Você não precisa ir, se não quiser, mas seria melhor se fosse.

Olhou-o obviamente contrariada.

– Quando vamos voltar para a cidade?

– Tão logo eu possa. – Levantou-se e caminhou para ela. – Farei o máximo para levá-la de volta a São Francisco o mais rápido possível, menina, prometo.

Isso pareceu apaziguá-la, tanto que trocou de roupa e acompanhou-o à igreja uma hora depois. Quando voltaram, ele dormiu até a hora do jantar e só acordou para tomar outro prato de sopa e dormir novamente, até a manhã seguinte, quando devia comparecer ao enterro dos homens que haviam morrido na mina na sexta-feira. Mas desta vez Camille não o acompanhou. Ficou em casa e mais tarde queixou-se de que Hannah não aparecera. E ele explicou que ela estava cuidando de um amigo doente.

– Por que ela não me disse nada? – perguntou num acesso de cólera. – Eu sou a patroa nesta casa. Ela agora trabalha para mim.

Jeremiah não gostou da maneira como ela disse isso, mas não quis enraivecê-la ainda mais.

– Ela falou comigo no sábado de manhã quando cheguei.

– E você a deixou ir? – Estava lívida.

– Deixei. Tinha certeza de que você ia entender. – Tentou constrangê-la, forçando-a a silenciar, mas viu que não conseguiria. – Estará de volta dentro de poucos dias.

Mas passou-se quase uma semana antes que Hannah voltasse e lhe contasse que Mary Ellen ainda estava muito fraca, mas já podia se levantar. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e ficou satisfeito que ela soubesse que não havia pressa. Enviara-lhe um bilhete havia alguns dias, assegurando-lhe que a morte da criança não mudava nada. Não iria cancelar a pensão que ela já vinha recebendo havia vários meses. Já informara ao banco que seria permanente e ele lhe disse que esperava que ela não voltasse a trabalhar agora. Podia ficar em casa, tomar conta das crianças e recuperar a saúde. Ela quis enviar-lhe um bilhete em resposta, agradecendo-lhe, mas não ousara, com receio de que caísse nas mãos de Camille. Hannah poderia agradecer por ela.

– Tem certeza de que ela está bem, Hannah?

– Ainda está muito debilitada, mas está se fortalecendo.

– Provavelmente por causa da sua boa comida.

Sorriu agradecido à velha senhora e avisou-a de que Camille estivera aborrecida com sua ausência.

– Ela própria cozinhou para você?

– Demos um jeito.

E então ele lhe disse que voltariam para São Francisco dentro de poucos dias. A perspectiva da partida deles não agradou Hannah.

– Isto vai ficar muito solitário por aqui, Jeremiah.

– Eu sei. Mas eu ficarei indo e vindo para ver as minas.

– É fatigante para você.

Mas era justo para com sua mulher. Não podia construir-lhe um palácio na cidade e depois condená-la à vida do campo, que ela parecia odiar.

– Vai dar tudo certo. E nós nos mudaremos para cá para passar os meses do verão, provavelmente de junho a setembro ou outubro. – Se pudesse fazer como queria, se mudaria em março e ficaria até novembro.

Se precisar de alguma coisa, mande-me avisar neste meio-tempo.

– Eu o farei, Jeremiah.

– O que foi isso? – Uma voz irascível por trás deles tomou-os de surpresa e Jeremiah perguntou-se o quanto ela teria ouvido antes de denunciar sua presença. – Eu a ouvi dizer *Jeremiah*?

Dirigia-se a Hannah e ambos ficaram estáticos.

– Ouviu. – Hannah parecia não compreender onde Camille queria chegar, nem Jeremiah.

– Agradeço-lhe se você se referir ao meu marido como *senhor* Thurston, de agora em diante; ele não é seu “rapaz”, seu “camarada” ou seu “amigo”. Ele é *meu* marido e *seu* patrão, e o nome dele é *senhor* Thurston.

Nunca se mostrara mais sulista, mais malévola, e Jeremiah ficou furioso com ela. Não disse nada na frente de Hannah, mas seguiu mulher até o andar superior e bateu a porta do quarto atrás de si.

– Pode me dizer qual foi o motivo daquilo, Camille? Não havia necessidade e você foi grosseira com aquela senhora totalmente respeitável.

A mesma que acabara de restituir a saúde da sua amante, após o parto de seu filho morto. Ele ainda estava sensível a respeito de tudo aquilo, mas Camille não sabia disso e foi tomada de surpresa. Raramente o vira com raiva.

– Não vou tolerar mais esse tipo de coisa e quero que saiba disso.

– Tolerar o quê? Espero respeito dos nossos empregados e esta mulher age como se fosse sua mãe. Bem, ela não é, é uma mulher velha e feia, com uma língua ferina e modos atrevidos, e eu vou açoita-la se ouvi-la chamá-lo de Jeremiah outra vez. – Ela parecia pequena e má, e ele desejou sacudi-la com toda a força. Em vez disso, tomou-a pelo braço e puxou-a.

– Açoita-la? *Açoita-la*? Você não está no Sul, Camille, e não estamos mais nos dias da escravidão. Se puser as mãos nela ou mesmo for rude de novo com ela, eu vou *açoitar você*, preste atenção nestas palavras. Agora desça e peça-lhe desculpas imediatamente.

– O quê? – gritou com som estridente, sem acreditar.

– Hannah trabalha para mim há mais de vinte anos e ela é modesta e leal, e eu não vou permitir que seja maltratada, não por uma pirralha mimada de Atlanta, e é melhor para você que vá se desculpar imediatamente ou vou fazer seu traseiro ficar roxo de pancada.

Ele estava sério, mas já começava a se acalmar, ao contrário da esposa, cujos olhos faiscavam de raiva e lágrimas.

– Como ousa, Jeremiah Thurston? Como ousa? Não farei isso, pedir desculpas àquela gatinha...

Desta vez ele não se conteve. Levantou a mão e esbofeteou-a. Ela perdeu a respiração e cambaleou, apoiando-se no console da lareira.

– Se meu pai estivesse aqui, iria açoita-lo até ficar quase morto.

Falava numa voz baixa e maligna e instantaneamente Jeremiah sentiu que as coisas tinham ido longe demais entre eles.

– Basta, Camille. Você foi rude com um criado de confiança e eu não vou tolerar isso. Mas chega de conversas de açoites e ameaças. Comporte-se e isto não acontecerá mais.

– *Comportar-me?* Comportar-me? Para o inferno, Jeremiah Thurston. Para o inferno, para o inferno, *para o inferno!*

Com isso, saiu a passos largos, batendo a porta, e não voltou a falar com ele até retornarem a São Francisco. Era de uma gentileza gélida e distante. Ao passar, porém, pela porta principal da magnífica residência deles em Nob Hill, prendeu a respiração outra vez e por um instante esqueceu-se de si

mesma e atirou os braços em torno do marido. Estava tão contente por estar de volta que se esqueceu da raiva que sentiu dele e ele riu satisfeito ao carregá-la para fazerem amor.

– Bem, você sobreviveu ao mês em Napa, meu amor. – Ainda se sentia desanimado com a reação dela ao vale que tanto amava. – Tudo que precisamos fazer agora é ter nosso primeiro filho.

Ainda carregava a dor da perda da criança de Mary Ellen e isto apenas o impelia a querer outra depressa, desta vez com Camille, sua mulher. Agradecia a Deus por ela ser jovem e saudável e esperava que nunca fosse sofrer uma provação como a de Mary Ellen. Já estavam casados havia quase dois meses e ele estava ansioso para que ela ficasse grávida.

– Minha mãe diz que às vezes leva algum tempo, Jeremiah. Não fique pensando nisso.

Mas ele se impacientava. E conversar sobre isso perturbava-a. Não queria um filho ainda. Tinha 18 anos, possuíam uma casa magnífica e ela queria dar muitas festas e não ficar gorda, sentindo-se enjoada e ficar em casa para morrer de parto.

Durante todos os meses da primavera, enquanto ela se abrigava na vida social de São Francisco, Jeremiah não realizou seu sonho. Ela, porém, nunca estivera tão feliz. Alcançara o status que tanto queria e davam festas, bailes, jantares, iam a concertos e óperas. Ela promoveu um maravilhoso piquenique nos imensos jardins em maio e rapidamente tornou-se a anfitriã mais resplandecente da cidade. Os bailes que realizava no salão deles rivalizavam com os de Versailles, em Paris, e Camille estava extasiada com a vida que levavam. Jeremiah nem tanto. Estava indo e vindo de Napa tanto quanto podia e a maior parte do tempo sentia-se exausto. Ela caçou dele quando adormeceu durante um dos suntuosos jantares e insistia para que saíssem todas as noites que ele passava na cidade. Quando ele não estava, saía sozinha. Era uma roda-viva permanente e ela quase entrou em luto quando ele a lembrou de que no dia 1º de junho iriam para Napa Valley.

– Mas eu queria dar um baile de verão. Não podemos ir em julho?

– Não, não podemos. Preciso passar algum tempo nas minas, Camille, ou não vai restar nada para sustentar suas festas.

Ele estava apenas brincando, ainda era o homem mais rico do Estado, e não tinham nenhum problema financeiro. Mas ele realmente queria passar mais tempo nas minas e no verão gostava de estar perto dos seus vinhedos, além de achar que já tinha vivido tempo demais na cidade. Estavam ali desde fevereiro e ele estava pronto para voltar ao seu vale. Dissera isso a Hannah quando passara a noite lá, na semana anterior.

– E nenhum bebê ainda, Jeremiah? – perguntara.

Concordara em agradar Camille e chamá-lo de Sr. Thurston quando ela estivesse por perto, mas quando estavam sozinhos ainda o chamava de Jeremiah e sempre o faria.

– Ainda não.

Estava decepcionado com isso também e esperava que, quando a tirasse da cidade e de suas constantes festas, ela engravidasse. Ela precisava do ar do campo novamente, dizia a si mesmo, mas Hannah fazia um trejeito com a boca em desaprovação.

– Bem, sabemos que não é você. – E depois franziu a testa. – Talvez ela não possa ter filhos.

– Duvido. Foram apenas cinco meses e meio, Hannah. Dê-lhe tempo. – Sorriu para a velha mulher.

– Dê-lhe um pouco do bom ar de Santa Helena e ficará grávida em um mês. – De repente, seu rosto tornou-se sombrio, ao lembrar de Mary Ellen. – Como ela está? – perguntou a Hannah.

Não voltara a vê-la, desde a noite da morte do filho deles. De certo modo, simplesmente não desejara ir. Não parecia correto, considerando-se Camille e ela era muito intuitiva para ele ficar

mentindo-lhe com frequência.

– Ela está bem. No entanto, precisou de um longo tempo para se recuperar inteiramente. Eu diria que agora está bem.

Resolveu contar-lhe o resto também. Ele afinal de contas tinha o direito de saber, tinha sido decente com ela. Ninguém poderia dizer que ele não agira corretamente. Jacob Stone do banco contara a todo mundo o quanto ele tinha sido generoso.

– Ela está saindo com um rapaz que trabalha nas termas, parece bom, trabalha direito – Hannah deu de ombros –, mas não acho que esteja muito apaixonada por ele.

– Espero que seja um homem bom – Jeremiah respondeu tranquilamente e mudou de assunto. Iriam se mudar em breve para Napa Valley e havia trabalho de sobra para manter Hannah ocupada, aprontando a casa para a chegada deles.

Mas quando Camille chegou a Santa Helena, com todas as suas malas, baús e pertences, não fez mais nada além de criticar o trabalho de Hannah. A velha senhora estava tão frustrada com a rabugice de sua jovem patroa que se virou para ela um dia num ataque de raiva e sugeriu que era uma pena que o patrão tivesse se casado com ela e não com a mulher que tinha em Calistoga antes dela aparecer e isso enfureceu Camille ainda mais. Começou uma campanha para descobrir quem era a tal mulher, mas nem Jeremiah nem Hannah, que estava cheia de remorsos pela sua indiscrição e imediatamente emudecera, lhe disseram quem era a mulher ou confirmaram ser realmente verdade o que ela dissera. E quanto mais ela indagava, menos descobria, até que um dia, só por diversão, foi às termas de Calistoga com um grupo de amigos que estavam hospedados lá, para os banhos de lama. Combinara de se encontrar com eles para o almoço no hotel. Enquanto os aguardava, viu um homem trajando o uniforme branco do hotel passar por ela acompanhado de uma ruiva atraente, de vestido verde, que lhe chamou a atenção. Havia algo na jovem que atraíu a atenção de Camille. Segurava um guarda-sol de renda negligentemente pousado num dos ombros e ria fitando o homem. Ao fazê-lo, alguma coisa distante pareceu chamar a atenção dela e instintivamente virou-se para Camille, sentindo o seu olhar sobre ela. Os olhos das duas mulheres se encontraram e Mary Ellen instantaneamente soube que era Camille, pois tinha a aparência exata que Hannah e outras que a haviam visto lhe descreveram; no mesmo instante, era como se alguém tivesse gritado nos ouvidos de Camille ou colocado uma tabuleta acima da cabeça de Mary Ellen. Soube no mesmo instante quem ela era e o que significara para Jeremiah. Começou a se levantar de sua cadeira e novamente se sentou, sentindo-se ruborizar e perder a respiração, enquanto Mary Ellen se afastava rapidamente de braço com o amigo. O resto do dia Camille sentiu-se perseguida por ela. Era a mulher mais bonita que vira em Napa Valley e compreendeu instintivamente que esta deveria ser a mulher a quem Hannah se referira inadvertidamente... e com todas as viagens para cima e para baixo das minas durante os meses de inverno e primavera, quem poderia dizer se a ligação não havia continuado? Remoeu o pensamento durante todo o caminho de volta na carruagem e, quando Jeremiah voltou do escritório da mina naquela noite, ela irrompeu sobre ele com tal rancor que tanto o alarmou quanto o fez rir.

– Você não me enganou nem um instante, Jeremiah Thurston.

Ele foi inteiramente surpreendido e a princípio achou que ela devia estar brincando, mas logo ficou claro que não estava.

– Todas aquelas viagens até aqui no inverno... sei o que andava fazendo... você é igual a meu pai com sua amante em Nova Orleans.

Jeremiah quase engasgou. Não tinha olhado para outra mulher desde que se casara com Camille e não tinha nenhum desejo de o fazer, como tentou lhe explicar.

– Não acredito em você, Jeremiah Thurston. E a ruiva em Calistoga?

Ah, meu Deus, Mary Ellen. Empalideceu. Quem lhe contara? E teriam lhe contado sobre a criança também? Mas tudo que Camille observou foi o choque evidente que ele sofrera. Sentou-se com um ar de fria satisfação.

– Vejo pela sua expressão que você sabe de quem estou falando.

– Camille... por favor... não houve mais ninguém desde que nos casamos, minha querida. Absolutamente ninguém. Eu não lhe faria isso. Tenho muito respeito por você e pelo nosso casamento.

– Então, quem é ela?

Ele poderia ter negado, mas não o fez. Ela nunca teria acreditado.

– Alguém que conheci.

Estava sendo honesto e seu rosto o demonstrava.

– Ainda a vê?

Sua pergunta enfureceu-o e isto transpareceu também. Não estava acostumado a ser interrogado por uma garota de 18 anos.

– Não. E considero esta pergunta inteiramente imprópria e todo este assunto muito indigno de uma senhora para você ficar discutindo, Camille. – Resolveu passar-lhe uma descompostura. – Seu pai não iria aprovar seu comportamento.

Ela ficou ruborizada, sabendo muito bem que o pai teria ficado horrorizado se desconfiasse de que ela sabia e, pior ainda, discutia a respeito da amante dele.

– Tenho direito de saber. – O rosto dela estava vermelho. Tinha ido longe demais e sabia disso.

– Nem todos os homens concordariam com você, mas acontece que eu concordo. E deixe-me assegurar-lhe, para encerrar este assunto tão desagradável, que você nada tem a temer, Camille. Sou fiel a você, tenho sido desde o dia em que nos casamos e pretendo continuar assim até o dia da minha morte. Isto satisfaz sua apreensão, Camille?

Falou-lhe como um pai reprovador e severo e ela ficou genuinamente constrangida. Ela só trouxe o assunto à baila novamente uma vez, na cama, mais tarde naquela noite.

– Ela é incrivelmente bonita, Jeremiah...

– Quem? – Já estava meio adormecido.

– Aquela mulher... a ruiva de Calistoga...

Ele sentou-se ereto na cama e olhou-a fixamente.

– Não vou mais discutir isso com você.

– Desculpe-me, Jeremiah – respondeu com voz fina enquanto se deitava novamente e fechava os olhos.

Ela pôs a pequena mão no ombro dele e pouco tempo depois o apaziguou com a paixão que sempre o enfeitiçava. Tinham sido seis meses de êxtase na cama dele e sabia que Camille também estava satisfeita sob este aspecto. A única decepção para ele é que ela continuava sem engravidar. Mas Hannah lançou uma nova luz sobre o assunto no final de agosto. Certo dia, diante dele no café da manhã, antes que saísse para as minas e enquanto Camille ainda dormia no andar superior.

– Preciso lhe falar, Jeremiah – falou como uma mãe protetora indignada.

Ele levantou, surpreso, os olhos do prato de linguças e ovos.

– Algum problema?

– Depende da maneira como você encara. – Dirigiu o olhar para cima. – Ela já está acordada?

– Não. – Balançou a cabeça em sinal negativo e franziu a testa. Teria havido alguma alteração entre as duas? Já não tentava negar que não havia nenhuma sobra de afeição entre ambas e já não tentava mais falar das virtudes de uma para a outra. Seria uma tentativa inútil. – O que é, Hannah?

Ela fechou a porta da cozinha por dentro, algo que nunca fizera, aproximou-se de Jeremiah e enfiou a mão no fundo do bolso do avental, trazendo um aro largo dourado, parecido com uma argola de um puxador de cômoda, ou aquilo que se usaria para pendurar cortinas, exceto que era mais polido, refinado e excepcionalmente bem-feito.

– Encontrei isto, Jeremiah.

– O que é?

O mistério não lhe pareceu particularmente interessante e estava irritado de ter de lidar com adivinhações àquela hora da manhã.

– Não sabe o que é, Jeremiah? – Parecia surpresa. Nunca vira um tão sofisticado, mas já vira outros mais simples. Mas ele meneou a cabeça negativamente, tanto mistificado quanto desinteressado, e ela sentou-se à mesa, diante dele. – É um aro.

– Estou vendo.

– Sabe... um *aro*... – Sentiu-se constrangida de ter de explicar-lhe, mas sabia que devia fazê-lo. Ele estava sendo enganado. – As mulheres usam-nos como contraceptivos para... para... – Ficou vermelha, mas continuou, por causa dele. – ...para não terem filhos, Jeremiah...

A dimensão do que dissera levou algum tempo para ser absorvida, atingindo-o em seguida com o impacto de um edifício inteiro desmoronando sobre seu peito.

A voz dele se alterou instantaneamente e agarrou o objeto ofensivo. Talvez a velha mulher estivesse inventando tudo aquilo para prejudicar Camille. Não era do seu feitio, mas tudo era possível, considerando-se o ódio de uma pela outra e o fato de Camille mais de uma vez ter tentado despedi-la.

– Onde conseguiu isto? – Levantou-se como se já não pudesse permanecer sentado.

– Encontrei-o no banheiro dela.

– Como sabe que é o que diz ser?

– Eu lhe disse... já os vi antes... – E continuou, ruborizando novamente. – Dizem que funciona muito bem, Jeremiah. Desde que seja usado com cuidado. Estava enrolado num lenço, eu o peguei para lavar e... ele simplesmente caiu.. – Imaginou, repentinamente, se ele tinha ficado zangado com ela, mas tinha certeza de que não. – Sinto muito, Jeremiah, mas achei que tinha o direito de saber.

Fitou-a, incapaz até mesmo de tranquilizá-la, tão furioso estava com Camille, ferido e decepcionado.

– Não quero que lhe diga nada, entendeu?

A voz dele ainda estava rouca e ela acenou afirmativamente com a cabeça. Em seguida, dirigiu-se em passos largos para a porta, abriu-a e saiu para selar Big Joe. Instantes depois partia para as minas a galope, o ofensivo objeto ainda no bolso.

O que Jeremiah ouvira de Hannah naquela manhã perturbou-o o dia inteiro e não pôde concentrar-se no trabalho um só instante. O aro em seu bolso queimava seu coração como uma tocha, até que finalmente, no meio da tarde, saiu e foi procurar o médico que fizera o parto do bebê de Mary Ellen em Calistoga. Mostrou-lhe o aro e pediu-lhe que explicasse o que era. E quando ele o fez, Jeremiah quase estremeceu.

– Eu mesmo lhe dei um. Ela não lhe contou?

O médico parecia surpreso e Jeremiah; chocado.

– Minha mulher?

Agora foi a vez do médico ficar chocado, pois não sabia que Jeremiah e Mary Ellen haviam se casado, mas nunca se sabe com homens ricos assim. Faziam o que bem entendiam e andavam depressa.

– Não sabia que havia se casado com ela...

A voz dele definhou e Jeremiah compreendeu.

– Não... – E explicou. – Isto estava no banheiro da minha mulher.

– Ela está grávida?

– Não.

– Compreendo... e você quer que ela engravide – disse o médico.

Jeremiah assentiu com franqueza.

– Bem, não é provável que aconteça com isto aqui. Funcionam muito bem, muito bem mesmo. – Encolheu os ombros e olhou com franqueza para Jeremiah. – Faz sentido em certos casos, no entanto, como no de Mary Ellen. Ela não tem escolha senão usar um destes. Tentar novamente seria o mesmo que suicidar-se e eu lhe disse isso.

Jeremiah assentiu em silêncio, não era mais problema seu, mas não disse isto ao outro homem. Estava interessado apenas em Camille.

– Sua mulher lhe disse que estava usando isso? – o médico perguntou intrigado.

– Não.

Houve um longo silêncio enquanto o médico absorvia o que fora dito e Jeremiah remoía seus próprios pensamentos.

– Não foi muito amável da parte dela, não é? – disse o médico e Jeremiah meneou a cabeça, levantando-se.

– Não, não foi.

Apertou a mão do médico e voltou para Santa Helena, onde encontrou Camille de camisola e chinelos, sentada no quarto abanando-se. E sem rodeios ele deixou o aro cair no colo dela. A princípio, apenas olhou-o, sem saber ao certo do que se tratava, esperando que fosse outra joia, mas, ao ver

repentinamente o que era, encolheu-se como uma cobra e seu rosto empalideceu. Andara procurando aquilo havia dias e receava tê-lo perdido. Era um dos que trouxera de Atlanta. O médico de sua prima conseguira-os para ela.

– Onde encontrou isto?

Fitou-a do alto e pela primeira vez não havia nenhuma bondade em seus olhos.

– Mais diretamente ao assunto, Camille, onde você arranjou isto? E por que eu não sabia nada a respeito?

Era óbvio que ele sabia do que se tratava e de que pertencia a ela. De nada iria adiantar negá-lo e ela sabia disso.

– Sinto muito... eu...

Os olhos dela imediatamente encheram-se de lágrimas e ela desviou o rosto. Ele queria continuar com raiva dela mas não podia. Ajoelhou-se ao lado no chão e fez com que o fitasse.

– Por que fez isso, Camille? Eu achava que havia alguma coisa errada, que nós não... que nós não podíamos...

Ela balançou a cabeça, enquanto novas lágrimas brotavam, e escondeu o rosto nas mãos...

– ... eu não queria um filho ainda... não quero ficar gorda e... e Lucy Anne disse que dói tanto...

A lembrança de Mary Ellen cruzou o pensamento dele que esforçou-se por afastá-la.

– Eu não posso... eu não posso... – concluiu ela.

Ela era apenas uma criança e ele via isso agora, mas era uma mulher também, e sua esposa, e ele já não era um rapazinho. Não tinha cinco ou dez anos para esperar. Disse-lhe isso em voz branda e censurou-a por estar protegendo-se contra ele secretamente.

– Não podia evitá-lo, Jeremiah... tinha medo... e sabia que você ficaria com raiva...

– Eu fiquei. Mas fiquei magoado também. Quero que sempre seja honesta comigo.

– Procurarei ser. – Mas não lhe afirmou que seria.

– Bem, tem mais algum desses?

Ela começou a balançar a cabeça dizendo que não, mas depois, mortificada, fez que sim com a cabeça.

– Onde?

Ela conduziu-o ao seu banheiro onde lhe mostrou uma caixa cuidadosamente escondida. Tinha mais dois e ele os pegou.

– O que vai fazer com eles, Jeremiah?

Estava em pânico, mas ele foi implacável. Amassou os três aros em suas mãos poderosas, inutilizando-os e, em seguida, quebrando-os e atirando-os numa cesta de lixo, enquanto ela soluçava.

– Não pode fazer isso!... Não pode... não pode!

Começou a bater no peito dele, que segurou-a firmemente enquanto ela chorava, levando-a em seguida gentilmente para a cama, ali colocando-a e deixando-a entregue aos seus próprios pensamentos, enquanto ele saía para um passeio pelo jardim.

Ainda se sentia traído pelo que ela fizera e ambos permaneceram em silêncio naquela noite quando foram para o quarto. Jeremiah ainda estava ferido pela descoberta do traiçoeiro aro e Camille não disse nenhuma palavra quando ele apagou a luz, mantendo-se bem no seu lado da cama, o que não era comum nela. Na maioria das vezes, era ela quem se aproximava dele. O aro dava-lhe a liberdade para desfrutar dos jogos de amor na cama com ele. Mas agora permanecia deitada com um medo mortal,

mantendo-se a distância. Mas naquela noite foi Jeremiah quem a procurou, abraçando-a, enquanto ela tremia e tentava empurrá-lo.

– Não... não... Jeremiah... não...

Mas pela primeira vez ele foi inflexível, em parte de raiva pelo que ela lhe fizera e em parte porque tinha direito a ela. Forçou as pernas dela e possuiu-a; nesta noite ela não gemeu de prazer, mas chorava baixinho e, quando ela parou, ele tomou-a novamente. E novamente na manhã seguinte.

Em setembro, Camille e Jeremiah voltaram para a cidade, como ele havia prometido, e Camille recomeçou sua rodada de festas quase instantaneamente. Na segunda semana de setembro, porém, Jeremiah encontrou-a pela manhã sentada languidamente em seu quarto de vestir. Segurava a escova de cabelos e tinha o rosto esverdeado quando ele parou para cumprimentá-la.

– Algo errado?

– Não...

Mas era óbvio que ela se sentia mal e, dentro de mais uma ou duas semanas, Jeremiah suspeitou da natureza do mal-estar, assim como Camille, que não se mostrou nem um pouco satisfeita quando finalmente lhe contou que achava que estava grávida. Ele também desconfiara e ficou animado com a notícia. Estivera esperando ansiosamente que ela dissesse alguma coisa. E naquela tarde, ao voltar para Thurston House, trazia um bonito porta-joias de couro com ele. Mas nem isso despertou muito entusiasmo nos olhos dela. Sentia-se terrivelmente mal. E nos dois meses seguintes mal conseguiu ir a uma festa e ela mesma não promoveu nenhuma. Não era absolutamente a maneira como planejava passar a temporada em São Francisco.

Quando Amelia chegou à cidade para visitar a filha em outubro e Jeremiah deu-lhe a notícia, ficou felicíssima por eles e contou que a sua filha estava esperando o terceiro para a primavera seguinte. Camille mais tarde disse a Jeremiah que achava aquilo absolutamente repugnante. A jovem teria tido três crianças ao cabo de três anos e essa não era a intenção de Camille. Silenciosamente lamentava os sagrados aros que ele havia destruído e se aquela velha bruxa de Napa não lhe tivesse contado a respeito, disse a ele uma vez, ela não se encontraria no apuro em que estava e que ela odiava tão desesperadamente.

– É assim que você encara isso? – perguntou-lhe com tristeza. Estava tão feliz com o bebê e o entristecia ver o quanto ela se sentia infeliz a respeito. Esperava que ao ver a criança ela fosse se sentir diferente. Era fácil compreender que estivesse dividida no momento, sentindo-se mal como se sentia.

Não havia como negar que era difícil para ela, vomitava e enjoava, tendo desmaiado diversas vezes quando ele a levava para passear. Recusou-se terminantemente a levá-la à ópera novamente, apesar de todos os seus protestos, e agora de repente nenhum dos vestidos servia e ela odiava as adaptações que precisava fazer. Tinha inveja das jovens que se gabavam de não aparentarem a gravidez até o sétimo ou oitavo mês, mas por causa de sua baixa estatura ela não era uma dessas e, na época do Natal, quando ele fez uma pequena festa de aniversário para ela, era óbvio que estava grávida. Deu-lhe um novo casaco de pele de marta para ocultar seu estado e um lindo relógio cravejado de brilhantes.

– E quando tudo estiver terminado, querida, iremos a Nova York comprar-lhe um monte de roupas bonitas. E depois, vou levá-la a Atlanta para uma visita.

Ela mal podia esperar por esse dia. A gravidez era ainda pior do que previra. Detestava sentir-se gorda, detestava ter enjoos, detestava tudo que se relacionasse com isso e, acima de tudo, detestava Jeremiah por deixá-la naquela condição. E em fevereiro ficou com mais raiva ainda, quando ele lhe comunicou que ia levá-la para Napa para o resto do período da gravidez.

– Mas não é senão em maio! – Seus olhos encheram-se de lágrimas e sua voz levantou-se em protesto: – E eu quero ter o bebê em São Francisco.

Suavemente ele balançou a cabeça. Não era isso que planejava para ela. Queria que levasse uma vida tranquila no campo, sem correr entre almoços, chás e bailes, cansando-se e reclamando de como se sentia mal, desmaiando em público. Assegurou-lhe que seus pais teriam concordado com ele. Era uma época da vida dela em que era importante descansar, respirar ar puro e fazer pouco esforço. Mas ela estava convencida que ele fazia isso para atormentá-la e mais de uma vez falou-lhe aos berros, e bateu a porta de sua sala de estar, gritando-lhe que o odiava. Tornara-se sensível e rebelde desde o dia em que engravidara e ele se perguntava se tudo teria sido diferente se ele tivesse permitido que continuasse a usar aros. Ele, porém, quis assim, e já não era tão jovem para lhe conceder mais tempo. Tinha certeza de que agira corretamente, mas estava longe de ter a simpatia de sua mulher quando a levou para Santa Helena em meio às chuvas de inverno. As colinas já estavam começando a ficar verdes e o capim já despontava, espetado e brilhante, mas ela achava deprimente ficar sentada durante todas aquelas tardes chuvosas, sem ninguém para conversar além de Hannah, a quem ainda odiava.

Esforçando-se para distraí-la o quanto podia, ele voltava para casa mais cedo, contava-lhe sobre o trabalho nas minas, falava dos operários, trazia-lhe presentes para agradá-la. Ela, porém, sentia-se desconfortável, infeliz e entediada, sem lhe servir de consolo o fato de estar saudável, segundo o médico de Napa. Jeremiah escolhera-o para fazer o parto por ter sido altamente recomendado, mas Camille insistia que ele era sem jeito e rude e que seu hálito cheirava a bebida. Já no oitavo mês da gravidez, ela caía aos prantos a maior parte do tempo, e insistia em ir para sua casa em Atlanta.

– Tão logo o bebê nasça, meu amor. Prometo. Você passará o verão descansando aqui e, em setembro, iremos para Nova York e Atlanta.

– Setembro! – Proferiu a palavra com a violência de quem lança uma pedra, prestes a lhe atingir o peito. – Você nunca me disse que eu precisaria ficar o verão inteiro aqui.

Soluçava novamente e parecia querer matá-lo.

– Mas passamos o último verão aqui, Camille. O clima é terrivelmente quente em São Francisco no verão e você estará cansada depois que o bebê nascer.

– Não estarei não! Terei passado o inverno inteiro enfiada aqui. E eu *detesto* isto aqui.

Atirou um vaso de flores no chão e deixou o aposento enquanto os cacos voavam por toda parte. Hannah entrou para ajudá-lo a recolhê-los.

– Eu não diria que criar filhos seja uma coisa que combine muito com ela – Hannah declarou secamente.

Camille estivera insuportável desde o dia em que chegou e, em abril, já estava deixando ambos loucos. O tempo melhorara e era uma primavera particularmente bonita, mas ela não parecia perceber nada disso, andava enfurecida pela casa, remoendo os pensamentos ou reclamando. Nem mesmo aprontar o quarto do bebê parecia lhe dar muito prazer. Bordou algumas camisetas e comprou o tecido para as cortinas, mas Hannah fez o restante, tricotando e costurando, até mesmo montando um lindo berço. Todas as noites, Jeremiah sentia um prazer todo especial de entrar no alegre cômodo, manusear as diminutas meias e camisas, observando fascinado tudo ficar pronto. Mas, à medida que a hora se

aproximava, via-se frequentemente assaltado pela lembrança de Mary Ellen. Sentia um pavor oculto de que a criança também nascesse morta e Camille torturava-o fazendo tudo que ele lhe pedia para não fazer, andando sozinha pelo arroio, balançando-se num velho balanço atrás da casa.

Três semanas antes da época prevista para o bebê nascer ela horrorizou Hannah ao sair de casa impetuosamente, pôr os arreios numa mula que Jeremiah havia muito aposentara das minas e cavalgar pelos vinhedos vizinhos, porque estava entediada e cansada de andar pela casa. Hannah ficou tão preocupada que contou a Jeremiah assim que ele chegou e o marido logo subiu correndo as escadas para recriminar Camille. No entanto, ao entrar no quarto, percebeu que não valia a pena. Ela estava deitada na cama, estranhamente pálida, e, ao se aproximar, viu-a encolher-se e cerrar os dentes enquanto se abaixava para beijá-la.

– Você está bem, meu amor?

Ficou imediatamente preocupado. Ela não parecia bem e um fino véu de suor cobria-lhe a testa.

– Estou.

Mas não parecia. E resolutamente insistiu em estar com ele na mesa de jantar naquela noite, porém mal comeu e tanto Hannah quanto Jeremiah a observavam. Após o jantar, ele fez com que ela subisse para relaxar e desta vez ela não protestou, na verdade ficou aliviada, porém, no meio das escadas, parou de repente e caiu de joelhos com um gemido surdo. Com alguns saltos rápidos ele já estava ajoelhado ao lado dela, tomando-a rapidamente nos braços, enquanto Hannah subia as escadas correndo atrás dele.

– Ela está em trabalho de parto, Jeremiah. Eu sabia disso, esta tarde. Mas quando lhe perguntei, ela disse que não sentia dores. Cavalgar naquela mula resultou nisso.

– Ah, cale-se... – retrucou Camille bruscamente, mas não do seu modo habitual, e Jeremiah suspeitou de que Hannah talvez estivesse com razão.

Deitou Camille na cama e olhou-a atentamente. Estava mortalmente pálida, os punhos cerrados, e tinha uma expressão estranha, como se estivesse sentindo dor mas não quisesse admiti-lo. E então, como se quisesse provar isso a ambos, tentou se levantar da cama. Assim que seus pés tocaram o chão, os joelhos dobraram-se e ela gritou de dor, estendendo os braços desvairadamente para Jeremiah, que a amparou e a colocou na cama, virando-se depois para Hannah.

– Pegue Big Joe e vá até a casa de Danny. Ele combinou comigo que iria chamar o médico em Napa.

De repente Jeremiah lamentou ter escolhido um médico tão longe. Por mais competente que fosse, se não chegasse lá a tempo, não iria lhes servir para nada, mas nunca lhe ocorrera que fossem precisar dele com urgência. Hannah partiu velozmente e em meia hora estava de volta, informando que Danny seguira para Napa. Isto significava que o médico estaria com eles dentro de cinco ou seis horas e, nesse meio-tempo, ela desceu para ferver água, enrolar algumas tiras de pano limpas e fazer um bule de café forte para ela e Jeremiah. Não sentia pena de Camille; era jovem e, por mais doloroso que fosse, ela sobreviveria e havia um excitamento no ar. O bebê que Jeremiah esperava havia tanto tempo estava finalmente chegando e ele também parecia exultante. Olhou para Camille com um sorriso terno quando ela se agarrou a seu braço.

– Não me deixe, Jeremiah... – Ofegava e seu rosto estava conturbado pelas contrações. – Não me deixe com Hannah... ela me odeia... – Começou a chorar e era óbvio que estava com medo.

Era tão diferente de Mary Ellen em seu leito de dor, mas a outra já havia passado por isso antes três vezes e era muito mais velha do que esta garota. Camille parecia uma criança ao contorcer-se de dor a cada contração.

– Ah, faça-as parar... Jeremiah... não aguento...

Sentiu pena dela, mas não havia nada que pudesse fazer. Colocou panos úmidos em sua testa, até que ela os atirou longe, agarrando-se agora no braço dele. Quatro horas tinham passado desde que Danny partira para Napa e Jeremiah começou a rezar para que o médico viesse rapidamente. Não parecia que o bebê fosse demorar muito. E de repente, com horror, lembrou-se de Mary Ellen e dos três dias que ela passara sofrendo as dores do parto. Mas isso não podia acontecer a Camille. Não deixaria. Começou a olhar o relógio a cada instante. Camille segurava-lhe o braço com uma das mãos e agarrava-se à cabeceira de metal da cama com a outra, encolhendo-se toda vez que as dores recrudesciam, o que agora durava a maior parte do tempo. E Hannah finalmente subiu com mais café para ele. Agora, porém, Camille já não parecia se dar conta da presença dela.

– Não quer que eu fique com ela? – sussurrou. – Você não devia estar aqui.

Olhou-o com ar de desaprovação, mas ele prometera ficar até que o médico chegasse e não deixá-la com Hannah. E ele queria estar lá. Era um alívio ficar no quarto, a par do que acontecia. Enlouqueceria se tivesse de esperar do lado de fora. Mas quando Danny voltou, três horas mais tarde, Jeremiah parecia tenso e exausto.

– O médico está em São Francisco. – Danny tinha um ar sinistro ao dar a informação para Jeremiah.

Lá em cima, Camille gritava que não poderia suportar mais, e apertava as mãos de Hannah enquanto ela tentava acalmá-la.

– A mulher dele disse que seu filho está adiantado – disse Danny.

– Eu sei disso – retrucou rispidamente Jeremiah. – Que diabo ele está fazendo em São Francisco?

O rapaz encolheu os ombros.

– Minha mãe me mandou atrás do médico de Santa Helena, mas ele está em Napa fazendo um parto...

– Pelo amor de Deus... não há ninguém que possa vir? Lembrou-se então do médico em Calistoga e enviou Danny naquela direção, mas isso poderia levar mais uma hora e, quando Jeremiah se dirigia às escadas, ouviu Camille gritar. Foi um som gutural horrível, como o de um animal ferido. Abriu a porta com um tranco e olhou para Hannah com um olhar sombrio.

– Onde está o médico? – sussurrou ela, com ar preocupado.

– Não virá. Enviei o garoto atrás do outro em Calistoga. Meu Deus, espero que ele esteja em casa.

Hannah fez um sinal afirmativo com a cabeça, enquanto Camille berrava novamente, rasgando a camisola e debatendo-se na cama no calor da noite. Mas os três já estavam banhados de suor com a tensão.

– Jeremiah... acho que há algo errado. Com as contrações tão fortes assim, o bebê deveria estar nascendo. Olhei, mas não vi nada aparecendo.

Jeremiah apertou os lábios e observou sua mulher contorcendo-se na cama. Ninguém viria ajudar, pelo menos no momento, e ele não tinha escolha, precisava ajudá-la. Entre as duas contrações seguintes, delicadamente afastou-lhe as pernas e ela começou a lutar contra ele, mas logo esqueceu sua presença com a nova contração. Jeremiah olhou cuidadosamente, procurando ver a cabeça da criança. Mas em vez disso, o que viu fez com que prendesse a respiração: uma das mãozinhas minúsculas fazendo força para baixo, onde a cabeça deveria estar pressionando. A criança estava virada, exatamente como a de Mary Ellen, e já podia estar morta, ou logo estaria, se ele não fizesse alguma coisa. Lembrou-se do que vira o médico fazer em Calistoga e cuidadosamente instruiu Hannah, que imobilizou Camille fortemente nas contrações seguintes, enquanto a jovem urrava como se fosse

morrer. Jeremiah achava que a estava matando, mas precisava fazer o que fosse possível para salvar o filho deles, e devagar, enquanto empurrava o bebê de volta para dentro, procurou sua cabeça e virou-o. Os ombros tinham ficado presos na abertura e agora podia sentir a cabeça vindo em sua direção. A cama estava banhada em sangue e Camille estava fraca demais para gritar, mas assim mesmo o fez, à medida que o bebê saía entre suas pernas lentamente para as mãos do pai, emitindo um vigoroso choro ao fazê-lo.

Estava enrolado no cordão umbilical e por um instante Jeremiah não podia saber se tinha um filho ou uma filha. E então, através das lágrimas em seus olhos, conseguiu ver melhor.

– É uma menina! – gritou para Camille, que levantou a cabeça languidamente e começou a chorar, mais pelo horror do que tinha passado do que por alguma ternura pela criança. Permaneceu deitada, gemendo, enquanto Hannah tentava limpá-la, e recusou-se a segurar a filha. E quando, pouco depois, o médico chegou, disse a Jeremiah que ele havia feito um bom trabalho e deu umas gotas para Camille, fazendo-a dormir, enquanto Hannah cantarolava para o bebê.

– Livrou-se dos aros, suponho – o médico falou com uma risadinha para Jeremiah ao sair.

O orgulhoso papai riu ao agradecer ao médico ao entregar-lhe uma moeda de ouro. Planejava dá-la ao médico de Napa, mas com uma criança nascida morta e agora esta, este homem a merecia. Foi graças a sua experiência com Mary Ellen que Jeremiah soubera como virar o bebê. E o médico lhe disse que ele sem sombra de dúvida salvara a vida da criança, embora admitisse que tal coisa era penosa para a mãe.

Mas não havia outro jeito e Jeremiah tentou explicar isso a Camille, acariciando-a quando acordou. Ainda estava meio histérica pelo que passara e não quis segurar o bebê. Jeremiah colocou-lhe no dedo um grande anel de esmeralda que guardara para essa ocasião. E mostrou-lhe o colar, os brincos e o broche que o acompanhavam, formando um perfeito conjunto, mas ela não deu importância. Tudo que queria era a promessa dele de que nunca teria de passar por aquilo novamente. Tinha sido a pior experiência da sua vida e ela lhe disse, soluçando, que isso não teria acontecido se ele não a tivesse violentado. A reação dela entristeceu-o, mas tinha certeza de que dentro de mais alguns dias ela voltaria a ser o que era.

Hannah não tinha tanta certeza, nunca vira uma mulher recusar-se a segurar seu próprio filho. E sua filha já tinha quatro dias quando ela finalmente concordou em segurá-la, e uma ama de leite precisou ser contratada na cidade, porque Camille categoricamente recusou-se a amamentá-la.

– Que nome lhe daremos, meu amor?

– Não sei.

Parecia indiferente e nada do que ele pudesse lhe dizer conseguia animá-la. Recusava-se a participar na seleção de nomes, nunca segurava a criança e, sentindo-se penalizado pela criancinha, Jeremiah quase sempre carregava-a. Não se importava que não fosse um menino, era sua filha, sua carne, o bebê que esperara por tanto tempo e, de repente, compreendeu o que Amelia queria dizer quando o instou a se casar e ter filhos. Era a experiência mais significativa de sua vida e ele adorava aquela trouxinha que embalava sempre que podia. Ficava sentado, olhando-a maravilhado, apalermado diante das mãozinhas delicadas e das pequeninas feições. Não conseguia dizer com quem se parecia, mas, antes que completasse uma semana, sabia que desejava chamá-la Sabrina e Camille não pareceu opor-se. Batizaram-na em Santa Helena, Sabrina Lydia Thurston. Era a primeira vez que Camille saía e ela usou o anel de esmeralda e um vestido verde de verão, mas ainda se sentia enfraquecida e estava furiosa por não conseguir entrar na maioria dos seus vestidos. Hannah disse-lhe que era muito cedo para esperar

isso, numa tentativa de consolá-la, mas Camille repeliu-a e mandou que saísse do quarto, dizendo-lhe que levasse a criança com ela.

Durante todo o verão a tensão no ar era palpável. Camille parecia uma leoa na jaula, na casa em Santa Helena, e as visões que Jeremiah tivera dela cantando canções de ninar para o filho deles estava longe da realidade da jovem nervosa, que contava os dias para voltar à vida da cidade. Ele havia-lhe prometido uma viagem a Nova York e Atlanta, mas quando a mãe adoeceu em julho, o pai lhe escreveu dizendo que seria melhor esperarem até o Natal e, como era hábito agora, Camille teve um ataque de raiva e atirou um abajur no chão, antes de sair furiosamente da sala, batendo a porta. Odiava tudo e todos, a casa, o campo, as pessoas. Hannah, a criança, e mesmo Jeremiah viu-se atingido pelo seu mau gênio. Foi um alívio para todos quando arrumaram as malas em setembro e Camille finalmente partiu para a cidade da qual tão desesperadamente sentia falta. Sentia-se como se estivesse saindo de uma prisão.

- Sete meses! – suspirou sem acreditar ao pisar na entrada na casa da cidade. – Sete meses!
- Sentimos sua falta! – seus amigos diziam-lhe.
- Foi a pior época de toda a minha vida – respondia ela. – Um pesadelo!

E, sem o conhecimento de Jeremiah, foi a um médico e adquiriu mais alguns aros contraceptivos, um líquido de lavagem, além de uma boa quantidade de um preparado contraceptivo, também muito eficaz. Nada do que ele pudesse dizer iria impedi-la de usar aquelas precauções. Não tinha, de qualquer forma, voltado a ter relações sexuais com ele desde o nascimento de Sabrina e não sentia a menor pressa em fazê-lo. Não queria correr risco algum. A criança já estava com quatro meses, era bonita, inteligente e esperta, de cabelos levemente ondulados e grandes olhos azuis como os de Camille e os de Jeremiah, mãos pequeninas e gorduchas, dedos que agarravam com firmeza. Camille raramente ia ver a filha; tendo optado por não usar os lindos aposentos no mesmo andar dos dela, colocou a criança no terceiro andar.

– Faz muito barulho – explicara para Jeremiah, que estava decepcionado de não ter o bebê próximo dos aposentos deles.

Mas ele não vacilava em subir para ver a criança. Adorava-a e não fazia nenhum segredo disso. A única pessoa que não parecia gostar dela era Camille. Fugiu do assunto quando Jeremiah mencionou alguma coisa a respeito. Quando a criança completou seis meses, ele ficou realmente preocupado. Camille nunca se enternecera por ela e, conforme a criança crescesse, iria perceber. Não era natural que Camille demonstrasse tão pouco sentimento por sua filha, e no entanto não parecia sentir nada por ela. Tudo que lhe interessava era o tempo que passava com os amigos, as festas que davam ou os pequenos festejos que promovia em Thurston House, quando Jeremiah estava em Napa. Dissera-lhe que ele não gostava dos amigos dela, de modo que agora os via sozinha, e desde que o marido a engravidara seus sentimentos em relação a ele pareciam bem mais frios. Havia horas em que se perguntava se ela jamais o perdoaria e na maioria das vezes isso parecia pouco provável.

– Dê tempo ao tempo – disse-lhe Amelia quando ele lhe confessou sua preocupação durante a visita seguinte. Ela segurou Sabrina, conversou com ela em voz baixa e macia, e Jeremiah pareceu ter levado um golpe ao ver a diferença entre as duas mulheres. – Talvez ela tenha medo de bebês. – Percebera o olhar dele. – Tenho três netos, afinal de contas.

O terceiro finalmente fora um menino e havia muita alegria na casa de sua filha, mas ainda assim ela encontrara tempo para visitar Jeremiah e Camille, embora Camille estivesse fora quando ela veio desta vez, como agora acontecia a maior parte do tempo. Parecia não dispor de tempo algum para a

filha e o marido. A única hora em que ficava em casa era quando dava uma festa ou organizava um baile e Jeremiah já começava a se cansar disso. Ela gostava de desempenhar publicamente o papel da Sra. Jeremiah Thurston, e as comodidades e a pompa que o acompanhava, mas de nenhum dos deveres privados que faziam parte dele. E Jeremiah estava ficando cansado de não dormir com a mulher. Desde que haviam retornado de Napa, ela dormia no quarto de vestir, alegando que ainda se sentia doente. Mas nunca estava doente demais para ir a festas. Jeremiah não ousava contar tudo isso a Amelia, mas ela percebia-o no silêncio e teve pena dele ao despedir-se com um beijo. Ele merecia melhor sorte... Ela teria dado a ele muito mais de bom grado, se tudo tivesse caminhado de modo diferente. Mas era muito velha para ele, pelo menos assim acreditava, e estava feliz por ele ter Sabrina.

Perto do Natal, porém, Jeremiah deu um basta. Camille disse-lhe em novembro que queria dar um grande baile, para mais ou menos setecentas pessoas.

– O maior baile já realizado em São Francisco – disse alegremente.

Ele olhou para ela e balançou a cabeça.

– Não.

– Por que não?

O ódio começou a assomar aos olhos dela. Era a Sra. Jeremiah Thurston e queria tudo a que isso dava direito.

– Vamos para Napa passar o Natal.

A mãe dela não melhorara e o pai não achava que deveriam ir a Atlanta. Camille não parecia particularmente preocupada com a mãe. Não era segredo que não gostava dela. Mas teria gostado de ir para Atlanta bancar a grande dama e olhar a todos com desdém.

– Napa? – gritou com voz estridente. – Napa? Para o Natal? Nem morta.

Havia os que, a esta altura, achariam isso um prazer, mas Jeremiah ainda não era um deles.

– Preciso estar perto das minas, tem havido enchentes...

Há pouco tempo, John Harte perdera 22 dos 106 homens que trabalhavam para ele e Jeremiah fora ajudá-lo. Harte, que finalmente começara a abrandar, ficara grato.

Ela interrompeu-o bruscamente.

– Então você vai para Napa. Eu ficarei aqui.

– No Natal? – ficou chocado. – Queria que nós três estivéssemos juntos.

– Quem? Você, eu e Hannah? Não conte comigo, Jeremiah.

– Referia-me a nossa filha – agarrou-lhe o braço, num gesto incomum de frustração –, ou se esqueceu de que temos uma?

– Esta é uma observação desnecessária. Vejo-a todos os dias.

– Quando? Na entrada, quando você está saindo e ela está vindo do jardim?

– Não sou uma ama de leite, Jeremiah. – Olhou-o ameaçadoramente da sua diminuta estatura.

Desta vez Jeremiah não se conteve.

– Não é uma mãe tampouco. Nem uma mulher, se quer saber. Exatamente, o que você é?

E com essas palavras, ela elevou a mão e o esbofeteou, e ele ficou olhando-a. Nenhum dos dois se moveu. Era o começo do fim do casamento deles e ambos compreenderam isso. Camille foi a primeira a falar, mas não para pedir desculpas ao marido. Alguma coisa dentro dela se rompera havia meses, quando tivera a criança, ou quando ficou presa em Napa: a maneira como via aquele período. Na verdade, jamais o perdoaria por tê-la obrigado a ter Sabrina. Mas não era só isso. Quisera compartilhar o entusiasmo dele pelos seus negócios, acabando por descobrir que não havia lugar para ela nas minas

em Napa. Era um mundo exclusivamente masculino e ele nem sequer lhe falava a respeito. Por outro lado, quisera a presença dele na sua permanente roda de festas e ele a desapontara, esquivando-se da vida social, como sempre o fizera, e recusando-se a exhibir-se com ela. Na verdade, não tinha nenhuma das coisas que desejava, exceto a grandiosidade de Thurston House e tudo que isso significava para ela.

– Não irei para Napa, Jeremiah. Se for passar o Natal lá, vá sozinho.

Já suportara o lugar o suficiente para a vida inteira e agora aquilo a fazia recordar-se de seus piores momentos.

– Não, não irei só – sorriu, triste. – Estarei com minha filha.

E ele se manteve fiel às suas palavras. No dia 18 de dezembro, mandou fazer as malas da babá e de Sabrina e partiram para Napa. E, em Santa Helena, Hannah os recebeu com alegria. Passaram-se dois dias antes que ela mencionasse a ausência de Camille e, quando o fez, ele deixou claro que não queria falar sobre o assunto. Sofria terrivelmente com o que Camille fazia, mas se soubesse do resto, teria sofrido ainda mais. Ela realmente ousara ir em frente e dar o baile que pretendia dar. Os convites haviam sido remetidos sem o conhecimento dele, que leu a notícia do baile no jornal dois dias depois da festa. Presumiu com razão que ela atribuíra-lhe tudo. E em vez de passar o Natal com o marido e a filha, preferira passá-lo cercada dos amigos, a elite e a nobreza, o novo-rico e o ostentoso. Não era um grupo no qual Jeremiah teria se sentido feliz, mas Camille estava em êxtase, representando o papel da grande dama de Thurston House aos 20 anos, tentando esquecer que alguém a tivesse considerado um dia algo abaixo de uma aristocrata em Atlanta, ou que tivesse sido forçada a morar em Napa Valley, que odiava de maneira tão desesperada. Tinha certeza de que se Jeremiah algum dia a forcesse a engravidar novamente, preferiria se matar a ter a criança. E, no que lhe dizia respeito, ele merecia tudo que estava recebendo agora por ter feito o que fez ao seu corpo. Para ela, a gravidez era o pior dos pesadelos e o parto, uma tortura impossível de ser descrita. Lembrava-se de cada momento de agonia toda vez que o via ou se ele parecesse se aproximar dela, e Sabrina era um monumento vivo aos nove meses de inferno. Era mais fácil simplesmente evitá-lo. E o fez, trancando seu coração a tudo que um dia sentira por Jeremiah e o que quer que pudesse ter aprendido a sentir pela filha.

Jeremiah não voltou de Napa imediatamente após o Natal como Camille suspeitava que fosse fazer. Desafiava-a e não iria voltar senão em meados do mês seguinte, dizia um bilhete que lhe enviara, mas ficaria feliz de vê-la em Napa. Só o fato de ler as palavras dele a aborreceu. Não tinha nenhuma intenção de ir para Napa agora e perder todos os bailes e festas na cidade. Explicava a ausência dele a seus amigos com casual naturalidade e continuou a frequentar todos os eventos, inclusive um promovido por um casal do qual Jeremiah particularmente não gostava: um casal novo-rico que viera do Leste no ano anterior e era conhecido por suas festas mais do que ligeiramente impróprias.

Com Jeremiah na cidade, nunca tivera permissão para ir, de modo que se agarrou a esta oportunidade para comparecer ao baile que o casal promoveu na véspera do ano-novo e ficou agradavelmente surpresa com as pessoas que encontrou. Formavam um grupo divertido, muito mais divertido do que as pessoas que ela e Jeremiah costumavam frequentar, especialmente um homem que acabara de chegar à cidade. Um conde francês chamado Thibaut du Pré, que parecia personificar tudo que fosse decadente, europeu e aristocrático. Era exatamente quem gostaria de ter encontrado, caso tivesse ido a Paris com o pai. Era alto, bonito e louro, de olhos verdes e pele clara, ombros largos e quadris estreitos, um sotaque e um modo de falar encantadores. Passou praticamente a noite inteira beijando o pescoço de Camille, o que não escandalizou ninguém na festa. Falava inglês tão bem quanto francês e possuía uma mansão ao norte da França e outra em Veneza, assim dizia, mas era perceptivelmente vago a respeito dos detalhes. Aproximou-se de Camille quando a festa começou e permaneceu a seu lado durante a maior parte da noite. Comentou que ouvira dizer que ela possuía uma casa magnífica e que gostaria de vê-la, apenas para comparar com a dele, claro; os americanos tinham ideias tão diferentes a respeito de arquitetura, insistia, enquanto a rodopiava pelo salão, o braço firme em sua cintura, os olhos fixos nos dela. Era um homem extraordinariamente bonito, de grande charme, desembaraçado e habilidoso, e ela não via problema algum em lhe mostrar a casa no dia seguinte. Não via absolutamente nenhum mal nisso, até que ele a apertou contra si e a beijou em seu *boudoir* quando lhe mostrava o papel de parede francês.

Mas quando ele a tocou e seu corpo começou a queimar sob os dedos dele, percebeu quanto tempo se passara desde que sentira o toque de um homem em seu corpo. De repente, uma explosão de paixão pelo lânguido conde francês apoderou-se dela. Ele a tocava com destreza e em instantes tinha-a quase suplicante para que ele a possuísse. E então, recuperando-se, implorou-lhe que parasse, mas suas palavras foram abafadas pelos lábios dele e ele apenas continuou a beijá-la, certo de que ela havia compreendido perfeitamente a sua intenção quando pediu para ver sua casa. Percebera, na noite anterior, que o marido dela estava fora, como quase sempre acontecia. Mas afastou-se dele e quase ordenou-lhe que descesse com ela.

Camille divertia-o com seus olhos ardentes, seus belos lábios, seus luminosos cabelos negros, e nas semanas seguintes ele a inundou de presentes, agrados e flores, convidando-a para almoçar, levando-a a passeios, sem que durante todo esse tempo Jeremiah voltasse de Napa. Ela insistia em dizer que o comportamento de Du Pré era praticamente uma afronta, mas dizia-o no seu delicioso sotaque sulista e ele lhe falava em francês e lhe proporcionava mais divertimento do que tivera em meses. Jeremiah era tão sério e ela estava cansada de ouvir falar em inundações nas minas. Ele ficara retido em Napa novamente. Desta vez quatro homens tinham morrido em mais uma inundação. Thibaut não lhe falava sobre coisas desse tipo. Só lhe dizia o quanto era bonita, que era inacreditável que já tivesse tido um filho. Ela, então, lhe contou o quanto detestava a experiência e ele conquistou seu coração com o fervor de suas palavras.

– Acho uma crueldade querer que as mulheres tenham filhos. Bárbaro! – Parecia revoltado. – Nunca pediria tal coisa da mulher que amasse. – Fitou-a significativamente e ela corou.

– Eu nunca o faria novamente – confessou ela. – Preferiria morrer. Ficou satisfeita ao ouvi-lo admitir que nunca se sentira atraído por crianças.

– Pavorosos diabinhos... e cheiram mal!

Ela riu e ele tocou-lhe os lábios com os dele outra vez e, sem que ela percebesse exatamente como, fizeram amor no divã do próprio quarto de vestir, depois de terem bebido quase uma garrafa inteira de champanhe da adega de Jeremiah. Sentia-se aliviada por estar usando o aro novamente. Colocara-o depois do ano-novo, apenas para experimentá-lo, disse a si mesma – e não o retirara, para o caso de Jeremiah voltar, enganava a si mesma. Mas aquilo nada tinha a ver com Jeremiah. Mas agora tinha tudo a ver com Thibaut du Pré.

Prosseguiram com o caso clandestino durante seis semanas, até Jeremiah retornar. Du Pré ia a Thurston House e ela ia ao hotel dele, o que ela sabia muito bem que era algo temerário, mas era menos perigoso do que deixar que entrasse em sua casa. Fazia-o bem tarde da noite, quando então subiam as escadas na ponta dos pés, rindo baixinho, escondendo-se nos aposentos dela, bebendo champanhe e fazendo amor até o amanhecer. Com ele, reencontrara o ardor que experimentara antes do nascimento de Sabrina e, por alguma razão, achava-o ainda mais excitante do que Jeremiah. Era alto, magro, exótico, falava-lhe em francês, era depravado e erótico e tinha apenas 32 anos, mas na maioria das vezes parecia ainda mais novo, mais até do que ela. Queria se divertir e brincar o tempo todo, fazer amor de manhã à noite e não queria que ela tivesse filhos. Ficou encantado com o aro que ela usava e até lhe contou sobre outros métodos mais exóticos que havia na França. E começou a falar-lhe em ir para a França com ele.

– Podia vir comigo para o sul da França... poderíamos visitar meus amigos... festas que duram a noite inteira... – e ele quase queimava seus ouvidos contando-lhe as coisas que gostavam de fazer.

Melhor ainda, ele lhe mostrava, e à medida que os dias se passavam, sentia algo estranho acontecendo com ela, como se tivesse descoberto uma droga e não mais pudesse viver sem ela. Era quase como se estivesse viciada nele, dia e noite ansiava pelo toque de suas mãos, sentia o corpo doer de desejo, necessitava-o para preencher sua própria alma. Era quase doloroso separar seu corpo do dele ao deixar sua cama, precisava do corpo dele sobre o seu, suas mãos, seus lábios, sua língua... havia um perfume inebriante em tudo que ele fazia e viu-se permanentemente precisando mais e mais dele.

Começou a se sentir desesperada com a volta iminente de Jeremiah. Quando ele chegou, mal conseguiu fazer Du Pré sair a tempo e quando Jeremiah subiu ao andar superior para acomodar a criança, ela achou uma garrafa de champanhe vazia embaixo da cama e escondeu-a rapidamente em

seu *boudoir*. Sentia-se desalinhada e imprudente, maculada e confusa, e quando viu Jeremiah, começou a chorar e ele interpretou aquilo como alívio em revê-lo. Mas ela chorava por estar tão desesperadamente confusa. E, por um instante, apenas por um instante, enquanto segurava a filha pela primeira vez em seis semanas, vislumbrou o que a vida ainda poderia ser, mas na verdade já não era. Poderia ser apenas Jeremiah, Sabrina e ela e de repente lamentou não ter ido para Napa com ele. Teria ficado a salvo lá, mas em vez disso, desviara-se sem rumo. Penetrara no Jardim do Éden e não se lembrava mais do caminho de casa, nem mesmo desejava encontrá-lo. Ficou deitada ao lado de Jeremiah naquela noite, irremediavelmente imóvel, torturada pelos próprios pensamentos. Quando finalmente ele pousou uma das mãos em sua coxa, ela tremeu. O pior de tudo era que ela já não o desejava. E na manhã seguinte já ansiava por Thibaut. Encontraram-se secretamente no hotel dele e quando voltou para casa naquela tarde, parecia que sua mente e sua alma estavam tomadas por ele, de um modo quase demoníaco. Nem imaginava o que o pai acharia dele e, pela primeira vez na vida, não dava a menor importância à opinião do pai, ou à de Jeremiah, ou à de ninguém.

Ele planejava permanecer em São Francisco por alguns meses e ela sabia que então já estaria quase louca com toda aquela confusão, se continuasse por tanto tempo. Já não sabia o que dizer a Jeremiah à noite e transferiu-se novamente para seu quarto de vestir. Jamais tinha tempo para ver Sabrina e quando ela e Jeremiah saíam, procurava por toda parte vislumbrar o conde, que ficava olhando-a com avidez, e certa vez ousou acariciar-lhe o seio, quando passavam por ele na entrada de um restaurante. Sentiu o corpo todo estremecer de desejo e Jeremiah achou que ela estava com frio. Por um instante, sentiu-se nauseada pelo sentimento de culpa.

Além disso, Thibaut falava em levá-la para a França com ele.

– Mas eu não posso! Não compreende?

Fazia-a enlouquecer com seus olhos ardentes e sua língua ágil.

– Sou casada! Tenho uma filha pequena!

E havia mais do que isso, todo um modo de vida, segurança, Thurston House. Era uma pessoa importante ali. Não podia simplesmente largar tudo.

– Tem um marido que a faz chorar de tédio e você não se importa nem um pouco com a criança. Então, o que resta, meu amor? Não quer ser minha condessa num castelo na França?

– Quero... quero... – soluçava, e ele a enlouquecia, tentando-a daquele jeito.

Estava tão confusa! Não sabia o que fazer. E dentro de um mês ou dois, Jeremiah percebeu como ela estava pálida e abatida. Pensou que ainda estivesse se ressentindo do nascimento de Sabrina e insistiu para que consultasse o médico novamente. Mas todo dia ela adiava a consulta. Tinha outras coisas a fazer. Tinha de ir ao encontro de Du Pré em seu quarto de hotel... onde ele lhe falava de seus castelos... seu pai... seus amigos... todos marqueses e condes, princesas e duques. Virava-lhe a cabeça ouvi-lo falar e sonhava com os bailes nos castelos de seus amigos por toda a França. Era exatamente como o sonho que seu pai lhe prometera antes de Jeremiah aparecer. Poderia ser uma condessa agora, se quisesse; tudo que precisava fazer era abrir mão de sua vida aqui, como Thibaut sussurrava entre suas pernas e ela pensava que enlouqueceria.

– Não aguento mais isso! – exclamou certa vez. – Estou muito confusa.

Mas ele não se importava. Assim como ela, estava viciado em sua carne, queria sempre mais dela, queria-a para si e não iria dar-lhe trégua enquanto não cedesse. Queria que ela fosse para a França com ele e presumia por algum motivo que ao menos parte da fortuna que ela ostentava lhe pertencia.

Dia após dia, Jeremiah via-a escapulir, não sabia para onde, até que finalmente em abril um amigo lhe contou o que vira: Camille saindo do Palace Hotel com um homem alto e louro e haviam-se beijado antes de chamar uma carruagem para ela. Jeremiah sentiu o coração desfalecer ao ouvir o que o homem lhe dizia e queria acreditar que ele estivesse enganado, mas, observando-a a cada dia, começou a suspeitar de que o amigo estava com razão. Havia algo distante nos olhos dela toda vez que ele lhe falava. Insistia em que saíssem toda noite, parecia aliviada quando a deixava para ir ver as minas e nunca mais conseguiu que ela dormisse com ele outra vez.

Ele deixou-se cair em uma depressão cada vez maior conforme a primavera passava e temia o que pudesse acontecer quando tentasse levá-la outra vez para Napa em junho. Não queria confrontá-la, com receio de que ela fosse romper, e então, na forma como as coisas aconteceram, o destino se encarregou de resolver por ele. Deixava o clube de seu banqueiro uma tarde, após discutir alguns negócios, quando uma carruagem passou lentamente por ele e pôde ver Camille nos braços de um homem louro. Jeremiah ficou parado ali na esquina por meia hora, sentindo o mundo desmoronar a seu redor. Confrontou-a, com tranquilidade, naquela noite.

– Não sei como tudo começou, Camille. – Havia lágrimas contidas em sua voz mas não permitiu que aflorassem. – E não quero saber. Alguém a viu há algum tempo e eu quis acreditar que não fosse verdade, mas vejo que era.

As lágrimas assomaram aos seus olhos ao fitá-la. Amava-a tanto e imaginava se iria perdê-la para o homem que vira beijando-a na carruagem. Não lhe importava o que ela tivesse feito, contanto que parasse agora. Ainda poderiam resgatar o que haviam tido, se ela quisesse. Dependia dela, mais do que dele. Estava disposto a perdoar e continuar com ela. Mas não percebeu o estado de confusão em que ela se encontrava.

– Como sabe que era eu?

Olhou-o melancolicamente, destituída do seu usual espírito combativo, e ambos sabiam que era ela.

– Não faz sentido discutir. A questão é que eu quero que pare. – Sua voz era tão suave quanto seu amor por ela. – Isso tem de acabar agora, Camille. Gostaria que partíssemos para Napa na próxima semana e talvez lá possamos reconstituir o que resta, com Sabrina.

Os olhos dele estavam úmidos e ela cerrou os seus. Se ele tivesse querido romper com ela, teria se incomodado menos do que com a perspectiva de se mudar para Napa na semana seguinte. Não podia suportar a ideia e não podia desistir de Thibaut ainda. Ainda não. Precisava dele. A palavra seguinte de Jeremiah foi apenas um sussurro, mas era sincero.

– Por favor...

Ela abriu os olhos.

– Vou ver...

Mas era como se estivesse sendo estrangulada e saiu às escondidas novamente naquela noite, apenas para ir ao encontro dele na rua, trocarem um beijo e algumas palavras. Jeremiah acreditava que ela estivesse no térreo, falando com a cozinheira, e nunca descobriu a verdade, enquanto ela, desesperada, permanecia parada na rua, além dos jardins, falando baixo com Du Pré, enquanto ele lhe suplicava que fosse se encontrar com ele no hotel. Era um homem totalmente decadente, absolutamente sem consciência, e faria tudo que pudesse para levá-la consigo. Afinal, por que não? Ela era linda, sensual, quase tão devassa quanto ele agora, uma especialista na arte de amar, embora tivesse apenas 20 anos e ele sabia, pelo que todos diziam, que era uma garota muito rica, e Du Pré precisava disso. Ouvira dizer

que tinha fortuna própria e, naturalmente, havia tudo que Jeremiah lhe dera, provavelmente muita coisa, a julgar por suas joias e peles.

No dia seguinte, no entanto, ela foi ao encontro de Thibaut no hotel e, soluçando enquanto falava, disse-lhe que o caso deles tinha chegado ao fim. Havia chegado a essa conclusão. Não estava disposta a abrir mão do que possuía por ele.

– Fiz algo errado?

Parecia surpreso, a imoralidade de tudo aquilo nunca o perturbara. Era algo com que vinha se divertindo havia anos, as mulheres de outros homens eram apazíveis e esta era de longe a melhor que tivera. E não tinha nenhuma intenção de deixá-la ir embora, não ela. Era interessante, uma doçura. E agora era dele. Sentia-o.

– Fui eu quem agiu errado – explicou ela. – Não soube me conter, mas agora tenho de parar. Meu marido descobriu.

Esperava que ele fosse levar um susto e ficou admirada quando não o fez. Parecia apenas preocupado.

– Ele bateu em você, *mon amour*?

– Não, absolutamente. Mas quer que eu vá para Napa com ele na semana que vem. – Mal podia continuar, tão sufocada se sentia à simples ideia. – Ficaremos lá cerca de quatro meses e... – soluçava ao falar – você já terá ido embora quando voltarmos.

– Eu não poderia ir para Napa com você? Ficar num hotel próximo...

Era uma ideia revoltante, mas ela não o censurou por isso. Desejava-o da mesma forma desesperadora.

– Não, lá isso não é possível.

Ele balançou a cabeça, enxugou-lhe os olhos e, em seguida, encarou-a.

– Então, tem de vir comigo. Deve escolher. Agora. Esta semana. – Tinha um ar decidido. – Iremos para a França. Preciso voltar para casa, de qualquer forma. Poderemos passar o verão no meu castelo no Sul – se seu pai o aceitasse –, ir para Veneza talvez, para os bailes do verão – isto era verdade – e voltar para Paris no outono.

Isso a atraía muito mais do que Santa Helena. Sabia, porém, que não tinha direito a nada daquilo. Era a mulher de Jeremiah e tinha um papel a desempenhar na Califórnia. Além disso, havia vantagens nesta situação.

– Não posso ir. – Mal conseguiu proferir as palavras.

– Por que não? Seria minha condessa, *ma chérie*. Pense nisso!

Ela pensava e isso dividia seu coração. O pai sempre lhe prometera um conde ou um duque.

– E meu marido? E minha filha?

– Você não se importa com eles. Eu sei disso tão bem quanto você.

– Não é verdade...

Mas agira dessa forma e a vida que Thibaut acenava diante de seus olhos era tão mais de acordo com ambos. Não queria mais filhos, não queria ser uma esposa respeitável... não queria ter uma criança, nunca o quisera... a única coisa que gostava a respeito de Jeremiah era Thurston House e Thibaut oferecia-lhe dois castelos... de repente, horrorizada, recuou diante de seus próprios pensamentos. Reduzia-se a isso? Quem possuía a maior casa... estava aterrorizada consigo mesma. Como iria acabar tudo aquilo? Sentia-se como se estivesse sendo dividida ao meio.

– Não sei o que fazer.

Sentou-se em prantos.

Ele serviu-lhe uma taça de champanhe.

– Tem de escolher, meu amor. Mas escolha com inteligência. Quando estiver apodrecendo em Napa, para o resto de sua vida, vai lamentar a oportunidade que perdeu... quando ele a violentar e engravidá-la novamente...

Ela estremeceu visivelmente ao pensamento.

– Pense nisso! Eu nunca vou lhe pedir isso – insistiu ele.

E ela sabia que mais cedo ou mais tarde Jeremiah o faria. Ia querer um filho. Mas não estava certo abandoná-lo só por causa disso... era sua mulher... bebeu o champanhe e recomeçou a chorar. Thibaut envolveu-a nos braços e fez amor com ela novamente. Naquela noite, quando voltou para casa, subiu as escadas até os aposentos da criança e ficou olhando a filha brincar. Tinha um ano agora, dizia algumas palavras, começara a andar, mas Camille não fazia parte da vida dela. Preferira não fazer. E agora queria enterrar o rosto nas mãos e soluçar; realmente não sabia o que fazer. E naquela noite, quando Jeremiah lembrou-a de que partiriam dentro de cinco dias, achou que iria enlouquecer. Foi ao encontro de Thibaut no quarto dele novamente no dia seguinte, mas desta vez ele decidiu por ela. Prendeu em seu vestido um enorme broche de diamantes, que disse ser uma herança de família, e decretou-os comprometidos antes de fazerem amor novamente meia dúzia de vezes. Desta vez, quando voltou para casa, tinha um ar derrotado. Sabia que por mais bondoso que Jeremiah tivesse sido, não poderia voltar para Napa com ele, não poderia dar-lhe outro filho, não poderia sequer dar-se para a filha que tinham. Simplesmente não estava nela. Thibaut mostrara-lhe isso, não com o broche de diamantes mas com palavras e, agora, iria para Paris com ele. Ia ser uma condessa. Talvez fora para isso que nascera.

Jeremiah ouviu-a assombrado, sem poder acreditar, e quando ela terminou o que tinha a dizer, ele foi para o quarto de Sabrina e passou nas pontas dos pés pela babá para olhar a filha adormecida. Era-lhe inconcebível que a mãe a estivesse abandonando, mais doloroso ainda pensar que ela o deixava. E o suplício que sentiu era impossível de ser descrito em palavras. Pensou nela, gemendo ao dar à luz a filha deles e era o que ele sentia agora. Pensou em John Harte ao perder a mulher e os filhos anos antes. E agora sabia em parte o que ele sentira. Nunca experimentara dor maior e imaginou se isto fora o que Mary Ellen sentira quando a deixara. Talvez estivesse pagando por seus pecados passados. Colocou a cabeça entre as mãos e chorou silenciosamente, antes de deixar a criança adormecida e voltar para a solidão do seu quarto.

Camille levou dois dias embalando a bagagem e um silêncio mortal caiu sobre a casa quando o boato se espalhou. Jeremiah não disse nada para ninguém e, na manhã da sua partida, agarrou-a pelos dois braços e puxou-a para si, com lágrimas rolando pelo seu rosto.

– Não pode fazer isso, Camille. Você é uma criança tola. Você vai acordar e se perguntar o que fez. Não pense em mim... pense em Sabrina... não pode abandoná-la agora. Vai se arrepender pelo resto da vida. E em troca de quê? Um tolo com um castelo? Você tem tudo isto. – Fez um gesto indicando Thurston House mas ela balançou a cabeça, chorando também.

– Eu não deveria nunca ter estado aqui... ser sua mulher... – Abafou um soluço. – Não sirvo para você.

Era a primeira palavra amável que dizia e ele segurou-a com força.

– Claro que é... Eu te amo... não vá... ah, Deus, por favor, não vá...

Mas ela apenas balançou a cabeça de um lado para o outro e saiu às pressas de casa, correndo pelos jardins, o vestido voando atrás dela, uma visão de seda azul e branca e esvoaçantes cabelos negros, que

Jeremiah vislumbrou cegamente da janela do andar superior. Thibaut esperava-a com uma carruagem no portão de entrada e um cocheiro veio buscar as coisas dela naquela noite. Jeremiah encontrou um único bilhete, com as joias: “Para Sabrina... um dia...” E outro no quarto de vestir dela: “*Adieu...*” Não sabia que, ao deixar as joias para trás, despertaria a fúria de Thibaut.

Jeremiah sentia-se como um moribundo, vagava de um cômodo a outro durante a noite. Não podia acreditar que ela tivesse partido. Era insano. Ela mudaria de ideia, voltaria, telegrafaria de Nova York. Ele adiou a partida para Napa por três semanas, na esperança de que ela voltasse, mas ela não voltou, nunca mais, nunca mais o procurou. Nunca mais a viu, a não ser em seus sonhos. Escreveu para o pai dela e explicou o pouco que ele mesmo compreendia e a resposta veio dizendo que ela era uma filha depravada e estava morta para eles, morta para todos eles, como deveria estar para ele também, o pai instava-o. Parecia um modo pouco generoso de considerá-la; entretanto, que outra forma havia? Ela nunca sequer escreveu-lhe, desapareceu na noite com um estranho que a levou para a França.

O pai não sentia nenhuma comiseração por ela, embora fosse em parte responsável por aquilo que ela fizera. Ensinara-a a querer demais, a dar demasiado valor a coisas materiais. Enchera-lhe a cabeça com sonhos e príncipes e duques. Mas a diferença é que, ao ver Jeremiah, reconheceu nele um homem bom, um bom casamento para a filha e agira corretamente. Camille fora longe demais e ele não lhe podia perdoar isso. Posteriormente, ela lhe escreveu e ele lhe disse que ela estava morta para ele. Nada herdaria dele, ou de sua mãe, que estava doente demais para ter qualquer contato com ela agora. O único que restava era Hubert, e ele sempre fora egoísta e nunca demonstrara maior interesse por Camille.

E na Califórnia, Jeremiah disse a todos que ela morreria, da ainda temível epidemia de gripe. Tinha havido recentemente um surto e Camille tinha sido suficientemente prudente para manter sua partida em segredo. Parecia que ninguém sabia que haviam partido. Thibaut du Pré deixou em aberto uma conta surpreendentemente grande no Palace Hotel, de modo que estava ansioso para manter seu futuro paradeiro ignorado, e não dissera a ninguém que estava levando Camille Thurston com ele. Simplesmente partiram e, por mais de uma semana, Jeremiah disse a todos na cidade que sua mulher estava desesperadamente doente. A aldrava foi envolta em crepe negro depois disso e todos estavam chocados. Uma pequena nota apareceu no jornal, a casa foi trancada, quase selada, e Jeremiah partiu para Napa em seguida. Lá todos também acreditaram que morreria durante a epidemia. Ele explicou que o corpo fora mandado para Atlanta para ser enterrado no jazigo da família e foi rezada uma pequena missa em Santa Helena, a qual compareceu um número bem pequeno de pessoas. Quase ninguém a conhecia ali e os que a conheciam compreensivelmente não gostavam dela. Hannah compareceu, parecendo estranhamente empertigada num vestido preto, alguns dos homens que trabalhavam nas minas de Jeremiah vieram em consideração a ele e Jeremiah ficou comovido ao ver que John Harte viera também. Nunca esquecera o fato de Jeremiah ter ficado a seu lado quando a mulher e os filhos tinham morrido. Não se casara novamente e ainda tinha horror de voltar à noite para sua casa vazia no alto da colina. Mas apertou a mão de Jeremiah com um olhar de solidário pesar.

– Agradeça por ter sua menina.

– É verdade.

Os olhos de Jeremiah encontraram os dele. O homem mais jovem tinha agora 29 anos, mas parecia mais velho e mais maduro do que sua idade. Havia muita responsabilidade em suas costas e ele a carregava bem, e de uma forma estranha Jeremiah gostava dele. Ficou comovido com sua vinda e apertou-lhe calorosamente a mão quando ele partiu. Voltou, então, para casa, para Sabrina, que agora

não tinha mãe. Ainda não conseguia entender o que Camille fizera, ou por quê. Como podia ter fugido com outro? Mas de uma coisa Jeremiah tinha certeza. Não iria haver divórcio. Não queria que ninguém soubesse que Camille não morreria. Não haveria registro disso. Iria perpetuar o mito da sua morte enquanto vivesse, especialmente para a filha. No que dizia respeito aos demais, Camille Beauchamp Thurston estava morta. E apenas Jeremiah e Hannah sabiam a verdade. Todos os empregados de Thurston House foram dispensados, a casa estava fechada agora para sempre. Talvez a vendesse um dia, ou a conservasse para Sabrina, mas nunca mais viveria lá novamente. Ainda restavam algumas roupas de Camille lá penduradas, as que não quisera levar. Carregara todas as suas roupas caras, seus vestidos de baile, suas peles. Levava quase tudo, exceto o que estava velho ou muito usado, e havia bem pouco. Encheria bem seus baús ao partir e, se algum dia voltasse, ainda se veria casada com ele. E Sabrina cresceria pensando que a mãe morreria com a gripe epidêmica, como tantos outros haviam morrido no passado. Nada encontraria que desmentisse tal história, nenhum traço que pudesse sugerir a verdade. Nenhuma carta, nenhuma explicação, nenhum divórcio. Não haveria tal coisa. Camille Beauchamp Thurston simplesmente se fora. Descanse em paz. Para sempre.

Livro II

Sabrina Thurston Harte

A carruagem parou nas minas logo antes do almoço e uma menina esbelta saltou, seus sedosos cabelos negros cuidadosamente amarrados com uma fita de cetim azul, a saia de linho azul-claro e blusa de marinheira a faziam parecer ainda mais nova do que os seus 13 anos enquanto atravessava o pátio em frente às minas e acenava para o homem que saía do escritório. Ele parou um instante, protegendo os olhos do sol, e balançou a cabeça. Mas sorria ao fazê-lo. Havia apenas uma semana, dissera a ela para não vir cavalgando precipitadamente pelas colinas nos seus melhores cavalos, de modo que, em vez disso, tirara a carruagem que ela mesma guiara. Não sabia se devia achar graça ou ficar zangado, exceto que geralmente este tipo de decisão era facilmente tomada. Sabrina não era uma criança que se pudesse reprimir com facilidade. Nunca fora, e ao crescer sozinha com ele adquirira certas peculiaridades. Adorava o cheiro dos seus charutos, conhecia todas as suas artimanhas e necessidades e sempre as atendia, cavalgava seus cavalos tão bem quanto ele e conhecia todos os homens das três minas pelo nome. Viera até a saber mais a respeito da fabricação de vinhos das uvas deles do que o próprio. E nada disso o desagradava. Jeremiah Thurston tinha orgulho de sua única filha, mais do que desejaria que ela soubesse, mas secretamente ela o sabia. Nunca, nem uma vez, batera nela naqueles 13 anos. Ensina-lhe tudo que sabia e mantinha-a junto a si sempre que podia. Quando era bem pequena, raramente ele se ausentava de Santa Helena, permanecendo com ela todo o tempo, lia histórias para ela antes de dormir, confortava-a quando estava doente, acalentava-a quando estava triste e, na maior parte das vezes, ele mesmo cuidava dela, em vez de deixá-la nas mãos de Hannah ou das empregadas que contratara.

– Não é natural, Jeremiah! – Hannah censurara-o mais de uma vez nos primeiros anos. – Ela é uma menina, pouco mais do que um bebê, deixe-a comigo e com as outras mulheres.

Mas ele não podia fazê-lo, não podia suportar tê-la longe da sua vista por mais do que alguns instantes.

– É até de se admirar que você ainda vá às minas todos os dias.

E depois de algum tempo, começou a levá-la com ele. Reunia alguns brinquedos, uma suéter grossa, um cobertor, às vezes um travesseiro, e ela ficava brincando num canto do seu escritório, ou aconchegada num cobertor perto da lareira, quando sentia sono durante a tarde. Algumas pessoas ficavam chocadas, mas em geral achavam aquilo enternecedor. Até os homens mais empedernidos com que lidava não resistiam àquele rostinho rosado enfiado no cobertor, os cachos negros espalhados no travesseiro, e ela sempre acordava com um sorriso e um pequeno bocejo, correndo em seguida para beijar o pai. Era um amor que espantava alguns e enchia de inveja muitos dos que o viam, um amor inesgotável, uma compreensão perfeita do jeito um do outro. Em 13 anos, ela nunca lhe dera um dissabor, na verdade dera-lhe apenas satisfação, luz e afeto. E na prodigalidade do seu amor, ela não

sentira nenhuma dor pela perda da mãe. Ele dissera-lhe simplesmente um dia que a mãe morrera quando ela era um bebê.

– Ela era bonita? – perguntara.

Seu coração apertou um pouco quando fez que sim com a cabeça.

– Sim, meu amor. Como você.

Sorriu, mas na verdade Sabrina parecia-se mais com ele do que com a mãe. Tinha as feições marcantes de Jeremiah e desde cedo ficou óbvio que teria a altura dele. Mas, se realmente tinha alguma coisa de Camille era o senso de travessura. De vez em quando pregava umas peças nele, além de ser uma caçadora terrível, mas sempre em brincadeiras agradáveis e nunca demonstrando nenhum sinal do comportamento mimado e impertinente da mãe. E em toda a sua vida ninguém lhe deu a entender que sua mãe não havia morrido, que os tinha abandonado. Não havia razão para lhe contar. Iria apenas confundi-la e magoá-la, como Jeremiah havia muito dissera a Hannah. Portanto, nestes 13 anos, não houvera nada além de alegria na vida de Sabrina. Levava uma vida feliz e despreocupada e ia a toda parte com seu adorado pai. Quando completou a idade para ter um professor particular, ela esperava pacientemente durante o dia, fingindo interesse nas lições, para depois ir direto para as minas a fim de ficar ao lado do pai e passar o resto do dia seguindo-o. Era lá que aprendia tudo o que desejava saber.

– Quero trabalhar para você um dia, papai.

– Não seja tola, Sabrina.

Mas, secretamente, desejava que pudesse. Era filha e filho ao mesmo tempo e tinha uma boa percepção dos negócios. Mas seria impossível para ela trabalhar nas minas, ninguém jamais entenderia isso.

– Você deixou Dan Richfield trabalhar para você quando era apenas um garoto. Você mesmo me disse.

Mas ele agora estava com 29 anos, um homem casado, com cinco filhos. Parecia ter sido há muito tempo que ele começara a trabalhar para Jeremiah nos sábados pela manhã.

– É diferente, Sabrina, ele era um garoto. Você é uma moça.

– Não sou!

Nos raros momentos de petulância, ela realmente fazia lembrar sua mãe e ele costumava virar-se para não ver a semelhança.

– Não vire as costas para mim, papai! Sei tanto quanto qualquer homem sobre suas minas!

Ele sentava-se e tomava-lhe a mão com um sorriso meigo.

– É verdade, meu amor, sabe sim, mas é preciso mais do que isso. É preciso a mão de um homem, a força de um homem, a determinação de um homem. Você nunca vai ter essas coisas. – Dava uns tapinhas naquelas bochechas que tanto amava. – Nós vamos simplesmente ter de encontrar um bom marido para você.

– Não quero um marido!

Apesar de ter apenas 10 anos, indignava-se com a ideia e, aos 13, não demonstrava maior interesse do que então.

– Quero viver com você para sempre!

De certa forma, isso o agradava. Estava com 58 anos agora, ainda cheio de vigor, força e vitalidade e muitas ideias sobre a maneira de administrar as minas e os vinhedos. Mas o sofrimento que Camille lhe causara tivera seu preço. Por muitos anos não se sentira jovem. Sentia-se velho, desgastado e cansado. E uma parte dele nunca mais seria exibida, assim como nunca mais reabriria a magnífica residência na

cidade. Tivera inúmeras ofertas com o passar dos anos, de pessoas que queriam comprá-la, até mesmo de um homem que queria transformá-la em hotel, mas não sentia nenhuma inclinação para vendê-la. Nunca mais pusera os pés na casa, e provavelmente nunca o faria. Seria penoso demais ver aqueles aposentos que construía para Camille, o lar que esperara encher com meia dúzia de filhos. Em vez de vendê-la, ia deixá-la para Sabrina e, se ela se casasse, lhe daria a casa nesta ocasião. Em vez de ser para seus filhos, seria para os dela – o que parecia um fim apropriado para a casa que construía com intenções tão apaixonadas.

– Papai! – Ela gritou-lhe ao atravessar correndo o pátio, após deixar a carruagem firmemente amarrada. Sabia mais do que muitos rapazes a respeito de minas, cavalos e carruagens. E, ainda assim, sua feminilidade permanecera intacta, como se centenas de anos de tradições sulistas femininas estivessem tão profundamente arraigadas nela que sempre fariam parte do seu modo de ser. Era feminina até a ponta dos dedos, mas de todas as formas adoráveis e gentis que sua mãe não fora. – Vim assim que pude.

Correu para ele ofegante, balançando os longos cachos sobre os ombros, e ele riu e balançou a cabeça fingindo-se desesperado.

– Estou vendo, Sabrina. Quando sugeri que viesse até aqui esta tarde, depois que seu instrutor fosse embora, não quis dizer que usasse a minha melhor carruagem para fazê-lo.

Mostrou-se subitamente consternada e olhou sobre o ombro.

– Você se importa mesmo, papai? Dirigi com muito cuidado.

– Tenho certeza de que sim. Não é isso que me preocupa. Mas você realmente assombra todo mundo ao dirigir uma carruagem assim, menina. Hannah sem dúvida vai nos puxar as orelhas. E se você fizesse isso em São Francisco, iriam expulsá-la da cidade, dizendo que você era “avançada” demais e tinha uma conduta indecorosa.

Caçoava dela, que sacudiu os ombros com óbvia indiferença.

– Então, seriam uns tolos. Dirijo melhor do que você, papai.

Desta vez ele franziu as sobrancelhas com ar de fingida indignação.

– Isto é absolutamente descortês de sua parte, Sabrina. Afinal de contas, não estou tão velho assim.

– Eu sei, eu sei – ruborizou-se ligeiramente –, só quis dizer que...

– Não tem importância. Da próxima vez, venha no seu alazão. É menos comprometedor.

– Mas você me disse para não vir correndo loucamente pelas colinas, disse para vir de carruagem, como uma dama.

Ele se inclinou e sussurrou ao ouvido dela.

– Damas não *dirigem* carruagens.

Ela, então, começou a rir. Divertira-se imensamente dirigindo até ali. E a verdade é que não havia muito para ela fazer em Santa Helena. Não conhecia outras crianças da sua idade, não tinha irmãos ou primos, e passava todo o tempo com o pai. Assim, pregava peças quando se sentia entediada ou andava pelas minas. E de vez em quando ele a levava a São Francisco. Sempre se hospedavam no Palace Hotel e ele reservava para ela aposentos adjacentes aos seus. Quando era mais nova, levava Hannah com eles, mas atualmente a pobre mulher estava muito incapacitada pela artrite e não fazia nenhum esforço para esconder que detestava ir à cidade. E Sabrina já tinha idade suficiente para ir sozinha com o pai.

Passaram muitas vezes diante da Thurston House, e uma vez ele abriu o portão e caminharam juntos pelos jardins, mas nunca a levava lá dentro – ela achava que sabia por quê. Para ele era muito doloroso, depois da morte da mãe dela. Mas sempre tivera curiosidade de ver o interior da casa.

Perguntara a Hannah a respeito, mas ficara desapontada ao saber que a velha senhora jamais a conhecera por dentro. Também pressionara Hannah a lhe dizer como era a mãe, mas nunca obteve muita informação e logo descobriu que Hannah não gostava muito de Camille. Não sabia ao certo o motivo, porém nunca ousou perguntar ao pai. Algo tão desolador, triste e feroz assomava aos seus olhos quando o nome de sua mãe era mencionado, que ela preferia não lhe causar angústia alguma com perguntas a respeito dela. Assim, havia mistérios e lacunas em sua vida, uma casa que nunca vira, uma mãe que nunca conhecera... e um pai que a adorava.

– Terminou todo o seu trabalho, papai? – Quis saber, enquanto caminhavam de braços dados para a carruagem.

Finalmente, concordara em deixá-la dirigir até a casa, com seu cavalo amarrado atrás da carruagem e um estremecimento ao imaginar o que as pessoas que os vissem iriam pensar.

– Sim, terminei, menininha atrevida. Sabe, você é uma garota surpreendente. – Tentou olhá-la fixamente enquanto sentava-se ao lado dela. – Se alguém nos vir, vai me achar louco de permitir que faça isso.

– Não se preocupe, papai. – Deu uns tapinhas na mão dele de modo maternal. – Sou uma ótima cocheira.

– E uma moça muito imprudente, sua sapeca.

Era evidente o quanto a amava e instantes depois ela tornou a fazer-lhe perguntas sobre o trabalho. Tinha um motivo oculto e ele sabia disso.

– Sim, terminei tudo, e sei por que está perguntando. Sim, nós iremos a São Francisco amanhã. Isto lhe agrada?

– Ah, sim, papai!

Deu-lhe um sorriso largo e fez uma curva da estrada sem olhar, quase virando a carruagem, enquanto o pai prendia a respiração e procurava segurar as rédeas, mas ela corrigiu o problema com destreza rapidamente, sorrindo-lhe com afetada gravidade ao vê-lo rir às gargalhadas.

– Você ainda vai me matar.

Mas isso era algo que ela não gostava de ouvir, mesmo de brincadeira. Seu rosto anuviou-se, como sempre acontecia, e ele lamentou o que dissera.

– Não tem graça nenhuma, papai. Você sabe que é tudo que eu tenho.

Sempre o fazia sentir remorso quando dizia alguma coisa assim e procurou aliviar a tensão do momento.

– Então tenha a bondade de não procurar me matar com sua maneira de conduzir a carruagem.

– Sabe muito bem que eu raramente cometo um erro. – E, dizendo isso, fez outra curva, desta vez com precisão cirúrgica. Olhou-o com alegria. – Esta foi melhor.

– Sabrina Thurston, você é um monstro.

Ela fez uma ligeira inclinação em agradecimento.

– Igualzinho a meu pai.

Exceto que agora, de vez em quando, imaginava se não seria na verdade mais como sua mãe... como fora ela?... com qual dos dois ela se parecia?... por que morrera tão cedo?... tinha muitas perguntas sem resposta acerca da mulher. Não havia um único retrato dela na casa, nem um desenho, uma fotografia, nada. E o pai lhe dissera apenas que ela morrera com a epidemia de gripe, quando Sabrina tinha um ano de idade. Ponto final. Fim da história. Dissera que a amara muito, que se casaram na véspera de Natal, em Atlanta, Geórgia, em 1886, que Sabrina nascera um ano e meio depois, em maio de 1888, e

que no ano seguinte sua mãe morrera, deixando-o tomado de grande pesar. Explicou que construía Thurston House antes de se casar com sua mãe e agora, quase 15 anos depois, ela sabia que ainda era a maior casa de São Francisco, mas era uma relíquia, uma sepultura, um lugar onde ela “um dia” entraria, mas não agora e não com ele. E às vezes, quando passeavam por São Francisco, sua curiosidade quase a subjugava. Tanto assim, que arquitetara um plano e da próxima vez que fosse à cidade com ele, iria tentar executá-lo.

– Ainda vamos à cidade amanhã, papai?

– Sim, sua diabinha, vamos. Mas tenho reuniões no Nevada Bank o dia inteiro e você terá de se manter distraída. Na verdade, eu disse a Hannah que você não deveria ir comigo desta vez. – Ela começou a protestar antes mesmo que ele terminasse a frase e ele levantou a mão em sinal para que silenciasse. – Mas eu sabia o que você ia dizer, de modo que, pelo meu próprio sossego e paz de espírito, vou levá-la comigo. Vai ter de se arranjar com seu professor semana que vem, Sabrina. Não vou permitir que fique andando atrás de mim para escapulir das aulas.

Por um instante, mostrou-se severo, mas não estava realmente preocupado. Ela sempre fora uma excelente aluna, e ambos sabiam que em geral aprendia mais quando estava com ele. Normalmente, ele teria até se oferecido para levá-la ao banco, mas um dia inteiro de reuniões seria demais para ela.

– Leve alguns livros com você. Pode estudar um pouco no hotel e sairemos quando eu voltar. Estreou uma peça que acho que você vai gostar. Escrevi pedindo à secretária do presidente do banco para comprar as entradas para nós.

Sabrina bateu palmas e em seguida agarrou as rédeas de novo, enquanto entravam no caminho da casa e os cavalos diminuía a marcha.

– Vai ser ótimo, papai. – E ela sabia exatamente o que ia fazer enquanto ele estivesse nas reuniões. – E não pode reclamar, eu o trouxe para casa são e salvo.

Ele fez um ar carrancudo e tragou o charuto.

– Da próxima vez que sair com minha melhor carruagem, agradeceria se tivesse a bondade de me pedir licença.

Ela pulou graciosamente para o chão com um sorriso, apreciando o cheiro penetrante do charuto.

– Sim, senhor.

E, com estas palavras, correu para casa, saudou Hannah com um grito e a notícia de que viajariam para a cidade no dia seguinte.

– Eu sei, eu sei... – Hannah tampou os ouvidos com as mãos. – Fale mais baixo. Meu Deus, como você fala alto, menina. Seu pai nem precisava enviar seus sofisticados telegramas lá das minas. Bastava simplesmente você se dependurar na janela e gritar até a Filadélfia para ele.

– Muito obrigada, Hannah. – Fez uma medida de pândega, beijou o rosto enrugado da velha mulher e subiu correndo as escadas em direção ao seu quarto, para lavar as mãos antes do jantar.

Andava sempre impecavelmente limpa e instintivamente bem-vestida, sem que ninguém lhe dissesse nada. Havia realmente alguma coisa de Camille Beauchamp nela. E Hannah, vendo-a se retirar, disse a Jeremiah:

– Você vai ter muito o que fazer em poucos anos, Jeremiah.

Ele sorriu para Hannah e pendurou o casaco.

– Disse-me que vai viver comigo para sempre e trabalhar para mim nas minas.

– Isso é que é a perspectiva de uma verdadeira dama.

– Foi o que eu lhe disse. – Suspirou e seguiu Hannah até a cozinha. Ainda costumava conversar com ela, eram amigos há mais de trinta anos, de certa forma era sua melhor amizade, assim como ele o era para Hannah. E ela adorava Sabrina. – A verdade é que ela seria maravilhosa com a mina, é uma pena que não seja um rapaz.

Era muito raro ele dizer isso.

– Talvez ela se case com um bom rapaz a quem você poderá ensinar tudo que sabe e deixar tudo isso para os seus netos.

– Talvez.

Ainda não estava preparado para pensar nisso e ainda se passariam anos até que Sabrina se casasse. Mas, por outro lado, ele já não era tão jovem e, no ano anterior, tivera um problema de coração. Sabrina ficara aterrorizada ao encontrá-lo inconsciente no quarto de vestir, mas depois disso não sentira mais nada e todos procuraram esquecer o acontecido. Entretanto, o médico sempre lhe recomendava que diminuísse o ritmo, um conselho que fazia Jeremiah sorrir. Perguntava-se quem iria se apressar por ele para que pudesse ir mais devagar.

– Você está envelhecendo, Jeremiah. É melhor começar a pensar no seu futuro e no dela. – Hannah meneou a cabeça em direção às escadas que levavam ao quarto de Sabrina. – Você ainda continua com aquela casa na cidade, não é?

Ele sorriu um meio sorriso triste.

– Sim. E sei que me acha louco, sempre achou. Mas eu a construí com amor e a darei a Sabrina com amor. Ela pode vendê-la se quiser. Não quero que um dia ela se vire para mim e pergunte: “Por que não a guardou para mim, papai?”

– O que ela vai querer com uma casa dez vezes maior do que um celeiro e em São Francisco, ainda por cima?

– Nunca se sabe. Eu me sinto feliz aqui. Mas talvez ela queira morar na cidade quando crescer. Assim, ela poderá escolher.

Calou-se e ambos pensaram em Camille. Ela nunca merecera toda a bondade com que a tratara e ele nunca mais recebera notícias dela, nem uma palavra, um sinal, uma carta. Mas, de qualquer forma, ainda estava casado com ela legalmente. O pai dela escrevera-lhe algumas vezes. Aparentemente ela e o amante tinham ido morar em Veneza durante algum tempo; depois mudaram-se para Paris e ela permaneceu com o homem com o qual fugira, denominando-se condessa e fingindo ser casada com ele. Não tinham dinheiro algum, a França passava por um inverno rigoroso e Orville Beauchamp rompeu sua determinação e fora vê-la. Sua mulher falecera, Hubert casara-se com uma jovem em Kentucky. E Jeremiah estava decidido a nunca deixá-lo ver Sabrina. Não queria reminiscência alguma, ninguém que por acaso pudesse dizer a Sabrina alguma coisa diferente do que ele lhe dissera durante anos. Orville Beauchamp não tinha mais ninguém. Estava sozinho agora e foi a Paris ver a filha, que aparentemente vivia em condições miseráveis numa casa nos arredores de Paris e dera à luz um filho morto, mas quando ele tentou trazê-la de volta aos Estados Unidos, recusou-se a retornar. Ele descreveu-a como enlouquecida por uma paixão que não podia compreender. Apegava-se ao seu inútil amante, recusando-se a deixá-lo. Jeremiah também leu nas entrelinhas que ela começara a beber e provavelmente estava fazendo uso de absinto, mas quaisquer que fossem os problemas dela, não eram mais os dele. Orville Beauchamp morreu alguns anos depois e Camille nunca voltara para casa. Jeremiah não teve mais notícias depois disso e sentiu-se aliviado. Não queria nenhum contato com ela que pudesse manchar a vida de Sabrina, nenhum risco de que alguém fosse lhe dizer que a mãe não

morrera da gripe como ele lhe dissera que havia ocorrido. Para Jeremiah e Sabrina a porta estava fechada e Camille jamais voltaria a passar por ela.

Nunca mais houve alguém como ela em sua vida, nunca alguém com quem ele se importasse tanto ou por quem se comportasse tão tolamente, ninguém, exceto, é claro, Sabrina. Ela agora era o seu grande amor, sua razão de viver. Havia outras que mantinham seus sentidos despertos, quando era isso que desejava. Havia uma casa de mulheres em São Francisco que frequentava, quando Sabrina não estava com ele, e uma professora em Santa Helena com quem jantava de vez em quando. Mary Ellen se casara havia muito tempo e se mudara para Santa Rosa, e sempre que Amelia Goodheart vinha visitar a filha, Jeremiah e Sabrina deleitavam-se de vê-la. Estava maravilhosa como sempre e Sabrina a adorava.

Embora já estivesse com mais de 50 anos, ainda era a pessoa mais fascinante que Sabrina já conhecera e vinha a São Francisco uma vez por ano visitar a filha e os netos. Já eram seis e, certa vez, ela os trouxe todos a Santa Helena para visitar Jeremiah e Sabrina. Sabrina amava-a mais do que a qualquer mulher que conhecera. Havia bondade e calor em torno dela, e ao mesmo tempo um esplendor e um estilo que encantavam Sabrina. Sempre usava as roupas mais bonitas e extravagantes, além de joias que tiravam o fôlego de Sabrina.

– Ela é a mulher mais linda do mundo, não é, papai? – Sabrina dissera com profunda reverência e Jeremiah sorria.

Ele ainda pensava assim e às vezes se arrependia de não ter insistido para que ela se casasse com ele naquele primeiro encontro, no trem para Atlanta. Teria sido uma loucura, mas afinal não teria sido loucura maior do que se casar com Camille Beauchamp em Atlanta. Na verdade, anos depois de Camille ter partido, numa viagem a Nova York que fizera com Sabrina, pedira Amelia em casamento outra vez e ela, com toda delicadeza, o recusara novamente.

– Como posso, Jeremiah? Estou velha demais... – Tinha 50 anos na época. – Estou acomodada no meu modo de viver, tenho minha vida aqui em Nova York... minha casa...

Por ela, ele teria reaberto Thurston House novamente, e lhe disse isso, mas ela permaneceu irredutível na decisão de não se casar novamente e no final ele suspeitava de que tinha razão. Ambos possuíam suas próprias vidas, seus filhos, suas casas. Era muito tarde para juntar tudo isso sob o mesmo teto e ela nunca teria se sentido feliz longe de Nova York. Era o centro da existência dela. Mas ele a via todos os anos quando vinha a São Francisco e uma ou duas vezes por ano, quando ele ia a Nova York a negócios. Na verdade, sem que Sabrina soubesse, ele ficara na casa dela na última vez.

– Na nossa idade, Jeremiah, que mal pode fazer? Quem vai falar mal de nós, a não ser para sussurrar admirado de que ainda tenhamos tanta paixão – dera uma risadinha contida, como uma garota –, e você não corre o risco de me deixar grávida.

Foram duas gloriosas semanas na casa dela, as mais felizes de que se lembrava, e quando partiu, deu-lhe um magnífico jogo de gargantilha e broche de safira, com um fecho de brilhantes e a inscrição no verso que a fez rir às gargalhadas: “Para Amelia, com paixão, J. T.”

– O que meus filhos irão dizer quando dividirem minhas joias, Jeremiah?

– Que você evidentemente era uma mulher apaixonada.

– Isto não é nada mau.

Acompanhou-o até o trem e desta vez foi ela quem ficou de pé na plataforma, acenando um imenso agasalho de mãos de pele de marta, conforme o trem se afastava lentamente. Usava um casaco vermelho de corte perfeito, adornado com pele de marta e um chapéu combinando e ele achou que jamais vira uma mulher tão bonita. Se a encontrasse no trem novamente teria se apaixonado por ela

exatamente do mesmo modo que o fizera antes de conhecer Camille. “... Se eu ainda tivesse forças...”, dissera-lhe antes de partir, mas ambos sabiam que tinha. Provara-o todas as noites de sua visita a Nova York e voltou a São Francisco sentindo-se renovado e com extraordinário bom humor.

– De que está rindo, Jeremiah? – Estivera pensando nela enquanto tomava café, esperando Hannah preparar o jantar. – A mulher de Nova York. Posso apostar.

– Você ganharia.

Sorriu para Hannah. Pensava frequentemente em Amelia e ainda ficava excitado como um estudante antes das visitas dela. Mas não era esperada em São Francisco senão dentro de seis meses e ele não deveria ir a Nova York antes de três ou quatro, de modo que seria uma longa espera até tornar a vê-la.

– É uma mulher atraente, verdade seja dita.

De fato, surpreendentemente, Hannah não só a aprovava como também gostava dela. Amelia conquistara-a no dia em que arregaçara as mangas e a ajudara a fazer o jantar para Jeremiah, Sabrina e seus seis netos. Na verdade, preparara o jantar quase todo sozinha e estava melhor do que Hannah gostava de admitir... faiscando seus diamantes enquanto trabalhava, as mãos esvoaçantes, com um avental por cima do sofisticado vestido nova-iorquino, “e nem se importou quando sujou a frente do vestido de molho”. Conquistara a admiração de Hannah para sempre.

– Ela é mais do que isso, Hannah. É uma mulher muito especial.

– Devia ter se casado com ela, Jeremiah. – Olhou-o com reprovação lá do fogão e Jeremiah encolheu os ombros.

– Talvez. Muito tarde para isso agora. Temos nossas vidas, nossos filhos. Sentimo-nos bem assim.

Hannah assentiu, havia verdade no que ele dizia. O tempo para loucuras já se passara. Agora era a vez de Sabrina, ou logo seria, e só esperava que ela escolhesse com sabedoria, com mais sabedoria que seu pai.

– Vai mesmo para a cidade amanhã?

Confirmou com um sinal da cabeça.

– Apenas por dois dias.

– Cuide para que Sabrina não se meta em alguma traquinagem enquanto você está trabalhando.

Ainda achava que a menina devia ficar em Santa Helena.

– Eu também lhe disse isso. Mas você conhece Sabrina.

Ainda achava que ia vê-la um dia conduzindo uma carruagem emprestada pela avenida Market, brandindo o chicote, dando um largo sorriso, enquanto acenava para ele e passava voando. A imagem o fez rir ao lavar as mãos para o jantar.

Jeremiah e Sabrina partiram para a cidade no dia seguinte de manhã cedo, pegaram o trem para Napa, como sempre o faziam agora, e de lá o familiar barco a vapor que Sabrina adorava. Sempre lhe parecia uma aventura pegar o barco para São Francisco, e ela fez brincadeiras, riu e divertiu o pai durante todo o trajeto até a cidade, onde chegaram ao cair da noite. A viagem era muito mais curta do que alguns anos antes e jantaram juntos, já tarde da noite, no salão do Palace Hotel, quando Jeremiah ficou observando-a. Ia ser uma linda moça um dia, quando crescesse. E mesmo aos 13 anos já era quase tão alta quanto a maioria das mulheres na sala e mais alta do que algumas delas. Mas ainda tinha um ar infantil, a não ser quando franzia as delicadas sobrancelhas e começava a lhe falar de negócios. Qualquer pessoa pensaria que falava de negócios com um sócio, se os ouvisse sem ver quem era a acompanhante de Jeremiah. No momento, estava preocupada com um ácaro que parecia estar atacando as vinhas. Divertia-o ver a seriedade dela ao expor suas teorias para ele, mas os vinhedos nunca foram sua maior preocupação. As minas absorviam mais sua atenção e ela o repreendia por isso agora.

– Os vinhedos são igualmente importantes para nós, papai. Vão dar tanto dinheiro quanto suas minas um dia, ouça o que estou lhe dizendo.

Dissera a mesma coisa a Dan Richfield um mês antes e ele rira dela. Havia vinhedos no vale que realmente estavam começando a dar dinheiro, mas nunca se comparariam a minas em termos de lucros, todo mundo o sabia, e Jeremiah lembrou-a disso.

– Daqui a alguns anos isso talvez não seja verdade. Veja os vinhos finos que produzem na França e todas as nossas vinhas vêm de lá.

– Tome cuidado para não virar uma beberona, mocinha. Você parece interessada demais naquelas uvas.

Caçoava dela, que não riu e fitou-o gravemente.

– Você também devia se interessar mais por elas.

– Vou deixar isso por sua conta, já que está tão interessada nos vinhedos.

Era um pouco menos escandaloso do que deixá-la se ocupar das minas, embora fosse uma vergonha não deixar que se interessasse por isso também. Tinha um extraordinário tino comercial.

E constatou isso mais uma vez no dia seguinte, quando tomavam o café da manhã no quarto dele, antes de sair para suas reuniões com o presidente do Nevada Bank. Sabrina passou o tempo todo interrogando-o sobre os negócios que ele ia discutir e era óbvio que ela gostaria de poder ir com ele, mas parecia menos ansiosa por isso do que geralmente se mostrava quando se tratava de coisas deste tipo.

– E o que você vai fazer hoje, menina?

– Não sei. – Olhou pensativa pela janela quando falou, de modo que ele não pudesse ver os olhos dela. Conhecia-a muito bem e suspeitou de alguma travessura. – Trouxe alguns livros comigo. Achei que poderia ficar lendo esta tarde.

Olhou-a fixamente por um instante e em seguida olhou o relógio.

– Se eu tivesse tempo de pensar sobre isso, provavelmente ficaria preocupado, mocinha. Ou você está doente ou está mentindo. Mas você tem sorte. Estou atrasado e preciso ir.

Ela sorriu ternamente e beijou o rosto do pai.

– Até a noite, papai.

– Comporte-se como uma boa menina. – Deu uns tapinhas em seu ombro e apertou-o suavemente.

– E mantenha-se longe de confusão, Sabrina Thurston.

– Papai! – Mostrava-se chocada ao acompanhá-lo até a porta. – Eu sempre me comporto.

– Ha! – ele berrou quando saía e ela virou-se rápido, com um sorriso.

Estava livre o dia inteiro e sabia exatamente o que iria fazer. Trouxera um pouco de dinheiro com ela de Napa e seu pai sempre lhe dava o suficiente para almoçar e tomar conta de si mesma enquanto ele estava fora. Enfiou a carteira no bolso da saia cinza e trocou a blusa cor-de-rosa por uma velha blusa de marinheiro que trouxera. Calçou um par de botas velhas que não se importaria de estragar e meia hora depois estava confortavelmente instalada numa carruagem a caminho de Nob Hill. Dera o endereço ao cocheiro e, quando chegaram, pagou e ficou de pé, do lado de fora do portão de entrada, a respiração em suspenso, sentindo o coração bater de empolgação. Era quase excitante demais para acreditar e havia esperado meses, não, anos, por aquele momento. Não sabia o que iria fazer depois de pular o portão. Não tinha nenhuma intenção real de entrar. Só andar pelo terreno seria o suficiente. Mas sentia-se inexoravelmente atraída por aquela casa que o pai construía para sua mãe.

Thurston House estava imersa em silêncio, enterrada em seu parque, enquanto Sabrina permanecia ali de pé, fitando-a por um longo tempo. Em seguida, como se tomasse coragem, começou a escalar o portão, de um ponto onde seus esforços ficavam parcialmente escondidos por uma enorme árvore. Enquanto subia, rezava para que nenhum transeunte ou vizinho desse parte dela à polícia. Ainda tinha muita habilidade em subir em árvores e portões, e pouco depois estava deslizando pelo lado de dentro, sentindo o coração bater ainda mais rapidamente. Deixou-se cair quando atingiu uma pequena altura do chão e simplesmente ficou ali parada um instante, usufruindo o fato de ter conseguido. Estava dentro dos sagrados domínios de Thurston House e rapidamente penetrou nos jardins para não ser vista da rua. Os arbustos e árvores estavam tão crescidos que era como caminhar numa selva e logo ficou oculta da rua ao seguir o caminho que levava à casa, parecendo atraída por um ímã.

E era impossível não pensar em sua mãe enquanto prosseguia. Quanto ele devia tê-la amado para construir uma casa assim e como ela devia ter sido feliz ali. Sabrina não podia deixar de imaginar o que a mãe teria pensado na primeira vez em que a viu, sabia que seu pai lhe fizera uma surpresa e não podia imaginar algo mais lindo. Entristeceu-a ver as aldravas enegrecidas, quase irreconhecíveis, as janelas lacradas com tábuas, o mato crescido entre os degraus da entrada até a altura da cintura de Sabrina. A casa estava desocupada havia 12 anos e tinha uma aparência lúgubre para Sabrina, parada ali observando-a. Gostaria de poder colar o nariz a uma vidraça, espiar lá dentro, ver os aposentos onde haviam transitado, dançado e vivido juntos. Era como se tivesse vindo ver sua mãe, como se, estando ali, pudesse ter uma noção melhor de como ela havia sido. O pai contara-lhe tão pouco a respeito dela e Hannah era ainda mais taciturna sobre o assunto. De repente, Sabrina sentiu-se desesperadamente faminta por qualquer migalha, qualquer fragmento de como Camille Beauchamp Thurston havia sido.

Lentamente, sem pensar por que o fazia, Sabrina deu a volta na casa, entrando pelo mato, olhando as venezianas. Podia ver onde eram os canteiros de flores e notou uma linda estátua italiana de uma mulher com uma criança nos braços no jardim atrás da casa. Havia um banco de mármore também e Sabrina sentou-se ali, imaginando se os pais haviam ficado ali, de mãos dadas, ou se a mãe sentara-se ali com seu bebê nos braços nos dias de sol. Tinha uma sensação da presença de sua mãe muito maior ali do que em Napa, por alguma razão. De certa forma a casa de Napa parecia muito ser uma parte de seu pai, e sabia que ele vivera ali muitos anos antes de se casar com sua mãe. Mas aqui tudo era diferente. Era um monumento ao amor construído para a mãe dela. Riu baixinho diante deste pensamento, enquanto continuava vagueando ao acaso. Sentia-se ligeiramente decepcionada ao fazê-lo. De certa forma, esperara ver muito mais coisas quando chegasse ali e, embora fosse excitante só o fato de estar dentro do portão principal, era decepcionante não poder nem mesmo espreitar por uma janela. E então, de repente, quando estava a ponto de voltar em direção à estátua da mulher com a criança, notou que uma das venezianas estava quebrada. Havia uma fenda larga e uma das tábuas estava dependurada nos arbustos. Era a chance que buscava e forçou passagem pelo mato até poder encostar o rosto na vidraça. Mas a janela dava apenas para um corredor escuro e não podia ver nada. Pelejou então com a tábua e conseguiu desprendê-la. Não sabia ao certo por que fazia aquilo, mas verificou que podia abrir ambas as venezianas. Então, instintivamente, puxou a janela que, para sua surpresa, cedeu ao seu peso e se abriu com um solavanco em sua direção. Ficou ali segurando-a, espantada. Mas apenas por um instante. Sem maior hesitação, subiu no parapeito e pulou para dentro, fechando a janela atrás de si. O corredor não elucidava mais do que quando espreitara pela vidraça, mas ficou parada ali, no escuro, absolutamente aterrada. Estava dentro da casa com que sonhara e na qual pensara toda a sua vida. Thurston House. Estava ali.

Não sabia se ia para a esquerda ou para a direita e percebeu, em segundos, que estava numa espécie de despensa. Tudo estava perfeitamente arrumado no lugar, mas muito escuro com todas as janelas fechadas. Sabia que ninguém estivera ali naqueles 12 anos, mas a casa estava tão bem lacrada que espantosamente havia pouco pó ao redor. Por um instante, temera que fosse parecer uma casa mal-assombrada, porém parecia apenas vazia e abandonada. Mas não havia como voltar agora. Esperara muito tempo por aquele momento.

Assim, caminhou furtivamente até o fim do corredor, girou a maçaneta, abriu a porta e prendeu a respiração admirada. O que viu acima dela parecia a porta do céu. Chegara ao hall de entrada e sobre ela estava a magnífica cúpula de vitrais que Jeremiah projetara para Camille. As cores do arco-íris e o intrincado design lançavam uma miríade de brilhantes luzes coloridas aos seus pés, enquanto olhava para cima com admiração e prazer. De lá, subiu a escadaria principal e entrou nos quartos. Achou o que tinha sido seu quarto de criança, porém nada mais havia ali. Tudo fora removido para Napa. Mas no quarto de dormir principal, sentou-se numa cadeira e olhou em torno, e ali era como se pudesse sentir a tristeza do pai de 12 anos antes se apoderar dela. O cômodo era tão luminoso como sua mãe deveria ter sido, tão lindo e feminino. As sedas cor-de-rosa haviam desbotado com os anos, mas o cômodo ainda era como um interminável canteiro de flores num dia de primavera. Um perfume nas sedas, misturado agora ao cheiro de mofo, ainda estava lá e se tornou quase opressivo para Sabrina, quando entrou no quarto de vestir de sua mãe e começou a abrir armários. Ele não se desfizera de nada ao abandonar a casa. Ela deixara pequenos e delicados sapatos de pelica e escaupins de cetim vermelho para noite que usara para ir à ópera com Jeremiah, um velho casaco de peles e fileiras e fileiras de vestidos. Sabrina tirou-os, acariciando os dispendiosos tecidos e cheirando o perfume que já reconhecia.

Lágrimas vieram-lhe aos olhos, era como ir visitar a mãe que não conhecera e descobrir que ela se fora para sempre. Mas sabia, enquanto permanecia ali no meio do lindo quarto de seda rosa, que era por isso que viera, para encontrar a mulher que fora sua mãe, alguma peça do quebra-cabeça, algum fragmento do que ela fora. Enquanto crescia e ela própria se tornava uma mulher, ansiara por algum vestígio de sua mãe ao qual se agarrar. E agora sentia-se inteiramente dominada ao circular livremente pela casa onde tinham vivido, a casa para onde fora trazida aos quatro meses de idade e que deixara outra vez, para nunca mais voltar, quando tinha um ano, após a morte da mãe, como acreditava.

Entrou também no escritório do pai. Sentou-se à sua escrivaninha, rodopiou na sua cadeira e se perguntou como ele podia não ter sentido falta das coisas que deixara lá. Havia belas gravuras nas paredes, alguns objetos decorativos muito interessantes sobre a escrivaninha, fileiras e fileiras de lindos cristais no térreo, porcelanas, prataria. Ele deixara tudo. Simplesmente fechara a casa e fora para Napa, para nunca mais retornar ali. Frequentemente lhe dizia que um dia seria dela, mas ela imaginara uma casa com alguns móveis velhos cobertos com muitas camadas de poeira; nunca imaginara algo assim, uma casa da qual parecia que se os donos tivessem saído apressadamente e morrido depois sem poder retornar para separar as coisas deles. Havia até mesmo alguns livros sobre a mesinha de cabeceira de sua mãe e uma pilha de lenços de renda nas gavetas. Ele não se desfizera de nada antes de partir e Sabrina percebia isso agora. E o que ela mais desejava naquele momento era abrir as venezianas e deixar a luz do sol penetrar nos quartos, mas não ousava. De certo modo, parecia-lhe estar se intrometendo num mundo privado, o sofrimento privado de outra pessoa, e entendia agora por que o pai não quisera retornar ali. Era como visitar o túmulo da mulher e ele deixara tudo como estava durante muito tempo para querer voltar agora. Ali, teria de ver os vestidos dela, sentir o perfume, a presença dela, e se lembraria das agonias, das alegrias e da dor que deve ter sentido com a morte dela, Sabrina tinha certeza, e chorou por seu pai ao permanecer nos aposentos dele por um derradeiro instante e, em seguida, desceu solenemente as escadas de um modo digno. A casa encheu-a mais ainda de ternura por ele e uma sensação renovada da delicadeza e da beleza da mãe. Como em Napa, não havia retratos da mãe ali, mas havia muito mais do que isso, uma noção de onde ele vivera, como vivera. Ao permanecer sob a cúpula de vitrais do saguão de entrada outra vez, Sabrina tinha consciência de que a mãe um dia, havia anos, ficara de pé no mesmo local e talvez tivesse olhado para cima do mesmo modo. Tocara as mesmas maçanetas das portas, olhara pelas mesmas janelas. Era um pensamento aterrador, como uma viagem de volta através do tempo, podia-se sentir as mãos dos que ali viveram antes tocarem as suas. Eram fantasmas benévolos, mas ainda assim era uma presença poderosa, e Sabrina sentiu-se quase aliviada ao abrir a janela do corredor de trás outra vez e empurrar a veneziana quebrada para o lugar novamente, depois de fechá-la. Viera a um lugar ao qual não pertencia, mas estava contente por ter vindo.

Pensativa, caminhou de volta pelos jardins, andando devagar agora, absorvendo o que vira. Virou-se uma ou duas vezes para olhar a casa novamente. Era uma casa magnífica e teria adorado tê-la visto antes, com os jardins bem cuidados e a carruagem de sua mãe entrando rapidamente. E era emocionante pensar que ela estivera ali também, uma parte da vida deles e da beleza da casa. Seria dela um dia, mas nunca mais seria o que fora... e a bela jovem de Atlanta teria partido havia muito, assim como o homem que a amara mais do que tudo. Nunca mais seria a mesma. O pensamento entristeceu-a ao escalar o portão e tocar o chão novamente. Percebeu que estava com um aspecto de meter medo ao olhar em torno de si. Rasgara a saia, a blusa estava imunda, o cabelo desalinhado, as mãos sujas. O braço apresentava um grande arranhão vermelho que ganhara ao pular a cerca ou ao forçar a

veneziana. Mas não se arrependia de nada ao caminhar apressadamente de volta ao Palace Hotel. Não era uma caminhada muito longa e precisava de ar puro depois do longo dia passado na casa fechada. Era quase como se tivesse visto demais; no entanto, estava contente de tê-lo feito. Entrou sorratoriamente no hotel e subiu para tomar um banho antes que seu pai retornasse das reuniões.

Sentia uma fome voraz à hora do jantar naquela noite, pois não almoçara, e ele a levou ao Delmonico's onde ambos pediram pratos de carne. Apesar do forte apetite que ele observou, ela parecia estranhamente quieta.

– Há algo errado?

– Não.

Ela sorriu, mas parecia distante. No entanto, se o tivesse olhado nos olhos, teria começado a chorar. Atormentava-a a tristeza da casa vazia e de todas as coisas da mãe que ele deixara cuidadosamente no lugar quando partiu. Quanto devia tê-la amado. Imaginava o homem alquebrado, fugindo para Napa com a filha pequena, mal conseguindo superar a perda da jovem esposa, morta com tão pouca idade e tendo sido tão amada.

– O que você tem, Sabrina?

Conhecia-a muito bem. Ela, porém, apenas balançou a cabeça e forçou um sorriso, afastando os pensamentos melancólicos. Mas não agiu mais com naturalidade a noite inteira e, antes de ir para a cama, bateu de leve na porta do quarto dele e entrou quando ele respondeu.

– Boa noite, meu amor.

Beijou-a no rosto e imediatamente notou seus olhos transtornados. Preocupara-se a noite inteira. Convidou-a a sentar-se, o que ela fez com satisfação. Viera fazer uma confissão. Nunca mentia para ele e preferia não tê-lo feito agora. Decidira contar-lhe tudo.

– O que há, Sabrina?

– Tenho algo a lhe dizer, papai. – Parecia ter cinco anos ali sentada, de camisola e roupão, os pés rosados aparecendo sob a batinha de renda. – É sobre uma coisa que fiz hoje, papai.

Não disse uma coisa “errada”, porque realmente não achava que o fosse, mas sabia que ele ia ficar aborrecido. Ainda assim, sabia também que precisava lhe contar. Ele provavelmente nunca descobriria, mas haviam confiado um no outro durante muito tempo para começarem a mentir agora. Sob esse aspecto, era muito diferente de sua mãe.

– O que foi, menina? – falou em voz branda, observando-a. O que quer que fosse, sabia que a tinha perturbado muito e estava ansioso para saber do que se tratava. Sentiu uma onda de preocupação enquanto esperava.

– Eu fui... – Engoliu em seco, quase arrependida de ter vindo lhe contar, mas tinha de continuar. – Fui... a Thurston House.

Era um sussurro quase inaudível e ele imaginou-a do lado de fora, fitando os portões robustos.

Sorriu ternamente ao ouvir a confissão e veio acariciar os cabelos sedosos, cuidadosamente penteados em tranças.

– Isto não é nenhum pecado, menina. Foi uma linda casa um dia. – Sentou-se ao lado dela, pensando na mansão que construía havia tanto tempo. – Era um lugar lindo.

– Ainda é.

Ele sorriu com pesar.

– Tristemente abandonado, receio. Mas um dia, antes de dá-la a você e seu noivo, vou arrumar tudo de novo.

– Não há nada errado com ela agora.

Falava com estranha certeza e ele olhou-a.

– Tudo deve estar desbotado e sombrio lá atualmente, querida. Há 12 anos que ninguém põe o pé naquela casa. Deve haver toneladas de poeira por toda parte.

Ela balançou negativamente a cabeça, os olhos no rosto dele, e ele ficou intrigado.

– Você olhou para dentro? – E em seguida, confuso. – Os portões estavam abertos?

Teria de mandar ver isso, se estivessem. Não queria curiosos perambulando pelo terreno ou, pior ainda, alguém arrombando a casa. Ainda tinha muitas coisas de valor lá dentro. Providenciara para que uma patrulha passasse por lá de vez em quando e milagrosamente nunca houvera nenhum problema.

Sabrina respirou fundo.

– Eu pulei o portão, papai.

Então era por isso que ficara tão acabrunhada. Graças a Deus que a menina atrevida tivera consciência e viera lhe contar.

Fez um ar sério ao dirigir-se a ela.

– Isto não é próprio de uma moça bem-educada, Sabrina.

– Eu sei, papai. – Continuou então a contar-lhe o resto. – E havia uma veneziana quebrada... – O rosto dela empalideceu e a voz não era mais do que um sussurro amedrontado. – E eu forcei a entrada... dei uma olhada... – Os olhos encheram-se de lágrimas e transbordaram. – Ah... papai... é uma casa tão linda e você deve tê-la amado tanto...

Começou a soluçar e escondeu o rosto nas mãos, enquanto ele passava o braço em torno dela. Admirava-se dela ter ido lá.

– Mas, por quê? Por que você foi lá, Sabrina? – Sua voz era confusa e branda. O que a atraía àquele lugar? Não conseguia compreender isso. Não podia se lembrar de quando vivera lá, portanto não se tratava de um retorno a algo familiar e deveria ter sido algo mais do que simples travessura. Queria que ela lhe explicasse tudo. – Diga-me... Não tenha medo, Sabrina. Você foi corajosa em ter me contado que esteve lá e estou contente que tenha feito isso.

Beijou-lhe o rosto e segurou-lhe a mão. Estava surpreso consigo mesmo por não ter ficado zangado com ela, mas estava perturbado.

– Não sei, papai. Sempre quis vê-la... ver onde você viveu... como ela era... Achei que devia haver um retrato de... – Parou, com medo de feri-lo, mas ele compreendeu e terminou a frase para ela.

– De sua mãe. – Entristeceu-se de ver que Sabrina se importava tanto. Camille não valia isso. Mas não havia como dizer-lhe. – Minha pobre criança... – Tomou-a nos braços e abraçou-a enquanto ela chorava. – Você não devia ter ido lá.

– Ah, mas papai... é tão bonita... aquela cúpula...

Olhou-o espantada e ele sorriu. Havia muito, muito tempo que não pensava naquela cúpula. Ela tinha razão. Era extraordinária e, de certa forma, alegrava-lhe que ela a tivesse visto.

– Era uma linda casa, Sabrina.

Ela disse então uma coisa que o espantou.

– Gostaria que ainda morássemos lá.

– Não gosta de Santa Helena, menina? – Olhou-a, imaginando se, como a mãe, ela viria a não gostar de Napa, que sempre fora seu lar.

– Claro que gosto... mas Thurston House é... é tão bonita. Deve ser muito elegante morar lá.

O modo como disse isso o fez rir e ela sorriu através das lágrimas.

– Quando você for mais velha, pode morar lá. Já lhe disse isto antes.

Mas agora era diferente, ela sabia como era a casa. E estava indignada com o que ele dissera.

– Sabe que eu não quero me casar, papai.

Ele teve uma ideia enquanto conversavam.

– Então talvez tenhamos de levá-la para lá por outra razão.

– Fala sério, papai? Quando? – Seus olhos pareciam imensos à luz da lareira.

– Poderemos dar um baile quando você completar 18 anos. Mantive você no campo toda a sua vida e é bom que seja assim por mais alguns anos. Pode até ser bom para mantê-la longe de alguma travessura, mocinha. – Sacudiu o dedo para ela. – Mas quando fizer 18 anos, deve conhecer as pessoas certas em São Francisco.

– Por quê? – perguntou, surpreendida.

– Porque um dia você pode resolver ampliar um pouco seus horizontes.

Não mencionou casamento outra vez, pois ela era muito nova para se preocuparem com isso; dentro de alguns anos, porém, um baile em São Francisco seria o ideal. Nunca pensara nisto antes, mas gostava da ideia agora. Lembrou, de repente, que ela teria então a mesma idade de Camille quando se conheceram e agora ele seria o orgulhoso pai.

– Sabe – forçou o pensamento de volta à filha –, pode ser uma boa ideia. Poderíamos vir para São Francisco então e abrir Thurston House só para você. O que acha?

Ela ficou perplexa. Um baile só para ela? Abrir a casa que vira...

– Poderíamos dar a festa no nosso próprio salão de bailes – insistiu ele.

Ela vira o salão de bailes naquela manhã e apertara os olhos, tentando imaginar seus pais dançando ali, o pai, 14 anos mais novo, com a bela e delicada sulista nos braços.

– Como ela era, papai?

Ele já se esquecera do baile e pensava na mãe dela de novo. Voltou os olhos para Sabrina com um suspiro. Por várias razões, quisera que ela não tivesse ido à casa naquele dia. Perguntava-se o que ela teria encontrado e com que intensidade procurara uma pista do passado deles e do seu próprio.

– Ela era muito bonita, Sabrina. – Decidiu, ao dizer isto, contar-lhe uma pequena parte da verdade. – E muito mimada. As garotas do Sul de modo geral o eram naquela época. O pai queria que ela tivesse tudo.

– Ele viu a casa?

Jeremiah meneou a cabeça.

– Os pais dela nunca vieram aqui. A mãe dela ficou doente depois que nos casamos e morreu pouco tempo depois... da morte de sua mãe.

– Teriam adorado a casa. – Levantou os olhos para ele numa admiração infantil. – Ela também deve ter adorado.

– Acho que sim. – De repente lembrou-se da permanente rodada de festas. – Ela gostava de receber. Lembrou-se também do baile que a proibira de dar e mais tarde das festas a que ela deveria ter comparecido com Du Pré, sempre que ele estava em Napa.

– Gostava muito de sair.

– Devia gostar, tinha roupas tão bonitas.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Como sabe disso, Sabrina?

Ficou momentaneamente constrangida.

– Vi os vestidos dela hoje, papai. Estão todos lá.

Não estavam “todos” lá, mas ela não podia saber disso e ele não lhe contou.

Suspirou novamente.

– Acho que devia ter feito alguma coisa a respeito quando... quando ela morreu...

Sabrina percebeu que ele sempre tinha dificuldade em pronunciar aquelas palavras, como se ainda fossem muito dolorosas para ele.

– Você não devia ter ido lá, Sabrina – disse Jeremiah.

– Desculpe-me, papai. É que... pensei nisso por tanto tempo.

– Mas, por quê? Temos uma vida feliz em Santa Helena.

– Eu sei.

Abaixou a cabeça mas seus pensamentos voltaram para a bela mansão. Quando tornou a olhar para ele os olhos dela estavam esperançosos.

– Você vai mesmo dar uma festa lá um dia? Poderemos ficar lá?

– Eu lhe disse que o farei. – Sorriu-lhe e puxou de leve uma das longas tranças. – Se isso for fazê-la feliz, princesa, então é uma promessa. Para o seu aniversário de 18 anos.

– Vou adorar. – Seus olhos brilhavam à meia-luz do quarto.

– Então é uma promessa.

Ambos sabiam que ele sempre cumpria suas promessas.

Ele não lhe disse coisa alguma sobre suas andanças pela casa da cidade no dia seguinte, mas conversou com seu amigo do Nevada Bank e combinou para que ele enviasse alguns homens para procurarem venezianas quebradas e fecharem a casa ainda mais se fosse necessário. No caminho de volta a Napa, ele extraiu uma promessa de Sabrina.

– Não quero que volte lá, menina. Entendeu?

– Sim, papai. – Estava surpresa por ele não ter ficado mais zangado. – Mas não poderia ir lá com você um dia?

Ele balançou a cabeça.

– Não tenho nenhum motivo para ir lá de novo, Sabrina – respondeu sorrindo. – Até o baile dos seus 18 anos. Eu lhe fiz uma promessa e você sabe que a cumprirei. Iremos para lá nessa ocasião e passaremos algum tempo juntos em São Francisco na primavera, se você quiser. Mas, enquanto isso, você não vai ficar pulando muros e janelas para mexer em armários velhos e roupas alheias.

Ficou vermelha às palavras dele. Na verdade, fora isso o que mais o incomodara, que ela tivesse tanta necessidade de uma distante visão de Camille, ainda que através de suas roupas nos armários. Imaginava se essa teria sido a única razão para ela ter ido lá e o pensamento realmente o magoou. Tanto assim que sua voz estava rouca quando prosseguiu:

– Poderia ter caído e se machucado e ninguém ia saber onde encontrá-la. Foi uma coisa absurda o que você fez. – Franziu a testa e ficou olhando pela janela do trem.

Sabrina não disse nem mais uma palavra até chegarem à estação de Santa Helena.

— Bem, Hannah, tome conta da casa enquanto estivermos fora.

A velha senhora desceu as escadas da frente com eles, mancando e resmungando. A carruagem estava carregada com o que parecia ser todos os pertences deles, mas eram apenas os vestidos novos de Sabrina. Jeremiah sorriu para a antiga governanta. Queria levá-la com eles, mas ela afirmara que não desejava ir. E, aos 83 anos, tinha o direito de decidir o que gostaria de fazer. Achava aquilo tudo uma grande bobagem.

– É apenas por dois meses.

E ele tinha prometido havia anos. Era uma promessa que nem estava certo se Sabrina ia querer ver cumprida. Mas ficara surpreso quando ventilara o assunto alguns meses antes e ela achou que seria divertido. Prometera reabrir Thurston House para ela e dar um baile pelos seus 18 anos.

– Talvez haja um pouco da mãe nela, afinal de contas – provocara Amelia quando viera à cidade.

Mas Amelia achara uma boa ideia, lamentando apenas não poder voltar a São Francisco para a ocasião. Mas já estivera ali duas vezes naquele ano, uma vez para o casamento de sua neta mais velha com um dos Flood e a outra para ficar com a filha quando o genro faleceu. Não poderia voltar novamente e, como oficialmente ainda estavam de luto, não ficaria bem comparecer a um baile. Mas dera a Jeremiah todos os conselhos que pôde a respeito da festa.

Até o acompanhara da primeira vez que abriram a casa e ele sentira um frêmito percorrê-lo quando ficou ali parado, a seu lado. Teve pena dele e tocou-lhe o braço.

– Você sabe que não tem de fazer isso, Jeremiah. O Fairmont deverá estar pronto na ocasião. Pode realizar o baile lá.

Sempre se perguntara por que ele não vendera a casa, pois sabia o quanto era doloroso para ele. Mesmo assim, mantivera-a teimosamente para Sabrina.

– Quero realizá-lo aqui.

Notara seu maxilar tenso e juntos percorreram a casa com um contingente de empregados recém-contratados. Havia uma quantidade enorme de trabalho a ser feito: consertar, substituir as cortinas, limpar, pintar, mas, na verdade, o lugar estava surpreendentemente bem conservado.

Amelia sentira-se particularmente penalizada quando entraram na suíte principal. Parecia tão penoso para ele ficar ali, que ousara sugerir que dormisse em outro quarto, e ele ficara grato pela ideia. Permanecera ao lado dele quando abriram o armário do quarto de vestir de Camille. Ia sugerir-lhe que jogasse tudo fora, mas ele dissera aos empregados que guardassem o que pertencera a ela em caixas no porão.

– Por que haveria de querer guardar essas coisas? Nem ela mesma as quis quando partiu.

Amelia parecia intrigada quando desciam as escadas. Ia ser um trabalho gigantesco aprontar a casa para o baile de Sabrina, mas ela achava o projeto excitante.

– Sabrina pode querer as coisas da mãe um dia.

Contara-lhe a respeito da escapada havia cinco anos, quando a filha pulara o portão e entrara por uma janela de trás da casa.

– Percebi então que faltava uma parte dela, porque nunca conhecera Camille e eu jamais lhe falei muito sobre ela. Acho que Sabrina sente que o assunto é um tabu, acha que ainda estou de luto pela morte dela.

Suspirara e sorria para Amelia. Já se conheciam havia 20 anos e ele ainda sentia o mesmo prazer de vê-la que sentira no começo. Era sempre vibrante e cheia de vida, bondosa e uma excelente companhia. E mesmo aos 60 anos ainda era uma bela mulher e ele lhe dizia isso cada vez que a encontrava.

– Que mentiras escabrosas você diz, Jeremiah. E que bom que o faça! – dissera rindo e ele a beijara.

Ela dera a Sabrina um lindo colar de pérolas em antecipação à festa e dissera-lhe novamente o quanto lamentava não poder estar lá.

– Sentiremos sua falta, tia Amelia.

Sabrina beijara-a com ternura e prometera usar as pérolas no baile. Amelia ajudara-a a escolher um magnífico vestido de cetim branco bordado com pérolas. Era um vestido maravilhoso e, simultaneamente, Amelia também a ajudara a desenhar e mandar fazer mais três vestidos para usar em outras festas com o pai. Havia um em particular que Sabrina estava ansiosa para usar. Era mais sofisticado do que qualquer outro que já possuía e ela e Amelia haviam discutido longamente a respeito. Era de um tecido leve e dourado, que ficava absolutamente magnífico com sua pele acetinada e seus cabelos negros. E, juntas, ambas concluíram que ela podia usá-lo, se o modelo fosse bastante simples. Escolheram um modelo que não era decotado demais e quando o vestido chegara a Santa Helena, Sabrina simplesmente ficou sem fôlego ao vê-lo e não quisera permitir que seu pai o visse até a ocasião em que o usasse. Já decidira que o usaria para acompanhá-lo à ópera em São Francisco. A Companhia Metropolitana de Ópera de Nova York viria se apresentar em São Francisco e o pai iria levá-la para ver *Carmen* com Fremstadt e Caruso. Não cabia em si de excitação, tanto pela ópera quanto pelo vestido que estaria usando.

O vestido estava em sua mala agora, enquanto entravam nos domínios de Thurston House. Por um instante, lembrou-se da primeira vez que estivera naquele lugar, depois de pular o portão e, agora, ali estava, chegando em grande estilo, na nova carruagem do pai. Durante a última meia hora estiveram discutindo a praga que atacara as uvas e destruíra as plantações por vários anos, mas de repente não pôde mais pensar em outra coisa que não a excitação de estar se mudando para a elegante casa. Parou no saguão de entrada, sob a magnífica cúpula, e lembrou-se de novo da primeira vez que a vira clandestinamente. Mas nada havia de clandestino agora, a casa estava esmeradamente arrumada, havia flores por toda parte, a prataria estava polida, os metais brilhavam e, ao virar-se para o pai, ele sentiu uma pontada no coração. De repente, parecia-se tanto com a mãe, ali parada. Lembrou-se da primeira vez que trouxera Camille ali e seu indescritível contentamento ao saber que a casa era deles. Jeremiah dera ordens para que Sabrina ficasse com a suíte principal, pois não queria mais dormir lá. Com todos os tecidos novos, de sedas macias e lindos tons de cor-de-rosa, era o aposento perfeito para ela. Tinha a mesma idade da mãe quando viera morar ali, a única diferença era que não era casada, mas uma moça, e muito diferente de Camille Beauchamp.

– Papai, está tudo tão bonito!

Não sabia o que olhar primeiro. Ele e Amelia haviam feito um trabalho espetacular na encomenda de novos forros e cortinas. E o salão de baile fora pintado e tudo reluzia. Ainda faltavam três semanas para a festa e ela mal podia esperar, mas enquanto isso teriam muito o que fazer. Iriam à ópera dentro de dois dias e, na semana seguinte, os Crocker, os Flood e os Tobin os haviam convidado para jantar. O pai reatara amizades que não procurava havia anos, a fim de apresentar Sabrina a todos que conhecia. Queria que ela passasse dois esplêndidos meses em São Francisco e, então, retornariam a Santa Helena para o verão. E, em outubro, ele de novo a traria para a cidade para passar o Natal. Não era muito diferente da vida que tivera com Camille, mas, ao contrário da mãe, Sabrina mostrava-se grata pelos momentos na cidade e igualmente feliz de retornar a Santa Helena. Tinha um interesse real em suas minas e estava desolada com a desgraça que atingira os vinhedos. Estava intrigada pelo fato do ácaro letal ter atacado principalmente as vinhas europeias e tinha uma teoria de que as vinhas nativas sobreviveriam e se tornariam resistentes à praga que as destruía. Seu pai admitia com bom humor que ela agora sabia muito mais do que ele a esse respeito. Os vinhedos tinham sido sua paixão durante anos, mas mantinha-se igualmente atenta ao que acontecia nas minas. Sempre a provocava com o fato de que, quando morresse, ela poderia administrá-las perfeitamente bem sem ele.

– Não devia falar assim, papai.

Sempre o repreendia, não gostava de pensar na morte dele. E, aos 63 anos, ainda tinha uma saúde relativamente boa, embora de vez em quando seu coração desse um leve sinal de dificuldade. Mas ela e Hannah tomavam tanto cuidado com ele quanto ele o permitia e o médico dissera que viveria pelo menos por mais 20 anos.

– E você vai ter de esperar até lá se quiser me ver casada e mãe de 12 filhos.

Ainda gostava de brincar com ele, mas a realidade é que sabia muito a respeito dos seus negócios. Passara muitas horas a seu lado, observando o que fazia, ouvindo com atenção, e era uma jovem muito inteligente. Ele, porém, não queria vê-la pensando em nada disso agora. Queria apenas que se divertisse e aproveitasse sua primeira “temporada”. Era um período especial de sua vida e ele queria que tudo fosse perfeito.

Havia jarras enormes cheias de rosas chá em seu quarto e, no dia seguinte, ela sentia-se perfeitamente à vontade lá. Por um instante, deitada na cama, imaginara que a mãe um dia dormira ali, fitara o mesmo teto, olhara pelas mesmas janelas, sentara-se na mesma banheira. Sorriu para si mesma. Só o fato de estar ali dava-lhe uma sensação de intimidade com a mãe que nunca conhecera. E nos últimos meses estivera na casa em diversas ocasiões distintas, discutindo com o pai as mudanças que iriam fazer e do que necessitavam em termos de facilidades modernas para viverem ali. Muitas coisas haviam mudado nos 20 anos desde que a construía e embora ainda fosse uma das maiores mansões na cidade, já não era a mais moderna. Mas sem dúvida estava confortável agora, quando Sabrina vestia-se para ir à ópera com ele.

O vestido dourado estava estendido na cama e ela mandara fazer sapatos dourados para combinar, do mesmo delicado tecido metálico. Usaria as pérolas que Amelia lhe dera antes de partir e os brincos de pérolas e brilhantes que o pai lhe dera no Natal. Penteou os cabelos cuidadosamente depois do banho, colocou uma leve camada de ruge e pó de arroz no rosto e em seguida passou o batom cuidadosamente, o que serviu apenas para realçar a impressionante beleza de sua compleição e das feições do seu rosto. Vestiu, então, com cuidado, o vestido dourado, com o auxílio de uma das novas criadas. E, por um instante, Sabrina sentiu como se a mãe estivesse observando-a e imaginou se ela teria gostado. Sabrina concluiu que, sem dúvida, era uma grande beldade e não podia deixar de imaginar o

que a mãe pensaria a seu respeito agora. Nunca saberia a resposta mas era evidente o que o pai achava, quando desceu lentamente a escadaria principal sob a cúpula de vitrais. Havia lágrimas nos olhos dele, enquanto a observava, sem fala.

– Onde conseguiu este vestido, menina? – Ela sorriu ao ouvir o tratamento infantil, mas nada havia de menina nela agora. Crescera bastante e era alta para uma mulher, mas não em excesso. Parara de crescer no momento certo e possuía um pescoço longo e gracioso, braços longos e finos, que ficavam bem nos vestidos elegantes. – Dou-lhe minha palavra, menina, está parecendo uma deusa.

Resplandecia sob o calor do seu amor ao sorrir-lhe.

– Que bom que você gosta. Amelia me ajudou a escolher o tecido quando estive aqui. Mandeí fazê-lo especialmente para esta noite, papai.

E quando chegou com ele ao teatro lírico na rua Mission não se arrependeu. Tecidos metálicos e lantejoulas numa orgia de cores estavam na moda e seu vestido era mais distinto do que a maioria, mas tão bonito quanto qualquer outro. As mulheres de São Francisco usavam suas joias mais vistosas, os trajes mais finos e todas as melhores plumagens para a ocasião. A ópera na verdade estreara na noite anterior, mas hoje, com a interpretação de Caruso em *Carmen*, era o acontecimento social mais importante e havia bailes programados no Palace, St. Francis e Delmonico's para depois. Os Thurston planejavam reunir-se a um grupo de amigos no St. Francis, mas Sabrina já estava suficientemente agitada, só de ver os bandos de mulheres sofisticadamente vestidas entrando, e novamente no intervalo. Era uma longa distância desde a vida tranquila que levavam em Santa Helena e percebeu repentinamente que aqueles seriam meses mais do que excitantes. Estava muito feliz por terem vindo para São Francisco.

Ao deixarem a ópera algumas horas depois, apertou de leve o braço do pai, que voltou-se para ela para saber se havia alguma coisa errada, mas, ao em vez disso, viu-a sorrindo para ele, parecendo uma fada.

– Obrigada, papai.

– Por quê? – perguntou quando chegavam à carruagem.

– Por reabrir a casa. Fez isso por mim e estou adorando cada minuto.

– Então, estou contente de tê-lo feito.

E o engraçado é que ele realmente estava contente. Era estimulante estar no mundo lá fora outra vez, pois havia se esquecido do quanto pode ser agradável às vezes, se não fosse em excesso. E havia algo de maravilhoso em apresentar sua filha única ao mundo. Ela era graciosa, inteligente e boa, equilibrada e linda... Sorriu para si mesmo, não havia palavras suficientes para descrever exatamente o quanto era linda. Fitou-a com alegria enquanto ela olhava pela janela, fascinada no trajeto para o St. Francis Hotel. E o baile a que compareceram foi absolutamente esplêndido. Todo mundo estava lá, incluindo o próprio Caruso num determinado momento, e parecia haver um ar festivo por toda a cidade, enquanto as pessoas iam de um baile para outro e depois para festas menores. A ópera havia sido um importante acontecimento social e Sabrina alegrou-se de que seu baile não fosse senão dali a três semanas. Daria tempo às pessoas para se acalmarem novamente e estarem prontas para mais excitação. Seria impossível competir com o brilho da noite de *Carmen*.

Eram 3 horas da manhã quando chegaram em casa e Sabrina mal conseguia disfarçar um bocejo, enquanto subia lentamente a majestosa escadaria de Thurston House com o pai.

– Que noite linda, papai...

Ele concordou e Sabrina riu baixinho.

– Se Hannah nos visse agora, chegando em casa às 3 da manhã...

Ambos riram, imaginando a carranca que a velha faria e a áspera repreensão. Teria achado isso decadente e indecente. Sabrina riu novamente.

– E iria me dizer que eu era exatamente igual a minha mãe. Sempre que não gosta do que estou fazendo, diz isso. Aquelas duas devem ter realmente se detestado.

Sabrina deu uma risada e Jeremiah sorriu. Era engraçado agora, mas não o fora na época. Muito pouco do que Camille fizera fora engraçado.

– Realmente se odiavam. Tinham brigas terríveis desde que levei sua mãe para Napa.

E então, pela primeira vez em 20 anos, lembrou-se do aro contraceptivo que Hannah encontrara. Graças a Deus que o encontrara, caso contrário não haveria nenhuma Sabrina agora, pensou consigo mesmo. Mas, como outras, não era uma história que fosse contar à filha e estava grato a Hannah por não tê-lo feito também. Era uma mulher digna e tinha sido uma boa amiga por muito, muito tempo.

Pai e filha despediram-se com um beijo de boa-noite à porta da suíte principal, que agora era de Sabrina. Quando ela entrou no quarto, ficou olhando pela janela para os jardins lindos e bem cuidados. Como eram diferentes havia cinco anos, quando pulara o muro. Era uma verdadeira selva, sorriu para si mesma, e pensou na mãe, olhando por aquela mesma janela tarde da noite, quando voltava para casa de um baile ou uma festa. Sentia a casa viva a sua volta, como fora havia quase 20 anos. Parecia-lhe normal que estivesse ali agora e parecia-lhe normal que aquela linda casa tivesse voltado à vida. Parecera tão triste e vazia havia cinco anos, quando entrara furtivamente pela primeira vez. Sorriu para o seu reflexo no espelho ao tirar as pérolas que recebera de Amelia e, em seguida, o vestido dourado que tanto lhe agradara usar. E ao se olhar no espelho, olhou de relance o relógio esmaltado na mesinha de cabeceira, e constatou que já eram quase 4 horas da manhã. Um leve frêmito percorreu-lhe o corpo, nunca ficara acordada até tão tarde, exceto talvez uma vez, quando houve uma enchente na mina e o pai não voltou para casa até de manhã, mas nunca apenas por diversão. E esta tinha sido a noite mais divertida de toda a sua vida. Mal podia esperar pelo baile, pensou consigo mesma, ao ir para a cama e apagar a luz. Ficou deitada tentando dormir por quase uma hora mas estava excitada demais com tudo o que tinha visto e as festas às quais tinham comparecido. Imaginava se o pai também estaria acordado e, finalmente, levantou-se e caminhou até o pequeno quarto de vestir. Não queria deitar-se, queria ficar acordada e ver o dia clarear. Não queria perder nada, sentia-se mais viva do que jamais se sentira antes. Vestindo o roupão de cetim branco e procurando os chinelos, resolveu descer para tomar um copo de leite morno. No meio da escadaria, porém, sentiu uma estranha oscilação, como se estivesse num cruzeiro marítimo e tivessem acabado de bater numa grande onda. Era como se a casa tivesse subido e descido, mas pareceu continuar se mexendo por um interminável período de tempo, até que finalmente registrou o que acontecia. Era um terremoto e ao se lançar correndo pelas escadas abaixo em direção à porta da frente, a cúpula de vitrais inteira explodiu numa chuva de pedaços de vidro e estilhaços coloridos sobre o chão. Ela escapou por um triz de ser estraçalhada, parando trêmula na soleira da porta, sem saber o que fazer. O pai sempre lhe falava dos terremotos de 1865 e 1868, mas tudo que conseguia lembrar era de que se devia ficar na soleira da porta, e ali estava ela, a porta aberta, tremendo no ar frio de abril, quando a casa começou a estremecer outra vez, mas desta vez se estabilizou mais rapidamente. Tudo na casa parecia estar virado. Pequenas mesas tombadas, vidros estilhaçados, prataria no chão. Percebeu que seu braço tinha sido cortado por um pedaço de vidro que fora lançado da janela a seu lado. Uma mancha escura de sangue se espalhava pelo ombro do seu roupão, quando ouviu uma porta se abrir e os gritos do pai vindo da escuridão. Já a procurara no quarto e não a encontrara.

– Sabrina! Sabrina, você está aí?

Viu-a de pé na porta aberta e veio correndo pelas escadas ao seu encontro, no exato momento em que os criados corriam atropelando-se de seus quartos no andar de cima. Duas das mulheres estavam histéricas, as outras choravam e mesmo os homens pareciam abalados, quando outra sacudidela atingiu-os e desta vez todos sentiram uma crescente onda de pânico. Já começavam a ouvir vozes vindas da rua, pessoas gritando, e havia uns estrépitos, como se pedaços das casas estivessem caindo nas ruas. Sabrina verificou depois que muitas das chaminés de tijolos haviam desmoronado e quando se aventurou a sair com o pai, uma hora mais tarde, após ele ter-lhe feito um curativo no ombro, viram pessoas mortas nas ruas, sob os escombros das chaminés. Era sua primeira visão da morte e ficou impressionada com o que via. Por toda parte, havia pessoas nas ruas, o terremoto causara danos consideráveis, e havia pessoas feridas ao redor deles, mas na metade da manhã os incêndios eram o maior problema da cidade que o terremoto provocara, pois a maioria dos principais troncos de água estavam arreventados, de modo que os bombeiros não podiam fazer nada. Pior ainda, os sistemas de alarme não funcionavam mais e o próprio comandante dos bombeiros morrera no desmoronamento de uma estação do corpo de bombeiros. Havia pânico no ar, mas todos ainda tinham esperanças de que os incêndios logo fossem controlados. Os piores ardiam ao sul da avenida Market, depois do Palace Hotel. O hotel tinha seu próprio poço e podia apagar qualquer incêndio que o ameaçasse. Mas as colunas de fumaça negra que começaram a cobrir a cidade naquela tarde tomavam São Francisco de terror. O prefeito Schmitz pediu ao general Funston, do Forte do Presídio, para ajudá-lo e o Exército estava fazendo tudo que podia quando a noite chegou. Decretaram toque de recolher: ninguém podia perambular pelas ruas do anoitecer ao amanhecer e foram dadas ordens expressas proibindo que se cozinhasse no interior das casas.

E em Nob Hill, Jeremiah e Sabrina abriram os portões e estavam permitindo a entrada de pessoas para acamparem nos jardins, usarem a casa e cozinhareem numa área que fora reservada para atender às necessidades da vizinhança. E o próprio Jeremiah esteve no velho Palácio da Justiça, na esquina de Kearny Washington, com o Comitê dos Cinquenta que tentava organizar a cidade para sobreviver ao desastre. No dia seguinte, tiveram de abandonar o prédio e dirigiram-se para Portsmouth Square, e desta vez Sabrina insistiu em acompanhá-lo.

– Você fica aqui.

– Não! – Olhou-o com determinação. – Quero ficar com você, papai.

Mostrou-se tão firme, que ele cedeu e deixou-a ir. Havia outras mulheres no comitê e juntos faziam o que podiam para ajudar a cidade agonizante. Era um momento horrível na história de São Francisco e Jeremiah mal podia acreditar no que via em torno de si. Mais tarde, naquele mesmo dia, contaram-lhe que todas as mansões de um lado de Van Ness tinham sido dinamitadas, num esforço para salvar o lado oeste da cidade e ele mal conseguia acreditar. Para piorar, tiveram de abandonar também Portsmouth Square e o Comitê dos Cinquenta transferiu seu quartel-general para o quase terminado Farmont Hotel, onde permaneceram até o fogo atingir Nob Hill, saindo exatamente a tempo de escapar às chamas que se espalharam em torno do hotel, invadiram seu interior e prosseguiram para a mansão dos Flood. Jeremiah transferiu o comitê para Thurston House, onde se reuniu pela última vez antes de ter de abandonar Nob Hill completamente. A colina inteira parecia em chamas e o fogo se espalhava livremente em qualquer direção, destruindo algumas casas, deixando outras intactas, arrasando inteiramente umas e consumindo o interior de outras. Quando o comitê deixou a casa ao final do terceiro dia, Thurston House continuava intacta. Os jardins estavam muito queimados e todas as

árvores ao longo da frente da propriedade tinham tombado, mas a fachada mesma mal tinha sido tocada pelas chamas e todo o dano no interior tinha sido causado pelo terremoto e não pelo fogo. De pé na soleira da porta, olhando o interior da linda casa, Sabrina não podia acreditar na destruição que lavrara em toda parte por três dias. Era como um pesadelo que se recusava a terminar, desde o primeiro instante em que o sentira, descendo as escadas. Levantou os olhos para o vão agora vazio onde houvera a cúpula e tudo que viu foi um céu escuro de fumaça. Surpreendeu-se ao perceber que já anoitecia. Nem sabia ao certo que dia era, sabia apenas que o holocausto já durava dias e as ruas tinham estado cheias de gritos de dor, gritos de ordens, pessoas mortas e outras agonizantes. Havia enfaixado centenas de braços, rostos e pernas, encaminhado crianças perdidas para abrigos, ajudado mulheres a procurarem crianças e agora deixou-se cair sentada na escadaria de Thurston House com um suspiro de exaustão. Os criados haviam desaparecido, ou para dar assistência ou à procura de familiares e amigos, e ela sabia que o pai estava no andar de cima. Tinha um ar de exaustão toda vez que ela o via e pensou em ir ver como ele estava. Talvez precisasse de um conhaque ou talvez ela devesse ir a uma das cozinhas coletivas em Russian Hill buscar algo para ele comer. Já não era jovem e os últimos dias tinham sido de muita tensão para todos eles.

– Papai! – gritou ao subir as escadas.

Suas pernas pareciam troncos de árvores ao se arrastar pelas escadas acima, quase caindo de cansaço. Ainda podia ouvir gritos lá fora e sabia que o fogo em Nob Hill ainda não tinha sido debelado. De repente, ficou pensando se jamais o seria.

– Papai!...

Viu-o arrasado com o cansaço sentado numa cadeira, em sua saleta particular. Estava de costas para ela, mas podia pressentir que estava tão cansado quanto ela. Não o vira assim desde a última inundação das minas. Caminhou na direção dele suavemente e inclinou-se para beijar-lhe a testa.

– Olá, papai.

Suspirou profundamente e sentou-se a seus pés, estendendo a mão em silêncio para segurar a dele. Por quanta coisa haviam passado naquela noite e, de certa forma, o quanto haviam sido poupados. Nenhum dos dois se ferira, a casa estava danificada mas ainda estava lá e ela ouvira dizer que o candelabro do teatro lírico se esfacelara no chão. Imagine se o terremoto tivesse ocorrido na noite da ópera!

– Quer alguma coisa para comer, papai? – Levantou a cabeça e de repente arregalou os olhos. Ele olhava direto para ela sem a ver e ela sentiu o pavor oprimir sua garganta como nunca sentira antes. Ficou instantaneamente de joelhos e tocou-lhe o rosto. – Papai! Papai! Fale comigo!

Mas não havia som algum, nenhuma voz, nenhuma palavra, nenhuma vida. Voltara para casa da reunião do Comitê dos Cinquenta no Fairmont Hotel, conduzira o comitê a sua casa e subira quando o comitê fora embora...

– Papai!

O grito agudo ecoou na casa vazia e silenciosa e ela começou a sacudi-lo, mas o corpo lentamente deslizou para o chão, onde ficou estendido. Estreitou-o nos braços, os soluços dominando-a como os incêndios haviam dominado a cidade. Estava morto. Silenciosamente, sem emitir um som, viera para o seu quarto, para sua cadeira, e sentara-se... e morrera, aos 63 anos, deixando Sabrina órfã, inteiramente sozinha, a duas semanas e meia dos seus 18 anos.

Ficou sentada com o olhar fixo nele, aterrorizada, até muito tarde da noite. O fogo grassava por toda Nob Hill, lambendo quase tudo em seu caminho e milagrosamente poupando-os. Mas Sabrina não o

abandonaria. Continuou sentada segurando-lhe a mão e soluçando pela noite adentro, enquanto as chamas corriam em disparada para a porta da frente e de repente mudaram de direção. Quando amanheceu, ainda estava sentada no mesmo lugar, segurando a mão do homem que fora seu pai. A maioria dos incêndios na cidade tinha sido extinta e o terremoto terminara. Mas para Sabrina a vida nunca mais seria a mesma.

Sabrina levou o corpo do pai de volta a Napa no barco a vapor e dali para Santa Helena, num cortejo melancólico. A carruagem que viera das minas estava à espera no píer, com um pequeno grupo de mineiros, os rostos sombrios, cada um usando o único terno que tinha. Foi somente quando a carruagem chegou à estrada particular que levava à casa de Jeremiah que ela viu todos eles, quinhentos homens, ladeando a estrada, quinhentos homens silenciosa e reverentemente esperando o homem que amaram e para quem trabalharam tão duro. Durante anos e anos, lutara por eles, desenterrando-os nas inundações, resgatando-os das minas durante os piores incêndios, chorando quando morriam... e agora choravam por ele. Muitos choravam abertamente, tirando o chapéu quando a carruagem passava devagar diante deles. Hannah estava de pé no alpendre, o rosto marcado pelo tempo banhado em lágrimas, os olhos cegos de pesar, quando desceram o caixão da carruagem e oito homens carregaram-no para o hall de entrada e em seguida para a sala onde ele dormira durante 18 anos, antes de se casar.

Sabrina aproximou-se de Hannah sem dizer uma palavra, tomou-a nos braços e a velha senhora soluçou em seu ombro. Em seguida, Sabrina foi lá fora, por um instante, cumprimentar alguns dos homens e agradecer-lhes por terem vindo. Quase nada tinham a dizer e não conseguiam encontrar as palavras para expressarem o que sentiam. Ficavam apenas ali parados e finalmente viravam-se e iam embora, em grupos grandes e silenciosos. Seus corações seriam enterrados com o homem que respeitaram e amaram. Jamais haveria outro como ele.

Sabrina entrou novamente em casa e sentiu um nó na garganta ao ver de relance o caixão de mogno que haviam colocado na sala. Hannah trançara uma manta de flores silvestres que ele tanto amara e colocavam-na em cima do caixão naquele momento. Repentinamente, Sabrina não pôde mais aguentar, virou-se e enterrou o rosto nas mãos, surpreendendo-se ao sentir duas mãos fortes segurarem-na. Levantou os olhos e viu Dan Richfield. Havia anos que era o encarregado das minas de seu pai e fora de um valor inestimável para ele.

– Todos nós nos sentimos muito mal, Sabrina. E queremos que saiba que faremos tudo neste mundo por você. – Seus olhos estavam tão traumatizados quanto os dela e ele nem tentava esconder que chorara.

Tomou-a nos braços novamente e abraçou-a mas, um instante depois, ela desvencilhou-se e ficou à janela fitando o vale que Jeremiah tanto amara. Falou para si mesma – o perfume das flores silvestres no caixão pairando pesadamente no ar e os soluços de Hannah claramente audíveis da cozinha:

– Nós nunca deveríamos ter ido a São Francisco, Dan.

Ele olhou sua bela figura, ali parada, de costas para ele.

– Não se torture, Sabrina. Ele queria levá-la à cidade.

– Eu não deveria ter consentido.

Virou-se para encarar o homem que fora quase um filho para o pai dela. Tinha 34 anos, trabalhava para as minas Thurston havia 23 e devia tudo que tinha a Jeremiah. Sem ele, Dan estaria escavando em algum lugar, mas, graças ao pai dela, ele administrava as maiores minas do Estado e era responsável por aproximadamente quinhentos homens. Desempenhava bem sua função, como o pai frequentemente lhe dizia.

– Ele pertencia a este lugar, e eu também. – A voz dela falhou novamente, consumia-se de remorso desde que o encontrara. – Nunca deveria ter permitido que me levasse para a cidade. Se o tivesse feito, ele estaria vivo agora... – Os soluços sufocaram-na e dominaram-na novamente e Dan apressou-se em reconfortá-la, mantendo-a junto a si, mas sempre que o fazia, Sabrina sentia-se sufocar. Estreitava-a demais, embora ela soubesse que o fazia com boa intenção. Talvez fosse o próprio pesar dele que a oprimia. – Oh, meu Deus... – Andou pela sala, olhando para Dan com olhos desolados. – O que farei sem ele?

– Tem tempo para pensar nisso. Por que não descansa um pouco?

Havia dois dias que ela não dormia. Seu rosto exibia a devastação de sua dor e seus olhos pareciam lagos sem fundo de tristeza.

– Devia subir e deitar um pouco. Pedir a Hannah para trazer-lhe algo para comer.

Sabrina balançou negativamente a cabeça e limpou as lágrimas do rosto com uma das mãos.

– Eu é que devia estar cuidando dela, está pior do que eu e eu sou mais jovem.

– Você precisa cuidar de si mesma. – Parou e fitou-a por um longo instante, e seus olhos se encontraram. Havia coisas que ele queria lhe perguntar, mas deveriam esperar. Ainda era muito cedo, com seu pai estendido lá na sala. – Vamos, quer que eu a acompanhe lá para cima?

A voz dele era suave. Ela sorriu e balançou a cabeça negativamente. Mal podia falar, tão dominada estava pela emoção. Não podia imaginar a vida sem o pai.

– Eu ficarei bem, Dan. Por que não vai para casa?

Tinha mulher e filhos para cuidar e nada havia que pudesse fazer ali. Já tinham tomado todas as providências para o funeral no dia seguinte. Sabrina queria que o pai fosse enterrado logo. Ele teria preferido assim, sem confusão, e com uma cerimônia simples. Teria ficado comovido com a fileira de homens ao longo da estrada quando chegaram e pelos que vieram um por um naquela noite, apenas para ficar olhando o caixão de mogno na sala da frente, as cabeças baixas, os olhos úmidos. Sabrina descia a todo instante, para apertar-lhes as mãos e agradecer-lhes. E Hannah mantinha um enorme bule de café no fogão e preparava enormes bandejas de sanduíches para oferecer-lhes. Sabia que viriam e estava feliz por o fazerem. Jeremiah Thurston fora o melhor homem que conheceram e deviam-lhe a homenagem que lhe prestavam agora.

Foi depois das 21 horas daquela noite que um homem subiu os degraus da frente, vestindo terno escuro e gravata. Tinha cabelos grisalhos e olhos negros, um rosto austero, de traços marcantes. Pareceu hesitar antes de entrar e Hannah observou que ele tinha um ar de líder, percebendo de repente quem era e entrando para dizer a Sabrina.

– John Harte está aqui.

Permanecera o rival número um de seu pai, no entanto, nunca houvera qualquer rancor entre eles. John Harte mantinha distância de todo mundo, era sua maneira de ser, e nunca perdia de vista o fato de que estava em permanente competição com as minas Thurston, mas também nunca esquecia a bondade de Jeremiah. Os dois homens raramente se encontravam mas, quando o faziam, trocavam um olhar tranquilo de entendimento e quando um desastre atingia uma das minas, o outro sempre aparecia

ou enviava seus homens para dar assistência. John Harte já não ficava na defensiva em relação a Jeremiah Thurston. Na verdade, admirava-o mais do que a maioria dos homens que conhecia. E lamentava agora a sua partida. Encontrara Sabrina apenas algumas poucas vezes em todos aqueles anos, mas ela sabia quem ele era e vinha agora em sua direção, o vestido negro fazendo-a parecer mais alta e mais magra, e muito mais velha do que os seus 18 anos. Seu cabelo estava puxado para trás num coque apertado, os olhos pareciam imensos no rosto pálido e tinha mais a aparência de uma mulher do que de uma moça quando lhe estendeu a mão.

– Vim prestar minha homenagem a seu pai, Srta. Thurston.

Tinha a voz profunda e suave e seus olhos se encontraram por um longo instante. A própria filha dele seria apenas um pouco mais velha do que ela, se tivesse vivido. Morrera aos três anos, dois anos antes de Sabrina nascer. Nunca se casara novamente, embora todos soubessem que tinha a mesma mulher nos últimos 10 anos. Viviam com ele na mina e era uma índia da tribo Mayakma. Era uma mulher de beleza exótica e alguém a mostrara a Sabrina uma vez. Tinha cerca de 26 anos e dois filhos dela, mas nenhum com ele. Não queria mais filho algum, nem esposa. Selara esta parte de sua vida para sempre e Sabrina achou que ainda podia vislumbrar um vestígio da antiga dor em seus olhos, quando ele a encarou. Era como se estar ali com ela agora o tivesse feito retornar e não estava longe da verdade. Falava quase com um sussurro enquanto permaneciam ali na sala, lado a lado, olhando o caixão onde Jeremiah jazia. Trazia-lhe recordações dolorosas e sentiu um nó na garganta ao falar.

– Ele ficou comigo... quando meu menino morreu...

Olhou para Sabrina e imaginou se o pai havia lhe contado a respeito e era claro que havia.

– Eu sei... ele me contou... ele ficou muito abalado.

A voz dela era suave como a brisa e ele a olhou nos olhos, gostando do que via ali. Era uma jovem forte e inteligente, de maneiras despretensiosas e olhos que pareciam tudo compreender. Sentia como se ela o estivesse examinando, ao perguntar-se quantos anos teria, sabendo que não poderia ter mais de 18. Não acreditava que Thurston estivesse casado quando Matilda e as crianças morreram e isso fora 20 anos antes, na primavera.

– Nunca me esqueci de quando ficou lá comigo... eu mal o conhecia naquela época. – Suspirou. – Nunca nos conhecemos muito bem. Mas eu o admirava. E seus homens também o tinham em grande consideração. As pessoas neste vale não têm senão coisas boas a dizer a respeito de Jeremiah Thurston. – Suas palavras despedaçavam o coração dela, que ficou com os olhos cheios de lágrimas, voltando-se e limpando-as com os longos dedos. – Desculpe-me... eu não devia...

– Absolutamente...

Sorriu por entre as lágrimas e respirou fundo. Era inacreditável que ele tivesse ido embora. Como era possível? Amava-o tanto... teve de reprimir um soluço e lembrar-se de que não estava sozinha, ao levantar os olhos para John Harte. Era quase tão alto quanto seu pai e tinha o cabelo tão negro quanto ele o tivera um dia, embora já estivesse um pouco grisalho também. Tinha 46 anos, ainda era bonito, exatamente como o pai fora até o fim... o fim... o fim... não suportava a palavra.

– Aceita um pouco de café, Sr. Harte? Hannah o tem preparado na cozinha. – Fez um gesto vago em direção à porta.

– Não, eu deveria deixá-la descansar. Sei que veio de São Francisco hoje. Foi tão ruim quanto dizem?

– Pior. Há filas para alimentos em toda parte, entulhos nas ruas, chaminés desmoronadas, prédios destruídos pelo fogo em qualquer direção que se olhe... – As lágrimas assomaram aos seus olhos

novamente e ela balançou a cabeça, impossibilitada de falar por um momento. – Foi simplesmente horrível. E meu pai... – Forçou-se a continuar, enquanto John Harte a observava, sofrendo por ela. – ... Ele estava no Comitê dos Cinquenta, para salvar a cidade... foi demais para ele... seu coração, o senhor sabe... – Não sabia por que lhe contava tudo aquilo. Mas de repente, sentira necessidade de falar, contar a alguém, embora mal conhecesse aquele homem. – Desculpe-me.

Ele segurou-a pelos ombros com as poderosas mãos de mineiro.

– Precisa descansar um pouco. Sei o que está passando. Fiz o mesmo. Ficava vagando à toa, falando, sem dormir, até quase ficar louco. Só vai piorar a situação, acredite-me, Srta. Thurston. Descanse um pouco. Vai precisar estar descansada amanhã.

Ela assentiu, as lágrimas agora rolando livremente pelo rosto. Já não podia conter a torrente de choro. Ele tinha razão. Estava exausta e meio histérica com a dor. Simplesmente não podia acreditar que o pai estivesse morto, mas quando olhou John Harte nos olhos, sentiu algo reconfortante em seu olhar. Era um bom homem, apesar do que diziam a respeito dele, que era arreado e orgulhoso, e um pouco libertino – vivia com sua amante índia. Talvez fosse por isso que o pai o via tão pouco. Sabrina concluía corretamente que o pai não aprovava a companheira de John Harte.

– Desculpe-me, Sr. Harte. Receio que tenha razão. Têm sido dias horríveis. – E iria precisar reunir suas forças para o funeral no dia seguinte.

– Há algo que eu possa fazer pela senhorita amanhã?

– Não, obrigada. Nosso gerente vai levar-me ao enterro.

– É um bom homem. Eu conheço bem Dan Richfield.

– Sem ele meu pai estaria perdido, pelo menos assim dizia. Dan trabalhava para ele desde os 11 anos.

John Harte sorriu-lhe com tristeza. Tanta coisa iria mudar para ela agora e queria conversar a respeito disso, mas não queria ser precipitado. Já o mencionara a Dan e concordaram que deveriam esperar uma semana ou duas. Ainda estava muito chocada para pensar nas minas e Richfield podia conduzi-las para ela nesse ínterim.

– Se houver alguma coisa que eu possa fazer, Srta. Thurston...

– Obrigada, Sr. Harte. – Apertou-lhe a mão novamente e ele partiu em um enorme cavalo negro para suas minas e sua exótica amante índia.

Depois que partiu, Sabrina viu-se pensando nele e em como seria sua amante. Tudo que se lembrava era de uma jovem de cabelos muito negros e um delicado rosto moreno envolto em peles brancas, quando se cruzaram em algum lugar, no inverno anterior. Sabrina ficara intrigada e o pai se apressara, fez apenas um ligeiro cumprimento com a cabeça para John Harte e ignorou completamente a jovem índia enrolada nas peles brancas

Sabrina ainda se lembrava das perguntas que fizera ao pai...

– Quem é ela, papai?

– Ninguém... uma pele-vermelha...

– Mas ela é linda...

Sabrina ficara fascinada pela índia, como se soubesse que a ligação era clandestina e imprópria, o que certamente o era, embora John Harte não fizesse nenhum segredo disso havia mais de nove anos. A seu modo de ver, não devia nada a ninguém e tinha o direito de fazer o que lhe aprouvesse. Sempre fizera assim e não era homem de medir palavras ou esconder uma índia em algum lugar que ninguém visse. Ela era mulher dele e ele era um homem livre, portanto, para o inferno.

- Não percebi.
- Percebeu, sim. Eu o vi olhar para ela.
- Sabrina! – Fingira estar zangado, mas Sabrina o conhecia bem.
- Foi sim. Eu vi. E ela é uma bela jovem. O que há de errado nisso?
- Duas coisas, menina, para lhe dizer francamente: eles não são casados e ela não é branca.

Portanto, devemos fingir que ela não existe ou que, se existe, não é bonita de se ver. Mas, na verdade, ela o é. É uma jovem extraordinariamente bonita e se serve a John Harte, melhor para ele. Não é da minha conta com quem ele dorme.

- Você os convidaria a nossa casa?

Sabrina estava intrigada. Ele nunca o fizera. John Harte e o pai nunca tinham sido íntimos.

- Eu não o faria. – Não parecia zangado, apenas firme.
- Por que não? – Não compreendia.

– Por sua causa, menina. Por isso. Não seria apropriado. Se eu morasse sozinho, poderia ser, porque sempre gostei dele. É um bom sujeito e explora uma boa mina, não tão boa quanto a nossa, é claro – abriu-lhe um amplo sorriso e ela riu –, mas é boa.

- Acha que ela é inteligente? – Sabrina ainda estava fascinada pela jovem índia.

– Não faço a menor ideia. – E então, de repente, ele riu da inocência da filha e deu-lhe uns tapinhas no rosto com um sorriso meigo ao completar: – Não acho que seja, por isso que ele a ama, Sabrina. Nem todas as mulheres são inteligentes. Nem todas as mulheres precisam ser.

- Acho que pelo menos deveriam tentar, não acha?

Ela era tão ansiosa, isso sempre o enternecia.

- Acho, sim.

Havia um pouco de Camille nela, apesar de tudo. Camille fora inteligente e interessada nos assuntos dos homens, principalmente nos negócios. Teria adorado saber mais a respeito das minas, se ele a tivesse deixado. Mas não achava adequado que sua mulher se envolvesse em seus negócios. E, no entanto, com Sabrina tudo era tão diferente... Ensinau-lhe tudo e lhe mostrava tudo que fazia, quase como se ela fosse um menino, e sentia-se orgulhoso do quanto ela sabia a respeito dos vinhedos, das minas, dos negócios que ele fazia no Leste. Ela parecia entender tudo e não havia um só dia em que ele não compartilhasse com ela um pouco mais de tudo aquilo. Mas os tempos haviam mudado e ele envelhecera e, sem Camille, ficara sozinho. Sabrina fora sua companheira por 18 anos e agora... estava sozinha... relembrando o passado... ouvindo a voz dele. Deitada em sua cama naquela noite, ainda não podia acreditar que ele tivesse partido. Como era possível? E no entanto era verdade.

E teve certeza disso no dia seguinte, quando levaram o caixão para a sepultura, ficaram parados sob o sol de primavera, baixaram-no à terra e cada um dos 506 mineiros e 103 amigos jogaram uma pá de terra sobre ele. Até Mary Ellen viera e ficara de pé, atrás da multidão, chorando baixinho. E finalmente Sabrina ficou olhando-o lá embaixo, as costas eretas, a cabeça levantada, o rosto banhado em lágrimas. Apertou os olhos por um longo momento, segurando com força a mão de Dan Richfield, lançou um punhado de terra na sepultura do pai e se afastou. Ficaram observando-a voltar para casa e ela sentia como se o mundo tivesse acabado ao subir lentamente os degraus da entrada e sentar-se na cadeira favorita dele na cozinha. Todo o seu corpo parecia entorpecido e Dan Richfield a observava. Sua mulher não fora ao funeral, estava grávida novamente. Sabrina raramente a via, era uma dessas mulheres sem atrativos e pálida, dando à luz um filho por ano. Sempre tivera a impressão de que ela

não gostava muito de Dan. Apenas continuavam a ter filhos e ele vivia com ela, mas parecia que nem sequer eram mais amigos.

Sabrina olhou-o quando retornaram à casa.

– Ainda não consigo acreditar que ele tenha partido, Dan. Fico esperando ouvir os passos dele na entrada, subindo as escadas... fico achando que vou ouvir o cavalo... – Seus olhos estavam secos agora, ao olhar para ele sem expressão. – É difícil de acreditar que eu nunca mais o verei.

– Você o verá. Com os olhos da mente. Ele é uma parte tão grande de todos nós que nunca se irá completamente.

Eram palavras gentis e ela estendeu a mão e tocou a dele com um sorriso curto, desolado.

– Obrigada, Dan. Por tudo.

– Ainda não fiz o suficiente. E um dia desses teremos de conversar, mas ainda não é hora.

Ainda era muito cedo para ela, ele o sabia. Mas ela pareceu surpresa com as palavras dele.

– Algo errado nas minas? Quero dizer, alguma coisa especial aconteceu esta semana? Não prestei atenção a coisa alguma, a não ser em mim mesma desde... – Não conseguia pronunciar as palavras, mas ele sabia o que ela queria dizer.

– Não, claro que não. Não há nada errado, exceto que haverá algumas mudanças agora, é claro, e você terá de me dizer o que pretende.

Ele supôs que iria dirigir as minas, a menos, obviamente, que ela as fosse vender e, nesse caso, já se prevenira ao conversar com John Harte a respeito. O que quer que acontecesse, ele iria administrar as minas Thurston, quer John Harte as comprasse ou não. E naturalmente iria administrá-las para ela, caso decidisse não vender, mas pessoalmente achava que ela deveria. Na verdade, a situação dele ia melhorar agora. Jeremiah sempre fora uma presença dominante nas minas, não apenas um proprietário sem atração; na verdade, ele mesmo administrava todo o império continuamente, mas Dan trabalhara muito próximo a ele. Agora, estava preparado para assumir e administrar as minas satisfatoriamente para ela. Estava treinado e assim como ela recebera as lições do melhor especialista, e viu que o observava.

– Que mudanças tem em mente, Dan? – Sua voz era baixa, os olhos duros. Era uma combinação que vira muitas vezes antes, em seu velho pai, e isso o fez sorrir agora.

– Parece-se exatamente com seu pai quando olha deste jeito. – Ela sorriu-lhe, mas os olhos não se abrandaram, apenas a boca. – Só quis dizer que mais cedo ou mais tarde precisaremos conversar sobre o que pretende fazer, se vai manter as minas ou vendê-las.

Olhou-o espantada e sentou-se ereta na cadeira.

– O que o fez pensar que eu pudesse querer vender? É claro que mantereí as minas, Dan.

– Está bem, está bem. – Tentava acalmá-la mas havia algo nos olhos dela que não estava gostando. – Compreendo como se sente e é realmente muito cedo para tomar uma decisão.

Ela não gostou nem um pouco da parte essencial das palavras dele e subitamente estreitou os olhos e encarou-o.

– Exatamente o que você tinha em mente, Dan? Que eu pudesse vender as minas... talvez para você?

Os olhos dela faiscavam e ele se apressou a negar sacudindo a cabeça.

– Droga, não, eu nunca poderia comprá-las de você. Sabe disso.

– Fez algum trato com alguém? – Os olhos dela estavam inquietos, atravessando-o, e ele negou com a cabeça novamente.

– Claro que não, pelo amor de Deus, seu pai morreu há apenas dois dias, como poderia...

– Não tem importância. Os abutres andam rápido às vezes. Só queria ter certeza de que você não era um deles. – Soava estranhamente madura ao lançar-lhe estas palavras e parecia muito mais velha do que seus 18 anos ao levantar-se e caminhar pelo aposento, pensando e depois olhando-o. – Quero deixar uma coisa bem clara para você. Não venderei as minas de meu pai. Jamais. Compreendeu? E vou administrá-las eu mesma, de agora em diante, exatamente como ele.

Dan olhava-a como se fosse desmaiar de espanto, mas nada vacilou ou abrandou em seu rosto. Ela continuou:

– Na segunda-feira cuidarei do que for preciso, mas a verdade é que ele vinha me preparando há anos. É quase como se soubesse que eu teria de dirigi-las um dia.

Ficou de pé com as mãos na cintura e ele olhou-a como se ela fosse louca.

– Perdeu o juízo? Vai fazer 18 anos, é uma criança... uma menina, na realidade... e vai dirigir as minas Thurston? São as maiores minas de mercúrio do Estado e seu pai queria que continuassem assim. Você vai ser motivo de piada e em menos de um ano destruirá tudo que ele construiu, Sabrina. Você perdeu o juízo! Venda-as, pelo amor de Deus. Junte um monte de dinheiro, coloque num banco, encontre um marido e vá ter filhos, mas pelo amor de Deus não se engane pensando que pode administrar as minas de seu pai porque não pode. Levei 23 anos para aprender tudo que sei. Ao menos deixe-me administrá-las para você.

Compreendeu que era isso o que ele tinha em mente, e precisava da ajuda dele, mas não era isso que ia fazer.

– Não posso, Dan. Eu realmente preciso de sua ajuda. Mas eu mesmo tenho de dirigi-las. Nasci para fazer isso.

Olhou-a com uma expressão que ela jamais vira em seu rosto. Era ódio nascido da inveja e de um plano desfeito. Caminhou na direção dela com passadas largas e brandiu o punho em seu rosto.

– Você nasceu para abrir as pernas para o homem com quem se casar e nada mais! Compreendeu?

Ela o fuzilou com os olhos.

– Nunca mais me fale desse modo! Agora saia da minha casa e eu esquecerei o que acabou de dizer. Vejo-o no meu escritório na segunda-feira. – Tremia, ali parada, encarando-o. Sabia o quanto ele estava decepcionado, mas ela precisava tomar uma posição agora. Não podia permitir que ninguém a dominasse naquele momento. E ele hesitou apenas por uma fração de segundo a mais. – E se sair da linha outra vez, irá trabalhar em outra mina, Dan.

Ele a olhou com ferocidade e caminhou a passos largos para a porta de entrada.

– Acho que é disso mesmo que preciso. E será bem feito para você. – Bateu a porta furiosamente atrás de si ao sair.

Pela primeira vez na vida, Sabrina serviu-se de um drinque. Tomou uma dose de conhaque puro, de uma só vez, e atirou-o fora. Mas sentiu-se melhor e subiu lentamente as escadas para o seu quarto e se sentou. Agora sabia o que precisava enfrentar... “Você nasceu para abrir as pernas para o homem com quem se casar”... era isso que todos eles pensavam? Que todos eles iriam pensar? Dan... John Harte... os homens que agora trabalhavam para ela... Sabia agora o quanto ia ser difícil, ou pelo menos achava que sabia.

Dirigiu-se à mina na segunda-feira de manhã, às 6 horas. Precisava de algum tempo para si mesma antes de falar com os homens. Leu tudo que havia sobre a mesa do pai. Mantivera-se sempre tão a par de tudo que ele fazia que encontrou poucas surpresas. A única surpresa verdadeira foi uma carta

fechada de uma jovem de uma “casa” do bairro chinês de São Francisco. Agradecia a Jeremiah pelo generoso presente da última vez que lá estivera. Sabrina não ficou chocada. Ele tinha o direito de fazer o que quisesse. E deixara tudo em ordem nas minas para ela. O advogado dele lera-lhe o testamento no dia anterior e era um documento simples. Deixava tudo para sua filha única, Sabrina Lydia Thurston: seus investimentos, suas propriedades, suas casas, suas terras, suas minas. Mencionara explicitamente que nenhuma outra pessoa deveria herdar seus pertences ou sua fortuna. Deixara tudo para ela e a veemência de suas palavras pareceu singular a Sabrina. Quem mais poderia querer tentar herdar alguma coisa dele? Ela era tudo que ele tinha. Deixara uma bela quantia para Hannah e para Dan e eles haviam ficado satisfeitos com as somas. Esperava que Dan estivesse suficientemente apaziguado para comportar-se hoje. Precisava da ajuda dele ali. Imaginava que seria um choque para os homens também o fato de estar pensando em ocupar o lugar do pai. Sabia que podia fazê-lo, ele lhe ensinara tanto nos últimos 18 anos que se sentia confiante. Mas agora precisava convencê-los disso e sabia que trabalhar para uma mulher poderia lhes parecer estranho também, especialmente sendo ela tão jovem.

Sabia o que a esperava, ou assim pensou. Mas a reação que obteve foi muito pior do que receava, quando fez soar o grande sino da mina, o que significava um aviso do escritório. Três badaladas significavam uma emergência na mina. Quatro, um incêndio. Cinco, uma inundação. Seis, uma morte. Mas ela tocou apenas uma vez e ficou quieta no alpendre do escritório esperando por eles. Esperou bastante e depois tocou outra vez. Finalmente vieram, em grupos ou um de cada vez, falando e conversando, carregando machados e ferramentas. Mesmo àquela hora da manhã, já estavam imundos dos pés à cabeça, aparentavam o que eram, trabalhadores braçais. Havia mais de quinhentos homens ali de pé, ouvindo-a. Era uma visão de tirar a respiração, os homens que trabalhavam para ela agora e, tinha de admitir, sentia um frio percorrer-lhe a espinha. O império agora era seu... as minas Thurston...

– Bom dia, senhores.

Era a líder deles agora. Trabalhavam para ela e lutaria por eles como seu pai o fizera. Sentiu uma onda de calor humano em relação a eles. Faria tudo que pudesse por eles. Nunca os abandonaria. Queria dizer-lhes isso agora.

– Tenho algo a dizer a vocês.

Segurava o mesmo chifre que o pai usava e eles se amontoaram em torno para ouvir o que ela ia dizer. Dan Richfield observava-a do seu lugar. Sabia como iam reagir. Não iam aceitar aquela porcaria, pelo menos esperava que não. Estava contando com eles para ajudarem-no contra ela e esperava que o fizessem.

– Quero agradecer a todos vocês por terem comparecido quando trouxe meu pai para casa semana passada. Isso teria significado tudo para ele. – Fez uma pausa, contendo as lágrimas. – Vocês significavam tudo para ele. E ele faria qualquer coisa por vocês. – Todos balançaram a cabeça concordando. – Vou dizer-lhes uma coisa agora que pode soar como uma surpresa.

Houve um ar de tristeza naqueles mais próximos e ela percebeu imediatamente o que pensavam. E um homem gritou:

– Vai vender as minas.

Mas ela balançou a cabeça negativamente.

– Não. Não vou vender as minas.

Pôde ver que ficaram satisfeitos. Gostavam de seus empregos e sentiam-se felizes nas minas Thurston. Tudo iria dar certo. Richfield tocara o barco. A maioria esperava que ele o fizesse e tinha

havido muito conversa sobre isso, nos últimos dias, nos bares da cidade. Houvera mesmo algumas boas apostas. E todos esperavam para ouvir o que ela ia dizer agora.

– As minas vão continuar exatamente como eram, senhores. Nada vai mudar para vocês. Eu mesma farei com que assim seja e, na verdade, é uma promessa que lhes faço.

Ouviram-se gritos de alegria enquanto a olhavam com admiração e ela levantava uma das mãos e sorria. As coisas estavam caminhando melhor do que esperava.

– Eu mesma administrarei as minas, exatamente como meu pai. Com o auxílio de Dan Richfield, exatamente como ele ajudou meu pai a administrar estas minas. Mantereí as mesmas normas...

Mas já não a ouviam, começavam a gritar e zombar dela...

– Você mesma vai administrar as minas? Está nos achando com cara de prostitutas?

– ... Trabalhar para uma mulher?... Tem de estar louca!... Nossa, não passa de uma criança!...

A gritaria transformou-se num estrondo, tirando a segurança de suas palavras e ela se esforçou para que não se amotinasse.

– Ouçam-me, por favor... meu pai me ensinou tudo que sabia...

Riam abertamente dela e apenas uns poucos continuaram ouvindo-a, mas era mais por descrença do que por respeito.

– Prometo...

Tocou o sino novamente mas a reunião tinha virado um pandemônio e Dan Richfield juntou-se à multidão. Ficou olhando-os desesperada e, após mais 15 minutos lutando contra eles, desistiu e foi para dentro, sentando-se à escrivaninha do pai com as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

– Não vou desistir! Não vou... que se danem... – sussurrava para si mesma.

Mas recusava-se a ser derrotada por eles, ainda que todos pedissem demissão.

No dia seguinte, foi isso exatamente o que a maioria fez. Atiraram suas picaretas e ferramentas pelas janelas do escritório onde ela trabalhava e encontrou um monte de entulho em torno de sua mesa, os nomes assinados numa única folha, encabeçados pelas palavras “Vamos embora. Não vamos trabalhar para garota alguma.” E seguiam-se as assinaturas, 322, o que lhe deixava 184 homens para explorar três minas, o que era evidentemente impossível. Era o suficiente apenas para manter uma adequadamente, as outras duas teriam de ser fechadas temporariamente. Mas se era isso que teria de fazer, ela o faria. Não cederia. Havia outros mineiros que precisavam de emprego e com o tempo veriam que ela sabia como administrar uma mina. Voltariam e, se não o fizessem, outros tomariam seus lugares. Mas era assustador de qualquer forma. Chamou cinco homens para retirarem os entulhos em torno da mesa e foi assediada o dia inteiro pela fileira de homens que vinham buscar o último pagamento antes de partirem. Era uma maneira pavorosa de começar, mas jamais desistiria. Não era esse tipo de mulher – era filha de seu pai. Ele não teria desistido em seu lugar, embora suspeitasse de que teria ficado atônito com ela. E Dan sabia disso também. Às 18 horas, olhou-a com os braços cruzados e um ar de desgosto.

– É bom que seu pai não esteja vivo para ver o que você fez.

– Se estivesse, sentiria orgulho de mim. – Pelo menos assim o esperava. Era uma questão a ser discutida. Se ele estivesse vivo, isto não estaria lhe acontecendo. – Estou fazendo o melhor que posso, Dan.

– E não está mau. Pensei que ia levar mais tempo para acabar com tudo. Em vez disso, levou apenas dois dias. O que pensa que vai fazer com 184 homens, Sabrina?

– Fechar duas minas temporariamente. Logo teremos mais homens implorando trabalho por aqui.

Parecia nervosa, mas com coragem. Era uma moça corajosa e além do mais estava com a razão. Seu pai teria se orgulhado dela.

– Parabéns, garota. Conseguiu transformar a maior mina do Oeste no menor espetáculo da cidade. E tem ideia do que sobrou trabalhando para você? Alguns velhos que Jeremiah estava conservando apenas por bondade. Ele podia se dar ao luxo de fazer isso, pois tinha centenas de outros compensando-os. Alguns garotos, que não sabem nada mais sobre este lugar do que você, e uns poucos covardes que não podiam permitir-se abandonar isto aqui porque possuem filhos demais para sustentar...

Encarou-o direto nos olhos.

– Isso inclui você, Dan? – *Touché*. – Exatamente por que você continuou? Acho que está na hora de esclarecer isso.

O rosto dele ficou vermelho e ele olhou-a com raiva.

– Tenho uma dívida para com seu pai.

– Então vamos considerar a dívida paga. Você trabalhou 23 anos para ele. É o suficiente para pagar qualquer dívida. Liberto-o, como Lincoln aos escravos. Quer ir embora? Pode sair agora mesmo por aquela porta e nunca mais voltar. – Esperou em silêncio e não se ouviu nenhum som na sala. – Mas se ficar, espero que fique do meu lado, para me ajudar a administrar este lugar, para me ajudar a reabrir as outras duas minas mais tarde. Não quero ter de lutar contra você também.

Ele tinha ido direto ao ponto. Não havia razão para continuar fazendo jogo com ela agora. Nunca o deixaria administrar as minas. Já percebera isso. Ela era uma grande idiota e tão teimosa e faminta de poder quanto o pai havia sido, ao menos é como a via agora. Tinha aberto os olhos nos últimos dois dias. Ficara por ali mais de 20 anos para que um dia pudesse administrar o lugar e em dois dias ela destruíra seus planos. Agora teria de vender. John Harte o deixaria administrar as minas. Prometera-o a Dan, se Dan o ajudasse a fechar o negócio com ela e ele ia tratar disso agora.

– Venda para John Harte, Sabrina. Nunca a deixarão administrar este lugar. Vai perder tudo que tem.

– Não, não vou. Meu pai me ensinou mais do que você quer admitir. E lamento o que está acontecendo. Pensei que eu e você pudéssemos trabalhar juntos, como você trabalhava para ele.

– E por que acha que fiz isso, sua tola? Porque o amava muito? Droga, pensei que eu iria administrar este lugar um dia, não você.

Não usaria meias palavras com ela. Odiava-a. Ele é que devia ser filho de Thurston, não aquela garota. E quem ela era afinal? A filha daquela puta que fugira e o abandonara havia 17 anos, ao menos é o que ele achava. Disseram que ela havia morrido, mas nunca acreditara nisso. Ouvira boatos sobre o amante dela na cidade havia anos, mas era apenas um menino na época e não se importava. Olhou Sabrina furiosamente, o ódio destilando dos olhos.

– Lamento que pense assim, Dan.

– Você é uma idiota. Venda para John Harte.

– Você já disse isso e sabe que não o farei. Não vou vender para ninguém. Vou administrá-las eu mesma ainda que tenha de ir lá embaixo nas minas. Vou trabalhar até cair morta, mas vou conservar o que era do meu pai. Serei tão boa para os homens quanto ele o foi e as minas Thurston daqui a cem anos ainda estarão aqui, enquanto houver mercúrio. Não vou deixar que alguém como você me amedronte e não vou vender para John Harte ou desistir porque um bando de bastardos se rebelou e foi embora. Faça o que você bem quiser, Dan, mas eu vou ficar exatamente aqui.

Era exatamente como o pai e de repente ele teve vontade de esbofeteá-la. Tencionara manter-se calmo com ela, convencê-la pacientemente a vender, mas ela puxara o tapete de baixo dos seus pés. Ela assumira, castrando-o publicamente, mostrara a todo mundo que ele não passava de um empregado, e não ia aturar isso. De repente, fitando-a no silêncio do escritório já escuro, estendeu a mão e agarrou-a pelos cabelos, perdendo todo o controle. Sacudiu-a até ouvir seus dentes baterem, mas ela não gritou. Torcendo-lhe os cabelos nas mãos, colocou-a de joelhos.

– Sua vagabunda!... cadela... não pode nem mesmo começar a administrar este lugar...

E com isto, agarrou-a pela garganta e viu exatamente o que gostaria de fazer. Segurou a gola da blusa que ela usava e arrancou-a. Ela ficou ali parada, de pé, apenas com o espartilho, saia, meias, pantalonas e botas. Em nenhum momento afastou os olhos dele e ele a olhava de soslaio, passando uma das mãos em seus seios, enquanto a mantinha presa com a outra, ainda agarrando-a pelos longos cabelos negros.

– Largue-me, Dan. – Sua voz soava muito mais calma do que ela se sentia. Estava aterrorizada com o que ele pretendia fazer. E não havia ninguém para ajudá-la agora. Estavam sozinhos na mina. O último homem já saíra e os vigias que ficavam de serviço durante a noite estariam muito longe para ouvir seus gritos e não queria que a vissem assim. Devia conquistar o respeito deles e, se a vissem ser violada por Dan, estaria tudo terminado para ela. – Se puser as mãos em mim, vai passar o resto da vida na cadeia... se me matar, será enforcado.

– Você vai contar, se eu puser as mãos em você, querida Sabrina?

Tinha os olhos ensandecidos e a voz lamurienta, falando junto a seu ouvido. E já percebera o que ela estava pensando. Como poderia admitir publicamente se ele a violentasse? Não iriam mais respeitá-la... seria culpa dela... e só Deus sabe quem iria tentar em seguida... aterrorizou-se só de pensar e repentinamente livrou-se dele com todas as forças que possuía e atravessou o aposento, abrindo com um tranco a gaveta da escrivaninha. Sabia o que o pai guardava ali e Dan também o sabia. Lutaram pela pequena pistola que ela agarrara, disparando-a para o chão; de repente, ambos ficaram paralisados, como se percebessem pela primeira vez o que tinha acontecido. Olhou-a horrorizado e ela levantou os olhos para ele com indignação e nojo. Quase a violentara e uma semana atrás era amigo deles, dela e do pai. Seus olhos fitaram os dele e sua mão tremia enquanto ainda segurava a arma.

– Quero que saia imediatamente e não volte. Está despedido.

Pareceu espantado por um instante, como se somente então compreendesse o que fizera. Assentiu com a cabeça e caminhou em direção à porta. Queria ajudá-la a vestir a blusa, mas não ousava. O que acontecera era apenas que ela destruíra seu sonho de duas décadas. Mas, ainda assim, isso não era desculpa. Não podia entender o que fizera, ou por quê.

– Sinto muito, Sabrina. Realmente... – Olhou-a desesperado e sentiu-se enojado do que quase fizera. E, no entanto, ela estava tão errada em tentar administrar as minas. Ele tinha razão nesse ponto. – Vai ter de vendê-las, você sabe. Isto vai acontecer novamente. Não comigo, mas com outro. E esse outro alguém pode não recobrar o juízo da próxima vez.

Virou-se para ele, sem se importar com sua aparência, os cabelos emaranhados, os ombros nus.

– Eu nunca a venderei, Dan. Nunca. E você pode dizer isso a seu amigo John Harte também.

– Diga-lhe você mesma. Tenho certeza de que terá a oportunidade.

– Não tenho nada a dizer a ninguém. E vou contratar todos os homens dele que puder.

Sabia que Dan provavelmente iria trabalhar para ele. Mas não se importava mais com isso. Nunca mais queria ver Dan Richfield outra vez. Era um mau-caráter. O pai o teria matado pelo que quase

fizera. Graças a Deus que parara a tempo.

Ele a olhou uma última vez, parado no aposento fracamente iluminado e achou-a extraordinariamente bonita, os cabelos sedosos caídos em volta do rosto, os olhos enormes e tristes. Que maioria difícil estava sendo para ela.

Depois que ele partiu, ela vestiu lentamente a blusa rasgada, guardou a arma na escrivaninha, arrumou a sala e finalmente apagou as luzes e deixou a mina. Era um alívio sentir o ar frio da noite no rosto e, de repente, ao fazê-lo, sentiu o corpo todo estremecer. Quase fora violentada por um homem que conhecera a vida inteira. Não conseguia nem caminhar para o lugar onde deixara o cavalo e precisou sentar-se na varanda do escritório durante quase meia hora, até poder andar novamente. E finalmente, quando montou na sela para mulheres que usava e cavalgou para casa, o vento nos cabelos, um imenso soluço escapou de seu peito, como um pássaro, e chorou alto na noite. De repente, sentia raiva do pai pela primeira vez; como pudera abandoná-la? Queria cavalgar a todo galope, por tanto tempo e tão longe quanto pudesse, mas sua fiel montaria levou-a para casa e ela foi direto para o estábulo, para a baia do seu cavalo, deixou-se deslizar para o chão e aninhou o rosto no pescoço do cavalo, perguntando-se como ele podia tê-la deixado tão sozinha, quando precisava tanto dele.

– Dan Richfield tem razão. – Deu um pulo ao ouvir a voz familiar. Hannah vira-a entrar no estábulo e fora até lá. – Você perdeu o juízo.

– Obrigada. – Sabrina virou-se para que Hannah não visse as lágrimas em seu rosto. Já tivera o suficiente por um dia. – Era disso que estava precisando.

– Seu pai nunca quis que você administrasse aquelas minas.

– Então ele deveria ter providenciado outra pessoa. Mas, já que não o fez, só tenho a mim mesma. – Olhou-a diretamente nos olhos. Não estava disposta a ouvir bobagens de mais ninguém.

– Você tem Dan.

– Não tenho mais.

– Foi embora? – Hannah estava chocada.

– Eu o despedi.

Não lhe contou que quase fora violentada e o casaco que vestia escondia a blusa rasgada.

– Então você é mais tola do que eu pensava.

– Vou lhe dizer uma coisa. – Sabrina colocou a sela no lugar de sempre e virou-se para encarar a mulher que cuidara dela desde que nascera. – Você cuida da casa, eu cuido das minas. Parecia funcionar quando você e papai agiam deste modo. Por que não tentamos o mesmo?

– Porque ele não era uma moça de 18 anos. Meu Deus, o que as pessoas vão pensar se você tentar dirigir aquelas minas?

– Não sei e não me importo. E pode ter certeza de que não vou perguntar. – E, com isso, apagou a luz do estábulo e caminhou para casa com passo decidido.

Quando Sabrina voltou ao escritório no dia seguinte havia um silêncio assustador em torno das minas. A perda de 322 homens começava a se fazer sentir e ao meio-dia ela tocou o sino e anunciou o fechamento das duas minas menores. Redistribuiu todos os homens pela rede principal de escavações da mina maior e disse-lhes exatamente o que esperava deles. De repente, havia algo de áspero nela que não havia antes e eles notaram certa diferença do dia anterior em seu olhar. Um dos homens fez um comentário a esse respeito quando voltavam ao trabalho e os outros deram de ombros. Como os homens que ainda cuidavam dos vinhedos de seu pai, não davam a mínima ao que se passava na cabeça dela, contanto que continuasse a lhes pagar o salário em dia. Foi por essa razão que haviam ficado, não por amor a ela, ou por devoção ao seu pai. Entendiam que não lhe deviam absolutamente nada, precisavam do emprego e faziam um bom dinheiro trabalhando para ela. Quanto ao resto, não se importavam realmente muito, embora quando lhes chegou a notícia de que Dan também saíra, tivessem começado a se preocupar.

- Acha que ela sabe o que está fazendo lá?
- Ela pode assinar um cheque?
- Acho que sim.

Todos os homens riram.

- Então eu fico. Ela paga melhor do que John Harte, pelo menos seu velho pagava.

E não se falara em diminuição de salário. Na realidade, ela estava pensando em lhes dar um aumento na semana seguinte. Seu pai estivera planejando isso naquela primavera e ela podia fazê-lo agora, com a saída de dois terços dos homens. Precisava concentrar esforços em recrutar mais homens e estava fazendo algumas anotações sobre isso, naquela tarde, quando a porta do escritório se abriu com estrondo. Ela levantou os olhos e viu John Harte atravessando o aposento a passos largos. Olhou-o, mas não se mexeu, nem sorriu quando ele chegou a sua mesa.

- A menos que esteja aqui para comprar mercúrio de mim, Sr. Harte, está perdendo o seu tempo, e tomando o meu.
- É uma das coisas que aprecio na senhorita. – Não parecia desconcertado ao baixar os olhos para ela.
- Um modo simpático e acolhedor, percebi desde o primeiro instante.

Apesar de si mesma, sorriu e chegou para trás na cadeira, indicando-lhe uma ao lado da mesa.

- Desculpe-me, foram dois dias muito duros. Sente-se.
- Obrigado. – Ele o fez, tirando um charuto do casaco de camurça.

Ela de repente se lembrou da jovem índia. Imaginava se ele ainda vivia com ela, não que isso lhe interessasse. Havia algo tão delicado e sensual naquela mulher e ao mesmo tempo uma visão estranha daquele homem ríspido, quase rude.

– Ouvi dizer que teve uma semana agitada. Importa-se se eu fumar?

A pergunta foi uma reflexão tardia. Era difícil pensar nela como uma dama naquele lugar. Estavam num mundo masculino e ele quase esperava que ela mesma fosse acender um charuto, embora fosse uma moça extraordinariamente bonita. Mas ela se colocara numa situação delicada e ele queria lhe oferecer uma saída.

– Não me importo. E é verdade, têm sido uns dias agitados.

– Ouvi dizer que dois terços dos seus homens foram embora.

Ela percebeu que ele não pretendia fazer nenhuma espécie de jogo. Sorriu com ar cansado.

– Assim parece. Imagino que a esta altura a maioria esteja trabalhando para o senhor. – Muito embora ele tivesse uma mina muito menor do que as dela.

– Alguns. Não precisava de todos. Empreguei os que pude. São bons homens.

– Ao que parece, não são.

Olhou-o desafiadoramente e ele admirou-a pela coragem.

– Escolheu um cavalo muito difícil de domar, Srta. Thurston.

– Sei disso. Mas ele pertencia a meu pai e agora me pertence. E vou domá-lo ainda que me mate primeiro, Sr. Harte. – E era isso mesmo o que faria.

– Vale a pena fazer isso?

Seus olhos eram amistosos, mas ela não queria a bondade de ninguém.

Ia enfrentar uma luta particular, sem os Dan Richfields da vida, ou os John Harte, ou ninguém. Estava sozinha agora. E ia consegui-lo sozinha, não importava o quanto pudesse parecer heterodoxo.

– Para mim, vale, Sr. Harte. Não vou desistir.

– Então acho que a senhorita tinha razão. – Suspirou com um sorriso.

– A respeito de quê?

– Estou perdendo meu tempo. – Apagou o charuto e inclinou-se para ela. Queria fazê-la encarar as coisas com sensatez. Não estava querendo tirar nada dela, mas ela precisava ser razoável. O que estava fazendo era errado. Nem o pai dela teria aprovado e estava preparado para dizer-lhe isso. – Srta. Thurston, é uma jovem muito inteligente, muito digna, muito encantadora e, pelo que sei, a menina dos olhos de seu pai.

O rosto dela endureceu numa expressão carrancuda.

– Está perdendo o seu tempo...

– Ouça-me! – Desta vez suas palavras foram ásperas. – Sabe o que quero. Quero comprar esta mina, toda ela, as três na verdade, isto é óbvio para nós dois, e lhe pagarei um bom preço e, se recusar minha oferta, sobreviverei. Já tenho o suficiente nas mãos e estou fazendo uma boa fortuna, de modo que na verdade não me importo, mas o que detesto ver é desperdício. Está desperdiçando esta mina aferrando-se a ela; já teve de fechar duas de suas minas, porém, mais importante ainda, está desperdiçando a si mesma. A senhorita é uma jovem. – Olhou em torno do esquálido aposento. – O que diabos está fazendo aqui? É isso que quer fazer da sua vida? Não é um homem, é uma moça. O que está tentando provar? Encostou-se na cadeira com um suspiro e sacudiu a cabeça. – Eu não o conhecia bem mas, do pouco que sei, posso lhe dizer que não era isso que seu pai desejava para a senhorita. Ninguém em seu juízo perfeito o faria. É uma vida solitária, feia, suja, estafante, escavando, desenterrando homens mortos das minas, lutando contra incêndios, inundações, mantendo os bêbados na linha. Como pensa que vai fazer tudo isso se nem sequer conta mais com Dan Richfield?

Ele a olhava com real preocupação. Ela, porém, estava alerta contra ele agora. Estava alerta contra qualquer pessoa.

– Como sabe disso? – Dan saíra apenas na noite anterior.

Foi franco com ela.

– Eu o contratei hoje. É um bom homem.

Ela sorriu com desdém.

– Pelo menos ele não vai pôr as mãos no senhor.

Fez-se um súbito silêncio entre ambos e um olhar instantâneo de raiva nos olhos dele.

– Ele fez isso?

Ela hesitou e em seguida fez um sinal afirmativo com a cabeça. Não havia mais razão para proteger Dan e ela sabia que John Harte também não o faria. Não era esse tipo de homem e, além disso, tinha a jovem índia.

– Sim, fez. Felizmente se recobrou a tempo.

John Harte meneou a cabeça e cobriu os olhos antes de olhá-la novamente.

– Se a senhorita fosse minha filha, eu o mataria por isso.

Sorriu agradecida e então lembrou-se de quem ele era.

– Bem, não sou, meu pai está morto e parece que o senhor tem um novo capataz na sua mina, Sr. Harte. – Estava insensibilizada em relação a todos agora. Levantou-se e estendeu-lhe a mão. Não queria ouvir mais nada. – Obrigada pelo seu voto de confiança e seu interesse em nossas minas. Se algum dia resolver vender, certamente o farei saber.

– Não faça isso a si mesma. – Olhou-a bem dentro dos olhos. Falava a sério. – Vai partir seu coração e consumir toda a sua vida.

Ela ficou imaginando se era isso que lhe acontecera, pois falava como um homem triste. Mas isso não era problema dela, que já tinha muitos.

– Não volte aqui para me ver, Sr. Harte. Não tem nenhum negócio a fazer aqui. – Não queria ser rude com ele, mas não o queria ver ali na mina visitando-a novamente. Ainda se lembrava da visita que ele lhe fizera para lhe dar condolências na semana anterior... uma semana apenas?... era difícil acreditar, agora que o olhava. – Minhas minas não estão à venda e não estarão por muito, muito tempo.

– Está abdicando do casamento e de uma família, então. – Estava pressionando-a impiedosamente e ela queria que ele se retirasse.

– Isto não é da sua conta. – Seus olhos faiscaram.

– Sabe, não pode fazer ambas as coisas.

– Farei como bem entender! – Sua voz açoitou-o e ela contornou a mesa. – Agora, saia daqui, Harte!

– Sim, senhora.

Levantou o chapéu para ela e caminhou lentamente em direção à porta. Tinha de lhe dar crédito pela sua coragem, mas ainda assim achava que ela estava terrivelmente enganada e lamentava que não quisesse lhe vender as minas. Teria gostado de incorporar as minas Thurston às suas. Mas o que mais o incomodava era o que ela lhe dissera a respeito de Dan... “Pelo menos ele não vai pôr as mãos no senhor”... tentara violentá-la, então? O idiota... teria de prevenir Spring Moon a respeito dele. Não queria ver o homem por perto dela, mas também não gostava da ideia de ele “pôr as mãos” em Sabrina Thurston, por sinal. Era terrivelmente injusto se aproveitar de uma jovem, por mais louca e cabeça-dura que fosse em assumir as minas do pai.

Quando voltou ao seu escritório naquela tarde, foi particularmente áspero com Dan, para grande surpresa do novo empregado. Este não conseguia imaginar o que já fizera tão cedo para incorrer na ira do novo empregador. A verdade é que era uma droga ter de trabalhar para alguém e sentia uma opressão só de pensar novamente em Sabrina. Se não fosse ela, estaria dirigindo as minas Thurston.

John Harte teve vontade de lhe dizer que nunca mais se aproximasse de Sabrina outra vez, mas não queria mostrar-lhe que sabia o que acontecera. Em vez disso, apenas avisou Spring Moon e ela riu.

– Não tenho medo dele, John Harte. – Sempre o chamava assim, o que geralmente o fazia sorrir, mas não desta vez.

– Olhe, preste atenção no que estou dizendo, talvez ele esteja ansioso por um petisco delicioso como você. Não sei quem ou o que este homem é. Tudo o que sei é que trabalhou duro nas minas Thurston nos últimos 23 anos, mas não quero vê-lo lhe causando problemas. Entendeu? Tome cuidado com ele, Spring Moon.

– Não tenho medo. – Sorriu e, com um único gesto, uma faca longa e afiada saiu da sua manga. Escondeu-a tão rapidamente que mal se pôde ver a lâmina e, desta vez, John Harte riu.

– Às vezes eu me esqueço o quanto você é esperta, linda.

Beijou-a no pescoço e voltou para o trabalho, mas não pensava em sua amante enquanto caminhava. Pensava na jovem, quase uma criança, tentando dirigir as minas do pai, com um minguido contingente de homens, e quase lamentava não poder ajudá-la. Mas não era esse o plano que tinha em mente. Dan e ele já o haviam discutido mais de uma vez. Ia sentar-se, esperar que ela fracassasse e então comprar as minas, e ambos sabiam que não iria demorar muito tempo, não importa o quanto ela achasse que sabia sobre as minas do pai. Ainda era apenas uma garota.

DUAS SEMANAS MAIS tarde, vendo os homens trabalharem em um dos túneis, ela completou 18 anos. Concedera-lhes o prometido aumento, mas apesar disso eles raramente, quase nunca, falavam com ela. As duas minas menores estavam fechadas, ela estava explorando a mina principal a todo vapor e promovera um dos homens jovens como seu novo capataz, no lugar de Dan. Ele não gostava mais dela do que os outros, mas gostava do salário e isto a satisfazia. Manejava-o com habilidade, prometendo-lhe aumentos de fazer babar, se recrutasse mais homens para ela, para que pudesse abrir a mina número dois outra vez. E em novembro daquele ano ela o fez, exatamente a tempo de sofrer uma inundação que matou cinco dos novos homens. Mas ela estava lá, na chuva torrencial, ajudando a desencavá-los, e foi ela quem se ajoelhou e fechou-lhes os olhos, quem cavalgou ensopada e cansada até os ossos para levar a notícia às esposas deles, quem ajudou a sepultá-los como o pai o fizera, e foi ela quem reabriu a terceira mina na primavera. Levou um ano para se recuperar do golpe de ter perdido mais de trezentos homens, mas agora estavam trabalhando a toda força e o rendimento era total de novo. Dan Richfield quase enlouquecia toda vez que pensava nisso.

– Não pode negar isso, Dan. É tão dura quanto o velho e duas vezes mais esperta. – John Harte mal podia acreditar no que ela conseguira.

– Vagabundazinha...

Dan não disse mais nada, batendo a porta com força ao sair. Harte observou-o ir-se. Achava que ele aprendera muito em 23 anos nas minas Thurston, mas não havia nada de digno ou apreciável a respeito dele. Surpreendia-se por Thurston tê-lo mantido por tanto tempo. Talvez contivesse mais a língua

naquela época. Tinha o objetivo de lucrar em mente, que já não importava mais agora. John Harte, porém, pensou nisso novamente e abordou Sabrina pela segunda vez.

Entrou no escritório dela um dia, tomando-a inteiramente de surpresa. Durante aquele último ano, nem sequer pensara nele, e estava orgulhosa do que conseguira fazer nas minas do pai. Sabia que os homens não gostavam dela, provavelmente nunca o fariam, mas trabalhavam duro para ela e pelo salário que recebiam.

– Veio me cumprimentar, Sr. Harte, ou trabalhar nas minas? – Os olhos dela sorriam-lhe quando ele se aproximou da escrivaninha.

– Nem uma coisa nem outra. Sou mais audacioso. Assim como a senhorita.

Admirava-a mais do que ela tinha conhecimento e pôde ver que ela sentia-se satisfeita consigo mesma. Tinha o direito. A guerra ainda não acabara, mas a primeira batalha fora vencida. A mina estava a todo vapor outra vez, embora o fato de conseguir mantê-la assim ou não fosse diferente. Ele duvidava, assim como Dan, e talvez ele estivesse errado em voltar ali tão cedo. Poderia esperar até que ela comesse a fracassar mas não o desejava. Tinha um plano de expansão para aquele ano e isto incluía comprar pelo menos uma das minas dela, talvez duas.

– A senhorita pode fazê-lo. Venda-me a menor.

Olhou-o como uma cobra pronta a dar o bote.

– Não. Nenhuma. Nada. Por outro lado – sorriu cautelosamente – gostaria de comprar a sua, Sr. Harte. – Ela acabara de completar 19 anos e parecia muito mais mulher agora. Fora um ano longo e difícil para ela, ainda era uma luta diária, e não tinha ninguém para torná-la mais suportável. – Já considerou isso?

Ele sorriu à incrível ousadia dela.

– Creio que não.

– Então, quer dizer que chegamos a um beco sem saída outra vez, não é mesmo?

– A senhorita é teimosa. Era assim quando seu pai era vivo?

– Acho que sim. – Sorriu, pensando no que acontecera durante aquele ano, que parecia toda uma vida. – Talvez não tivesse tanto motivo para ser.

Lutara pela própria sobrevivência todos os dias do ano que passara, sem a ajuda de ninguém. Quando voltava para casa à noite, tinha de ouvir Hannah censurando-a. Quase odiava voltar para casa agora, mas não tinha coragem de mandar Hannah embora depois de todos aqueles anos. Assim, toda noite ficava até tarde na mina e perdera bastante peso. Até John Harte percebeu, mas nada lhe disse. Apenas sentiu pena dela. Seria mais inteligente se lhe vendesse as minas.

– Lamento que não queira reconsiderar este ano.

– Eu lhe disse. Nunca o farei. As minas Thurston serão colocadas à venda quando eu morrer, Sr. Harte, não antes. Claro, se eu disser isso muito alto, tenho certeza de que haverá muita gente que terá prazer em lhe prestar esse favor.

Era algo triste de ser dito, mas era a pura verdade. Não tinha amigos ali, uns poucos que estavam passando a respeitá-la talvez, mas ainda assim muito poucos. Tinha mais de quinhentos homens trabalhando para si novamente mas apenas um punhado se importava se ela estava viva ou morta. Eram os que haviam trabalhado com ela na inundação ou presenciado o empenho dela nas próprias minas, tentando aprender cada aspecto do que faziam. Mas não tinham nenhuma afeição verdadeira por ela. Não como haviam tido por Jeremiah havia apenas um ou dois anos. Olhava para John Harte com poucas ilusões agora. Amadurecera. E este achava que ela tinha pago um preço alto por isso. Teve pena

dela. Estendeu a mão e ela apertou-a, mas não havia cordialidade nos seus olhos naquele momento. Muita gente a ferira naquele ano, muita gente tentara prejudicá-la, a começar por Dan. O próprio Harte mesmo não estava nada satisfeito. A mulher de Dan morreria de parto no ano anterior. Desde então, ele passava todas as noites fora farreando, deixando o bando de filhos famintos, sujos e mal vestidos. John prevenira Spring Moon novamente, mas ela simplesmente rira e brandira sua faca para ele.

– Lamento que pense assim. – Então, hesitando antes de ir embora, disse: – Não posso deixar de achar que a senhorita estaria melhor sem este fardo. – Mas para ela aquilo soava apenas como mais um modo delicado de privá-la de sua mina e ele, percebendo seu olhar cansado em direção à porta, finalizou: – Eu compreendo.

Quase se perguntou se ele realmente compreendia, mas certamente não lhe era possível. Ele não podia ter ideia de como lutaria desesperadamente para manter tudo. Nunca abriria mão das minas. Nunca.

Os vinhedos também estavam florescendo e ela se afiliara à cooperativa de produtores de vinho no ano anterior. Estava disposta a ajudá-los a produzirem mais e melhorarem seus vinhos, mas ali também mal era tolerada pelos homens envolvidos. Mas já se acostumara com isso. Acostumara-se a não ser bem-vinda em lugar algum, a mal lhe dirigirem a palavra, a ser evitada e maltratada, a ser a primeira a sentir a fúria dos outros proprietários, mas dava-lhes o troco quando precisava. Desenvolvera um temperamento elegante no último ano, nascida da permanente tensão em que vivia, e John Harte viu-a em seu rosto, achando-a ainda mais bonita do que no ano anterior. Havia algo nela que o fazia querer tomá-la nos braços. Mas isso não fazia sentido. Era uma mulher que não desejava ajuda de ninguém. Subiria a montanha sozinha e um dia sentaria no topo, sem ninguém. Isso fazia-o sentir pena dela, pois, de certa forma, ela escolhera o mesmo destino que ele e o pai dela tinham escolhido. Ambos preferiram não se casar novamente, dirigindo suas minas sozinhos. Ele com Spring Moon a seu lado, sua mulher índia, e Jeremiah com sua filha, mas ela não tinha absolutamente ninguém. O pensamento doía-lhe, ao cavalgar de volta a sua mina, pensando nela.

Sabrina, porém, não perdeu tempo pensando nele, tinha muito trabalho a fazer. Raramente se permitia divagações nos últimos tempos. Sua vida era uma luta constante apenas para sobreviver e não fora por acaso que reabriras as duas minas novamente; fizera-o com muito trabalho, horas sem fim, longas noites de atividade e meses e meses de suor.

E agora estava trabalhando da mesma forma para forçar o crescimento dos negócios. Acabara de vender setecentos frascos para uma firma no Leste e prometera aos homens um bônus quando os frascos fossem embarcados. Sabia como seu pai havia operado as minas, não havia segredos em como o fizera e, mantendo a filosofia dele, ela compartilhava uma parte dos lucros com os homens, se trabalhassem com afinco. E, se não gostavam dela, sabiam pelo menos que era correta com eles. Era tudo que lhe pediam e tudo que ela pedia em troca, mas não era o que sempre obtinha, embora já pudesse esperar mais. E se algum dos homens não era educado com ela, era despedido em menos de uma hora, se levasse tanto tempo. Podia se dar ao luxo de ser mais dura com eles, que a respeitavam por isso.

– Ela ainda é uma sem-vergonha ordinária. – Dan Richfield falava sem parar num bar certa noite com alguns dos funcionários dela, quando John Harte entrou e ele não o viu parado no outro lado do bar. – Acha que se usar calças bastante tempo vai lhe crescer um pênis.

Os homens riram e John Harte levantou a voz, em tom tranquilo, da outra ponta do bar.

– Era isso que procurava quando tentou violentá-la no ano passado?

Houve um súbito silêncio, Dan empalideceu e virou-se, espantado em ver o patrão e mais ainda em verificar que Harte sabia o que ele quase fizera.

– O que quer dizer com isto?

– Não acho que deva ficar falando de Sabrina Thurston desse modo. Ela trabalha tanto quanto nós e estes homens trabalham para ela, a menos que eu esteja enganado.

De repente, alguns deles sentiram-se envergonhados. John Harte não era amigo dela, mas tinha razão. Ela realmente trabalhava duro, devia-se reconhecer isso. Os homens foram se esquivando e Dan Richfield permaneceu, os olhos faiscando, os punhos nervosos para entrar em ação, mas não ousava. Em vez disso, tomou seu uísque com um olhar ríspido em direção a John. Mas era em Sabrina que ele queria pôr as mãos. Ela arruinara seus sonhos. E agora que sua mulher morrera, até que uma pombinha como ela ia bem.

A ideia consumiu-o durante dias, especialmente quando pensava no que ela devia ter contado a John, e na noite da segunda-feira seguinte, quando bebia no mesmo bar, resolveu passar pelas minas Thurston, e parou ao ver o cavalo de Sabrina. Eram 21 horas e imaginou que ela o tivesse deixado ali. Parou, amarrou sua própria montaria, subiu lentamente os degraus e admirou-se de vê-la. Olhou pela janela e viu-a à escrivaninha, a cabeça inclinada, os cabelos negros puxados para trás, a caneta deslizando ao escrever. Ficava lá até quase meia-noite todos os dias e ainda era cedo para ela. Ele abriu um amplo sorriso ao vê-la e, embora não o admitisse, voltara para terminar o que deixara por fazer no ano anterior quando ela o despedira. Mas ao atravessar o alpendre, uma tábua rangeu e, sem levantar a cabeça, ela abriu a gaveta da escrivaninha e tinha a arma nas mãos antes dele chegar à porta. O primeiro tiro atravessou a vidraça e passou zunindo rente ao braço de Dan, que ficou ali paralisado de terror, olhando-a com olhos arregalados, enquanto ela levantava o olhar calmamente, falando suficientemente alto para ele ouvir.

– Se atravessar essa porta, é um homem morto, Dan.

E ele podia ver que ela falava a sério. Não parecia surpresa ou amedrontada. Estava preparada para qualquer coisa e não tinha medo dele. Levantou-se e apontou a arma para a cabeça dele. Sem dizer uma palavra, ele virou-se e foi embora. Ela, então, tocou o sino chamando um dos vigias. Tinham a incumbência de guardar as minas e ela não tinha nenhuma necessidade deles onde trabalhava agora, mas chamou-os naquela hora para darem uma busca no terreno e certificarem-se de que Dan não estava por perto.

No dia seguinte mandou um aviso a John Harte, sugerindo que mantivesse melhor controle sobre seus homens. Se encontrasse outro em sua propriedade novamente ia concluir que estava sendo mandado pelo próprio Harte para coagi-la a vender as minas e o mataria ali mesmo. Informava a Harte que resolvera poupar Richfield desta vez, mas não o faria novamente. E ele não gostou de saber que Dan voltara a incomodá-la. Chamou a atenção dele naquele mesmo dia e Richfield cerrou o maxilar enquanto Harte falava, mas não pronunciou nem uma palavra. Mais tarde, John riu para si mesmo. Ela não era diferente de Spring Moon, tão segura e confiante em sua faca, e ao que parecia, Sabrina sabia manejar uma arma. Lamentava apenas que precisasse fazê-lo, mas ela vivia num mundo de homens. E John Harte não lhe fez outra proposta naquele ano.

— Bem, moça, está com 21 anos, o que vai fazer agora?

Hannah olhou-a por cima do bolo que lhe preparara e teve vontade de chorar ao ver o rosto de Sabrina. Atingira a maioridade e era uma linda jovem, mas era dura como uma rocha. Dirigia um complexo de minas de quase seiscentos homens e tomara o lugar do pai, mas para quê? Era suficientemente rica antes e agora levava uma existência solitária, trabalhando até meia-noite todos os dias, dando ordens aos funcionários, despedindo-os de imediato quando saíam da linha. E daí? Estava perdendo suas maneiras gentis e Hannah achava que tudo aquilo a destruía. Amelia dissera o mesmo quando viera visitá-la no ano anterior, mas concluía também que não havia como fazê-la mudar de ideia e dissera a Hannah que desistisse e lhe desse tempo.

– Com o tempo, ela vai se cansar – a sensata mulher sorria. – Talvez se apaixone.

Mas por quem? Por seu cavalo? Já estava apaixonada pelo trabalho e, quando não estava se matando nas minas, estava na cooperativa de vinicultura enfrentando outro grupo de homens.

– Não consigo compreender o que a tornou assim. – Hannah olhava-a em desespero. – Nem seu pai amava tanto as minas quanto você. Estava mais interessado em você.

– É por essa razão que eu lhe devo isso.

Era sempre categórica a esse respeito e Hannah balançou a cabeça e serviu-lhe uma fatia do bolo de chocolate. Era o mesmo bolo que fazia havia 21 anos e desta vez Sabrina riu para a velha amiga.

– Você é maravilhosa para mim, Hannah.

– Quisera que você fosse boa para você mesma, para variar. Trabalha ainda mais do que seu pai. Ele pelo menos voltava para você. Por que não pensa em vender a maldita mina e se casar?

Sabrina apenas riu. Com quem se casaria? Um dos homens das minas? O novo capataz que contratara quando o outro fora embora? O seu banqueiro na cidade? Não estava interessada em ninguém e tinha muitas outras coisas para fazer.

– Talvez eu seja mais parecida com papai do que você pensa. – Dissera o mesmo a Amelia. – Afinal, ele só se casou com 44 anos.

– Você não pode esperar tanto tempo – grunhiu Hannah.

– Por que não?

– Não quer ter filhos um dia?

Sabrina encolheu os ombros... filhos... que pensamento estranho... tudo em que conseguia pensar era nos setecentos frascos que precisava mandar para o Leste em duas semanas... e os duzentos e cinquenta para o Sul... a papelada que tinha para cuidar... os homens que precisava despedir ou manter na linha... as inundações que poderiam ocorrer... ou os incêndios que tinham de evitar... filhos? Como encaixá-los neste esquema? Certamente agora não se encaixavam e provavelmente nunca se

encaixariam. Não lhe parecia nenhuma perda. Não conseguia se imaginar com uma criança. Não mais. Tinha muitas outras coisas na cabeça e, assim que terminou seu pedaço de bolo, subiu para fazer as malas. Já comunicara a Hannah que ia para São Francisco por alguns dias.

– Sozinha? – Sempre fazia a mesma pergunta.

– Quem gostaria que eu levasse? – Sabrina sorriu. – Meia dúzia de homens da mina para servirem de dama de companhia no barco?

– Não seja atrevida, menina.

– Muito bem – já dissera-o milhares de vezes –, vou levar você.

– Sabe muito bem que aquele maldito barco me deixa enjoada.

– Então, vou ter de ir sozinha, não é?

E não se importava em absoluto. A viagem a São Francisco sempre lhe dava tempo para pensar e representava uma rara oportunidade de visitar Thurston House. Ainda lhe doía entrar no cômodo onde o pai morrera, mas era uma linda casa e era pena nunca usá-la. Não mantinha nenhum criado lá, ela mesma abria a casa e fazia todas as tarefas para si mesma nos poucos dias em que lá permanecia.

– Pense, Hannah, hoje todo mundo pode me achar esquisita, mas dentro de poucos anos pense em como serei perfeitamente aceita. Serei aquela velha maluca que vem dirigindo as minas há anos. E ninguém achará estranho quando eu fizer uma viagem sozinha, pegar um barco ou ir para a cidade sem uma acompanhante. Poderei fazer absolutamente tudo o que quiser – riu, e por um instante pareceu jovem novamente. – Mal posso esperar.

– Não vai demorar muito. – Hannah olhou-a com pesar. Não fora isso que desejara para a garota que criara. – Logo estará velha e terá desperdiçado todos estes preciosos anos.

Mas para Sabrina não eram anos perdidos. Sentia-se vitoriosa a maior parte do tempo e satisfeita com o que fizera. Era apenas dos outros que raramente recebia aprovação ou elogio. Achavam-na simplesmente avançada, independente e muito estranha, mas já se acostumara a isso também. Exibia o queixo um pouco mais levantado do que de costume e sua língua estava mais ferina do que fora um dia. Estava mais rápida nas respostas e mais ágil para sacar seu pequeno revólver de prata. Mas, no fundo, sabia que tinha se saído bem e estava orgulhosa do que fizera. E secretamente achava que o pai também estaria. Talvez não fosse o que desejara para ela, mas teria respeitado o que conseguira em três longos, longos anos. Sabrina surpreendia-se ao ver que já se passara tanto tempo. E ela trabalhara com afinco. Pensou nisso novamente quando descia as escadas com a mala e o casaco no braço.

– Estarei de volta em três dias. – Beijou o rosto de Hannah e agradeceu-lhe o bolo de chocolate.

Ao vê-la partir com o carro, a velha governanta ficou triste. A moça nunca saberia o que perdera, mas apesar de toda a sua força e sua independência, havia um vazio em sua vida do tamanho do celeiro lá atrás, e Hannah teve pena dela. Aquilo não era vida para ela, e não fora nos últimos três anos.

Sabrina mesma dirigiu até Napa e deixou o carro nos estábulos perto das docas, como sempre o fazia. Fora uma das primeiras pessoas em Napa a ter um carro e, como tudo o mais que fazia, provocara comentários durante meses. No entanto, não se importava, pois era uma enorme conveniência para ela. Ainda cavalgava seu velho cavalo para as minas a maior parte das vezes, mas gostava de usar o carro quando ia a qualquer lugar mais longe do que isso e, especialmente, quando ia a Napa para pegar o barco a vapor para a cidade porque poupava-lhe muito tempo. Tomou o barco já conhecido e passou as quatro horas na cabine lendo papéis que trouxera. Queria falar com o banco a respeito de umas terras que pretendia comprar e já sabia que ia ter de ouvir os conselhos de sempre, que ela faria melhor em vender os vinhedos e as minas ou contratar um homem para dirigir ambos. Nunca lhes ocorreu que

havia muito poucos homens que poderiam fazer o que ela fazia, e já se acostumara com os conselhos deles. Sorria educadamente e continuava com a negociação em pauta. E eles sempre se surpreendiam com o acerto de suas ideias.

“Quem a aconselhou sobre isso?”, quase sempre lhe perguntavam, ou: “Foi ideia do seu capataz?” Não adiantava explicar-lhes que era ideia sua, pois estava além da percepção deles na verdade e sabia que seria a mesma coisa quando voltasse a eles no dia seguinte. Mas de alguma forma chegariam ao fim e ela obteria o que queria deles. Tinham aprendido a confiar nela nos últimos três anos, assim como seus homens, embora raramente entendessem o que ela fazia ou por quê. E ela aprendera tudo com Jeremiah Thurston.

Fechou a maleta quando sentiu o barco bater de encontro às docas e desta vez não saíra da cabine. Depois do farto almoço de aniversário de Hannah, não sentira vontade de comer e tivera muito trabalho a fazer. E agora estava ansiosa para relaxar num banho quente em Thurston House. Demoraria para a caixa d’água esquentar e isso lhe daria tempo para verificar se a casa estava em ordem. Havia meses que não vinha à cidade e era a única pessoa que ia à casa, embora o banco estivesse autorizado a checá-la de vez em quando, já que ela tinha lhes dado um conjunto sobressalente de chaves.

Enfiou a própria chave na fechadura depois que a carruagem a deixou. E primeiro tivera de abrir o enorme portão, em seguida percorreram o caminho de entrada e deixaram-na na porta de casa. Não havia luz em parte alguma e quando entrou teve de tatear para acender a lâmpada e, após tê-lo feito, trouxe a mala para dentro e fechou a porta. Estava cansada esta noite. Ficou parada olhando em torno e, de repente, sentiu lágrimas nos olhos pela primeira vez em um longo tempo. Estava com 21 anos e não havia ninguém para compartilhá-la com ela, e era a casa onde o pai morreria... de certa forma era triste estar ali naquela noite, totalmente sozinha, e sentia a falta dele mais do que nunca. Estava quase arrependida de ter vindo e, sentada na funda banheira, em sua suíte, mais tarde naquela noite, rememorou os últimos três anos, como haviam sido difíceis, quantas pessoas tinham tentado prejudicá-la, desejado-lhe mal, feito com que sofresse; até mesmo Hannah estava sempre zangada e cruel. Ninguém compreendia o senso de dever ou a motivação que a mantinha dirigindo as minas; ao contrário, todos queriam vê-la fracassar ou tomá-las dela.

Ao menos John Harte parara finalmente de tentar comprar-lhe as minas e isto era um alívio. Imaginava se Dan Richfield ainda trabalhava para ele, achava que sim; não o via havia seis meses. Lembrava-se da decepção que ele fora, mas não viera incomodá-la novamente nas minas, não depois de ela ter atirado nele pela vidraça. E ao pensar nisso, olhou para a pia de mármore cor-de-rosa onde pousara sua pequena pistola de prata. Nunca a deixava muito longe das mãos e mantinha-a na mesinha de cabeceira à noite enquanto dormia. Teria colocado a arma sob o travesseiro, mas o gatilho era muito rápido, como Dan vira.

De certa forma, levava uma vida em tensão permanente mas já se acostumara. E, por outro lado, quando vinha para São Francisco livrava-se de tudo totalmente. São Francisco era tão cosmopolita, tão civilizada, e quase ninguém a conhecia. Ninguém cochichava ou parava para apontar, como o faziam em Napa, em Calistoga, ou em Santa Helena agora... olhe... é a mulher que dirige as minas!... a filha de Thurston... doida varrida ... sabe, ela dirige as minas!... é dura que nem prego... ruim como fogo... havia mil maneiras maldosas de descrevê-la e acreditava que já as ouvira todas. Ali, porém, ninguém se importava. Podia até mesmo permitir-se fingir que não era quem era, indo caminhar a esmo pela avenida Market, pela Union Square, ou parando numa florista para comprar uma rosa para colocar na

lapela ou um ramo de violetas brancas para prender no cabelo. Não precisava se preocupar com o que os seus operários fossem pensar. Podia quase fingir que era apenas uma moça comum.

E foi isso o que fez depois de ter ido ao banco na manhã seguinte. Caminhou lentamente para casa, comprou um buquê de flores perfumadas para colocar no jarro em seu quarto em Thurston House e, com um gesto repentino enquanto caminhava, tirou os grampos e deixou os longos cabelos negros esvoaçarem livremente na brisa de verão, andando com um sorriso no rosto. Era mais fácil estar ali, pensou consigo mesma, e ainda amava Thurston House, apesar da tragédia que ali ocorrera. E enquanto subia Nob Hill cantarolando alegremente, sentindo-se feliz como havia muito não se sentia, viu de repente um carro parado exatamente à sua frente, o motorista a olhando espantado, e depois sorriu.

– Meu Deus, Srta. Thurston. Eu nunca a teria reconhecido. É a senhorita mesmo?

Era John Harte ao volante de um carro e parecia estar se divertindo também.

– Eu mesma. Acabou de roubar este carro, Sr. Harte?

– Isso mesmo. Quer uma carona?

Aquele era terreno neutro para ambos. Olhou-o com um alegre sorriso e resolveu que valia a pena. Se ele pedisse para comprar suas minas novamente, sempre podia descer e ir a pé. Ele não iria raptá-la e de qualquer maneira não havia ninguém para pagar o resgate.

– Claro. – Estava encantada com o carro que ele comprara. Era o mesmo Model T que ela possuía havia dois anos, exceto que o dele era mais novo e naturalmente um pouco mais sofisticado. Pareciam adicionar um novo punhado de quinquilharias todos os anos. – Está gostando do seu carro novo?

– Acho que estou apaixonado. – Sorriu, olhando o painel e em seguida pela janela para o capô, antes de virar-se para ela. – Bonito, não?

Sabrina riu, incapaz de resistir à vontade de lhe dar uma alfinetada.

– Quase tão bonito quanto o meu.

Ele ficou espantado, dando uma sonora gargalhada em seguida.

– Tem um destes?

– Tenho – respondeu ela sorrindo. – No entanto, não o uso muito em Santa Helena. Meu velho cavalo parece mais apropriado. – Finalmente vendera o garanhão que o pai tanto amara. Nunca o cavalgava e estava ficando velho. – Mas dirijo o carro quando vou a qualquer lugar um pouco mais distante.

Olhou-a então como se a estivesse vendo pela primeira vez.

– A senhorita é realmente uma garota extraordinária. De certa forma é uma pena que sejamos inimigos. Se não fôssemos, acho que seríamos amigos.

– Se parasse de tentar comprar minhas minas toda vez que esbarramos, talvez afinal pudéssemos ser. Ela pensou então se a amante dele faria alguma objeção, mas não podia dizer-lhe algo assim.

– Ainda não pretende vendê-las, não é? – perguntou ele sorrindo.

Pela primeira vez não parecia preocupado e ela balançou negativamente a cabeça.

– Já lhe disse isso antes. As minas Thurston não irão à venda enquanto eu não morrer.

– E seus vinhedos, o que me diz a respeito deles?

Estava curioso. Gostava do brilho nos olhos dela, do cabelo solto e apercebeu-se de repente das flores perfumadas em sua cabeça. Era uma jovem extraordinariamente bonita e ele nunca realmente percebera isso, certamente um bom par para qualquer homem. Sabia disso, mas durante muitos anos só

ia ser uma desvantagem para ela. Perguntou-se o que ela fazia quando não estava trabalhando nas minas e observou-a enquanto lhe respondia.

- Meus vinhedos também irão para a sepultura comigo.
- Não parece preocupada em ter herdeiros para os quais deixá-los.

Ela encolheu os ombros e olhou para ele.

– Não se pode ter tudo na vida. Tenho o que quero... as minas, as vinhas, a terra. Meu pai amava tudo isso, eu me sentiria desleal com ele se desistisse de alguma dessas coisas. Era o que ele mais amava no mundo. Vender qualquer uma delas seria como vender uma parte dele.

Então era isso que estava na base de tudo. Se soubesse, teria compreendido que as chances de comprar qualquer parte do que ela possuía eram mínimas.

- A senhorita deve ter sido muito devotada a ele.

Sorriu para Harte quando chegaram a Nob Hill.

- Fui sim. E ele era muito bom para mim. É apenas justo que agora eu prossiga para ele.

Os olhos dele suavizaram-se.

- Mas que fardo doloroso deve ser para você às vezes.

Ela assentiu devagar, sentindo uma repentina necessidade de ser franca com ele. Tinha de falar com alguém.

– É sim, às vezes. Tem sido difícil. – Suspirou e olhou para a frente, fitando o espaço vazio. – Mas creio que há certa vitória em sobreviver a isso e fazer dar certo. Foi terrível no primeiro ano... – a voz abrandou-se ao se recordar. – Quando todos aqueles homens se demitiram e Dan Richfield foi embora... – Encolheu os ombros novamente e olhou-o. – Mas isso foi há três anos e agora tudo está bem – sorriu outra vez –, portanto, não fique pensando que vou vender alguma coisa.

- Talvez eu tente outra vez um dia, Srta. Thurston. Receio que seja o instinto animal.

Riram e ela indicou-lhe o caminho para Thurston House.

- Pois então pode esperar ser recusado outra vez.

- Acho que já estou acostumado a isso.

- Ótimo. Bem, lá está.

Indicou o portão que sempre mantinha fechado e saltou do carro para abri-lo para ele, voltou em seguida e olhou-o nos olhos. Era estranho encontrá-lo assim. As coisas eram tão menos intensas ali. Não eram rivais encontrando-se na cidade desta forma, eram apenas duas pessoas vivendo suas vidas inofensivamente. Estava usando flores no cabelo, ele comprara um carro novo e estava encantado com ele. Era como ser pessoas diferentes do que eram na realidade e Sabrina sentia-se leve ao fitá-lo novamente.

- Não precisa me levar de carro até lá dentro, posso ir andando daqui.

– Por que não me deixa levá-la até a porta em meu carro novo, Srta. Thurston? – Estava sendo muito cavalheiro, algo que nunca fizera antes.

Tinham sido inimigos a maior parte dos últimos três anos, em seguida apenas desapareceram da vida um do outro e, de repente, lá estava ele de novo, mas inofensivamente, e ela não se sentia inclinada a zangar-se com ele ou mesmo a pensar nas minas. Napa estava muito longe, tinha 21 anos e simplesmente sentia-se feliz de estar viva.

- Muito bem, se insiste, Sr. Harte.

Deixou que a levasse até a porta da frente e então, com um ligeiro sorriso, voltou-se para ele.

– Se prometer não mencionar minhas minas nem uma vez, ou fazer qualquer tipo de oferta, teria prazer em convidá-lo para uma xícara de chá ou um vinho do porto. Mas primeiro tem de prometer!

Provocava-o e ambos riam quando ele prometeu solenemente e seguiu-a. Mas não estava absolutamente preparado para o que encontrou. Era a casa mais esplêndida em que já pusera os olhos e, em seus 49 anos já vira algumas, mas Thurston House era espetacular e, como todo mundo que a via pela primeira vez, parou pasmado sob a cúpula. Ela mandara refazer todos os vitrais três anos antes e todos os danos do terremoto haviam sido consertados. Mandara até mesmo substituir a porta da frente, bastante danificada pelo fogo, que milagrosamente mudara de direção e fora embora na frente de sua casa.

– Meu Deus, como pode morar longe disto?

Ela sorriu. Haviam prometido não falar das minas e estava resolvida a não quebrar a promessa.

– Tenho outros assuntos a tratar.

Ele riu à resposta que ela deu.

– Realmente tem. Mas acho que se esta casa fosse minha, abandonaria tudo só para viver aqui.

Olhou-o com fingido espanto. Sentia-se de excelente humor.

– Está tentando quebrar sua promessa e fazer-me uma oferta?

– Não, não estou. Mas nunca vi nada tão maravilhoso quanto esta casa. Quando foi construída?

Lembrava-se vagamente de ter ouvido falar a respeito mas na verdade nunca a vira e agora Sabrina contava-lhe alguns dos detalhes e mostrava-lhe algumas das características mais notáveis da casa, enquanto lhe contava a sua história.

– Meu pai a construiu em 1886, dois anos antes de eu nascer. – De repente, John Harte olhou-a com olhos arregalados e ela surpreendeu-se. – Alguma coisa errada?

Ele balançou a cabeça em sinal negativo.

– Não... não é que eu não soubesse, mas ouvindo-a falar assim... já imaginou o que é para um homem da minha idade verificar que seu adversário, na verdade seu maior adversário, tem 21 anos? Já fez 21, não fez?

Sorriu-lhe, muito bonita e tranquila.

– Ontem.

Ele falou com voz branda e suave, como se a guerra entre eles estivesse terminada:

– Feliz aniversário, então.

– Obrigada.

Encaminhou-o de volta à sala de estar e ambos sentaram-se, tomando vinho do porto novamente. Não tinha nada mais forte para oferecer-lhe, mas parecia satisfeito com o que ela lhe dera. Na verdade, parecia absolutamente feliz. Mais do que se sentira havia anos, e ela também.

– O que fez no seu aniversário? – Olhava-a com interesse. Havia tanta coisa a respeito daquela moça, tinha tanta força, tanta calma, e uma profundidade interior que nunca percebera antes, embora o visse tão claramente agora.

– Nada especial. Vim para a cidade. – Deu de ombros. – Esperava que os homens da mina fizessem um bolo de aniversário para mim?

Ele riu, mas sentiu pena dela. Aquela jovem na verdade não tinha ninguém, a não ser os homens que trabalhavam para ela e sabia que ainda lhe tinham rancor e sempre o teriam. Precisaria morrer heroicamente num incêndio nas minas para que eles realmente lhe tivessem consideração. Nada menos do que isso seria suficiente.

John Harte olhava-a em silêncio.

– É tão jovem para ter tanto peso em suas costas, Srta. Thurston. Nunca lhe dá uma vontade de simplesmente fugir?

Olhou-o com franqueza.

– Sim. Quando venho aqui. Deve se sentir assim também às vezes.

Ele fez que sim com a cabeça e sorriu. Sua vida fora tão mais longa e mais plena do que a dela. Parecia injusto que ela ficasse presa nas minas, e como eram cruéis com ela. Ainda ouvia-o dos próprios trabalhadores e de vez em quando de alguém que tivesse despedido ou se recusado a empregar e que ia procurá-lo. Mas eles sempre iam às minas Thurston primeiro porque ela pagava muito bem. Não podia se dar ao luxo de não lhes pagar bem, pois eles detestavam trabalhar para ela. Não era nada pessoal, mas feria-lhes a dignidade trabalhar para uma mulher, ainda mais uma jovem. Como já sentira antes, de repente teve vontade de protegê-la novamente, e no entanto ali estava ela, em sua imensa, linda casa. Tinha sua casa na cidade, seus vinhedos, tinha tudo e, ainda assim, não tinha nada. Sua pequena índia, Spring Moon, tinha mais. Tinha paz, respeito, segurança e, pelo menos, tinha a ele.

– É engraçado que tenhamos nos tornado adversários, não é?

– Acho que tudo na vida é assim. – Ela sorriu. – Tudo tão coincidente, tudo tão inesperado, e tão estranho. Como encontrá-lo hoje.

– Quase não a reconheci, com o cabelo assim.

Desta vez ela riu.

– Certamente não posso usá-lo desse modo nas minas, aí mesmo é que iam me fazer passar um mau pedaço... pode imaginar o que diriam?

Começou a rir ainda mais e de repente ele estava rindo também. Às vezes, ela era apenas uma garota e nada mais complicado do que isso. Era maravilhosamente despretensiosa e simples, muito franca, e então percebia quem ela realmente era, e ficou admirado. Era uma dúzia de pessoas em uma só, e no entanto parecia tão simples e direta. Era perturbadora e encantadora ao mesmo tempo, e ele estava enfeitiçado.

– Sabe, gosto da senhorita assim.

Sorria e, sem pensar duas vezes, estendeu a mão e tocou-lhe os cabelos. Em Napa, nunca teria ousado fazer algo assim; no entanto, ali era quase outra garota, não havia nenhum mal e, por um instante, até se esqueceu de Spring Moon.

– Obrigada.

Ruborizou-se ao falar e a mão dele deslizou do cabelo para o rosto dela e, repentinamente, ela recuou. Não estava acostumada a ter ninguém tão perto de si, não desde que o pai morrera, e isso a assustou. Levantou-se para servir-lhe outro drinque, mas os olhos dele não abandonaram seu rosto nem por um instante e, quando retornou, ele falou-lhe gentilmente.

– Não quis assustá-la.

– Está tudo bem... eu... não tem importância. – Sentou-se e olhou-o com ansiedade. – É difícil ser duas pessoas ao mesmo tempo. Acho que tive de me insensibilizar a fim de dirigir as minas... creio que esqueci que pudesse ser outra pessoa... e antes disso, na realidade, era apenas uma criança.

Era pouco mais do que uma criança agora, ele tinha consciência disso, mas por outro lado estava também consciente de algo mais. E de repente ele também percebeu como ela era tola e crédula. Tinha a vaga impressão de que não havia mais ninguém na casa com eles. Não via sinal de criados em parte

alguma e, se por um lado era tão atenta e cuidadosa, por outro confiara nele, o que não devia ter feito. Franziu as sobrancelhas ao olhá-la, sentindo-se de repente paternal.

– Fica sozinha nesta casa, Srta. Thurston?

Sempre o fizera, desde que o pai morrera. Ela sorriu-lhe.

– Não me amedronta. Gosto de vir aqui sozinha.

Era uma garota estranha, solitária, mas achava-a imprudente ali.

– Não está no campo aqui. Acho muito perigoso.

– Sei me defender.

Mas ele não tinha tanta certeza.

– Eu não contaria com isso. E se não encontrar sua arma? – Lembrou-se do que ouvira falar a respeito do tiro que disparara em Dan.

– Nunca está muito longe de mim, Sr. Harte.

– É reconfortante saber. – Abriu um sorriso e ela riu.

– Desculpe-me... não quis sugerir...

– Por que não? – Tinha um ar sério novamente. – Sabe, não devia ter confiado em mim tampouco.

Olhou-o muito séria.

– Já fiquei furiosa com o senhor diversas vezes, mas nunca se comportou de maneira imprópria comigo, Sr. Harte. – Ainda se lembrava da visita de condolências dele quando o pai falecera, e não havia sido senão gentil para com ela. – Acho que já adquiri uma boa capacidade de julgar as pessoas.

– Não deve confiar nisto. Por que não traz sua governanta com a senhorita quando vem para a cidade?

– Ela fica enjoada no barco – sorriu – e, na verdade, estou perfeitamente bem aqui. Se estou segura nas minas sozinha até quase meia-noite todos os dias, o que pode me acontecer aqui?

Agora ele ficou realmente preocupado.

– Os seus empregados sabem disso?

Deu de ombros.

– Alguns. Sempre trabalhei até tarde, exatamente como meu pai. Há muito trabalho a ser feito num dia e não gosto de ficar atrasada.

Ele fazia o mesmo na própria mina, mas era perigoso para ela ficar sozinha assim, não era de admirar que Dan tivesse ido importuná-la. Tinha sorte de ele não ter voltado, pelo menos Harte achava que não o fizera e não queria lhe perguntar agora.

– Acho apenas que devia ter mais cuidado. Leve seu trabalho para casa.

Ela sorriu, sensibilizada com a preocupação dele. Além de Hannah, repreendendo-a o tempo todo, ninguém o fazia havia muito tempo e disse-lhe isso.

– Mas estou realmente bem. E agradeço a preocupação.

– Seria mais simples para a senhorita se me deixasse comprar tudo um dia.

Uma centelha de raiva relanceou pelos olhos dela e ele levantou uma das mãos.

– Não se trata de uma oferta. É uma afirmação. *Seria* mais fácil, e a senhorita também sabe disso. Mas facilidade não parece ser o que deseja. – Levantou-se e fez uma mesura e ela sentiu sua ira apaziguar-se. – Rendo-me a seus desejos.

Riu para ele, novamente com ar brincalhão.

– Que pena que não tenha pensado em fazer isso há mais tempo, Sr. Harte.

– Ora, vamos, Srta. Thurston. Eu precisava tentar, afinal de contas. E agora, eu me retrato. Talvez agora possamos ser amigos.

– Seria muito bom. – Sorriu-lhe e ele olhou-a com seriedade.

Este era o homem cujo filho morreria nos braços do pai, lembrou-se. Não era um mineiro mesquinho tentando se apoderar de sua mina. E o pai tinha consideração por ele, talvez o merecesse. Não estava certa a seu respeito agora, exceto que o respeitava. Era inteligente e conduzia seus negócios bem e com dignidade.

– Gostaria de ser seu amigo, Srta. Thurston.

Ela assentiu, olhando-o com tristeza. Nunca tivera um amigo, além das meninas que haviam frequentado a escola em Santa Helena com ela. Mas agora todas estavam casadas, tinham seus filhos, e não falavam mais com ela. Era ultrajante demais agora que dirigia as minas do pai. Precisava de um amigo, alguém com quem conversar. Imaginou como a jovem índia se sentiria se ela fosse às minas de Harte para conversar com ele de vez em quando. Estava considerando isso mentalmente enquanto ele observava seu rosto e ela então olhou-o cautelosamente.

– Teria muito prazer, Sr. Harte. Imagino se isso seria possível uma vez que estejamos de volta às nossas respectivas minas.

– Podíamos tentar um dia desses; irei visitá-la. Pode ser?

Não havia ninguém mais a quem perguntar. Nem mãe, nem pai, nem tia, nem dama de companhia. E ele na verdade lhe pedia algo que ela não compreendia. Nem ele mesmo sabia com certeza se entendia, mas observara-a caminhando pela rua e ficara sem fôlego. Agora estavam sentados ali havia quase duas horas como duas pessoas que nunca se encontraram antes. Sentia-se tão atraído por ela que não queria perdê-la novamente, não importa em quem ela se transformasse quando voltasse às minas. Sabia que esta jovem estaria escondida lá em algum lugar e não queria esquecer como ela fora naquela noite. Não lhe dissera nada de extraordinário, mas a expressão do seu olhar tocara-o fundo. Matilda se parecera um pouco com ela, mas nem de longe fora tão bonita, nem tão inteligente. E agora que estava ali sentado com ela, ocorreu-lhe como era incrível que esta jovem de 21 anos dirigisse uma das maiores minas do país. Era especial de mil formas diferentes, todas surpreendiam-no agora, precisou fazer força para deixá-la.

Quando ela fechou a porta e ouviu o carro dele partir, sentiu um estremecimento interior que jamais sentira. Recordava a expressão nos olhos dele, ou algo que lhe dissera, e ele perseguiu-a no dia seguinte quando ficou sentada no jardim, pensando nele. Tomaria o barco para Napa naquela noite e era ridículo que estivesse se sentindo tão atraída por ele. Vira-o outras dúzias de vezes, até quando criança, por três anos detestara-o e agora, de repente, mal conseguia tirá-lo do pensamento. Ele emanava uma força calma e sutil, um poder, e no entanto uma cordialidade, qualquer pessoa sentia-se totalmente segura a seu lado. E percebia agora que sentira isso a respeito dele antes, mas estava muito ocupada em ter-lhe raiva para prestar-lhe mais atenção. Mas era ridículo que ficasse pensando nele tão constantemente agora. Importunou-a a tarde inteira e novamente no barco para o Norte e novamente quando dirigia o carro para casa. E quando foi para a mina na manhã seguinte, ainda pensava nele, exatamente como ele estava pensando nela.

Quando John Harte chegou à sua mina, ouviu de Dan as notícias que ela descobriu ao entrar em seu escritório. O tributo estava escrito no quadro-negro acima de sua mesa e percebeu de repente que deveria ter notado assim que entrara. Houvera uma explosão no fundo da mina e o dano fora mínimo,

porém mais de trinta homens haviam morrido. Trinta e um, para ser exata, como disse a John Harte quando ele veio visitá-la no dia seguinte e ela lançou-lhe um olhar.

– Podiam ao menos ter me enviado um telegrama. Em vez disso, não disseram nada e lá estava eu com flores nos cabelos... – Tinha os olhos vermelhos e estava furiosa consigo mesma.

– Tem direito a mais do que simplesmente isso em sua vida, bem sabe. Eles também vão para casa à noite. Têm filhos e esposas e se embebedam. E você faz o quê? – Estava zangado com ela por ser tão dura consigo mesma.

– Sou responsável por todos eles.

Falou-lhe aos berros e ele segurou-lhe o braço.

– É responsável por você mesma, pelo amor de Deus, Sabrina.

Era a primeira vez que a chamava pelo nome e ela gostou de ouvi-lo em seus lábios.

– Deve muito mais a você mesma do que este monte de poeira. Não compreende isso, sua cabeça-dura?

E, ao ouvi-lo falar assim, ela sorriu. Algo estranho lhes acontecera enquanto ficaram sentados lá em Thurston House. Após todos aqueles anos, haviam se tornado amigos.

Seus olhos entristeceram-se novamente.

– Sei apenas que 31 dos meus mineiros morreram. E eu não estava lá.

– Isto teria mudado alguma coisa?

– Poderia ter mudado a maneira como se sentem.

Mas ela sabia que isso não era verdade. Nada jamais iria mudar essa situação. Em vez de dizer-lhe isso, ele apenas meneou a cabeça.

– Já lhes deu muito. Deu-lhes três anos de sua vida, o que é mais do que alguém pode ter o direito de lhe pedir, pelo amor de Deus. Fiz a mesma tolice na minha mina e não me agradecem por isso. Quando morrer, não vão nem se importar.

Mas Sabrina sabia que isso não era verdade. Lembrava-se dos homens enfileirados quando o pai morrera e ela o trouxera para casa.

Falou com voz triste e baixa.

– Eles se lembram.

Os olhos deles se encontraram e não se desviaram.

– Então é muito tarde. Quem se importa? Seu pai não se importava. – Lembrava-se disto também. – Não significava nada para ele. Sabe o que era mais importante para ele? Você. Talvez fosse melhor pensar nisso. Você era tudo que importava para ele. – John Harte sentiu um nó na garganta – Assim como meus filhos eram tudo que importava para mim.

Ela o olhou e sentiu pena dele.

– Foi por isso que nunca se casou novamente? Por causa deles?

Não lhe negou isso. Queria ser honesto com ela. Gostava muito dela para não ser.

– É verdade.

Sabia que ela devia ter ouvido falar em Spring Moon, mas não queria discutir isso com ela. Havia muita impropriedade envolvida e ele a respeitava.

– Nunca mais quis me importar com isso. Queria apenas me sentir bem. Não suportaria passar por aquilo novamente, perder alguém que eu amasse.

Seus olhos encheram-se de lágrimas ao lembrar-se e já faziam 23 anos que Matilda, Jane e Barnaby tinham morrido.

– Acho que foi assim que meu pai se sentiu a respeito de sua primeira noiva. É o que Hannah diz. Não quis se casar durante 18 anos.

– E não creio que eu o faça um dia – olhou-a com firmeza –, mas pelo menos tive isso uma vez. Você nunca teve e nunca terá, se ficar trancada aqui.

Olhou-o furiosa novamente.

– Está tentando me convencer a desistir novamente, não está?

– Não, não estou, diabo. Mas estou tentando lhe dizer algo que é importante para você, ou pelo menos devia ser. Não dê a essas pessoas tudo que tem, Sabrina. Nunca vão lhe retribuir. Dê para alguém que o mereça ... – Sentiu a garganta apertar novamente e não sabia ao certo por quê. – Para alguém que você ame... encontre alguém por quem se interesse. Vá desfrutar sua bela casa em São Francisco, viver sua vida. Não a desperdice aqui. Seu pai não iria querer isso para você, menina. Não é justo.

Estava comovida tanto pela expressão nos olhos dele quanto pelas suas palavras. Assentiu lentamente movendo a cabeça e em seguida foi ver os homens nas minas, com as palavras dele ressoando nos ouvidos.

O pior incêndio na história das minas em mais de cinquenta anos varreu as minas Harte em agosto de 1909. A devastação do fogo era quase indescritível, enquanto o inferno continuava a queimar e se alastrar no subsolo. Durou cinco dias. Homens eram retirados inteiramente carbonizados e quase não havia meios de resgatá-los. Os gases queimavam com tal intensidade que as equipes de salvamento eram forçadas a recuar cada vez que tentavam chegar aos mineiros presos lá dentro. Durante cinco dias, John Harte lutou com todas as forças de que dispunha. Queimou bastante os dois braços, bem como as costas, mas salvou sozinho mais de vinte homens e, ao final do segundo dia, Sabrina Thurston foi para lá. Trabalhou junto com os empregados dele, com grupos de salvamento de outras cidades, com médicos que vieram de Napa para ajudar e com Spring Moon, que aplicava unguentos e ervas nas queimaduras. Foram cinco dias horríveis, intermináveis, angustiantes, e quando as últimas chamas finalmente foram extintas, todos estavam cambaleantes por falta de sono e as filas de comida para as equipes de salvamento começavam a desaparecer. O último dos homens feridos havia sido removido, assim como os mortos. Sabrina sentou-se num tronco chamuscado, o rosto sujo de fuligem, uma das mãos muito queimada da tentativa de apagar o fogo das costas de um dos mineiros, e olhou para John Harte, que se aproximava. Os olhos dela estavam tão vermelhos que mal conseguia vê-lo; mas ele sorria, o próprio rosto tão sujo quanto o de Sabrina.

– Não sei como lhe agradecer por tudo que fez.

– Teria feito o mesmo por mim, não teria, John?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. Ambos sabiam que ele o teria feito. E ela mandara buscar centenas dos seus homens para ajudar. Não se ouvira nenhuma reclamação ou protesto. Estavam sempre dispostos a ajudar os companheiros nas horas de desespero e haviam respondido imediatamente ao pedido de Sabrina. Vieram em bandos e agora, juntamente com os outros, estavam se apressando para ir embora.

– Seus empregados foram maravilhosos.

E assim o fora Spring Moon também.

Tinha um jeito delicado e habilidoso com os operários e mais de uma vez percebera que Sabrina a olhava enquanto ia de um ferido para outro. E vira algo mais também, alguma coisa crescendo entre Sabrina e John, que eles mesmos ainda não percebiam. Mas vira a maneira como se olharam mais de uma vez, com uma compaixão e uma ternura que Spring Moon reconhecia como o primeiro indício de amor e se perguntava quanto tempo mais levaria para a semente germinar.

Mas não era em Spring Moon que John estava pensando agora. Virou-se para Sabrina com um ar preocupado.

– Vá para casa e descanse, menina; irei vê-la mais tarde. Quero ver se esta mão fica logo boa.

Olhou-lhe a mão outra vez e ela sorriu-lhe, cansada. Ele parecia ter um fôlego inesgotável. Não descansara durante cinco dias. Ela mesma fora em casa uma vez para trocar de roupa, pois estava imunda da fuligem, das cinzas e da fumaça das minas. Ainda agora penetravam em tudo que vestia, tudo que tocava sua pele. O cabelo recendia e estava ansiosa para chegar em casa e tomar um banho. Não podia resistir diante da perspectiva de se estender em lençóis limpos em sua cama. Mas conseguia manter-se acordada ao cavalgar para casa. Durante todo o trajeto, porém, pensou nele novamente e no homem extraordinário que era. Tinha 49 anos e era um dos mais bonitos que já vira. E ao se enfiar na cama naquela tarde, de repente teve inveja de Spring Moon. Ainda sonhava com ele depois do sol se pôr naquela noite, quando Hannah bateu com força em sua porta. Sabrina sentou-se ereta na cama, os cabelos caídos em volta do rosto, e estreitou os olhos para a velha governanta.

– O fogo começou de novo?

Estivera sonhando com o incêndio, John Harte, Spring Moon e todos os feridos, mas Hannah balançou a cabeça em sinal negativo. Ainda tinha um ar cansado também. Cozinhou para os homens durante aqueles dias, sem dormir, enquanto ia e vinha das minas Harte.

– John Harte está lá embaixo. Disse que veio ver como está sua mão. Disse-lhe que você dormia, mas ele me pediu que viesse dar uma olhada.

Viu a mão de Sabrina e notou que estava bem. Parecia-lhe engraçado que ele estivesse preocupado com uma queimadura tão pequena. A dele parecia bem pior e de repente Hannah viu-se pensando nele. Não o admirava muito. Droga, havia anos que vivia com aquela jovem índia. E ele não ia colocar Sabrina com ela, não se dependesse dela. Achou, porém, que era provavelmente mais uma maquinação para fazer Sabrina vender as minas.

– Quer que eu simplesmente lhe diga que você está bem?

Sabrina fez que não com a cabeça e pulou da cama, apanhando o roupão da cadeira e descendo rapidamente as escadas até ele, em pé na sala da frente. Parecia completamente exausto, mas sorriu ao vê-la.

– Você está bem, Sabrina?

– Estou. Quer beber alguma coisa?

Começou a balançar a cabeça negativamente mas mudou de ideia.

– Não recusarei um trago de uma bebida forte para me manter de pé outra vez.

Ela sorriu às palavras dele, serviu uísque puro e entregou-o a ele.

– Devia estar dormindo, em vez de “manter-se de pé”.

– Há muita coisa ainda por fazer.

Era um refrão familiar a ambos.

– E quem as fará se você cair morto, seu tolo?

Ele sorriu.

– Está começando a se parecer comigo censurando-a.

– Estou, não é?

Sorriu e ficou séria novamente, pensando nos mineiros que haviam morrido. Foi o pior desastre que já vira, mas muitos deles tinham sido salvo.

– Quisera ter a possibilidade de salvar mais homens, John. – Levantou os olhos para ele e ele balançou a cabeça.

– Não foi possível, Sabrina. Tentamos... todos nós... – Mas as condições foram piores do que qualquer ser humano podia suportar e com os vapores do gás grassando pelas minas, a morte fora

rápida. – Tivemos sorte em não perder mais alguns. Sou grato por isso.

Ela, porém, lamentava por ele de qualquer forma e, então, de repente, teve uma ideia engraçada e virou-se para ele.

– Ora, John, você agora já teve seu quinhão de problemas, por que não me vende suas minas?

Brincava com ele. Era isso que ele lhe teria dito um ano antes.

– Tenho uma ideia melhor. – Sorriu-lhe de modo estranho. – Por que não se casa comigo?

O coração dela parou enquanto o olhava. Estava brincando com ela. Sabia disso, mas era estranho que o dissesse... e antes que pudesse dizer alguma coisa, ele beijou-a suavemente nos lábios. Nenhum homem a beijara antes e ela sentiu todo o corpo derreter quando ele a tomou nos braços. Uma vida inteira pareceu se passar até ele soltá-la. Ficou completamente surpresa, enquanto ele sorria para ela e a beijava de novo; desta vez afastou-o delicadamente, para que pudesse respirar, e olhou-o fixamente.

– Os gases o afetaram?

– Deve ter sido isso! – ele riu e beijou-a outra vez, mas ela se pôs rapidamente de pé, o roupão deixando à mostra seus tornozelos bonitos e pés graciosos.

– O que está fazendo, John Harte? Perdeu o juízo? – Tinha uma amante índia que vivia com ele e agora a pedia em casamento. Devia estar brincando. Seus olhos, no entanto, diziam que falava a sério e, como sempre, Sabrina foi franca com ele. – E Spring Moon?

Brevemente ele pareceu hesitar, mas seus olhos nunca se desviavam dos dela. Pensava nisso havia dias. Spring Moon conhecia-o bem.

– Lamento que saiba o quanto sabe, Sabrina. Não é algo que gostaria de ter discutido com você. Mas tem o direito de saber, creio. Após tê-la encontrado em São Francisco na primavera e ter começado a visitá-la – Sabrina olhou-o surpresa, não sabia que ele via as coisas assim –, pedi, há dois meses, que Spring Moon se mudasse. Ela está morando numa cabine separada perto das minas e vai voltar para o seu povo em Dakota do Sul no fim do mês. Eu ia esperar e pedir você em casamento nesta ocasião... mas não pude aguentar, trabalhando nesses últimos cinco dias com você; tudo que eu queria era envolvê-la em meus braços, mantê-la a salvo, e esta noite... não posso mais viver sem você. – Os olhos dele de repente pareciam úmidos e ela imaginava se seria da fumaça. – Nunca pensei que fosse querer fazer isso outra vez. Não queria mais colocar meu coração em risco depois que Matilda morreu.

Olhou-a e a lembrança da mulher e dos filhos se interpôs entre eles, mas sua voz era suave quando voltou a falar.

– Isso foi há 23 anos, Sabrina... Não posso fechar meu coração por causa deles e Spring Moon tem sido boa para mim todos esses anos, mas a vida é mais do que simplesmente isso.

Era exatamente o que Jeremiah havia descoberto havia 23 anos, quando conhecera Camille e abandonara Mary Ellen Browne. Mas Sabrina ainda não respondera ao pedido de John. Olhava-o espantada, sem acreditar.

– Ela compreende – continuou ele.

Eles haviam tido uma conversa franca, longa e honesta naquela noite, antes de ele ir até ali para pedir Sabrina em casamento. Quis honrar os anos que partilhara com Spring Moon contando-lhe primeiro. Ambos haviam chorado, mas ele sabia que o que sentia por Sabrina era verdadeiro e Spring Moon também o sabia. Amava-o o bastante para lhe desejar o melhor e para deixá-lo partir dignamente.

– Por que iria querer se casar comigo? – Parecia assombrada, muito mais do que Spring Moon, e o pensamento das minas atravessou a mente de Sabrina... agora que as minas dele tinham sido tão

danificadas pelo incêndio... mas repeliu o pensamento. – Não sei o que dizer... como eu... eu iria... e se...

Ele podia imaginar todas as dúvidas que atravessavam sua cabeça e delicadamente puxou-a para junto de si.

– Eu poderia administrar as minas para você, ou você mesma poderia continuar a administrá-las, se é isso que quer. Não vou me interpor no seu caminho e não vou tirar-lhe nada. As minas Thurston são suas até o dia da sua morte, exatamente como você disse que seriam. Nunca mais vou tentar mudar isso, o que quero é algo muito mais importante do que suas minas, Sabrina. – Abaixou o olhar para ela da sua imensa estatura e apertou-a junto a si, o cheiro da fumaça ainda agarrado em ambos, mas nenhum dos dois se importava. – Eu quero *você*, menina querida... e isto é tudo que eu quero, pelo resto de sua vida. Talvez eu seja um pouco velho para você e sei que merece muito mais, mas tudo que tenho é seu, Sabrina Thurston, minhas terras, meu coração, minhas minas, minha alma... minha vida...

Olhou-a e os olhos dela encheram-se de lágrimas. De repente, beijava-o novamente, a barba dele tinha gosto de fumaça, mas ela não se importava. Subitamente começou a rir, ele olhava-a e ela mal conseguia falar ao explicar-lhe:

– Achava que você era meu inimigo... e agora... olhe só para nós...

Ele beijou-a novamente e levantou-a do chão vestida em seu roupão, no exato instante em que Hannah entrava com chá e biscoitos. E ela olhou para John com ar feroz e fixou o olhar penetrante em Sabrina.

– Agradeceria a ambos que se comportassem nesta casa. Sabrina – resfolegou e sacudiu o dedo para ela –, não me importa se você dirige uma mina e quinhentos homens, nesta casa comporte-se como uma dama e com um pouco de dignidade.

– Sim, senhora. Isto vale também para quando eu estiver casada?

Olhou a antiga babá com ar angelical e a velha senhora continuou:

– Depois que se casar, pode fazer o que bem entender, isto é, se – de repente ela parou e olhou-os. – O quê? – Olhou para John com olhos arregalados enquanto ele balançava a cabeça alegremente para ela. E com isso Hannah soltou um grito longo e agudo, enquanto Sabrina atirava os braços em torno dela e John Harte abraçava ambas. E então, de repente, Hannah recuou e fitou-o novamente. – Espere aí um instante – pôs as mãos na cintura e encarou-o. – E aquela índia?

John corou e riu ao responder-lhe.

– Que bom que somos todos tão discretos.

– Discretos uma ova. Se pensa que vai mantê-la por perto e casar-se com minha menina...

Sabrina comoveu-se com a maneira como a chamara e riu ao responder por John.

– Ela está partindo para Dakota do Sul na próxima semana.

– E já não é sem tempo. Com 10 anos de atraso, se quer saber. – Em seguida, as mãos na cintura, sorriu-lhes. – Nunca pensei que veria este dia, perdi as esperanças quando começou a administrar suas malditas minas.

– Ela agora vai administrar a minha para mim.

John sorriu, Sabrina riu e Hannah deu um grito esganiçado.

– Ela não vai fazer isso! Vai ficar em casa comigo e criar seus filhos, John Harte. Não vai haver mais esta bobagem de minas por aqui!

– O que tem a dizer sobre isso? – ele perguntou num sussurro à sua futura mulher.

Ela sorriu e respondeu:

– Veremos. Talvez você possa administrar as minas para mim. – Era uma surpreendente reviravolta para ela e ainda não estava inteiramente certa. – Isso me daria mais tempo para cuidar dos vinhedos.

Mas até ali o que gostara mais fora da ideia de Hannah... ficar em casa e criar os filhos dele... que pensamento curioso. Ele notou a expressão nos olhos dela e inclinou-se para beijá-la.

– Tudo a seu tempo, meu amor... tudo a seu tempo.

Não havia ninguém a quem John pudesse pedir a mão de Sabrina, e, depois que ele partiu, ela e Hannah conversaram durante horas, quase como irmãs, e a velha senhora chorou e abraçou-a com força. Jeremiah teria ficado satisfeito em vê-las. Ainda mais em se tratando de John Harte.

– Já tinha perdido as esperanças, menina... nunca pensei que fosse ver este dia.

– Também não achava que você veria – Sabrina riu.

Parecia feliz, mas ainda podia sentir uma onda de medo percorrer sua espinha. Esperava estar agindo certo. Tinha certeza de que estava... mas era um passo tão grande e havia tantas coisas a decidir agora a respeito das minas. Havia, é claro, a possibilidade de unificar as duas empresas, mas não queria fazer isso. Queria manter todos os negócios dele separados dos dela. Estava se casando com ele, mas não entrelaçando seus bens aos dele. Uma das melhores coisas a respeito de tudo aquilo era que se ele administrasse suas minas, como disse que poderia fazer, lhe sobraria mais tempo para trabalhar com seus vinhedos e seus vinhos, pois havia muito que desejava ter mais tempo para isso.

– Não acha que podia simplesmente ficar em casa e costurar? – Ele provocou-a uma vez, quando estavam sentados na varanda da frente. Aguardara-a voltar para casa, galopando pela estrada em seu velho cavalo. – Onde vamos morar?

Ela já havia pensado nisso e não estava muito ansiosa para morar na casa onde a mulher dele e os filhos haviam morrido e onde ele vivera com Spring Moon por mais de uma década. Esta partiria para Dakota do Sul dentro de poucos dias e Sabrina tomava o cuidado de não falar nela. Não queria ser indelicada com ele, já era bastante ruim que soubesse da existência dela. Mas ainda não tinham resolvido a questão do local em que iriam morar e não sabia como ele encararia a possibilidade de morar na casa dela.

– Que tal morar aqui?

Ele meditou por algum tempo, alisando a barba, e em seguida olhou-a.

– Estou um pouco velho para morar na casa de outro homem, Sabrina. De certa forma sempre pareceria a casa de seu pai para mim.

Ela concordou com a cabeça, compreendia, mas era um dilema de difícil solução. E John olhou-a com um sorriso maroto. Parecia ter muito menos idade e achava extraordinário que pudesse ser 28 anos mais velho do que ela.

– Que tal morar em Thurston House? Seria divertido, não seria? – Olhava-a como um menino travesso e ela riu. Era a casa dela, mas ninguém morava ali há tanto tempo, era quase como território neutro.

– Seria divertido. Mas e as minas? Sem falar dos vinhedos.

– Poderíamos dar um jeito, creio. Não temos de morar na cidade o tempo todo. Mas pode ser uma boa mudança para nós dois, quando eu puser aquelas suas minas em ordem. Só Deus sabe o que você andou aprontando por lá.

Ela deu-lhe uma palmada e ele riu. Já vira alguns dos diários de trabalho que mantinha e surpreendera-se com a maneira impecável com que administrava os negócios. Perguntava-se como conseguira aprender tudo aquilo e havia até mesmo algumas ideias a absorver dela, embora, após 27 anos administrando suas próprias minas, quase podia fazê-lo de olhos fechados, mas estava extremamente impressionado com ela.

– Você não é exatamente uma noiva comum, menina. – Inclinou-se e beijou-lhe a face, tomou-lhe a mão na sua, tão maior, e ela recostou-se nele na brisa da noite.

Nunca se imaginara amando-o em todos aqueles anos e, de repente, lá estava ele e sentia-se como se tivesse nascido para ele.

Foi depois do jantar, mais tarde naquela noite, que ela levantou a questão de Dan nas minas Harte.

– Já havia pensado nisso – John franziu as sobrancelhas e olhou-a com ar severo. – Não posso negar o fato de que ele é bom naquilo que faz. Mas não o quero perto de você – respondeu-lhe com ar infeliz.

– Que importância tem ele para você, John?

– Menos importância do que você, meu amor. – Fitou-a. Era estranho como os sentimentos por ela eram profundos. Abateram-se sobre ele de repente, depois de todos aqueles anos. E tivera tanta certeza de que nunca se sentiria assim de novo. – Vou mandá-lo embora.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

– Sim. – Sua voz era firme. – Não preciso lhe explicar o motivo. E não está comigo há tanto tempo assim. – Fazia apenas três anos que Dan saíra das minas Thurston e trabalhava com afinco para ele, mas não podia continuar trabalhando agora. John teve certeza ao meditar sobre isso. – Vou dar-lhe o aviso na semana que vem.

Sabrina franziu as sobrancelhas e olhou para John.

– Vai ser um golpe para ele.

– Ele deveria ter pensado nisso há muito tempo, quando lhe trouxe tanto problema.

– O engraçado é que tudo isso começou com ele querendo que eu vendesse as minas para você e, em vez disso, aqui estou eu casando-me com você. – O que ambos sabiam que não era o mesmo. – Tudo que ele sempre quisera era administrar as minas de papai, sem papai por perto, ou eu. – Ela sorriu.

– Não o deixei com rédea solta como ele pretendia tampouco. Simplesmente não sou este tipo de homem. Eu mesmo administrei aquelas minas por muito tempo.

Ela entendia perfeitamente. Sentia-se da mesma forma a respeito das suas e isso havia apenas três anos. Gostava de fazer tudo ela mesma, a seu próprio modo, e seria difícil passar as rédeas para John agora. Estava plenamente consciente disso, mas confiava nele e, com o tempo, confiaria ainda mais. Já tinham concordado que durante os seis primeiros meses ela continuaria trabalhando meio-expediente para mostrar a John os sistemas que usava, apresentá-lo aos empregados. Não largaria tudo repentinamente. Não podia fazer isso. E ele iria fazer um rodízio entre as minas dela e a própria. Ele insistia que daria certo.

– E nos intervalos de tudo isso você quer ficar em Thurston House?

Não via como iriam ter tempo de sair de Napa mas ele afirmava que teriam. E quando ele a beijou ao deixarem a varanda naquela noite, tinha a certeza de que ele era capaz de qualquer coisa.

Os danos causados pelos incêndios nas minas levaram várias semanas para serem reparados, com todos os homens da mina trabalhando hora extra para ajudar e até mesmo Spring Moon mudou seus planos e resolveu ficar mais algumas semanas. Mantinha-se reservada agora, parecendo aceitar seu destino, sabendo que seu caso com John Harte chegara ao fim. Nunca dirigia a palavra a Sabrina, quando se encontravam, mas seus olhos buscavam-na, fitando-a intensamente, e Sabrina não sentia nenhuma hostilidade neles. Havia uma espécie de fascínio e cada uma se esforçava para não ficar encarando a outra, até que John aparecia e levava Sabrina. Perturbava-o vê-las próximas em qualquer lugar de sua propriedade.

– Quero que mantenha distância dela – John repreendeu Sabrina primeiro e a voz de Sabrina soou tímida em resposta.

– Ela é tão bonita. Sempre achei. – E em seguida: – Acho que meu pai também.

John surpreendeu-se com suas palavras.

– Ele lhe disse alguma coisa?

Ela riu e fez que não com a cabeça.

– Não. Eu tentei perguntar-lhe a respeito uma vez, mas se recusou a falar sobre isso. Disse que não era assunto que fosse discutir comigo.

– Quero crer que não – John ficou vermelho até a raiz dos cabelos e olhou-a. E então disse algo que sabia que não deveria dizer. Não queria falar sobre Spring Moon com ninguém, muito menos com ela.

– Você é muito mais bonita do que ela, menina.

– Como pode dizer isso? – Parecia chocada. – É a mulher mais bonita que já vi.

Ele balançou a cabeça e deu mais um passo para junto dela.

– Não, meu amor, você é que é.

Era ainda mais bonita do que sua primeira mulher. Com seus cabelos negros, seus imensos olhos azuis. Ela levantou os olhos para ele, que se sentiu derreter por dentro. Lado a lado, com seus ombros largos, o cabelo ainda escuro, olhos brilhantes e barba saliente, formavam um belo casal e ele olhou-a com orgulho. Mal podia esperar pelo dia do casamento. Tinham começado a participar aos amigos nos últimos dias e Hannah espalhara a notícia por toda a cidade. E a novidade finalmente chegou aos empregados dele, em seguida aos dela, e não se falava em outra coisa nas minas, principalmente nas minas Thurston, onde se perguntavam que impacto isto teria sobre eles.

Mas havia outro homem que se perguntou a mesma coisa quando ouviu a notícia e ficou enfurecido com a peça que o destino lhe pregara novamente, quando John lhe disse que ele não podia continuar trabalhando ali. John não lhe explicou por que o estava despedindo, mas não havia dúvidas para Dan Richfield. Ela o derrotara outra vez. E desta vez ele ia pegá-la. John Harte dera-lhe duas semanas para se organizar e arrumar suas coisas e ele sabia que precisaria deixar a cidade, porque não havia outras minas por perto além das dela e das dele. As minas de prata em Napa havia muito estavam extintas, já estavam desde a época de Jeremiah, e não restava nada além do que John e Sabrina controlavam. Não havia nenhum outro lugar para Dan ir. Estava com 37 anos e todos os seus filhos estavam praticamente criados. Nem mesmo queria levá-los consigo e falava em deixá-los em Santa Helena com amigos. Mas não era nas crianças que pensava agora, sentado, bebendo, entrando e saindo dos bares, e espalhando entre os mineiros supostos boatos que teria ouvido. “Ela anda dormindo por aí com ele... nossa, e o fazem com aquela índia dele, reparou que ela ainda não foi embora”... e ao cabo de uma semana as duas minas estavam cheias de cochichos sobre a imundície que ele espalhara.

– Anda falando da minha futura esposa? – John Harte agarrou-o pela gola um dia, quando deixava as minas Harte.

Sabrina ainda estava mergulhada no trabalho na própria mina. Mais ainda agora, pois dentro de dois meses estaria casada e começando a passar as rédeas para John. Precisava deixar tudo em ordem para ele. E por causa disso, ele quase nem a via. Mas Dan Richfield encarou-o, o hálito recendendo a uísque, enquanto olhava para o homem mais alto e mais forte, mas não parecia ter medo.

– Nada que já não tenha ouvido, Sr. Harte. Ela não tem sido boa para mim.

– Não foi bem isso que ouvi.

– Ou no que acreditaria.

Dan Richfield era atrevido e por um instante não se sabia o que John Harte faria com ele, mas largou-o em seguida, com um gesto repentino.

– Desapareça daqui, Dan. Pelo que me lembro, tem apenas dois dias.

– Partirei antes disso.

E ninguém ia lamentar, muito menos John. Ainda bem que o despedira. Nunca percebera antes o quanto ele andava bebendo.

– Para onde vai, por falar nisso?

– Para o Texas, eu acho. Tenho um amigo que possui um rancho e alguns poços de petróleo por lá. Acho que seria uma boa alternativa para essas minas miseráveis. – Olhou por cima dos ombros para a mina onde trabalhara mais de três anos e novamente para John.

– Vai levar seus filhos? – Richfield encolheu os ombros e John olhou-o fixamente. – Tome cuidado para não se atrasar por aqui.

Não sentia nenhuma simpatia por ele. Era óbvio quanto Dan odiava Sabrina e John não queria mais vê-lo por perto. Estava mais do que na hora de ele partir e tirou-o do pensamento tão logo voltou para o escritório para tratar dos papéis em cima de sua mesa. Ainda tinha muito trabalho por fazer.

E Sabrina fez o mesmo nas minas Thurston até quase 19 horas, quando, em pânico, olhou o relógio. Prometera a John que iria até lá jantar com ele. Achava estranho às vezes agora ter uma vida inteiramente nova. Havia alguém esperando por ela ao fim de cada dia, tinha alguém a quem contar seus problemas, compartilhar as vitórias, apoiar-se quando estava cansada, alguém para acariciar seu pescoço, beijar-lhe o rosto, e sentia-se feliz ouvindo-o contar como fora o seu dia. Perguntava-se por que resistira à ideia por tanto tempo. Nem sequer pensara em se casar um dia e evitara especialmente John por achar que ele queria suas minas. Mas não tinha mais receios a respeito disso. A sugestão que ele fizera parecia-lhe perfeita. Ele administraria as minas, mas elas continuariam a pertencer-lhe. Ele nem sequer lhe sugeriu mais uma fusão, sabia como se sentia a respeito, mas talvez com o tempo ela reconsiderasse; caso não o fizesse, já não teria importância para ele. Sabrina significava muito para ele, e ela sabia disso.

E enquanto balançava na sela, os pensamentos estavam voltados para ele. Cavalgava rapidamente pela noite, tomando os atalhos que conhecia tão bem. Passou pela própria casa e continuou noite adentro, levando muito pouco tempo para chegar às minas Harte, mas exatamente quando passava pelo túnel principal, o cavalo perdeu uma ferradura.

– Droga!

Já estava suficientemente atrasada e, como o animal tinha começado a mancar, precisou desmontar. Pensou em deixá-lo amarrado a uma árvore, mas nunca se sabia quem poderia passar por ali e sentia-se mais segura levando-o pela rédea até a casa de John e amarrando-o lá. Ele poderia levá-la para casa em

seu sofisticado automóvel ou emprestar-lhe um cavalo. Gostava de cavalgar ao lado dele. Gostava de tudo que compunha a vida que já haviam começado a partilhar.

– Precisa de uma carona? – Sabrina quase deu um salto de surpresa ao ouvir a voz vinda de trás de uma árvore e no momento seguinte Dan Richfield apareceu, ligeiramente bêbado, olhando-a de esguelha. – Ou gostaria que eu carregasse o cavalo para você?

Era um comentário provocativo e ela não sentiu vontade alguma de responder, mas não queria começar nada com ele agora. Sabia que partiria em um dia ou dois e conseguira evitá-lo até aquele momento. Não fazia sentido começar algo agora.

– Olá, Dan.

– Não me venha com cumprimentos fingidos, sua vagabunda.

Pelo menos, não fingia ter mudado sua opinião a respeito dela. Ela olhou-o, puxou o cavalo pelo freio e continuou a caminhar, mas ele a seguiu. Percebeu que ele não tinha nem cavalo nem carro. Provavelmente estivera sentado lá, bebendo atrás de uma árvore.

– Por que não segue seu caminho, Dan? Não temos nada para conversar.

Era incrível saber que haviam se conhecido a vida inteira. Era impressionante ver como ele tinha se tornado tão vil e desleal. Ainda bem que o pai não vivera para ver aquilo e pensava nisso quando se voltou para ele. Não queria perdê-lo de vista. Não pretendia lhe virar as costas.

– Você acaba de me custar mais um emprego, não é, sua miserável?

– Não lhe custei nada.

Não era mais a garotinha que fora um dia e sua voz era dura, como sempre era quando se dirigia aos homens nas minas. Aprendera essa lição havia muito tempo, quando tantos deles a desertaram. Nunca os tratava como amigos agora. Eram mineiros que trabalhavam para ela, nada mais. Pagava-lhes bem e cumpria seu quinhão de responsabilidade em relação a eles. Mas agora havia nela uma faceta endurecida sempre que lidava com eles. Uma aresta dura que encobria a delicadeza de sua alma. Mas apenas John conhecia este lado dela. E Dan nunca o conhecera. Só a conhecera como criança. E agora era uma mulher. Foi a mulher que se virou e olhou-o com desprezo.

– Você determinou a si mesmo o preço de tudo o que perdeu. E se não se afastar da bebida, vai perder tudo novamente.

– Besteira. Isso nada tem a ver com o fato de Harte me expulsar daqui. E você sabe disso tão bem quanto eu.

Ele cambaleou, o que assustou o cavalo e ambos deram uma guinada ao mesmo tempo. Sabrina puxou o freio do cavalo com firmeza, Dan aprumou-se e continuou seguindo-o obstinadamente. Ela já se aproximava da primeira das cabines, mas ninguém parecia ter percebido a presença deles e ainda havia uma grande distância a percorrer até a casa de John. Estava desejando que ele aparecesse e se livrasse de Dan, mas ninguém surgiu e Dan continuou, seguindo-a ansiosamente.

– Ele está me mandando embora daqui por sua causa.

– Nada sei a esse respeito.

Ela continuou olhando diretamente para a frente e ele segurou-a pelo braço bruscamente, quase atirando-a ao chão.

– Não sabe uma ova. Sei que tem andado por aí com ele e aquela índia vagabunda dele... posso até imaginar como é... os três...

Olhou-o horrorizada e boquiaberta. Particularmente ela ainda era muito inexperiente.

– Como ousa dizer uma coisa destas! Que coisa revoltante...

Mas ele apenas riu e continuou.

– O que ele vai lhe dar de presente de casamento, sua vagabunda? Spring Moon?

– Pare de falar assim comigo! – A voz tremeu ao elevar-se. – E não fale dele deste modo. Teve muita sorte por ele ter lhe dado emprego depois que eu o despedi.

Os olhos dela faiscavam e ele parecia se divertir. Esperara três anos por isso.

– Você não me despediu. Eu saí. Ou já se esqueceu? Cerca de trezentos homens e eu a deixamos.

– Pode ser que eles o tenham feito, mas pelo que eu me lembro, você agiu como um idiota. – Não precisava relembrá-lo de como o fizera e ele não parecia nem um pouco arrependido ao olhá-la. – Por que simplesmente não vai embora daqui agora? Nada disso faz sentido, Dan.

Não queria discutir nada disso com ele. A recordação era penosa e ele estava incomodando-a agora, mas parecia resolvido a não ir embora.

– Por quê? Está com medo?

Pareceu gostar da ideia e deu mais um passo na direção dela, bloqueando-lhe o caminho e lançando um bafo de uísque em seu rosto enquanto ela quase tropeçava ao se afastar dele.

– Não tenho razão alguma para temê-lo.

Estava resolvida a aparentar calma, mas estavam num trecho particularmente escuro do caminho que levava à casa de John, não havia ninguém por perto e de repente ela se sentiu bastante inquieta. Era uma das raras vezes em que não carregava a arma consigo. Estava com pressa quando saiu e a deixara na gaveta da escrivaninha.

– Por que não? Como pode ser que não esteja com medo, sua ordinária? Ou é disto que gosta? – Ele meteu a mão no cinto como se fosse tirá-lo e, à sua direita, Sabrina ouviu um leve farfalhar de folhas entre as árvores. Imaginou se seria um animal e sentiu o cavalo agitar-se do seu lado, mas em nenhum momento desviou o olhar dos olhos de Dan.

– Não me impressiona, Dan. Afaste-se, vou passar por cima de você. – Sorriu. Atirara nele uma vez e sabia que ele se lembrava, embora não tivesse o revólver com ela agora. Ele não saberia disso. Enfiou a mão no bolso da saia como se estivesse lá, em sua mão, e viu os olhos dele se deterem em sua saia.

– Não me mete medo. Não tem coragem para atirar em mim tão de perto, tem, menina? Claro que não!

Riu e puxou-lhe o braço, arrancando-o do bolso da saia. Viu, então, que não tinha revólver algum e, com isso, empurrou-a e imprensou-a de encontro a uma árvore. Seu rosto estava junto ao dela; de repente seu corpo esfregava-se em sua saia e ela podia sentir o coração pulsando nos ouvidos quando tentou dar com o joelho na virilha dele. Ele, porém, adivinhou a intenção dela e agarrou-a pela blusa, lançando-a ao chão. No momento seguinte, estava em cima dela, arrancando-lhe a blusa, arremessando-se com uma das mãos em seus seios, enquanto tentava arrancar-lhe a saia com a outra. Quando ela começou a gritar, silenciou-a com uma bofetada tão forte que o sangue começou a correr-lhe pelo rosto, enquanto o olhava com os olhos esbugalhados ao sentir a mão dele entre suas pernas. Tentou rolar no chão para livrar-se dele mas ele prendeu-a novamente.

– Devia ter feito isso há anos, sua vagabunda. Você fodeu com tudo que eu poderia ter tido e agora sou eu que vou foder você... Trabalhei para o bastardo do seu pai durante anos, desde criança, e o que eu consegui? Você, você, sua miserável, fazendo tudo que eu queria fazer.

Falava quase chorando ao rasgar-lhe a saia de cima a baixo, deixando à mostra as pantalonas que Hannah fizera para ela, enquanto Sabrina dabatia-se na terra e tornava a gritar, mas não havia ninguém perto o bastante para ouvi-la e ele engalfinhou-se com ela outra vez. Era incrível que à beira da área

murada que circundava as minas Harte ela estivesse a ponto de ser estuprada por um lunático bêbado sem ter quem a socorresse.

Já lhe arrancara a blusa e o espartilho e seus seios firmes e jovens estavam enregelados no ar frio da noite, os mamilos túrgidos com o medo enquanto Dan arremessava-se impetuosamente sobre eles. Conseguiu pôr-se de joelhos novamente, mas desta vez ele agarrou-a pelos cabelos como fizera uma vez e forçou o seu rosto contra a terra, enquanto rasgava-lhe as pantalonas, deixando uma abertura mais do que suficiente para ele, que começou a tentar tirar o cinto novamente.

De repente, parou, como se não tivesse certeza de que era isso o que queria fazer. Olhou para Sabrina sem a ver, deixou a mão cair dos seus cabelos; em seguida largou o cinto, ainda olhando-a fixamente, enquanto ela o olhava sem acreditar, incapaz de compreender o que acontecera com ele, conforme ia caindo rígido e pesadamente no chão, de cabeça. Então, sustando a respiração, Sabrina viu por que ele havia perdido o interesse por ela tão rapidamente. Uma faca longa e amedrontadora, com uma lâmina sinistra, estava cravada em suas costas, o cabo de marfim finamente entalhado e, atrás dele, Spring Moon, silenciosamente, com os olhos abaixados para ela.

– Ah!...

Cobriu os seios com as mãos e tentou ficar em pé. Ele estava morto.

Sabrina percebeu-o pelo olhar e ficou parada em frente à jovem índia, que conhecera de vista durante tantos anos. Estava quase nua, as roupas rasgadas, um dos pés calçado, o outro descalço, o rosto banhado de lágrimas, o sangue do rosto pingando no peito. Spring Moon fez um sinal para que ela a acompanhasse. Não se aproximou muito e em nenhum instante tocou a trêmula jovem. Os soluços estavam engasgados na garganta de Sabrina, que não conseguia falar. Produzia somente alguns sons entrecortados de medo. Spring Moon apanhou a saia de Sabrina do chão e entregou-lhe para que se envolvesse nela. Em seguida, suavemente, tomou a rédea do cavalo e novamente chamou-a com um aceno.

– Venha. Está frio aqui. Eu a levarei a John.

Sabrina acompanhou-a cambaleando, imaginando o que fazer em relação a Dan lá onde estava, o que eles fariam. Não podia sequer pensar no que quase lhe acontecera, ou no que Spring Moon fizera, ou no feliz acaso que a colocara no mesmo caminho ou que a impedira de partir por mais uma semana. Sabrina percebia agora que devia ter sido ela que ouvira atrás das árvores e não um animal. O único animal fora Dan. Ela estremecia da cabeça aos pés, quando Spring Moon parou num local escuro e virou-se novamente para ela.

– Vou buscar John Harte e trazê-lo. Você fica aqui.

Apontou para ela, mas Sabrina começou a tremer ainda mais e a engasgar com as próprias lágrimas.

– Não me deixe aqui... não posso... Não... por favor...

Tinha os olhos arregalados e amedrontados como os de uma criança quando a índia a olhou e, então, com um gesto delicado, estendeu a mão para ela.

– Ele está lá. – Apontava para uma casa a apenas alguns metros, mas não queria se arriscar a levá-la e passar por algum dos homens. Queria levar John até ali, para ela, e então ela própria desapareceria. Spring Moon era acima de tudo discreta. – Nós a ouviremos, se alguém chegar até você. Está a salvo.

Enquanto Sabrina a olhava com os olhos arregalados – o rosto dela parecia tão delicado, a voz suave. Sabrina queria ser envolvida nos braços macios e escuros, ser afagada e embalada. Podia ver com facilidade o conforto que John encontrara neles por tantos anos e, então, lembrou-se do que Dan Richfield dissera e imaginou se alguém mais pensava assim. Recomeçou a chorar. Não era mais uma

mulher, apenas uma criança amedrontada, e não queria que John a visse daquele jeito. Caiu no chão de joelhos, cobrindo-se com a saia enquanto soluçava, e Spring Moon ajoelhou-se a seu lado.

– Está segura agora. Sempre estará segura com ele. – Eram palavras poderosas e Sabrina levantou os olhos para ela. Sabia que era verdade, mas isso a fazia recordar de tudo que Spring Moon estava abrindo mão, e parecia estar deixando-o tão tranquilamente. – Deve ser sempre muito boa para ele.

Sabrina olhou-a com olhos imensos, enquanto balançava a cabeça dizendo que sim por entre as lágrimas.

– Serei. Prometo. – A voz falhou então e mal conseguia falar. Fora a noite mais difícil de sua vida, exceto talvez a noite em que seu pai morrera. – Serei boa para ele... sinto muito... você ter de ir...

Spring Moon levantou a mão.

– É hora de eu partir. Nunca fui sua mulher. Apenas sua amiga. Você será uma esposa para ele. Ele precisa muito de você, menina. – Era a mesma maneira como John a tratava. – Você será uma boa esposa para ele. Vou chamá-lo agora.

E antes que Sabrina pudesse impedi-la, ela desapareceu. Instantes depois levou um susto ao ouvir passos de gente correndo. Devia ser uma meia dúzia e então ouviu alguém gritando:

– Parem, maldição! Parem, todos vocês! – Ela reconheceu a voz de John, alguns fragmentos de palavras e, em seguida: – Onde?... Muito bem, os demais voltem... ah, meu Deus...

A seguir, o barulho de pés novamente e, de repente, ele estava ali de pé, olhando-a tremer, encolhida sob a saia. Trazia nas mãos um cobertor que Spring Moon lhe dera antes de afastar os homens. Dissera-lhes onde Dan Richfield estava com a faca nas costas e eles saíram em sua direção.

– Ah, meu Deus... – a voz de John era suave no ar da noite e ela abaixou os olhos, não podia encará-lo...

– Não... não... por favor... não...

Queria pedir-lhe que não olhasse para ela, mas não conseguia emitir as palavras; conseguia apenas soluçar e agarrar-se às pernas dele. Subitamente o horror do que quase acontecera abateu-se sobre ela com toda a força. As lágrimas lavavam o sangue do seu rosto e ele a envolveu no cobertor como se fosse uma criança pequena. Levantou-a nos braços, falando-lhe suavemente, como costumava fazer com a filha havia muito, muito tempo. Levou-a para casa e colocou-a no sofá de couro da sala. Examinou o ferimento na sua face, a expressão do seu rosto. Se Spring Moon já não o tivesse feito por ele, teria matado Dan Richfield. Mas Spring Moon dissera-lhe rapidamente e sem rodeios que ela não tinha sido violentada, felizmente não, e ele estava agradecido por isso. Mas tivesse a faca perdido o alvo ou se demorado a penetrar-lhe a carne... ele estremeceu ao pensar nisso e ajoelhou-se no chão ao lado dela.

– Menina, como fui deixar isso acontecer? Nunca mais irá a nenhum lugar sozinha. Prometo. Vou mandar um guarda-costas com você a toda parte. Eu serei seu guarda-costas... Isso nunca mais vai se repetir...

Mas a principal razão de que nunca mais se repetiria era que Dan Richfield estava morto. A faca atravessara-lhe o coração e ele morrera instantaneamente. Spring Moon era muito hábil com a faca, como ele o sabia muito bem.

– Se não fosse por ela... – Sabrina começou a recuperar o fôlego ao tomar um chá com um pouco de uísque que ele obrigava-a a beber e procurou não pensar na aparência que tinha. Ainda se ocultava sob o cobertor que ele lhe dera e Spring Moon fora recuperar as roupas, trazendo-as para John antes de desaparecer novamente.

E ele a olhava como se quase tivesse perdido a pessoa que mais amava. E se Dan a tivesse assassinado, essa ideia era mais do que podia suportar, e havia lágrimas em seus olhos quando voltou-se para ela de novo.

– Nunca deixarei que nada lhe aconteça. Nunca. Compreendeu? Nunca a perderei de vista...

Ela estendeu a mão trêmula para ele e tomou-lhe a mão.

– Não foi culpa sua, foi minha. – Estava se recompondo, mas não teria conseguido ficar de pé, tanto que seus joelhos ainda tremiam. – Era uma velha rixa que ele tinha comigo. Poderia ter acontecido em qualquer lugar. É de admirar que não tivesse ido à mina atrás de mim há muito tempo. Odiava-me, isso é tudo... e você mesmo sabe, isso quase aconteceu antes. Tive sorte de que não tivesse acontecido naquela ocasião e mais sorte ainda que Spring Moon tivesse surgido hoje à noite. – Olhou para John. Sabia que alguns dos seus homens tinham vindo à porta lhe falar há alguns instantes. – Ele está morto?

John fez que sim com a cabeça.

– Está. A faca atravessou-lhe o coração.

– O que vai acontecer a ela?

Sabrina sabia que algo podia acontecer. Spring Moon agira em defesa dela, mas era uma índia e a lei podia ter uma visão obscura a respeito, mas John já pensara nisto antes mesmo de Sabrina.

– Partirá no trem para Dakota do Sul hoje à noite. – E o corpo dele só será encontrado amanhã... ele não era benquisto... – John pareceu-lhe convincente e ela sabia que a lei não ia duvidar dele. Aceitariam sua palavra e a faca teria desaparecido. – Não precisa se preocupar com coisa alguma. – Falava com mais convicção e tranquilidade do que jamais o ouvira falar e nunca se sentira tão protegida em sua vida. – Nem ela. Ambas estão a salvo e ele merecia exatamente o fim que teve. Só lamento ter confiado nele um dia.

– Eu também.

Milhares de lembranças atravessaram-lhe a mente num relance, seguidas da terrível visão dele arrancando-lhe as roupas. Um soluço engasgou-a de novo, enquanto apertava os olhos com força. John aproximou-se dela novamente e estreitou-a nos braços.

– Vou levá-la para casa agora.

Envolveu-a com o cobertor gentilmente e carregou-a até o carro. Levou-a para casa e carregou-a para seu quarto no andar de cima. Hannah a esperava, com os lábios franzidos e os olhos arregalados, ao vê-los entrar.

– O que aconteceu? – Parecia uma galinha preocupada com seu pintinho.

– Ela está bem.

Contou-lhe sobre Dan e ela ficou horrorizada.

– O filho da mãe. Espero que seja enforcado.

Não lhe disse que ele já estava morto, pois logo ela ficaria sabendo.

– Graças a Deus que alguém o impediu a tempo. O senhor tem bons homens.

– E bons amigos.

Outras mulheres teriam deixado Sabrina ser violentada. Spring Moon estava perdendo o homem que amara durante muitos anos, mas protegera a noiva dele como se protegesse a própria filha e ele lhe era grato. Providenciara uma boa recompensa para ela, já havia pensado nisso antes, e ele mesmo iria embarcá-la no trem naquela noite. Isso significava dirigir até o amanhecer para que ela pudesse pegar a conexão, mas era imprescindível tirá-la da cidade, caso alguém deixasse escapar alguma coisa. Uma vez longe dali, nada haveria a temer. Olhou para Hannah e deu-lhe umas palmadinhas no braço.

– Tome conta da minha garota.

E ela era quase isso para ele, 28 anos mais nova, parecia-lhe quase uma criança, exceto que conhecia a força que ela possuía, o quanto era capaz e forte. Ficaria bem de novo e iria protegê-la pelo resto de sua vida. Era o que ele agora lhe prometera e o que prometera a si mesmo antes.

E foi o que lhe prometeu novamente no dia do casamento. Dois meses depois, quando ela olhava-o feliz na igreja de Santa Helena, com os oitocentos homens das suas minas quase nos caibros da igreja, amontoados no interior como sardinhas em lata, alguns sem conseguir entrar, vendo a cerimônia pelas janelas abertas, enquanto eles trocavam seus votos. Até mesmo os que a haviam desertado anos antes vieram naquele dia, se não por consideração a ela, ao menos por consideração a John. Hannah chorou abertamente durante toda a cerimônia e tanto Sabrina quanto John ficaram com os olhos cheios de lágrimas mais de uma vez.

Houve uma enorme recepção ao ar livre realizada no complexo das minas Thurston. Nenhum outro lugar acomodaria tanta gente, especialmente com as mulheres e crianças, pois Sabrina fizera questão de incluir todos.

– Sabe, só se casa uma vez.

Sorrira feliz para John quando faziam seus planos, embora soubesse que isso não era verdade para ele. Mas era difícil acreditar que ele já tivesse sido casado com outra pessoa. Não conhecera a mulher dele, pois Matilda morrera mais de dois anos antes de ela nascer. Era estranho pensar nele desta forma, casado com outra pessoa, com dois filhos. Era como se ele fosse outro homem naquela época. Podia imaginá-lo mais facilmente com Spring Moon, porque o vira com ela tantas vezes no decorrer dos anos, mas agora até mesmo isso parecia difícil de lembrar. Era mais como se ele nunca houvesse pertencido a ninguém senão a ela e, quando tomaram o vapor para São Francisco naquela noite, ele sorriu para ela e tomou-lhe a mão.

– O que fiz eu para merecer uma criança como você ao meu lado, Sabrina Harte?

Agradava-lhe o som do seu novo nome e sorriu feliz para ele.

– Eu é que tive sorte, John Harte.

– Eu é que sei.

Oferecera-lhe uma viagem para onde ela quisesse, para a lua de mel, mas ela surpreendera-o dizendo que tudo o que desejava era passar algum tempo com ele em Thurston House, e combinaram que fariam exatamente isso. Ele preparara as coisas para passarem um mês na cidade. Ficariam até o Natal e então voltariam a Napa para retomar o trabalho. Mas não tinham os negócios em mente naquela noite, quando chegaram a Thurston House bem depois da meia-noite. Ela pedira ao seu banqueiro para contratar um pequeno grupo de criados temporários para ela e a casa estava totalmente iluminada. Quando John seguiu-a ao andar de cima, encontraram a enorme cama de dossel preparada na suíte principal e a lareira acesa. Havia luz de velas e flores em enormes jarros por toda parte. A casa nunca lhe parecera tão bonita e, olhando a cama que pertencera a sua mãe havia tanto tempo, pensou que seria seu leito de núpcias naquela noite e com um olhar tímido voltou-se para John.

– Bem-vindo ao lar. – Sua voz era apenas um sussurro.

Ele tomou-a pela mão e levou-a para o andar térreo. Beberam champanhe em frente à lareira na sala de estar e, finalmente, quando a viu reprimir um bocejo, carregou-a para cima e colocou-a na cama. Ela já lhe havia mostrado sua parte na suíte principal, as malas dele já haviam sido desfeitas, e ele surgiu pouco depois de robe, sorrindo-lhe gentilmente. Ela parecia uma princesa encantada num penhoar de cetim rosa-claro e, quando deslizou dos seus ombros junto à cama, seus cabelos pareciam

ébano caídos em sua pele acetinada de marfim. Ele prontamente apagou as velas e o aposento ficou calidamente iluminado pelo clarão do fogo.

– É muito estranho estar aqui comigo? – perguntou-lhe honestamente quando se deitaram.

– Um pouco. Estou acostumada a ficar aqui sozinha...

Mas não era apenas isso. Não tivera contato com homem algum, beijara apenas o noivo e o único outro homem que já se aproximara dela fora, é claro, Dan. E agora de repente era a esposa de John, era sua noite de núpcias, e toda a habilidade e seriedade que possuía, a força com que dirigia as minas, não significavam nada. Era delicada e vulnerável, e mais do que ligeiramente amedrontada com o que a esperava. Ele se apercebeu de que não houvera ninguém para conversar com ela, exceto a governanta, e talvez ninguém tivesse lhe dito nada. Aquilo tocou-o no âmago e ele acalentou-a nos braços como a uma criança, mas o desejo que sentia por ela ao trazê-la junto a si não era por uma criança.

– Sabrina... – Não sabia como começar a perguntar-lhe o que queria saber. Spring Moon fora tão experiente quando viera para ele e tinha havido outras mulheres antes e depois dela, mas nenhuma delas eram moças jovens... Matilda, é claro, fora virgem... mas ambos tinham 18 anos... e agora estava ali deitado ao lado daquela criança... daquela menina... e ela lhe pertencia. Olhou-a com ternura. – Alguém conversou com você?

Ela sorriu suavemente, o rosto rosado com o clarão do fogo.

– Acho que eu sei...

Confiava nele, sabia que sempre confiaria, como já devia ter feito havia anos.

– Mas ninguém lhe explicou?

Ela fez que não com a cabeça e ele beijou-lhe a boca, a face, os olhos e novamente os lábios. Precisava se conter, ela despertava nele algo que nunca sentira antes.

– Sabrina, eu a amo tanto. – Sussurrou estas palavras em seus cabelos e ela arqueou o corpo para junto dele.

– Então isso é tudo que eu preciso saber.

Com extrema delicadeza, ele tomou-lhe a mão, beijou-lhe a palma, a cintura, a parte interna de seus braços, até finalmente chegar aos seios e à maciez de sua pele ao descer às coxas e novamente voltar.

Pela manhã, deitados lado a lado na suíte principal de Thurston House, ele havia lhe ensinado tudo que ela iria precisar saber sobre a arte de amar.

Voltaram a Santa Helena no dia de ano-novo e então já haviam decidido onde residiriam. Parecia mais simples se mudar para a casa que Jeremiah construía havia tanto tempo para a jovem que morrera. O conjunto de quartos no terceiro andar seria perfeito quando os filhos comessem a vir e Sabrina dizia que queria dois, três ou mais. John soltava um gemido e ria para ela.

– Na minha idade? Vão pensar que sou o avô deles! Como vou poder acompanhá-los?

Ela sorriu significativamente e tocou-lhe a orelha com os lábios, sussurrando-lhe.

– Não pareceu ter nenhum problema em acompanhar alguém ontem à noite.

– Isso é outra coisa. – Olhou-a encantado. Ela era um sonho que se tornava realidade a cada dia.

– Eu não acho.

Riam juntos a maior parte do tempo e conversavam constantemente sobre a infinidade de interesses em comum. Ela mostrou-lhe tudo a respeito das minas Thurston e apresentou-o a todos os homens. Passavam três dias da semana juntos no escritório dela, enquanto ela ia se juntar a ele em suas minas no restante da semana. Ele conseguira um novo capataz excelente para as minas Harte e agora só queria colocar as minas dela sob controle. Também já tinha em mente um capataz para dirigir as dela, de modo que ele, por sua vez, pudesse passar a ser uma espécie de chefe supremo, supervisionando o empreendimento conjunto.

– E finalmente poderemos passar a maior parte do nosso tempo na cidade.

Ele parecia gostar da ideia, assim como ela, que não tinha nenhum anseio especial pela vida social que poderiam levar ali, mas apreciava todas as atividades culturais. Tinham assistido à ópera, ao balé que passava pela cidade em uma turnê e a diversas peças teatrais durante a lua de mel; e ambos gostavam de desfrutar o esplendor da magnífica casa que o pai dela construía.

– Sempre me entristecia quando pensava nisso... – disse-lhe uma noite. – Ele a construía para ela e dois anos e meio depois ela morreu, deixando a casa vazia. Não parecia justo.

John assentiu, pensando no passado distante.

– Ele foi um grande apoio para mim quando Matilda e as crianças morreram.

Já não doía tanto pensar neles, fora tanto tempo atrás; agora tinha Sabrina e talvez tivesse outro filho um dia. Esta era a mais acalentada esperança deles.

– Tive tanta pena dele quando soube que isso lhe acontecera, mas ele não queria ver ninguém, sabe? Fui vê-lo um dia mas ele me dispensou. Acho que ainda era muito doloroso para ele e eu compreendi. – John sorriu e balançou a cabeça, lembrando sua juventude. – Eu não era muito amável com ele naquela época e seu pai era um homem muito digno. Bom e experiente, terrivelmente modesto, considerando tudo que possuía. – E ele havia ensinado as mesmas virtudes à filha, John se alegrava em constatar, mas já sabia de tudo sobre ela, mesmo antes de se casarem. – Eu estava tão

resolvido a vencer à minha própria custa naquela época que fiz questão de manter distância dele. É uma pena, eu tinha muito a aprender.

– Acho que ele gostava de você, de qualquer forma – respondeu ela sorrindo. – É engraçado como você se parece em muito com ele.

Percebera isso antes de se casarem, mas via-o ainda melhor agora, a paciência, a delicadeza, os gestos ternos, combinados a uma mente aguçada. Estavam gostando de ficar nas minas um do outro e ela vinha tentando ensinar-lhe a respeito dos seus vinhos, mas ele não tinha muito tempo. Apreciava bebê-los, mas havia muito poucas garrafas agora. Houve uma praga nos vinhedos e naquele verão ela perdera mais da metade de suas vinhas e outros haviam perdido mais ainda.

– Que azar!

Ficara muito aborrecida, mas tinham tantas outras coisas a fazer: a casa em Napa a remodelar discretamente para ele, as mudanças a fazer nas minas, Thurston House a abrir e manter com um pequeno grupo de serviçais para quando resolvessem ir lá, além de terem a conhecer o jeito de cada um. Ambos ficaram surpreendidos com a facilidade com que se adaptaram um ao outro. A única frustração que compartilhavam era que, por mais frequentemente que fizessem amor ou quão voluptuosamente, no verão seguinte ainda não havia nenhum bebê a caminho e Hannah perguntou-lhe a respeito um dia.

– Você não está usando nada, está?

– O que quer dizer? – Sabrina parecia confusa.

Apesar de seu casamento com John, ainda era muito inocente e sabia apenas o que ele lhe explicara. Não havia mais ninguém para lhe dizer essas coisas e nunca houvera. Amelia talvez o tivesse feito, mas havia dois anos que Sabrina não a via, embora ela tivesse lhes enviado um magnífico presente de casamento e tivesse demonstrado o maior entusiasmo por ela. Mas, ainda assim, Sabrina não tinha a menor ideia do que Hannah estava falando.

– Sabe, não está evitando a vinda de filhos, está?

– E isso é possível? – perguntou Sabrina.

Parecia espantada e Hannah estreitou os olhos em sua direção, percebendo então que a jovem realmente não sabia. Ficou contente. Era uma moça digna, não como sua mãe. Ainda se lembrava dos aros dourados que encontrara.

– Não sabia... pode-se... – insistiu. Sempre se perguntara o que certas mulheres faziam... como as que faziam disso uma profissão, ou... – O que fazem?

Estava intrigada com o que poderia saber, embora não tivesse nenhuma intenção de evitar nada. Pelo contrário, tanto ela quanto John desejavam muito um filho.

– Algumas usam uma geleia contraceptiva, como as garotas daqui, mas há coisas mais sofisticadas.

Parecia repulsivo a Sabrina. Geleia contraceptiva? Fez uma careta e Hannah riu.

– As que podem se dar ao luxo usam aros dourados. – Fez uma pausa e resolveu-se. Ela era uma mulher agora. – Como sua mãe.

– Minha mãe fez isso? – Sabrina pareceu surpreendida. – Quando?

– Antes de ter você. Seu pai achava que ela queria uma criança tanto quanto ele, mas era muito mais velho do que ela. – A diferença de idade era ainda maior entre Sabrina e John. – Ela lhe dizia que não compreendia o que poderia estar errado. Já estavam casados havia mais de um ano quando eu os achei no banheiro dela um dia... os miseráveis aros... e os entreguei a ele. – Sorriu quase

diabolicamente. – E depois disso você veio bem rápido. Ela estava muito enjoada quando voltaram para a cidade.

De certa forma, o que Hannah dissera incomodou-a. Parecia tão impiedoso. Como se sua mãe tivesse sido obrigada a tê-la. Seu coração de repente voltou-se para ela.

– O que meu pai disse?

– Ele ficou louco de raiva e não falou mais a respeito depois disso. Ficou satisfeito tão logo soube que você estava a caminho.

Ela parecia quase orgulhosa do que fizera e, por um instante, pensando na pobre Camille apanhada em sua perfídia, Sabrina odiou a velha mulher por frustrá-la. Não era justo. Devia ter podido esperar, se era isso que desejava. Mas, por outro lado, já que morrera logo depois disso, talvez o destino tivesse acertado... mas 23 anos depois, a filha sentiu pena dela.

Sabrina acabara de fazer 22 anos naquela primavera.

– O que minha mãe fez?

– Ficava abatida... emburrada... – Hannah, lembrando o passado, sabia que Camille nunca perdoara Jeremiah, mas não disse isso a Sabrina. – Era uma menina tola, ele afinal se casara com ela, tinha o direito de ter filhos, se era o que queria... malditos aros... ele os quebrou e jogou-os fora. Ela chorou como uma criança...

Sabrina sentiu o coração revirar-se no peito... coitada... e contou a John naquela noite.

– Parece tão brutal da parte dele. E errado da parte de Hannah interferir. Não devia ter contado a ele. Devia ter contado a ela e deixado que ela falasse com ele.

– Talvez ela o estivesse enganando – ponderou John.

– Acho que era assim que Hannah pensava, mas não sei se acredito nisso. Hannah de tempos em tempos dizia alguma coisa maldosa sobre minha mãe, deve ter havido uma espécie de ciúme entre elas. Trabalhava para meu pai havia 18 anos quando minha mãe chegou. Acho que em parte era por causa disso.

– De qualquer forma, ainda bem que ela achou os tais aros. – Sorriu para a mulher e sentiu-se intrigado. – O que fez com que ela lhe contasse isso?

Sabrina corou e sorriu para ele.

– Perguntou-me se eu estava usando alguma coisa para evitar... eu nem mesmo sabia que isso era possível. – Sentiu-se menos constrangida então. Não parecia haver nada que não pudesse conversar com ele. Era seu melhor e mais querido amigo. – Você nunca me contou isso.

– Não pensei que estivesse interessada. – Parecia surpreso que ela o estivesse agora.

– Não, mas é interessante.

Ele riu então e beliscou-lhe o rosto.

– Minha menina inocente. Há mais alguma coisa que queira saber?

– Sim. – Olhou-o com tristeza por um instante. – Mas receio que não tenha a resposta, meu amor. – Sabiam que ele tivera dois filhos antes, de modo que o problema não era com ele. – Pergunto-me por que não aconteceu ainda.

– Acontecerá, com o tempo. Tenha paciência, meu amor. Estamos casados há apenas nove meses.

Ela olhou-o pesarosa.

– Já devia ter um filho nos braços a esta altura.

Ele sorriu-lhe.

– Você tem a mim em vez disso. Serve por enquanto?

– Para sempre, meu amor.

Ele puxou-a para os seus braços novamente, seus lábios se encontraram e ela esqueceu-se de tudo que Hannah lhe dissera à tarde, mas pensou novamente naquilo uma ou duas vezes nos seis meses seguintes, embora tenha sido preciso ainda mais tempo. Era o segundo mês de julho que estavam juntos quando ela se levantou um dia e sentiu-se mal quase instantaneamente. Já havia 19 meses que estavam casados e Sabrina acabara de completar 23 anos. O calor estava insuportável naquele dia e ela trabalhara com ele na mina no dia anterior, insistindo entretanto que não queria unificar as minas Harte e Thurston e que ainda podiam dirigir as duas empresas em separado. Uma das raras discussões entre eles se seguiu e, com isso e o calor sufocante, ela mal tinha conseguido dormir a noite inteira.

– Você está bem? – Ele lançou-lhe um olhar quando ela se levantou da cama.

– Mais ou menos.

Ainda havia certa frieza entre eles por causa da noite anterior e ela se voltou lentamente para o marido, mas, antes que pudesse dizer algo, ele a viu ir caindo devagar no chão. Pulou da cama e encontrou-a inconsciente.

– Sabrina... Sabrina... querida...

Estava horrorizado. O fantasma da gripe mortal sempre o atormentava. Imediatamente mandou chamar o médico, que não encontrou nenhum sinal de nada ameaçador.

– Provavelmente ela está cansada ou talvez esteja trabalhando muito.

John fez-lhe um sermão naquela noite, já era hora de ela deixar o capataz sozinho. Ele mesmo o supervisionaria e ela podia se divertir com suas vinhas, embora estas ultimamente não oferecessem muita diversão. A praga intensificara-se. Ela, porém, não parecia ouvi-lo, mal tocou na comida e adormeceu instantaneamente quando se sentaram no balanço naquela noite. Ele a carregou para a cama sem acordá-la. Estava preocupado com a aparência dela e ficou mais ainda no dia seguinte, quando ela desmaiou novamente. Mas desta vez ele a levou direto a Napa e reservou uma cabine no vapor para São Francisco. Na manhã seguinte, levou-a ao hospital e uma equipe médica a examinou, enquanto John andava para cima e para baixo no corredor.

– E então? – John precipitou-se sobre o primeiro médico a deixar o quarto dela.

– Eu diria que é para março, embora um de meus colegas ache que seja para fevereiro – respondeu o médico sorrindo.

Por um instante, John não compreendeu, mas, pelo sorriso enigmático que ele ostentava no rosto, entendeu de repente.

– Quer dizer que...

– Isso mesmo. Ela está grávida, meu amigo.

Os gritos de John podiam ser ouvidos por metade da cidade. Comprou um anel com um enorme brilhante para Sabrina e deu-lhe de presente naquela noite, ao retornarem para Thurston House. Já haviam decidido ter a criança ali, quando nascesse, e John queria que ela estivesse cercada dos melhores médicos da cidade. Mas eles lhe disseram que ela não precisaria deixar Napa senão em dezembro, de modo que tinha muito tempo. E o casal exultante passou a noite falando sobre isso, nomes para menino... nomes para menina... como ela iria querer o quarto do bebê e a todo momento ela atirava os braços em torno de John.

– Sou a mulher mais feliz do mundo.

Ele sorriu.

– Casada com o homem mais feliz.

Hannah ficou extasiada por eles, quando retornaram a Napa no dia seguinte, e agora Sabrina fazia exatamente o que lhe mandavam. Ficava afastada das minas quase todos os dias e entregou seu cavalo para outra pessoa montar. Passava longas tardes descansando na cama e esperava John voltar para casa confortavelmente sentada no balanço. Quando o outono chegou, a criança começou a se fazer notar um pouco e à noite ele encostava a cabeça no ventre dela, esperando sentir o filho se mexer, mas ainda era muito cedo. Ela o sentiu pela primeira vez quando as folhas começaram a voltar. John ainda não o havia sentido, quando um de seus homens bateu à porta deles uma noite.

– Incêndio na mina!

As palavras soaram na noite e Sabrina foi a primeira a ouvir. Teve a presença de espírito de aparecer à janela e perguntar:

– Qual delas?

– A sua! – gritou o desconhecido e ela vestiu a roupa tão depressa quanto o marido, mas ele segurou-lhe o braço com firmeza.

– Você fica aqui, Sabrina. Não faça nenhuma bobagem. Eu cuido disso.

– Preciso ir. – Nunca antes ficara em casa quando precisavam dela.

Podia cuidar dos feridos ou, pelo menos, estar lá, mas John foi inflexível.

– Não! Fique aqui!

Sem dizer mais nada, apenas com um beijo rápido, ele a deixou lá e ela ficou andando freneticamente de um lado para outro durante seis horas. Pela manhã, viu a fumaça negra encobrir o céu e não havia nenhuma notícia deles. Não pôde mais suportar a espera. Tirou o carro e dirigiu com velocidade para a mina, enquanto Hannah gritava da varanda.

– Você vai se matar! Pense na criança!

Mas ela estava pensando em John. Precisava certificar-se de que ele estava bem, afinal de contas era sua a mina, e sua responsabilidade. Quando chegou, viu a destruição que havia grassado e não o encontrou em parte alguma. O capataz disse que ele estava em um dos túneis, com uma equipe de resgate, havia mais de uma hora. Ficou olhando enlouquecida sem que ninguém surgisse e uma nova explosão encheu o ar. Desesperada, correu para dentro da mina e viu-os presos. Saiu em busca de socorro e uma dúzia de homens entrou novamente para retirá-los, enquanto ela sentia a fumaça encher-lhe os pulmões. Quando viu John sair lá de dentro, caiu de joelhos agradecida e a fumaça se apoderou dela ao cair. Carregaram-na para o escritório onde ela trabalhara durante mais de três anos e o médico veio vê-la imediatamente. Parecia sentir-se bem depois de algum tempo e John repreendeu-a. Mandou um dos homens levá-la de carro para casa. Naquela noite, imundo e cheirando fortemente a fumaça, ele também foi para casa e encontrou Hannah com ar sombrio na varanda. Com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto ela contou-lhe o que havia acontecido. Ele subiu as escadas correndo e encontrou Sabrina lá, soluçando, pálida, desolada, enquanto se agarrava a ele. Perdera o bebê havia apenas uma hora.

– E sei que nunca terei outro...

Seu desespero era infinito e ele a apertou contra si, cobrindo-a com a fuligem que o recobria, mas nenhum dos dois se importava e as lágrimas dele se misturaram às dela.

– O médico lhe disse isso?

Ela balançou a cabeça negativamente e voltou a soluçar.

– Então não pense assim, meu amor. Teremos outro. – Olhou-a com ternura. – E da próxima vez faça o que eu digo.

Mas não queria insistir neste ponto com ela, pois já se sentia suficientemente culpada. Foram precisos dois meses para que ela voltasse a ser o que era, para que risse com alguma coisa que ele dissesse, para que aquele olhar de permanente tristeza, como uma dor torturante à qual não pudesse escapar, abandonasse os seus olhos. Foi um Natal difícil para ambos, mas em janeiro ele a levou a Nova York. Encontraram-se com Amelia diversas vezes e pararam em Chicago no caminho de volta para ver alguns amigos dele. Era a primeira vez que John a via feliz novamente e sentia-se aliviado, embora decepcionado por ela, que estava demorando tanto a conceber novamente. Dois anos se passaram antes que ele a visse exatamente daquele jeito... pálida, adoentada, sem realmente ficar enjoada. Havia cessado de falar sobre o assunto e Sabrina perdera todas as esperanças. Estavam casados havia quatro anos e foi exatamente no aniversário de casamento deles que a achou com um aspecto estranho. Quando lhe ofereceu uma taça de champanhe, ela ficou verde e recusou-a.

– Acho que foi alguma coisa que comi...

Olhou para ele e saiu correndo da sala. No dia seguinte, quando em conversa banal, ele discordou dela, ela rompeu em lágrimas, bateu a porta e ele a encontrou adormecida quando foi para a cama naquela noite. Já tinha visto tudo isso antes, mas não sabia exatamente quando e, então, instintivamente, em questão de dias, compreendeu. Muito antes dela, ou muito antes de ela se permitir alguma esperança. Finalmente, quando já não havia a menor dúvida em sua mente, ele tocou no assunto.

– Acho que está enganado. – Ela tentou desconversar, lendo os relatórios que ele trouxera da mina. Andava muito entediada ultimamente. Ele cuidava de tudo e as minas estavam indo muito bem. – Não acho que eu esteja grávida.

Ele parecia satisfeito consigo mesmo e com ela. E tinha certeza de que havia boas razões para estar.

– Mas eu me sinto bem. – Olhou-o aborrecida e saiu caminhando pesadamente para fora do aposento.

Não foi senão quando foram para a cama naquela noite que ele voltou a tocar no assunto.

– Não tenha medo, menina. Por que não conferimos? Eu vou com você.

Ela balançou a cabeça em sinal negativo e seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Não quero saber.

– Por que não? – Estreitou-a junto a si, já sabendo qual seria a resposta.

– Não quero reavivar minhas esperanças. E se... – Engasgou-se com as palavras, as lágrimas caindo no braço dele. – Ah, John...

– Vamos, meu amor. Temos de saber, não temos? E desta vez tudo vai dar certo.

Sorriu para tranquilizá-la e no dia seguinte levou-a ao hospital novamente. Ele estava com a razão. O bebê chegaria em julho e ambos ficaram extasiados. Não podiam acreditar em tanta sorte e John simplesmente confinou-a na cama, com a plena colaboração dela. Não queria correr nenhum risco desta vez e ele a cercava de todo cuidado. Voltaram para Napa em janeiro, mas em abril ele a trouxe de volta à cidade para as últimas semanas de gestação. Queria-a perto dos médicos e ela estaria confortável em Thurston House, enquanto ele ia e vinha das minas vários dias por semana. Além disso, comprou um Duesenberg e contratou um motorista para conduzi-la pela cidade. Não queria que Sabrina dirigisse. Ela acompanhava avidamente as notícias da Europa e ambos se perguntavam se iria haver uma guerra. As coisas estavam desagradavelmente tensas, mas John tinha quase certeza de que tudo iria se acalmar de novo.

– E se não se acalmarem? – Estava deitada na enorme cama deles numa manhã de junho, olhando-o por cima do jornal, e ele sorriu-lhe. Ela parecia uma grande bola redonda e ele adorava colocar a mão nela e sentir o bebê chutar. Desta vez era um bem ativo. Barnaby fora assim havia 32 anos e ele ainda se lembrava. Mas estava mais encantado ainda com este filho. Era difícil ficar sério e responder às questões políticas que sua mulher lhe fazia. – E se houver uma guerra?

– Não haverá. Não para nós, pelo menos. E – ele sorriu – você agora poderá descobrir as vantagens de estar casada com um homem mais velho, meu amor. Não preciso me preocupar com isso. Não me convocariam.

– Isso é bom. – Sorriu. – Quero você aqui bem perto de mim e do nosso filho.

– O que a faz pensar que seja um menino? – John sorriu para ela, também tinha a mesma sensação e ambos queriam um garoto, pelo menos da primeira vez. Depois, então, queriam uma menina, se houvesse outro. Mas após todos aqueles anos, fora uma gravidez surpreendentemente fácil. Ela ainda era jovem. Acabara de completar 26 anos e embora afirmasse que era quase uma velha, era jovem o bastante para não sofrer muito e John assim esperava. Queria que fosse para o hospital, mas ela insistia em ter o filho em casa e ainda não tinha certeza se iria ceder ao desejo dela. Olhou-a e repetiu a pergunta com um sorriso. – Por que um menino?

– Por causa dos seus pés grandes. – Apontou para a protuberância ao lado direito do enorme balão em que se transformara sua cintura. – Sabe, às vezes fico imaginando se ele vai ficar aqui até o final. Está me parecendo muito impaciente.

Mas quando chegou a data prevista e passou o dia 21 de julho, ela viu que se enganara e começou a ficar ansiosa para ver o filho deles.

– Por que ele não nasce? – Caminhavam pelos jardins de Thurston House uma noite. – Já está com seis dias de atraso.

– Talvez seja uma menina. As damas nunca chegaram na hora. – O marido sorriu e deu umas palmadinhas na mão dela, enfiada em seu braço, mas percebeu que andava mais devagar do que de costume naquela noite, e quando subiam as escadas para seus aposentos, parecia mais ofegante do que antes. Estava maior a cada dia e ele estava começando a ficar preocupado com ela.

– E se a criança for grande demais? – Perguntara secretamente ao médico na semana anterior.

– Então, nós a tiraremos. Hoje em dia é muito simples.

John imaginou se afinal ela precisaria fazer uma cesariana. Esperava que não. O bebê, porém, lhe parecia imenso e, em comparação, ela parecia tão pequena... Tinha quadris estreitos e ancas pequenas, e horrorizava-o imaginar o bebê rasgando-a para sair. Fora difícil com Matilda 32 anos antes e ela fora uma garota do campo, grandalhona e saudável. Sabrina lhe parecia mais frágil e ele era mais velho e mais experiente. Tinha 54 anos, estava perdidamente apaixonado por sua mulher e se preocupava com tudo.

– Quer que eu lhe traga algo para beber?

Viu que ela se remexia na cama enquanto lia um livro até tarde da noite, depois de ficar inquieta o dia inteiro. Estava muito quente e as estrelas brilhavam em todo o seu esplendor. Era incomum que o nevoeiro não tivesse aparecido. Ela olhou-o com um sorriso e em seguida suspirou.

– Estou começando a ficar cansada disto, meu amor. – Apontou para o enorme balão no lugar onde estivera sua cintura e ele tocou-o suavemente com a mão, em que sentiu imediatamente um vigoroso chute.

– Pelo menos ele está em boa forma hoje.

– É mais do que posso dizer por mim mesma. Minhas costas me incomodam, minhas pernas doem, não consigo ficar de pé, não consigo ficar deitada, não consigo respirar.

Ele lembrava-se de já ter ouvido tudo aquilo havia muito tempo, mas ela lhe pareceu realmente em péssimo estado enquanto esfregava-lhe as costas. Sabia que a maioria dos homens não compartilhava mais da cama da mulher a esta altura, mas detestava ficar longe dela, que afirmava não se incomodar em dormir com ele.

– Acha que as pessoas ficariam chocadas se nos vissem agora? – Estavam deitados, ele com o braço em torno dela, ela com a cabeça em seu peito, mas era-lhe reconfortante.

– E daí, se ficassem? Eu estou feliz, e você?

– Eu também.

Ela sorria quando ele apagou a luz. Olhou para as estrelas lá fora, era uma linda noite, dia 27 de julho, 1914. Exatamente quando começava a pegar no sono, numa posição desconfortável, de lado, virada para John, sentiu um pontapé forte, seguido de uma lenta e desagradável ferroadinha de dor. Arregalou os olhos, olhou para John, profundamente adormecido a seu lado, já roncando baixinho, e se aconchegou para mais perto dele. As costas doíam-lhe ainda mais e, ao tentar mudar de posição, sentiu uma nova pontada de dor.

Uma hora depois, sentiu como se estivesse com aquelas câibras que não tinha havia meses e, ao sentar-se para recuperar o fôlego, algo jorrou de um jato entre suas pernas e de repente a cama estava inteiramente molhada. Sentiu-se mortificada quando John acordou e acendeu a luz, olhando-a sonolentemente.

– Você perdeu líquido? – De repente, vendo-a, compreendeu, embora ela dissesse que não, ruborizada até a raiz dos cabelos, mas ele cobriu-a para que não se sentisse constrangida e puxou-a gentilmente para si. – Não se preocupe com isso. Tudo vai dar certo.

Abriu um largo sorriso para ela, levantou-se, trouxe um punhado de toalhas e tocou a campainha chamando a criada, enquanto vestia seu roupão de seda azul.

– Pedirei a Mary que troque a roupa de cama. Por que não se senta aqui? – Ajudou-a a chegar até uma cadeira próxima e observou-lhe o rosto, enquanto as contrações retorciam-na novamente. – O que está sentindo, meu amor?

Ela corou outra vez. Ele era tão franco com ela e parecia estranho estar lhe contando, mas sentia-se mais à vontade com ele do que com qualquer outra pessoa, mesmo com o médico.

– Como se fossem câibras.

– Isso é normal?

Matilda nunca entrara nesses detalhes com ele e lembrava-se de quando Sabrina perdera a criança, mas agora era muito tarde para isso acontecer.

– Não sei. Não tenho certeza. O médico disse apenas para chamá-lo quando as dores começassem. Acha que é isso?

Olhou para a cama encharcada e sorriu para sua mulher.

– Acho que sim. Imagine só – tentava desviar-lhe o pensamento da dor que a fazia cerrar as sobrancelhas – dentro de poucas horas, você terá nosso filho nos braços.

Era um pensamento maravilhoso. Mary chegou para trocar as roupas de cama e ele foi chamar o médico que tinham consultado, retornando alguns minutos depois com uma xícara de chá. O médico estava enviando as duas enfermeiras que ele contratara para ela e dissera a John para mantê-la calma, na cama, deitada, e para não alimentá-la. Mas ela não estava interessada em comer nada quando ele

retornou ao quarto e encontrou-a recostada na cadeira, segurando a enorme barriga com ambas as mãos, os dentes cerrados.

– O médico está a caminho, querida. Vamos acomodá-la na cama.

Sentiu-se satisfeita de deitar e mais satisfeita ainda porque ia ter a criança em casa. Não queria ir para o hospital e significava muito para ela dar seu filho à luz em Thurston House. John acedera à sua vontade mas estava preparado para levá-la correndo ao hospital se fosse necessário. Mas quando as duas enfermeiras chegaram em menos de uma hora, anunciaram que tudo estava bem e tocaram John para fora do quarto. Sabrina gritou-lhe quando saía.

– Você não pode ficar? – Confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa e o queria ali, era sua casa, afinal, mas as duas enfermeiras não quiseram saber disso.

– Acho que não devo. – Olhou-a ternamente. Seu rosto estava suado, os olhos já ligeiramente embaciados e as dores pareciam estar rapidamente a caminho pelo que ele podia ver.

Ouviu-a gritar quando deixava o cômodo e começou a andar de um lado para o outro fora do cômodo, ouvindo-a, os olhos cravados à porta, até que uma hora depois ouviu-a gritar outra vez. Bateu nervosamente à porta e a mais velha das duas enfermeiras repreendeu-o.

– Ela não pode ser incomodada com nenhum barulho! – disse ela num sussurro, com um ar severo sob a touca engomada.

– Por que não? Não há nada de errado com os ouvidos dela!

Mas de repente ouviu-a gemer novamente e não pôde mais se conter. Abriu caminho para dentro do quarto e encontrou-a lá deitada, a camisola levantada, revelando a enorme barriga, mas não ficou chocada. Segurou-lhe a mão e ficou falando-lhe docemente, enquanto vinha uma nova contração. As enfermeiras estavam estarrecidas e o médico chegava exatamente naquela hora, ficando mais do que um pouco surpreso ao ver John no quarto com sua paciente.

– Bem, o que temos aqui?

Procurou fazer de conta que não estava surpreso com o que acontecia, mas era evidente que queria que John saísse do quarto. No entanto, John não parecia ansioso por sair e Sabrina parecia agarrar-se a ele. Ela nem parecia se importar que estivesse agora coberta apenas por um fino lençol, que parecia se afastar dela sempre que as dores tornavam-se mais agudas, embora ela nem parecesse notar. Tinha um olhar assustado e arquejava desesperadamente a cada nova contração. De repente, deu um salto para a frente, procurando sentar-se, retorcendo o rosto horivelmente, enquanto as enfermeiras puxavam-na para trás. O médico esqueceu-se inteiramente de John e dirigiu-se para ela; puxou o lençol para trás, examinou suas partes mais íntimas, enquanto ela gritava o nome do marido e, durante o exame, dava gritos medonhos. O rosto de John ficou coberto de suor vendo sua mulher sofrer. Queria apertá-la contra si, mas não havia absolutamente nada que pudesse fazer enquanto ela se retorcia na cama. Finalmente o médico fez um sinal que queria falar com ele e saíram do quarto. Mas Sabrina entrou em pânico ao vê-los sair e somente depois de outra contração foi que John encontrou-se com o ao médico no corredor, querendo saber o que estava acontecendo.

– Está indo muito bem, Sr. Harte – disse o médico em voz tranquila. – Mas terá de deixá-la a sós conosco. É demais para o senhor presenciar. Não posso permitir isso, para o seu bem e para o dela. Deve sair do quarto agora e nos deixar trabalhar.

– Fazendo o quê? – John olhou-o furioso. – Ela é que está fazendo todo o trabalho e não se incomoda de me ver lá. O senhor não compreende, eu sou o único parente que ela tem, sou seu melhor amigo... e ela é tudo para mim. Já vivi em fazendas antes, sei como os bezerros e os potros nascem.

O médico mostrou-se escandalizado.

– É a sua mulher, Sr. Harte.

– Tenho plena consciência disso, Dr. Snowe. E não quero faltar-lhe.

– Então deixe-a conosco. Foi para isso que nos contratou, acredito.

John hesitou, sem saber exatamente o que fazer. Queria ficar com Sabrina, se ela o quisesse, mas não se isso a constrangesse. Não se importava com o que os outros pensassem, estava muito velho para isso. Para o inferno com o Dr. Snowe, mas olhou o homem nos olhos.

– Se ela me chamar, eu vou entrar. É a minha casa, minha mulher e meu filho que está nascendo.

O médico olhou-o indignado mas apenas cerrou os lábios.

– Muito bem.

– Está indo bem?

– Eu diria que sim, mas também não acho que seja para já e ela vai precisar de todas as forças que tiver. Pode ser uma noite muito longa. – Olhou para fora, para o sol nascente, e quase sorriu. – Um dia muito longo, melhor dizendo. Não creio que seu filho nasça antes da hora do jantar.

John olhou para seu relógio de bolso, enquanto se ouvia um corre-corre no quarto.

– Como pode dizer isso?

– Porque eu sei como são as coisas. E sei como as crianças nascem. – E você não sabe, foram as palavras subentendidas.

– Mas ela parece tão... tão adiantada... – Estava preocupado com ela outra vez.

– Acho que não.

Teve vontade de bater a cabeça contra a parede quando o médico desapareceu dentro do quarto outra vez e durante as cinco horas seguintes achou que ia ficar louco andando para cima e para baixo no corredor, subindo e descendo as escadas, para um lado e para o outro da casa. Finalmente tomou dois conhaques e um scotch e tinha vontade de oferecer um para ela, mas isso realmente iria causar um tumulto. Às 14 horas, por fim, sentou-se desolado nas escadas, sob a cúpula de vitrais, a cabeça abaixada, pensando nela. As enfermeiras haviam entrado e saído diversas vezes e o médico saíra apenas uma vez para informá-lo de que as coisas estavam indo bem, mas ainda iria demorar um pouco. Finalmente, às 16 horas, John achou ter ouvido a voz dela, dizendo algo num tom alto e estridente. Em seguida gemeu. Ele correu para a porta do quarto e ficou do lado de fora, até ouvir um terrível queixume e um grito penetrante. Queria bater à porta e chamá-la, mas teve medo de assustá-la. Mais do que isso, porém, queria estreitá-la nos braços; então, enquanto estava ali parado, ouviu a voz dela novamente, e desta vez não houve nenhum grito lancinante e não aguentou mais. Entrou silenciosamente no quarto e inicialmente ninguém o viu. As venezianas estavam cerradas e as cortinas impediam a entrada de qualquer luz. Havia uma luz forte à cabeceira, outra numa mesa perto dos pés da cama, e parecia haver um calor sufocante por toda parte. Sabrina estava deitada na cama, as pernas afastadas, coberta com um lençol, o rosto banhado de suor, os cabelos grudados na cabeça, os olhos revirados, agarrada ao lençol, quando de repente novas dores se apossaram dela, fazendo-a gritar novamente em agonia. O médico levantou o lençol e John pôde ver cabelos e uma cabecinha redonda. Ficou boquiaberto, observando em silêncio. Queria encorajá-la enquanto ela instintivamente fazia força, o sangue jorrando entre suas pernas, mas John não conseguia sequer pensar nisso agora. Tudo em que conseguia pensar era na pequenina cabeça e a milagrosa mulher que a empurrava para fora. Ela recomeçou a gritar e as enfermeiras a estimulavam a continuar, enquanto o médico virava os ombros da criança e as lágrimas escorriam pelo rosto do pai. De repente, lá estava ele... um menino perfeito,

deitado, ensanguentado e molhado, nos braços da mãe, e John aproximou-se dela, chorou e abraçou-os. O médico estava chocado; porém, ao vê-los assim, não pôde realmente continuar daquele modo. Era o parto mais incomum que realizara, mas talvez aquele casal não estivesse tão errado. Um dia a criança fora concebida do amor deles e agora nascera nos seus corações, nas suas mãos, enquanto o abraçavam, e a criança chorava a plenos pulmões, às 17h14, do dia 28 de julho de 1914, quando a Europa entrava em guerra.

Jonathan Thurston Harte foi batizado na Igreja Old Saint Mary's, na avenida Califórnia, aos seis meses de idade, em janeiro de 1915, quando toda a Europa estava em guerra. Seus pais ofereceram uma pequena recepção em Thurston House para os amigos. Os Crocker e os Flood estavam lá, os Tobin, os Devine. Era um grupo pequeno mas seletivo, que empunhou as taças e brindou com champanhe à saúde do menino. Naquela noite, os pais dele também o saudaram em silêncio, no quarto onde nascera e John sorriu feliz para sua mulher.

– Que sorte temos, menina.

– É verdade.

Não havia mais nada que ela desejasse da vida. Tinha um marido que amava, um filho que adorava, ambas as minas iam bem, embora ela novamente tivesse se recusado a fundi-las. Afirmava que possuíam identidades separadas e a mudança poderia prejudicá-las.

– Todo mundo sabe que somos casados e que eu dirijo as duas minas. Que diferença pode fazer?

– Faz diferença para mim.

Ela pertencia a John, mas as minas não, e por alguma razão profunda, que não conseguia explicar, queria manter as coisas assim, embora ele administrasse a mina para ela e estivesse fazendo um excelente trabalho. Não tinha queixa alguma e na verdade não estava nem mesmo interessada na mina, agora que possuía o pequeno Jon. Mesmo a praga persistente nos vinhedos dela não lhe parecia tanto uma tragédia agora. Nada parecia. Tinha apenas pensamentos felizes e afirmava que o garoto se parecia com John. Tinha cabelos escuros e grandes olhos violeta mas, na verdade, não se parecia exatamente com nenhum dos dois. Hannah sabia com quem ele se parecia. Era a cópia fiel de Camille, mas nunca disse isso a nenhum dos dois.

Ficaram em Napa a maior parte daquela primavera e comemoraram o vigésimo sétimo aniversário dela indo ao Grange Dance, aquele verão foi o mais bonito de que se lembrava desde quando era criança. John completou 55 anos e a única tristeza foi uma carta dizendo que Spring Moon havia morrido num acidente, ao cair de uma ponte. Batera com a cabeça nas pedras e morreria instantaneamente. Seu irmão comunicara o fato a John, através de um conhecido que sabia escrever. Achava que John tinha o direito de saber e ele sentiu-se comovido. Ela fora boa com ele e, quando Sabrina soube, também entristeceu-se. Spring Moon salvara sua vida seis anos antes, ou, certamente, sua virgindade. Era difícil de acreditar que já houvesse se passado seis anos. Pareciam ter voado e, no entanto, não poderia mais imaginar a vida sem John Harte. Era como se tivesse passado a vida inteira a seu lado.

E suas previsões se tornaram realidade. No dia que Jonathan nasceu, a Europa entrou em guerra, mas não havia indício de que os Estados Unidos fossem participar. Mesmo quando Jonathan já

completara 2 anos, não parecia haver nenhuma ameaça real de que os Estados Unidos se envolveriam, pelo menos assim diziam os políticos, mas outra vez Sabrina não acreditava nos seus discursos.

– Como podemos não entrar, John? Estão morrendo aos milhares lá. Acha realmente que não vamos ajudá-los? E o problema é que, se o fizermos, seremos uns tolos, mas se não o fizermos, seremos as criaturas mais impiedosas que jamais existiram. Não sei o que pensar.

– Você se preocupa demais com política. Esse é o problema com as mulheres que costumavam trabalhar, não sabem o que fazer consigo mesmas depois.

Adorava caçar da mente inquiridora dela.

Sabrina tinha muito o que fazer com o pequeno Jon, tanto que embora desejasse muito ir, resolveu não acompanhar John a Nova York. Ele tinha negócios a resolver para ambos em Detroit e alguns investimentos a acompanhar em Nova York.

– Poderemos voltar lentamente pelo Sul, se você quiser. – Estava tentando-a, pois detestava viajar sozinho. Apreciava muito a companhia dela e eram inseparáveis a maior parte do tempo.

– Quanto tempo ficaríamos fora?

Ele pensou um instante.

– Provavelmente três semanas. Talvez quatro.

Levariam duas semanas apenas para atravessar o país e voltar, ou quase isso, mas Sabrina balançou negativamente a cabeça.

– Não posso. Poderíamos levar Jon?

John pensou e depois meneou a cabeça sensatamente.

– Pode imaginar dez dias com ele no trem?

Ela exalou um gemido e ambos riram.

– Posso, mas acho que jamais recuperaria minha sanidade mental.

O menino tinha 2 anos e pegava tudo a sua volta. Era uma criança viva, saudável, feliz, e Sabrina lamentava não ter engravidado outra vez. Sentira-se esperançosa desde que ele nascera, mas não acontecera novamente. Mas já não parecia tão importante, agora que tinham Jon. Por alguma razão, e o médico não sabia explicar, ela não engravidava com facilidade. Mas estavam ambos felizes com seu único filho.

– Detesto deixá-lo ir sozinho, querido, e por tanto tempo.

– Eu também. – Não parecia satisfeito. – Tem certeza de que não quer deixar Jon com Hannah aqui?

– Não creio que possa. Ele é muito ativo para ela nessa idade. – E não havia ninguém em Thurston House a quem ela o confiasse, embora estivessem sempre lá. – Desta vez não posso.

– Está bem.

Ele prosseguiu com seus planos e no dia 19 de setembro ela foi com o pequeno Jon à estação, deram-lhe um beijo de despedida e ele acenou do vagão particular que reservara para viajar. E foi para o Leste, enquanto Jon e Sabrina voltavam a Thurston House a fim de esperá-lo. Tinha alguns negócios a resolver na cidade, com seu banqueiro, e queria encomendar cortinas novas, alguns estofados e tapetes para Thurston House, já que passavam tanto tempo ali. Tinha o suficiente para se manter ocupada enquanto ele estivesse fora, mas o local parecia terrivelmente solitário sem ele. Ela ia de um lado para o outro na casa imensa, ansiosa por notícias do marido, mais ansiosa ainda para que ele voltasse para casa, mas ainda faltavam semanas. Ficava sentada no jardim brincando com o pequeno Jon.

No dia seguinte, foi ao centro da cidade escolher os tecidos de que precisaria, imaginando onde John estaria àquela hora. Parou na rua, viu um pequeno jornaleiro empunhando os jornais e, de repente, seu coração parou. DESASTRE DE TREM NA CENTRAL PACIFIC LINE. CENTENAS DE MORTOS, dizia a manchete. Sentiu-se tonta, abrindo caminho na multidão para ler o que estava no jornal. Arrancou-o do menino, enquanto enfiava-lhe uma nota de um dólar na mão, e ficou parada tremendo. Não havia nomes, nenhuma relação de acidentados, mas era o trem no qual seu marido viajava. O desastre acontecera em Echo Canyon, a leste de Ogden, Utah. Ficou ali de pé, anestesiada, sem conseguir pensar, e foi ao banco, sem saber como chegou lá. Ficou parada, paralisada, lágrimas de terror escorrendo-lhe pelo rosto, até que alguém descobriu quem ela era.

– Sra. Harte... posso ajudá-la?...

Levaram-na às pressas para o escritório do presidente e ela entregou-lhe o jornal com um olhar aterrorizado no rosto.

– John partiu nesse trem ontem. Há algum modo de descobrir... – Não ousava sequer proferir as palavras. Podia ser que nada tivesse sofrido ou que estivesse entre os feridos mencionados. E, se estivesse, iria até ele imediatamente. Jonathan iria ter de ficar com os criados até que voltasse, não havia dúvida a respeito disso agora. Sua mente já pensava adiante, enquanto olhava suplicante para o presidente do banco. – Pode descobrir?

Ele assentiu preocupado.

– Enviaremos um telegrama ao nosso banco em Ogden, solicitando-lhes que obtenham a informação para nós.

O trem ficara parado lá, pois não estava em condições de prosseguir viagem, e um trem vazio partira de São Francisco naquela tarde para apanhar os sobreviventes do desastre.

– E se contatarmos a companhia da estrada de ferro? Devem ter uma relação dos acidentados.

O presidente assentiu novamente.

– Faremos tudo que nos for possível, Sra. Harte. Onde poderemos encontrá-la?

– Esperarei notícias suas em casa, ou devo ficar aqui?

– Não, um dos meus funcionários a levará para casa e eu a informarei assim que tivermos qualquer notícia.

Estava terrivelmente preocupado. Os Harte eram seus principais clientes, como fora o pai da Sra. Harte, e esperava que o Sr. Harte tivesse saído ileso do desastre. Ajudou-a a entrar no carro do vice-presidente, mandou que a levassem para casa e voltou depressa para enviar ordens frenéticas para todo mundo. Telegramas foram enviados à Central Pacific solicitando resposta imediata, enviou um mensageiro ao chefe do escritório da rede ferroviária e ficou esperando notícias. E quando chegaram, não foram boas. John Harte estava na relação das vítimas do acidente. Morrera em um dos seis carros que tinham sido inteiramente destroçados quando o trem saltou dos trilhos e se projetou a centenas de metros num barranco. O corpo fora resgatado havia apenas algumas horas e sua identidade não fora conhecida de início, mas agora sabiam quem ele era e o banco em Ogden respondeu à solicitação com pesar e condolências extensivas à família. O que não ajudou em nada a apaziguar os nervos do presidente ao transpor os portões de Thurston House naquela tarde e bater à porta de maneira lúgubre.

Uma criada atendeu e ele pediu para ver a Sra. Harte, se fosse possível. Ela veio no mesmo instante, assim que lhe informaram quem era, deixou Jon com uma das criadas no andar de cima e desceu as escadas correndo, com um olhar esperançoso no rosto. Sem dúvida haviam descoberto que John estava prestando auxílio a todo mundo. Estava tão acostumado com desastres nas minas ao longo dos anos,

que era maravilhoso nestas horas. Sabrina olhou para baixo das amplas escadas com um sorriso nervoso, mas a expressão no rosto do homem fez com que ficasse parada onde estava.

– John?... – Era quase um sussurro sob a majestosa cúpula. – Ele... ele está bem, não está? – Desceu mais alguns degraus e parou, ao ver o homem balançar a cabeça, e correu em seguida para ele. – Ele não está...

Quisera poder lhe dizer algo diferente, quisera que ela estivesse sentada para não desmaiar em seus braços. E por nada deste mundo queria ser a pessoa a dar-lhe a notícia, mas não tinha escolha. A missão lhe coubera e olhava-a agora com o rosto contrito. Não devia acontecer com pessoas como aquelas, pessoas que se amavam tanto, que levavam uma vida tão decente, que haviam se encontrado depois de tanto tempo.

– Lamento muito, Sra. Harte. Acabamos de saber... – Respirou fundo e continuou. Não iria ficar mais fácil, agora só podia tornar-se mais difícil, para ela pelo menos. – Morreu noite passada no desastre. Recuperaram o corpo – não suportava lhe contar isso, mas não havia como retroceder – de um barranco somente esta tarde.

OuvIU-se um grito de dor quase animal, igual ao da ocasião em que dera à luz Jon, mas isso era muito pior e não havia nenhum bebê à espera no final. E agora não havia mais John. Levantou os olhos para o presidente do banco com mais sofrimento do que ele jamais vira. Não sabia o que lhe dizer, ali parados nas escadas de Thurston House, sob a cúpula que seu pai construía e que ela refizera depois que fora destruída em 1906. Mas nenhum deles a via agora. Não viam nada além dos olhos um do outro e ele viu os dela encherem-se de lágrimas. Ela não chorou, não gritou, não desmaiou ou teve em ataque histérico nos braços dele. Simplesmente, acompanhou-o até a porta, com uma expressão de que o mundo tivesse acabado. E para Sabrina Harte, tinha.

Livro III

Sabrina: Os anos subsequentes

Não havia como explicar a Jonathan Harte, de 2 anos, que o pai morrera. Ele mal podia falar e não havia como fazê-lo compreender. Mas todas as demais pessoas ficaram sabendo e, quando o corpo de John foi trazido de volta à cidade, houve uma missa em sua memória na Igreja Old Saint Mary's e uma cerimônia fúnebre em Napa, onde o enterraram. E Sabrina sentiu-se como se a tivessem enterrado ao lado dele. Mandou que abrissem o caixão quando chegou e ficou sentada sozinha na biblioteca de Thurston House, olhando-o, os ferimentos, o pescoço quebrado. Ainda havia terra do barranco em seu rosto, e ela ficou sentada ali, tirando-a do rosto dele, esperando que se levantasse ao toque de sua mão, para dizer-lhe que tudo fora um engano. Mas não havia engano algum. John Harte não se moveu e sua breve vida com ele chegara ao fim.

Foram casados durante sete anos e não conseguia nem sequer começar a imaginar como iria continuar sem ele. Estava mais destruída do que jamais estivera por qualquer outra coisa em sua vida. Ficava sentada horas e horas na varanda da frente, olhando fixamente para o espaço vazio, e finalmente Hannah vinha bater-lhe no braço para lembrá-la de alguma coisa que tinha a fazer ou de que Jonathan precisava dela. Mas era como se sua mente tivesse ficado em branco com a morte dele. Não sentia nada, não via nada, não falava nada com ninguém e nem sequer conseguia dar nada ao filho.

Já tinham lhe avisado, por diversas vezes, que havia uma pilha de coisas que ela precisava ver, em ambas as minas, e ela não conseguia se animar a ir a nenhuma das duas, nem à dele nem à sua própria, e não conseguia imaginar agora por que lutara tanto contra a fusão das duas que durante tanto tempo ele buscara. Que motivo teria tido? O que tentara provar? Não conseguia se lembrar, nem conseguia reunir a vontade de cuidar dos seus negócios outra vez.

– Sra. Harte, precisa vir. – Seu próprio capataz suplicou-lhe uma meia dúzia de vezes, na casa em Santa Helena, e ela assentia, mas no dia seguinte não aparecia.

Um mês se passou e, finalmente, os dois capatazes vieram juntos desesperados, e ela viu que não tinha mais como evitar desta vez. Entrou no carro de John com eles e dirigiu até sua mina primeiro, mas ao entrar no escritório que fora seu havia tanto tempo, foi como se tivesse voltado no tempo. Podia se lembrar da primeira vez que fora lá após a morte do pai, o corajoso discurso que fizera com o chifre, e os homens desertando-a em bandos.

... a terrível cena com Dan... e de repente sentiu-se tão abandonada quanto se sentira naquela época, era como se a dor fosse a mesma, havia menos de uma década e, ao olhar para os dois homens que a tinham levado até ali, seu rosto desabou como se fosse areia e ela começou a chorar até soluçar descontroladamente. Seu próprio capataz abraçou-a de modo desajeitado.

– Sra. Harte... sei que é doloroso vir aqui agora... mas...

– Não, não. – Balançava a cabeça, olhando-o desesperada. – Você não compreende. Não posso fazer isso outra vez... simplesmente não posso... já não tenho a força que tinha naquela ocasião...

Ele não compreendia o que estava querendo dizer e ela suspirou, tentando recobrar o controle. Finalmente, sentou-se na cadeira onde John se sentara tantas vezes quando trabalhava em sua mina.

– Não posso administrar esta mina outra vez. Tenho um filho em quem pensar agora.

Ambos sabiam que ela o havia feito um dia e consideravam isso extraordinário, principalmente porque ouviram dizer que tinha realizado um excelente trabalho, mas ninguém esperava o mesmo dela agora.

– Não pensamos que o faria, Sra. Harte.

Pareceu surpresa e aliviada com as palavras deles e de repente percebeu que isso fora uma das coisas que mais temera no último mês. Isso e a sensação de solidão ao ver as minas onde John trabalhara com tanto afinco. Estariam tão vazias sem ele agora. Não podia nem pensar nisso e levantou-se com um suspiro entrecortado.

– Quero que vocês dois continuem a administrar as coisas do mesmo modo. Eu me reunirei com vocês regularmente e quero saber de tudo que esteja acontecendo. E – pegou a ambos de surpresa – quero fundir todas as nossas minas. – Sabia que devia ter feito isso quando John era vivo e sentia-se culpada por ter resistido à ideia durante tanto tempo, como se não confiasse nele. Ainda se sentia mal quando pensava nisso, mas agora ia fazê-lo. – Todo mundo sabe que as duas são geridas como uma. Quero que sejam denominadas Minas Thurston-Harte.

– Sim, senhora.

Sabiam que ia levar algum tempo para preparar todos os papéis, mas pelo menos podiam começar a trabalhar nisso e havia um ligeiro indício da antiga Sabrina, quando ela anotou uma série de coisas num bloco e entregou a cada um deles.

– Fora isso, quero que as minas sejam administradas como têm sido até agora. Deem continuidade a tudo que meu marido fez. Não quero que nada mude em nenhuma das minas.

Mas o que ela descobriu nos meses seguintes era que havia problemas em ambas as minas, particularmente na dele. Os lucros da mina dele haviam decrescido drasticamente nos últimos anos, mas ele nunca se queixara com ela e fora demasiadamente honesto na maneira como dirigiu as minas Thurston para ela, sem jamais aplicar os lucros dela aos prejuízos dele. Tinha ainda mais razões de lhe ser agradecida do que tivera então e sentiu pena pela preocupação que ele devia ter tido com a própria mina. E nunca lhe dissera nada. Mas essas preocupações sobre o que foram as minas Harte se alteraram radicalmente quando os Estados Unidos entraram na Guerra Mundial, em 1917, e repentinamente a necessidade de balas e armas de guerra criaram uma enorme demanda de sulfeto de mercúrio e os negócios nas minas deles floresceram. Já eram conhecidas como Minas Thurston-Harte e Sabrina estava fazendo muito dinheiro rapidamente, embora não se importasse de fato. Tudo que lhe importava era seu filho Jon e ainda não havia se recuperado da perda do homem que tanto amara. E agora, como se procurasse uma parte dele, começou a trabalhar de novo vários dias por semana nas minas. Isso tirava seu pensamento de tudo o mais e, quando Jonathan começou a frequentar a escola, mantinha-se ocupada enquanto ele estava ausente. Mas, com demandas cada vez maiores nas duas minas, eventualmente começou a ficar cada dia até mais tarde, trabalhando como o fizera antes, até tarde da noite, e com frequência quando chegava em casa, cansada demais para comer ou fazer qualquer outra coisa, já era tarde demais para ver o filho.

Raramente ia a São Francisco agora. Thurston House fora fechada outra vez e só ia lá vez ou outra, ajeitando-se sem ajuda alguma, como costumava fazer nos anos em que vivia só, sempre que passava alguns dias com Jon. Passou um Natal lá, mas foi mais do que podia suportar, lembrando-se da sua vida ali com John e a noite em que o filho nascera. Sabia como o pai se sentira depois que sua mãe morreu e fora casada com John muito mais tempo do que ele com Camille. Não aguentava permanecer ali e acabava voltando para Napa, para perder-se nas minas o dia inteiro.

E no devido tempo percebeu o quanto o filho odiava aquilo.

– Tudo o que você faz é trabalhar. Você *nunca* está aqui!

Sabia que ele tinha mágoa dela por isso, mas então já estavam em 1926 e novamente havia problemas com as minas, com ambas desta vez. Simplesmente havia menos demanda de sulfeto de mercúrio e tivera de dispensar muitos homens, fechar alguns túneis nas minas que originalmente eram dela. E a Lei Seca já estava em vigor havia sete anos, de modo que seus vinhedos eram inúteis e, pela primeira vez na vida, começou a se preocupar com suas finanças. Era importante que ela conservasse tudo que pudesse para Jon. Ele tinha apenas 12 anos e ela queria lhe dar tudo que ela mesma tivera. De certa forma, ele era uma criança difícil e não só se ressentia por ela trabalhar muito, mas pelo fato do pai dele ter morrido. Parecia culpá-la por isso.

– Não tenho culpa, Jon! – Respondeu inúmeras vezes quando ele gritava com ela, mas o problema era que ainda se sentia de certa forma culpada pela morte de John, como se devesse estar na viagem e ter morrido com ele; no entanto, se assim fosse, o que teria sido de Jon?

– Todos os meus amigos acham você esquisita. Você trabalha mais do que os pais deles.

– Não posso fazer nada. Sou responsável por você, filho, e este é um período difícil.

Em 1928, com o coração partido, ela vendeu o que fora a mina de John e aplicou toda a quantia que recebeu no mercado de ações, esperando vê-la crescer para que um dia tivesse uma fortuna para dar a Jon. E esse sonho transformou-se num pesadelo na terça-feira, 29 de outubro de 1929. Perdeu cada centavo que ganhara na venda da mina de John e se consumiu de culpa pelo que fizera. Em três anos teria de mandar o filho para a universidade e isso fazia com que tremesse dos pés à cabeça. Não lhe contou nada a respeito do dinheiro que perdera e o tempo todo ele falava em ir para Princeton ou Harvard, talvez para a Europa com ela, e queria um carro antes de partir. Parecia estar sempre lhe fazendo exigências e não percebia que ela estava em dificuldades. Fora sempre uma criança exigente e ela permitira que o fosse, dando-lhe tudo que queria, como se quisesse expiar alguma culpa, como se quisesse compensá-lo pelo fato de trabalhar muito e de seu pai ter morrido quando tinha apenas 2 anos. Mas fazer as vontades de Jon não trazia seu pai de volta, apenas tornava impossível a vida de Sabrina, à medida que a hora de ir para a universidade se aproximava e, pior ainda, quando ele foi aceito em Harvard, Princeton e Yale.

– Bem. – Prendeu a respiração, tentando parecer inteiramente calma, sem deixar o pânico transparecer. Mas estava ficando boa nisso, havia dois anos e meio, quando houve a quebra da bolsa. – Para onde pretende ir? E como acha que vou pagar?

A mina praticamente se exaurira e havia tempos que pensava em vender a casa em Santa Helena. Haviam se mudado para São Francisco quando Jon começou a se preparar para a faculdade e ela fizera Hannah vir com eles, praticamente contra a vontade dela, durante certo tempo e agora ela voltara para a casa em Napa outra vez. Sentia-se mais feliz lá e Sabrina detestava a ideia de vender a casa, mas praticamente não tinha escolha. Teria de vender para mandar Jon para a universidade no outono, fosse qual fosse a escolhida por ele.

– Acho que talvez para Harvard, mamãe. – Deu um largo sorriso para ela, com um ar presunçoso, e ela achou engraçado.

– Está satisfeito consigo mesmo, não é? – Era um rapaz digno no íntimo e, se era mimado, a culpa era sua mesmo e ela sabia disso muito bem. – Na verdade, eu também estou satisfeita com você. Suas notas foram maravilhosas e você mereceu ser aprovado para todas essas universidades. Acha mesmo que Harvard é a que melhor lhe convém?

– Acho que sim – respondeu franzindo a testa.

Quase se decidira por Yale, mas New Haven parecia-lhe tão lúgubre quanto Santa Helena. Queria mais movimento e todo mundo dizia que Boston era fantástica e Cambridge era simplesmente uma continuação dela. Estava tão interessado em sua vida social quanto nas oportunidades acadêmicas, o que não era de se admirar num rapaz de 18 anos. O que não era razoável era o pedido que fez a Sabrina pouco antes de terminar o colégio naquele ano. Tinha quase 18 anos e Sabrina estava com 44, mas para ele era como se tivesse mil anos. Era distante e sisuda, geralmente desatenta, por motivos que não compartilhava com ele.

– Não se importa se eu comprar um carro e mandá-lo para o Leste de trem, não é, mamãe? Vou precisar dele em Cambridge o tempo todo. – Sorriu angelicalmente para ela.

Nunca lhe ocorrera que ela pudesse lhe dizer não. Ela raramente o fazia, ainda que tivesse de se privar de alguma coisa, o que geralmente acontecia. Mas, desta vez, não podia nem sequer pensar num carro. Ainda não vendera a casa de Santa Helena e estava ficando desesperada. A anuidade dele para o ano seguinte tinha de ser paga até o dia primeiro de julho e se não vendesse a casa em Napa, não tinha a menor ideia do que faria.

– Acho que um Modelo A pequeno, com um assento suplementar. É realmente o carro perfeito e quando ficar muito frio...

Ela levantou a mão com um ar de pânico nos olhos que ele nunca vira antes, mas também não viu desta vez. Estava pensando em si mesmo e ela pensava desesperadamente nos minguados recursos. Mas eram quase estranhos a essa altura. Ela escondera muita coisa dele.

– Não acho que um carro seja uma boa ideia no momento, Jon.

– Por que não? – Olhou-a surpreso. – Preciso de um carro.

Mas alguma coisa dentro dela simplesmente não a deixava contar-lhe a verdade. Orgulho, provavelmente.

– Você pode se locomover sem um carro no começo, Jon. Só vai fazer 18 anos em julho, pelo amor de Deus, e nem todo mundo chega na universidade com um Modelo A novinho em folha.

O nervosismo dela tornava sua voz estridente e ele olhou-a horrorizado.

– Aposto como a maioria chegará com algum tipo de carro. Meu Deus, como acha que vou andar por lá?

– Pode andar de bicicleta no primeiro semestre – engoliu em seco quase visivelmente – ou caminhar. Falaremos sobre um carro no ano que vem.

Talvez até lá as coisas tivessem melhorado nas minas, mas não via como poderiam estar, e seus vinhedos eram-lhe inúteis havia 13 anos. Simplesmente desistira deles e estava pensando em vender a terra. A única coisa que sabia que nunca venderia era Thurston House e queria vender a menor parte da terra que pudesse. Sabia o quanto essas terras haviam significado para seu pai quando construíra seu império havia tanto tempo e queria preservar o máximo que pudesse para um dia dar a Jon.

– Não compreendo seu modo de pensar. – Andava pelo cômodo, olhando-a de modo fixo e penetrante. – O que acha que vou parecer numa bicicleta? Todo mundo vai rir de mim!

– Isso é ridículo. – Sentiu-se tentada a lhe contar exatamente em que situação se encontrava, mas nunca conseguiria fazê-lo. Não queria amedrontá-lo e era orgulhosa demais. – Jon, metade do país está desempregada. As pessoas estão fazendo economia em toda parte. Ninguém vai ficar chocado com um pouco de economia. Na verdade, seria muito mais surpreendente chegar com um carro novo em folha. Estamos numa depressão. Você não vai querer parecer um grosseirão espalhafatoso do Oeste, chegando no seu carro.

– Agora você está sendo ridícula. Quem se importa que haja uma depressão? Não nos afetou, não é? Então, o que importa?

Compreendia, ao ouvi-lo, que errara em lhe pintar um quadro tão róseo; de certa forma isto o fizera insensível e fora da realidade; era sua culpa se ele não entendia a condição deles. Como poderia? Não lhe explicara nada. Entretanto, ainda não queria lhe contar agora. Levava aquela bravata longe demais para interrompê-la agora.

– Esta é uma atitude irresponsável, Jon. *Temos* de nos importar...

Ele a cortou.

– Bem, eu não me importo, que droga! Tudo que me interessa é meu carro.

Ainda estava chateado quando ela o levou até o trem para Boston, no dia em que partiu para a faculdade. E o fazia com o coração na mão, como sempre acontecia quando ele viajava de trem para qualquer lugar, desde que John morrera. Ela teria ido com ele, mas havia muito a fazer nas minas ultimamente. E felizmente conseguira vender a casa em Napa em cima da hora. O dinheiro daria para manter Jon em Harvard nos dois primeiros anos e rezava para que as coisas melhorassem até a época em que aquele dinheiro se exaurisse e ela tivesse de pagar outra anuidade. Cortara-lhe o coração vender a casa. Sua família a possuía por mais de 60 anos e era a casa que Jeremiah construía para sua noiva que morrera na epidemia de gripe e para onde levava Camille ao se casar, além de Thurston House, é claro. E a casa de Santa Helena fora onde ela nascera. Jonathan parecera achar que não fora uma grande perda. Para ele Napa era muito maçante de qualquer forma e Sabrina sentia-se aliviada por Hannah ter morrido havia dois anos e não poder ver a casa que amava passar para outras mãos. Jamais gostara muito de Thurston House, era a casa de Santa Helena que amava, e agora pessoas estranhas moravam ali, mas Sabrina não se lastimou com Jon. Queria lhe proporcionar a melhor educação possível, com ou sem depressão, razão pela qual ficou furiosa com ele ao ver as notas do meio do período. Estava fracassando em tudo e aparentemente mal comparecia às aulas, o que fez com que ela o infernizasse quando ele lhe telefonou no Dia de Ação de Graças. Amelia o convidara a Nova York, mas ele ficara em Cambridge com os amigos.

Amelia estava com 86 anos e embora Sabrina ainda a considerasse elegante e notável, Jonathan não a suportava.

– Ela é tão velha, mamãe!

Inegavelmente era, mas era também tão mais que isso. Sabrina lamentava que ele fosse jovem demais para perceber. Estava decepcionado por ele não gostar dela, mas não havia como discutir com ele, a não ser agora, por causa das notas.

– Se você não levar isso a sério, Jon, vou cortar sua mesada.

Sem dúvida seria um alívio para ela e sabia que o assustara. Sabia que ele ainda queria convencê-la a respeito do Modelo A, mas agora ele não podia.

– Acho bom você comparecer a todas as suas aulas. Caso contrário, terá de voltar e trabalhar nas minas comigo.

Para ele, era um destino pior do que a morte, ela o sabia. Detestava tudo que dizia respeito às minas, exceto o dinheiro que elas lhe proporcionavam, para que pudesse ter as coisas que o faziam sentir-se importante e seguro, que era toda a questão a propósito do carro, como ela sabia. Mas desta vez não podia socorrê-lo. Queria o carro para se sentir como todos os outros, mas, afinal de contas, ele não tinha pai. Por quanto tempo ela poderia se sentir culpada por isso? Sentira-se assim durante muitos anos, mas isso não lhe traria o marido de volta.

– Quero que leve o seu trabalho a sério. E veremos como andam suas notas quando voltar para casa, rapaz.

Mandara-o vir passar as férias com ela, o que não era nada econômico, mas não queria que ficasse sozinho no Natal e também queria vê-lo. Era tudo que tinha para ansiar e olhar para a frente.

Não havia nada em sua vida além de Jonathan e a realidade infinitamente deprimente de que não poderia manter as minas por muito tempo mais. Se obtivesse uma oferta pelas terras dos vinhedos agora, sabia que as venderia. Mas quem iria comprá-las? Eram inúteis para todo mundo. Ela cultivara ameixas e nozes durante algum tempo, mas não davam lucro, maçãs... uvas para consumo... mas o que queria cultivar era uvas para vinho.

Sempre sonhara em produzir vinhos de qualidade, mas nunca conseguira realizar este sonho e agora imaginava se um dia poderiam fazer vinho novamente.

Quando reviu Jon em dezembro de 1932, constatou impressionada que em algum ponto, de alguma forma, nos últimos meses, em Harvard, ou em algum lugar no caminho, Jonathan se transformara num homem. Tinha uma aparência adulta e parecia surpreendentemente amadurecido quando falava. Tudo nele era adulto, inclusive sua predileção por garotas. Observou que ele ficava fora até muito tarde da noite quando saía com os amigos, mas ainda havia algumas atitudes que permaneciam as mesmas. Ainda esperava que ela provesse todas as suas necessidades e desejos, todos os seus prazeres e caprichos, e a única coisa que pagava por conta própria eram as garotas.

Consequira elevar suas notas outra vez e ela sentia-se aliviada por isso; agora, porém, ele podia novamente atacar o assunto que ela mais temia. Logo dois dias depois de chegar em casa, começou a amofiná-la e só esperou tanto tempo porque esteve ocupado até então.

– Muito bem, mamãe, e o carro?

– As chaves estão lá embaixo, querido – respondeu sorrindo.

Não fazia a menor objeção a que ele dirigisse seu carro, nunca o fizera, e surpreendeu-se com a expressão do rosto dele agora.

– Não aquele carro. Um novo para mim.

Sentiu um aperto no coração. Acabara de examinar as contas da mina. A situação era desesperadora. O que precisavam para sair do buraco era uma guerra. Sentia-se culpada só de pensar nisso, mas era o que o desgraçado do país inteiro precisava agora. Não se esperava que as mulheres pensassem assim, mas conhecia a economia muito bem. E estava começando a pensar seriamente que precisaria fechar a mina. Não aguentava mais as despesas. Já estava consumindo até mesmo o dinheiro que obtivera com a venda da casa em Napa e precisava dele para pagar a anuidade de Jon no ano seguinte. Para si, já não precisava quase de nada. Não comprava nada para si mesma, vendera todos os carros exceto um, não mantinha nenhum criado em Thurston House e estava aferrando-se a sua antiga

terra de vinhedos, outro terreno que ainda tinha e as minas que seu pai lhe deixara, como se sua vida dependesse disso. Todos os seus outros investimentos foram perdidos na quebra da bolsa de 1929.

- Não acho que precise de um carro no momento. – Não podia nem sequer pensar nisso agora.
- Por que não? – Olhou-a com raiva, com mais de 18 anos e certo de que agora era um homem.
- Temos de discutir isso agora? Não pode ser depois?
- Por quê? Está correndo para o trabalho, como sempre?

Na realidade, estava indo para Santa Helena para ver uma pessoa na mina. Seu capataz ainda administrava quase tudo para ela. Mas ficava lá a maior parte do tempo, tentando ela mesma endireitar as coisas. Não podia transferir esta responsabilidade para ninguém mais e olhou para Jon com tristeza.

- Não devia dizer isso, Jon, sempre estive aqui quando precisou de mim.
- Quando? Quando eu estava dormindo? Quando estava cansada demais até mesmo para conversar comigo quando voltava para casa?

Estava chocada com o que ele lhe dizia. Pelo resto das férias importunou-a, mas sem resultado. Quando finalmente ele partiu para o Leste, ela estava exausta com os ataques dele e sentia-se mais culpada do que nunca pelo que não estava lhe dando. Por vingança, ele escreveu-lhe dizendo que não voltaria até julho. Fora convidado a ir a Atlanta por um dos “homens” que conhecera na faculdade. A família dele o convidara. Ele, porém, não disse o nome do rapaz ou qualquer coisa a respeito da família. Percebeu o jogo que ele estava fazendo com ela. Estava punindo-a por não lhe dar o brinquedo que pedira a ela.

Naquele verão, ele veio para casa em meados de julho e nesse ano não tinham lugar algum para onde ir. A casa em Napa já se fora e tudo que lhes restava era Thurston House. Ela falou a respeito de irem para Lake Tahoe, mas ele ficara tão aborrecido com ela ao descobrir que ainda não iria comprar-lhe o Modelo A que resolveu ir para o lago sozinho com amigos. Afinal, estava com 19 anos e ela não podia ficar correndo atrás dele. Mas estava decepcionada em não vê-lo com mais frequência e pareceu-lhe que logo em seguida ele se foi novamente, deixando-a sozinha em Thurston House.

Mas não por muito tempo. Naquele inverno as coisas simplesmente ficaram difíceis demais para ela e não havia absolutamente nenhuma renda entrando da mina para pagar suas próprias despesas e as de Jon. Estavam começando a trabalhar no vermelho; todos os túneis, à exceção de um maior, estavam fechados e, na época do Natal, Jonathan voltou para casa e encontrou quatro outras pessoas morando lá. Sua mãe começara a aceitar pensionistas e quando Jon percebeu o que ela fizera quase enlouqueceu.

- Meu Deus, está maluca? O que as pessoas vão pensar?

Encolhia-se de medo do que ele estava sentindo e dizendo, mas ficara desesperada naquele ano e não sabia o que mais poderia fazer. As terras dos vinhedos estavam à venda, mas ninguém ainda aparecera para comprá-las e nenhum dinheiro estava entrando. Chegara finalmente a hora de explicar-lhe isso.

- Não há nada que eu possa fazer, Jon. A mina está praticamente fechada. Eu tinha de fazer alguma coisa para conseguir algum dinheiro. Você sabe disso. E as suas despesas são muito maiores do que as minhas.

A vida dele era uma permanente festa em Cambridge agora, com seus amigos sofisticados. Ela jamais reclamara disso, mas era esse o preço que tinham de pagar.

- Percebe que eu não posso trazer nenhum dos meus amigos aqui agora! Meu Deus, parece um bordel, pelo amor de Deus.

Ela não aguentaria muito mais.

– Presumo, pela quantidade de dinheiro que tem gasto, que você tem visto muitos bordéis.

– Não me venha com sermão sobre isso agora – gritou-lhe certa vez tarde da noite. – Você se transformou na cafetina de Thurston House, não foi?

Deu-lhe uma bofetada por ter dito aquilo e sentiu-se mal por isso, mas a situação entre eles tornara-se insuportável e quase sentiu-se aliviada quando, no verão seguinte, ele lhe contou que não iria para casa. Iria para Atlanta outra vez, ficar com “amigos”. Presumia que fossem pessoas de bem e estava decepcionada por não vê-lo durante tanto tempo, mas tinha tanta coisa na cabeça que não teria usufruído a companhia dele de qualquer modo. E não o teria aguentado importunando-a por causa do carro. Embora isso lhe partisse o coração, decidira vender a mina, o que quase aconteceu. Pior ainda, quase não tinha valor algum agora. Vendeu-a pelo valor da terra, mas deu para pagar a anuidade de Jon de novo, embora desta vez apenas por um ano, e permitiu-lhe se livrar dos pensionistas, de forma que quando Jon voltou no Natal, ao menos não tinham isso entre si novamente. Foi mais tranquilo dessa vez, embora parecesse ter se afastado dela, e não mencionou carro. Tinha outra coisa em mente, que se constituiu num grande problema para ela. Queria ir à Europa com um grupo de amigos em junho e ela não tinha a menor ideia de como iria financiar essa viagem. Não havia mais nada a vender, a não ser as joias de sua mãe, e as guardava para pagar o último ano da faculdade. Tinha medo de gastar em qualquer outra coisa, mas a viagem parecia extremamente importante para ele. Com um suspiro de exaustão, ela sentou-se e conversou com ele uma noite.

– Com quem você iria?

Não faziam mais nada juntos, mas ele já estava com quase 21 anos e não era razoável esperar isso dele. Mas ela ficava nervosa às vezes por não conhecer nenhuma das pessoas com quem o filho convivia na faculdade. Esperava apenas que fossem pessoas respeitáveis. Havia tanta coisa sobre dele que não sabia agora. Coisas a respeito das quais o pai o teria questionado, mas Sabrina não tinha certeza até onde ia sua parte e não queria bisbilhotar a vida dele excessivamente. E ele não estava interessado em conversar com ela.

Foram anos difíceis para ambos. Tudo que desejava, queria que ela lhe desse, a tempo e a hora... tudo que havia entre eles baseava-se em necessidade e vontade, e havia anos que nada era dito sobre amor. Sentia falta dessa parte dele, a criança pequena que subia em seu colo e se agarrava a ela. Pensou nisso enquanto estava ali sentada, olhando-o.

– Bem, posso ir?

– Aonde?

Estava tão cansada que se esquecera do que conversavam, pois havia uma pressão permanente sobre ela.

Não lhe restava absolutamente nada, a não ser a casa onde estavam, as terras dos vinhedos e as joias que tinham sido de Camille; não havia qualquer renda, nenhuma perspectiva de dias melhores. Pensara em arranjar um emprego nos últimos meses e depois teve outra ideia. Havia alguns empreendedores que queriam comprar as extensas terras ao redor de Thurston House, para construir outras casas onde ficavam seus jardins. Poderia ser uma resposta para a sua situação, mas ainda não tinha certeza. Jonathan olhava-a exasperado. Cristo, não era possível que ela já estivesse senil, tinha apenas 46 anos.

– Para a Europa, mamãe.

– Você não me disse com quem.

– Que diferença faz? Não conhece seus nomes de qualquer forma.

– Por que não? – Talvez Amelia conhecesse. Ela se lembrava de tudo e parecia conhecer todo mundo na Costa Leste e até além, todo mundo que era alguém, ou fora um dia. – Por que não me diz o nome de seus amigos, Jon?

– Porque não tenho mais 10 anos – resmungou, levantando-se da cadeira a sua frente. – Vai me deixar ir ou não? Estou cansado deste jogo com você.

– E que jogo é este? – Tinha a voz calma, como sempre, e não lhe disse nada sobre o seu sofrimento ou a tensão dos últimos anos.

Nunca deixava transparecer nada, exceto que o sofrimento estava lá, em seus olhos, em seu coração, em sua alma, se alguém olhasse atentamente. Amelia vira-o da última vez que estiveram juntas e ficou com pena. Não houvera nenhum homem na vida de Sabrina desde que John Harte morrera havia 18 anos, ninguém jamais estivera à altura dele e nunca estaria, se dependesse dela. Levantou os olhos para Jonathan. Era realmente diferente de todos eles. Não se parecia com o próprio pai nem com o avô, nem tampouco se parecia com ela. Faltava-lhe a disciplina, a paixão pelo trabalho. Em vez disso, gostava de se divertir e sempre queria obter as coisas da maneira mais fácil. Às vezes ela se preocupava com isso. Ele precisava aprender a obter as coisas com seu próprio esforço e talvez esta fosse a hora. Pensou nisso ao vê-lo, andando com passos largos e arrogantes pelo aposento, com ar infeliz.

– Jonathan, se você quer ir para a Europa tão desesperadamente, por que não arranja um emprego em Cambridge por algum tempo?

Olhou-a pasmado, com uma raiva desenfreada nos olhos.

– Por que você não arranja um emprego, em vez de ficar por aí se lamentando o quanto é pobre o tempo todo?

– É isso que eu faço? – As lágrimas encheram-lhe os olhos, pois ele colocara o dedo na ferida. Tentava tanto não se queixar com ele, mas ele sempre sabia atingir onde mais doía. Levantou-se, cansada. Fora um longo dia, longo demais, e talvez ele tivesse razão. Talvez ela devesse arranjar um emprego. Pensava bastante nisso. – Lamento que pense assim. E talvez tenha razão. Talvez nós dois devêssemos arranjar um emprego. São tempos difíceis para todos, Jon.

– Não parece, lá na faculdade. Todos têm o que querem, exceto eu.

O carro novamente. Enviara-lhe tudo o mais e ele dispunha de uma boa quantia para seus gastos, ambos o sabiam. Mas não tinha um carro... e agora havia a viagem à Europa... ela realmente precisava fazer alguma coisa para que o dinheiro começasse a entrar...

– Verei o que posso fazer.

Quando ele retornou às aulas, ela quebrou a cabeça ao pensar no que poderia fazer para obter algum dinheiro. Era quase impossível arranjar um emprego ultimamente. Estavam em 1935 e a economia estava ruim havia anos. Além disso, ela não sabia datilografar, nem estenografar, não tinha habilidade alguma de secretária e empregos para administrar minas não estavam exatamente dando sopa, riu consigo mesma, para não chorar de desespero. Era a única coisa que sabia fazer.

Então, em março, recebeu uma carta de Amelia, em sua escrita já trêmula, explicando que um amigo dela estava vindo para a Califórnia comprar algumas terras, um homem chamado Vernay... De Vernay, para ser exata, Amelia explicara, enquanto Sabrina sorria à precisão de que ela ainda fazia questão. Ele cultivava as mais finas uvas na França e agora que a Lei Seca fora abolida, ele queria trazer algumas de suas vinhas para os Estados Unidos e cultivá-las. Pedia desculpas por dar trabalho a Sabrina com tudo aquilo, mas já que ela conhecia tão bem a região, perguntava se seria muito transtorno ajudá-lo.

Na verdade, Sabrina não se importava em absoluto e de repente imaginava se ele iria querer comprar suas terras de vinhedos. Não podia fazer nada com elas agora. Estavam completamente tomadas pelo mato e já não podia cuidar delas. A Lei Seca demorara demais. Quatorze anos simplesmente mataram o seu sonho de um dia produzir seu próprio vinho. Fora uma ideia louca de qualquer forma, até mesmo John sempre caçoara dela por causa dos vinhos, embora tivesse admitido uma vez que eles eram bons. Houve uma época em que ela sabia muito a respeito, mas já esquecera quase tudo agora. Tudo que sabia era sobre de sulfeto de mercúrio, mas quem se importava com isso? Ninguém, sabia-o muito bem, e de vez em quando permitia-se recordar os velhos tempos... quando dirigira as minas Thurston... quando todos aqueles homens a desertaram... quando as reergueu novamente e, em seguida, censurava-se. Ainda estava muito nova para viver no passado daquele modo. Faria 47 anos naquela primavera e notavelmente, apesar de tudo por que passara, sabia que aparentava menos idade. Mas sentia o peso de cada ano, pensou consigo mesma quando trabalhava no jardim um dia, podando as cercas vivas com uma enorme tesoura. De repente notou um homem alto, de cabelos grisalhos, fazendo sinal para ela do portão. Tratava-se provavelmente de alguma entrega, presumia, e aproximou-se dele, protegendo os olhos do sol com uma das mãos enfiada em luvas grossas. Viu então que ele estava bem vestido, o que era mais do que podia dizer a si mesma. Estava horrível, com roupas grosseiras de trabalho que eram do seu filho, mas enrolara as calças e colocara um velho casaco por cima. Seu cabelo estava preso num coque bem no alto da cabeça e longos fiapos haviam-se soltado. Olhou para o homem grisalho, metido num terno bem talhado, e imaginou o que ele estaria fazendo ali. Talvez estivesse perdido, pensou ao abrir o portão.

– Em que posso ajudá-lo?

Sorriu-lhe e ele olhou para ela. Parecia surpreso, em seguida divertido, e, quando falou, ela notou que tinha sotaque francês.

– Sra. Harte?

Ela fez que sim com a cabeça e ele sorriu.

– Sou André de Vernay, um amigo da Sra. Goodheart de Nova York. Creio que ela lhe escreveu.

Por um instante, deu um branco na mente, mas em seguida lembrou-se da carta de Amelia de algumas semanas antes e sorriu olhando-o nos olhos, quase da cor dos dela.

– Entre, por favor. – Abriu o portão para ele e ele entrou, olhando os jardins que se estendiam por quase um quarteirão inteiro até a casa. Eu quase me esqueci... foi há semanas...

– Eu me demorei na França. – Era incrivelmente educado e parecia extremamente elegante e bem arrumado quando Sabrina encaminhou-o para a casa, enquanto ele se desculpava por não ter telefonado avisando-a; depois não resistiu e perguntou-lhe: – A senhora cuida disto tudo sozinha?

– Tudo. – Havia certo orgulho nisso, mas fora mais fácil quando não tinha de fazer tudo sozinha. – Acho que me faz bem. – Riu. – Ajuda a formar o espírito. – Fingiu mover um músculo e ele riu. – Bíceps também. Não posso prescindir de ambos. – Atirou o casaco numa cadeira, olhou para as ridículas calças que usava e riu outra vez. – Talvez o senhor devesse ter telefonado. – Ele riu também. – Aceita uma xícara de chá?

– Sim. Não... quer dizer...

Os olhos dele pareciam penetrá-la. Era como se tivesse feito toda aquela viagem só para conversar com ela e ela achava-o divertido. Era tão elétrico, tão intenso, tão obviamente excitante. Estava explodindo com sua ideia e queria partilhá-la com ela. Ele sentou-se numa cadeira da cozinha enquanto ela fazia chá para ambos.

– O que preciso da senhora é conselho, madame. Madame Goodheart disse-me que a senhora conhece a região de Napa melhor do que ninguém. – Falava como se fosse uma região da França e Sabrina sorriu.

– Conheço, sim.

– Quero produzir os mais finos vinhos franceses lá.

Ela sorriu gentilmente enquanto lhe servia chá. Sentou-se diante dele para servir o seu próprio.

– Eu quis fazer isso um dia.

– E o que a fez mudar de ideia? – Pareceu preocupado e ela olhou-o, imaginando por que Amelia o teria realmente indicado.

Era um homem impressionante. Bonito, alto, aristocrático, obviamente inteligente, mas havia uma sensação estranha nele estar ali sentado na cozinha tomando chá, como se houvesse uma razão para ele estar ali, uma razão que ela ainda não conhecia, e a buscava enquanto conversava com ele.

– Não mudei de ideia, Monsieur de Vernay, apenas fiz outras coisas. Houve uma praga terrível no vale anos atrás e estragou todas as nossas vinhas; depois veio a Lei Seca e não fazia sentido sequer pensar em cultivar vinhas durante 14 anos, e agora... minhas terras estão tão abandonadas e... não sei... é tarde demais para mim. Mas desejo-lhe sorte. – Sorriu-lhe. – Amelia disse que quer comprar terras. Eu deveria tentar vender-lhe as minhas.

Ele levantou uma sobrancelha demonstrando interesse e colocou a xícara na mesa, mas ela balançou negativamente a cabeça.

– Eu não lhe faria isso. Estão tão tomadas pelo mato, que seria necessário usar dinamite para limpá-las novamente, receio. Meu interesse em Napa foram as minas durante muitos anos. Creio que meus vinhedos sofreram com isso. Nunca tive tempo para fazer o que gostaria de fazer. Cheguei a produzir alguns poucos vinhos bons, mas nada além disso.

– E agora?

Havia algo muito dinâmico naquele homem e ele esperava que todo mundo o fosse também.

Ela sorriu e deu de ombros.

– Vendi as minas, essa época já se foi.

– Que tipo de minas? – Estava intrigado. Amelia contara-lhe alguma coisa a respeito dela, mas não o suficiente. Fora quase misteriosa com a apresentação que fez: “É uma garota fabulosa e ela sabe tudo que alguém poderia saber sobre aquele vale. Fale com ela, André. Não a deixe escapar.”

Fora uma coisa estranha para dizer a respeito dela e, no entanto, podia sentir algo indefinível sobre ela ainda agora, como se estivesse se escondendo de todo mundo.

– Que tipo de minas possuía? – Pressionou-a a continuar.

– Mercúrio.

– Sulfeto de mercúrio – completou ele com um sorriso. – Sei muito pouco a respeito. Alguém as administrava para a senhora?

Certamente o fizeram, mas ela balançou a cabeça rindo e de repente parecia muito jovem. Era uma mulher muito bonita, mesmo em seu desalinho, e era difícil dizer-lhe a idade. Sabrina estava pensando a mesma coisa a respeito dele.

– Eu mesma as dirigi durante algum tempo. Durante pouco mais de três anos, quando meu pai faleceu.

André de Vernay ficou impressionado. Não era um feito insignificante para uma mulher. Amelia tinha razão. Era uma mulher fabulosa e devia ter sido uma moça fantástica. Podia adivinhá-lo mesmo

agora.

– Depois disso, meu marido as administrou para mim – ele percebeu uma súbita tristeza na voz dela – até morrer, e eu me vi às voltas com elas novamente, e com as dele também. Finalmente eu vendi todas nos últimos anos.

– Deve sentir falta do trabalho.

Ela fez que sim com a cabeça, admitindo-o com facilidade para ele.

– Sinto.

Ele tomou mais um gole de chá e sorriu para ela.

– Quando vai me mostrar suas terras, Sra. Harte?

Ela sorriu e meneou a cabeça.

– Ah, não. Eu não lhe faria isso. Mas teria muito prazer em lhe dizer quem procurar lá para comprar uma boa terra para cultivo de vinhas. Deve haver uma boa quantidade à venda. – Seu rosto ficou sério ao olhar para ele. – As pessoas estão sofrendo as consequências da economia por aqui.

– Estão sofrendo por toda parte, Sra. Harte.

As coisas não estavam melhores na França. Somente na Alemanha, sob o regime de Hitler, havia indícios de progresso econômico, mas só Deus sabia o que aquele lunático iria fazer. André não confiava nele, ninguém confiava, e embora os americanos achassem que ele não causaria nenhum dano, ele não acreditava.

– Há muitos anos que eu quero fazer isso. Para mim, o momento é agora. Acabo de vender meus vinhedos na França e quero começar novos aqui.

– Por quê? – Pareceu-lhe um salto notável e não resistiu à pergunta.

– Não confio no que está acontecendo na Europa agora. Acho Hitler uma verdadeira ameaça, embora muito poucas pessoas concordem comigo. Acho que estamos caminhando para outra guerra e prefiro estar aqui.

– E se não houver nenhuma guerra, voltará para lá?

– Talvez sim. Talvez não. Tenho um filho e gostaria que ele viesse para cá também.

– Onde ele está agora?

– Esquiando na Suíça. – Riu. – Ah, a vida difícil da juventude!

E Sabrina riu também.

– Que idade ele tem?

– Vinte e quatro. Está trabalhando comigo nos vinhedos há dois anos. Kursou a Sorbonne e depois voltou para Bordeaux para trabalhar comigo. O nome dele é Antoine.

Parecia orgulhoso do filho e Sabrina comoveu-se.

– Tem muita sorte. Meu filho vai completar 21 anos este ano e está na universidade. Pergunto-me seriamente se ele conseguirá viver em São Francisco novamente. Parece estar apaixonado pelo Leste.

– Isso passará. Antoine era assim a respeito de Paris no começo e agora discute comigo que Paris é um lugar terrível, sente-se muito mais feliz em Bordeaux. É tão provinciano que não quis nem mesmo vir para Nova York. Todos eles têm suas próprias ideias, mas no devido tempo – sorriu – tornam-se humanos outra vez, mais ou menos. Meu pai sempre disse que apreciava muito os filhos... depois que completavam 35 anos. Ainda temos alguns anos pela frente.

Ela riu e serviu a ambos outra xícara de chá. De repente, teve uma ideia e olhou para o relógio na parede da cozinha. Ele a viu fazer isso e subitamente mostrou-se preocupado.

– Estou atrasando-a, Madame Harte?

– Sabrina, por favor. Não, absolutamente. Estava pensando que talvez pudéssemos ir de carro para Napa agora. Eu mesma gostaria de lhe mostrar algumas áreas. Como está sua programação hoje?

Ficou sensibilizado.

– Eu apreciaria muito, mas certamente estou tirando-a de alguma outra atividade.

– Apenas de podar a cerca, e não vou a Napa há algum tempo. Apreciaria muito ir com você. – E podia ao menos fazer isso pela velha amiga de seu pai. Amelia tinha sido tão boa para ela durante tantos anos. – A propósito, como vai Amelia?

Colocou as xícaras na pia e André seguiu-a ao saguão principal.

– Muito bem. Cada dia mais velha e frágil, é claro, mas considerando-se que ela acaba de completar 89 anos, é extraordinária sob todos os aspectos. Sua mente está tão aguçada quanto uma lâmina afiada – riu. – Eu sempre gosto de discutir com ela. Nunca consigo vencer, mas é um desafio que sempre aprecio. Temos ideias políticas muito diferentes.

Sorriu para Sabrina... Ele corou e ela sorriu.

– Acho que meu pai sempre foi secretamente apaixonado por ela. E ela foi muito importante para mim quando eu estava crescendo. Como uma mãe, de certa forma. A minha morreu quando eu tinha um ano.

Ele assentiu, assimilando tudo, e ela pediu licença e subiu para trocar de roupa. Quando desceu, usava um belo conjunto de *tweed* cinza e azul, com um suéter na cor dos seus olhos, e confortáveis sapatos baixos. Os cabelos estavam puxados para trás. Ela possuía certa classe inata, que ele percebeu imediatamente. Estava muito diferente de apenas alguns instantes antes e o termo “jovem fabulosa” atravessou-lhe a mente outra vez. Amelia tinha razão. Sempre tinha. A respeito de tudo... exceto política, riu consigo mesmo enquanto seguia Sabrina para fora. A garagem estava escondida por árvores e cercas vivas, perto do portão principal por onde ele entrara. Ela tirou um Ford azul de seis anos, abriu a porta para ele e fechou o portão principal atrás de si depois de trazer o carro para fora. Olhou-o, então, divertida, quando se dirigiam para o Norte.

– E eu que pensei que ia podar minhas cercas hoje.

Em vez disso, estava encantada de estar indo para Napa com ele.

Chegaram a Santa Helena duas horas e meia depois de saírem de São Francisco e Sabrina respirou fundo o ar fresco, olhando o verde brilhante das colinas. Sentiu-se renovada como havia muito, muito tempo não se sentia. Desde que vendera a casa e as minas, não voltara mais a Napa e agora percebia o quanto o vale fazia parte dela e como era bom estar de volta. Percebeu André de Vernay observando-a e então se voltou para ele com um suspiro e um sorriso. Não precisava dizer nada, ele parecia entender perfeitamente.

– Compreendo como se sente. Sinto-me exatamente assim por Bordeaux... e o Médoc...

Significava tudo para ele e este vale significava muito para ela. Fora uma parte importante de sua vida durante muito tempo. Era esfuziante apenas atravessá-lo de carro e ela lhe apontava os lugares conforme prosseguiam... Oakville... Rutherford... alguns dos vinhedos novos que haviam aparecido. Apontou para as colinas onde ficavam suas minas e então, depois de sair da Silverado Trail, parou o carro e indicou uma enorme extensão de terra. Estava densamente coberta de mato e nada havia sido podado ou plantado em anos. Havia uma placa com a inscrição À VENDA que fora derrubada. Não tinha se empenhado muito em vendê-la e não sabia o que fazer com ela agora. Um dia tivera grandes sonhos a respeito desta terra, para as uvas que cultivaria ali. Virou-se e olhou para André, encolhendo os ombros como se pedisse desculpas.

– Isso aqui foi lindo um dia. – Acenou com uma das mãos, definindo com precisão as diferentes espécies de vinhas que cultivara e falou-lhe mais a respeito da praga que as atacara e de como a Lei Seca acabara com tudo. – Acho que nunca mais farei nada com esta terra.

Tinha dois mil acres de terra inculta ali e vinhedos mais adiante. André pouco falava. Caminharam pela plantação, afastando os galhos do rosto, enquanto ele olhava o que ela possuía, inclinando-se mais de uma vez para sentir o solo nas mãos. Olhou-a então com um ar sério e um jeito terrivelmente francês, o que a fez sorrir.

– Tem uma mina de ouro aqui, Sabrina.

Falava sério e ela meneou a cabeça.

– Pode ter sido um dia, mas não agora. Como tudo, vale menos do que já valeu.

Pensava nas minas que teve de fechar e na época na qual aqueles vinhedos eram tão bem cuidados. Estavam quase irreconhecíveis e entristeceu-a recordar como haviam sido. Era uma faca de dois gumes ir até ali, alimentava-lhe o espírito rever a terra que ela e seu pai tanto amaram, e no entanto fazia-a recordar tudo que já não existia mais; seu pai... John... mesmo Jonathan já praticamente se fora. Sentiu sua juventude perdida pesar-lhe, enquanto caminhavam lentamente de volta ao carro. De repente, arrependia-se de ter vindo. Que diferença fazia? Por que voltar para chorar o passado?

– Eu realmente devo vender tudo isto um dia destes. Nunca venho aqui e a terra fica aí parada.

– Eu a compraria de você – abriu a porta do carro para ela –, mas seria como roubar uma criança. Não acho que compreenda o tipo de terra que tem, minha amiga. – Era como o rico solo de Médoc e, pelo clima e pelo calor, pela textura a terra, pelo aspecto das vinhas cobertas de vegetação, ele sabia instintivamente que podia produzir maravilhas ali. – Quero comprar terras aqui, Sabrina...

Estreitou os olhos para ver as colinas distantes. Não era Bordeaux, mas era lindo e podia ser feliz ali. Se Antoine viesse e alguns de seus melhores homens, poderiam fazer coisas maravilhosas, mas primeiro precisava achar alguma terra.

– Fala sério?

Podia ver em nos olhos dele que falava sério e afinal ela se oferecera para ajudá-lo. Não estava pressionando-a por suas terras e ela conhecia todo mundo por ali. Levou-o ao melhor estabelecimento de vendas de propriedades agrícolas e ele conversou com diversos homens, descobrindo que havia mais de três mil acres à venda ao lado das terras dela. O preço era baixo e havia muito trabalho a ser feito, mas André estava ansioso para ver as terras antes que escurecesse e Sabrina levou-o até lá. Tinham estado ali anteriormente, mas não sabiam que estavam à venda. Passaram pela propriedade dela e ele pareceu andar quilômetros sozinho, em meio às plantações, olhando em torno, apalpando o solo outra vez, quebrando galhos das vinhas, tocando as folhas, olhando para Sabrina quase como se estivesse farejando o ar. E de repente ela achou engraçado, olhando-o da estrada. Era tão intenso a respeito de tudo que fazia, tão tranquilo e sério, e no entanto quando conversava com ele havia algo quase travesso em seus olhos, mas não quando discutia sobre vinhos com ela, ou a colheita, ou a terra na qual estavam, enquanto voltavam de carro ao escritório da imobiliária. E quando chegaram ao escritório, ele se voltou e sorriu para ela. Parecia imensamente satisfeito e seu entusiasmo era contagiante. Ela podia senti-lo, vendo os olhos dele faiscarem.

– O que diria, Sabrina, se lhe pedisse para me vender suas terras?

– Em vez dessas que acabamos de ver? – perguntou surpresa.

– Além dessas, e tenho uma ideia melhor ainda. – Ela esperou que ele continuasse. – Poderíamos ser sócios. Cultivarei suas terras para você também. Isto nos daria um vinhedo colossal.

Por um instante, os olhos de Sabrina agitaram-se. Fora o que sempre desejara fazer. Mas agora?

– Fala sério?

– Claro que sim.

E nisso o vendedor veio até eles. Num piscar de olhos André negociou o preço e fechou o negócio, para grande alívio do homem. Sua família ia poder comer bem agora, com a comissão que receberia, e tinha quatro crianças para alimentar em casa.

André então voltou-se para Sabrina.

– E você?

Houve uma longa pausa, ambos suspenderam a respiração e ela sentiu uma emoção que havia muito não sentia. A excitação dos negócios, da indústria, da propriedade, da compra e venda. Solenemente, ela balançou a cabeça.

– Não vou vender, André.

Instintivamente, ele esperara isso.

– Vai me deixar cultivar suas terras e me tornar seu sócio?

Juntos, teriam um total de seis mil acres, uma área enorme, e desta vez ela fez um sinal afirmativo com a cabeça, os olhos entusiasmados como os dele.

– Vou.

Ele estendeu o braço e apertaram as mãos, enquanto o vendedor os observava, sentindo que aquele negócio acabava de ser realizado, e não estava muito longe da verdade. Em seguida, André entregou a ele um cheque como depósito pelas terras que acabava de comprar e só então ocorreu-lhe que precisaria de uma casa.

Não havia sequer pensado nisso e olhou-a surpreso. Precisava de um lugar para ele e seu filho ficarem, mas não necessitavam de muita coisa, podia alugar algo mais simples no começo. Estava deixando um pequeno e elegante castelo na França, em Médoc, nos terrenos que possuía lá. Mas estava disposto a deixar tudo. Cada fibra de seu corpo dizia-lhe que a Europa estava indo para o poço. E este era um país novo, um mundo novo, uma nova oportunidade para ele. Era muito mais excitante do que ficar sentado numa posição elegantemente talhada, havia muito estabelecida para ele. E seria excitante para Antoine também. Pararam num restaurante da estrada para comer algo, pouco depois das 20 horas. Estavam ambos famintos ao comerem hambúrgueres e beberem cerveja, enquanto ela lhe contava sobre Napa Valley de antigamente, como melhor recordava.

– Eu nasci aqui, em Santa Helena, na casa de meu pai.

– Ainda a possui?

– Eu a vendi – olhou-o honestamente, pois nada tinha a esconder – para financiar a faculdade do meu filho. Quando houve a quebra da bolsa em 1929, ele tinha 15 anos e três anos depois eu o mandei para a universidade no Leste. Estava perdendo as minas, perdi todos os meus investimentos na quebra da bolsa de valores e já não precisava da casa em Napa, pois há anos morávamos na cidade.

Não estava muito orgulhosa em confessar seus problemas. Era um homem muito despretensioso e desde que apertaram as mãos nas terras dos vinhedos que iriam anexar e cultivar, sentia uma ligação especial com ele. Era como se tivessem se tornado amigos de forma instantânea e, por causa de Amelia, confiava nele.

– Ainda tenho de financiar a faculdade de meu filho mais um ano. E então – deixou escapar um pequeno suspiro de alívio – pelo menos saberei que ele teve o melhor que eu pude dar.

– E ele? O que ele lhe dá?

Queria dizer “amor”, mas nem sempre tinha certeza disso. Dava-lhe alguma coisa, supunha, uma sensação de conforto, uma sensação de que havia alguém que a amava em algum lugar, mas ele certamente nunca se expressava dessa forma. Estava mais interessado no que ela poderia lhe oferecer.

– Sabe, eu não tenho certeza, André. Não tenho certeza se os filhos dão alguma coisa aos pais, exceto a alegria que se sente só de saber que são seus.

– Ah. – Ele fez que sim com a cabeça, parecendo muito francês novamente. Sorriu para ela e colocou o copo na mesa. – Dê-lhe alguns anos.

Ela sorriu, lembrando-se de algumas das rugas que tivera com o filho.

– Vai levar pelo menos isso. Agora, e sobre aquelas terras, o que acha que vai fazer? – Estava fascinada pelo entusiasmo que ele demonstrava toda vez que falavam nisso. Estava decidido a deixar Bordeaux e se mudar para Napa. – Acha mesmo que as coisas vão ficar tão ruins assim na França, André?

– Pior. Tenho absoluta certeza disso. Discuti a respeito com Amelia a noite toda em Nova York. Ela diz que os franceses são muito inteligentes para se deixarem levar, mas acho que desta vez ela está errada. Politicamente, estamos mal; economicamente, não somos fortes, e lá está aquele louco brandindo sua bandeira nazista para nós. Eu sinceramente acho que é hora de partir, ao menos por algum tempo.

Mas perguntava-se se não estaria se deixando dominar pelo pânico. Talvez fosse a idade. Dissera-lhe anteriormente que tinha 55 anos e John também se mostrava mais conservador por volta desta idade, e muito mais preocupado com política do que antes. De repente, durante uma época, ele passara a ver destruição por toda parte e lembrava-se de que seu pai também fora assim, de modo que não punha muita fé no que André dizia, mas ele a olhava pensativo naquele instante e, durante o café, começou a falar de maneira hesitante.

– Sabe, Sabrina, talvez ache que eu seja louco, mas continuo pensando naquela porção de terra. Sua e minha. É perfeita para o que eu quero fazer e você mencionou que também teve interesse em seus vinhedos um dia. Em vez de eu simplesmente arrendá-los e cultivá-los para você, não poderia ser uma sócia ativa e começar o negócio comigo?

– Acho que esses dias já se passaram para mim. Já não sou mais uma mulher de negócios, André. E pagara um alto preço por isso, no ódio de seu filho.

– Não sei. Eu a vejo tão envolvida nisso quanto eu. Parece-lhe uma coisa muito louca?

– Um pouco. – Sorriu, enquanto a garçonete servia-lhes um novo café. André parecia beber muito café e murmurou com tato que não era exatamente como o café na França, uma declaração suavizada, que fez com que Sabrina risse, mas estava intrigada em ouvir a ideia dele. – Em que está pensando, André?

Ele suspirou e colocou a xícara na mesa.

– Que tal comprar uma parte daquelas terras comigo, de modo que sejamos realmente sócios em condições iguais. Meio a meio.

Ela sorriu alto ao vê-lo usar tal expressão.

– Comprar com você? André, você não compreende. Eu mal consigo manter meu filho na faculdade, quase nada me resta, exceto minha casa na cidade e aquele pedaço de selva em Napa que você viu. Como eu poderia comprar uma parte daqueles vinhedos com você?

Envolvia uma compra de 800 acres, uma despesa que não poderia assumir.

Ele pareceu decepcionado, mas ainda não derrotado.

– Não sabia... Pensei apenas... – Piscou os olhos azuis de um modo bem gaulês e ela percebeu novamente que gostava do jeito dele. Em muitos aspectos, era um homem bonito e sua figura esbelta, flexível, fazia-o parecer mais jovem ainda. – Não tem outros recursos, então?

Era uma pergunta dura, mas ele não estava sendo mesquinho. Estava desesperadamente ansioso para estabelecer um negócio com ela. Sentira-se à vontade com ela desde o primeiro instante em que se conheceram. E Amelia dissera coisas extraordinárias a seu respeito, a maneira como dirigira as minas durante anos e a brilhante capacidade que possuía. Suspeitava de que suas habilidades eram a única razão de se manter à tona agora e de certa forma achava que, se ela quisesse, encontraria algum modo de comprar a propriedade com ele. E ela sabia mais a respeito de produção de vinhos do que admitia.

– Faz muitos anos que dei atenção a esse tipo de coisa, André. Quando era jovem, achava que ia produzir bons vinhos franceses exatamente aqui, mas – riu para si mesma – há quantos anos foi isso? Quinze? Vinte e cinco? Eu não teria absolutamente nenhuma serventia para você. – Estava surpresa por ele ter até mesmo sugerido uma sociedade, mas tinha de admitir que a ideia a intrigava. Muito mais do que simplesmente arrendar-lhe as terras existentes. – Sabe, eu quase gostaria de fazer algo assim com você. Mas devo vender minhas terras, e não comprar outras.

Suspirou, só de pensar nisso. Tinha outra anuidade em Harvard para pagar nos próximos meses e tudo que lhe restava para vender eram as terras de Napa, os lotes de terreno em torno de Thurston

House e as joias de sua mãe, que nunca usara.

Estivera meditando sobre esse assunto ultimamente e pensava novamente nele, agora, deitada na cama. André ia voltar a Napa no dia seguinte, para examinar melhor o pedaço de terra que comprara e conversar com os proprietários sobre o negócio, além de procurar um lugar para morar.

E quanto mais Sabrina pensava nele mais percebia que gostava do sujeito e desejava que ele se saísse bem com seus vinhos. Tinha de admirar um homem que, na sua idade, abandonava o país onde estava confortavelmente estabelecido e onde tinha tudo que queria, para vir para um lugar a 9 ou 10 mil quilômetros de distância para começar tudo de novo. Era preciso mais do que um pouco de coragem para fazer algo assim e ela o admirava. Ele também a admirava. Pressentira uma extraordinária força interior nela naquele dia e Amelia mencionara isso antes de se encontrarem. Carregava um fardo em suas costas mesmo agora, ele suspeitava com razão, embora o único vestígio disso fosse o que lhe dissera quando ofereceu-lhe para comprar a terra em sociedade.

Ela ainda pensava na ideia dele, lamentando não poder comprar a terra, quando, no dia seguinte, sentou-se com um pulo na cama... Se vendesse todos os jardins em torno de Thurston House, teria o suficiente para pagar o último ano de faculdade de Jon, mas haveria muito mais do que isso. Planejava guardá-la para si mesma ou talvez fazer algum investimento, mas que melhor investimento havia do que terras? Seu pai sempre lhe dissera isso. Juntando-se a André na compra da terra, não teria um centavo de sobra para si, mas, se ele soubesse o que estava fazendo, com o tempo fariam muito dinheiro. Era algo extremamente arriscado, especialmente nas condições atuais da economia, mas sentia o coração palpitar só em pensar nisso, fazendo seu sangue correr nas veias novamente como havia muitos anos, quando levou as minas a patamares ainda mais altos, e isso era exatamente o que sempre quis fazer, desde o início. Desde quando era muito jovem, gostara mais dos vinhedos do que das minas. Pensou nisso o dia todo, imaginando se André comprara outra coisa e ela deu dois ou três telefonemas sobre os lotes dos jardins. Quando ele telefonou naquela noite, estava tão animada que ele mal conseguia entender o que ela dizia.

– Posso fazê-lo com você, André!

O corretor de imóveis achava que haveria uma oferta pelos seus lotes de Nob Hill até o dia seguinte. Dois construtores esperavam por isso havia anos e estavam dispostos a pagar um bom preço. Significava que teria de conviver com construções a sua volta por algum tempo e nunca mais teria o mesmo isolamento de antes, mas não se importava, se pudesse entrar no negócio com ele. Ele mal entendia o que ela dizia e estava totalmente confuso no outro extremo da linha.

– O quê?... o que disse?... devagar, devagar... – Estava rindo com ela, certo de que algo maravilhoso acontecera, mas não sabia o quê.

– Está bem, me desculpe. Antes de mais nada, como foi hoje?

– Bem. Maravilhoso. – Também parecia animado. – E tive uma ótima ideia. Eu compro a terra, vendo-lhe os 800 acres e você adia o pagamento para quando quiser. Pode me pagar em cinco anos. Mas até lá estaremos ambos ricos com nossos vinhos.

Ele e ela sorriram.

– Não precisa fazer isso. Tive uma ideia. – Começou a lhe contar e, então, num segundo, teve uma ideia melhor. – Gostaria de vir aqui tomar um conhaque, talvez? Há uma coisa que quero discutir com você.

– Ahh... – Parecia intrigado e o conhaque era uma boa ideia. Tem certeza de que não é muito tarde? Já passa das 22 horas.

Ela não poderia ficar esperando o dia seguinte para discutir aquilo. Parecera uma criança agitada a tarde inteira e ele concordou em tomar um táxi do hotel. Cinco minutos depois, André estava do lado de fora, batendo a sua porta, e ela desceu as escadas correndo para abri-la. Já tinha o conhaque e as taças apropriadas esperando-os no andar de cima, próximo à lareira na biblioteca e ela subiu correndo como um cãozinho brincalhão enquanto ele sorria.

– O que andou fazendo hoje, Sabrina?

Pronunciou seu nome com um sotaque francês e ela riu. Serviu-lhe rapidamente o conhaque e indicou-lhe uma confortável cadeira em frente à sua.

– Tive uma ideia... a respeito da propriedade em Napa.

Uma centelha em seus olhos alcançou os dele e ele olhou-a, quase sem poder acreditar. Imaginava se era por isso que ela o trouxera ali.

Talvez ela fosse produzir um milagre.

– Sabrina, não me deixe em suspense – falou-lhe num sussurro. Ela olhou-o e instintivamente soube que sua vida estava a ponto de mudar, como só acontecera algumas poucas vezes... quando seu pai morreu, teve de dirigir as minas... quando se casou com John... quando Jonathan nasceu... e agora repentinamente sua vida ia dar uma reviravolta radical outra vez. Compreendeu-o quando olhou nos olhos de André. Achara que seus dias de poder haviam chegado ao fim, mas sabia agora que haviam começado outra vez. Queria ser sócia dele. Queria isso mais do que tudo. E também sabia que havia algo de especial a respeito daquele homem. André de Vernay entrara em sua vida. E agora iria caminhar com ele. E sabia, por sua longa amizade com Amelia, que podia confiar nele também.

– Quero comprar a propriedade com você.

Seus olhos se encontraram e não se desviaram.

– Pode fazê-lo? Pensei...

– Pensei nisso toda a noite passada e dei alguns telefonemas hoje. O que tenho que fazer é vender meus lotes de jardins, em torno de Thurston House. Eu ainda preciso do dinheiro para a anuidade do meu filho em Harvard. – Estava sendo dolorosamente franca com ele, mas não tinha nenhuma razão para esconder-lhe nada, e nunca o faria, caso se tornassem sócios. – Mas se eu obtiver um bom preço por eles, e acho que terei, creio que poderei dar um jeito de comprar uma parte daquelas terras com você. Poderíamos ser sócios com a mesma participação.

Seus olhos flamejavam e ele olhou-a como se soubesse também que algo muito importante para ambos estava a ponto de começar. Ela estreitou os olhos para fitá-lo e sua mente girava exatamente como quando dirigia as minas.

– Posso ver tudo.

– Eu também. – Olhou-a por um longo instante e em seguida levantou sua taça.

– Ao nosso sucesso, Madame Harte.

Havia uma seriedade em seus olhos que ela raramente vira e ela também ergueu sua taça.

Depois, ela franziu as sobrancelhas outra vez; estava plenamente consciente de que teriam muito trabalho pela frente, mas alegrava-se com isso.

– Quem cultivará as vinhas? Vai trazer gente da França?

– Trarei três homens comigo, além de meu filho. Nós cinco faremos tudo o que for necessário e poderemos contratar trabalhadores locais à medida que precisarmos. Por quê? Está se oferecendo para colher as uvas, minha amiga? – Estendeu a mão e tomou a dela na sua, sorrindo-lhe nos olhos. – Você está realmente falando sério?

– Nunca falei tão sério. Sinto-me como se tivesse renascido.

As águas estagnadas de sua vida haviam começado a correr novamente e percebia agora quanto sentira falta do trabalho, dirigindo as minas, construindo alguma coisa. Tudo que fizera nos últimos anos fora ver os remanescentes de tudo aquilo se afastarem à deriva. E agora, de repente, estava no meio dos acontecimentos outra vez, graças a ele.

– Se der certo, terei uma dívida enorme com você, André.

– *Ah, non!* – Pareceu exasperar-se e balançou a cabeça. – Está inteiramente enganada, Sabrina. Eu que estarei em débito com você pelo resto da vida se comprarmos essas terras. – Em seguida, com os olhos apertados como os dela, viu seu sonho crescer em sua mente. – Será um enorme sucesso um dia... sei disso em minha alma... os mais finos vinhos produzidos em qualquer parte, inclusive na França... talvez até um ou dois champanhes...

Tinha vontade de chorar, sentia-se tão feliz ouvindo-o. Fora tudo que desejara fazer durante anos e agora ele lhe estava oferecendo isso. Amelia enviara-o para ela como um mensageiro do destino, para fazê-la renascer. Ele era a maior graça que alcançara.

Nos três dias posteriores, ambos ficaram malucos, contatando bancos, fazendo malabarismos com suas respectivas propriedades, voltando para examinar o terreno de novo, conversando com os proprietários, em seguida novamente com os bancos e por fim com os dois construtores que queriam os lotes dos jardins. E milagrosamente, no prazo de uma semana, os negócios estavam fechados. Ela vendera tudo em Nob Hill, exceto a própria Thurston House e um pequeno jardim logo atrás da casa, e ambos compraram 3.800 acres de terra em Napa, anexo à sua propriedade de 1.000 acres, o que lhes dava quase 6 mil acres de vinhas em comum, mas legalmente cada um possuía exatamente a metade. Os advogados dela ficaram ocupados durante dias, seus banqueiros insistiram em averiguar André, com telegramas enviados para toda parte, e ela mesma telefonara duas vezes para Amelia para agradecer-lhe por tudo que fizera. Foi a semana mais frenética a que Sabrina tivera de sobreviver e quando levou André até o trem para Nova York, no final da semana, apertaram-se as mãos novamente e desta vez ele a beijou nos dois lados do rosto.

– Nós dois somos totalmente loucos, não somos?

Ela sentia-se como uma jovem outra vez e ele estava mais bonito do que nunca, depois de andar pela propriedade com ela durante diversas tardes, sob o sol de Napa. Mas ela nem reparava neste lado dele, tão animada estava com o que tinham feito, e ainda precisava encontrar uma casa grande o suficiente para ele e Antoine, talvez com um alojamento próximo, para os três trabalhadores que trariam da França.

– Quando estará de volta, André?

Prometera telefonar-lhe de Nova York e enviar-lhe um telegrama de Bordeaux. Tinha muita coisa a fazer lá agora, mas esperava estar de volta em um mês.

– Quatro semanas. Cinco, no máximo.

– Terei encontrado uma casa até lá e, na pior das hipóteses, pode ficar em Thurston House.

– Isto seria muito bom. – Sorriu ao pensar nos seus empregados de Médoc morando na elegante mansão em Nob Hill. – Vamos acabar transformando-a numa fazenda.

– Por mim está bem.

Acenou-lhe e desejou-lhe sorte, quando o trem saía e, por um instante, sentiu um aperto no coração, lembrando-se daquele trem, havia 19 anos, o trem que nunca chegara a Detroit.

Mas a vida não podia ser tão cruel novamente e não o foi desta vez. Cinco semanas depois, Sabrina estava na estação de novo, agora para se encontrar com André, Antoine e os três homens. Achara uma estância simples e pequena para eles alugarem, num terreno ao lado das terras que compraram e, com o tempo, ele e Antoine poderiam construir uma casa para eles, mas não havia necessidade disso agora. Todos foram diretamente para Napa Valley naquele dia e os homens conversaram animadamente em francês quando viram o que André e Sabrina haviam comprado. E Sabrina surpreendeu-se ao perceber como Antoine era encantador. Era um jovem esbelto, alto, surpreendentemente bonito, com os olhos azuis do pai e cabelos louros fartos e espessos. Tinha feições finas e um sorriso amável, as longas pernas do pai e um jeito atencioso e gentil. Seu inglês não era muito bom, mas conseguia dizer-lhe tudo com propriedade e ao final do segundo dia que passaram examinando as vinhas, sentia como se tivessem se tornado amigos. Era incrivelmente diferente do seu filho e ela atribuiu essa diferença à sua maturidade, mas o que mais a impressionou a respeito de Antoine foi o seu companheirismo. Ele parecia querer tornar as coisas mais fáceis para todo mundo, relaxava o ambiente quando ficava tenso, o que acontecia frequentemente, dado os temperamentos gauleses envolvidos. Parecia apreciar a companhia do pai e era extremamente educado e, ao mesmo tempo, brincalhão com ela. Viu-se perguntando como ele se daria com Jon quando ele voltasse. Queria que se conhecessem e se dessem bem.

Mas isto só aconteceu em junho, quando Jon voltou para casa. Seis semanas tinham se passado desde que André e Antoine chegaram e estavam hospedados com ela em Thurston House por alguns dias, para irem a uma reunião no banco, a respeito de alguns empréstimos que esperavam obter. A confusão do lado de fora estava insuportável, com os construtores escavando os lotes para as casas que iriam construir. Mantivera apenas um pequeno jardim atrás da casa, mas era totalmente inútil no momento. Havia concreto por toda parte, poeira caindo em nuvens sobre eles e árvores suspensas acima de suas cabeças, arrancadas por guindastes. Sabrina sofria vendo os homens trabalharem e tentava não pensar nisso. Era triste constatar o quanto as coisas tinham mudado, mas não havia como fugir disso agora e, pelo menos, estava fazendo algo excitante com André e Antoine. Conseguira pagar a última anuidade de Jon e sentia-se agradecida por isso. Mas agora praticamente não tinha um centavo sobrando. Queria aplicar tudo nos vinhedos com André. Ia a Napa várias vezes por semana e inspecionava seus domínios com júbilo. E ele vinha à cidade pelo menos uma vez por semana e ficava na suíte de hóspedes em Thurston House. Estavam abrigados dentro de casa quando Jon chegou e olhou-os com franca hostilidade, ao pousar as malas no saguão da frente.

– Mais inquilinos, querida mamãe?

Teve vontade de sacudi-lo pelo tom com que falou e olhou-o com raiva.

– Engana-se, Jon. São André e Antoine de Vernay. Eu lhe falei sobre os vinhedos em Napa em que investimos.

– Parece-me uma tolice.

Era notável o contraste com o filho de André, que a recebera na vida deles tão abertamente. Mas era óbvio que Jon sentia-se ameaçado por eles. Sua mãe estava flertando com os negócios outra vez e isto o fazia recordar o quanto odiara o trabalho dela quando era menor. Antoine estendeu a mão para Jon, que a apertou com desinteresse. Tinha outras coisas em que pensar agora que estava na cidade. Dois amigos de Harvard iriam chegar na semana seguinte e iria para Lake Tahoe e depois para La Jolla com outros amigos. Não era exatamente o verão que planejava. Preferia ter ido para a Europa com seu amigo Dewey Smith, mas como sua mãe insistira para que ele viesse para casa, ia acertar as contas com ela forçando-a a mandá-lo para a Europa quando se formasse no ano seguinte. Ele merecia o Grand

Tour, todo mundo estava sempre indo à Europa. Por que ele deveria passar o verão em casa? E queria ir no *Normandie* quando fosse lançado. Ela lhe devia isso, afinal, uma pessoa não se formava em Harvard todos os dias. Mas não lhe disse nada a respeito de seus planos, tinha bastante tempo para convencê-la e no momento queria um carro para quando seus amigos chegassem.

– Pode usar o meu quando eu estiver na cidade, querido. Tomarei o bonde.

André ouvia-os enquanto dava alguns telefonemas na biblioteca. Estava surpreso com a infindável paciência dela com o rapaz, mas ele era seu único filho e isso explicava muita coisa. O pai dele havia morrido quando o menino tinha 2 anos e ela dissera a André, uma noite quando ficaram sentados conversando até tarde, que sempre se sentira culpada em relação a Jon pelas longas horas que passava trabalhando nas minas.

– Mas você o fez por ele. Eu tive o mesmo problema com Antoine quando Eugénie morreu, mas ele precisou compreender. Eu era um homem sozinho. E você carregava uma enorme responsabilidade, Sabrina. Sem dúvida ele agora deve entender isso.

– Compreende, quando lhe convém.

Sorrira para seu sócio e amigo. Conhecia bem seu filho e, embora isso às vezes a constrangesse, também sabia o quanto ele era mimado. Incomodava-a agora que ele a estivesse importunando diante de André por causa do carro.

– Pelo amor de Deus, não podemos comprar outro?

– Sabe que não posso no momento, Jon. – Procurava manter um tom de voz baixo, mas ele se recusava a fazer o mesmo.

– E por que não? Você vive comprando tudo, terras em Napa, vinhedos, só Deus sabe o quê.

Estava sendo brutalmente injusto; havia anos que não comprava nada para si mesma e, embora suas roupas fossem obviamente boas, podia-se notar que estavam fora de moda. André percebera e tinha plena consciência dos sacrifícios que ela fazia. E ela já não tinha quase nada da venda dos lotes, aplicara tudo nos vinhedos que comprara com André e na faculdade de Jon. Não havia nenhum gasto insensato, nem para ela, mas Jon parecia resolvido a não aceitar isso e a continuar a pressioná-la.

– Jon, está sendo injusto. Use meu carro, pelo amor de Deus. – Guardava-o agora numa garagem alugada de amigos do outro lado da rua. Sua própria garagem fora demolida juntamente com todo o restante da propriedade que agora estava nas mãos dos construtores.

– E como espera que a gente fique por aqui com todo este barulho?

Ele gritava acima da barulhada e somente quando pararam à noite é que ela percebeu realmente o quanto o barulho era ensurdecedor. Acostumara-se no último mês e teria de conviver com ele pelo menos durante um ano.

– Sinto muito, Jon, não vai durar para sempre e você estará fora parte do tempo. – Sorriu-lhe amavelmente. – E quando terminar a faculdade no ano que vem, eles já terão terminado.

Ele suspirou alto e olhou para ela.

– Assim espero. Agora, e o carro? Posso ficar com ele hoje à tarde?

– Pode.

Havia uma garota com quem queria sair, era amiga de um amigo dele e estava no segundo ano de faculdade em Mills.

– Gostaria de jantar conosco hoje?

Estava acostumada a jantar frequentemente com André e Antoine e queria que Jon os conhecesse melhor, mas ele já tinha outros planos e balançou negativamente a cabeça ao se levantar.

– Sinto muito, não posso.

Então, olhou de soslaio para o amigo de sua mãe. André ainda estava ocupado ao telefone e Jon achava que ele não podia ouvi-lo.

– É um novo amor?

Encarou a mãe e ela enrubesceu. Pôde ver pela expressão de sua boca que ela não gostara da pergunta.

– Não, Jon. É meu sócio. E eu gostaria que conhecesse seu filho.

Jonathan deu de ombros. No que lhe dizia respeito, eram uma dupla de campônios da França e não estava interessado neles. Julgava-os pelo interesse deles em terras, pelo fato de virem de Bordeaux, pela maneira simples como se vestiam. O fato de serem de origem nobre não lhe passara pela cabeça, pois eles nunca lhe haviam mencionado o castelo que tinham acabado de vender. Mas Jon tinha outras preocupações, especialmente agora que estava com o carro de sua mãe, e meia hora depois já saíra outra vez, retornando para casa apenas tarde da noite. Na manhã seguinte, Sabrina saiu com Antoine e André logo que o sol nasceu e só voltou bem tarde naquela noite, tendo voltado sozinha de Napa Valley. Parecia passar o tempo todo em seu carro agora, indo e voltando de Thurston House para seus novos vinhedos, pois havia muito a fazer.

– Por que foi fazer uma coisa maluca destas? – Jon perguntou-lhe novamente quando se encontraram à noite e ela viu algo acusador em seus olhos, como se tivesse gasto o que não devia ou estivesse em falta com ele permanecendo fora tanto tempo, como fazia quando dirigia as minas. Mas já tinha quase 21 anos e a maior parte do tempo passava na faculdade a quase 5 mil quilômetros de distância.

Ela, porém, tinha o direito de fazer alguma coisa que a deixasse feliz. Era algo que desejara fazer toda a sua vida e tinha apenas 47 anos. Não pretendia simplesmente virar para o lado e morrer porque o filho crescera. Era a melhor coisa que lhe acontecera, mas muito ameaçador para Jon e ele era desagradável toda vez que o assunto surgia, como se isso estivesse tirando alguma coisa dele.

– Jon, vai dar certo. Prometo. Vamos ter os melhores vinhos dos Estados Unidos.

Ele olhou para ela e deu de ombros de novo.

– E daí? Prefiro beber scotch, de qualquer forma.

Suspirou exasperada. Ele às vezes era impossível.

– Felizmente, nem todo mundo concorda com você.

E isso o fez lembrar, voltando-se para ela com um ar particularmente desinteressado.

– A propósito, alguns amigos meus virão à cidade semana que vem.

Sabrina franziu as sobrancelhas enquanto pensava e depois olhou-o.

– Mas você não vai para Tahoe?

– Vou, sim, mas achei que talvez eles pudessem vir aqui visitá-la.

Era a primeira vez que ele sugeria algo assim e de repente ela imaginou se seria uma garota. Sorriu-lhe timidamente.

– É alguém especial para você?

– É. – Percebeu então o que ela estava pensando e meneou a cabeça rapidamente. – Não, não, não é isso... apenas amigos... não tem importância, vai saber...

Pensou ter visto culpa em seus olhos, por um instante, mas desta vez não teve certeza.

Ele já saía apressado e ela gritou:

– Como se chamam?

– Du Pré.

Nem mesmo sabia se era um homem ou uma mulher e esqueceu-se de lhe perguntar antes que ele partisse dele para Tahoe na semana seguinte.

Depois que Jon partiu para Lake Tahoe com amigos, Sabrina passou a maior parte do tempo em Napa, com André e Antoine e os empregados franceses. Havia muito trabalho a ser feito. Limpeza do terreno e, em suas antigas terras, vinhas a serem cortadas, outras podadas, outras ainda que André trouxera da França. Entretanto, se passaria um ano inteiro, ou até mesmo mais, antes que ele se desse por satisfeito com as condições da terra, porém estavam todos preparados para isso e o projeto deles ia bem. Já haviam escolhido um nome para os vinhos que produziram. Chamariam a marca de Harte-Vernay e os vinhos mais finos de Château de Vernay. Sabrina estava encantada com tudo. Voltou para São Francisco depois de uma semana no sol escaldante de Napa com a pele escura como de um marinheiro, os olhos parecendo pedaços de um luminoso céu azul, os cabelos presos numa longa trança nas costas. Usava as alpargatas que André lhe trouxera da França, calças compridas, e estava começando a examinar a correspondência em Thurston House quando o telefone tocou na escrivaninha e uma voz feminina desconhecida pediu para falar com ela.

– Sou eu.

Perguntou-se quem seria, mas estava mais interessada na pilha de contas em sua mão. Parecia sempre haver algo mais a pagar e podia ver por aquelas contas que Jon não se negara nada nas últimas semanas... três restaurantes... o clube... o alfaiate preferido...

– Sou a condessa du Pré. Seu filho sugeriu que eu telefonasse... – Sabrina franziu as sobrancelhas, lembrando-se do nome de repente.

Du Pré... mas ele não mencionara uma condessa. Talvez fosse a mãe de uma garota de quem ele gostasse. Sabrina suspirou longe do telefone. Realmente não estava com disposição alguma, especialmente para uma mulher que se anunciava desta forma. Parecia americana, quase sulista, mas seu nome era evidentemente francês e sua pronúncia era excelente. Pena que André e Antoine não estivessem na cidade.

– Talvez Jonathan tenha lhe dito que eu telefonaria.

– É verdade, ele disse. – Sabrina procurou parecer amável ao telefone, enquanto continuava a manusear a enorme pilha de contas.

– Ele é um rapaz adorável.

– Muito obrigada. Está visitando São Francisco, então? – Sabrina realmente não sabia o que lhe dizer ou por que ela telefonara.

– Estou.

– É uma pena que Jon não esteja na cidade. Está nas montanhas com uns amigos.

– Que bom. Talvez eu o veja quando ele voltar.

– Sim... – Sabrina fortaleceu-se. Devia cumprir seu dever para com Jon. – Gostaria de vir tomar um chá esta semana?

Com tudo que tinha a fazer, era a última coisa que gostaria no momento, mas não tinha escolha. Jon a prevenira e a mulher telefonara.

– Teria muito prazer. Gostaria de conhecê-la, Sra. Harte.

Pareceu fazer uma estranha pausa ao dizer o nome de Sabrina e esta anotou um lembrete para si mesma. Era melhor acabar logo com aquilo.

– Esta tarde, talvez?

– Seria perfeito, minha querida.

– Será um prazer – mentiu, mas com Sabrina, nunca se sabia. – Nosso endereço é...

Mas ouviu-se uma gargalhada estrepitosa e fascinante ao telefone.

– Ah, não é preciso... – E acrescentou: – Jon já o deu para mim há muito tempo.

Sabrina não sabia dizer se ela era velha ou nova, uma senhora ou uma namorada, ou simplesmente uma mulher que conhecera. Era realmente inoportuno e quando André telefonou, mais tarde naquele dia, e pediu-lhe para ir ao banco fazer um favor para ele, precisou dizer-lhe que não podia ir.

– Droga, Jon me impingiu uma mulher conhecida dele. Está passando pela cidade e estou aguardando-a para um chá. – Olhou para o relógio; uma bandeja de chá estava posta e ela usava um vestido de flanela cinza com uma gola de veludo e o colar de pérolas que Amelia lhe dera quando era muito jovem. – Já devia ter chegado há 10 minutos e, pelo seu tom de voz, não creio que sairá daqui em pouco tempo. Lamento muito, André.

– Tudo bem. Posso esperar.

Pensou nela abrindo caminho pelo matagal de suas próprias terras no dia anterior, o cabelo desalinhado, o rosto queimado de sol, os olhos quase de um azul mediterrâneo e achou engraçado imaginá-la servindo chá. Riu e ela fez uma careta.

– Não posso imaginar o que ela quer, mas Jon fez questão e então fiz o que devia fazer. Francamente, preferia estar aí com vocês. Como vão as coisas?

– Bem. – Antes que pudesse dizer algo mais, ouviu batidas na porta da frente e, em seguida, a campainha tocar. – Maldita. Aqui está ela. Tenho que ir. Telefone-me se alguma coisa especial surgir.

– Telefonarei. A propósito, quando vai voltar?

Queria continuar trabalhando com eles e Jon só estaria de volta em uma semana.

– Amanhã à noite, creio. Posso ficar na casa de vocês?

Era a única mulher e era definitivamente uma boa companheira em compartilhar os desconfortos e o estilo rústico de vida. E à noite, ajudava-os a cozinhar, embora não fosse esta sua melhor habilidade.

– Diriço uma mina melhor do que cozinheiro – dissera-lhes sorrindo quando queimara todos os ovos antes de irem trabalhar um dia. Dali em diante, passaram a cozinhar por ela e ela fazia a parte do homem no trabalho, como sempre fizera. André admirava-a por isso. Ele a admirava em muitos aspectos.

– Claro que pode ficar aqui. Realmente precisamos construir uma casa decente logo. – O plano era construir uma casa simples para os homens e uma melhor em uma de suas colinas, para ele e Antoine, mas ainda ia levar algum tempo. Tinham outras prioridades no momento. – Até amanhã à noite, então. Dirija com cuidado.

– Obrigada.

Desligou e desceu correndo as escadas para abrir a porta para uma mulher que ficou parada olhando-a. Usava um conjunto preto de lã, bem justo, e seus cabelos eram negros como ébano, os quais Sabrina suspeitou que fossem tingidos. Tinha um rosto bonito apesar disso e brilhantes olhos azuis que pareciam examinar cada centímetro de Sabrina. Deu um passo para dentro da casa e levantou os olhos para a cúpula como se soubesse que estaria lá.

– Boa tarde... vejo que Jon contou-lhe a respeito da cúpula.

– Não. – Olhou para Sabrina e sorriu.

Sabrina teve uma sensação estranha e repentina enquanto olhava para ela, mas não sabia exatamente o quê. Era como se já tivesse visto aquela mulher antes, mas não sabia onde.

– Não se lembra de mim, não é? – Não tirava os olhos de Sabrina agora e lentamente balançou a cabeça. – Realmente não poderia. – Sabrina percebeu o sotaque sulista outra vez. – Achei que talvez tivesse visto uma fotografia... um desenho...

Um frio percorreu-lhe a espinha enquanto permanecia ali paralisada. A voz da mulher tinha se transformado num sussurro.

– Meu nome é Camille du Pré... Camille Beauchamp... – Sabrina sentiu uma onda de temor se apoderar dela enquanto a mulher continuava a murmurar. – Camille Thurston um dia, mas não por muito tempo...

Não podia ser. Sabrina ficou paralisada no lugar, olhando-a fixamente. Era uma brincadeira. Tinha de ser. Sua mãe estava morta. Sabrina deu um passo para trás, como se tivesse levado uma bofetada.

– Precisa ir embora... – Sentia-se mal, como se alguém a estivesse estrangulando e sua voz era tensa, mas não conseguia mover-se do lugar onde estava.

Camille a observava, incapaz de imaginar o que ela sentia ou a monstruosidade do golpe que desfechara. Era como se ela tivesse voltado do mundo dos mortos e Sabrina nunca vira nenhum retrato dela, graças aos cuidados do pai, mas agora percebia com quem Jon se parecera todos esses anos. Era a imagem da avó... o cabelo... o rosto... os olhos... a boca... Sabrina sentia uma necessidade esmagadora de gritar mas, em vez disso, deu mais um passo para trás.

– Isto é uma brincadeira muito cruel... minha mãe está morta... – Estava quase sem respiração, mas algo a impedia de botar a mulher para fora, uma espécie de fascínio.

Sempre tentara imaginar como seria sua mãe, durante tantos anos, e agora... talvez fosse possível... precisara tanto de uma mãe naquela época... mas de repente ali estava aquela mulher... como era possível? Sabrina sentou-se pesadamente numa cadeira e ficou olhando-a com olhos arregalados, enquanto Camille Beauchamp Thurston du Pré fitava-a tranquilamente. Estava satisfeita com o resultado que obtivera.

– Não estou morta, Sabrina. – Falava com voz firme, encarando-a. – Jon disse-me que foi isso que Jeremiah lhe contou. Não foi justo da parte dele.

– O que ele deveria ter dito? – Sabrina não conseguia tirar os olhos dela. Era quase impossível compreender o que acabava de lhe acontecer. Sua mãe saía diretamente da sepultura e entrara em sua vida e agora estava ali tranquilamente diante dela. – Não compreendo.

Camille agia como se fosse algo que lhe acontecesse todos os dias. Caminhava lentamente de um lado para o outro sob a cúpula, explicando o que ocorrera, enquanto Sabrina continuava olhando-a fixamente.

– Seu pai e eu discordamos há muito tempo atrás. – Sorriu com ar pesaroso, quase graciosamente, mas Sabrina estava chocada demais para se deixar encantar. – Nunca fui realmente muito feliz aqui – a

lembrança de Napa veio-lhe à mente e ela quase estremeceu –, particularmente na outra casa. Napa nunca foi exatamente meu lugar preferido – era a declaração das últimas cinco décadas – e eu voltei para casa em Atlanta, porque minha mãe estava doente.

Sabrina olhava-a pasmada, nunca ouvira aquela história e sentia-se intrigada. Por que o pai mentiria para ela?

– Discutíramos terrivelmente sobre meu retorno para casa e ele me escreveu enquanto eu estava lá, dizendo-me que nunca mais voltasse. Foi então que descobri que ele tinha uma amante aqui na cidade.

Os olhos de Sabrina arregalaram-se ainda mais. Seria possível que aquilo fosse verdade?

– Recusou-se a me deixar voltar a vê-la novamente... – Começou a chorar. – Minha única filha... fiquei tão magoada que fui para a França.

Fungou e virou-se, enquanto Sabrina a observava. Se aquela mulher estava mentindo, então ela sabia mentir, teria convencido qualquer um de que seu sofrimento era genuíno.

– Levei anos para me recuperar do choque. Minha mãe morreu... fiquei na França mais de trinta anos e desde então tenho vagado por aí sem rumo...

Na verdade, tinha “vagado” pela casa do seu irmão Hubert tão logo Thibaut Du Pré morreu e ficara morando lá desde então, e muito melhor do que vivera com Du Pré, mas o destino levara Jonathan para a vidas deles.

O nome Beauchamp não significara nada para ele. Sabia que tivera uma avó com esse nome, mas já morrera havia muito tempo, ou assim acreditava. Mas quando saiu de Harvard para Atlanta, com o neto de Hubert, no seu primeiro ano de faculdade, descobriu sua avó morando lá e durante dois anos discutiram a vinda dela para a Califórnia com ele. Primeiro ele achou que sua mãe ficaria contente, mas depois, instintivamente, percebeu que isso não era verdade. Mas algo o instigava a preparar a surpresa, algo contra o qual lutou durante muito tempo e ao qual finalmente cederia. E estava com raiva dela agora. Estava sendo difícil e exigente com ele, pensou, não lhe dera o carro que desejava havia tanto tempo. Não devia nada a ela, ao menos foi o que disse a si mesmo, e finalmente disse a Camille que havia chegado a hora. Sabrina merecia por todas as vezes que o deixara sozinho para trabalhar nas malditas minas. Sabia o que Camille tinha em mente e ela lhe prometera que ele poderia viver na casa o tempo que quisesse quando ela tivesse voltado a morar lá. A casa era dela, afinal de contas, não de Sabrina Harte, mas não lhe disse isso naquele momento. Iria aguardar alguns dias para isso. E Camille também prometera um carro a Jon. Mas tinha outras coisas em que pensar no momento. Sabrina olhava-a com desconfiança.

– Por que meu pai mentiria para mim?

– Você o teria amado, se soubesse a verdade, que ele escoraçara sua mãe daqui? Queria você só para ele, Sabrina, você e aquela velha bruxa que a criou. – Jon contara-lhe tudo, a odiada Hannah permanecera com eles, mas agora estava morta. – E não queria que eu interferisse nos casos dele. Ele tinha uma amante em Calistoga.

Repentinamente Sabrina pôs-se a pensar naquilo também. Ouvira algumas histórias sobre ele e Mary Ellen Browne havia muito tempo, mas, ao que tudo indicava, isso fora antes do casamento com Camille, embora alguém tenha dito que tivesse tido um filho, mas Sabrina nunca deu muito crédito a isso.

– E ele tinha outra mulher em Nova York.

Alguma coisa no que ela dizia poderia estar próximo à verdade, uma vez que Amelia veio-lhe rapidamente à mente, mas de certa forma nunca achara realmente que seu pai mantivesse um caso com

ela... talvez bem no final de sua vida, mas não antes. A relação deles parecia tão casta... tão terna... Sabrina fitou os olhos da mulher totalmente confusa.

– Realmente não sei o que pensar. Por que veio aqui agora? Por que agora?

– Levei todo esse tempo para reencontrá-la.

– Eu não fui a lugar algum. Ainda moro na casa que ele construiu para você. – Havia uma acusação em suas palavras, mas Camille pareceu não perceber. Estava muito serena. – Podia ter me encontrado há muito tempo.

– Eu nem sabia se você estava viva. E ao que eu sabia, Jeremiah ainda estava vivo e me manteria afastada de você.

Sabrina sorriu com cinismo.

– Estou com 47 anos. Poderia ter vindo até mim, estivesse meu pai vivo ou não. – Ele estaria fazendo 92 anos naquele ano e dificilmente se constituiria numa ameaça para alguém, certamente não para aquela mulher descarada ali de pé. E Sabrina não conseguia sentir nada por ela, a não ser desconfiança de tudo que dissera. E por que Jon levava Camille até ela sem avisá-la? Isso a desconcertava. Por que não a avisara disso? Odiava-a tanto assim? Ou achava que era uma piada? – Por que veio aqui agora?

Queria chegar ao ponto crucial e acabar de uma vez com aquilo.

– Sabrina, você é minha única filha, minha querida. – Parecia próxima às lágrimas.

– Já discutimos isso. E eu não sou mais uma criança.

Camille instalou-se numa cadeira com ar cândido, e sorriu-lhe.

– Não tinha outro lugar para ir.

– Onde viveu até agora?

– Com meu irmão, e ele acaba de falecer, de modo que fui morar com o filho dele, o pai do amigo de Jonathan.

Sabrina encolhia-se diante dos ciúmes dela em relação a seu filho.

– Mas as coisas estão um pouco complicadas lá. Fiquei sem um lar depois que meu marido morreu... hã ... meu amigo... quero...

Corou, mas disfarçou o *faux pas* o mais rápido possível, porém Sabrina descobriu-o imediatamente.

– Casou-se novamente, Madame du Pré? – Sublinhou o nome e levantou uma sobrancelha enquanto esperava que Camille respondesse. E algo lhe dizia que não iria gostar do que ela iria começar a dizer dali para a frente.

Mas Camille conseguiu surpreendê-la novamente.

– Não percebe, querida... seu pai e eu nunca nos divorcamos. Ainda sou a mulher dele e o era quando ele morreu – Jonathan assegurara-lhe que Jeremiah nunca se casara de novo, não que ele soubesse, embora nunca o tivesse conhecido. Seu avô morrera oito anos antes de ele nascer.

– Tecnicamente – Camille sorria diabolicamente para Sabrina – esta casa me pertence.

– O quê? – Sabrina parecia ter recebido uma forte descarga elétrica ao ficar de pé num salto.

– Mas é verdade. Fomos casados e ele construiu esta casa para mim, você sabe.

– Pelo amor de Deus, como pode dizer uma coisa destas? – Sabrina queria estrangulá-la. Depois de tudo que ela passara, agora vinha aquela mulher querendo roubar-lhe tudo. – Onde estava quando precisei de você? Quando eu tinha 5 anos, ou 10, ou 12?... Onde estava quando meu pai morreu? Quando tive que dirigir as minas por ele?... Quando ... – Sentiu um nó na garganta e por um instante não conseguiu continuar. – Como ousa retornar agora? Eu costumava ficar acordada de noite,

imaginando como você seria, costumava chorar pensando em como morreria e ainda me lembro do sofrimento dele... e agora você vem aqui me dizer que foi cuidar de sua mãe e ele não permitiu que voltasse. Bem, não acredito numa só palavra do que me diz, entendeu? Nem uma só palavra! E esta casa não lhe pertence, pertence a mim, e um dia pertencerá a Jonathan. Meu pai a deixou para mim e eu a deixarei para Jonathan quando morrer. Mas isso não tem nada a ver com você. – Chorava abertamente ali parada sob a cúpula, tremendo, e Camille observava-a cuidadosamente. – Compreende? Esta é *minha* casa, *não* sua, desgraçada! E não difame meu pai nesta casa. Ele morreu aqui há quase trinta anos e este era um lugar sagrado para ele... e você tem razão, ele a construiu para você, mas de alguma forma, por alguma razão, que eu aparentemente não sei, você desapareceu e agora é tarde demais para você voltar.

Camille estivera ausente durante quase cinquenta anos e de repente retornara, mas parecia estranhamente calma agora. Não viera despreparada para aquilo, embora estivesse espantada com a veemência de Sabrina.

– Você percebe, não é, que não pode obrigar-me a ir embora? – Olhava docemente para a mulher que afirmava ser sua filha e Sabrina ficou furiosa.

– Para o inferno que não posso. – Deu um passo em direção a ela. – Chamarei a polícia se não sair.

– Muito bem, eu lhes mostrarei minha certidão de casamento e alguns documentos meus. Sou a viúva de Jeremiah Thurston, quer queira ou não, e Jonathan e eu vamos reabrir o testamento dele. Depois disso, vai ter de me perguntar se *você* pode ficar aqui, não o contrário. E enquanto isso, não pode me obrigar a sair.

– Não pode estar falando sério.

– Estou. E se puser as mãos em mim, *eu* chamarei a polícia.

– E, exatamente, o que pretende fazer? Viver aqui os próximos 50 anos? – Estava sendo sarcástica, mas Camille não deixou que isso a perturbasse.

Estava acostumada a conseguir o que queria e era extraordinariamente talentosa para isso; além do mais, planejara aquilo tudo por muito tempo com Jonathan. Ele hesitara muito, mas finalmente chegara a hora. Sabia que por fim chegaria e esperara pacientemente. Sabrina não iria se livrar dela com facilidade agora.

– Vou viver aqui o tempo que quiser.

Mas tinha outro plano para depois, um que ainda não mencionara a Jonathan. Primeiro tinha de constranger Sabrina e não sentia culpa alguma por isso. Sabrina era uma estranha para ela, afinal de contas, e que mal havia nisso? Ficaria com ela por alguns meses, o tempo suficiente para se apoderar da casa e deixá-la extremamente constrangida. Haveria então provavelmente um pequeno acordo amigável que iria permitir a Camille voltar vitoriosa para o Sul, com dignidade, e comprar uma casa para si mesma. Não tinha nenhuma vontade de morar no Sul outra vez, mas servia a seus propósitos muito bem no momento. Estava realmente nos seus direitos. Jeremiah nunca entrara com pedido de divórcio, ela verificara. Ainda estavam casados quando ele morreu e mesmo agora, se contestasse seu testamento, iria demorar muito até chegarem a uma conclusão. O bastante para conseguir o que desejava.

– Não pode simplesmente se mudar pra cá. – Sabrina olhava-a horrorizada. – Não vou deixar que se mude pra cá.

Mas, enquanto Sabrina falava, Camille dirigiu-se para a porta e fez um sinal para alguém que esperava do lado de fora. Um rapaz rapidamente passou para dentro, carregando desajeitadamente

meia dúzia de malas. E ainda havia dois baús à espera do lado de fora. Sabrina, porém, adiantou-se rapidamente na direção dele.

– Tire esse lixo daqui. – Referia-se tanto a Camille quanto às suas malas e apontou para a porta, erguendo a voz outra vez. – Imediatamente! – Era o mesmo tom que usara nas minas tantos anos antes, mas não surtiu efeito. O rapaz tinha mais medo de Camille do que dela. – Você me ouviu, garoto?

– Não posso... desculpe-me, senhora.

Ele tremia dos pés à cabeça enquanto Camille o direcionava indiferente para o andar de cima. Ainda se lembrava de tudo, a suíte principal, a biblioteca de Jeremiah, seu próprio *boudoir*. Mandou o rapaz depositar as malas no quarto de vestir, enquanto Sabrina resistia-lhes ao avanço. Camille olhou-a com reprovação, como se ela fosse realmente uma criança.

– Não adianta. Eu vou ficar aqui. Sou sua mãe, Sabrina, quer você queira ou não.

E esta era a mãe com que sonhara por tanto tempo e com tanta ternura. Era inimaginável. De repente, as lágrimas lhe encheram os olhos e realmente se sentiu uma criança. Não podia acreditar que isso estivesse acontecendo. Não era de admirar que o pai não a tivesse deixado retornar. Era uma bruxa, uma absoluta monstruosidade, mas como iria livrar-se dela? Entrou na biblioteca do pai e telefonou para André quase fora de si, explicando-lhe a desgraça.

– Ela está louca?

– Não sei. – Sabrina soluçava. – Nunca vi nada igual antes. Ela simplesmente foi entrando pela minha casa como se tivesse estado fora numa curta viagem. – Assoou o nariz ruidosamente ao telefone e ele lamentou não estar lá para confortá-la. – E meu pai nunca me contou nada...

Soluçava mais alto ainda.

– Simplesmente não compreendo... ele disse que ela morrera quando eu tinha um ano...

– Talvez ela tenha fugido. Você vai acabar descobrindo. Alguém deve saber. – Ambos imediatamente pensaram na mesma solução, mas André disse seu nome primeiro. – Amelia. Telefone para Amelia em Nova York! Ela lhe dirá tudo. E neste meio-tempo, expulse-a.

– Como? Fisicamente? André, ela foi direto para o meu quarto de vestir.

– Então tranque-a lá dentro. Quer dizer, ela não pode simplesmente passar por cima de você assim, pode? – De repente, ele também pareceu nervoso e Sabrina estava ansiosa para desligar e telefonar para Amelia imediatamente. Pelo menos queria saber o que acontecera entre o pai e essa mulher que dizia ter permanecido casada com ele. – Quer que eu vá até aí? – André ofereceu-se antes de desligar. Agora, com a ponte na baía tornando a viagem tão mais fácil, era um trajeto mais curto, mas mesmo que não fosse, iria por ela. Antoine podia tomar conta das coisas enquanto estivesse ausente.

– Não faça nada por enquanto. Volto a ligar para você. Quero ligar para Amelia e em seguida para meu advogado.

Mas de nada adiantou. Amelia tinha a garganta terrivelmente inflamada, a governanta dissera, e não podia vir ao telefone. Sabrina não quis assustá-la, dizendo o quanto estava desesperada, e seu advogado estava fora, de férias.

– Estará de volta em um mês. – A secretária dissera-lhe de forma impessoal.

Sabrina sentiu-se quase histérica quando foi confrontar Camille novamente.

– Madame du Pré... condessa... quem quer que seja, simplesmente *não* pode ficar aqui. Se realmente tem alguma pretensão sobre os bens de meu pai, e se esta pretensão ainda é válida, poderemos discuti-la com meu advogado quando ele voltar no mês que vem. Enquanto isso, *precisará* ficar num hotel.

Camille olhou para a filha por sobre o ombro, enquanto pendurava as roupas. Já despejara uma fileira inteira das coisas de Sabrina sobre uma cadeira.

Sabrina sentiu uma vontade enorme de estrangulá-la. Agarrou suas próprias roupas, empurrou as de Camille para um lado e atirou-as no chão, gritando com todas as forças.

– Saia daqui! Esta casa é minha, não sua!

Mas Camille olhou-a simplesmente como se ela fosse uma criança malcriada.

– Sei que é difícil para você. E não nos vemos há muito, muito tempo. Mas precisa se controlar. Quando Jon voltar, vai querer nos ver felizes aqui. Ele ama a nós duas, sabe?, e precisa de um lar em paz.

– Não posso acreditar que esteja fazendo isso. – Sabrina olhava-a estupefata, sentia-se completamente desamparada numa das raras vezes em sua vida. Houve poucas coisas com as quais não conseguiu lidar antes, e esta era uma delas. – Você *tem* de sair daqui.

– Mas por quê? Que diferença faz? É uma casa enorme. Há espaço de sobra para todos nós. – Olhava cuidadosamente para o olhar assassino nos olhos de Sabrina e tomou uma decisão hábil com graciosidade. – Está bem, ficarei no quarto de hóspedes então e você nem vai saber que estou aqui, querida.

Sorriu alegremente e pegou suas coisas. O rapaz que Sabrina já havia esquecido saiu correndo atrás de Camille, carregando todas as suas malas e baús outra vez. Sua memória era excelente. Conduziu-o à porta certa e, momentos depois, ele saiu às pressas.

E quando André telefonou para Sabrina mais tarde naquele dia, ainda detectou aquele mesmo tom histérico em sua voz.

– O que Amelia disse?

– Não pôde falar comigo. Está com febre e a garganta terrivelmente inflamada.

– Ah, meu Deus... logo agora... expulsou a mulher? Sabe, ela pode ser uma impostora, afinal de contas. Pensei nisso depois que nos falamos.

Mas Sabrina meneou a cabeça em silêncio.

– Não creio, André. Conhece esta casa perfeitamente, mesmo depois de todos estes anos.

– Talvez alguém a tenha induzido. Algum antigo empregado descontente.

Mas havia outra razão pela qual Sabrina achava que ela realmente era Camille Beauchamp. Era o fato de se parecer exatamente com Jon.

Disse isso a André e ele não ficou satisfeito.

– Por que acha que ela voltou agora?

– Ela não fez nenhum segredo disso. – Os olhos de Sabrina encheram-se de lágrimas novamente. – Ela quer a casa, André.

– Thurston House? – Estava horrorizado. Mesmo no pouco tempo que conhecia Sabrina, sabia o quanto a casa significava para ela e ele também passara a amá-la. – É absurdo!

– Espero que o tribunal pense assim. E meu advogado não estará na cidade até o mês que vem. O que, em nome de Deus, eu vou fazer? Ela é teimosa como uma mula e mudou-se logo para o quarto de hóspedes, como se eu a estivesse esperando. – Se não tivesse sido tão horrível, teria rido. – Como pode fazer isto comigo?

– Pelo jeito, facilmente. – E então disse uma coisa sobre a qual sentira-se curioso. – Que papel exatamente Jon representou nisso tudo?

Ela mesma ainda não entendia isso e não queria acusar o filho erroneamente para André, mas pelo pouco que ouvira de Camille, suspeitava que havia algo muito desagradável em andamento.

– Ainda não sei. – E era evidente que não queria dizer mais nada sobre isso para ele naquele momento.

– Há algo que eu possa fazer por você?

– Sim. – Sabrina sorriu desafortunadamente. – Expulse-a. Faça-a desaparecer, faça com que nunca mais volte.

– Quem me dera.

Houve um silêncio entre eles por um ou dois momentos.

– Sabe, durante tantos anos, eu costumava sonhar com ela... imaginar como era... uma vez eu entrei escondida nesta casa quando eu tinha mais ou menos 12 anos, ou talvez 13, e fiquei examinando algumas das coisas dela que encontrei... e agora ela aparece, e é uma mulher má, terrível, disposta a qualquer coisa para obter o que quer... gostaria de nunca tê-la visto, André, se ela realmente é quem diz ser.

– Espero que não seja.

Ou talvez pusesse o fantasma para descansar de uma vez. Era difícil saber. Mas era tarde demais para isso, de qualquer forma. Ela estava lá e fincara o pé, e agora Sabrina tinha de colocá-la para fora.

Passou a noite inteira acordada em seu quarto, pensando nisso, querendo correr ao quarto de hóspedes e tirar a mulher da cama, mas em vez disso encontraram-se na cozinha na hora do café da manhã no dia seguinte e, para uma mulher da sua idade, Sabrina tinha de admitir para si mesma que Camille ainda era bonita e devia ter tido uma beleza extraordinária cinquenta anos antes, quando o pai se casara com ela...50 anos... ou 49, de qualquer forma. Era surpreendente e Sabrina ficou sentada um instante, olhando-a fixamente, perguntando-se o que teria dado errado, por que ela partira, por que nunca voltara, quem era Du Pré e se esta era talvez a chave da questão.

Mas não lhe disse absolutamente nada. Simplesmente ficou olhando a mesa fixamente, tomando o chá. Era impossível acreditar que isso tivesse lhe acontecido. Como no dia em que John morrera, tinha agora a sensação de que o mundo inteiro estava de pernas para o ar. E Camille circulava alegremente pela cozinha, como se estivesse feliz por ter finalmente voltado para casa. Sabrina levantou os olhos para ela outra vez, aturdida, e finalmente Camille sentou-se novamente e as duas mulheres se encararam, mãe e filha reunidas depois de muito tempo pelas circunstâncias, ou talvez pela ganância, tendo-se encontrado pela última vez havia 46 anos, quando Sabrina tinha um ano de idade. Como seria Camille na época, perguntava-se, e então, de repente, lembrou-se de algo que Hannah lhe dissera havia muito tempo, sobre os aros que Camille usara para não engravidar e que Hannah encontrara... e seu pai ficara furioso... e o nascimento dela logo depois disso. Teve vontade de perguntar-lhe se a tinha desejado, mas sabia a resposta, e que diferença faria? Estava com 47 anos, tinha um filho crescido, o pai a amara muito e a mãe estava... morta, pensava consigo mesma. Mas não estava morta. Fugira.

– Por que realmente o abandonou? – As palavras brotaram de Sabrina quase involuntariamente. – Conte-me a verdade.

– Já lhe contei. – Evitava os olhos de Sabrina. – Minha mãe estava doente. Morreu pouco tempo depois. – Não parecia ansiosa para discutir esse assunto com Sabrina.

– Estava com ela quando morreu?

– Estava na França na ocasião.

Por que mentir para ela? Que diferença fazia agora? Estava de volta à casa. Ainda era a mulher de Jeremiah Thurston e Sabrina estava aterrorizada. Jon tivera razão, Camille era mais dura do que Sabrina. O forte fora tomado, quase sem luta. Camille estava orgulhosa de si mesma. Fora muito mais fácil do que imaginara e, quando Jon voltasse, seria ainda mais fácil. Um aliado iria ajudá-la muito. E ele havia lhe prometido toda a sua ajuda.

– Morou muito tempo na França?

– Trinta e quatro anos.

– É um longo tempo. Casou-se novamente? – Estava tentando fazer Camille cair numa cilada, mas sua mãe apenas lhe sorriu.

– Não. Não me casei, embora use um nome diferente.

– Não é uma condessa de nascimento... e o Du Pré?... – Olhou Sabrina diretamente nos olhos.

– Era meu protetor na França.

– Sei. Era seu amante, então. – Sabrina sorriu-lhe docemente. – Imagino como isso irá afetar suas pretensões. Trinta e quatro anos é um longo tempo.

– Durante o qual eu estava legalmente casada com Jeremiah Thurston o tempo todo, e ainda estou. Não pode mudar este fato, Sabrina, por mais que se esforce.

– Acho apenas que é interessante que tenha continuado sua vida com... hã... seu protetor... – Enfatizou particularmente a palavra, esperando fazer Camille corar, mas não houve o menor sinal. – E agora você volta a esta casa. Sem dúvida é conveniente. Já fez seus planos para o Dia de Ação de Graças? Ou vai mandar redecorar a casa? Quero dizer, afinal de contas, por que perder um segundo? – Havia um tom amargo, maldoso, na voz de Sabrina que não era comum nela.

André chegou logo depois do meio-dia. Camille desceu correndo as escadas e sorriu-lhe. Era um homem atraente ao extremo e ficou encantada em descobrir que era francês, embora seu encanto tenha diminuído quando percebeu que ele estava do lado de Sabrina e ia fazer tudo que pudesse para tirá-la dali. Tentou conversar com ele sobre a França, parecia ter vivido a maior parte do tempo numa cidadezinha no Sul, mas também passara um breve tempo em Paris e procurou fingir que tivera uma vida fascinante lá, mas ele sabia que era mentira e não lhe deu atenção. Queria falar a sós com Sabrina.

– Trancou as portas e as joias? Pode ser apenas uma ladra muito inteligente, sabe?

Mas Sabrina sorriu.

– As únicas joias que tenho foram dela, ou a maioria pelo menos. Na rapidez com que age, vai exigí-las de volta de qualquer modo.

– Bem, pelo amor de Deus, não as dê para ela. Chame a polícia.

Não gostou do jeito dela. Mas quando chamou a polícia e procurou explicar, disseram-lhe que não se envolviam em questões de família e um telefonema a outro advogado que conheciam foi desanimador. Disse-lhes que teriam de lutar na justiça e agora que ela se mudara, seria quase impossível tirá-la de lá até o julgamento, a menos que a retirassem à força e nesse caso ela poderia processá-los facilmente.

– Não devia tê-la deixado entrar ontem. – André pareceu prático e ela olhou-o espantada.

– Está louco? Como eu poderia saber? Entrou aqui como uma divisão de tanques russos e no momento seguinte estava atirando minhas coisas numa cadeira. Tive sorte de ela concordar em passar para o quarto de hóspedes ou eu mesma estaria dormindo lá.

– O quê? – Procurou fazer pouco da situação, mas era difícil. – Ela está dormindo no meu quarto! Expulse-a!

Sabrina sorriu, mas havia lágrimas em seus olhos novamente.

– Simplesmente não compreendo, André. – Fora um choque terrível. – Por que meu pai não disse nada?

– Só Deus sabe o que se passou entre eles. Pelo jeito dela e pelo modo de falar, ela não é fácil. E eu não acredito na história que lhe contou. É uma pena que Amelia não possa atender o telefone.

Mas ele tentou novamente e desta vez ela veio, horivelmente rouca e queixando-se da garganta, mas pelo menos pôde esclarecer tudo. Disse-lhes o que Camille fizera sobre o caso com Du Pré e que ela os abandonara.

– Lamento que ela tenha voltado para assombrá-la. Era uma jovem terrível na ocasião, egoísta e mesquinha, e não parece que tenha melhorado com a idade.

Sabrina sorriu com tristeza às palavras da amiga.

– Não creio que tenha. – E então recordou o que Amelia dissera sobre a fuga de Camille. – Meu pai deve ter sentido um profundo desgosto.

Agora compreendia ainda melhor a relutância dele em falar sobre ela. Nunca se recuperara do choque.

– Ele ficou muito magoado. Mas ele tinha você. – Amelia sorriu, ao lembrar-se. – Você era a alegria da vida dele. Nos últimos anos, não acho que ele tenha sentido muita falta dela. Ele continuou a vida dele. Mas nos primeiros anos... foi muito difícil.

– É verdade que ele tinha uma amante e talvez tenha sido por isso que ela foi embora? – Sabrina quis saber.

– Absolutamente! – Amelia sentiu-se revoltada. – Ele era totalmente fiel a Camille. Posso afiançar-lhe. Na verdade, ele ficou muito aborrecido por você ter demorado tanto tempo para nascer.

Não queria contar-lhe sobre os aros contraceptivos, embora se lembrasse disso, mas não sabia que Sabrina já conhecia o fato.

– Acabou descobrindo que Camille tinha algo a ver com isso e ficou muito aborrecido, mas não vamos discutir isso agora, minha querida. Comporte-se e não deixe que isso a transtorne, apenas mande-a embora.

– Quisera poder fazê-lo. Ao que parece, deveremos ir à justiça primeiro.

– Que terrível provação para você, pobre criança. – Aos 47 anos, Sabrina não era nenhuma criança, mas comoveu-se com as palavras de Amelia. – A mulher devia ser fuzilada. Na verdade, Jeremiah devia tê-lo feito naquela época, teria facilitado muito as coisas para você agora.

– É verdade. – Sabrina sorriu, grata por ter alguém com quem falar. – Eu a colocarei a par dos acontecimentos.

– Faça-o. E como vai André, a propósito? Pelo que sei, vocês dois estão revirando o mundo e planejando enchê-lo de bêbados.

– Qualquer dia desses. – Sabrina riu da descrição de Amelia dos planos deles. – Você está bem?

– Exceto a garganta. Acho que vou viver muito, apesar de mim mesma.

– Nós precisamos de você.

– Bem, você não precisa dela. E nunca precisou. Portanto, bote-a para fora assim que puder.

– Amém.

Sabrina agradeceu-lhe, desligou e se voltou para André de novo. Não havia absolutamente nada que pudessem fazer até irem a julgamento. E, com isso, Camille flutuou pelo cômodo num vestido de

chiffon branco, com brincos de diamantes que Sabrina suspeitava que eram falsos. Olhou para André desesperada.

– O que vou fazer?

A perspectiva de viver com ela até irem aos tribunais quase a enlouquecia e, quando Jon voltou no dia seguinte, as coisas não melhoraram. Ele cumprimentou Camille como uma velha amiga e adorada avó, uma visita esperada, e Sabrina foi direto ao quarto dele e fechou a porta. Ficou de pé fitando-o, enquanto ele se sentava na cama, sem disposição para conversa. Ela, porém, não estava lhe dando escolha.

– Quero falar com você, Jon.

– Sobre o quê?

Estava fazendo jogo com ela. Ele o sabia, e divertia-o pensar o quanto ela devia estar furiosa. E daí? Por que não? Não lhe dava mais o que queria, a viagem à Europa, o carro que implorava havia três anos. Só vivia se queixando que não tinha dinheiro e se lamentando por Thurston House. Bem, agora sua avó iria tomá-la dela e ela podia ir viver em Napa com seu fazendeiro francês com quem andava tão ocupada plantando videiras. E ele e a avó poderiam viver magnificamente em Thurston House. Ela lhe prometera um carro, assim que conseguisse o que queria. Este era sem dúvida o seu estilo e mal podia esperar. O último ano da faculdade ia ser muito divertido, com um carro próprio, se ajeitassem as coisas bem depressa, e a viagem à Europa seria um presente de formatura, sua avó dissera. E depois disso se mudaria para Nova York para arrumar um emprego e não estava se importando com quem vivesse na casa. Ele provavelmente nunca mais o faria, não por um período longo de tempo. Achava São Francisco uma cidadezinha patética, provinciana. Estava pronto para Nova York depois de três anos em Cambridge, embora eles certamente lhes servissem em qualquer lugar... Boston... Atlanta... Filadélfia... Washington...

– Quero uma explicação.

Sua mente foi arrancada de pensamentos mais agradáveis por sua mãe, que o olhava penetrantemente. Quase estremecia de raiva e não havia como evitá-la. Mas não podia lhe fazer nada agora. Sua avó já estava na casa e entrara sozinha. No começo, quis que Jon a deixasse entrar quando Sabrina estivesse fora, mas aparentemente ele se recusara a ir tão longe e ela concordara em resolver esse problema sozinha. Sabia que ela podia. Era ainda mais determinada do que Sabrina, mas de certa forma parecia ter mais em comum com Jon, pensavam do mesmo modo, como Sabrina temia agora, e isso era outra coisa que queria discutir com ele.

– Exatamente qual foi o seu papel nisso?

Os olhos dela atravessaram-no implacavelmente.

– O que quer dizer?

– Não brinque comigo. Ela me disse que conhece você há quase três anos. Por que nunca me disse nada?

– Achei que não gostaria.

Mas ele desviou os olhos e inesperadamente ela o esbofeteou.

– Não minta para mim!

Levantou os olhos para ela, chocado. Ela nunca o olhara assim antes.

Os olhos dela machucavam mais do que a mão, mas ela nunca se sentira mais traída e, quanto mais pensava nisso, mais furiosa ficava.

– Droga, que diferença faz quem eu conheço? Preciso lhe contar tudo que faço?

– Ela é minha mãe, Jon, e você a conheceu há três anos. Por que a ajudou a fazer isso?

– Não ajudei. – Enquanto ela continuava a olhá-lo, ele deu de ombros. – Talvez ela tenha tanto direito a esta casa quanto você. Disse que estava casada com o vovô quando ele morreu.

– Podia ter me prevenido, não podia? – Ele não respondeu e ela ergueu a voz novamente. – Não podia? – E continuou. – Sabe o que é pior, Jon? É o que você me fez. Ela nunca foi uma mãe para mim, mas você é meu filho, e não só deixou que isso acontecesse, como ajudou a planejar. Como isso o faz se sentir a respeito de si mesmo?

Olhou diretamente nos olhos dela, hostil e agressivo até o fim, e alguma coisa dentro dela começou a morrer ao vê-lo.

– Sinto-me bem.

– Então, tenho pena de você.

– Não preciso de você para nada – disse isso quando Sabrina saía do quarto.

Ela não conseguia mais se controlar e não suportava o que estava vendo nele. Era tão parecido com Camille e durante tantos anos ela pensara nisso. Ele era diferente de Jeremiah, dela mesma, do pai dele, mas agora, de repente, descobriu a pista da origem dos genes. Ele era exatamente como Camille e mau até a alma. Não tinha absolutamente nenhuma lealdade a Sabrina, depois de tudo que fizera por ele. Em algum lugar, algum dia, alguma coisa nele retorceu-se e nunca mais se endireitou, e agora já era quase tarde demais. Especialmente se Camille estivesse por perto para fazer aflorar o pior dele. Nos dias posteriores, via os dois agirem em conjunto e conspirarem, falarem aos sussurros e saírem juntos. Sabrina sentiu-se totalmente abandonada por seu filho. Os dois haviam se unido contra ela. Necessitava tomar algumas providências, mas não conseguia se concentrar em nada agora e não ousava deixar a casa e ir a Napa ver André e as terras. Receava que, se saísse, eles fizessem alguma coisa pior com ela, como roubar suas coisas, ou mesmo mudar as fechaduras e não deixá-la entrar.

– Você não pode ficar aí sentada, aterrorizada, pelos próximos meses. – André estava genuinamente preocupado com ela.

– Acha que vai levar tanto tempo?

– Pode ser que sim. Sabe o que o advogado disse.

– Acho que enlouquecerei antes disso.

– Não enquanto não vier até aqui e tomar algumas decisões sobre os vinhos. – Teve, então, uma ideia. – Já lhe direi o que fazer. Vou enviar Antoine aí e ele pode ficar na casa de olho nas coisas, enquanto você vem até aqui. E quando você retornar, ele volta para cá.

Era um sistema complicado, mas funcionou. E nos dois meses seguintes, foi exatamente isso que fizeram. Então, seu advogado voltou e tomou conta do caso. Também concordava que havia muito pouco que pudessem fazer. O caso teria de ser levado ao tribunal e isso poderia levar mais dois meses. Nesse ínterim, Jon teve de voltar à universidade e, quando o fez, a frieza da relação entre ele e a mãe não tinha passado. Foi jantar fora com Camille na noite anterior à partida e Sabrina saiu para jantar com André e Antoine. A mágoa entre eles já era praticamente irreparável e às vezes era quase como se tivesse perdido o filho. E de certa forma o perdera, para Camille. Até aqui, Camille não ganhara mais nada, mas essa parte da batalha ela tinha vencido. Prometia tudo a Jon, tão logo tirassem Sabrina da casa. E nisso tudo, ela ainda sentia como se ele estivesse descarregando seu ódio sobre ela porque o pai morrera e porque ela trabalhara nas minas. Nunca a perdoaria por isso e agora ia fazê-la pagar pelo resto de sua vida. Ela disse isso a André um dia, quando caminhavam entre as vinhas.

– Devo ter falhado terrivelmente com ele. – Suspirou. – Se o pai dele não tivesse morrido, eu não teria voltado a trabalhar. E eu não trabalhava o tempo todo, mas acho que ele queria mais do que eu lhe dei.

– Talvez ele seja uma dessas pessoas que sempre querem mais do que se tem para dar. Não se pode fazer nada a respeito.

– Gostaria de salvá-lo de Camille. Ele ainda não vê quem ela é, mas verá, e quando o fizer, ficará terrivelmente decepcionado.

André não considerava isso ruim e achava que Jon o merecia por sua traição. Era um rapaz maldoso. Não gostara dele desde o início, mas nunca diria isso a Sabrina. Era o único filho dela e, apesar de seu sofrimento, ela ainda o amava. Era seu filho. Mas agora era reconfortada por Antoine também. Sabendo o que ela estava atravessando, ele mostrava-se especialmente carinhoso e atencioso, trazendo-lhe flores, cestas de frutas e pequenas lembranças de vez em quando. Significavam muito para ela e sempre o mencionava para André, dizendo-lhe como seu filho era bom. Ele sentia orgulho dele e ela invejava a intimidade que compartilhavam. Esperava que em alguns anos, quando Jon tivesse a mesma idade de Antoine, ele também tivesse amadurecido e se aproximado dela, mas algo em seu íntimo lhe dizia que não seria assim e, então, voltava o pensamento para outras coisas, os vinhedos que estava cultivando com André e o processo que estava movendo contra Camille.

Camille sabia que a data se aproximava e parecia impassível; jogava suas cartas com precisão e habilidade e, uma semana antes do dia do julgamento, bateu à porta da suíte de Sabrina. Era 9 de dezembro e iriam a juízo no dia 16 do mesmo mês.

– Sim?

Sabrina estava de pé, de roupão e descalça, ainda incapaz de acreditar que Camille tivesse imposto sua presença. Já estava lá mais de cinco meses e era como um pesadelo sem fim, um sonho terrível do qual Sabrina parecia nunca acordar. Camille estava sempre lá, vagando pela casa com ar possessivo, vestindo suas roupas baratas, suas peles ordinárias e passeando pela cidade. Sabrina ouvira comentários a respeito e de vez em quando algum objeto de valor desaparecia da casa e Camille afirmava que nada tinha a ver com aquilo, mas Sabrina sabia que era ela. Não podia impedi-la, no entanto, pois não podia ficar tomando conta dela o tempo todo. E, como Sabrina comentara com André, ela tentara reclamar as joias.

Sabrina, porém, não quis nem ouvir falar no assunto. Por uma simples singularidade do destino, tinha de aturar aquela mulher em sua casa, mas isso era tudo. E conforme as contas começaram a chegar aos montes, feitas por Camille e por Jon, ela ficou firme e recusou-se a pagá-las. Pareciam estar tentando fazer tudo que podiam para levá-la à falência, o que teria acontecido se tivesse tentado pagar as contas, pois era imensa a lista de coisas que colocavam na conta dela. Mas Sabrina deixou as contas de Camille se acumularem sem tocar na pilha e enviou as de Jon para ele na faculdade. Já estava com 21 anos e, como lhe disse, se queria viver daquele modo, ele mesmo teria de se responsabilizar por aquilo. Mas sua avó assegurara-lhe, é claro, que ela se encarregaria de tudo quando pusesse Sabrina para fora da casa e garantiu-lhe que tinha plena confiança de que o conseguiria. De modo que ele também deixou suas contas se acumularem. Havia centenas delas em sua mesa, todas sem pagar. Ia entregá-las para sua avó quando a visse novamente, como costumava dá-las a Sabrina quando ia para casa. Mas esses dias terminaram, como sua mãe constantemente lhe dizia. Graças a Deus que não tinha de ouvi-la com muita frequência, estava a quase 5 mil quilômetros de distância. Camille e Sabrina, porém, estavam separadas por menos de um metro quando Sabrina abriu a porta.

- O que quer?
- Achei que devíamos conversar.

Sempre carregava demais no sotaque sulista quando tinha algum plano em mente. E a única coisa que Sabrina realmente detestava nela era que, pelo resto da vida, pensaria naquela voz, veria aquele rosto e se preocuparia que, de alguma forma, pudesse parecer, falar, pensar ou agir como ela... qualquer gesto em comum seria repulsivo e era pior ainda constatar o quanto Jon se parecia com ela. Mas nada do que sentia transpareceu em seus olhos naquele momento.

- Conversar sobre o quê? Não tenho nada a lhe dizer.
- Não preferiria conversar a ir ao tribunal?
- Não necessariamente.

Sabrina agora estava calejada e queria desmascará-la. Por que não?

Seu advogado dissera-lhe que, quanto mais examinava o caso, menos lhe parecia que Camille tivesse argumentos. O testamento de Jeremiah fora redigido de tal forma que a excluía sem na verdade citar o seu nome, “quaisquer pessoas com que possa ter sido casado...”. Sabrina lembrava-se de ter achado aquilo estranho por ocasião da morte dele, mas estava tão transtornada na época que não deu muita atenção a isso. E agora a questão devia ser resolvida judicialmente, independentemente de suas chances serem boas. A menos que Camille recuasse e fosse embora, mas isso era pouco provável, depois de ela ter fincado pé por tanto tempo.

- Não me incomodo de ir a juízo.

Camille olhou-a e sorriu.

- Não quero tomar sua casa de você, minha filha.

Sabrina tinha vontade de esbofeteá-la ou dar-lhe com a cabeça no chão. Depois de quase seis meses torturando-a, invadindo sua vida, roubando-lhe o filho, agora ela não queria tomar-lhe a casa? E ousava chamá-la de “minha filha”!

– Estou beirando os 50 anos e não sou sua filha, nem nunca fui. Não tenho nada a ver com você. Você me dá nojo. E se dependesse de mim, eu a escorraçava daqui esta noite.

- Irei embora esta semana – a voz dela era um sussurro insidioso – se pagar meu preço.

Sem dizer-lhe uma palavra, Sabrina bateu a porta na cara dela e trancou-a.

Para André era angustiante ver Sabrina passar por tudo aquilo durante seis meses sem que houvesse nada que pudesse fazer para ajudar. Foi ao tribunal com ela no dia 16 de dezembro e, pela primeira vez, Camille realmente parecia pálida e amedrontada. Tinha ido longe demais e sabia disso quando tentou persuadir o juiz com lisonjas. Ele estava chocado com a história e com a audácia dela de se mudar para a casa, atormentando Sabrina por tanto tempo, depois de abandoná-la quando criança. Um depoimento por escrito fora obtido de Amelia, em Nova York. Apesar da idade, sua memória era excelente, e ela fora mais do que clara a respeito dos acontecimentos de cerca de 46 anos antes. Camille quase tremia ao olhar em torno no tribunal. Estava sozinha, e era uma tola. Nunca pretendia que as coisas fossem tão longe. Achou que Sabrina lhe pagaria para se ver livre, e agora falavam que ela teria de pagar danos e aluguéis pelos últimos seis meses. A questão de suas dívidas infundáveis foi levantada, bem como aquelas que encorajara Jon a fazer. Quando tudo terminou, deu graças a Deus por receber apenas uma sonora repreensão do juiz, que chegou a ameaçar colocá-la na cadeia e deu-lhe exatamente uma hora, com um assistente do delegado aguardando, para fazer as malas e sair de Thurston House.

Sabrina não podia acreditar que o pesadelo terminara e, enquanto Camille descia as escadas pela última vez, ela a olhava debaixo da magnífica cúpula e não havia mais ódio em seus olhos. Não havia

nada. Perdera muito nos últimos seis meses para sentir qualquer coisa por Camille agora. Perdera sua paz de espírito e, mais importante, perdera o filho para ela.

– Pensei que quando tudo estivesse terminado, pudéssemos ser amigas. – Camille falou-lhe com voz nervosa e hesitante.

Brincara com fogo e se queimara. E agora tinha de voltar para Atlanta com o rabo entre as pernas, ficar com o jovem Hubert outra vez, e tampouco fora gentil com ele quando deixara Atlanta. Não achava que fosse precisar mais dele e, como via agora, estava enganada.

Sabrina falou com voz clara e forte, enquanto o assistente do delegado aguardava.

– Não quero mais ver ou ouvir falar de você outra vez e, se o fizer, chamarei a polícia e darei parte. Entendeu? – Camille fez que sim em silêncio. – E fique longe do meu filho.

Mas essa batalha ela havia perdido, pois quando telefonou a Jon no dia seguinte, após ter recuperado a sanidade e a calma, ele lhe disse que não iria para casa passar o Natal. Estava planejando tomar o trem para o Oeste no dia 18. Ia para Atlanta, e sua voz estava carregada de acusação.

– Falei com vovó ontem. Ela disse que você comprou o juiz. – Sabrina ficou perplexa e pela primeira vez, desde que o juiz ordenara que Camille saísse de sua casa, sentiu as lágrimas descenderem-lhe pelo rosto. Seria possível que Jon jamais compreendesse, que fosse assim tão igual a sua avó?

– Jon, eu não fiz nada disso. – Lutava para se manter calma. – Nem imaginava que era possível. O juiz é um homem digno e viu quem ela era.

– Ela é uma mulher de idade procurando um lugar para viver e só Deus sabe para onde ela irá agora.

– Onde ela estava antes?

– Vivendo da caridade das pessoas. Vai ter de ir morar com o sobrinho outra vez.

– Não posso fazer nada.

– E não se importa.

– Não, não me importo. Ela tentou tomar esta casa, Jon!

Mas ele se recusava a compreender. Desligou, chamando-a de vagabunda. Naquela noite ficou deitada sozinha em sua cama, na casa que finalmente era sua de novo, mas sabia que não vencera no final das contas. Camille Beauchamp Thurston vencera. Afastara Jon dela.

Teria sido um Natal solitário para ela naquele ano, sem Jon, se não fosse por Antoine e André. Recusaram-se a deixar que se sentisse sozinha. Chegaram à porta de Thurston House com uma árvore de Natal e o *eggnog*, a gemada com vinho que Antoine preparara. E eles brincaram com ela, divertiram-na e adularam-na; foram todos juntos à missa do galo e cantaram cânticos de Natal, enquanto as lágrimas rolavam pelas faces de Sabrina e André punha o braço em torno de seus ombros e lhe sorria. Faziam um bom trio e ela lhes era agradecida. Sem eles, teria ficado sentada em casa sozinha, chorando os infortúnios que Camille trouxera, mas com os dois franceses por perto era impossível ficar deprimida. No dia de Natal, ela estava alegre novamente e Antoine voltou para Napa para reunir-se aos homens. Mas André ficou com ela, para que pudessem ir juntos ao banco no dia seguinte. Queria obter outro empréstimo para uns equipamentos que iriam precisar. As coisas estavam indo bem para eles. André era brilhante na administração dos vinhedos e, a essa altura, toda a terra já havia sido limpa.

- Até minha selva está maravilhosa agora – brincou ela –, mal posso reconhecê-la.
- Espere até provar nosso vinho!

Mas, em vez disso, ele trouxera uma garrafa de Moët & Chandon e eles ficaram sentados, diante da árvore de Natal, depois que Antoine partiu, ele olhando-a com admiração. Ela atravessara tanta coisa naquele ano e Amelia tivera razão quando dissera, tempos atrás, que ela era de excelente cepa; Sabrina o era. Extraordinária, delicada e bondosa, mais forte do que qualquer mulher que conhecera. Até mesmo mais do que Amelia, talvez, e Sabrina teria ficado atordoada se o ouvisse falar assim. Amelia era como ela teria gostado que sua mãe fosse. Mas não podia mais se enganar. Sabia exatamente como sua mãe era. Uma megera e uma vagabunda, e uma mulher que tentara tirar tudo dela desonestamente. Tinha até mesmo enfiado um pequeno quadro em sua mala ao partir e Sabrina dava graças a Deus por ter se livrado dela. Ficou sentada, fitando a árvore, pensando nisso.

- Foi um ano incrível, não foi?
- É o que eu diria. – Ele riu ao ouvir as palavras dela e ver seu olhar surpreso, mas ela sorriu.
- Foi bom e ruim ao mesmo tempo. Você e Antoine foram a melhor dádiva.

E, ao lado disso tudo, ele lhe dera uma linda suéter de cashmere vermelha com um gorro combinando: ela lhe comprara um casaco e luvas para o frio.

- Então, não foi de todo ruim.
- Espero que não.

Mas ambos sabiam que ela estava triste por causa do filho. Seria impossível que não estivesse, embora quase não tivesse tocado no assunto, mesmo com ele. Era simplesmente doloroso demais para discutir e ela o escondia brincando com André.

Depois da reunião com o banqueiro deles no dia seguinte, ela foi para Napa com ele e passou lá o resto da semana. Não receava deixar Thurston House sem proteção agora. Mandara trocar as fechaduras no dia que Camille partira e nem Jon tinha a chave nova ainda. Tinha seu próprio quarto na ampla casa de fazenda que André alugara havia oito meses. Ele e Antoine já estavam fazendo os planos para a construção da casa deles, mas por enquanto todos moravam naquele amplo arranjo comum e Sabrina sentia-se feliz ali. Os homens eram amáveis com ela e já começava a falar um francês hesitante com eles.

Depois do ano-novo, André levou-a para casa outra vez. Atravessaram Bay Bridge, subiram a Broadway, em seguida para o sul pela avenida Califórnia e à direita em Taylor, para Nob Hill. Ele estacionou o carro na rua, em frente a Thurston House, e levou as malas dela para dentro. Queria ficar na cidade outra vez por um ou dois dias, Antoine podia dar continuidade às coisas facilmente e Sabrina e ele podiam resolver alguns negócios na cidade. Passaram longas horas na biblioteca naquela noite, examinando alguns documentos. Dividiam essa responsabilidade e, de certo modo, isso a fazia recordar os velhos tempos nas minas, depois da morte do pai, exceto que teria gostado de ter André naquela ocasião.

- Deve ter sido difícil para você.
- Foi – respondeu sorrindo. – Mas aprendi muito.
- Estou vendo. Mas não é um modo fácil de se aprender algo.
- Talvez não estivesse escrito que eu devesse aprender da maneira mais fácil.

Pensava em Camille e Jon outra vez e a decepção que ele fora para ela. André observava-lhe os olhos. Fez-lhe então uma pergunta singular, sobre algo em que pensara muito tempo. Eram bons amigos havia 10 meses, mas havia algumas coisas sobre as quais nunca conversavam. Ela raramente mencionava John Harte e ele raramente falava de sua mulher. Ela morrera quando Antoine tinha 5 anos e ele se sentira sozinho por muito, muito tempo. Houve uma mulher de quem passara a gostar na França, mas isso estava terminado. Soube por uma carta recente dela que estava envolvida com outra pessoa. E não estava desolado por isso. Esperara que fosse acontecer quando deixara a França e ela não quisera vir para a América com ele. Mas agora pensava na vida de Sabrina e sentia-se suficientemente à vontade para perguntar.

- Como era seu marido?

Ela sorriu para seu amigo.

– Maravilhoso. – De repente, riu. – Na verdade, no começo não gostávamos muito um do outro. Ele estava sempre querendo comprar minhas minas. Ele era dono da mina concorrente. – André riu, imaginando as faíscas que deviam ter advindo daí. – Mas, por fim... – sorriu nostalgicamente – nos casamos. Sabe, eu nunca o deixei juntar nossas minas em uma só, mesmo mais tarde. E depois, lamentei muito isso. Causei-lhe tanta dificuldade... e para quê? – Olhou André nos olhos. – No final das contas, depois que ele morreu, eu fiz a fusão. Fui tão tola de não o ter feito antes.

- Por que não o fez?

– Acho que eu queria lhe provar alguma coisa, que eu ainda era independente e não apenas uma parte dele. Mas ele levava na brincadeira e mantinha as coisas do jeito que eu queria, embora devesse saber que era muito mais fácil dessa forma. Era tão paciente...

Olhou André nos olhos.

– Isto me tornou uma sócia melhor para você neste ano que passou, por causa do que eu aprendi com ele.

– Você tem sido maravilhosa – abriu um amplo sorriso –, exceto pela sua comida e pelo seu francês!

– Como pode dizer isso? – começou a rir. – Fiz omelete para todo mundo semana passada.

E ficara tão orgulhosa de si mesma, que agora riam, à 1 hora da manhã na biblioteca dela, cansados, mas confortáveis na presença um do outro.

– Não percebeu como ficaram enjoados?

Adorava provocá-la e puxou gentilmente uma de suas tranças. Parecia-lhe uma menina; alguém que não a conhecesse bem lhe daria 12 anos a menos.

– Sabe, você parece uma índia.

Ao ouvi-lo, lembrou-se de repente de Spring Moon e falou-lhe da sua fascinação por ela e que ela a salvara de ser violentada por Dan.

– Você certamente não levou uma existência maçante, minha querida. Tem certeza de que os vinhedos não são uma coisa muito insípida para você?

– São perfeitos. Não creio que pudesse suportar toda aquela agitação novamente. Certa vez, mais de trezentos homens abandonaram minhas minas. Nunca mais quero passar por algo assim.

– Não passará. Vai ter paz daqui para a frente. Eu lhe prometo. – Ela sem dúvida fazia jus a isso e sorriu-lhe tristemente.

– Quisera que pudesse prometer isso, para todos nós. – Pensava em Jon. – E você, André? O que quer da vida, além de um enorme sucesso com nossos vinhos sofisticados?

Ela beliscou-lhe a orelha e ele puxou-lhe a trança outra vez.

– Não seja impertinente comigo, *ma vieille*... o que eu quero? – Seu rosto ficou sério e ele teria tido uma boa resposta para isso, mas não ousava. – Não sei. Creio que tenho tudo que quero. Só há uma coisa me faltando aqui.

Ficou surpresa de ouvi-lo falar assim. Parecia tão satisfeito ali.

– E o que é?

– Companhia. Sinto falta de alguém para dividir minha vida, quero dizer, outra pessoa que não Antoine, porque isto não vai durar muito. Ele deverá continuar sua vida em outro lugar e, com o tempo, o fará. Não sente falta disso também?

Ele sentira-o muito mais recentemente do que ela, havia apenas um ano, e ela pensou nisso. Também sentira esta ausência, é claro, mas se acostumara a viver sozinha havia muito tempo. Não houvera mais nenhum homem em sua vida depois de John e dissera isso a André uma vez. Achou incrível, mas não ficou surpreso.

– Sempre suspeitei disso. – Agora, já se conheciam muito bem, e ele teria sabido se houvesse alguém na vida dela. – Como pôde ficar sozinha tanto tempo? – Ficara impressionado. Dois anos depois da morte de sua mulher, tivera um romance sério e houvera vários desde então, nada excessivo, mas ele gostava de ter uma mulher em sua vida e sentia falta disso gora. – Não acha sua solidão insuportável?

Estava intrigado com ela e ela riu.

– Não. Não acho. Na verdade é muito simples e agradável às vezes. É solitário também. Mas depois de algum tempo, você não pensa mais nisso. Sabe? – Brincou. – É mais ou menos como ser uma freira.

– Que desperdício! – Tinha um ar muito francês ao fitá-la e ambos riram. – Realmente é, sabe? Você é uma mulher adorável, Sabrina, e ainda é muito nova.

– Eu não diria isso, meu amigo. Vou fazer 48 anos em maio. Isso não é exatamente ser jovem.

– Você está na sua melhor forma.

– Agora sei que é louco, André.

– Não sou não!

A mulher com quem estivera envolvido na França era mais velha do que ela e nem de longe tão bonita. Sabrina teria sido uma grande dádiva para qualquer homem. Era uma mulher muito especial, como André sabia muito bem. E ele não ousaria aproximar-se dela só por diversão. Ela significava muito para ele para que fizesse isso. Separaram-se às 2 horas da manhã naquela noite e encontraram-se novamente no café da manhã no dia seguinte, já vestidos e com ar de pessoas de negócios, mas sentiam-se mais próximos depois da conversa que tiveram tarde da noite. De repente ela se sentia mais livre para falar em John e ele conversou sobre algumas de suas amigas com ela, quase como se estivessem sondando um ao outro, sem o perceber, e ele surpreendeu-a quando resolveu não voltar para Napa sexta-feira à noite conforme combinado e, em vez disso, convidou-a para jantarem fora.

– Alguma coisa para celebrar? – Parecia surpresa e estava cansada. Fora uma longa semana e ainda sentia-se cansada da batalha judicial com Camille no mês anterior. O alívio que sentira deixara-a quase com as pernas trôpegas e não saíra muito depois disso. Ele achava que isso podia lhe fazer bem.

– Por que simplesmente não sair por sair?

– Que decadente...

Mas a ideia atraía-a e ela se recolheu a seus aposentos para se vestir para ele. Quando se encontraram no térreo, sob a cúpula, ela usava um vestido preto que ele nunca vira.

– Está muito elegante, madame. – Sorriu-lhe brincalhão e ela percebeu outra vez como ele era bonito. Não o notava muito frequentemente agora, estavam acostumados um com o outro e eram simplesmente amigos, mas naquela noite ela se sentia mais mulher e sedutora sob o olhar dele.

Levou-a ao restaurante e tomaram um drinque no bar; em seguida sentaram-se à mesa, depois das 20 horas, e divertiram-se muito, ele contando-lhe coisas que fizera na França, ela contando-lhe mais casos da mina e de si mesma e, como sempre, terminaram voltando a Thurston House. Mas naquela noite, ela o convidou à sua saleta particular. Geralmente, ficavam sentados na biblioteca, mas ali era menor, mais aconchegante e mais íntimo, e ela acendeu a lareira enquanto ele ia lá embaixo pegar uma bebida para eles. Serviu duas pequenas doses de conhaque e ficaram apreciando-o junto ao fogo, olhando as chamas enquanto as brasas caíam e os gravetos pegavam fogo. Olhou-o então.

– Obrigada por esta noite, André... obrigada por tudo. Você tem sido bom para mim. E tem me feito bem.

Comoveu-se com as palavras dela e tocou-lhe a mão.

– Faria qualquer coisa por você, Sabrina. Espero que saiba disso.

– Você já o fez.

E então, como se ambos o esperassem, ele a beijou nos lábios e nenhum dos dois ficou chocado, parecia algo natural. Ficaram sentados um ao lado do outro, de mãos dadas e beijando-se junto ao fogo. Depois de algum tempo, ela sorriu para ele com ternura.

– É como se fôssemos crianças novamente, não é?

– Não somos? – perguntou ele rindo.

– Não sei...

Ele abafou-lhe as palavras com os lábios e ela sentiu um desejo que não sabia existir apoderar-se dela. Ele tomou-a nos braços e, deitados junto à lareira, sentiu o corpo aquecer-se junto ao dela. Suas mãos começaram a percorrer-lhe o corpo e ela surpreendeu-se consigo mesma, mas não fez objeção. Era como se ambos estivessem prontos para o que estava acontecendo e ele olhou-a com ternura.

Sussurrou-lhe ternamente que não queria fazer nada do qual ambos pudessem se arrepender, ou que, mais importante ainda, ela pudesse. Ela era muito importante para ele, como mulher e amiga.

– Devo ir embora, Sabrina?

– Não sei. – Sorriu-lhe. – O que estamos fazendo aqui?

– Acho que estou apaixonado por você – sussurrou ele em resposta.

E incrivelmente isto não a surpreendeu. Percebeu que também estava apaixonada por ele havia muito tempo, talvez desde o primeiro instante em que se encontraram. Havia construído algo maravilhoso juntos, com seus corações e suas mãos, corajosamente, com energia. Ele a fizera reviver e, agora, aquilo era apenas uma consequência. Estendeu-lhe a mão e ele a carregou para a cama dela. Fizeram amor ali como se sempre o tivessem feito e finalmente ficaram nos braços um do outro sonolentemente, enquanto ele alisava-lhe os cabelos macios e adormecia com os lábios sobre os dela.

E quando acordaram no dia seguinte, ficou feliz de ver que não havia arrependimento nos olhos dela. Beijou-a nos olhos, nos lábios... na ponta do nariz, enquanto ela ria baixinho, e fizeram amor outra vez. Era quase como uma lua de mel e tudo que se relacionava a isso era agradável. Não compreendia como tudo podia acontecer tão facilmente. Havia-se passado quase 20 anos desde que fizera amor com um homem e, no entanto, ali estava ela, tão feliz quanto possível com ele e ele estava obviamente louco por ela. Uma comporta se abriu dentro dele de repente e ele parecia engolfá-la com seu amor.

– O que nos aconteceu? – Olhou-o sonolentemente depois de fazerem amor novamente. Era sábado e não precisavam ir a lugar algum. Estavam sozinhos, felizes e apaixonados.

– Deve ter sido alguma coisa que comemos ontem à noite...

– Talvez o champanhe...

E então, com um sorriso, adormeceu novamente, acordando ao meio-dia, quando ele chegou no quarto com uma bandeja de desjejum.

– Para manter suas forças, meu amor.

E ela precisava, quando ele a atacou novamente depois de comerem. – Nossa, André! – Ria, feliz e divertida. – Você é sempre assim?

– Não – respondeu honestamente e se aninhou mais junto dela. Não se saciava dela. Era como se tivesse esperado um ano e agora tinha de compensar tudo em um único dia. – Você me faz algo maravilhoso.

– Posso retribuir o elogio?

Dormiram e fizeram amor a tarde inteira. Às 18 horas finalmente levantaram-se, tomaram banho, vestiram-se e saíram novamente. Desta vez, para o Bal Tabaria em Columbus Avenue, e realmente foi como uma lua de mel.

– Como isso foi nos acontecer? – Ela sorriu quando chegou uma nova garrafa de champanhe com a sobremesa.

– Não sei. – Tinha um ar sério ao olhá-la. – Acho que talvez tenhamos feito jus a isso, meu amor. Trabalhamos muito este ano.

– Que boa recompensa.

E ele também pensava assim, quando voltaram à cama dela naquela noite e se amaram novamente, desta vez com a lareira do quarto acesa. Era o quarto onde Jonathan nascera havia quase 22 anos, mas não estava pensando nisso agora. Pensava em André. Dormiram profundamente nos braços um do outro, acordando logo depois do nascer do sol. Olharam um para o outro, beijaram-se e voltaram a

dormir, e fizeram amor quando acordaram outra vez e novamente depois. E foi então que André olhou-a pensativamente. Pensara nisso no dia anterior também e em seguida esquecera-se.

– Seria indelicado perguntar-lhe se está preocupada com a possibilidade de engravidar, meu amor?

Percebeu que ela não havia feito nada a esse respeito em dois dias, mas ela não parecia preocupada.

– Quando eu ficar grávida, André, estarei com 80 anos. Não engravidado com facilidade, para dizer o mínimo. Levei dois anos para engravidar a cada vez. Sou a mulher menos perigosa que você conhece. E provavelmente mais ainda na minha idade.

– É cômodo, pelo menos. Mas tem certeza de que está tudo bem?

– Tenho certeza. Provavelmente nem posso mais ficar grávida a esta altura.

Ainda não entrara na menopausa mas no ano anterior vira indícios de que ela se aproximava.

– Não pode ter certeza.

– Tomarei alguma providência semana que vem. E nesse ínterim...

Já não estava se preocupando mais com isso e no domingo à noite estavam tão felizes que resolveram passar mais uma noite em Thurston House antes de voltar para Napa. Nenhum dos dois estava ansioso para interromper a lua de mel improvisada. Toda a vida deles mudara em dois dias e nenhum dos dois lamentava. Acrescentava uma nova dimensão a tudo que tinham antes. Quando se preparavam para ir para Napa, no dia seguinte, Sabrina começou a rir, seus longos cabelos soltos nos ombros, os olhos azuis tão brilhantes quanto os de uma menina. Estava usando a suéter de cashmere vermelha que ele lhe dera, com calças de flanela cinza.

– O que faremos em Napa agora? Os homens ficarão escandalizados.

Não era da conta deles, mas não queria que Antoine soubesse, pelo menos por enquanto.

– Parece que vou ter de construir minha casa um pouco mais rápido. Amanhã chamarei o arquiteto!

Riram e naquela noite ele foi na ponta dos pés ao quarto dela, voltando em silêncio antes de o sol nascer, com um sorriso feliz nos lábios. Tinha 55 anos e nunca se sentira tão feliz em sua vida.

Ficaram indo e vindo na ponta dos pés do quarto um do outro nas semanas seguintes, indo à cidade ao menos uma vez por semana, e ela ficava em Napa a maior parte do tempo com André e Antoine. E Sabrina e André agora trocavam um olhar diferente, uma mensagem secreta entendida apenas por eles, embora achasse certa vez que Antoine os observava, virando-se rapidamente para o outro lado logo em seguida, como se receasse interferir no que não era da sua conta, e depois percebeu-o sorrindo.

– Acha que ele sabe? – perguntou a André uma noite bem tarde, enquanto estavam deitados, conversando em voz baixa, na cama dela na casa de Napa.

Ele fora ao arquiteto naquela semana, e a nova casa começaria a ser construída na primavera. Mas teriam de andar na ponta dos pés de um quarto para o outro por muito tempo ainda, até a casa ficar pronta.

– Não sei. – André sorriu sob o luar, enquanto acariciava seu rosto. Nunca amara uma mulher como a amava e ela sentia por ele algo que nunca sentira antes, nem mesmo por John. Era tão nova na época e havia mais profundidade no que sentia por André agora. – Acho que ficará feliz por nós. Quase lhe contei ontem.

Ela assentiu com um movimento de cabeça. Não podia imaginar contar a Jon. Ele já a acusara de ter um caso com André havia muito tempo, e não queria dar-lhe razão agora, embora não tivesse havido nenhum outro homem em sua vida havia tantos anos, desde que o pai morrera. Mas sabia que ele não compreenderia. E não recebera nenhuma notícia dele em quase um mês, nem de Camille, que se retirara para Atlanta outra vez. Sabrina certamente não queria mais ouvir falar dela e agora forçou seu pensamento de volta a Antoine.

– Acha que ele vai ficar aborrecido?

Era tão diferente de Jon e ela já gostava tanto dele.

André sorriu mais uma vez.

– Aborrecido com o quê? Ficaria contente por nós.

Sabrina também pensava assim. Antoine estava mais gentil do que nunca com ela ultimamente, ajudando-a na plantação quando trabalhavam todos juntos, que era o que ela mais gostava. E era Antoine quem estava com ela algumas semanas depois disso, quando ela estivera sob o sol a maior parte do dia e, de repente, cambaleou no fim da tarde e quase desmaiou nos braços dele. Sentiu-se mortificada, quando sentaram-se lado a lado no chão e ele fez uma compressa fria com um lenço e a água do cantil que levava consigo.

– Devia ter usado um chapéu. – Repreendeu-a como se fosse uma criança e ela levantou os olhos para ele, sentindo-se muito mal.

Tudo parecia estar rodando e sentia náuseas. Conseguiu, porém, controlar-se e caminhar lentamente de volta para casa com ele, um pouco depois.

– Antoine... não diga nada para seu pai... por favor. – Olhou-o com olhar suplicante, mas ele franziu as sobrancelhas.

– Por que não? Acho que ele devia saber. – De repente, temeu por ela. Sua mãe morrera de câncer quando ele tinha 5 anos e ainda se lembrava dela e de como o pai ficara desolado. Olhou para Sabrina preocupado. – Não lhe direi nada, se prometer ir a um médico imediatamente.

Ela pareceu hesitar e ele agarrou-a pelo braço, impulsionado pelas lembranças distantes que possuía, olhando-a ameaçadoramente.

– Falo sério, Sabrina, ou irei contar-lhe agora mesmo.

– Está bem, está bem. Foi apenas o sol.

Ele, porém, achava que ela ainda não parecia bem e percebeu nos dias seguintes que ela não estava comendo direito. Perguntou-lhe sobre o médico novamente e ela quis livrar-se, mas ele não permitiu.

– Antoine, eu estou bem.

– *Não* está.

Na verdade, gritara com ela, mas era diferente das brigas com Jon. Era tão evidente que ele se preocupava que ela ficou comovida. Assim, quando quase aconteceu de novo, ele praticamente a arrastou de volta para casa ao meio-dia. Felizmente André estava ausente, com o arquiteto.

– Bem, agora, você vai ligar para o seu médico, Sabrina, ou eu ligo?

– Pelo amor de Deus... – Estava constrangida, mas ele não a deixou escapar. Ficou de pé junto ao telefone, olhando-a ameaçadoramente, e ela finalmente sorriu. – Ainda bem que você não é meu filho, Antoine; eu não teria nenhuma chance com você.

Mas estava brincando com ele e olhou-o agradecida, enquanto se dirigia ao telefone. Era bom saber que ele e André se importavam tanto com ela. Telefonou ao médico e marcou uma consulta para a tarde seguinte.

– Sabe o que ele vai dizer?

– Sim. – Antoine parecia intransigente. – Que você está trabalhando demais. Olhe o papai, ele também trabalha demais, mas tira um cochilo todo dia. – Era um hábito que trouxera da França. *La sieste*, mas por causa disso ele tinha uma aparência tão jovem e saudável.

– Não tenho paciência para isso.

– Bem, devia ter. – Estava satisfeito porque ela ia ver o médico. Pelo menos conseguira isso. – Quer que eu a leve de carro à cidade amanhã?

– Não. Está tudo bem. Tenho mesmo outras coisas para fazer. – Não queria fazer muito alarido ou André iria querer saber o que havia.

– Vai me contar o que o médico disser?

Viu o medo desmedido em seus olhos e era quase como se fosse uma criança outra vez. Aproximou-se dele e olhou-o nos olhos. Ele era bem mais alto do que ela, mas tinha um sentimento de proteção em relação a ele agora.

– Não vai ser nada terrível, Antoine. Estou perfeitamente saudável e, asseguro-lhe, sinto-me bem. Acho que toda essa tensão, com minha mãe aparecendo, o processo judicial e... – Ambos sabiam que ela quase acrescentara Jonathan à lista. – Acho que tudo isso me desgastou e estou pagando por isso agora.

– Senti muito o que fizeram com você. – Olhou-a quase como se ela fosse sua mãe.

– Eu também. Mas talvez tenha sido bom esclarecer tudo de uma vez. – No entanto, ainda achava que perdera o filho. Vira uma face dele que não podia esquecer. Nem naquele momento. – E agora, quero que pare de se preocupar comigo. E prometo, lhe contarei tudo que o médico disser.

Mas, sentada no consultório no dia seguinte, ficou sabendo que não podia cumprir a promessa que fizera a Antoine. Ficou olhando fixamente o médico que conhecia havia anos, o choque e a incredulidade estampados no rosto.

– Mas não pode ser... não é possível... da última vez levou... e achei que agora... – Olhava-o espantada. Não podia acreditar. Mas o médico sorria amavelmente.

– É verdade, Sabrina. Este teste não mente. Pelo menos não quando dá positivo. E deu. Você está grávida, minha querida.

– Mas não posso estar. Na realidade, sei que entrei na menopausa no ano passado. Nem tive menstruação desde então... – Recontou o tempo e olhou-o aterrorizada. – Ah, não...

Haviam se passado dois meses. Ele tinha razão. Não associara o fato a André. Ficara contente de não ser mais importunada com isso.

– Nunca pensei... Meu Deus, se eu não tivesse quase desmaiado no campo no outro dia... – Só o perceberia meses depois. E ainda não conseguia acreditar que fosse verdade. – Mas das duas outras vezes levei anos para engravidar e...

O médico estendeu o braço sobre a escrivaninha e deu uns tapinhas em sua mão.

– Nem sempre é assim, minha querida. E pelo que você sabe, o problema era com John.

– Ah, meu Deus.

Estava tão perturbada que um terrível pensamento atravessou a mente do médico.

– Você sabe quem é o pai, não sabe?

– Claro! – Pareceu mais chocada ainda. – Mas não faço a menor ideia do que ele vai pensar... somos sócios nos negócios e amigos, mas... na nossa idade... não tínhamos planos... nós... – Seus olhos de repente se encheram de lágrimas e elas rolaram pelo seu rosto. Como o destino era cruel. Por que ela não poderia tê-lo encontrado 15 anos antes e então talvez... – O que vou fazer? – chorava abertamente no lenço que o médico lhe emprestara; em seguida assoou o nariz e olhou-o. – Você cuidaria disso?

Era uma coisa horrível para perguntar, e ambos sabiam que era contra a lei, mas não sabia o que mais poderia fazer. Era o único médico que conhecia, exceto um velho médico em Santa Helena com quem se consultara havia dois anos, mas ele olhou-a com tristeza.

– Não posso fazer isso, Sabrina. Você sabe.

– Estou com 48 anos. Não pode esperar que eu tenha esta criança. Nem sequer sou casada com ele.

– Você o ama?

Ela fez que sim com a cabeça e assoou o nariz novamente.

– Então por que não se casa com ele e tem a criança?

– Não posso. Nós dois temos filhos crescidos. Seremos motivo de risada. Ele está com 55, eu com 48! Na idade dele, ainda podia ser. Parece muito mais jovem. Mas eu já podia ser avó, pelo amor de Deus.

– E daí? Outras mulheres o fizeram antes. Tive uma paciente há dois anos que tinha 52 anos. A mesma coisa lhe aconteceu, exceto que ela era casada. E ela e sua filha acabaram no hospital tendo filho ao mesmo tempo. Você não vai ser a primeira, Sabrina.

– Mas eu me sentiria uma idiota. E recuso-me a forçá-lo a se casar comigo... – Sorria através das lágrimas, rindo e chorando ao mesmo tempo. – É tão ridículo, na minha idade, ser forçada a se casar

com um homem por causa de gravidez. – Olhou para o velho médico e chorou outra vez; em seguida encarou-o pateticamente. – Desculpe toda esta confusão.

– É compreensível. É um choque para qualquer um. E tenho de admitir, em suas circunstâncias, Sabrina, não é uma situação fácil. É um homem bom, pelo menos? Poderia ser feliz com ele?

– Poderia, sim. – Mas nunca tinham falado em casamento e não havia nenhuma razão para ele se casar com ela. Sentiam-se muito bem da maneira como estavam. – Mas ainda assim... um bebê na nossa idade...

Pensou em Jon e na criança que perdera antes dele, era uma menina, disseram, e nem fora considerada tão jovem assim na época, mas aos 48 anos... era inconcebível, e no entanto era verdade. Olhou novamente para o médico. Sabia o que devia fazer. Só não sabia aonde ir para isso.

– Não pode me ajudar a achar quem faça um aborto? Eu simplesmente não posso levar isso adiante. Não está certo.

– Não pode julgar – o médico franziu as sobrancelhas. – Se aconteceu, então talvez esteja certo. Talvez um dia, ache que foi a maior bênção que já teve.

Recusava-se a dar-lhe o que ela queria dele e levantou-se para indicar que a consulta estava encerrada.

– Olhe, quero vê-la daqui a três semanas, Sabrina. E tente caminhar, o mais que puder. Não há nenhuma razão pela qual, na sua idade, não possa dar à luz uma criança saudável, mas deve ter mais cuidado do que teria vinte anos atrás.

Vinte anos antes... que ridículo que isso fosse acontecer agora. De repente, teve raiva dele, de si mesma e de André, por colocá-la nesta situação. Pelo amor de Deus, estava grávida e com 48 anos, ou pelo menos estaria em maio e, então, já estaria com quatro meses. Maldição.

Deixou o consultório do médico e voltou para casa, a cabeça cheia das coisas que ele lhe dissera... sobre a criança... e André... que poderia vir a ser a grande bênção da vida deles um dia, mas recusava-se sequer a pensar nisso. Tinha de achar um médico que fizesse abortos e rápido. Sabia que tinha apenas algumas semanas antes que se tornasse muito perigoso para ela. E não tinha a menor ideia a quem perguntar. Como se achava um médico desses? Nunca pensara nisso antes e esforçava-se para pensar agora. Mas, ao fazê-lo, a lembrança da criança que perdera assaltava-a. Lembrava-se do seu próprio pesar com a perda e do sofrimento de John. Como podia pensar em matar um bebê agora, porque era o que era? Mas como podia não o fazer? Ficou deitada em sua cama, sentindo-se mal, pensando naquilo, quando o telefone tocou. Era Antoine.

– O que o médico disse?

Ficara preocupado com ela o dia inteiro e o pai acabara de sair para ir à cidade comprar alguns mantimentos, de modo que apressou-se a telefonar antes que ele voltasse.

– Nada, querido. Estou bem. Eu lhe disse, era simplesmente fadiga. – Sua voz, porém, estava tensa, até aos seus próprios ouvidos, e ele não se convenceu.

– Tem certeza de que foi isso o que ele disse?

– Juro. – Mentia-lhe, mas que escolha tinha? – Voltarei amanhã ou depois de amanhã.

– Pensei que voltaria hoje.

Parecia preocupado novamente, como se fosse seu filho, e ela se emocionou até as lágrimas outra vez. Tinha de lutar para não deixá-las transparecer em sua voz. De repente, tudo que lhe acontecia a fazia chorar.

– Vi que tenho umas coisas para fazer aqui. Tudo bem aí, Antoine?

– Sim. – Contou-lhe o que haviam feito durante o dia. – Tem certeza de que não é nada, então?

Parecia finalmente um pouco mais aliviado. Não era câncer, então. Sempre pensava nisso. E temera por ela.

– Tenho certeza. – Era sem dúvida a palavra certa desta vez e ela sorriu tristemente enquanto falava com ele.

Nesse ínterim, André voltou e tomou o telefone.

– O que está aprontando aí, *m'amie*?

Chamava-a assim às vezes, “minha amiga”, exceto quando estavam sozinhos à noite, quando a chamava *chérie* ou *mon amour*, minha querida e meu amor.

– Nada de mais. Encontrei uma pilha de correspondência me esperando. Vou ter de resolver umas coisas por aqui. Talvez alguém a pudesse enviar para mim quando eu ficasse em Napa mais do que alguns dias.

– É uma ideia.

Era um alívio apenas ouvir sua voz e tinha uma enorme vontade de contar-lhe o que o médico dissera, mas sabia que não podia fazê-lo. Não queria fazer tal pressão sobre ele. E se ele achasse que devia se casar com ela? Poderia estragar tudo. Era melhor não dizer nada. Ela mesma cuidaria de tudo e ele nunca ficaria sabendo.

– Quando vai voltar?

Havia tal urgência na voz dele que a fez sorrir. Amava-o mesmo agora, talvez mais, e lamentou novamente que não tivesse acontecido 15 anos antes. Talvez então pudesse ter lhe dito, se casado com ele e deixado o bebê viver. Mas não agora.

– Tentarei voltar amanhã ou depois de amanhã. Eu estava justamente dizendo a Antoine, encontrei uma tonelada de trabalho para fazer aqui, na minha correspondência.

– Não pode trazê-la para cá? – Ela não costumava ficar demorando-se na cidade. – Sabrina, há alguma coisa errada?

Já a conhecia bastante bem, pois, depois de um ano de sociedade e dois meses compartilhando a mesma cama, ele percebia até o fundo de sua alma. De certa forma, ele a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, mesmo em tão curto espaço de tempo, pois eram almas gêmeas sob todos os aspectos.

– Não, não, está tudo bem. – Mentiu-lhe como mentira a Antoine. – Honestamente. – Precisou lutar contra as lágrimas novamente.

– Teve notícias de Jon?

– Não. Nada. Deve estar ocupado na faculdade. É o seu último ano... – Sempre arranjava desculpas para ele.

André detestava perguntar, mas percebia alguma coisa na voz dela.

– Alguma coisa sobre Camille?

– Não, graças a Deus. – Sorriu.

Sentia enorme falta dele e apenas algumas horas haviam se passado desde que o vira. Era quase como se precisasse mais dele agora, mas não podia deixá-lo perceber essa necessidade.

– Bem, volte depressa para casa. – Teria se oferecido para ir ficar com ela, mas tinha muita coisa para fazer no momento. – Sinto sua falta, *chérie* – sussurrou ao telefone enquanto as lágrimas rolavam pelo rosto dela e ela lutava para manter a voz normal.

– Eu também.

Ficou acordada a maior parte daquela noite, alternando lágrimas com uma vontade férrea, e no dia seguinte pegou o catálogo e escolheu o nome de um médico numa parte pouco atraente da cidade. O consultório ficava mais ou menos na ponta do Tenderloin e havia dois bêbados adormecidos na rua, quando chegou de táxi, ao meio-dia. Entrou cautelosamente no prédio, que cheirava a urina e repolho, e subiu as escadas que rangiam. Sentiu-se aliviada ao ver que a sala de espera era imaculadamente limpa e, quando foi levada para dentro, por uma velha enfermeira, viu um homenzinho baixo, gordo, calvo, impecavelmente limpo, num casaco branco. Não sabia se estava decepcionada ou aliviada e respirou profundamente antes de falar-lhe, enquanto ele lhe sorria de maneira tranquilizadora.

– Doutor... eu... desculpe-me se o que vou lhe perguntar for uma afronta para o senhor. – Seus olhos se enchiam de lágrimas, enquanto falava, olhando para ele. – Vim até o senhor porque estou desesperada...

Olhou-a, imaginando o que viria em seguida. Tinha visto de tudo nos últimos 40 anos naquele endereço.

– Sim? Farei tudo o que puder.

– Preciso fazer um aborto. E peguei seu nome no catálogo telefônico. Não sei a quem perguntar, aonde ir...

As lágrimas rolavam pelo seu rosto e ela esperava que ele fosse ficar de pé num salto e apontar a porta. Em vez disso, olhou-a compadecido e pareceu pesar suas palavras durante um longo tempo.

– Sinto muito. Sinto muito que ache que não possa ter o bebê, Sra. Smith.

Marcara a consulta em nome de Joan Smith e de repente lembrou-se do motivo pelo qual ele a chamara por esse nome, enquanto ele continuava.

– Tem certeza de que não há nenhuma possibilidade de continuar com a gravidez?

Ele ainda não se recusara e aos poucos ela começou a ter esperança. Talvez tivesse ido ao lugar certo, afinal.

– Tenho 48 anos. Sou uma viúva com um filho homem que está se formando na universidade este ano.

Parecia-lhe razão suficiente, mas não para ele.

– E o pai dessa criança?

– É meu sócio nos negócios. Somos bons amigos – corou –, obviamente. Ele é sete anos mais velho do que eu, o filho dele é até mais velho do que o meu. Não temos nenhuma intenção de nos casar... é simplesmente impossível...

– Já lhe contou?

Ela hesitou e, em seguida, balançou a cabeça negativamente.

– Só soube ontem. Mas não quero pressioná-lo. Quero apenas cuidar disso e ir para casa.

– Mora longe daqui?

– Uma parte do tempo. – Era propositadamente vaga. Não queria que soubesse quem ela era. Daí o Sra. Smith. Ele teria sem dúvida reconhecido o seu nome verdadeiro e não era preciso que soubesse.

– Não acha que lhe deve isso, de pelo menos discutir o assunto com ele?

Ela balançou a cabeça e ele olhou-a cordialmente. Não era a primeira vez que lhe pediam esse tipo de ajuda e sabia que não seria a última.

– Acho que está cometendo um erro, Sra. Smith, pois ele também tem o direito de saber. E sua idade não me parece um empecilho suficiente. Outras mulheres na sua idade deram à luz. É um pouco

mais arriscado, mas não é sua primeira gravidez, o que reduz consideravelmente o risco. Acho apenas que não deveria fazer isso sem pensar bem antes. De quantos meses acha que está grávida?

– Dois meses. – Sabia que não podia ser mais do que isso, porque estavam dormindo juntos havia pouco mais de oito semanas. Contara o tempo cuidadosamente na noite anterior.

O médico balançou a cabeça.

– Então, não lhe resta muito tempo.

– Vai me ajudar então?

Ele hesitou. Não fazia mais isso, embora o tivesse feito havia muito tempo, mas uma jovem quase morrera e ele prometera a si mesmo parar, o que de fato fizera. E por alguma razão, achava que seria errado ceder ao pedido dela.

– Não posso, Sra. Smith.

Sabrina exalou um suspiro, quase com raiva.

– Então por que... quando ficou me ouvindo, pensei que...

– Preferia convencê-la a ter a criança.

– Bem, eu não o farei! – Pôs-se de pé num salto, chorando abertamente agora. – Eu mesma o farei, droga, se não o fizer.

Por um instante achou que ela falava sério e isso o amedrontou.

– Não posso ajudá-la. Pelo seu bem e pelo meu. – Ele podia perder sua licença e nunca mais exercer a medicina. Podia ir parar na cadeia. Mas havia outra possibilidade. Dera o nome a outra pessoa antes e ela ficara satisfeita. Ele suspirou e puxou um bloco e uma caneta. Usou uma folha branca, sem o seu nome, escreveu um nome e um telefone e entregou-lhe. – Telefone a este homem.

– Ele o fará? – Olhava-o com um olhar feroz.

O médico assentiu melancolicamente.

– Sim, ele o fará. Fica em Chinatown. Era um grande cirurgião, mas foi apanhado justamente fazendo isso. Eu enviei outra pessoa a ele... – Olhou para Sabrina com tristeza e disse-lhe o que pensava novamente. – Mas acho que devia ter a criança. Se fosse muito pobre, ou doente... ou tivesse sido violentada... ou fosse viciada em drogas... mas me parece uma mulher digna e provavelmente seu amigo também é. Podia dar a essa criança um lar com amor.

Ele percebera a lâ de boa qualidade do conjunto preto que ela usava. Era velho, mas custara caro um dia. E ainda que suas posses estivessem reduzidas agora, uma mulher como ela encontraria um jeito.

– Pense nisso, Sra. Smith. A oportunidade pode nunca mais acontecer outra vez. E pode se arrepender para sempre de não ter tido essa criança. Pense nisso. Pense cuidadosamente nisso antes de telefonar para esse número. – Indicou a folha de papel que ela tinha nas mãos trêmulas. – Depois, não há como voltar atrás e mesmo que tenha outro bebê mais tarde, poderá sempre lamentar este.

Ele fez com que lembrasse da criança que perdera. Mesmo Jon nunca preencheria completamente esse vazio. Era um sonho para sempre acabado, como este seria... mas não podia se permitir pensar assim. Não tinha escolha. Levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Obrigada pela ajuda. – Sentia-se aliviada. Pelo menos agora sabia aonde ir.

– Pense nisso com cuidado.

As palavras dele ecoaram novamente em sua cabeça quando saiu, e ao chegar em casa ficou sentada à escrivaninha um longo tempo, sentindo-se mal e tremendo violentamente. Teve de discar o número três vezes antes de acertar. Uma mulher com sotaque atendeu no outro lado da linha.

– Queria marcar uma consulta, por favor.

– Quem o indicou para a senhora?

A voz era desconfiada e a mão de Sabrina tremeu ao telefone, enquanto prendia a respiração e dava o nome do médico que acabara de ver. Seguiu-se um longo silêncio como se outra pessoa estivesse controlando o telefonema e, em seguida, a mulher respondeu-lhe.

– Ele a verá semana que vem.

– Quando?

Nova pausa.

– Quarta-feira à noite.

Pareceu-lhe estranho, mas sabia que não seria como uma consulta comum ao seu médico na cidade.

– Às 18 horas. Espere à porta de trás, bata duas vezes, em seguida mais uma. E traga 500 dólares com você, em dinheiro.

A voz era tão áspera quanto as palavras e Sabrina quase perdeu o fôlego, não com a quantia, mas com a imagem que tudo aquilo invocava.

– Ele o fará então?

Não havia mais por que fingir agora. Ambas sabiam o que ela queria dele. Talvez ele só fizesse isso. Mas por que à noite? Não fazia diferença, disse a si mesma. Perguntava-se quanto tempo levaria.

– Sim. E caso se sintam mal depois, não nos ligue outra vez. Ele não a ajudará.

A maneira com que agiam era sem dúvida direta e Sabrina imaginava quem ela chamaria numa emergência. Talvez o médico que o indicara para ela. Não podia ligar para o seu médico, ou podia... As dúvidas golpeavam-lhe a cabeça. Quando desligou o telefone outra vez, sentiu uma náusea e finalmente vomitou. Sentia-se terrivelmente mal, ajoelhada no chão do banheiro, pensando na consulta que marcara. Quarta-feira à noite. Às 18 horas. Faltavam ainda seis dias e isso a aterrorizava. Mas não havia como voltar atrás agora.

Voltou para Napa no dia seguinte e fingiu que tudo ia bem com ela. Conversou bastante, trabalhou muito como sempre, até ofereceu-se para cozinhar, ao que todos os homens riram e caçoaram. Já estavam acostumados a cozinhar para ela. Mas, depois que o fizeram, ela quase não comeu nada naquela noite ou no dia seguinte. Viu Antoine olhá-la de esguelha uma ou duas vezes, mas não lhe fez perguntas sobre o médico novamente. E André parecia totalmente despreocupado. Fizeram amor quase todas as noites, exceto finalmente na terça-feira, quando Sabrina virou-se e fingiu dormir, no que ele acreditou. Quando ele acordou na manhã seguinte, ela já havia deixado o quarto. Ele a encontrou no térreo, antes do sol nascer, apenas sentada lá, os olhos fixos nos campos e nas colinas, imersa em pensamentos. Aproximou-se na ponta dos pés e sentou-se. Ela, então, voltou-se para ele com um sorriso tranquilo.

– O que está fazendo de pé, André?

– Ia lhe perguntar isso *m'amie*.

Ele tinha razão, ou quase. Eram amigos. Mas não naquilo. Olhou o relógio da cozinha atrás dele. Eram 6h05. Dali a 12 horas, estaria em Chinatown, pagando 500 dólares em dinheiro para matar o filho dele... o pensamento fez sua cabeça rodar e sentiu-se mal só de estar ali sentada.

– Qual é o problema? – Sentou-se ao lado dela e beijou-lhe os dedos gentilmente. – Sei que há dias está preocupada, meu amor, e eu não quis me intrometer, até você estar pronta para me dizer alguma coisa.

Agora, porém, ela parecia pior do que estivera a semana inteira. Estava muito abatida.

– O que é, meu amor? Aquela mulher está atormentando-a outra vez?

Receava que Camille a estivesse importunando. Ela balançou a cabeça negativamente, sem saber o que dizer, lutando contra as lágrimas. Não queria mentir-lhe, mas não podia lhe dizer o que era.

– Às vezes, André, há coisas que uma pessoa tem de resolver sozinha. E esta é uma delas.

Era a primeira vez que ela o excluía e isto o magoou profundamente, mas assentiu compreensivamente e em seguida olhou-a.

– Não consigo imaginar nada que eu não pudesse compreender, *m'amie*, e faria qualquer coisa para ajudá-la se pudesse. É Jon?

Ela fez sinal que não com a cabeça.

– Preocupações financeiras outra vez?

Ambos tinham uma parcela delas. Negou outra vez.

– É algo que eu tenho de resolver sozinha. – Então, suspirando e aprumando-se, evitando os olhos dele, disse: – Vou à cidade por alguns dias.

Em seguida, ele perguntou com um tom de medo:

– É conosco, Sabrina? Precisa me dizer, se for. – Amava-a tanto. Precisava saber. Estava muito velho para outra desilusão amorosa. – Arrepende-se de nós...

Mas ela rapidamente afastou seus temores com um beijo, um sorriso terno, uma carícia em seu rosto.

– Nunca. Isso não. É algo inteiramente a meu respeito.

– Não existe tal coisa. Não há nada que não compartilhemos.

– Desta vez não. – Melancolicamente, ela balançou a cabeça.

– Você está doente?

Ela negou novamente.

– Não. Estou preocupada, mas ficarei bem outra vez. Voltarei no sábado.

Dera a si mesma três dias para se recuperar e esperava que fosse o suficiente. Três dias para sofrer e chorar amargamente a criança que iria morrer... por 500 dólares em dinheiro...

– Por que ficará fora tanto tempo?

– Porque vou deixar crescer a barba e raspar a cabeça – brincou com ele enquanto o céu passava a cinza, depois a rosa-escuro, à medida que o sol despontava.

– Por que não quer conversar comigo e me contar o que é?

– Porque eu tenho de cuidar disso sozinha.

– Por quê? Não há nada que eu não dividida com você.

Ela fez que sim com a cabeça. Também sentia o mesmo. Mas não desta vez e afastou as palavras de ambos os médicos de sua cabeça... ele tinha o direito de saber... pergunte-lhe... diga-lhe... dê-lhe uma oportunidade...

– André, deixe-me cuidar disso. Sábado estarei de volta e poderemos continuar como sempre.

Mas perguntava-se se isso iria se interpor entre eles. Lamentava profundamente que ele suspeitasse de que havia algo errado e ela se esforçara tanto para manter uma boa fachada. Ele, porém, a conhecia muito bem. Naquele exato instante, dois dos empregados franceses desceram as escadas e Sabrina voltou para o quarto para se vestir. Houve um pequeno problema com uma das máquinas depois disso e uma nova peça foi trazida, Antoine precisava da ajuda de André e, antes que pudessem se falar novamente, Sabrina estava pronta para partir para a cidade. Eram 14 horas e ela chegaria à cidade somente a tempo de parar em Thurston House, tomar banho, trocar de roupa e ir para Chinatown. Deu

um beijo de despedida em André e em Antoine, fingiu enorme contentamento, o que não enganou nenhum deles e entrou no carro.

– Vejo-os sábado... comportem-se...

– Telefone-lhe hoje à noite – André gritou-lhe, mas não estava satisfeito.

Tinha sido um dia terrível até ali e ela não estava ajudando em nada. Estava terrivelmente preocupado com ela, que percebeu isso em seus olhos e detestou-se por isso.

– Não se preocupe. Eu telefonarei.

Esperava ao menos poder falar quando chegasse em casa. Não tinha a menor ideia de quanto tempo levaria, com se sentiria ou mesmo como iria voltar para casa. Planejava ir dirigindo até lá e teria de voltar dirigindo depois disso.

Partiu, deixando-os lá, e André disse quase para si mesmo:

– Há algo errado.

A essa altura, Antoine achou que já estava farto daquilo.

– Acho que ela está doente.

André virou-se repentinamente para o filho.

– O que o faz dizer isso?

– Ela quase desmaiou nos meus braços na plantação na semana passada.

– Por que não me contou? – perguntou em voz alta e estridente, enquanto olhava para Antoine.

Era um alívio, no entanto, ter alguém com quem falar a respeito dela. Ambos haviam estado preocupados havia dias e o fingimento dela só piorava as coisas.

– Fez-me prometer não dizer nada. Disse-lhe que ela teria de ir ao médico ou eu lhe contaria.

– Graças a Deus. E aí?

– Segundo ela, ele disse que estava bem. – Antoine não parecia convencido e finalmente ousou contar tudo, por mais que sofresse, e as lágrimas começaram a arder em seus olhos. Adulto ou não, parte dele ainda era uma criança. Seu queixo tremia quando se voltou para André. – Não acho que esteja bem, papai... vejo-a sentir-se terrivelmente mal às vezes ... vomitando... e quase desmaiou de novo no outro dia...

– *Merde!* – O rosto de André ficou branco. Cerrou os punhos. – Sabe aonde ela está indo agora?

Antoine fez que não com a cabeça.

– Terá ido fazer exames? Ou para ver o médico outra vez... não sei. Ela me disse apenas que estava tudo bem.

– *Menteuse.* Mentira. Pode-se ver que não está. Passou a semana inteira preocupada e doente e não quis me dizer nada.

Então, enquanto olhava para o filho, viu o que tinha a fazer. Deixou cair a ferramenta que segurava no lugar onde estava a dirigiu-se a passos largos para o próprio carro.

– *Où vas-tu?* – Antoine correu atrás dele, mas já adivinhava.

– Vou segui-la.

André soltou o freio e deu partida no carro. Ainda tinha terra nas mãos mas não se importava. Não se importava com coisa alguma, a não ser com a mulher que amava, e iria atrás dela.

– *Vas y, papai... vá...* – Antoine acenou, sentindo-se aliviado com a partida do pai. Ela estaria apenas com 20 minutos de vantagem sobre ele. Tinha fé no seu velho, ele iria ao fundo daquilo e a faria se cuidar.

Durante todo o trajeto para a cidade, André manteve o pé no acelerador. Teve de parar uma vez por causa de um pequeno engarrafamento, um caminhão cujo pneu furara, e então atravessou Bay Bridge, satisfeito por já estar aberta e não ter mais que se ver às voltas com as barcas. Continuou por Nob Hill, o motor roncando, e, ao ver o carro dela estacionado em frente a Thurston House, uma onda de alívio e gratidão se apoderou dele. Ela estava lá, a encontraria agora e iria ao fundo a questão, mas no exato instante em que ele entrava na rua e vislumbra o carro dela, viu-a sair apressadamente de casa, sombriamente vestida, um xale sobre a cabeça, um velho casaco que ele nunca vira antes e sapatos baixos. Foi direto para o carro enquanto ele a observava e uma espécie de instinto disse-lhe para segui-la. Desacelerou e seguiu-a quando ela deu partida no carro, virou à direita na avenida Jackson e se dirigiu para leste. Mantinha uma segura distância dela e surpreendeu-se ao vê-la parar em Chinatown.

O que ela estava fazendo não fazia absolutamente nenhum sentido e já era quase hora de jantar. Por um instante, sentiu um aperto no coração e imaginou se haveria um homem envolvido; ela, porém, não parecia vestida para isso, quando parou e atravessou a rua rapidamente para um endereço miserável. Viu-a bater, hesitar, bater outra vez. A porta então abriu-se, houve uma rápida troca de palavras, e ela então entregou um envelope para alguém atrás da porta. Enquanto a observava, André podia ver, mesmo a distância, que ela estava mortalmente pálida. Imediatamente percebeu que havia algum perigo envolvendo-a. Alguma coisa ia acontecer-lhe. Alguma coisa a ameaçava, chantagem talvez. Quase deu um salto do seu próprio carro, deixando-o estacionado numa faixa para pedestres e correndo para a porta onde ela desaparecera. E se fizesse papel de tolo, não se importava. Sabrina já sofrera o suficiente em sua vida e se agora alguém estivesse tentando fazer-lhe alguma coisa, ele os mataria antes de deixar que lhe fizessem algum mal. Bateu na porta uma, duas vezes. Como não houve resposta, começou a bater com força, enquanto verificava a solidez da porta para ver se conseguiria arrombá-la. Lamentava não ter trazido Antoine. Mas, quando pensava nisso, a porta abriu-se numa fenda.

– Obrigado. – Surpreendeu a mulher do outro lado ao empurrar a porta na cara dela e entrar.

Era um corredor escuro, com uma escada estreita bem em frente a eles, e ela quase pulou em cima dele.

– Não pode entrar aqui.

– Minha mulher acaba de entrar – mentiu para a mulher. – Ela está me esperando.

Mas percebeu, ao olhá-la, num roupão de banho imundo e chinelos, que ninguém o estava esperando e não conseguia imaginar por que Sabrina viera ali, a menos que sua suposição fosse correta. Estavam chantageando-a.

– A Sra. Harte. Onde está ela?

– Não sei... não há ninguém aqui... está enganado...

Sem mais uma palavra, André empurrou a mulher contra a parede com uma de suas mãos enormes.

– Onde está ela? *Agora!* – gritou-lhe com voz ameaçadora e os olhos dela voltaram-se rapidamente para o topo das escadas, mas não tão rápido quanto os pés de André, enquanto ela seguia-o aos berros. Tentou impedi-lo de abrir a primeira porta do segundo andar e isso apenas facilitou as coisas para ele. Forçou a entrada e viu-se num aposento do tamanho de uma cela, com uma longa e suja mesa e, ao lado, uma bandeja de instrumentos. Sabrina estava de pé, semivestida, no canto do quarto, e um homem alto, descorado, pegou uma arma, enquanto tanto Sabrina quanto a mulher gritaram. André não se mexeu de onde estava, mas olhou para Sabrina uma vez, enquanto o médico levantava a arma para ele.

– Você está bem? – Ela assentiu e ele voltou-se para o homem que segurava a arma. – Por que ela está aqui? – Mas compreendeu repentinamente.

– Ela veio por conta própria. É a polícia?

A arma balançou uma vez e depois ficou firmemente apontada e Sabrina prendeu a respiração.

– Não – a voz de André estava estranhamente calma. – Ela é minha mulher e não vai precisar de você. Ela cometeu um erro. Pode ficar com o dinheiro, mas eu vou levá-la para casa.

Falou como a uma criança e percebeu corretamente que o homem com a arma estava bêbado. Quase sentiu-se mal ao pensar no que teriam feito a ela, mas não podia pensar nisso agora. Voltou-se para Sabrina outra vez.

– Vista-se. – Sua voz era mais áspera com ela do que com o homem. Sabia agora por que ela fora lá. Certa vez vira um lugar como aquele em Paris, quando era muito jovem, com uma garota por quem se apaixonara quando tinha 21 anos. Ela sobrevivera, mas ele jurara a si mesmo que nenhuma mulher que amasse jamais passaria por aquilo outra vez e nenhuma o fizera. Viu pelo canto dos olhos que Sabrina estava finalmente vestida. Fez sinal para que ela se dirigisse para a porta e olhou novamente para o homem.

– Não sei o seu nome e não quero saber. Nunca diremos a ninguém que estivemos aqui.

Empurrou Sabrina para a porta, o médico hesitou e depois abaixou a arma, deixando-a passar, mas olhando para André. Admirava a coragem dele e quis ajudá-los.

– Posso fazê-lo enquanto espera lá fora, se quiser. Não levarei muito tempo.

André quis vomitar, mas agradeceu-lhe educadamente e em seguida arrastou Sabrina pelas escadas sem uma palavra. Escancarou a porta da rua por onde haviam entrado e puxou-a para fora. Não se ouvia nenhum ruído do prédio que acabavam de deixar. Ele respirou fundo e em seguida conduziu-a sem dizer uma palavra para o seu carro, ainda estacionado de modo ansioso onde ele o deixara dez minutos antes. Não se passara mais do que isso e se ele tivesse chegado cinco minutos mais tarde... ou dez... estremeceu à ideia... e não olhou para ela enquanto a arrastava para o carro, abria a porta e a empurrava rudemente para dentro.

– André... – Tinha a voz tão trêmula quanto ele teria se falasse com ela... – Estou com meu carro... eu posso...

Virou-se para ela, mortalmente pálido.

– Não diga uma palavra para mim! – Tinha a voz tensa como um arame.

Ela estava amedrontada demais até para chorar quando ele dirigia de volta a Thurston House, estacionava e caminhava para a porta da frente. As mãos dela tremiam tanto que não conseguia nem abrir e fechadura. Ele tomou-lhe as chaves, entrou, esperou que ela o seguisse, fechou a porta e de repente sua voz ecoou, rouca, enquanto permaneciam ali parados no saguão, sob a cúpula.

– Meu Deus, que diabo você estava fazendo lá? – Nenhuma palavra era suficientemente forte, não havia nada a lhe dizer que pudesse expressar tudo o que sentia. – Sabe que podia ter morrido naquela mesa daquele lugar imundo? Sabe que ele estava bêbado? Sabe disso?... Ouça-me ... – Agarrou-a pelos ombros com ambas as mãos e sacudiu-a até seus dentes rangerem.

– Solte-me! – Libertou-se dele, soluçando. – Que escolha eu tinha? O que queria que eu fizesse? Fazê-lo eu mesma? Pensei nisso! Não sei como...

Deixou-se sentar no chão, a cabeça baixa, todo o impacto do que quase fizera esmagando-a, e agora ele sabia. Levantou os olhos para ele, o rosto contorcido em lágrimas, a voz devorada pelos soluços e, de

repente, ele se abaixou e levantou-a para os seus braços, apertando-a contra si, as lágrimas correndo pelo seu rosto também, abraçando-a, apertando-a, as mãos em seus cabelos.

– Como pôde fazer uma coisa dessas? Por que não me disse? – Então era isso... olhou-a, magoado por ela não ter confiado nele o suficiente. – Por que não me contou? Quando soube?

Levou-a a uma cadeira e sentou-a no colo, como uma criança. Ela parecia que ia desmaiar em seus braços e ele não se sentia muito melhor do que ela.

– Descobri na semana passada. – Tinha a voz fina e triste e ele podia sentir todo o corpo dela tremer. Perguntava-se se jamais se sentiria a mesma outra vez e imaginava como teria sobrevivido se ele não tivesse chegado... agora sabia o quanto estava errada... – Eu achei... eu tinha de resolver isso sozinha... não queria que você se sentisse pressionado...

As lágrimas rolaram lentamente pelo rosto dele.

– É meu filho também, não acha que tenho o direito de saber?

Ela fez que sim com a cabeça, consternada, sem poder falar.

– Sinto muito. Eu... – Não conseguia continuar e ele a abraçou com força outra vez, enquanto ela chorava. – É que... sou velha demais... não somos casados... não queria que você se sentisse...

Ele afastou-a de repente e olhou para ela.

– Por que acha que estou construindo aquela casa? Para Antoine? Você achava que fiz isso por quê?

Olhou-o sem entender.

– Mas você nunca disse...

Ele revirou os olhos.

– Não pensei que você fosse tão tola... claro que quero me casar com você. Achei que não tínhamos pressa e o faríamos qualquer dia desses. Achei que sabia disso.

– Como poderia saber? – Sentia-se quase sufocada. – Você nunca me disse nada.

– *Merde alors* – olhava-a incrédulo –, você é a mulher mais inteligente que eu conheço, e também a mais estúpida às vezes.

Ela sorriu através das lágrimas e ele beijou-lhe os olhos e ficou sério outra vez. Nenhum dos dois queria pensar no que ocorrera uma hora antes. Fora a mais aterradora experiência de sua vida e talvez a dele também. Uma vida quase se perdera, uma vida importante para ambos, e ela nunca mais teria sido a mesma, ele tinha certeza disso, mental e fisicamente. Estremeceu ao pensar nisso.

– Diga-me uma coisa agora... é tão importante assim para você se livrar disso?

Era um problema que precisava ser enfrentado. Ela devia ter desejado desesperadamente se livrar da criança para ter se submetido a tudo aquilo. Fora um pesadelo para ela.

Mas para a surpresa dele, ela negou.

– Não, mas achei que lhe devia isso...

Era verdade, mesmo sua idade não pareceu importar tanto quanto havia uma semana. Pensara muito nisso e o estava fazendo por ele, para não complicar a vida dele, fazer pressão, forçá-lo a se casar com ela...

– Ia fazer isso por mim? – Ficou horrorizado e sentiu as mãos começarem a tremer novamente. – Poderia ter morrido. Sabe disso? Sem falar do nosso filho, que você teria matado.

– Não diga isso. – Cerrou os olhos e, ao fazê-lo, as lágrimas correram pelo seu rosto outra vez. – Achei que...

Parou-a no mesmo instante. Já se tinha dito o suficiente.

– Você estava errada. Quer o nosso filho?

Da maneira como ele perguntou, quem não teria querido, e ela fez um sinal afirmativo com a cabeça sem desviar os olhos dele.

– Sim. Mas não acha ridículo sendo eu tão velha? – Sorriu timidamente e ele riu.

– Sou mais velho do que você e não me sinto ridículo. Na verdade – beijou-lhe o pescoço –, sinto-me muito jovem e cheio de vigor.

Ela sorriu-lhe e se beijaram.

– Você quer o bebê, André?

– Claro que sim. Mas um dia vou perguntar-lhe por que você tinha tanta certeza de que isso era impossível... acho que me lembro de você me dizer que não havia perigo disso acontecer... – Provocava-a e o pesadelo em Chinatown começou a desaparecer gradualmente.

– Eu estava enganada. – Riu. Sentia-se quase triunfante agora.

– Parece que sim. Aposto que ficou surpresa. Bem feito.

Ela revirou os olhos.

– Nem imagina o quanto.

A lembrança tornou ambos sérios e ele parecia severo quando lhe falou novamente.

– O que quer que aconteça na sua vida, Sabrina, por mais feio, amedrontador, sórdido ou triste que seja, quero saber. Não há nada que tenha de esconder de mim. Nada. Entendeu?

– Sim. Desculpe-me... começou a chorar novamente e ele abraçou-a. – Eu quase... – Recomeçou a tremer e ele a embalou como a uma criança.

– Não pense nisso. Tivemos sorte. Eu a segui desde lá de casa. – Ela ficou surpresa. – Não sei por quê. Pulei para dentro do carro alguns minutos depois de você ter saído. Eu tinha um pressentimento de que alguma coisa estava terrivelmente errada e tinha razão. Mas agora está terminado. – Sorriu e olhou para ela. – Vamos ter um filho, meu amor. Não se sente orgulhosa?

– Sim, e um pouco tola também. Sinto-me como uma avó.

– Bem, você não é.

E isso a fez lembrar.

– Acha que Jon e Antoine vão ficar muito aborrecidos?

Ele achava que Jon iria ficar, mas Antoine talvez não, não tinha certeza, e na realidade não se importava. Tudo que lhe importava agora era ela e o filho que teriam.

– Se ficarem, *tant pis* para eles. É nossa vida, nosso filho. Ambos já são homens, com suas próprias vidas a seguir. Quando tiverem filhos, não nos perguntarão o que achamos, de modo que não lhes perguntaremos.

Ela riu à simplicidade da questão na mente dele.

– Isto é bastante simples. Bem, acho que assim tudo fica resolvido.

– Ainda não – falou rindo –, está se esquecendo de um detalhe, pequeno, admito, mas... talvez a gente deva fazer ao nosso filho o favor de torná-lo legítimo. Sabrina, minha querida, quer se casar comigo?

Ela sorriu.

– Fala sério?

Ele sorriu outra vez e apontou para seu ventre ainda liso, enquanto ela ainda permanecia sentada em seu colo.

– Isto é sério?

– Sim. – Ela também ria, os olhos ainda vermelhos das lágrimas, mas parecendo muito mais feliz agora. – Muito sério.

– Então, eu também. E então?

Ela atirou os braços em torno do pescoço dele outra vez.

– Sim, sim, sim... sim!...

Ele beijou-a com força e levou-a escada acima para a cama, colocando-a gentilmente no lado em que ela dormia. Jon nascera naquela cama, mas ambos sabiam que isso não iria acontecer desta vez. Tinha muita idade para dar à luz em casa e ele queria que ela tomasse todo o cuidado. Mas não era o nascimento e sim o casamento que estava na cabeça deles naquele instante.

– Quando quer se casar, meu amor? – Sorriu-lhe e cruzou os braços e ele nunca lhe parecera mais bonito.

– Não sei... não deveríamos esperar as férias da primavera para Jon? Seria bom se ele estivesse aqui.

Mas, nesse ponto, André deu uma sonora gargalhada e indicou sua barriga outra vez.

– Não está se esquecendo de uma coisa?

Ela também riu.

– Hummm... você pode ter razão... não acho que a gente deva esperar.

Isso o fez lembrar.

– Quando vai nascer?

– O médico disse outubro.

Faltavam apenas sete meses e eles ainda podiam fingir que o bebê fora prematuro. Na idade dela, uma criança nascida de sete meses era provável... mas não mais do que isso...

– Que tal este sábado?

Ela recostou nos travesseiros e sorriu para ele, mais bonita do que qualquer outra mulher que ele já conheceria.

– Parece maravilhoso... mas tem certeza de que é isso que você quer?

– Quero isso desde o dia que nos conhecemos. Só lamento termos esperado tanto... que não tenhamos nos conhecido vinte anos atrás. – Ela também pensava assim. Havia perdido tanto tempo, mas talvez estivesse destinado a ser assim. – Sábado quase não é suficientemente cedo.

Ela sorriu feliz.

– Devemos telefonar e contar a Antoine?

– Eu telefonarei para ele mais tarde e lhe direi que tudo está bem, mas primeiro – repreendeu-a – quero que descanse. Para uma *future mama*, você não teve exatamente o dia ideal e agora vou tomar conta de você. Entendeu? – Consultou o relógio. Já passava das 20 horas. – Vou preparar-lhe algo para comer. Está comendo por dois agora, você sabe.

Inclinou-se e beijou-a outra vez e desceu correndo as escadas para preparar-lhe uma das omeletes que ela adorava, *à la française*, mas quando subiu novamente, ela não comeu nem por um. Entre o desgaste que sofrera e a criança em seu útero, ela dormia profundamente na cama deles.

Quando Sabrina e André voltaram para Napa quinta-feira à tarde, deixaram o carro dela na cidade. André o apanhara naquele dia pela manhã e o guardara na garagem que alugavam na casa em frente a Thurston House. Voltaram no carro dele e Antoine os viu chegar, quando deixava a plantação e caminhava em direção à casa. Era um belo dia de sol e Sabrina parecia feliz como uma juvenzinha, ao caminhar para Antoine. Era difícil acreditar que fosse a mesma mulher que partira no dia anterior. Mas Antoine já sentira o alívio na voz do pai quando telefonara na noite anterior. Não explicara nada mas Antoine percebera no mesmo instante que tudo estava bem e tinha certeza disso agora. À noite, eles lhe contaram, enquanto André servia uma taça de champanhe ao filho.

– Temos algo a lhe contar.

Antoine achava divertido, pareciam duas crianças e já imaginava com antecedência quais seriam as novidades, ou pelo menos parte delas. Não iriam lhe contar a respeito do bebê ainda.

– Posso adivinhar? – caçoava. – Vejamos...

Sabrina ria como uma criança e André exibia um amplo sorriso para o filho.

– Muito bem, seu espertinho, não tem importância... Nós vamos nos casar no sábado.

– Já?

Foi a única coisa que o surpreendeu, pois achava que iriam dizer-lhe que estavam noivos e de repente começou a compreender. Olhou veladamente para Sabrina, mas não dava para perceber nada. Talvez ainda fosse muito cedo, pensou, mas se fosse verdade, sentia-se feliz por eles. Nem pensara nisso quando ela se sentira tão mal. Sorriu radiante para eles e beijou a ambos nas duas faces. André pediu-lhe para ser o padrinho e, naquele sábado, na igreja da cidade, Antoine ficou ao lado de André, enquanto Sabrina descia a nave sozinha. Os empregados deles estavam lá e ninguém mais, e o padre pronunciou as palavras solenemente, enquanto as lágrimas rolavam pelo rosto de Sabrina e ela se tornava a mulher de André. Depois, compartilharam uma suntuosa refeição que os próprios homens haviam preparado e uma caixa inteira de champanhe, embora Sabrina bebesse apenas uma taça. E Antoine levou-a para um lado e abraçou-a com força.

– Sinto-me feliz por você e papai. Você vai ser maravilhosa para ele.

– Eu é que tenho sorte por ter *vocês* dois.

Quisera que Jonathan tivesse sido tão gentil. Ela telefonara para o seu alojamento para lhe contar e houve um longo silêncio seguido de algumas frias palavras.

– Por que a pressa?

Não iria demorar muito para ficar sabendo.

– Achamos... Querido, lamento que não possa estar aqui... – Estava angustiada, esquecida da dor que ele lhe causara com Camille.

- Eu não. Por que diabo você vai querer se casar com um fazendeiro como ele?
- Não devia dizer isso, Jon. – Estava magoada com as palavras dele, mas era isso mesmo que ele queria.
- De qualquer forma, boa sorte.
- Obrigada. Quer vir para casa na Páscoa, querido? – Ela lhe mandaria as passagens.
- Não, obrigado, vou para Nova York com amigos. Mas pode me mandar para Paris se quiser, em junho.
- Não é exatamente a mesma coisa, não é? Achei que você gostaria de vir para casa nos ver a todos.
- Prefiro ver a França. Um grande grupo irá fazer a Grand Tour quando nos formarmos. O que diz? Ele havia esquecido o casamento dela com André e já estava pensando em si mesmo de novo.
- Discutiremos isso em outra ocasião.
- Por que não agora? Preciso tomar algumas providências, se for com eles.
- Não quero ser pressionada. Discutiremos isso outro dia, Jon.
- Pelo amor de Deus...
- Você tem de trabalhar quando se formar. O que me diz disso?

Se ele pretendia pressioná-la, ela iria pressioná-lo também. Revidar era uma boa tática, embora raramente a aplicasse contra ele. Mas estava furiosa com seu comentário a respeito de André... um fazendeiro da França, ora veja... o sem-vergonha.

- Tenho certeza de que o pai de Johnson vai me dar um emprego em Nova York. – Ela sentiu um aperto no coração, mas já esperava isso. – Cinco de nós vamos alugar uma casa na cidade.
- Parece dispendioso. Poderão pagar?
- Por que não? Você tem Thurston House.
- Eu não pago aluguel. – Embora se Camille e ele tivessem conseguido o que queriam, talvez tivesse de pagar agora. – Como vai sua encantadora avó, a propósito?
- Vai bem. Recebi uma carta dela na semana passada.

Sabrina não disse nada, apenas suspirou. Aborrecia-a saber que a avó permanecia em contato com Jon e ele parecia ter muita afinidade com ela.

- Bem, nós o veremos na formatura, então. – E esperava que Camille não estivesse lá.
- Nunca mais queria vê-la, mas seu sobrinho-neto também estaria se formando e talvez ela comparecesse. Sabrina não perguntou isso a Jon, mas ele lhe perguntou a respeito da viagem outra vez.
- Pensarei a respeito e o informarei.
- Ele concluiu que ela iria perguntar a André e ele poderia dizer que não.
- Decida-se logo.
 - E se eu disser não?
 - Encontrarei outra maneira de ir.
 - Talvez seja melhor fazer isso.

A voz dela estava muito calma. Percebia agora todos os erros que cometera com ele e não iria cometê-los outra vez com seu próximo filho. Enterneceu-se ao pensar nisso... tinha um bebê a caminho... outro filho... imaginava se seria menino ou menina... com quem se pareceria... sorria para si mesma.

- Que inferno, mamãe. Eu preciso desta viagem.
- Precisar, não precisa. Você quer esta viagem, é diferente.

E com isto, ele desligou, interrompendo no meio o telefonema, sem lhe dar os parabéns outra vez ou enviar lembranças a André. E não recebeu notícias dele novamente durante mais um mês. Telefonou para pressioná-la novamente sobre a viagem e desta vez ela realmente discutiu o assunto com André e ele expressou seus pontos de vista, embora soubesse que não agradariam a Jon.

– Quer mesmo saber o que eu penso? – Contivera-se até então. Achava que a maneira como ela lidava com o filho era assunto dela e não queria pisar em terreno delicado.

– Sim, quero. Ele está me fazendo sentir como se eu devesse isso a ele, mas não acho que seria bom para ele simplesmente dar-lhe a viagem. Por outro lado, ele estará se formando em junho, seria um belo presente... – Olhou para André, confusa.

– Belo demais, a meu ver. Acho que se é isso que ele quer, deveria ter começado a economizar há muito tempo. Ele nunca pensa o quanto é difícil para você. Acha que tem direito a isso. É um modo perigoso de um homem pensar e, mais cedo ou mais tarde, a realidade o atingirá duramente. Você não vai estar sempre lá para colocar dinheiro na mão estendida dele. Quando deixar a faculdade, ele deve se apoiar nos próprios pés.

– Concordo. – Ela estava aos poucos se endurecendo às constantes exigências de Jon. Era o supremo filho estragado e aquilo já tinha ido longe demais. – E a viagem?

– Eu lhe diria que não.

Ela suspirou.

– É o que eu acho, mas sinto pavor de dizer-lhe.

André concordou com a cabeça. Sabia dos problemas que Jon a fazia passar e tinha pena dela. Era um filho da mãe grosseiro e egoísta e não acreditava que fosse só porque havia sido mimado. Havia algo mais do que isso. Era parecido demais com a avó e André achava que ele já devia ter nascido assim.

Era sem dúvida diferente de Antoine, sempre tão bom para ela. Estava com quase 26 anos e muito envolvido com uma garota na cidade. E cada vez que olhava para Sabrina agora, achava que suas suspeitas tinham sido corretas, mas nenhum dos dois lhe dissera nada e ele não quis perguntar, até que finalmente um dia, em maio, ele olhou para Sabrina e sorriu.

– Posso perguntar-lhe uma coisa?

– Claro. – Sorriu-lhe, amava-o como se fosse seu próprio filho e, sob muitos aspectos, era mais fácil amá-lo do que a Jon. A explosão por causa da viagem causara um enorme fosso entre eles e havia um mês que não se falavam, embora ainda tencionassem ir a Cambridge em junho para a formatura.

– Sei que é descortês perguntar... – Corou sob o forte bronzado e ela percebeu mais uma vez o quanto ele era bonito. Era um jovem magnífico e perguntava-se o quanto ele estava levando a sério a atual namorada e se era a respeito disso que estava querendo lhe falar agora, mas em vez disso ele a surpreendeu. – Você está... eu vou ganhar um irmãozinho ou irmãzinha?...

Ele não aguentava mais o suspense e ela sorriu-lhe, corando também. Fez que sim com a cabeça e ele arrebatou-a em seus braços poderosos, beijou-a no rosto e colocou-a no chão novamente.

– Quando?

Começou a lhe dizer o que ela e André haviam combinado e dizer aos outros, e de repente pensou melhor. Podia contar a verdade a Antoine. De certa forma, ele fora o primeiro a saber, quando ela quase desmaiara no campo. E ele não era nenhum tolo, por fim, calcularia.

Só não queriam que outras pessoas o soubessem.

– Outubro – sorriu-lhe – mas oficialmente é dois meses depois. Ele riu e apreciou a honestidade dela.

– Eu também achei isso, mas não quis perguntar. – E, no fundo do seu coração, sabia que o pai teria se casado com ela de qualquer forma. – Jon sabe?

– Ainda não. Nós lhe diremos no mês que vem, quando formos ao Leste.

– Papai está animado, posso ver. Vive se pavoneando por aí como um rapaz desde que você voltou de São Francisco, uns dias antes de vocês se casarem.

Não lhe perguntou o que acontecera na ocasião, mas sabia que havia mudado tudo, e para melhor. Era como se cada um visse o quanto o outro era importante depois disso. E invejava-os. Gostaria de encontrar uma garota que amasse tanto quanto o pai a amava, mas até agora sabia que não encontrara. A garota com quem estava saindo era divertida e ele gostava muito dela, mas já sabia que não iria durar. Não era suficientemente inteligente e nunca riam das mesmas coisas, e isso era importante para ele. Olhou para Sabrina.

– Estou feliz por vocês. – E em seguida, com um sorriso inusitado. – Espero que seja uma menina.

– Eu também – ela sussurrou-lhe, enquanto caminhavam para casa de mãos dadas:

A gravidez apenas começava a aparecer através das roupas que usava pela fazenda. A outra casa deveria ficar pronta dentro de dois meses. Queria se mudar antes da chegada do bebê, mas iria para São Francisco para o nascimento. André fazia questão disso. Queria que tivesse o melhor tratamento possível, apesar de ela, até então, não ter nenhum problema com a gravidez. Nem mesmo a viagem de trem para o Leste a incomodou.

Quando se encontraram com Jon, o clima entre eles era tenso. Ele ignorou André e olhou a mãe com hostilidade.

– Imagino que esteja satisfeita com as notícias.

– Que notícias? – Olhou-o sem expressão.

– Escrevi-lhe semana passada.

– Não recebi nada. A carta deve ter chegado depois que partimos.

Havia lágrimas nos olhos dele quando lhe falou e ela estava aturdida.

– Vovó foi atingida por um ônibus semana passada e morreu instantaneamente.

Precisou de alguns instantes para registrar que ele estava falando de Camille e, então, olhou-o fixamente, surpresa com o pesar que ele parecia sentir. Ela não sentia absolutamente nada, exceto uma remota sensação de alívio.

– Lamento saber, Jon.

– Não, não lamenta. Você a odiava.

Parecia uma criança outra vez e André o observava de onde estava sentado, no parapeito da janela no quarto de Jon no alojamento. Sabrina estava sentada na cama, cheia de vida. Engordara e já não podia mais usar suas roupas antigas. Tivera de comprar alguns vestidos soltos, como o vestido de seda azul que usava agora. Era da mesma cor de seus olhos e André a achava ainda mais bonita do que antes.

– Eu não a odiava, Jon. Eu mal a conhecia. E o que vi dela, não gostei muito. Deve admitir que ela não foi propriamente decente comigo. Tentou me tirar da minha casa, depois de me abandonar quando criança e ficar fora da minha vida durante 46 anos.

Ele deu de ombros, era uma acusação difícil de ser negada. E então, pareceu olhar Sabrina com surpresa.

– Você sem dúvida engordou. O casamento deve lhe fazer bem. – Não era exatamente um comentário discreto e ela riu.

– Faz sim, mas não é por isso que ganhei peso. – Teria de lhe contar a qualquer hora e esta era um hora tão boa quanto outra qualquer, ou pelo menos foi o que pensou. – Sei que vai ficar surpreso. E para ser honesta com você, nós também ficamos. – Respirou fundo e continuou. – Vamos ter um bebê na época do Natal, Jon.

– Vocês *o quê*? – Olhou para ambos e ficou de pé num salto. – Não é possível! – Parecia horrorizado.

– Vou, sim. – Continuou sentada calmamente onde estava, olhou para André e, em seguida, para o filho outra vez. – Sei que é quase um choque inicialmente, mas...

– Como podem fazer um papel tão idiota? Cristo... e *eu*? Meu Deus, todo mundo que conheço vai rir de mim! Você tem 50 anos e só Deus sabe quantos anos ele tem...

Ele estava no mínimo sendo menos que benevolente com ambos e Sabrina não pôde deixar de sorrir. Estava tão furioso que parecia um garotinho outra vez e era sem dúvida diferente da reação de Antoine, que correra para comprar o primeiro ursinho do bebê, “e lembrem-se de dizer-lhe que fui eu quem deu!”. Afirmava que seria uma menina, mas Jon não se importava com o sexo, enquanto andava furiosamente pelo quarto.

– Estas coisas na verdade acontecem, meu rapaz. – André tentou acalmá-lo. Lamentava ver o rapaz comportar-se daquela maneira com a mãe, mas não se surpreendia nem um pouco. Era completamente mimado e totalmente imaturo, e sempre parecia ter um interesse pessoal contra ela. – Você finalmente vai se acostumar com isso. Nós nos acostumamos. E Antoine também. E ele é ainda mais velho do que você. Quatro anos mais velho, na verdade.

– E o que ele sabe? Tudo que faz é plantar uvas. Sou um homem, pelo amor de Deus!

André levantou-se, controlando-se com dificuldade.

– Meu filho também é. E ele é seu meio-irmão agora. Agradeceria que falasse dele com respeito, Jonathan.

Por um instante, os dois homens trocaram um longo olhar e então Jon recuou. Não era nenhum tolo e André falava sério. Então ele olhou para Sabrina e indicou-lhe que era hora de saírem. Jon tinha planos para aquela noite, mas eles o veriam na cerimônia de formatura no dia seguinte e em seguida iriam jantar com ele e um amigo. Dois dias depois, André e Sabrina partiriam para Nova York com ele. Iria embarcar no *Normandie* para a Europa. No final das contas arranjava o dinheiro para a viagem, na verdade uma boa soma, e Sabrina ficara impressionada. E ela e André queriam ver Amelia, de qualquer forma.

– Nós o veremos amanhã, Jon.

Foi beijar-lhe o rosto, mas ele evitou-a e permaneceu de costas enquanto eles se retiravam.

– Lamento que ele tenha tido tal reação – disse a André quando tomavam um táxi de volta ao hotel.

– Você realmente esperava uma reação diferente? Ele ainda é muito novo. – Deu umas palmadinhas na mão dela. – Quatro anos fazem uma grande diferença nesta idade. Antoine já é um homem. Jon ainda não o é inteiramente. Virá com o tempo. O bebê provavelmente representa uma ameaça para ele, em termos do que herdará de você... a casa... as terras de Napa...

Ela não havia pensado nisso, mas aquiescia agora ao inclinar a cabeça, imaginando se Jon o havia feito.

– Talvez tenha razão. Estranho o que aconteceu a Camille, não foi?

André olhou-a.

– Não faz mal. Era uma mulher maligna, gananciosa e inútil. Devia ter morrido há anos, como seu pai alegava.

Ele nunca perdoara Camille pelo que fizera a sua esposa. Durante todos aqueles meses, ela torturara Sabrina, enquanto esperava desamparadamente se defender na justiça.

– É esquisito. Não sinto nada. – Era estranho admitir. Acabara de saber que a mãe morrera e não se importava nem um pouco. – Jon certamente sente.

– Conhecia-a há quatro anos e, ao que tudo indica, tinham *atômes crochus*.

Ela sorriu. Adorava essa expressão que ele usava, “átomos enganchados”, algo em comum. E muito para seu desgosto, tinha razão.

A formatura transcorreu sem atropelos no dia seguinte e Sabrina chorou ao ver Jon. Por mais difícil que ele fosse, estava orgulhosa dele, e ela conseguira pagar o curso, vendendo as minas, a casa de Napa, os jardins em torno de Thurston House... ela conseguira e ele também. Tinham muito do que se orgulhar e comemorar e foram jantar fora naquela noite. Jon ficou bem mais do que um pouco bêbado, mas Sabrina e André compreenderam e ele estava na verdade mais gentil do que normalmente, muito mais do que no trem para Nova York. Sentia-se embaraçado de ser visto com ela.

– Meu Deus, o que os outros vão pensar? – sussurrou-lhe e ela sorriu, sussurrando-lhe em resposta.

– Diga-lhes apenas que eu como muito.

Perguntaram sobre o emprego dele. Ia começar a trabalhar em setembro, quando voltasse, e estaria trabalhando para o pai de um amigo. O nome do rapaz era William Blake e quando foram se despedir de Jon, no navio, ele os apresentou a Bill, que tinha uma mocinha radiantemente bonita com ele. Ela não tirava os olhos de Jon e Sabrina ficou sabendo que tinha 18 anos, era irmã de Bill, e era óbvio que tinha uma paixão por Jon. Ela mesma se apresentou a eles assim que descobriu quem eram.

– Olá, meu nome é Arden Blake. – Apertou a mão de Sabrina, em seguida a de André. Olhou apenas casualmente para o vestido vermelho e amplo que Sabrina usava e continuou, dizendo-lhe o quanto Jon era maravilhoso, embora ele parecesse totalmente indiferente a ela. – E papai acha que ele vai se sair maravilhosamente bem. É por isso que o está mandando à Europa com Bill, como uma espécie de bônus antes mesmo de ele começar...

Sabrina ficou furiosa de ouvir isso, mas seu rosto não deixou transparecer nada. Jon dissera-lhe que ele mesmo conseguira o dinheiro, não que ele estava viajando por três meses como convidado de alguém, e de primeira classe no *Normandie*, sem mencionar os hotéis onde se hospedariam. Sabia quem William Blake, o pai, era, todo mundo no país sabia. Era o maior banqueiro de Nova York e ela fizera alguns negócios com ele, antes de vender a mina de John, com alguns investimentos que este havia feito. Olhava para o filho e tinha vontade de estrangulá-lo, mas era tarde demais para discutir o assunto com ele antes de partirem. Em vez disso, continuou a conversar inofensivamente com Arden, lembrando-se com assombro de que ela dirigira as minas do pai com aquela idade. Era incrível pensar nisso, particularmente diante daquela jovem meiga e inocente, tão completamente abobalhada por Jon.

– Mamãe, papai e eu iremos no mês que vem e vamos encontrá-los no sul da França.

Ela praticamente desmaiava com a ideia e Sabrina sorriu.

– Certifique-se de que ele vai se comportar – avisou à bela lourinha de olhos verdes. – Nem sempre confio em meu filho.

– Mamãe diz que ele é o melhor rapaz que ela conhece. Ele vai ser meu acompanhante na minha festa de debutante em dezembro.

Ela simplesmente resplandecia e quando o apito do navio soou anunciando a partida, Sabrina viu Jon beijá-la nos lábios e três outras garotas depois dela. Havia quatro delas no navio, todas colegas de turma em Harvard, e Sabrina detestava pensar nas malvadezas em que se veriam envolvidas. Mas detestava mais ainda pensar que outra pessoa estava pagando a viagem. Ele muito habilmente a forcara a pagar. Teria de enviar um gordo cheque a William Blake, pai, para cobrir as despesas da viagem. Não podia permitir que Jon fosse como convidado de alguém e só Deus sabia que triste história ele lhes havia contado.

– Quero discutir isso com você quando voltar. – Olhou-o significativamente e entregou-lhe um envelope que era seu presente de formatura. Ficara tão orgulhosa que ele estivesse pagando sua própria viagem, que estava lhe dando mil dólares para gastar. Agora, porém era apenas uma despesa a mais e não ficou satisfeita. – Seja bom para Arden Blake – sussurrou-lhe. – É uma menina doce.

Tinha a sensação desagradável de que ele iria se aproveitar dela.

– Ela é minha passagem para o sucesso – sussurrou-lhe em resposta, com uma piscadela, e Sabrina quase se sentiu mal.

Mais tarde, Sabrina viu a moça acenando freneticamente das docas, sob o olhar de sua própria mãe. Teve vontade de preveni-la de como seu filho era, mas como poderia fazer algo assim? Ele permaneceu de pé no convés, em frente a sua suíte, sorrindo a todos eles, mais bonito do que jamais percebera que ele fosse. Era um rapaz terrivelmente bonito, magro, de faiscantes olhos azuis e cabelos negros, como Camille, e um rosto pelo qual qualquer mulher morreria. Era quase doloroso olhar para ele. E Sabrina voltou-se para André com um suspiro, depois que partiram, e contou-lhe o que Jon dissera a respeito de Arden Blake. Contou-lhe também como ele havia financiado a viagem.

– Pelo menos, você sabe que ele nunca vai passar fome. É sabido demais para isso.

– Ele é sabido demais para o seu próprio bem.

– Às vezes, chego a desejar que Antoine o fosse. Ele é tão pouco prático que não conseguiria sair de um saco de papel. Tudo em que pensa são princípios e ideais, e uma baboseira intelectual a maior parte do tempo.

Sabrina sorriu com ternura. André não estava muito longe, mas Antoine era um rapaz muito digno. Era inteligente mas, de certa forma, acima do lado prático da vida. Preferia ler filosofia a comer, preferia perseguir alguma vaga ideia a dominar uma técnica. Era um sonhador de certa forma, e no entanto um sonhador brilhante.

– É um homem adorável, André. Devia ter orgulho dele.

– Sabe que eu tenho. – Ajudou-a a entrar no táxi enquanto lhe sorria e relanceou os olhos pela pequena protuberância enquanto ela se sentava. – E como vai nosso amiguinho? – Sentira-o mexer-se pela primeira vez havia algumas semanas e agora parecia estar se remexendo muito, ele também o podia sentir, e isso o deleitava. – Pulando para baixo e para cima?

– Vai ser uma bailarina, eu acho. Pula um bocado para todo lado. – Mais do que Jonathan o fizera ou o bebê que perdera.

– Ou um jogador de futebol – disse André sorrindo.

Naquela tarde foram visitar sua velha amiga e ela ficou encantada com a companhia deles. Achava bobagem que se sentissem sensíveis à idade.

– Se pudesse, teria um agora! – Estava exatamente com 90 anos e Sabrina achou que tinha um aspecto extremamente frágil. – Desfrutem cada momento... é o maior dom de todos. O dom da vida.

E, olhando-a, sabiam que era verdade. Ela vivera 90 anos intensos, ricos, maravilhosos, úteis. Era um exemplo para qualquer pessoa... em profundo contraste com Camille. Sabrina conversou com Amelia sobre ela por alguns instantes e, finalmente, despediram-se quando a enfermeira de Amelia entrou. Era hora de tirar seu cochilo e ambos notaram que parecia cansada. Beijou-os em despedida e, ao fazê-lo, olhou profundamente nos olhos de Sabrina.

– Você é exatamente como seu pai, Sabrina. Ele era um homem bom. E você é uma boa mulher. Você não tem nada dela. – Mas Jon tinha. Sabrina o sabia no mais íntimo do seu ser e lamentava-o profundamente. Mas não disse nada. – Deem graças a Deus por esta criança.

Sorriu ternamente para ambos. – E que ela lhes traga muita alegria. Acho que vai ser uma menina. – Colocou a mão sobre o ventre de Sabrina e beijou ambos outra vez.

No dia seguinte, tomaram o trem de volta para casa e Sabrina estabeleceu-se em Napa no verão. Em agosto a nova casa ficou pronta e eles se mudaram. No mês seguinte, mudaram-se para a cidade, para que Sabrina ficasse próxima ao hospital, e telefonaram para Jon quando ele voltou da viagem. Divertira-se muito e mencionara Arden Blake uma ou duas vezes. Já começara no novo emprego, que mais parecia brincadeira, graças ao Sr. Blake. Com o fim de cobrir a viagem de Jon, Sabrina realmente lhe enviara com seus agradecimentos um polpudo cheque, que fora e voltara umas duas vezes, até que finalmente foi aceito. Dissera-lhe que gostava muito de Jon, como todos, e Jon também parecia gostar deles.

– Vou para Palm Beach com eles passar os feriados de fim de ano – ele disse e Sabrina ficou decepcionada.

– Pensei que viesse para casa nesta época. O bebê está chegando... – Mas ele não tinha nenhum interesse nisso.

– Não vou ter tempo. Tenho apenas duas semanas. Irei no próximo verão provavelmente. Os Blake vão alugar uma casa em Malibu e eu provavelmente passarei uns tempos com eles.

– Não tem de trabalhar?

– Não mais do que Bill. Tenho as mesmas férias que ele, foi esse o combinado.

– Parece-me muita moleza.

– Por que não? Trabalho tanto quanto ele.

– Eu diria que ele tem um caminho por dentro, não é verdade?

– Talvez eu também tenha. – Parecia muito confiante. – Arden é louca por mim e o Sr. Blake me acha o máximo.

– Parece que você arranjou um emprego de sorte.

E é claro que achara. E quando ela tentou discutir o modo vil como ele arranajara a viagem à Europa, ele a descartou.

– Você não tinha de pagar, o Sr. Blake disse que o faria.

– Não poderia deixá-lo fazer isso. E você também não devia, Jon.

– Ah, Cristo, se vai me dar uma lição de moral, mamãe, acho que devo desligar.

– Talvez seja uma coisa sobre a qual deva pensar, Jon. Especialmente com relação a Arden Blake. Não use essa jovem, meu filho. Ela é uma pessoa meiga e uma menina muito inocente.

– Ela tem 18 anos, pelo amor de Deus...

– Sabe exatamente o que quero dizer.

Sabia, mas não iria admitir.

– Não tem importância. Não vou violentar ninguém.

– Há mais de uma maneira de se fazer isso.

Embora parecesse feliz em Nova York, ela se preocupava muito com ele, tendo em vista os cartões que enviava de vez em quando.

Conforme outubro transcorria, Sabrina perdeu o interesse em tudo que não em si mesma, enquanto a criança crescia e ela se sentia cada vez mais desconfortável. Mal podia subir as escadas de Thurston House à medida que a data prevista se aproximava. Quando chegou o grande dia e o bebê não descia, ela e André começaram a fazer longas caminhadas.

– Ela deve gostar de ficar lá dentro – Sabrina suspirava. – Parece que nunca vai querer sair.

Olhava para André angustiosamente e ele ria. Já mal podia andar. E precisava sentar-se a toda hora. Sentia-se com cem anos e como se pesasse 150 quilos, declarava, mas estava bem-humorada também.

– O que vai fazer se for um menino? Você vive chamando a pobre criatura de “ela”.

– Vai ter de se acostumar, pobrezinho.

Mas três dias depois da data marcada, ela acordou André de um sono profundo, às 4 horas da manhã, com um largo sorriso no rosto.

– É agora, meu amor.

– Como sabe?

Ele ainda estava um pouco adormecido e na esperança de uma suspensão temporária até o dia seguinte. Ou até de manhã, pelo menos.

– Acredite, eu sei.

– OK.

Ele arrastava-se para fora da cama, mas acordou prontamente quando a viu dobrar-se de repente. Deu um salto e amparou-a nos braços, levando-a então delicadamente para uma cadeira, enquanto ela o olhava com um indício de pânico no olhar.

– Talvez eu tenha esperado demais... – Arfava um pouco e parecia mais do que desconfortável – ...mas eu não queria acordá-lo... e no começo eu não tinha certeza... ohh...

Agarrou-lhe o braço e, de repente, ele ficou aterrorizado.

– Ah, meu Deus... já chamou o médico?

– Não... é melhor chamar... oh, André... ah, meu Deus... chame...

– O que está acontecendo? – Levou-a de volta para a cama com um olhar apavorado e agarrou o telefone. – O que eu digo a ele?

Ela gemeu e deixou-se cair deitada na cama.

– Diga-lhe que eu sinto a cabeça...

Ficou lá deitada, arfando, enquanto ele telefonava e, de repente, deu um pequeno grito. Ele nunca passara por algo semelhante. Esperara educadamente no saguão do hospital durante horas quando Antoine nascera e nunca vira sua mulher em trabalho de parto.

O médico atendeu e André transmitiu-lhe o que Sabrina lhe dissera.

Ele perguntou a André apressadamente:

– Ela está sentindo pressão para baixo?

Quis perguntar a ela, mas ela não o ouvia. Agarrava-se a sua manga e seu rosto estava contorcido de dor. As coisas estavam acontecendo tão rápido que ele não estava compreendendo nada.

– Sabrina, ouça-me... ele quer saber... Sabrina... por favor...

O médico ouviu-a do outro lado da linha e gritou ao telefone para André.

– Chame a polícia. Estarei aí dentro de um minuto.

– A polícia? – André ficou horrorizado, mas não tinha tempo para pensar em nada nem chamar ninguém.

Sabrina estava literalmente se arrastando em cima da cama e soluçava.

– Ah, meu Deus... Ah, André... por favor...

– O que posso fazer?

– Ajude-me... por favor...

– Querida...

Os olhos dele encheram-se de lágrimas e ele nunca se sentira tão desesperado em toda a sua vida. Fora mais fácil arrancá-la das mãos do médico aborteiro sob a mira de um revólver sete meses antes. Fora necessário apenas um pouco de sangue-frio e coragem. Isto agora requeria habilidades das quais nada sabia, mas conforme ela se virou para ele e olhou-o desamparadamente, contorcendo-se de dor, ele de repente esqueceu-se de tudo que não sabia e estendeu os braços, segurando-lhe as mãos e sussurrando-lhe palavras de conforto. Sabia agora que não haveria tempo de levá-la ao hospital. Acordara-o tarde demais e tudo estava acontecendo muito depressa. Ela arrancara as roupas e ficara ali deitada, coberta apenas por um lençol, exatamente como ficara uma vez, havia tanto tempo, de modo que havia alguma coisa familiar naquilo agora. Era como se tivesse esquecido tudo e agora se lembrasse perfeitamente, como num sonho distante. Olhou para André e pela primeira vez em uma hora quase sorriu para ele. Tinha o rosto banhado em suor, os olhos sombrios, e de repente fez toda a força que podia, enquanto ele a segurava pelos ombros e, quando parou, levantou os olhos para ele, sorrindo-lhe desta vez.

– Eu lhe disse... eu queria... que o bebê... nascesse... nesta casa...

E, enquanto proferia essas palavras, fez força outra vez, ele segurou-a em seus braços novamente, amparando-a por trás, de modo que tinha o mesmo ângulo de visão que ela, sem saber exatamente o que estava acontecendo. Não havia nada à vista e tudo o que ele podia sentir era o tremendo esforço de todo o corpo dela quando fazia força. Então, lentamente ela começou a gritar, um longo, profundo e antigo grito de agonia, enquanto todo o seu corpo se retesava e ela quase se sentava desta vez.

– Ah, André... ah, meu Deus... ah, não... André...

Parecia um som infundável, enquanto ele falava-lhe docemente palavras sem sentido, segurando-a nos braços, as lágrimas rolando pelo seu rosto, e desta vez ela deu um grito agudo, outro em seguida, e caía em seus braços toda vez que a dor diminuía, para retesar-se novamente, até que de repente ele sentiu o ritmo acelerar-se. Ele compreendeu... compreendeu... era como se sentisse o mesmo que ela sentia e dizia-lhe:

– Continue... continue... querida... sim, você é capaz...

– Não posso! ... – Gritava de dor e ele queria arrancar o bebê dela para que parasse de sofrer.

– Você *pode*!

– Ah, Deus... ah, não... André... – Arrancou o lençol enquanto se debatia, agarrando-se a André, agarrando-se à cama, fazendo força até não poder respirar, mover-se ou gritar, e conforme ele olhava, uma cabecinha redonda empurrou-se para fora e ele gritou junto com ela.

– Oh, meu Deus... Sabrina!

Não podia acreditar no que via, o rosto estava virado para eles e, como se sempre tivesse sabido o que fazer, ele dirigiu-se para a outra ponta da cama, amparou a pequena cabeça enquanto ela fazia força outra vez e, desta vez, os ombros se libertaram, enquanto o bebê soltava o primeiro choro e ele o ajudava delicadamente a sair do útero de sua mãe, chorando com ele. Sabrina chorava e ria, e ele

incentivou-a a continuar. Momentos depois, a criança estava em suas mãos enquanto ele olhava maravilhado para sua mulher e mostrava-lhe o bebê.

– É uma *menina*!

Chorava sem parar e nunca vira nada mais lindo do que o bebê que segurava ou a mulher que amava. Foi para a cabeceira de Sabrina outra vez, conforme ela se deitava, e segurou-a pelos ombros quando ela começou a tremer, cobrindo-a com o lençol novamente e colocando o bebê em seus braços.

– Ah, ela é tão bonita... e você também...

– Eu te amo tanto...

O cordão umbilical ainda pulsava entre eles e Sabrina parecia ter escalado o Everest. Levantou os olhos para ele com renovado amor e ele beijou primeiro a mãe e em seguida a criança.

– Você é incrível.

Era uma experiência da qual jamais se esqueceriam e, enquanto a olhava, sabia que nunca a amaria mais do que naquele momento. Era a imagem mais linda que já vira, com seu bebê nos braços.

Então, lentamente, sorriu-lhe ainda tremendo, mas satisfeita.

– Nada mal para uma velhota, não é, André?

Ele estava inteiramente apaixonado por ela e pela filha deles. Era a coisa mais linda que já vira e, quando o médico chegou com uma ambulância 10 minutos depois de o bebê ter nascido, André abriu a porta com um largo sorriso.

– Boa noite, senhores.

Parecia tão feliz e orgulhoso, que logo perceberam que haviam chegado tarde demais. E o médico subiu correndo as escadas, para encontrar Sabrina feliz, embalando a criança.

– É uma menina – anunciou com prazer e tanto o pai quanto o médico riram.

Em seguida, o médico fechou a porta, examinou o bebê, cortou o cordão e certificou-se de que Sabrina estivesse realmente bem, olhando-a com espanto.

– Devo confessar, não esperava isso de você, minha querida.

– Nem eu. – Riu para ambos e segurou a mão de André, olhando-o com gratidão nos olhos, e disse: – Não o teria conseguido sem você. – Ficou surpreso com o imerecido elogio.

– Não fiz nada senão olhar. Você fez tudo.

Sabrina olhou para o bebê dormindo tranquilamente a seu lado.

– Ela fez tudo sozinha.

Que milagre ela era, ali adormecida.

O médico olhou para ela outra vez. Estava satisfeito e o bebê estava passando bem. Uns três quilos e setecentos, se não mais, ao que parecia, mas mãe e filha estavam bem.

– Eu na verdade devia levá-la para o hospital e deixá-la descansando lá – mas não havia nenhuma razão para perturbá-las, fora um parto perfeitamente normal. – O que acha?

Sabrina não pareceu satisfeita.

– Preferia ficar aqui.

– Achei que iria preferir. – O médico não ficou surpreso. – Bem... – Olhou para ambas, tão tranquilas ali. – Já sei. – Sabrina sorriu-lhe. – Vou deixá-la ficar em casa, mas se houver qualquer problema, qualquer febre, qualquer desconforto que ache fora do normal – voltou-se para André –, chame-me imediatamente.

A seguir, sacudiu o dedo para Sabrina:

– E não espere até ser tarde demais desta vez!

Ela riu para ambos.

– Achei que podia esperar um pouco. Não queria acordar todo mundo no meio da noite.

Ambos olharam para ela e sorriram. De qualquer modo fizera-o, de uma forma bem mais dramática. Eram apenas 5h15, ainda estava escuro. E Dominique Amélie de Vernay chegara ao mundo. Havia sido difícil decidir pelo “Dominique”, mas havia muito tinham concordado a respeito do segundo nome.

Quando o médico partiu, com a ambulância, André trouxe-lhe uma xícara de chá, e a criada que vinha esperando pacientemente pelo nascimento do bebê subiu para limpá-lo e devolvê-lo a Sabrina o mais rápido possível. A roupa de cama foi trocada, Sabrina foi banhada e, deitada novamente em sua cama, tomava chá, com Dominique junto ao peito. André olhava-a sem poder acreditar, enquanto o céu clareava e o sol despontava.

De repente ele sorriu.

– Bem, o que vamos fazer hoje, meu amor?

Olharam um para o outro e riram sem parar. Quanto tempo haviam esperado e como tudo acontecera tão rápido. E, enquanto Sabrina começava a adormecer em seu berço, lembrou-se do odioso lugar a que fora em Chinatown... e ainda podia ver André falando calmamente ao homem com a arma em punho... e como haviam corrido escada abaixo... e de repente, ali estava ela, com uma menininha dormindo a seu lado e o marido junto a si.

Telefonaram a Antoine quando Sabrina acordou. Ele já ia sair para o campo e atendeu o telefone distraidamente. André foi direto ao assunto.

– É uma menina!

– Já? – Antoine ficou excitado. – Meu Deus, que maravilha!

– O nome dela é Dominique, é muito bonita e já tem duas horas e – consultou o relógio – quatorze minutos. – André sorria.

Antoine mal podia se expressar de tanto contentamento.

– Ah, meu Deus... papai... *c'est formidable!*... Como está Sabrina? ... está no hospital?

– As respostas são: sim, é *formidable*, ela está bem, e não, não está no hospital. O bebê nasceu em casa.

Sabrina sorria-lhe, enquanto ele explicava. Nunca se esqueceria de como ele a animara, de que ficara com ela. Era extremamente importante para ela ter partilhado o nascimento com ele.

– O quê? – Antoine estava atordoado. – Em casa? Mas achei...

– Eu também. Mas a mãe me pregou uma peça. Não quis perturbar meu sono e me acordou tarde demais. E... *voilà*, Mademoiselle Dominique chegou cerca de 20 minutos depois que acordei. E o médico chegou aqui 10 minutos depois disso.

– É incrível!

André parecia ainda estar sonhando e seus olhos se encheram de lágrimas outra vez.

– Sim, *mon fils*, é incrível. Foi a coisa mais linda que já vi.

Queria que isso acontecesse a Antoine um dia; uma mulher que o filho amasse tanto quanto ele amava sua esposa, e o nascimento de uma criança muito querida, compartilhado com sua mulher se possível. Sentia-se satisfeito por ter estado lá com ela, afinal de contas, agora que tudo estava bem. Fora ao mesmo tempo muito mais difícil e muito mais fácil do que ele imaginara. Era muito mais penoso do que pensava, mais sofrido, mais assustador, mais bonito e, na verdade, Dominique nascera por conta

própria. Mas sabia que Sabrina fora uma mulher de sorte. Quando Antoine nasceu, sua mãe estava em trabalho de parto havia mais de dois dias.

– Você sabe fazer isso muito bem – André brincou com ela naquela tarde, quando estavam lado a lado na cama. Ela almoçava e Dominique dormia profundamente no berço que pertencera a Jon, agora forrado com organdi branco e novas fitas de cetim. – Talvez possamos repetir a dose um dia desses.

Ela olhou-o estarrecida.

– Espere aí... não foi assim tão fácil... – Ainda sentia-se terrivelmente dolorida, mas nenhum dos sinais de perigo de que o médico a prevenira haviam surgido. – Não creio que gostaria de repetir a dose.

E ambos sabiam que seria improvável que fosse possível na idade dela, mas fora uma dádiva pela qual ambos estavam agradecidos.

Ficaram decepcionados quando telefonaram para Jon e souberam que ele saíra para almoçar. Sabrina deixou um recado no escritório que ele dividia com o jovem Bill Blake e ele telefonou-lhe naquele dia mais tarde, parecendo um pouco bêbado e não muito interessado no motivo pelo qual a havia telefonado. Quando soube da notícia, houve um silêncio mortal do outro lado da linha e ela pensou que a ligação fora cortada.

– Jon?... Jon?... Jon?... Jon... ah, droga. André, acho...

Então, ele surgiu novamente.

– Não posso acreditar que você realmente tenha levado isso a cabo.

Havia quatro meses que não a via.

– Achava que ia recuperar o bom senso antes que fosse tarde demais. Mamãe, parece que agora você não pode mais se livrar disso. – Riu um tanto embriagado e Sabrina ficou aborrecida.

– O nome dela é Dominique, e ela é delicada e muito bonita. Espero que possa vê-la em breve.

Ela continuou falando como se ele estivesse tão contente quanto eles e, então, Jon verificou alguma coisa, enquanto contava retroativamente nos dedos.

– Por falar nisso, você não deveria tê-la em dezembro, mamãe? Parece-me que você só se casou em abril ou por aí...

Não era nenhum tolo, seu filho.

– Por aí. Ela nasceu dois meses antes.

– Não me diga que ele a engravidou antes de se casarem. Não é de admirar que tenham ficado *surpresos*, como você disse em junho. Aposto que ficaram mesmo.

Ria abertamente e Sabrina tinha vontade de estrangulá-lo.

– Venha logo em casa ver sua irmã, Jon.

– Claro, mamãe. Ah... e parabéns para vocês...

Mas estas palavras soaram um pouco falsas ao telefone. Tão diferente do telefonema a Antoine, pensou enquanto desligava. Antoine ficara louco de alegria por eles, quase às lágrimas, emocionado. Jon fora cínico, grosseiro, enfatizando saber que o bebê fora concebido antes do casamento. Sabrina sentiu a decepção apoderar-se dela outra vez e olhou para André com lágrimas nos olhos.

– Ele não foi amável.

Parecia uma garotinha e André deu umas palmadinhas em sua mão e beijou-lhe o rosto.

– Está com ciúme. Foi o único filho durante tanto tempo.

Sempre arranjava desculpas para ele, por ela. Mas ela já não concordava sempre com ele.

– Antoine também. Sabe, ele é um crápula egoísta e vai ter o que merece um dia. Não se pode ficar por aí tratando as pessoas assim sem pagar por isso. – Enquanto falava, lembrava-se de Arden Blake e

fazia votos que ela não fosse ferida por Jon.

Não o viram novamente até o ano seguinte. Chegou em junho, quando Dominique estava com oito meses de idade e mal a olhou quando entrou em Thurston House. Olhou em torno como se o lugar lhe pertencesse e sua mãe fitou-o. Estava ainda mais bonito do que quando se formara, havia um ano. Ainda não completara 23 anos, na verdade estava a um mês de o fazer, e era alto, esbelto, com um ar desembaraçado. Havia algo tão sofisticado acerca dele, que quase parecia decadente, e Sabrina abraçou-o e sorriu olhando-o nos olhos. Já se passara um ano desde que o vira partir no *Normandie* e estava feliz de vê-lo outra vez. Tinha o bebê nos braços, que ria para ele, mas Jon quase não pareceu notá-lo.

– Bem, o que acha da Srta. Dominique? – Sabrina olhava orgulhosamente da sua filha pequena para o seu belo filho.

– Quem? Ah... essa... – Fingiu não se impressionar com ela e a mãe o repreendeu.

– Ora vamos, não venha com esse ar de adulto para cima de mim, Jon. Lembro-me de quando você tinha esta idade e não faz tanto tempo assim.

Ele sorriu-lhe e pareceu mais afetuoso.

– Está bem... está bem... ela é uma gracinha. Mas não tem a idade que eu prefiro nas garotas.

– E que idade é esta? – Ela brincava com ele enquanto subiam as escadas e ele observava seu quarto. Nada fora mudado. Ela sempre mantivera o quarto para ele, independentemente da frequência com que vinha em casa.

– Ah, entre 21 e 25.

– Acho que isso deixa Arden Blake de fora. – Sabrina não se esquecera dela nem do comentário que ele fizera de que Arden Blake era sua passagem para o sucesso e que tanto a desagradara. – Não pode ter mais do que 19 a esta altura.

– Tem boa memória, mamãe. Tem 19. Faço uma exceção para ela às vezes.

– Coitada. – Sabrina revirou os olhos.

– Não se preocupe com isso. Ela e Bill virão aqui, de Malibu, semana que vem. Podem ficar aqui?

– Se vocês se comportarem. Podem até ir a Napa, se você e Bill dividirem um quarto. Temos dois quartos de hóspedes muito bons que podem usar. Na verdade – sorriu-lhe feliz, era tão bom tê-lo de volta, sem importar-se com o quão insuportável ele às vezes se tornava –, adorá-íamos que fossem lá.

– Quero crer que não está mais morando naquela pocilga.

– Jon!

– Bem, é o que era!

– Foi só por uns tempos. Não, André mandou construir uma casa linda. Há uma cabana à parte para Antoine.

– Ele ainda está por lá? – Jon pareceu aborrecido.

– Ele administra os vinhedos com André. Não é uma propriedade pequena e as coisas estão correndo bem. André não poderia fazer isso sem ele.

Lembrava-se de Jon ter chamado André de “aquele fazendeiro da França”, mas ele não disse nada depreciativo naquele momento.

– Talvez a gente vá por alguns dias, se tivermos tempo. Querem passar a maior parte do tempo aqui.

– Há muito para ver. Mas vão gostar de Napa também.

Quando chegaram, ficaram excitados. Jon estava perceptivelmente *blasé* e entediado, mas Bill ficou fascinado com os imensos vinhedos que cultivavam. Disse que o pai investira muito dinheiro em vinhos na França um dia e fizera uma fortuna com isso.

– Eu sei – André sorriu-lhe –, seu pai e eu nos saímos muito bem naquele negócio.

Bill ficou entusiasmado de ver quem ele era. Voltou-se para Jon e explicou que seu pai e André haviam se conhecido anos antes. Bill Blake, o pai, não fora ao navio e André não o vira na formatura em Harvard no ano anterior, percebia agora.

– Da próxima vez que for a Nova York, irei visitá-lo. Enquanto isso, envie-lhe minhas lembranças.

– Eu o farei.

Jon de repente pareceu mais interessado em André, embora ignorasse Antoine totalmente. Sabrina e Arden haviam saído para um longo passeio com Dominique na pequena charrete que Sabrina encontrara numa loja de antiguidades. Caminharam durante horas pelos caminhos que Sabrina conhecia desde criança e, quando finalmente retornaram, os quatro homens estavam sentados em torno da piscina. Arden cumprimentou André e Antoine, a quem não conhecia. E Sabrina viu os olhos de Antoine quase saltarem das órbitas quando ela apertou-lhe a mão. Não tirou os olhos dela o resto da tarde e conversaram durante horas naquela noite, enquanto Bill e Jon saíram para jogar bilhar na cidade. Estavam acostumados a deixar Arden em casa e nenhum dos dois achava nada de mais nisso. Bill perguntara a Antoine se ele queria acompanhá-los, mas ele respondera que tinha umas coisas a fazer em casa, as quais foram esquecidas no momento em que eles saíram.

Sabrina sorriu ao mencionar isto para André naquela noite, depois de colocar o bebê para dormir. Antoine e Arden estavam sentados no escuro, em intensa conversa na varanda.

– Ele está encantado com ela. Percebeu?

– Percebi – André pensou um pouco. – Será que Jon vai se importar? Achei que tinha um fraco por ela.

– Não sei se realmente tem. – Sabrina sentou-se na cama deles. – Ele disse algo a respeito dela que eu não gostei, no ano passado, que ela era sua “passagem para o sucesso”, e espero que não estivesse falando a sério. Casando-se com ela, certamente teria um lugar permanente no banco de Bill Blake, mas não quero que ele jamais se aproveite dela desta forma.

Não que qualquer coisa que ela dissesse tivesse alguma influência sobre ele e não se iludia quanto a isso, mas André não levou o comentário a sério.

– Não creio que tenha falado por mal. Achou provavelmente que era uma coisa interessante de dizer na ocasião.

– Espero que seja só isso. Não parece particularmente interessado nela.

Tinham pressa de fugir para jogar bilhar naquela noite.

– Não posso dizer o mesmo de Antoine – respondeu André sorrindo.

Antoine acabara de terminar o namoro com a jovem da cidade e parecia solitário nos últimos meses, mas não naquela noite, com Arden Blake. E os dois haviam brincado durante muito tempo com o bebê, falando-lhe ternamente, rindo e carregando-o. Antoine parecia fascinado por ela, ao contrário de Jon.

No dia seguinte, Arden levou o bebê à piscina e ficou brincando cuidadosamente com ele. Quando Antoine voltou de uma reunião na cidade com alguns distribuidores importantes, pôs a roupa de banho e juntou-se a ela na piscina. Conversaram e riram tranquilamente, brincaram por fim com o bebê de maneira amável e, finalmente, devolveram-no a Sabrina e continuaram conversando sem parar, enquanto ela os observava. Pareciam quase casados, enquanto brincavam com a criança. E já tinham idade para isso. Havia algo tão tranquilo e meigo neles dois... Era quase como se tivessem sido feitos no mesmo molde, até o cabelo deles era do mesmo tom de louro. Pareciam um casal perfeito. Embora ninguém tivesse feito nenhum comentário a esse respeito, Jon percebeu-o ao mergulhar na piscina,

quando Dominique já havia saído, e atravessou-a a nado bem entre Arden e Antoine. Naquela noite, eles a levaram ao cinema mas não chamaram Antoine para acompanhá-los. Sabrina encontrou-o sentado sozinho na varanda, imerso em seus pensamentos, fumando um cigarro e bebendo um copo do próprio vinho deles.

– Acha mesmo que deve beber isso? – brincou com ele, enquanto se sentava na cadeira de balanço a seu lado. – Tudo bem com você, amor?

Sempre se preocupava com ele, era tão quieto, nem sempre se sabia quando alguma coisa o perturbava, ou o que tinha na mente. Jamais queria causar sofrimento aos outros e assumia grande responsabilidade para si. Por isso, era um excelente gerente operacional para André e uma grande ajuda para ambos.

– Estou bem. – Ainda conservava o mesmo sotaque francês que tinha ao chegar e ela sorriu-lhe. – *Ça va.*

– Ela é bonita, não é?

Ambos sabiam de quem ela estava falando: Arden Blake.

– Mais do que isso – falou com voz muito baixa e suave. – É uma garota muito especial para sua idade. Tem muito sentimento e profundidade. Sabia que ela trabalhou com um missionário no Peru no ano passado por seis meses? Disse ao pai que, se ele não permitisse, ela fugiria. Então, ele concordou. Fala espanhol fluentemente, um francês perfeito – sorriu para Sabrina outra vez – e muita coisa se passa naquela linda cabecinha loura. Mais do que Jon imagina, desconfio.

– Não creio que ele esteja realmente interessado nela. – Sabrina ainda achava que ele não estava, mas Antoine sabia que não era assim.

– Acho que está enganada. Ele está esperando o momento certo. Atualmente, ele quer se divertir e ela ainda é muito nova – Antoine olhou-a com um olhar maduro e experiente, que ela não percebera ali antes, e isso a entristeceu. – Acho que se casará com ela um dia. Ela ainda não sabe disso, mas eu tenho certeza. Quer mantê-la na reserva até lá e se alguém se aproximar muito...

Ambos pensaram na maneira como Jon simplesmente a levava com eles naquela noite, muito embora não tivessem nenhum interesse real em tê-la com eles. Ela falava muito bem de Antoine.

– Sei que estou certo.

Sabrina foi honesta com ele.

– Se ele se casar com ela, será por motivos escusos, Antoine.

– Eu sei. – Sorriu-lhe quase com tristeza. – É estranho quando se pode ver o futuro assim. Às vezes é tão fácil prever o que os outros irão fazer. Nessas horas você gostaria de impedi-los, mas não pode.

– Você poderia, neste caso, Antoine. – Queria que ao menos uma vez ele obtivesse o que queria da vida, sem se importar com mais ninguém. Não devia nada a Jon e ele jamais fora sequer gentil com Antoine. E por alguma razão que não podia explicar, não queria que Jon ficasse com Arden Blake. Pelo bem da moça, não de Jon. Sabia que seria ruim para ambos. – Vá atrás dela, se é o que quer.

– Ela é muito nova – suspirou, sorrindo em seguida – e absolutamente louca por ele. Pelo jeito, desde que tinha 15 anos. É difícil lutar contra isso. Terá de sair disso com o tempo e ainda é muito cedo.

– Com o tempo, ela o fará. Ele não é muito gentil com ela.

– O que torna as coisas ainda piores. Há algo masoquista com as jovens nessa idade.

Era sábio para sua idade e Sabrina olhou para ele.

– Por que não passa algum tempo com ela?

– Passamos, hoje. E ela não vai ficar aqui por muito tempo, eu acho.

Sabrina, então, teve uma ideia e mencionou-a para André naquela noite.

– Você não acha que poderíamos mandar Antoine para Nova York cuidar daquela estratégia mercadológica que discutimos?

André olhou-a espantado.

– Por quê? Pensei que iríamos neste outono.

– Por que não deixá-lo ir?

– Você não quer ir?

– Podemos ir em outra ocasião.

Olhou-a estranhamente e, em seguida, sorriu.

– Está grávida novamente?

Ela riu.

– Não. Apenas achei que lhe faria bem.

– Há mais do que isso. Você não me engana. Que cartas tem debaixo da manga, feiticeira? –

Aproximou-se e puxou-a para seus braços e seu ar casual desapareceu, enquanto ela ria com ele.

– Pare com isso, estou falando sério.

– Sei que está. Mas sobre o quê?

– Está bem, está bem... – Contou-lhe a respeito de Arden Blake e o interesse de Antoine por ela.

– Por que não o deixa arranjar-se por conta própria? Está com 27 anos, pode se cuidar sozinho. Se ele quer ir para Nova York, pode pagar com o próprio salário.

Pagavam-lhe um ótimo salário, mas isso não vinha ao caso desta vez.

– Assim, ele não irá. É cavalheiro demais e não quer excluir Jon.

– Talvez tenha razão. Não é melhor você ficar fora disso?

Ele parecia preocupado, mas ela não se importava.

– André, ela é perfeita para ele.

– Então, deixe que ele resolva isso.

– Puxa, você é inacreditável!

Mas ele prestara atenção a tudo que ela dissera. Conversou com Antoine a respeito dela casualmente, no dia seguinte, e não disse nada quando Antoine desapareceu a tarde inteira e voltou, queimado de sol e contente, depois de um piquenique em um lugar perto de um riacho que haviam encontrado não se sabe onde. Mostrara a ela alguns dos vinhos deles, provavelmente beijara-a uma ou duas vezes e naquela noite levou-a a um tranquilo passeio enquanto Bill e Jon iam à cidade atrás de um grupo de coristas de que tinham ouvido falar. E quando Arden deixou Napa com Bill, para retornarem a Malibu, disse que esperava ver Antoine outra vez.

Jon ficou apenas mais alguns dias e em seguida foi para o Sul, juntar-se a eles. Ele voltou no trem de Los Angeles para Nova York com Bill. Antoine, então, descobriu que havia uma coisa que ele precisava tratar lá e foi vê-la uma vez em Malibu, antes dela e a mãe partirem, mas falou muito pouco sobre isso com Sabrina e André.

– E então, vai mandá-lo a Nova York? – Sabrina estava se divertindo com tudo aquilo e seu marido sorriu-lhe misteriosamente.

– Sim, mas porque ele me pediu. Quer uma desculpa para vê-la outra vez, embora não tenha colocado desta forma.

Mas da próxima vez que Jon telefonou, mostrou-se novamente muito interessado na garota e falou muito a respeito dela. Levava-a ali e acolá, a um coquetel, a uma peça teatral. Sabrina sabia que ele estava brincando com ela e que Antoine tinha razão. Queria mantê-la na reserva para si mesmo e ela era suficientemente jovem para se deixar levar. Mas assim mesmo Antoine foi a Nova York para vê-la e parecia deprimido quando voltou.

– O que aconteceu? Ele lhe contou alguma coisa? – Sabrina bombardeou André tão logo pai e filho tiveram sua primeira conversa.

– Sim. Que ela está apaixonada por Jon.

– Mas não pode ser. Parecia louca por Antoine quando esteve aqui.

– Jon tem estado o tempo todo com ela desde então e ela acha até que ficarão noivos. Acha também que não seria justo não contar a Antoine. E nem o beijou desta vez, mas não lhe diga que eu contei isso a você.

– Claro que não. – Parecia tão deprimida quanto Antoine. – Merda. Aquele filho da mãe manipulador.

– Algo muito bonito para dizer a respeito de seu próprio filho. Olhe, fique fora disso. É entre eles três. Se Antoine a quiser o bastante, ele lutará por ela. Se Jon está fazendo jogo, eventualmente vai parar, e, se ela tem alguma coisa na cabeça, escolherá o que ela quer. O melhor que você pode fazer é deixá-los em paz.

– Não aguento o suspense.

Riram juntos. Mas ela sabia que ele tinha razão.

Antoine não tocou no nome dela outra vez durante meses e Sabrina não viu nenhuma carta dela chegar, embora pudessem ter vindo quando ela estava na cidade. E quando conversou com Jon pelo telefone, no Natal, ela teve vontade de torcer-lhe o pescoço.

– Como vai Arden, querido?

– Quem?

– Arden Blake. – A jovem que você estava fazendo tanta questão de afastar de Antoine, idiota. Ela, porém, manteve a calma. – A irmã de Bill, seu amigo.

– Ah... claro. Ela vai bem. Estou saindo com uma garota chamada Christine agora.

– De onde ela é?

Ele riu.

– De Manchester, acho. É modelo aqui em Nova York, é inglesa, muito alta, sexy e loura.

Apesar de ser moreno, ele definitivamente tinha uma queda por louras.

– É uma boa garota? – André riu enquanto esperava para cumprimentá-lo e Sabrina riu também. – Deixe pra lá. – Estava satisfeita em saber que ele largara Arden de novo e planejava passar a informação adiante. – Você ainda vê Arden?

– De vez em quando. Vou vê-la quando me hospedar com eles em Palm Beach esta semana.

– Quando vai vir aqui?

– No próximo verão, provavelmente. Talvez eu leve Christine.

Isso parecia ainda mais promissor para o romance de Antoine e ela estava exultante.

– Que ótimo. Dê-lhe um beijo por mim.

André estava escandalizado quando desligou.

– Afinal de contas, de que lado você está?

– O que acha? – perguntou sorrindo.

Queria que Antoine obtivesse o que desejava desta vez. Raramente o fazia, enquanto Jon sempre o conseguia. Era hora de ele aprender e no fundo sabia que ele não se importava. Não queria que ele ficasse ferido, mas também não queria que ferisse ninguém, e sabia que se tivesse oportunidade, ele iria fazer Arden Blake sofrer. No dia seguinte, comentou com Antoine que Jon estava saindo com outra pessoa.

– Que bom – respondeu, parecendo não ter ouvido.

– Antoine. – Procurava um modo delicado de dizer-lhe que Arden estava livre e então mandou a discríção às favas. – Ele não está mais com Arden.

– Isso também é bom. – Sorriu, mas não havia nenhum sinal de júbilo em seu rosto.

– Não se importa mais com ela?

Crianças, não podia compreendê-las. Olhou para Antoine sem entender e ele beijou-lhe o rosto.

– Importo-me muito com ela, mamãe querida. – Chamava-a frequentemente de mamãe agora. –

Mas ela é muito nova e não sabe o que faz. E não quero ficar no meio disso.

– Por que não?

Olhou-a com honestidade.

– Porque vou sair machucado.

– E daí? – Estava chocada. – A vida é isso. Ao menos lute pelo que quer. – Sentia-se furiosa com ele de repente, mas ele não se deixou convencer.

– Não. Não posso vencer esse jogo. Acredite-me, eu sei. Ela é completamente cega aos defeitos dele.

– Olhou para Sabrina como quem quer se desculpar, mas ela não se importava. Sabia quem era Jon, melhor do que ninguém. – Quanto mais eu a procurasse, mais ela correria para Jon.

Tinha razão, mas Sabrina não suportava a ideia.

– Até que ponto ela pode ser tola?

– Muito. Chama-se juventude. Ela amadurecerá.

– E aí?

Falou em tom filosófico ao dar de ombros.

– Provavelmente se casará com Jon. É o que acontece às vezes.

– Não se importa?

– Claro que sim. Mas não há absolutamente nada que eu possa fazer a respeito. Percebi isso quando fui a Nova York. Por isso fiquei tão deprimido e abatido durante semanas depois disso.

Sorriu timidamente e ela moveu-se por ele admitir a verdade de modo tão franco para ela.

– Não há absolutamente nada que eu possa fazer a respeito. Fui vencido. Ele é um rapaz muito convincente, insidioso, e ela acredita em tudo que ele diz, pelo menos superficialmente. No fundo, acho que ela tem tremendas desconfianças e suspeitas sobre ele, mesmo agora; ele mente com frequência para ela a respeito de suas outras namoradas e ela finge para si mesma que acredita no que ouve. Mas acho que há uma parte dela que nunca se deixa convencer. Não é madura o suficiente para acreditar em seus instintos e ouvir essas vozes ainda. Um dia ela o fará. – Olhou para Sabrina com tristeza. – Provavelmente muito depois de estarem casados e terem dois filhos. Às vezes, a vida é exatamente assim.

– E você? – Essa era sua principal preocupação. Se Arden era assim tão tola, no que dizia respeito a ela, ia ter o que merecia. E Jon podia cuidar de si mesmo. Mas Antoine... – Como você fica em tudo isso?

– Com uma pequena cicatriz – sorriu – e uma importante lição aprendida. Além disso, tenho outras coisas com que me preocupar. Temos um negócio a administrar aqui e quero voltar à Europa nesta primavera.

Mas quando o fez, voltou ainda mais deprimido. Tinha absoluta certeza de que iria haver uma guerra. Hitler estava ficando poderoso demais e havia certa inquietação por toda parte. Ele e André discutiram esse assunto durante semanas depois que ele voltou e desta vez até André teve medo.

– E sabe o que eu mais temo? – André comentou com Sabrina certa noite. – Temo por ele. É suficientemente jovem para ir correndo para a guerra, convencido de que está fazendo algo nobre, por patriotismo e toda essas bobagens, e acabar morto... – Sentiu um tremor no peito só de pensar.

– Acha mesmo que ele iria?

– Não tenho nenhuma dúvida. Ele mesmo me disse isso.

– Ah, meu Deus, não...

Pensou então em Jon. Não podia sequer imaginá-lo numa guerra. Mas quando ela mesma conversou com Antoine, ele não tranquilizou seus temores.

– Ainda assim é meu país... sempre será... não importa quanto tempo eu viva aqui. Se for atacado... eu irei. É só isso.

Mas nada era tão simples assim e agora, toda vez que ouviam o noticiário, Sabrina e André sentiam a ameaça. Ela quase desejava que ele fosse atrás de Arden Blake. Talvez, se se casasse com ela, fosse se sentir menos inclinado a partir. E o que ele disse estava começando a parecer verdade. Parecia quase impossível que não fosse haver uma guerra na Europa. Rezavam apenas para que não estourasse logo e que Antoine tivesse mudado de ideia até lá. Talvez pudessem convencê-lo de que era imprescindível ali. Mas Sabrina desconfiava de que ele iria de qualquer forma, e André concordava com ela.

E para tirar o pensamento de tudo aquilo, André deu-lhe uma festa magnífica pelo seu quinquagésimo aniversário em Thurston House. Havia quatrocentas pessoas presentes. Pessoas que ela amava, pessoas das quais gostava muito, algumas que mal conhecia, mas foi uma noite absolutamente fantástica e a babá até trouxe Dominique, com seus passinhos curtos e vacilantes, num vestido de organdi rosa, o cabelo louro em cachos, amarrados com uma fitinha de cetim cor-de-rosa, o sorriso de querubim e os grandes olhos azuis.

Ela era a alegria da vida deles e a cada dia Sabrina e André a amavam mais. E Antoine era tão louco por ela quanto eles. Ele também trouxe uma jovem muito simpática à festa de aniversário de Sabrina. Uma moça inglesa que estava estudando em São Francisco por um ano. Era estudante de medicina e uma garota muito séria, mas faltava-lhe o calor, o espírito e a vivacidade de Arden Blake e Sabrina não pôde deixar de se perguntar o que lhe estaria acontecendo. Jon não compareceu, mas mencionou Arden Blake naquele verão quando veio em casa. Disse simplesmente que estava saindo com ela novamente, com Christine também, e havia uma garota francesa agora, outra modelo, e uma jovem judia alemã absolutamente espetacular que acabara de conhecer. Havia saído da Alemanha antes que as coisas piorassem.

Ele e Antoine tiveram uma séria discussão sobre política na noite antes dele partir. Insistia que Hitler era formidável para a economia alemã e provavelmente faria muito bem à Europa, se todos os demais se comportassem, o que deixou Antoine tão enfurecido que quebrou dois copos e uma xícara e Sabrina encolheu-se ao ouvir as imprecações que gritavam um ao outro.

– Deixe-os – André impediu-a de entrar na sala. – É bom para eles. Ambos já são homens.

Às vezes era difícil se lembrar disso.

– Estão bêbados, pelo amor de Deus. Vão se matar.

– Não, não vão.

Por fim, Antoine saiu ofendido, Jon foi dormir no sofá mas, no dia seguinte, se despediram de maneira amigável, mais do que geralmente o faziam. Antoine disse até que telefonaria a Jon no banco se fosse a Nova York outra vez e nunca insinuara isso antes. Sabrina estava estupefata e admitiu a André que ele tinha razão.

– Sabe, os homens são realmente muito estranhos. – Ainda estava pasmada quando voltaram após terem levado Jon ao trem. – Realmente pensei que fossem se matar ontem à noite.

– Espera-se que nunca façam isso.

Foi um verão atarefado depois disso. As uvas estavam crescendo maravilhosamente e Antoine e André estavam ocupados supervisionando a colheita no outono. Dominique completou 2 anos logo depois disso. Em seguida, veio o Natal e Jon foi para Palm Beach com os Blake outra vez. Antoine nunca mais falou em Arden e, de repente, era primavera, e verão outra vez, e Jon telefonou em julho para dizer que viria dentro de um mês. Planejava chegar em torno de 18 de agosto e ele pigarreava e hesitava, sem que Sabrina entendesse por quê. Até que ele desceu do trem e a mais bela loura que ela já vira desceu depois dele. E, enquanto ela caminhava para eles, teve outro choque. Era Arden Blake, que desabrochara. Estava com 21 anos e havia dois Sabrinas não a via. E que diferença haviam feito. Estava fascinantemente bonita, o cabelo penteado de um jeito sofisticado, a maquiagem perfeita, o corpo mais delgado do que antes, mais parecido com o de Jon. Lado a lado formavam um par realmente espetacular. E Arden continuava tão meiga quanto antes.

– Aprova minha surpresa? – Olhou de sua mãe para Arden com um sorriso enquanto jantavam todos juntos em Thurston House.

Até Antoine viera. E Sabrina vira-o olhar inquisitivamente para Arden mais de uma vez, mas parecia mais discreto agora e ela tinha a certeza de que o jantar não estava sendo fácil para ele.

– Sem dúvida aprovo sua surpresa. Não temos visto Arden por aqui. – Olhou-a com um terno sorriso e ela corou, em contraste com um vestido preto muito sensual que usava e que revelava exatamente o suficiente de seus seios claros.

Antoine estava passando um mau pedaço com isso também, embora Jon não parecesse nem notar e Sabrina desejou silenciosamente que ele não estivesse dormindo com ela, embora não soubesse por quê.

– Bem, temos outra surpresa para você, mamãe.

Abriu um largo sorriso e Arden olhou-o ansiosa, enquanto Sabrina quase sentia o coração parar. De repente, ela compreendeu e, sem pensar, olhou para Antoine, querendo desesperadamente protegê-lo. Jon acompanhou seu olhar e continuou:

– Vamos nos casar em junho. Acabamos de ficar noivos.

Sabrina olhou para a mão esquerda de Arden, enquanto ela discretamente virava um lindo anel de brilhante e safira da parte de dentro da mão. Escondera-o até Jon contar-lhes e agora perguntava radiante:

– Você aprova?

Sabrina permaneceu em silêncio uma fração de segundo a mais, não sabia o que dizer. E André apressou-se a preencher o vazio.

– Claro que aprovamos. Ficamos felizes por vocês.

Ela estaria com 22 anos quando se casasse com Jon, ele estaria com 26 e Antoine ficaria infeliz. Mas absolutamente nada transpareceu no rosto dele quando brindou à felicidade dos dois e foi ele quem foi

buscar uma garrafa de champanhe especial produzida com as próprias uvas deles.

– Felicito os dois e desejo-lhes uma vida longa, um amor perene...

– Apoiado! Apoiado! – André reforçava o elegante brinde de seu filho e Sabrina tentou corrigir-se de seu desgosto inicial.

A noite, porém, foi de uma terrível pressão para ela e sentiu-se aliviada quando finalmente todos se retiraram para seus respectivos aposentos e ela pôde ficar sozinha com André para dizer-lhe o que pensava de tudo aquilo.

– Antoine tinha razão. – Ele havia previsto exatamente aquilo. Mas também previra o divórcio dentro de mais uns cinco anos e ela achava que ele teria razão novamente. Não importa o quanto parecessem belos um ao lado do outro, Sabrina instintivamente sabia que estava errado e disse exatamente isso para André. – Ele não a ama. Eu sei. Posso ver nos olhos dele.

– Sabrina – André olhou com firmeza para sua mulher –, não há nada que você possa fazer. A melhor maneira de proceder será aceitá-los. Se for um erro, deixe que eles o descubram. Não vão se casar senão daqui a 10 meses. É para isso que servem os noivados. Pode-se pavimentar uma estrada daqui ao Sião com anéis de noivado devolvidos.

– Espero que ela abra os olhos e faça exatamente isso.

Desejou-o ainda mais fervorosamente durante a estada deles, quando chegou até ela o rumor de que Jon saíra com duas coristas outra vez na noite anterior. Ela não lhe disse nada. Ele dissera apenas que ia rever uns velhos amigos e tinha deixado Arden em casa. Mas Sabrina não aprovava. Ele não mudara em nada. Nem Antoine, ou seus sentimentos, para com a noiva de Jon. Havia uma emoção ardente e reprimida em seus olhos toda vez que olhava para ela e era como se ela soubesse. Seus olhos se encontravam e fitavam-se e ela precisava esforçar-se para desviar os dela.

O verdadeiro choque, porém, veio no dia 3 de setembro, um dia antes de eles terem de retornar a Nova York, e Antoine voltou para casa depois que ouviu as notícias. Tivera uma reunião na cidade e, no caminho para casa, ouvira no rádio. Suas previsões estavam certas mais uma vez. A Europa estava em guerra. Ele entrou em Thurston House e Sabrina estava petrificada. Ela também acabara de ouvir.

– Antoine...

Sem que ele dissesse palavra, as lágrimas rolaram pelo rosto dela e quando André entrou em casa logo depois do filho, tinha o rosto sombrio.

– Ouviram as notícias?

Antoine não precisava ter perguntado. Ambos fizeram que sim com a cabeça, olhando-o com olhos arregalados, temendo o pior. Mas André surpreendeu a ambos.

– Por favor, não vá – falou com voz entrecortada e amedrontada. Ficara aterrorizado ao ouvir o noticiário e voltara correndo para casa para implorar-lhe. Não podia deixá-lo ir à guerra... era um menino... seu primogênito... havia lágrimas em seus olhos e Antoine agarrou-se a ele, enquanto Arden descia lentamente as escadas e Antoine levantava os olhos para ela. Sabrina nunca soube se ele falou para eles ou para ela.

– Tenho de ir. Tenho... não poderia permanecer aqui sabendo o que estava ocorrendo lá!

– Por que não? Este também é o seu país – Sabrina falou.

– Mas aquele foi meu país primeiro. É meu lar. Eu nasci lá.

– Você nasceu para mim. – Era uma súplica amedrontada e, pela primeira vez desde que o conhecera, André parecia velho. – *Mon fils...*

As lágrimas rolavam livremente pelo seu rosto e Sabrina viu que Arden também chorava. Seus olhos estavam grudados em Antoine e ele aproximou-se dela e tocou-lhe o rosto.

– Um dia eu a verei novamente. – Suspirou então e voltou-se para os outros. – Telefonei ao consulado há alguns instantes. Já providenciaram para que eu parta no trem desta noite. Irá direto para Nova York e lá eu pegarei o navio. Já há outros indo agora. – Olhou então para o pai. – *Je n’ ai pas le choix*, papai.

Não tenho escolha. Era uma questão de respeito próprio. E tudo era culpa de André. Educara-o bem demais, íntegro demais, com muito orgulho. Antoine jamais poderia esconder-se ali com eles, a 10 mil quilômetros de casa, onde precisavam dele.

E depois disso foi como um pesadelo. Levaram-no à estação naquela noite, depois que ele fez as malas. Conversou durante duas horas com André, sobre os negócios que estava deixando e constantemente se desculpava por estar deixando-os, mas não queria esperar nem mais um dia. Até Jon achou que ele estava fazendo uma bobagem.

– Por que não espera até amanhã, companheiro, e vai conosco num trem decente? O que você perde?

– Tempo. Precisam de mim agora. Não depois que eu me empanturrar e jogar cartas no carro-salão. Jon olhou-o com ironia.

– Eles esperarão. Não vão cancelar nada porque você vai chegar com uma semana de atraso.

Mas Antoine não achou graça, nem eles na estação às 2 horas da manhã, vendo-o embarcar no trem com um punhado de outros indo para o Leste. Havia um alarido de conversas em francês na plataforma, um mar de rostos sombrios, um rio de lágrimas. E de repente, enquanto se despediam, Arden estava em seus braços e ele beijou-a no rosto e olhou para ela.

– *Sois sage, mon amie*.

Poderia ser traduzido por “seja boa” ou “seja sensata”, era uma escolha interessante para ela e que teria de fazer em breve. Estava desolada vendo-o partir e gritou o nome dele quando o trem começou a andar. Jon tomou-lhe o braço e conduziu-a para o carro. E André ficou soluçando nos braços de Sabrina. Haviam deixado Dominique em casa. Era muita coisa para uma criança de 3 anos e ela não teria compreendido o que se passava.

– Eu nunca realmente achei que ele fosse... mesmo durante todo o tempo em que ele o dizia... – André estava inconsolável e ficou nos braços dela, chorando a noite inteira.

No dia seguinte, quando Jon partiu, foi outra espécie de agonia. Era como ver a família destrocada em apenas um dia e, quando Sabrina beijou Arden, ambas choraram, embora nenhuma das duas soubesse por quê. Choravam por Antoine, mas não havia nada que pudessem dizer. Em seguida, Sabrina beijou Jon mais uma vez.

– Cuidem-se... voltem logo...

André não viera à plataforma. Teria sido demais para ele e, naquela noite, quando voltavam para Napa, Sabrina foi dirigindo e André não disse uma palavra durante todo o trajeto.

Antoine telefonou-lhes de Nova York na noite antes da partida e não tiveram notícias dele outra vez durante quatro meses, até janeiro. Ele estava bem, a salvo, em Londres, temporariamente designado para a RAF e cheio de admiração por De Gaulle. Só falava nisso quando escrevia e Sabrina corria todos os dias à caixa de correio, com Dominique agarrada em sua saia. E quando havia uma carta de Antoine, voltavam correndo mais depressa ainda e Sabrina a entregava a André. Enquanto recebessem notícias dele, tudo estava bem. Mas pareciam viver permanentemente amedrontados. Até o casamento de Jon

com Arden perdeu o brilho diante disso. Foi um casamento magnífico em Nova York. André e Sabrina compareceram, Bill Blake foi o padrinho do noivo e Dominique carregou as alianças. Havia 12 damas de honra e acompanhantes e quinhentos convidados na St. Patrick's Cathedral no primeiro sábado de junho, mas Sabrina ficou alheia a quase tudo. Continuava pensando em Antoine, imaginando onde e como estaria. Parecia que fora embora havia cem anos e quando ele lhes disse que viria em casa, de licença, três meses depois disso, Sabrina sentou-se e chorou. Partira havia 13 meses e sobrevivera todo esse tempo. Estava no norte da África com De Gaulle, mas aparecera uma oportunidade para ele vir aos Estados Unidos. Só poderia passar uns dias com eles, mas, com sorte, conseguiria chegar para o quarto aniversário de Dominique.

E ele chegou. Houve uma alegria geral e, de certa forma, não foi tão terrível quando ele partiu novamente. Mesmo André não ficou tão deprimido. E foi como se sua aura tivesse ficado no ar até muito depois dele e ter partido. Conversaram longamente sobre os vinhedos, brincou com Dominique no colo desde o momento que chegou até a hora de partir e contou-lhes tudo sobre a guerra, especialmente sobre De Gaulle, a quem reverenciava.

– E em breve os americanos também estarão na guerra.

Tinha absoluta certeza disso.

– Não é o que Roosevelt diz – replicou Sabrina.

– Ele mente. Ele se prepara para a guerra, anote minhas palavras.

Ela sorriu.

– Ainda fazendo previsões, Antoine?

– Nem sempre são corretas – ele riu também –, mas esta é.

Também perguntou por Arden e Jon, mas ela não pôde ler nada em seu rosto. Estava muito ocupado com a guerra, De Gaulle e tudo o mais. Contou-lhe como o casamento fora bonito, mas sentiu falta de Amelia quando esteve lá. Ela morrera alguns meses depois do nascimento de Dominique, com a avançada idade de 91 anos. Vivera uma vida longa, plena e feliz, e chegara a hora, mas Sabrina sentia sua falta de qualquer modo.

Antoine planejava ir ver Arden e Jon quando passasse por Nova York, mas resultou que não teve tempo. Abreviaram sua licença e ele preciso retornar três dias antes do previsto, no escuro da noite, num navio de tropas. Assim, tudo que fez foi telefonar e falou com Arden, uma vez que Jon não estava.

– Ele está num jantar de negócios com Bill. Vai lamentar ter perdido seu telefonema. – Queria dizer-lhe que estava feliz por ter estado ali, mas agora estava casada e devia ser cautelosa com o que lhe dizia. – Cuide-se. Como estão Sabrina e André?

– Muito bem. Ocupados. Foi bom vê-los. E Dominique está enorme.

Ele riu ao telefone, imaginando o rosto de Arden, e ela fechou os olhos e sorriu, grata por ele ainda estar vivo. Pensava frequentemente nele. Mas estava feliz com Jon. Sabia que fizera a escolha certa. E já estavam casados havia quatro meses. Ela esperava engravidar em breve.

“Precisava tê-la visto no casamento, estava linda.” Mas ele ainda sofria quando pensava nisso e tinha de partir, outros aguardavam o telefone que fora instalado junto ao navio.

– Cumprimente Jon por mim.

– Eu o farei... cuide-se...

Ficou sentada fitando o telefone durante um longo tempo depois que desligaram e queria ficar esperando Jon, mas, como sempre, quando ele saía com seu irmão, não voltava para casa antes das 3 horas.

Falou-lhe do telefonema de Antoine no dia seguinte, mas ele estava com uma terrível dor de cabeça e não pareceu se importar.

– É louco de ter se envolvido nisso – Jon retrucou-lhe. – Graças a Deus que este país não é tão idiota.

– A França não tinha propriamente uma escolha. – Ficou aborrecida com ele. Era uma coisa estúpida de ser dita.

– Talvez não, mas este país tem e somos bem mais espertos.

E ele expressou os mesmos pontos de vista em Napa no ano seguinte e Sabrina quase torceu-lhe o pescoço.

– Não se engane, Jon. Acho que Roosevelt só tem merda na cabeça. Estaremos envolvidos em um ano, se a guerra não acabar antes disso.

– Duvido.

Ele havia bebido vinho demais e era a visita anual deles. Jon estava contente por terem vindo naquele ano. Arden estivera deprimida nos últimos dois meses. Perdera um bebê em junho e agia como se fosse o fim do mundo.

– Era apenas um bebê, pelo amor de Deus...

Mas ela chorava inconsolavelmente e Sabrina compreendeu como ela se sentia. Lembrava-se de como se sentira quando perdera o primeiro filho que ela e John conceberam e custara-lhe tanto ficar grávida de novo, tanto antes quanto depois disso.

– Você vai superar isso... veja o meu caso, eu tive Jon... e veja Dominique. – Trocaram um sorriso enquanto observavam-na brincando com o cachorrinho no gramado. Já estava com quase 5 anos e a seus pais parecia a criança mais doce que já existira. Era a alegria de viver deles, como tinham dito que seria. – Você vai ter outro depois. Mas é difícil no começo. Por que não arranja uma ocupação durante algum tempo?

Arden encolheu os ombros, com lágrimas nos olhos novamente. Tudo o que desejava era engravidar outra vez, mas Jon nunca estava em casa e, quando estava, ou estava bêbado ou cansado. Ele não estava sendo nem um pouco cooperativo, mas não queria dizer isso à mãe dele.

– Dê tempo ao tempo. Meu Deus, levei dois anos para conceber outra vez e você não vai levar tanto tempo.

Arden sorriu, sem se convencer. Ainda tinha um ar de que o mundo se acabara e Jon deixou-a em Napa o tempo inteiro, enquanto ficava em São Francisco revendo amigos, o que Sabrina achou uma atitude deplorável da parte dele.

– Ele faz muito isso? – perguntou a Arden francamente um dia e ela hesitou e em seguida fez que sim com a cabeça.

Estava ainda mais bonita e mais refinada do que no ano anterior, embora tivesse perdido bastante peso. Era na verdade mais bonita do que as modelos que ele vivia perseguindo.

– Ele e Bill saem muito. Meu pai falou qualquer coisa a respeito com Bill uns meses atrás. Achava que talvez se Bill não fosse, Jon se comportaria – olhou para sua sogra com ar de desculpas, mas Sabrina instou-a a continuar –, mas aqueles dois são amigos há tanto tempo, não se consegue separá-los nem por uma noite. Seria melhor se Bill se casasse, mas ele diz que nunca o fará – sorriu – e do jeito que as coisas estão indo, provavelmente é verdade.

– A diferença é que Jon já é casado. Alguém o lembrou disso? – Disse furiosa para André naquela noite, mas ele se recusava a se envolver.

– Ele já é um adulto, Sabrina, um homem casado. E se ele não viu com agrado minha interferência quando menino, eu certamente não acho que deva dizer nada agora.

– Então eu o farei.

– Você é quem sabe.

E quando o fez, Jon disse-lhe que fosse para o inferno.

– Andou se queixando com você outra vez? Que saco! O irmão dela tem razão. É uma pirralha mimada, sempre se lamentando. – Estava furioso e com uma horrível ressaca outra vez.

– Ela é uma jovem meiga, amável e decente, Jon, e é sua mulher.

– Acredite, já percebi.

– Já? A que horas volta para casa à noite?

– O que é isto? Um tribunal popular? O que você tem com isso?

– Eu gosto dela, é por isso. E você é meu filho, e eu sei como pode ser safado, caindo na farra, correndo atrás de garotas. Você agora é um homem casado, pelo amor de Deus. Aja de acordo. Quase se tornou pai há uns meses atrás...

Ele interrompeu-a.

– Isso não foi ideia minha. Foi culpa dela.

– Você não queria a criança, Jon? – Sua voz tornou-se mais suave e havia tristeza nela. Imaginava se a previsão de Antoine estaria correta. As coisas não pareciam estar indo bem.

– Não, não queria. Quero um filho tanto quanto quero um cavalo manco. Pelo amor de Deus, estou com 27 anos, temos muito tempo para isso.

De certa forma, ele tinha razão, mas Arden ansiava por um filho.

E então, de repente, Sabrina não conseguiu deixar de perguntar o que estava em sua cabeça.

– Você está feliz com ela, Jon?

Olhou com desconfiança para a mãe.

– Ela lhe pediu para me perguntar isso?

– Não. Por quê?

– Parece algo que ela gostaria de saber. Está sempre me fazendo perguntas tolas como essa. Droga, eu não sei. Estou casado com ela, não estou? O que mais ela quer?

– Talvez muito mais. É preciso mais do que uma simples cerimônia. É preciso afeto, compreensão, paciência e tempo. Quanto tempo você passa com ela?

Deu de ombros.

– Não muito, creio. Tenho muitas outras coisas a fazer.

– O quê, por exemplo? Outras garotas?

Olhou-a desafiadoramente.

– Talvez. E daí? Não está fazendo mal a ela. Eu a engravidei, não? – As atitudes dele enojavam-na.

– Por que quis se casar com ela?

– Já lhe disse isso há muito tempo. – Olhou Sabrina nos olhos sem piscar. – Ela era meu passaporte para o sucesso. Casado com Arden tenho um emprego para a vida inteira.

Sabrina teve vontade de chorar ao ouvi-lo.

– Está falando sério?

Encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Ela é uma boa garota. Sei que sempre foi louca por mim.

– Mas o que sente por ela?

– O mesmo que sinto por qualquer outra garota, às vezes mais, às vezes menos.

– Só isso? – Sabrina olhou-o pasmada, imaginando quem seria ele, quem seria aquele homem sem consideração, egoísta, insensível e odioso que ela um dia carregara dentro de seu próprio ventre. Quem era ele agora? Ele era Camille, dizia-lhe uma voz interior, mas era também parte dela e, no entanto, não tinha coração. – Acho que está cometendo um erro terrível – falou em voz baixa. – Aquela moça merece mais do que isso.

– Está bastante feliz.

– Não, não está. Está sozinha e triste e provavelmente sabe que você não se importa mais com ela do que com os sapatos que traz nos pés.

Ele olhou para o chão e, em seguida, levantou o olhar novamente. Não havia muito que pudesse dizer.

– O que quer que eu faça? Fingir? Sabia quem eu era quando se casou comigo.

– E foi uma tola. Mas está pagando um preço alto por isso agora.

– É a vida, mamãe. – Sorriu torto para ela e se levantou, e ela observou novamente como ele era bonito.

Mas isso não bastava, e tinha pena de Arden agora ainda mais do que antes. Abraçou-a longamente quando os levou até o trem.

– Telefone-me se precisar... – olhou-a nos olhos. – Lembre-se disso. Estou sempre aqui e você pode vir a qualquer momento.

Andara insistindo para que eles viessem no Natal, desde sua conversa com Jon. Mas ele queria ir para Palm Beach, era mais divertido para ele e Bill estaria por lá para farrearem juntos. São Francisco estava começando a entediá-lo profundamente. Era muito provinciana para ele, depois de Boston, Paris, Palm Beach e Nova York. Mas Arden sentia-se mais feliz em Napa, com Sabrina, André e Dominique.

– Veremos.

Arden agarrou-se a ela e havia lágrimas rolando pelo seu rosto enquanto o trem se afastava. Sabrina sentiu um enorme peso no peito durante semanas, lembrando-se do que ele lhe dissera. Levou todo esse tempo para admiti-lo a André e ele ficou horrorizado.

– Antoine tinha razão.

– Sempre achei que tinha. Ele devia ter lutado por ela.

– Talvez tivesse razão a respeito disso também. Talvez não pudesse vencer. Ela era tão louca por Jon.

– Ela estava terrivelmente enganada. Ele arruinará a vida dela. – Era uma coisa horrível a ser dita por uma mãe, mas era como se sentia. – Só espero que ela não engravide outra vez. Era só o que lhe faltava. Dessa forma estará sozinha e livre para começar outra vez.

Era horrível desejar isso, que uma nora se divorciasse de um filho, mas ela o desejava. Embora não tivesse dito nada a Antoine quando ele veio em casa de licença outra vez. Desta vez, ele perdera o aniversário de Dominique, mas não por um longo espaço de tempo. Chegou no fim de novembro e ficou uma semana. E estavam a caminho da estação de trem, com o rádio do carro ligado, quando ouviram a notícia sobre Pearl Harbor.

– Ah, meu Deus! – Ela parou o carro e olhou-o. Estavam sozinhos. André deixara de vir às despedidas dele, era doloroso demais para ele. Meu Deus... Antoine... o que isso significa?

Mas já sabia o que isso significava. Significava a guerra... e para ela significava Jon... Antoine fitou-a com olhar triste.

– Sinto muito, *maman...*

Ela aquiesceu, asfixiada com as lágrimas, e deu partida no carro novamente. Não queria que ele perdesse o trem, embora, na verdade, quisesse isso mais do que qualquer outra coisa. Para onde estava indo o mundo? O mundo inteiro estava em guerra e eles tinham dois filhos com que se preocupar, um no Norte da África com De Gaulle e só Deus sabia para onde enviariam Jon. Mas dentro de poucos dias ficou sabendo. Ele se alistara com Bill Blake, depois de terem se embebedado, no dia em que ouviram as notícias, e Jon estava furioso. Bill estava sendo enviado para Fort Dix, a poucos quilômetros dali, e Jon estava sendo enviado para São Francisco e, depois disso, seria embarcado. Estava trazendo Arden com ele e ela poderia ficar com Sabrina e André enquanto ele estivesse morando na base.

– Ao menos passaremos o Natal juntos este ano.

Mas a perspectiva não o entusiasmava muito. Estava de péssimo humor quando chegou, aborrecia-se com tudo, solitário sem Bill, e descarregava tudo em sua mulher, até mesmo na noite de Natal, que passaram em Thurston House, e por fim Arden deixou a mesa em prantos enquanto ele atirava o guardanapo no chão.

– Ela me dá nojo.

Mas não por muito tempo. Quatro dias depois, ele recebeu suas ordens e, no dia seguinte, embarcava.

Sabrina, Arden, André e Dominique foram ao cais se despedir dele. Viam-se demonstrações próprias da natureza humana por toda parte, choros, soluços, lenços e bandeiras agitando-se, e uma banda tocava música no ancoradouro. Havia uma sensação de irrerealidade em tudo aquilo, como se fosse uma brincadeira de faz de conta, mas não havia nenhum faz de conta quando beijaram-no em despedida e Sabrina agarrou-lhe o braço.

– Eu te amo, Jon.

Havia muito tempo que não lhe dizia isso, pois ele não era uma pessoa a quem se pudesse dizer isso com facilidade, mas apesar de tudo queria que ele o soubesse agora.

– Eu também te amo, mamãe. – Havia lágrimas nos olhos dele, que então olhou para a esposa com seu irresistível sorriso enviesado. – Cuide-se, garota. Eu lhe escreverei de vez em quando.

Ela sorriu através das lágrimas e abraçou-o com força. Era inacreditável que ele estivesse partindo. Depois de terem se despedido, ficaram vendo o navio zarpar, enquanto Arden soluçava convulsivamente e Sabrina colocava o braço em torno dos ombros dela e a abraçava, enquanto André olhava-as com Dominique no colo e pensava em seu filho tão distante. Eram dias terríveis, e ele só rezava para que ambos os rapazes voltassem sãos para casa.

– Venham, vamos para casa – chamou-a.

Arden preferia ficar com ele uns tempos e, quando voltaram para Thurston House, a casa parecia a todos um sepulcro. Resolveram voltar para Napa naquela mesma tarde. Por alguma razão, a vida era mais suportável lá, havia a suavidade do campo, o capim fresco, o céu azul. Era difícil imaginar que tudo não estivesse bem no mundo.

E foi ali que o telegrama chegou, cinco semanas depois de ele ter partido. O homem de uniforme chegou um dia, bateu na porta da frente e entregou-o a André. Ele sentiu o coração parar e abriu-o para Sabrina, mas as lágrimas turvaram seus olhos antes que ele pudesse ver que nome estava lá... era Jonathan Thurston Harte... lamentamos informar-lhe que seu filho está morto... o grito que ela emitiu foi um som animalesco, o mesmo que se ouviu quando ele nascera 27 anos antes. Ele deixou o mundo

conforme entrara nele, através do coração de sua mãe, com um grito lancinante, enquanto ela estendia os braços para André e Arden ficava paralisada.

Sabrina então se aproximou dela e os três ficaram apegados um ao outro até tarde da noite. Até Dominique chorou. Agora ela compreendia. Seu irmão morrera. Ele nunca mais voltaria.

– Qual deles? – Ficava perguntando a André, confusa.

– Jon, querida... seu irmão Jon.

E ele então apertava-a contra si, embalando-a no colo, sentindo-se culpado que tivesse sido Jon e não Antoine e, ao mesmo tempo, aliviado por não ter sido. Não conseguiu olhar para Sabrina o dia inteiro, tão grande era a culpa que sentia, mas ela percebeu, conhecia-o muito bem.

– Não me olhe assim. – O rosto dela estava quase irreconhecível de tanto chorar. – Não foi você quem fez a escolha. Foi Deus.

E, com essas palavras, André veio para os braços dela, soluçando e rezando para que Deus não fizesse essa escolha outra vez. Não poderia suportar a perda de Antoine. Talvez isso tivesse acontecido a Jon porque Sabrina era mais forte do que ele, pensou. Mas para onde quer que se voltasse, para qualquer lugar que olhasse, de qualquer maneira não fazia sentido. Deus dava e tirava e Ele dava e tirava novamente até não fazer mais sentido algum.

— O que você vai fazer hoje? – Sabrina olhou por cima do ombro para sua nora, que brincava com Dominique.

Arden resolvera ficar, sem nunca ter realmente decidido isto. Simplesmente nunca voltara para casa. E já estava em Napa com eles havia cinco meses. Era junho de 1942 e aguardavam Antoine em casa, de licença, em julho. Fora atingido no braço esquerdo, alguns meses antes, mas não fora um ferimento grave. O único benefício disto era que agora estava trabalhando no escritório de De Gaulle e todos sentiam-se agradecidos por isso.

– Quer vir à cidade comigo ou ficar aqui?

Arden ficou pensando e então sorriu para a mulher que ela tanto amava.

– Irei à cidade. O que vai fazer?

– Apenas algumas coisas na casa...

Não queria causar-lhe nenhum transtorno. Ela se recuperara bem. Descobriram, depois da morte de Jon, que ela estava grávida novamente, mas desta vez perdera a criança quase imediatamente.

– Talvez não tivesse mesmo que ser.

Mas eram palavras difíceis de se ouvir e de se dizer quando Sabrina as falou para ela. Teria adorado ver o filho de Jon... seu único neto... mas era tarde demais para chorar por si mesma agora, e estavam todos gradualmente se recobrando do golpe. O sol ainda se levantava todos os dias, as colinas estavam verdejantes, as uvas maravilhosas e, a cada dia, tudo recomeçava. De certo modo, a vida não parecia tão dolorosa depois de algum tempo. Ficara errando por toda parte durante muito tempo, mas André ajudara-a a se reerguer e tinha Dominique para lhe dar alegria e a quem dar o seu amor, assim como a Arden.

– Alguma notícia de Antoine? – Arden perguntara casualmente conforme entravam na cidade. Segurava Dominique ao colo e a criança dormia. Adorava viajar com elas no carro, e principalmente amava sua tia Arden, como a chamava.

– Nada especial. Ele está bem. Alguma coisa engraçada a respeito de De Gaulle – franziu as sobrancelhas –, mas eu lhe mostrei isso. Virá mesmo no dia marcado.

Arden olhou os campos que passavam e em seguida para a criança adormecida em seu colo.

– Ele é um homem muito especial.

Era a primeira vez que ela realmente falava sobre ele depois que Jon morrera e Sabrina imaginara se ela teria sentimentos de culpa em relação a isso. Jon fora tão miserável com ela, não havia como negar. Talvez ela até tivesse desejado a morte dele uma ou duas vezes. Isso teria tornado as coisas piores depois que ele morrera...

– Quase me apaixonei por Antoine há muito tempo atrás.

Sabrina sorriu enquanto dirigia.

– Eu sei disso. – E, então, passou a um terreno mais delicado. – Acho que ele também estava apaixonado por você.

Arden assentiu.

– Eu sei. Mas eu era tão louca por Jon...

– Antoine compreendeu. Disse que você se casaria com ele muito, muito tempo antes de você o fazer.

– Disse? – Parecia espantada. – Como sabia?

Sabrina riu desta vez.

– Você mesma disse. Ele é um homem muito especial.

As duas mulheres trocaram um sorriso e atravessaram a nova ponte para a cidade. Sabrina gostava da Golden Gate. Possuía algo de majestoso, muito mais do que Bay Bridge. Lembrava-se da época dos barcos a vapor e dos trens... como o tempo passava rápido... era difícil de acreditar que já estivesse com 54 anos, mais ainda para ela mesma. Não se sentia com essa idade. Para onde tudo se fora? E por que tão rápido? Por que não se tinha mais tempo?... mas pensamentos assim faziam-na recordar-se de Jon. E fora por isso que viera à cidade. Viera vê-los instalar a placa.

Ao lado da casa, onde a haviam começado tanto tempo atrás, havia um pequeno nicho que seu pai mandara construir. E ele lhe dissera o que queria que fosse feito, e ela o fizera por ele... e por John Harte... e agora por Jon... todos aqueles que viveram em Thurston House, de modo que um dia ninguém iria esquecer...

Os homens aguardavam-na quando chegou e era uma bela peça de bronze. Mostrou-a a Arden e saíram para o jardim que agora era tão pequeno, mas que um dia fora imenso. E Sabrina admirou suas plantas, as flores viçosas, enquanto os homens faziam as perfurações e prendiam a placa. Havia três deles agora... Jeremiah Arbuckle Thurston... John Williamson Harte... Jonathan Thurston Harte... era triste ver os nomes deles ali, com as datas que marcavam o início e o fim de suas vidas.

– Por que fez isso? – Arden olhava-a com olhos grandes e tristes.

– Para que ninguém esqueça.

– Eu nunca me esquecerei de você. – Os homens haviam partido e Arden olhou para ela. – Para mim, você será sempre parte desta casa.

Sabrina sorriu, tocou-lhe a face delicadamente e, em seguida, olhou para a placa com os nomes dos homens que amara.

– Como eles são para mim... meu pai... John... Jonathan... – As palavras trouxeram os rostos deles à sua lembrança... quase parecia trazê-los de volta à vida e, então, Sabrina a olhou. – Meu nome estará ali um dia... e o de André... o seu... de Antoine...

A única que desaparecera fora Camille. Não havia placa para ela. Ela preferira abdicar e fora apagada da lembrança.

– O passado é algo importante. É para mim, tem sido para esta casa... como ela veio a existir aqui – pensou em seu pai –, quem a amava, quem a manteve de então até agora. Mas o presente é importante também. Esta parte lhe pertence – ousava dizer o que esperava para eles – e talvez Antoine, talvez você, possam viver aqui um dia...

Olhou então para Dominique que cavucava nos canteiros e, que de repente, parou, como se soubesse que sua mãe estava falando dela.

– E o futuro é dela. Thurston House será dela um dia. Espero que signifique tanto para ela quanto significa para nós. Ela nasceu nesta casa – Sabrina sorriu, lembrando-se do nascimento dela com André a seu lado –, meu pai morreu nesta casa...

Voltou-se para olhá-la, os aposentos que amava e que tão bem conhecia. Sorriu, então, para Dominique outra vez. Era um legado que estava lhe deixando, ou deixaria um dia, de pessoas que haviam vindo antes, que teriam deixado sua marca, seu coração e seu amor.

fim

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Metadados – A Casa forte

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/7414-casa-forte>

Wikipedia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Danielle_Steel

Site da autora

<http://www.daniellesteel.net/>

Good reads da autora

[http://www.goodreads.com/author/show/14255.](http://www.goodreads.com/author/show/14255)

Danielle_Steel

Pagina no facebook

<https://www.facebook.com/DanielleSteelOfficial>

Capa

Sobre a autora

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Livro I | Jeremiah Arbuckle Thurston

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	

Livro II | Sabrina Thurston Harte

18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	

Livro III | Sabrina: Os anos subsequentes

28

29

30

31

32

33

34

Colofão

Saiba mais